

COLEÇÃO

NEGRA



NOIR EUROPEU

Jo Nesbø

Garganta Vermelha

"Um thriller elegante e complexo... Com engenhosa concepção e cenários deslumbrantes."

THE NEW YORK TIMES





TÍTULO

JO NESBO

GARGANTA VERMELHA

(Rødstrupe - 2000)

Investigador Harry Hole #03

Mas, pouco a pouco, foi tomando coragem, voou até ele e com o seu bico extraiu um dos espinhos que fora pregado na testa do crucificado. Entretanto, enquanto fazia isso, uma gota de sangue caiu do crucificado sobre o passarinho.

A gota se expandiu rapidamente e correu através de seu peito colorindo as leves penas que o cobriam.

O crucificado abriu os lábios e sussurrou ao passarinho: “Graças a sua compaixão, acaba de ganhar para a sua espécie o que ela queria desde a criação do mundo”.

Selma Lagerlöf
LENDAS DE CRISTO

* * *

ÍNDICE

Capa

Título

Índice

O Autor

Série

Resumo

Parte 1 - Da Terra

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Parte 2 - Gênesis

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e Um

Vinte e Dois

Parte 3 - Urias

Vinte e Três

Vinte e Quatro

Vinte e Cinco

Vinte e Seis

Vinte e Sete

Vinte e Oito

Vinte e Nove

Trinta

Trinta e Um

Trinta e Dois

Trinta e Três

Trinta e Quatro

Parte 4 - O Purgatório

Trinta e Cinco

Trinta e Seis

Trinta e Sete

Trinta e Oito

Trinta e Nove

Quarenta

Quarenta e Um

Quarenta e Dois

Quarenta e Três

Quarenta e Quatro

Quarenta e Cinco

Quarenta e Seis

Quarenta e Sete

Quarenta e Oito

Quarenta e Nove

Cinquenta

Cinquenta e Um

Parte 5 - Sete Dias

Cinquenta e Dois

Cinquenta e Três

Cinquenta e Quatro

Cinquenta e Cinco

Cinquenta e Seis

Cinquenta e Sete

Cinquenta e Oito

Parte 6 - Betsabá

Cinquenta e Nove

Sessenta

Sessenta e Um

Sessenta e Dois

Sessenta e Três

Sessenta e Quatro

Sessenta e Cinco

Sessenta e Seis
Sessenta e Sete
Sessenta e Oito
Sessenta e Nove
Setenta
Setenta e Um
Setenta e Dois
Setenta e Três

Parte 7 - Abrigo Negro

Setenta e Quatro
Setenta e Cinco
Setenta e Seis
Setenta e Sete
Setenta e Oito
Setenta e Nove
Oitenta
Oitenta e Um
Oitenta e Dois
Oitenta e Três
Oitenta e Quatro

Parte 8 - De Você

Oitenta e Cinco
Oitenta e Seis
Oitenta e Sete
Oitenta e Oito
Oitenta e Nove
Noventa
Noventa e Um
Noventa e Dois
Noventa e Três

Parte 9 - Dia do Juízo

Noventa e Quatro
Noventa e Cinco
Noventa e Seis
Noventa e Sete
Noventa e Oito
Noventa e Nove
Cem
Cento e Um
Cento e Dois
Cento e Três

Cento e Quatro

Cento e Cinco

Cento e Seis

Cento e Sete

Cento e Oito

Cento e Nove

Cento e Dez

Cento e Onze

Cento e Doze

Cento e Treze

Cento e Quatorze

Cento e Quinze

Parte 10 - Ressureição

Cento e Dezessis

Cento e Dezessete

Cento e Dezoito

* * *

O AUTOR

JO NESBØ nasceu em Oslo em 1960 e cresceu em Molde. É formado em ciências econômicas pela Norges Handelshøyskole (Escola Norueguesa de Ciências Econômicas), tendo trabalhado como jornalista, analista financeiro e corretor (stockbroker) antes de se dedicar a escrever. Além do seu trabalho como escritor é conhecido como vocalista e compositor da banda de rock, Di Derre.

Filho de bibliotecária, Nesbø demonstrou interesse em literatura desde cedo. Apesar disso, seu fraco desempenho escolar fez com que ele decidisse se tornar jogador profissional de futebol pelo time Tottenham Hotspur FC. Aos 17 anos, ele largou a escola e começou a jogar pelo Molde FC. Problemas de joelho forçaram-no a abandonar a carreira de futebol. Nesbø cumpriu o serviço militar no norte da Noruega, onde usou todo o tempo livre para recuperar as matérias que havia perdido ao largar a escola. Nessa época, ele também tocou em uma banda de garagem chamada I De Tusen Hjem. Após ter escutado um jovem baixista tocar jazz, ele decidiu começar a banda Di Derre. A banda realizou a primeira turnê no ano seguinte e conseguiu o primeiro contrato de gravação dois anos depois enquanto ele ainda trabalhava como corretor.

Nesbø se fartou do trabalho de corretor depois de um ano. Pediu então licença não-remunerada por seis meses e viajou para a Austrália. Pouco tempo antes de viajar, uma editora perguntou a Nesbø se ele estava interessado em escrever um livro. Começou a escrever o romance durante o voo para a Austrália. Nesbø retornou a Oslo ao fim da licença com o manuscrito na mala. Em 1997 publicou esta que foi a sua primeira novela policial e que iniciaria a série do inspetor Harry Hole. *Flaggermusmannen*, e que ganhou o prêmio Riverton de melhor novela policial norueguesa, e o prêmio Glassnökkelen de melhor novela policial dos países nórdicos.

Garganta Vermelha, terceiro livro da série do inspetor Harry Hole, recebeu o prêmio Bokhand Erprisen (o prêmio dos editores), assim como o Tidenes Beste Norske Krimroman (prêmio especial de melhor novela policial norueguesa de todos os tempos), e foi selecionada para o Duncan Lawrie. A tradução para o inglês de Garganta Vermelha (*The Redbreast*) recebeu indicação ao prêmio britânico *The International Dagger*, da Crime Writers Association de melhor romance policial traduzido para o inglês em 2006.

O sétimo romance policial de Nesbø, *Snømannen*, vendeu 160 000 exemplares ao longo da primeira semana após o lançamento, passando a ser o romance policial

norueguês mais vendido até então. Ele também escreveu uma série de livros infantis sob o título Doktor Proktors prompepulver. Até 12 de setembro de 2008, Nesbø alcançou a marca de meio milhão de livros vendidos na Noruega e seus livros foram traduzidos para quase quarenta idiomas. Em 2009, Nesbø foi agraciado pelo prêmio de reconhecimento pelo público da revista Dagbladet por ter três de seus livros terem estado no topo da lista de livros mais vendidos na Noruega.

* * *

LIVROS DA SÉRIE INVESTIGADOR HARRY HOLE

1. 1997; *Flaggermusmannen; The Bat*
2. 1998; *Kakerlakkene; The Cockroaches*
3. 2000; *Rødstrupe; The Redbreast;*
4. 2002; *Sorgenfri; Nemesis;*
5. 2003; *Marekors; The Devil's Star;*
6. 2005; *Frelseren; The Redeemer;*
7. 2007; *Snømannen; The Snowman;*
8. 2009; *Panserhjerte; The Leopard;*
9. 2011; *Gjenferd; The Phantom;*
10. 2013; *Police;*

* * *

RESUMO

NO INÍCIO da década de 1940, nas trincheiras de Leningrado, no Front Leste, uma unidade de soldados noruegueses luta por Hitler contra o avanço do bolchevismo na Rússia, por uma justa causa: uma Noruega livre. Provenientes de diversas camadas sociais, os militares não compartilham política nem motivação. O mais corajoso, Daniel Gudeson, é dado como morto, e seu corpo é deixado em uma vala comum. Dois anos depois, em um hospital militar de Viena, um soldado ferido afirma ser Daniel. O oficial acaba se apaixonando por Helena, uma jovem enfermeira. Quando ele é convocado para combater na Hungria, o casal planeja uma fuga.

1999/2000. Após ferir acidentalmente um agente do serviço secreto durante a visita do presidente americano Clinton à Noruega, o detetive Harry Hole é transferido para a Polícia Secreta. Nesse novo cargo, ele tem a missão de investigar uma rede de tráfico de armas, provavelmente relacionada a um grupo de antigos e novos nazistas. Uma atribuição trivial, até que rumores sobre uma arma antiga e rara, que teria acabado de entrar no país e poderia cair em mãos perigosas, chamam sua atenção. Enquanto a neve toma as ruas de Oslo, entra em cena um assassino com um objetivo incomum. Quando um ex-soldado é encontrado morto com a garganta cortada, o inspetor e sua parceira Ellen se veem numa caçada frenética. As pistas levam Harry de volta à guerra, em uma investigação na qual ele tem muito a ganhar e tudo a perder.

* * *

Parte 1

DA TERRA

* * *

UM PÁSSARO cinzento entrava e saía planando do campo de visão de Harry, que tamborilava devagar com os dedos no volante. No dia anterior, alguém estivera falando na televisão da lentidão no trânsito, e aquilo é que era lentidão. Como as horas que, na noite de Natal, antecediavam a chegada de Papai Noel. Ou o tempo que transcorria na cadeira elétrica antes que conectassem a corrente. Harry bateu os dedos com mais força. Estavam na explanada que se estendia atrás das cabinas da estação de pedágio. Ellen elevou um ponto o volume do rádio. O repórter falava com solenidade e respeito:

— Seu avião aterrisou em nosso país há cinquenta minutos e, exatamente às seis e trinta e oito, o presidente pisou o chão norueguês. Quem lhe deu as boas vindas foi o prefeito municipal de Jevnaker. Faz um belo dia outonal aqui em Oslo, um belo marco norueguês para esta cúpula. Ouçamos de novo as declarações do presidente aos representantes da imprensa há meia hora.

Aquela era a terceira retransmissão. Harry voltou a ver ante si o crescente grupo de jornalistas que se amontoavam ante as barreiras de controle. Os homens vestidos de cinza que estavam do outro lado dos controles, e que se esforçavam para não parecer agentes do serviço secreto enquanto levantavam os ombros e os relaxavam de novo, examinavam a multidão, verificavam pela duodécima vez o receptor que tinham bem fixado na orelha, ajeitavam os óculos de sol, voltavam a examinar a multidão, deixavam descansar o olhar um par de segundos em um fotógrafo que levava uma objetiva demasiado longa, voltavam a examinar, verificavam, pela décima-terceira vez, se o receptor estava em seu lugar. Alguém deu ao presidente as boas-vindas em inglês, se fez silêncio seguido de uma tossezinha no microfone.

— Primeiro me deixem dizer que estou muito contente por estar aqui... Falou o presidente pela quarta vez com o seu rouco e relaxado acento norte-americano.

— Segundo eu li há pouco, um célebre psiquiatra norte-americano afirma que o presidente sofre de TPM, observou Ellen. — Transtorno de personalidade múltipla. Tipo doutor Jekyll e Mr. Hyde. Segundo a opinião do psiquiatra, sua personalidade pública não suspeitava que a outra, o animal sexual, mantivesse relações sexuais com aquelas mulheres. E essa é a razão por que nenhum tribunal poderia condená-lo por

mentir à respeito, mesmo sob juramento.

— Meu Deus! Exclamou Harry ao mesmo tempo em que olhava o helicóptero que sobrevoava as suas cabeças. Uma voz com acento norueguês falava pelo rádio:

— Senhor presidente, esta é a primeira vez que um presidente norte-americano vem na Noruega em visita oficial. Como se sente? Pausa.

— É uma grande satisfação estar aqui outra vez. E o mais importante é, em minha opinião, que os dirigentes do Estado de Israel e do Povo Palestino possam se reunir aqui.

— Tem alguma lembrança de sua visita anterior à Noruega, senhor presidente?

— Claro. Nas conversações de hoje, espero que possamos...

— Que importância tem tido a Noruega e Oslo para a paz mundial, senhor presidente?

— A Noruega tem desempenhado um papel importante. Ouve-se uma voz sem acento norueguês perguntar.

— Que resultados concretos o presidente acredita que possam ser alcançados, de um ponto de vista realista? A conexão se interrompeu e uma voz interveio desde o estúdio:

— Nós ouvimos! O presidente falou que a Noruega vem representando um papel decisivo para... A paz em Oriente Médio. Neste momento, o presidente está a caminho de... Harry deu um grunhido e desligou o rádio.

— O que está acontecendo a este país, Ellen? A jovem encolheu os ombros.

— Local vinte e sete verificado, ressoou o transmissor do painel de instrumentos. Ele olhou-a.

— Todos prontos em seus postos? Perguntou. Ellen assentiu.

— Então, já podemos começar, sentenciou Harry.

Ela levantou os olhos para o céu: era a quinta vez que Harry dizia a mesma coisa desde que o cortejo saíra de Gardermoen. Do lugar em que estavam estacionados na estação de pedágio, podiam ver a rodovia vazia até chegar a Trosterud e Furuset. As luzes azuis do teto giravam lentamente sem cessar. Harry desceu a janela e esticou a mão para retirar uma folha murcha e amarelada que estava emperrando o limpador de para-brisa.

— Um pisco de peito vermelho, disse Ellen ao mesmo tempo em que apontava com a mão. — Uma ave rara nesta altura do outono.

— Aonde?

— Lá. No teto daquela cabine. Harry se agachou para olhar pelo para-brisa.

— Ah! Então aquele é um pisco?

— É. Claro que imagino que você não saberá diferenciar um pisco de um tordo de asas vermelhas, certo?

— Correto. Harry entrecerrou os olhos. Estaria ficando míope?

— É um pássaro estranho, o pisco, afirmou Ellen, enquanto voltava a desenroscar a

rolha da garrafa térmica.

— Não duvido, admitiu Harry.

— Noventa por cento vai para o sul, mas alguns se arriscam e ficam por aqui.

— Como ficam por aqui? De novo se ouviu uma tosse no transmissor:

— Posto sessenta e dois ao quartel general. Temos um carro desconhecido estacionado à duzentos metros da saída para Lørenskog. Uma voz grave respondeu do quartel general no dialeto de Bergen:

— Um momento, sessenta e dois. Vamos verificar. Silêncio.

— Verificou o posto? Perguntou Harry apontando com a cabeça até o posto de gasolina da Esso.

— Sim, o posto está vazio, sem clientes nem empregados. Só ficou o chefe. Está fechado no escritório.

— Os bilheteiros também?

— Relaxe Harry, nós já verificamos todos os pontos de controle. Bem, continuando, por isso os que ficam tentam a sorte de que seja um inverno suave, entende? Podem ser que tenham sorte, mas, se não, morrem. Assim, por que não partir para o sul, você perguntará? É simplesmente porque os que ficam são preguiçosos?

Harry olhou no espelho e viu os vigilantes colocados em ambos os lados da ponte da estrada de ferro. Estavam vestidos de negro e usavam capacetes e metralhadoras MP5 penduradas do pescoço. Inclusive de onde estava Harry podia ver a tensão em seus corpos e gestos.

— A história é que, se o inverno se apresentar suave, poderão escolher os melhores lugares para aninhar antes que voltem os demais, explicou Ellen ao mesmo tempo em que se esforçava para encaixar a garrafa térmica no porta-luvas repleto. — Trata-se de um risco calculado, compreende? Pode ganhar na loteria ou foder tudo. Apostar ou não apostar. Se apostar, pode ser que uma noite caia congelado da árvore e não descongele até a primavera. Se não, pode ser que não acasale quando regressar. São desses tipos de eternos dilemas que sempre temos que enfrentar.

— Está com o colete à prova de balas, não é? Perguntou Harry girando o pescoço para olhar Ellen.

Ela não respondeu, se limitando a mover a cabeça de um lado a outro enquanto olhava para a rodovia.

— Usa ou não usa? Ellen bateu com os nós dos dedos contra o peito como resposta.

— O leve? Ela assentiu.

— Merda, Ellen! Dei ordem para usar colete de chumbo. Não esse de brincar.

— Você sabe o que usa geralmente a gente do Serviço Secreto?

— Deixe-me adivinhar: coletes leves?

— Exato.

— E sabe para quem eu trabalho?

— Deixe-me adivinhar: para o Serviço Secreto?

— Exato. Ela sorriu e também Harry esticou os lábios em um sorriso quando ouviu novamente a tosse no rádio.

— Quartel general ao posto sessenta e dois. O Serviço Secreto informou que o carro está estacionado na saída para Lørenskog é um dos seus.

— Aqui posto sessenta e dois. Recebido.

— Aí o tens! Exclamou Harry dando irritado um soco no volante. — Essa gente do Serviço Secreto faz o seu sem comunicar nada. O que faz aquele carro ali sem que nós saibamos? Hem?

— Ver se nós estamos fazendo o nosso trabalho, respondeu Ellen.

— Segundo as diretrizes que eles nos deram.

— Bem, de qualquer maneira algum poder de decisão você tem, assim pare de se queixar, ela atalhou. — E também pare de tamborilar com os dedos no volante. Os dedos de Harry caíram obedientes em seu colo. Ela riu e ele deu uma longa bufada.

Seus dedos foram até a culatra de sua arma regulamentar, um revólver Smith & Wesson, calibre 38, de seis tiros. No cinto levava mais dois carregadores rápidos com seis balas cada um. Acariciou o revólver sabendo que, naquele momento, não estava autorizado a usar armas. Talvez realmente estivesse ficando míope, pois, após o curso de quarenta horas que fizera naquele inverno, falhara nas provas de tiro. Ainda que aquilo não fosse insólito, era a primeira vez que acontecia a ele e não estava nada bem. Na realidade, não teria mais de se apresentar às provas seguintes e eram muitos os que tentavam até quatro e cinco vezes, mas, por alguma razão, Harry sempre havia se livrado de repeti-la. Uma nova tossezinha:

— Ponto vinte e oito, ultrapassado.

— Esse é o penúltimo ponto do distrito policial de Romeriket, observou Harry. — O ponto seguinte de passagem é Karihaugen e, depois, são nossos.

— Por que não fazem como fazemos sempre, simplesmente dizer por onde está passando o cortejo, em lugar da aflição de tanto número? Perguntou Ellen em tom de queixa.

— Adivinhe! Ambos responderam em coro: “Coisas do Serviço Secreto!”. E começaram a rir.

— Ponto vinte e nove, ultrapassado. Harry olhou o relógio.

— Teremos o cortejo aqui dentro de três minutos. Mudarei a frequência do transmissor para a do distrito policial de Oslo. Faça o último controle.

Um som áspero e dissonante apareceu no rádio enquanto Ellen fechava os olhos para se concentrar nas informações que se sucediam. Finalmente, colocou o microfone em seu lugar.

— Todo o mundo pronto e em seu posto.

— Obrigado. Ponha o capacete.

— Como?! De verdade, Harry...

— Já me ouviu. Ponha o capacete você também!

— É que é muito pequeno. Outra voz se ouviu: “Ponto um, superado”.

— Merda! Às vezes você é tão... Pouco profissional. Ellen colocou o capacete, ajustou a cinta no queixo e fechou a fivela. — Eu também gosto de você, declarou Harry enquanto estudava com o binóculo a autoestrada que tinha ante si. — Já estou vendo-os.

Na parte superior do declive que ia até Karihaugen se distinguiam reflexos de metal. Harry só via no momento o primeiro carro da fila, mas conhecia bem o que viria a seguir: seis motocicletas dirigidas por agentes especialmente treinados da seção de escoltas da polícia norueguesa, dois carros de escolta noruegueses, um carro do Serviço Secreto, dois Cadillac Fleetwood idênticos, veículos especiais do Serviço Secreto, trazidos de avião dos Estados Unidos, num dos quais viajava o presidente, ainda que se mantivesse segredo de qual. “Ou talvez nos dois”, pensou Harry. Um para Jekyll e outro para Hyde. Em seguida vinham os veículos de maior tamanho, o carro do Serviço Médico, o de comunicações e vários do Serviço Secreto.

— Tudo parece tranquilo, concluiu Harry enquanto movia o binóculo lentamente, da direita para a esquerda.

O ar reverberava sobre o asfalto, em que pese ser uma manhã fria de novembro. Ellen viu a silhueta do primeiro carro. Dentro de meia hora teriam deixado para trás a estação de pedágio e eles teriam superado a metade do trabalho. E, dois dias depois, quando os mesmos carros passassem ante a estação de pedágio em sentido contrário, Harry e ela poderiam voltar às suas tarefas policiais habituais. Ela preferia mexer com cadáveres no grupo de delitos violentos a ter que se levantar às três da madrugada para se sentar em um frio Volvo junto com um irascível Harry, visivelmente pressionado pela responsabilidade que recaía sobre ele.

Com exceção das bufadas recorrentes de Harry, reinava no carro um silêncio absoluto. Ela verificou que os indicadores de ambos os aparelhos de rádio funcionavam perfeitamente. A fileira de carros chegava já quase até o final. Decidiu que, depois do trabalho, iria a Tørst e beberia até se embriagar. Havia ali um tipo com o qual trocara alguns olhares, de cabelo negro encaracolado, olhos castanhos e um olhar algo desafiante.

Magro. Com um ar um tanto boêmio, intelectual. Talvez...

— Que me...?!

Harry já havia apanhado o microfone: “Vejo uma pessoa na terceira cabine da esquerda. Alguém pode identificá-la?”. O rádio respondeu com um silêncio crepitante enquanto o olhar de Ellen passava rápido pela fileira de cabines. Lá! Vira as costas de um homem após o vidro escuro da janela, à somente 45 metros de onde se encontravam. Na contraluz, a sombra desenhava uma silhueta muito clara. Igualmente a breve porção de um cano que sobressaía pelas costas do indivíduo.

— Uma arma! Gritou Ellen. — Uma pistola automática!

— Merda!

Harry abriu a porta do carro com um chute, se agarrou ao marco com as duas mãos e saiu de um salto. Ellen olhava fixamente a coluna de carros, que não estaria a mais de cem metros dali. Harry colocou a cabeça no interior do carro.

— Não é dos nossos, mas pode ser alguém do Serviço Secreto, afirmou. — Ligue para o quartel general, disse com o revólver na mão.

— Harry...

— Vamos! E fique aonde está até que o quartel general confirme que é um de seus homens.

Harry começou a correr até a cabine, até aquelas costas coberta por um traje. Parecia o cano de uma submetralhadora Uzi. O frio ar da manhã lhe feria os pulmões.

— Policia! Gritou. — Police!

Nenhuma reação. Os grossos vidros das cabines eram pensados para isolar o ruído do trânsito. O homem virara a cabeça até a fileira de veículos e Harry pode ver as lentes escuras dos óculos de sol Ray-Ban. O Serviço Secreto. Ou alguém que queria se fazer passar por um deles. Estava a vinte metros. Como entrara naquela cabine fechada, se não era um deles? Demônios! Harry ouviu que as motos se aproximavam. Não alcançaria a cabine a tempo. Destravou a arma e apontou, enquanto rezava para que a buzina do carro quebrasse a calma daquela estranha manhã na rodovia em que ele, é claro, em nenhum momento sentira a menor vontade de estar. As instruções eram claras, mas não conseguia parar de pensar: Colete leve. Sem comunicação. Dispara, não é sua culpa. Terá família?

O cortejo aparecia logo atrás da cabine e se aproximava com rapidez. Em dois

segundos, os Cadillac estariam na sua posição. Pelo canto do olho esquerdo viu o leve movimento de um passarinho que levantou voo do telhado. Apostar ou não apostar... Esse tipo de dilema eterno. Pensou na escassa espessura do colete e desceu o revólver um par de centímetros.

O rugir das motocicletas era ensurdecedor.

* * *

Dois

OSLO
Terça-feira, 5 de Outubro de 1999

— Essa é precisamente a grande traição, afirmou o homem bem barbeado olhando as suas notas.

A cabeça, as sobrancelhas, os musculosos braços, inclusive as grandes mãos que se aferravam à tribuna: tudo parecia bem barbeado e limpo. Inclinou-se para o microfone, antes de prosseguir:

— No ano de 1945, os inimigos do nacional-socialismo assentaram as bases, desenvolveram e praticaram os seus princípios democráticos e econômicos. Como consequência disso, o mundo não vê o sol se pôr um único dia sem ter notícia de ações bélicas. Inclusive na Europa já temos guerras e genocídios. No terceiro mundo, milhares de pessoas morrem de fome; e Europa se vê invadida pela imigração maciça com o conseguinte caos e a necessidade da luta pela existência.

Neste ponto parou e deu uma olhada ao seu redor. Na sala reinava um silêncio sepulcral e somente um dos ouvintes que ocupavam os bancos às suas costas aplaudiu timidamente. Como isso reavivou o seu entusiasmo, decidiu continuar, mesmo com o ponto luminoso que havia sob o microfone piscando em vermelho, claro anúncio de que as ondas chegavam distorcidas ao receptor.

— Por outro lado, não é muito grande a distância que separa o despreocupado bem estar em que nos achamos imersos e o dia em que nos veremos obrigados a confiar em nós mesmos e na gente que nos rodeia. Uma guerra, uma catástrofe econômica ou ecológica... E toda essa rede de leis e regras que converteram a nós todos, com tanta rapidez, em clientes passivos dos serviços sociais desaparecerá com uma canetada. A outra grande traição foi anterior, em 9 de abril de 1940, quando nossos chamados “dirigentes nacionais” fugiram do inimigo para salvar a sua pele. E usaram as reservas de ouro, claro está, para poder assim financiar a luxuosa vida que pensavam ter em Londres. Agora voltamos a ter o inimigo à nossa porta. E aqueles que deveriam defender os nossos interesses voltam a nos trair. Permitem que o inimigo construa mesquitas entre nós, que roube os nossos idosos e que misture o seu sangue com o de nossas mulheres. De modo que, simplesmente, é nossa obrigação como noruegueses defender a nossa raça e eliminar

aos nossos traidores.

Dito isso, passou à página seguinte, mas uma tossezinha vinda do pódio que tinha ante si, o fez parar e levantar os olhos.

— Obrigado, creio que já ouvimos o suficiente, afirmou o juiz olhando por cima dos óculos. — O promotor tem mais perguntas para fazer ao acusado?

O sol entrava em diagonal pela janela e inundava a sala de número 17 do tribunal de primeira instância de Oslo, formando um ilusório halo luminoso sobre a calva do sujeito. Usava uma camisa branca e uma gravata muito estreita, provavelmente conselho de seu advogado de defesa, Johan Krohn, que precisamente agora estava esparramado na cadeira brincando com uma caneta que segurava entre os dedos indicador e polegar. Krohn não gostava de quase tudo naquela situação. Não gostava do curso que haviam tomado as perguntas do promotor, as abertas declarações programáticas de seu cliente, Sverre Olsen, e o fato de que a este parecera oportuno arregaçar a camisa, permitindo assim que tanto o juiz como os dois ajudantes pudessem ver as tatuagens em forma de tela de aranha que tinha em ambos os cotovelos e a série de suásticas no braço esquerdo. No direito tinha tatuada uma cadeia de símbolos nórdicos e a palavra **VALKYRIA** em letras góticas negras. Valkyria era o nome de uma das gangues da qual fizera parte, no entorno neonazista de Sæterkrysset, em Nordstrand.

Ainda assim, o que mais irritava Johan Krohn era algo que não se encaixava, algo que tinha caracterizado o curso do julgamento, só que ele não sabia onde estava essa falha. O promotor, um homem miúdo chamado Herman Groth, inclinou até si o microfone com o dedo mindinho onde se via o anel com o símbolo do colégio de advogados.

— Somente um par de perguntas adicionais, senhoria, disse em tom suave e contido. O microfone mostrou luz verde. — Quando, em três de janeiro, às nove da noite, entrou no estabelecimento denominado Dennis Kebab, na Rua Dronningen, foi, pois, com a clara intenção de cumprir com esse dever de defender, segundo diz, a nossa raça, não é? Johan Krohn utilizou o seu microfone:

— Meu cliente já respondeu a essa pergunta e esclareceu que aconteceu uma alteração entre ele e o dono vietnamita do estabelecimento. Luz vermelha. — Provocaram-no, afirmou Krohn. — Não existe fundamento algum que apoie a tese de premeditação. Groth fechou os olhos.

— Se é certo o que diz o seu advogado de defesa, Olsen, temos de admitir que fosse pura casualidade que levasse debaixo do braço um bastão de beisebol, certo?

— Para se defender, interrompeu Krohn enquanto levantava os braços em gesto resignado. — Senhoria, meu cliente já respondeu a essas perguntas.

O juiz acariciou o queixo enquanto olhava para o advogado de defesa. Todos sabiam que Johan Krohn filho estava destinado a ser uma estrela como advogado de defesa; todos, incluído Johan Krohn pai, e, com certeza, foi isso o que motivou o juiz a admitir, com certa raiva:

— Estou de acordo com a defesa. Se o promotor ainda tem novas apreciações a fazer, vou pedir que continue. Groth abriu os olhos de modo que ficasse uma delgada linha branca nas partes superior e inferior da íris. Depois concordou e, com gesto cansado, levantou uma mão onde segurava um jornal.

— Este é um exemplar do diário Dagbladet, do dia vinte e cinco de janeiro. Na entrevista publicada na página oito, um dos correligionários do acusado diz que...

— Protesto! Começou Krohn. Groth deu um suspiro.

— Bem, me permita que o modifique substituindo-o por um homem que expresse opiniões racistas. O juiz concordou ao mesmo tempo em que dava a Krohn um olhar de advertência. Groth prosseguiu: — Este homem afirma em um comentário sobre o ato de vandalismo sofrido pelo estabelecimento Dennis Kebab, que precisamos de mais racistas como Sverre Olsen para recuperar a Noruega. Na entrevista se utiliza o termo “racista” como se se tratasse de um qualificativo honorável. Considera-se o acusado a si mesmo um racista?

— Sim, sou racista, confirmou Olsen antes que Krohn tivesse tempo de intervir. — No sentido que eu atribuo à palavra.

— E que sentido é esse? Perguntou Groth com um sorriso.

Krohn fechou os punhos sob a mesa e olhou para a tribuna, para as duas pessoas que constituíam o júri popular e que ocupavam assentos a ambos os lados do juiz. Aquelas três pessoas eram as que decidiriam sobre o futuro do seu cliente nos próximos anos, assim como sobre o seu próprio status no restaurante Tostrupkjelleren nos próximos meses. Dois representantes do povo, do sentido popular da justiça. “Juízes leigos”, eles eram chamados, mas talvez considerassem que essa denominação lembrava muito a “juízes de jogo”. O jurado que estava sentado à direita do juiz era um jovem que usava casaco de aspecto barato e comedido, e que apenas se atrevia a levantar o olhar. A jovem, algo entrada em carnes, que ocupava o assento da esquerda, parecia fingir que seguia o julgamento, enquanto aproveitava para encolher o pescoço de modo que a sua incipiente papada não fosse notada desde o início da sala. O norueguês médio. Que sabiam eles de gente como Sverre Olsen? O que queriam saber?

Oito testemunhas viram Sverre Olsen entrar no restaurante com um bastão de madeira debaixo do braço e, após uma breve troca de insultos, golpear com ele a cabeça do proprietário, Ho Dai, um vietnamita de quarenta anos que fora para a Noruega como

refugiado em 1978. E golpeará com tal violência que Ho Dai jamais voltaria a andar. Quando Olsen começou a falar, Johan Krohn filho começou a dar forma em sua mente à apelação no tribunal de segunda instância.

— Racismo, leu Olsen uma vez que encontrou o que queria nos documentos. — É uma luta eterna contra as enfermidades graves, a degeneração e o extermínio, assim como o sonho e a esperança de uma sociedade mais sã com melhor qualidade de vida. A mistura de raças é uma forma de genocídio bilateral. Em um mundo em que se planeja a criação de bancos de genes para conservar a mais insignificante formiga, se acolhe e aceita que se misturem e aniquilem raças humanas que estão se desenvolvendo à milhares de anos. Em um artigo de 1971 publicado na respeitada revista *American Psychologist*, cinquenta cientistas norte-americanos e europeus advertiam do perigo de se silenciar a argumentação da teoria da herança genética.

Olsen parou neste ponto, passeou o olhar por toda a sala 17 e levantou o indicador da mão direita. Voltara-se para o promotor, de modo que Krohn pode ver a tatuagem do cumprimento nacional-socialista que mandara fazer na dobra que se formava entre a nuca e o pescoço, um grito mudo e grotesco, em estranho contraste com a frieza de sua retórica. No silêncio que se seguiu, Krohn deduziu pelo ruído do corredor que a sala 18 iniciara a parada para almoço. Os segundos se passavam. Krohn se lembrou de algo que lera sobre o fato de que, em ocasião de grandes concentrações, Adolf Hitler fazia pausas artísticas de até três minutos. Quando Olsen recomeçou a sua declaração, começou a marcar o ritmo com o dedo, como se quisesse gravar cada palavra e cada frase no auditório:

— Aqueles de vocês que tentam fingir que não está se desenvolvendo uma luta de raças, ou estão cegos ou são traidores. Bebeu um gole da água que o meirinho deixara ante ele. Então o promotor interveio:

— E nessa luta de raças, você e seus adeptos, alguns dos quais hoje estão presentes na sala, são os únicos que têm o direito de intervir, não é? Novas vaías dos cabeças raspadas que ocupavam as cadeiras destinadas ao público.

— Nós não intervimos, nos defendemos, precisou Olsen. — É direito e obrigação de qualquer raça. Alguém de entre o público gritou algo que Olsen aproveitou e repetiu com um sorriso: — De fato, também em um membro de outra raça podemos achar a prova viva de um nacional-socialista. Risadas e aplausos entre o público. O juiz pediu silêncio antes de olhar inquisitivo ao promotor.

— Isso é tudo, esclareceu Groth.

— A defesa deseja fazer alguma pergunta? Krohn negou com um gesto.

— Nesse caso, que entre a primeira testemunha de acusação.

O promotor fez um gesto de assentimento ao meirinho, que abriu a porta do fundo da sala, colocou a cabeça e falou algo. Ouviu-se o arrastar de uma cadeira do outro lado, a porta se abriu por completo e deu entrada um homem bastante corpulento. Krohn notou que o homem usava uma jaqueta um tanto pequena, uns jeans negros e umas botas descomunais estilo Dr. Martens. A cabeça, quase raspada a zero, e a complexão atlética apontavam para uma idade que rondava os trinta e tantos anos. Mas os olhos, avermelhados e desfigurados e a palidez do rosto sulcado de finos capilares que, aqui e ali, se abriam em pequenos deltas, indicavam que passava dos cinquenta.

— Oficial de policia Harry Hole? Perguntou o juiz, uma vez que o homem subira no estrado.

— Sim.

— Não temos a seu endereço, segundo vejo.

— É secreto, disse Hole ao mesmo tempo em que apontava com o polegar para atrás de seu ombro. — Tentaram invadir a minha casa. Mais vaias.

— Você já declarou anteriormente, Hole? Se prestou juramento, quero dizer.

— Sim.

A cabeça de Krohn balançava para cima e para baixo, como a desses cachorrinhos de plástico que alguns motoristas gostam de levar pendurados no carro. E começou a folhear febrilmente os documentos.

— Vejo que trabalha no grupo de delitos violentos como investigador de homicídios, começou Groth. — Por que o designaram para este caso?

— Porque falharam na avaliação, respondeu Hole.

— Como?

— Não contavam com que Ho sobrevivesse. Não é o normal quando arrebetam o seu crânio e parte do conteúdo se esparrama.

Krohn viu que os rostos dos dois membros do júri popular se contraíam involuntariamente em um gesto de repulsa. Mas aquilo agora carecia de importância. Encontrara o documento com os nomes. E ali estava: encontrara a falha.

* * *

Três

*CALLE KARL JOHAN
5 de Outubro de 1999*

Vai morrer.

Aquelas palavras continuavam ressoando nos ouvidos do velho quando saiu do patamar da escadaria e o claro sol outonal o cegou. Enquanto as pupilas se contraíam pouco a pouco, permaneceu agarrado ao corrimão respirando lentamente e profundamente. Escutou a cacofonia dos carros, os ônibus, o barulho dos semáforos. E as vozes, vozes excitadas e alegres que passavam apressadas no mesmo ritmo dos passos. E a música, acaso ouvira antes tanta música? Mas nada conseguia calar o rumor daquelas palavras. “Vai morrer.”

Quantas vezes estivera ali, no consultório do doutor Buer? Duas vezes por ano durante quarenta anos. Oitenta dias normais e correntes, iguais a aquele, mas nunca, até esse momento, se dera conta da animação que havia naquelas ruas, a felicidade, a ânsia de viver. Era outubro, mas parecia um dia de maio. O dia em que “explodiu” a paz. Estaria exagerando? Podia ouvir a voz dela, ver sua silhueta se aproximar correndo como se viesse do sol, perfilada por um rosto que desaparecia em um halo de luz branca. “Vai morrer.” Toda aquela brancura se decompôs em cores e se transformou na Rua Karl Johan.

Desceu os degraus, parou e olhou para direita e esquerda, como se não fosse capaz de decidir que direção tomar, e parou pensativo. De repente, se sobressaltou, como se alguém o despertasse, e começou a andar na direção do palácio. O passo era vacilante, o olhar, abatido, e o esquelético corpo encolhido no interior de um casaco de lã que lhe ficava um tanto grande.

— O câncer se espalhou, anunciara o doutor Buer.

— Espalhou... Disse ele enquanto olhava para Buer, se perguntando se era algo que ensinavam na faculdade de medicina, aquele gesto de retirar os óculos quando iam falar algo grave, ou se era tão somente um gesto próprio dos médicos míopes para não ter de ver a expressão dos olhos do paciente.

Começava a se parecer com o seu pai, o doutor Konrad Buer, Agora, que o couro cabeludo começara a retirada e que as bolsas que surgiam debaixo dos olhos, passara a ter

a aura de seriedade de seu pai.

— Em poucas palavras? Perguntou o velho com uma voz que não ouvia à cinquenta anos, que era o grito cavernoso e áspero de um homem em cujas cordas vocais ressoavam a angústia.

— É uma questão de...

— Eu lhe peço a verdade, doutor. Eu já vi a morte cara a cara.

Pronunciara aquelas palavras reforçando a voz, escolhera termos que obrigassem a sua voz a soar firme, tal e como desejava que o doutor Buer a ouvisse. Tal como desejava ouvi-la ele mesmo. O olhar do doutor fugira da mesa, deslizando pelo desgastado assoalho até a rua, através do vidro sujo da janela. Escondera-se lá fora durante uns instantes antes de voltar a se encontrar com o seu. Suas mãos haviam encontrado um pano com o qual limpava os óculos sem cessar.

— Já sei que você...

— Você não sabe de nada, doutor. O velho ouviu a si mesmo rir com uma risada breve e seca. — Não leve a mal, eu lhe peço Buer, mas acredite: você não sabe de nada.

Notou o desconcerto de Buer e, naquele mesmo instante, se deu conta de que a torneira do lavabo que havia na parede oposta do consultório gotejava persistente, um novo som, como se, de repente e de forma inexplicável, um jovem de vinte anos tivesse recuperado os sentidos. Buer colocou por fim os óculos, apanhou um papel, como se as palavras que ia pronunciar estivessem ali escritas, e tossiu levemente, antes de declarar:

— O senhor vai morrer. O velho teria preferido que o tratasse de “você”.

Parou ante uma aglomeração de gente, ouviu as notas de uma guitarra e uma voz que entoava uma canção sem dúvida antiga para todos os demais, salvo para ele. Já a escutara antes, é claro; certo que era lá pela metade do século, mas ele a sentia como se fosse ontem. E o mesmo acontecia com tudo: quanto mais longínquo no tempo, mais próximo e claro ele via. Agora era capaz de se lembrar de acontecimentos que não lembrava há anos. Aquilo que, até então, se vira obrigado a ler em seus diários da guerra, poderia evocá-lo agora somente fechando os olhos e vendo-o passar pela sua retina como num filme.

— Em qualquer caso, deve de lhe restar ao menos um ano de vida.

Uma primavera e um verão. Podia ver cada folha amarelada das árvores do parque Studenterlunden como se tivesse colocado novos óculos, mais fortes. As mesmas árvores

de 1945, ou não eram as mesmas? Naquela ocasião não as via com demasiada clareza; naquele dia nada se via claro. Rostos sorridentes, rostos irados, gritos que apenas chegavam onde ele se encontrava a porta de um carro que batia, se ele tinha ou não lágrimas nos olhos, pois quando se lembrou das bandeiras com que a gente corria pelas calçadas, às recordava vermelhas e difusas. O príncipe herdeiro voltara!

Subiu o declive até o palácio, onde um grupo de pessoas haviam se reunido para ver a troca da guarda. O eco das ordens da guarda real e o barulho das culatras dos fuzis e tacões das botas ressoavam contra o muro amarelado da fachada. Um jovem casal japonês abraçado no meio da gente olhava risonho o espetáculo. Ele fechou os olhos, tentou se lembrar do cheiro dos uniformes e do lubrificante das armas. Não havia nada ali que cheirasse como havia cheirado a sua guerra.

Voltou a abrir os olhos. O que sabiam eles? O que sabiam aqueles soldadinhos vestidos de negro, simples figuras de desfile, de atos simbólicos dos quais eram demasiado inocentes para compreender e demasiado jovens para sentir? Pensou de novo naquele dia, nos jovens noruegueses vestidos de soldados, ou nos soldados suecos, como os chamavam. Aos seus olhos eram soldadinhos de brinquedo que não sabiam como usar um uniforme e menos ainda como tratar um prisioneiro de guerra. Estavam assustados e mostravam uma atitude brutal, com o cigarro entre os lábios e o aspecto atrevido que lhes davam os seus bonés inclinados, se agarrando às suas armas recém-adquiridas e tentando superar o medo pressionando o cano contra as costas do prisioneiro.

— Porco nazista! Diziam, enquanto os golpeavam como se fossem conseguir obter num único instante o perdão de seus pecados.

Respirou fundo, saboreou o cálido dia outonal, mas, nesse mesmo momento, apareceu a dor. Retrocedeu um passo com os pés vacilantes. Água nos pulmões. Dentro de doze meses, talvez antes, a inflamação e a dor expeliriam a água que em seguida se reacumularia nos pulmões. Segundo diziam, isso seria o pior.

“Vai morrer.”

E então veio o ataque de tosse, tão violento que quem estava a seu lado se afastou involuntariamente.

* * *

Quatro

*MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, VICTORIA TERRASSE
5 de Outubro de 1999*

O CONSELHEIRO de assuntos exteriores Bernt Brandhaug atravessou o corredor em grandes passadas. Há trinta segundos que deixara a sua sala e demoraria outros quarenta e cinco para chegar à sala de reuniões. Levantou os ombros sob o paletó e sentiu que os músculos das costas se tensionavam contra o tecido. “Latissimus dorsi”, musculatura das costas. Tinha sessenta anos, mas não aparentava mais de cinquenta. Não era homem que se preocupasse com a sua aparência, mas estava convencido de que fosse um indivíduo agradável à vista. Isso sem ter se visto obrigado a fazer muito mais do que se dedicar ao esporte que gostava, adicionar um par de sessões de raios UVA no inverno e retirar os cabelos grisalhos que de vez em quando teimavam em crescer em suas povoadas sobrancelhas.

— Alô, Lise! Cumprimentou em voz alta ao passar ante a fotocopidora.

A jovem estagiária só teve tempo de dar um tímido sorriso antes que ele desaparecesse pela esquina seguinte. Lise acabava de terminar a faculdade de direito e era filha de um companheiro de carreira. Começara a trabalhar ali há menos de três semanas. E, desde aquele instante, imaginou que o conselheiro, o mais alto funcionário daquela casa, a conhecia. Poderia aquele homem seduzi-la? Provavelmente. Não é que fosse acontecer. Necessariamente.

Antes de chegar à porta aberta, ouviu o murmúrio das vozes. Viu o relógio: 75 segundos. E entrou. Deu uma fugaz olhada pela sala e constatou que vieram os representantes de todas as instâncias convocadas.

— Então você é Bjarne Møller, não é? Perguntou ao mesmo tempo em que, com um amplo sorriso, estendia a mão a um homem alto e delgado que estava sentado junto à delegada chefe Anne Størksen. — E você é CG, não é? Soube que participou da corrida de obstáculos de Holmenkollen, não?

Aquele era um dos truques de Brandhaug: conseguir informação sobre as pessoas às que via pela primeira vez, algum dado que não estivesse em seus currículos. Aquilo os fazia se sentir inseguros. O fato de usar as siglas CG, a abreviatura de uso interno para se

referir ao chefe de grupo, lhe causara especial satisfação. Brandhaug se sentou, fez um gesto para o seu velho amigo Kurt Meirik, chefe do Centro Nacional de Inteligência, e examinou os demais reunidos em torno à mesa.

Ninguém ainda soubera quem assumiria o comando, pois se tratava de uma reunião de representantes do mesmo nível, ao menos na teoria, vindas do gabinete do primeiro ministro, do distrito policial de Oslo, do serviço secreto da Defesa, das tropas da reserva militar e do seu próprio gabinete no Ministério de Assuntos Exteriores. A reunião fora convocada pelo GPM, o gabinete do primeiro ministro, mas não havia dúvida de que seriam o distrito policial de Oslo, representado por Anne Størksen e o Centro Nacional de Inteligência, o CNI, com Kurt Meirik à frente, que, chegado o momento, assumiriam a responsabilidade operacional. O secretário do gabinete do primeiro ministro parecia disposto a assumir. Brandhaug fechou os olhos disposto a escutar.

Pararam de falar sobre a última vez que se viram, o murmúrio de vozes foi silenciando pouco a pouco, se ouviu o rangido da perna de uma cadeira. Ainda não. Um papel que estala, o clique das canetas, em reuniões importantes como aquela, a maioria dos chefes tomavam suas próprias notas como referência, ante a eventualidade de que depois, se algo desse errado, comesçassem a se culpar uns a outros. Alguém tossiu, mas o som viera do lado errado da sala e, além disso, não soara como quando alguém se prepara para começar a falar. Alguma pessoa suspirou.

— Bem, então comecemos, declarou Bernt Brandhaug abrindo os olhos.

Todas as cabeças se voltaram para ele. Sempre o mesmo panorama. Uma boca meio aberta, a do secretário do gabinete, um sorriso forçado, a da senhora Størksen, que dava a entender que sabia o que estava acontecendo, mas, no demais, rostos vazios que o olhavam sem suspeitar que o assunto já estivesse resolvido.

— Benvindos à primeira reunião de coordenação. Nosso trabalho consiste em conseguir que quatro dos homens mais importantes do mundo entrem e saiam da Noruega mais ou menos vivos.

Veementes sussurros em torno à mesa.

— Na segunda-feira, primeiro de novembro, chegarão ao país o líder da OLP, Yasser Arafat, o primeiro ministro israelense, Edhu Barak, o primeiro ministro russo, Vladimir Putin, e, finalmente, o broche de ouro: às seis e quinze, exatamente dentro de cinquenta e nove dias, aterrissará em Gardermoen, no aeroporto de Oslo, o presidente norte-americano a bordo do Air Force One. Brandhaug passou o olhar por cada um dos

rostos ao redor da mesa, para se deter por fim ante o único novo, Bjarne Møller: — Se não tiver névoa, claro, adicionou com uma gargalhada enquanto notava satisfeito que também Møller, por um instante, esquecera a tensão e sorria.

Brandhaug lhe devolveu o sorriso deixando ver seus fortes dentes, que, após a última sessão no dentista, ficaram ainda mais brancos.

— Ainda ignoramos quantas pessoas virão exatamente, prosseguiu Brandhaug. — Na Austrália, o presidente foi com um séquito de duas mil pessoas; em Copenhague, eram mil e setecentas. Um rumor se estendeu ao redor da mesa. — Mas a experiência me diz que uma estimativa de umas setecentas será mais realista.

Brandhaug dissera aquilo com a certeza de que sua “estimativa” não demoraria em ser confirmada, já que uma hora antes, recebera um fax com a lista das setecentas e doze pessoas que viriam.

— Algum de vocês se perguntará sem dúvida o que fará o presidente com um séquito tão numeroso em uma cúpula de somente dois dias. A resposta é bem simples. Trata-se da famosa retórica “Do poder para toda a vida”. Se a minha aproximação for correta, o Kaiser Frederico III levara consigo exatamente setecentos homens quando visitou Roma em 1468, com a ideia de fazer ver ao Papa quem era o homem mais poderoso do mundo. Mais risadas dos reunidos redor da mesa. Brandhaug fez um gesto a Anne Størksen. Lera a frase no diário vespertino *Aftenposten*. Com uma palmada, adicionou: — Não é necessário que eu explique que dois meses é muito pouco tempo, mas a partir de hoje faremos reuniões de coordenação todas as manhãs às dez, nesta mesma sala. Até que esses quatro rapazes estejam fora de nossa área de responsabilidade, terão que deixar de lado todos os demais assuntos que tenham em mãos. Ficam proibidas as férias. E também as baixas por doença. Alguma pergunta, antes que sigamos adiante?

— Bem, parece que... Começou o secretário do gabinete.

— Incluídas as depressões, interrompeu Brandhaug provocando em Bjarne Møller uma risada mais sonora do que ele desejaria.

— Bem, nós... Voltou a começar o secretário.

— Adiante, Meirik, gritou Brandhaug.

— O quê? O chefe do CNI levantou a sua cabeça um tanto desfalcada de cabelos e olhou para Brandhaug.

— Você queria dizer algo sobre a estimativa do risco de ameaças do Centro Nacional de Inteligência, não é? Perguntou Brandhaug.

— Ah, sim! Lembrou-se Meirik. — Sim, sim, trouxe um relatório.

Meirik era de Tromsø e falava em uma curiosa e incoerente mistura do seu dialeto e

do norueguês padrão. Fez um gesto para uma mulher que estava a seu lado. Brandhaug pousou o seu olhar nela. A mulher estava sem maquiagem e usava o cabelo, castanho escuro, num corte reto, recolhido com um passador pouco elegante. E quanto à roupa, uma espécie de saco azul de lã, era simplesmente insípida. Contudo, em que pese que a mulher adotasse a exagerada expressão que ele tão a miúdo vira nas profissionais que temiam que não as levassem a sério, gostou do que via. Tinha os olhos castanhos e doces, e os pômulos marcados lhe davam um aspecto aristocrático, pouco norueguês. Já a vira antes, mas com outro penteado. Como se chamava? Era um nome bíblico, Raquel, talvez? Talvez tivesse acabado de se separar: o novo penteado poderia ser indício disso. A mulher se inclinou sobre a maleta que estava entre ela e Meirik e o olhar de Brandhaug procurou de forma mecânica o seu decote, mas a blusa estava abotoada de modo que não pudesse mostrar nada de interessante. Teria filhos em idade escolar? Teria algum reparo em passar umas horas do dia em um quarto de algum hotel no centro da cidade? Excitar-se-la com o poder?

— Daremos somente um breve resumo, Meirik, disse Brandhaug.

— Está bem.

— Antes, queria assinalar... Interveio uma vez mais o secretário.

— Bjørn, Deixemos que Meirik termine; depois, poderá dizer tudo o que quiser.

Era a primeira vez que Brandhaug chamava o secretário por seu nome de batismo.

— A CNI considera que existe perigo de atentado, declarou Meirik.

Brandhaug sorriu. Pelo rabo do olho, viu que a delegada chefe fazia o mesmo. Uma jovem inteligente, formada em direito e com uma folha de serviços impecável. Talvez devesse convidá-los, ela e seu marido, para jantar em minha casa nalguma noite. Brandhaug e sua mulher moravam em uma espaçosa residência de madeira na divisa com Nordberg. Precisavam apenas colocar os esquis na porta da garagem. Bernt Brandhaug adorava a sua casa. Para a sua esposa parecia um tanto escura e dizia que aquelas madeiras tão enegrecidas a assustavam e tampouco gostava de se ver rodeada de tanto bosque. Sim, um convite para jantar. Carvões e trutas que eles mesmos tivessem pescado. Era a imagem correta.

— Me atrevo a lembrar de que foram quatro os presidentes norte-americanos que morreram vítimas de atentado, continuou Meirik. — Abraham Lincoln, em 1865; James Garfield, em 1881; John Kennedy, em 1963, e... Dirigiu o olhar à mulher de pômulos marcados, que lhe soprou o nome. — Ah, sim! William McKinley. Em...

— Em 1901, completou Brandhaug ao mesmo tempo em que dava um cálido sorriso e olhava o relógio.

— Em fim. Contudo, tem havido muitos mais atentados ao longo dos anos. Tanto Harry Truman quanto Gerald Ford e Ronald Reagan foram vítimas de graves atentados

no tempo que ocupavam o cargo. Brandhaug aclarou a garganta:

— Esquece que o atual presidente foi vítima de espionagem há uns anos. Ou, pelo menos, a sua casa.

— Certo. Mas não vou comentar esse tipo de incidente, pois existiram muitos. Estou em condições de afirmar que nenhum presidente norte-americano dos últimos vinte anos completou o seu período presidencial sem que se tenha descoberto, no mínimo, dez tentativas de atentado e que os responsáveis tenham sido presos sem que o assunto chegasse aos meios de comunicação.

— Por que não?

O chefe de grupo Bjarne Møller acreditava que somente pensara a pergunta e ficou tão surpreso quanto os demais ao ouvir a sua própria voz. Engoliu saliva ao notar que todos o olhavam e se esforçou por manter o olhar fixo em Meirik, embora não pôde evitar dirigi-lo a Brandhaug. O conselheiro lhe fez um gesto reconfortante.

— Bom, como você sabe, é normal que os atentados cujo planejamento tenha sido descoberto, fiquem em segredo, observou Meirik ao mesmo tempo em que retirava os óculos. Era um Horst Tappert, esse tipo de óculos que tanto proliferavam nos catálogos de pedidos por correio e que escurecem quando expostos ao sol. — Já que os atentados são tão contagiosos quanto os suicídios. E, além disso, os da nossa profissão não têm o menor desejo de revelar os seus métodos de trabalho.

— Quais são os planos de vigilância? Interrompeu o secretário. A mulher dos pômulos salientes entregou um documento a Meirik, que voltou a colocar os óculos antes de começar a ler.

— Na quinta-feira chegarão oito homens do Serviço Secreto com os quais começaremos a revisar os hotéis, as rotas, o controle da segurança de todos os que vão ficar próximos do presidente e a treinar todos os policias cujos serviços vamos utilizar. Também traremos reforços de Romerike, Asker e Bærum.

— E para que vão ser utilizados esses reforços? Perguntou o secretário de Estado.

— Principalmente, para vigilância. Em torno à embaixada dos Estados Unidos, do hotel onde se alojará o séquito do presidente, do estacionamento... Resumindo, monitorando todos os lugares onde você não vai encontrar o presidente.

— Disso nos encarregaremos nós mesmos, os homens do CNI. E o Serviço Secreto, claro.

— Kurt, eu acreditava que vocês não gostassem de montar guarda, observou Brandhaug com um leve sorriso.

A lembrança provocou uma risada forçada em Kurt Meirik. Durante a reunião sobre minas antipessoais, realizada em Oslo em 1997, o CNI se negou a realizar os serviços de vigilância, se referindo a sua própria avaliação de risco, que concluía que "a

ameaça à segurança era de média a baixa". No segundo dia da conferência, o Escritório de Imigração relatou ao Ministério de Assuntos Exteriores que um dos noruegueses que a CNI dera visto como motorista da delegação croata era um muçulmano bósnio que chegara na Noruega na década de setenta e era cidadão norueguês há muitos anos; mas em 1993, seus pais e quatro de seus irmãos morreram executados pelos croatas em Mostar, na Bósnia-Herzegovina. Quando revistaram o apartamento do sujeito, acharam duas granadas de mão e uma carta de despedida aonde explicava os motivos do seu suicídio. A imprensa nunca teve a menor ideia do acontecimento, mas a confusão que gerou espirrou nos níveis mais altos do governo e a continuidade de Meirik ficou pendurada na balança até Bernt Brandhaug interveio pessoalmente. Tudo se acalmou depois de que um dos funcionários responsáveis pelo controle de segurança entregou a sua carta de demissão. Brandhaug esquecera o nome do funcionário, mas a colaboração com Meirik se desenvolvera sem contratempos desde então.

— Bjørn! Gritou com uma palmada. — Agora sim teremos muito interesse em escutar o que têm a dizer. Adiante!

O olhar de Brandhaug deslizou fugaz até a assistente de Meirik, mas não tão rápido que lhe escapasse o detalhe de que também ela o olhava. Ou melhor, ela dirigia o olhar para ele, mas os seus olhos pareciam inexpressivos e ausentes. Sopesou a possibilidade de sustentar o olhar, de ver que tipo de expressão surgiria deles quando ela descobrisse que ele se fixara nela, mas desdenhou a ideia. Não seria Raquel o nome dela?

* * *

Cinco

PARQUE SLOTTSPARKEN
5 de Outubro de 1999

— Está morto?

O velho abriu os olhos e olhou para a silhueta da cabeça que o olhava de cima, mas o rosto desaparecera em um halo de luz branca. Era ela? Já viera para levá-lo?

— Está morto? Voltou a perguntar a cabeça com voz clara. Ele não respondeu, pois não sabia se tinha os olhos abertos ou se estava sonhando. Ou se, tal e como perguntava a voz, já estava morto. — Como se chama?

A cabeça se moveu e, em seu lugar, viu as copas das árvores e um céu azul. Estivera sonhando. Algo que lera em um poema. “Os bombardeiros alemães já passaram”. Nordahl Grieg. Sobre o Rei que fugiu da Inglaterra. As pupilas começaram a se habituar de novo à luz e lembrou que se estendera sobre o gramado do parque de Slottsparken para descansar um pouco. E deveria ter adormecido. Sentado a seu lado estava um garoto. Um par de olhos castanhos o olhavam pairando sob uma franja negra.

— Eu me chamo Ali, se apresentou o pequeno. Seria um garoto paquistanês? O menino tinha um nariz curiosamente arrebitado. — Ali significa Deus, continuou o garoto. — O que significa o seu nome?

— Eu me chamo Daniel, respondeu o velho com um sorriso. — É um nome bíblico que significa “Deus é meu juiz”. O pequeno olhou-o fixamente.

— Assim que você é o Daniel?

— Assim é. Confirmou o homem.

O menino continuava olhando-o, de modo que o velho se sentiu incomodado ante a ideia de que talvez achasse que ele era um vagabundo, já que estava ali estendido sobre o gramado totalmente vestido, com seu casaco de lã como manta, embora estivesse a pleno sol.

— Onde está sua mãe? Perguntou para se esquivar do persistente olhar do garoto.

— Lá, disse o garoto ao mesmo tempo em que se voltava para apontar.

Algo afastadas do lugar em que eles se encontravam, havia duas mulheres morenas e robustas sentadas no gramado; a seu redor brincavam quatro garotos.

— Pois então, eu sou o seu juiz, concluiu o menino.

— Como?

— Ali é Deus, não é? E Deus é juiz de Daniel. E eu me chamo Ali e você se chama...

Estendeu a mão e beliscou o nariz de Ali. O garoto gritou encantado. O velho viu como as duas mulheres voltavam a cabeça e uma delas já estava se levantando quando ele soltou o nariz do pequeno.

— Ali vem a sua mãe, Ali, disse ao mesmo tempo em que apontava em direção à mulher que se aproximava.

— Mamãe! Gritou o garoto em urdu.

O velho deu um sorriso à mulher, mas ela se esquivou do seu olhar e, em troca, falou com expressão severa a seu filho, que, finalmente, obedeceu e saiu trotando até ela. Quando se voltaram, os olhos da mulher passaram sobre a sua figura como se fosse invisível. Sentiu vontade de lhe explicar que não era um vagabundo, que ele participara na construção daquela sociedade. Que ele pagara, desperdiçara, entregara tudo quanto tinha até que já não havia mais nada para entregar salvo seu posto, sua renúncia, sua esperança. Mas não teve forças, estava tão cansado que somente queria chegar em casa. Descansar, e depois veria. Era hora de que outros comesçassem a pagar. Enquanto se afastava, não ouviu que o pequeno o chamava aos gritos.

* * *

Seis

*DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA
Grønland, 10 de Outubro de 1999*

ELLEN GJELTEN levantou o olhar até o homem que acabava de entrar pela porta.

— Bom dia, Harry.

— Merda!

Harry deu um chute na lixeira que estava próxima da sua mesa jogando-a contra a parede contígua a mesa de Ellen, de onde saiu disparada rodando enquanto o seu conteúdo se espalhava sobre o chão de linóleo: rascunhos descartados de relatórios (O caso do assassinato Ekeberg), um maço de cigarros vazio (Camel), uma embalagem de iogurte sabor morango da marca Go'morn, o jornal Dagsavisen, uma velha entrada de cinema (do cinema Filmteateret, filme Fear & Loathing in Las Vegas), um volante de loteria sem preencher, uma casca de banana, uma revista de música (o número 69 da revista Mojo, de fevereiro de 1999, com uma foto do grupo Queen na capa), uma garrafa vazia de refrigerante de cola (de plástico, meio litro) e um post-it amarelo com um número de telefone ao que, durante um tempo, estivera pensando se ligaria ou não. Ellen levantou o olhar de seu computador e estudou o conteúdo espalhado pelo chão.

— Mas, Harry, jogou fora o exemplar da Mojo? Perguntou.

— Merda! Repetiu Harry enquanto retirava de um puxão o ajustado casaco e o jogava pelos ares através dos vinte metros quadrados da sala que dividia com a oficial Ellen Gjeltten. O casaco alcançou o cabide, mas deslizou até cair no chão.

— Qual é o problema? Perguntou Ellen antes de estender o braço para parar o balançar do cabide.

— Encontrei isso em minha caixa de correio. Harry brandia um documento.

— Parece uma sentença.

— E é.

— A causa Dennis Kebab?

— Exato.

— E?

— Sverre Olsen foi condenado. Três anos e meio.

— Nesse caso, deveria estar com um humor excelente.

— E estive, durante aproximadamente um minuto. Até que li isso. Harry mostrou

um fax. — Quando Krohn recebeu a sua cópia da sentença nesta manhã, respondeu nos enviando uma notificação de que tinha intenção de recorrer por causa de um defeito de forma. Ellen adotou uma expressão de dor de dentes. — Quer que seja revogada a sentença. Não vai acreditar, mas esse astuto de Krohn nos pegou no juramento.

— O quer dizer com “nos pegou”? Harry se aproximou da janela.

— Os dois membros do júri popular têm de prestar juramento na primeira vez que fazem parte de um júri, mas tem de fazê-lo na sala dos jurados e antes que comece o julgamento. Krohn se deu conta de que um dos membros era novo. E de que o juiz não tomara o seu juramento na sala dos jurados.

— Se disse juramentado.

— Tanto faz. O caso é que a sentença diz que o juiz havia juramentado à senhora na antessala da sala dos jurados, antes que começasse o julgamento. Atribui a irregularidade à falta de tempo e às novas regras. Harry amassou e jogou o fax, que descreveu um longo arco antes de cair a meio metro da lixeira de Ellen.

— Em resumo? Perguntou Ellen ao mesmo tempo em que, de um chute, devolvia o fax à metade da sala que correspondia a Harry.

— Que a sentença se dita como nula e que Sverre Olsen será um homem livre durante meio ano, no mínimo, até que se realize um novo julgamento. E, em tais casos, geralmente se aplica uma pena muito mais suave em razão do pré-julgamento que o adiamento pode ter causado ao réu, etc. etc. Após os oito meses que passou na prisão preventiva, é muito provável que Sverre Olsen seja, nesta altura, um homem livre.

Na realidade, Harry não se dirigia a Ellen, que já conhecia todos aqueles detalhes. Falava para a imagem de si mesmo que lhe devolvia o vidro da janela; pronunciava as palavras em voz alta para ver se assim tinham mais sentido. Passou ambas as mãos pela suada calva que, até a pouco, estivera coberta por uma capa de cabelo ruivo e curto. Que tivesse cortado na máquina zero se devia a uma razão muito concreta: na semana anterior voltaram a reconhecê-lo. Um rapaz com um gorro de lã negro, tênis Nike e calças tão largas que a cintura quase chegava aos joelhos se aproximara enquanto seus colegas se juntavam a poucos passos e perguntara a Harry se ele era “o que se fez de Bruce Willis na Austrália”. Três anos, nada menos que três! Desde que a fotografia de Harry ilustrara as primeiras páginas dos jornais, desde que Harry aparecera nos programas de televisão falando sobre os assassinatos em série que vira em Sidney. Harry foi e raspou o cabelo imediatamente. Ellen havia sugerido que se barbeasse.

— O pior de tudo é que aposto o que quiser que esse advogado fodido conhecia a situação antes que fosse prolatada a sentença e poderia ter protestado de modo que o jurado pudesse prestar juramento no momento e lugar adequados. Mas se limitou a esperar sentado, esfregando as mãos. Ellen encolheu os ombros.

— Coisas que acontecem. Um bom trabalho da defesa, isso sim. Precisa se sacrificar

algo no altar da segurança judicial. Vamos, Harry, se acalme.

A oficial falou aquelas palavras com uma mistura de sarcasmo e calma constatação. Harry apoiou a testa contra o vidro refrescante. Fazia outro daqueles atípicos e quentes dias de outubro. Perguntava-se onde Ellen aprendera, aquela jovem oficial de polícia de rosto pálido e bonito como o de uma boneca, de boca pequena e olhos redondos, a falar com tanto descaramento. Era uma boa moça que pertencia a uma família burguesa, segundo ela mesma confessava, mimada como a filha única que era, até o ponto de estudar em uma escola católica da Suíça, somente para meninas. Harry virou o pescoço para trás e respirou fundo ao mesmo tempo em que desabotoava um dos botões da camisa.

— Conte-me mais, sussurrou Ellen dando suaves palmadas, como marcando o passo.

— Nos círculos nazistas é conhecido como Batman.

— Perfeito. O taco de beisebol: “o homem do taco”.

— Não, não me refiro ao nazista, mas ao advogado.

— Ah, certo. Muito interessante. Quer dizer que é bonito, rico, encantador, que tem o ventre como uma tábua de passar roupa e um carro fantástico? Harry sorriu.

— Deveria ter seu próprio programa de televisão, Ellen. É porque ganha cada vez que aceita a defesa de um deles. Além disso, é casado.

— É esse o seu único ponto negativo?

— Não, também é que ele sempre nos ferra, disse Harry enquanto se servia de uma xícara do café trazido de casa que Ellen tinha na sala, desde o dia em que, há quase dez anos, começou a trabalhar ali. Com a consequência negativa de que Harry já não suportava a água suja normal.

— Chegará a juiz do Tribunal Supremo?

— Antes dos quarenta.

— Apostamos mil coroas?

— Fechado. Ambos brindaram com as suas xícaras e um sorriso nos lábios.

— Posso ficar com a Mojo? Perguntou Ellen.

— Nas páginas centrais encontrará fotografias de Freddy Mercury nas piores posturas imagináveis. De peito nu, com as mãos nos quadris e dentes salientes. Enfim, é toda sua.

— Eu gosto de Freddy Mercury. Ou melhor, gostava.

— Eu não disse que não gostava.

A desconjuntada cadeira azul, que, há muito tempo, havia sido colocada na posição mais baixa, emitiu um rangido de protesto quando Harry relaxou nela pensativo. Apanhou um papel amarelo em que Ellen havia anotado algo e grudado no telefone de

Harry.

— O que é isso?

— Não sabe ler? Møller quer vê-lo.

Harry atravessou diligente o corredor enquanto recriava em sua mente a boca apertada e as duas rugas de funda preocupação, que apareceriam na testa do seu chefe quando soubesse que uma vez mais Sverre Olsen ficaria livre. A jovem de faces rosadas que estava ante a fotocopidora levantou o olhar de repente e sorriu quando Harry passou à seu lado, mas ele não se preocupou em lhe devolver o sorriso. Deveria ser uma das novas administrativas. Seu perfume era tão intenso e doce que o encheu de irritação. Olhou para os ponteiros do relógio. Os perfumes começavam a irritá-lo; Enfim o que seria que estava lhe acontecendo? Ellen dizia que faltavam impulsos naturais, isso da gente voltar a se levantar quase sempre. Depois de retornar de Bangkok, se sentira tão para baixo que sopesou a possibilidade de renunciar a subir de novo à superfície. Tudo era frio e escuro e a impressão que tinha era de “se deixar cair”. Como se se encontrasse debaixo d’água, a muita profundidade. E sentia uma paz tão benfazeja... Quando a gente lhe falava, as palavras pareciam borbulhas de ar que surgiam de suas bocas para subir apressadas e desaparecer. “De modo que assim se sente alguém quando se afoga”, pensava, enquanto esperava. Mas nada aconteceu. Tão somente o vazio. Mas, havia se libertado. Graças a Ellen.

De fato, durante as primeiras semanas depois de sua volta para casa, foi ela quem o animou, quando ele começou a pensar que devia jogar a toalha e ir embora. E foi ela quem se ocupava de que não andasse pelos bares, quem recomendava que respirasse fundo quando chegava tarde ao trabalho e lhe dizia se estava ou não em condições de enfrentar a jornada. Quem o havia enviado para casa um par de vezes sem nunca reprová-lo em nada. Levava tempo, mas Harry não tinha nada urgente para fazer. E Ellen comentara satisfeita a primeira sexta-feira que ambos constataram que ele passara sóbrio toda a semana, sem interrupção.

Ao final, ele lhe perguntou sem rodeios por que uma mulher como ela, com o diploma da Escola Superior de Polícia, uma licenciatura em Direito às suas costas e com todo um futuro de possibilidades ante si, voluntariamente havia atado aquela pedra ao pescoço. Acaso ignorava que ele não poderia lhe dar nada positivo para a sua carreira? Ou tinha problemas para ter amigos normais, gente de êxito? Ela lhe dirigiu um olhar grave antes de responder que somente o fizera para tirar proveito de sua experiência, que ele era o melhor investigador criminal do grupo de delitos violentos. Aquilo eram apenas palavras, naturalmente, e, em que pese a tudo, ele se sentira lisonjeado ao ver que ela se atrevia a elogiá-lo. Além disso, Ellen colocava tanto entusiasmo e ambição em seu

trabalho de investigadora criminal que teria sido impossível não se contagiar. Nos últimos seis meses, Harry inclusive recomençara a fazer um bom trabalho. Em alguns casos, excelente. Como o que havia levado a cabo com Sverre Olsen. E ali estava, ante a porta de Møller. Harry fez um gesto de passada a um oficial de uniforme que fingiu não vê-lo.

Pensou que se participasse da **ILHA DOS FAMOSOS**, não precisariam mais de um dia para notar o seu carma negativo e mandá-lo para casa após a primeira reunião do conselho. Reunião do conselho? Deus santo! Começava a pensar nos termos que eram empregados nos programas de merda da TV3. Claro, era assim que alguém terminava quando passava cinco horas por dia na frente da televisão. O assunto era que, enquanto permanecesse fechado na ratoeira da Rua Sofie, não poderia estar sentado no restaurante Schrøder. Golpeou a porta por duas vezes, bem abaixo da placa onde estava gravado o nome de Bjarne Møller, JG.

— Entre! Harry deu uma olhada no relógio: 75 segundos.

* * *

O INSPETOR-CHEFE Bjarne Møller estava mais deitado do que sentado na cadeira e deixava sobressair as suas longas coxas por entre as pernas da mesa. Tinha as mãos cruzadas por trás da cabeça, claro exemplo do que os antigos estudiosos das raças chamavam “cabeça alongada”, e o auricular do telefone preso entre a orelha e o ombro. Usava o cabelo curto ao modo que Hole vira recentemente no penteado que Kevin Costner usara no filme **O GUARDA-COSTAS**. Møller não vira **O GUARDA-COSTAS**. Na realidade, estava há quinze anos sem ir ao cinema. De fato, o destino lhe dera demasiado senso de responsabilidade, uns dias demasiado curtos, dois garotos e de uma esposa que o entendiam somente pela metade.

— Bem, ficamos assim, afirmou Møller, concluindo a conversa antes de olhar para Harry, de quem o separava uma mesa inundada de documentos, cinzeiros transbordando e copos de papel. A fotografia de dois garotos pintados como índios marcava uma espécie de centro lógico em meio ao caos.

— Enfim! Você está aqui, Harry.

— Assim é, estou aqui, chefe.

— Venho do Ministério de Assuntos Exteriores, onde realizamos uma reunião sobre a cúpula que terá lugar em novembro aqui, em Oslo. Virá o presidente dos Estados Unidos e... Bem, você também lê os jornais, claro. Um café, Harry?

Møller havia se levantado e, com um par de passos de gigante, havia alcançado um armário sobre o qual havia um monte de papéis coroado por uma cafeteira elétrica cujo conteúdo havia adquirido uma consistência viscosa.

— Obrigado, chefe, mas... Mas já era demasiado tarde e Harry apanhou a xícara fumegante que o seu superior oferecia.

— Desejo especialmente receber a visita da gente do Serviço Secreto, com quem, estou convencido, terminaremos por entabular uma relação cordial à medida que os formos conhecendo.

Não havia o menor rastro de ironia nas palavras de Møller. E aquela era tão somente uma das qualidades que Harry valorizava em seu chefe. Møller encolheu os joelhos até

que bateram na parte inferior da mesa. Harry se inclinou para trás para alcançar o maço de Camel do bolso posterior da calça ao mesmo tempo em que, com gesto inquisitivo dirigido a Møller, levantava uma sobrancelha. Seu chefe concordou e estendeu um cinzeiro repleto de guimbas.

— Eu serei o responsável pela segurança nas rodovias desde a chegada até Gardermoen. Além do presidente, virá também Barak...

— Barak? Interrompeu Harry.

— Sim, Edhu Barak. O primeiro ministro israelense.

— Meu Deus! Acaso estão preparando um novo e flamejante acordo de Oslo? Møller olhava abatido a nuvem de fumaça violácea que subia até o teto.

— Não diga que não sabe, Harry, porque, nesse caso, minha preocupação com você será maior do que já é. A semana passada foi notícia de primeira página em todos os jornais. Harry encolheu os ombros.

— A informação da imprensa é pouco confiável. Dou mais valor à cultura geral. Uma séria desvantagem para a vida social. Com cautela, Harry deu outro gole no café, mas desistiu em seguida e o deixou sobre a mesa. — E para a vida amorosa, adicionou.

— Ah, sim? Møller olhou para Harry com expressão de não saber se se alegrava ou se horrorizava ante a afirmativa.

— Lógico. Para quem vai parecer sexy um homem de trinta que sabe da vida de todos os participantes de **SOBREVIVENTES**, mas que não conhece o nome de um só ministro? Nem o do presidente de Israel.

— É primeiro ministro, não presidente.

— Entende o que quero dizer?

Møller segurava a risada. Era muito propenso a rir. Como era propenso a sentir simpatia por aquele subordinado algo confuso, cujas grandes orelhas sobressaíam da calva como as vistosas asas de um passarinho. E isso, apesar de que Harry trouxera para Møller mais pesares que alegrias. Quando chegou ao Centro Nacional de Inteligência aprendeu logo em seguida que a regra número um para um funcionário público com pretensões de fazer carreira era cobrir as costas. Møller tossiu disposto a formular as delicadas perguntas que havia decidido fazer, embora com certo temor, e franziu o cenho para fazer ver a Harry que a preocupação era de natureza mais profissional que amistosa.

— Escutei que continua passando horas sentado no restaurante Schrøder, é verdade, Harry?

— Menos que nunca, chefe. Passam tantos bons programas pela televisão!

— Mas continua passando horas sentado ali, não?

— É que não gosto de ficar em pé.

— Voltou à bebida?

— O mínimo.

— Que mínimo?

— Se bebesse menos, me expulsariam dali. Nesta ocasião, Møller foi incapaz de conter a risada.

— Penso colocar três oficiais de ligação para proteger a estrada, explicou. — Cada um deles terá sob o seu comando dez homens de diversos distritos policiais em Akershus, além de um par de cadetes do último ano da Escola Superior de Polícia. Pensei em Tom Waaler...

Waaler. Racista, um filho da puta com exclusiva visão para o posto, que não demoraria a ser anunciado como vago na chefatura. Harry ouvira falar o suficiente do comportamento profissional de Waaler para saber que com ele se confirmavam todos os prejulgamentos que a gente tinha sobre a polícia, e alguns mais, salvo um: Waaler não era, por desgraça, um idiota. Os resultados que obtivera como investigador eram tão notáveis que inclusive Harry se vira obrigado a admitir que mereceria a inevitável promoção.

— ... Em Weber para...

— Esse velho grosseiro?

— ... E em você, Harry...

— Pode repetir?

— Ouviu bem. Harry fez um muxoxo. — Tem alguma objeção? Quis saber Møller.

— Claro que tenho alguma objeção.

— Por quê? Trata-se de uma espécie de missão honorável, Harry.

— Está certo de que é? Harry apagou o cigarro amassando-o com força irrefreável na montanha de cinza. — Não será somente mais um passo no processo de reabilitação?

— O que quer dizer? Bjarne Møller parecia magoado.

— Sei que, ignorando os bons conselhos, você se indispôs com mais de um, quando me trouxe de volta para o aconchego de casa depois de Bangkok. E estarei eternamente agradecido. Mas a que vem isso agora? Oficial de ligação? Soa como uma tentativa de demonstrar aos incrédulos que você tinha razão e que eles estavam errados. Que Hole está recuperado, que pode assumir responsabilidades e essas coisas.

— E daí? Bjarne Møller voltara a cruzar as mãos por trás da cabeça.

— E daí? Repetiu Harry. — É isso? Sou só mais uma peça? Møller suspirou com resignação.

— Harry, nós todos somos simples peças. Sempre existe uma agenda oculta. Esta missão não é pior que as outras. Faça um bom trabalho e nós dois tiraremos proveito. É tão complicado?

Harry respirou fundo disposto a dizer algo, parou, quis começar de novo, mas

desistiu. Estendeu a mão para o maço e apanhou outro cigarro.

— Não, é que me sinto como um fodido cavalo de corridas. E também que não estou em condições de assumir responsabilidades.

Harry deixou o cigarro entre os lábios, sem acendê-lo. Devia aquele favor a Møller, mas que aconteceria se o cagasse? Oficial de ligação. Já estava há muito tempo sem beber, mas tinha que andar com cuidado, ir passo a passo, merda! Não era essa a razão pela qual havia se convertido em investigador, para não trabalhar com subordinados? E com o mínimo de superiores, por certo. Harry mordeu o filtro do cigarro. Do corredor se ouviu a alguém falando junto à máquina de café, parecia Waaler. Depois, explodiu a risada refrescante de uma mulher. “A nova administrativa, seguramente”, pensou. Ainda tinha o aroma de seu perfume nas fossas nasais.

— Merda! Exclamou Harry. — Mer-da! Repetiu separando as duas sílabas, com o que o cigarro saltou duas vezes em sua boca.

Møller mantivera os olhos fechados durante a pausa que Harry tomara para a reflexão e agora os entreabriu, antes de perguntar:

— Devo interpretar como um sim?

Harry se levantou e saiu sem dizer nada.

* * *

Oito

*PEDÁGIO DE ALNABRU
1 de Novembro de 1999*

O PÁSSARO cinzento entrou planando no campo de visão de Harry para desaparecer em seguida. Posicionou o dedo no gatilho de sua Smith & Wesson, calibre 38, sem deixar de olhar fixamente para as costas estáticas que se viam através do vidro, sobre a mira. “A buzina, Ellen. Toca a maldita buzina, pode ser que se trate de um agente do Serviço Secreto”. Como as horas que, na noite de Natal, antecedia a chegada de Papai Noel. A primeira moto já estava à altura da cabine e o pisco já não era mais do que uma mancha negra nas imediações do seu campo de visão. O tempo que se passava na cadeira elétrica antes que conectassem a corrente...

Harry apertou o gatilho. Uma, duas, três vezes.

E, de repente, o tempo se acelerou com inusitada violência. Os vidros enfumaçados ficaram brancos antes de caírem em pedaços sobre o asfalto numa chuva de fragmentos de vidro, e Harry teve o tempo justo de ver desaparecer um braço sob a borda da cabine antes que o som sussurrante dos luxuosos carros americanos aparecesse para desaparecer em seguida.

Ficou olhando fixamente para a cabine. Um par de folhas amareladas que haviam se levantado em turbilhão na passagem do cortejo, voltaram a cair sobre a cobertura gramada. Ele continuava olhando a cabine. Voltara a reinar a calma e, por um instante, pensou simplesmente que se encontrava em uma estação de pedágio norueguesa normal, em um dia de outono normal e que ao fundo se via um posto de gasolina Esso normal. Inclusive o frio ar matutino cheirava como sempre: à folhas murchas e gasolina de carros. E continuou pensando: existia a possibilidade de que nada daquilo tivesse acontecido.

Seu olhar continuava fixo na cabine quando o tom de queixa e pertinaz da buzina do Volvo que estava às suas costas dividiu o dia em dois.

* * *

Parte 2

GÊNESIS

* * *

OS LAMPEJOS iluminavam o céu da noite, tão cinza que parecia uma lona suja estendida sobre a paisagem desolada que os rodeava. Podia ser que os russos tivesse iniciado uma ofensiva, podia ser que somente quisessem fazê-los acreditar que essas coisas nunca se saberia até acontecer.

Gudbrand estava deitado sobre a borda da trincheira, com ambas as pernas dobradas sob o corpo, agarrado ao fuzil com as duas mãos e escutando os surdos estrondos longínquos, enquanto via as faíscas que caíam lentamente. Sabia que não deveria olhá-las, pois poderiam produzir cegueira noturna e impedi-lo assim de ver os franco-atiradores russos que deslizavam na neve por ali, na terra de ninguém. Mais de qualquer maneira não os poderia ver, nunca vira algum, somente havia disparado por indicação dos outros. Como agora.

— Lá!

Era Daniel Gudeson, o único rapaz da cidade do pelotão. Os outros vinham de lugares que terminavam em “-dal”, quer dizer, vale. Uns eram vales largos, outros eram profundos, sombrios e pouco povoados, como o lugar de onde viera Gudbrand. Mas Daniel não. Não Daniel Gudeson, com sua testa alta e limpa, seus brilhantes olhos azuis e o seu sorriso branco. Daniel parecia recortado de um dos cartazes de recrutamento. Vinha de um lugar bonito.

— As duas, à esquerda do matagal, disse Daniel.

— Matagal?

Não se via um só matinho naquela paisagem bombardeada. Mas, pelo que parecia havia um matagal, já que os demais começaram a disparar. Pum, pum, pum. Cada bala corria como um vaga-lume descrevendo uma parábola. Um rastro de fogo. A bala saía disparada para a escuridão, mas, de repente, parecia se cansar, porque a velocidade diminuía e aterrissava suavemente em algum lugar lá fora. Ou ao menos essa era a sensação que dava. Gudbrand pensava que era impossível que uma bala tão lenta pudesse matar alguém.

— Escapou! Ouviu-se gritar uma voz em tom amargo e cheio de ódio.

Era Sindre Fauke. Seu rosto quase não se distinguia do uniforme de camuflagem, e os olhos pequenos e muito juntos olhavam fixamente à escuridão. Vinha de uma fazenda perdida no final do vale de Gudbrandsdalen, provavelmente um lugar aonde nunca chegava o sol, porque tinha o rosto muito pálido. Gudbrand não sabia por que havia se alistado para lutar na frente, mas ouvira que seus pais e seus dois irmãos eram membros da União Nacional, que usavam um bracelete e que delatavam os vizinhos pela simples suspeita de serem patriotas normais. Daniel falou que algum dia provariam o chicote, os delatores e aqueles que aproveitaram a guerra para obter vantagens.

— Não, disse Daniel em voz baixa, com a face contra a culatra. — Nenhum bolchevique fodido vai escapar.

— Ele sabe que o vimos, disse Sindre. — Pensa em entrar num buraco.

— Nem pensar, disse Daniel apontando a arma. Gudbrand olhou fixamente à escuridão esbranquiçada. Neve branca, trajes de camuflagem brancos, lampejos brancos. O céu se iluminou outra vez. Todo o tipo de sombras corria pela neve endurecida. Gudbrand voltou a olhar para cima. Claridades amarelas e vermelhas sobre o fundo do horizonte, seguidos de várias detonações longínquas. Era tão irreal como no cinema, com a diferença de que estavam a trinta graus abaixo de zero, e não havia ninguém a quem abraçar. Seria realmente uma ofensiva desta vez?

— Muito lento, Gudeson, desapareceu. Sindre cuspiu na neve.

— Que vá! Disse Daniel, em voz mais baixa ainda, e apontou. Já quase não saía respiração da sua boca.

Então, de repente, se ouviu um agudo silvo, um grito de advertência, e Gudbrand se jogou no fundo gelado da trincheira com as mãos sobre a cabeça. A terra tremeu. Choveram pedaços de terra marrons congelados, e uma bateu no capacete de Gudbrand, que escorregou lhe tapando os olhos. Esperou até estar certo de que não cairia mais nada do céu e voltou a ajustar o capacete. Reinava o silêncio e uma fina nuvem de partículas de neve se agarrara ao seu rosto. Dizem que nunca se ouve a granada que o alcança, mas Gudbrand vira o resultado do silvo de suficientes granadas para saber que não era verdade. Um fulgor iluminou a trincheira e ele olhou para os rostos pálidos dos outros, e para as suas sombras, que pareciam se aproximar encurvadas, engatinhando agarradas às paredes da trincheira enquanto desaparecia a luz. Mas onde estava Daniel? Daniel!

— Daniel!

— Peguei-o, disse Daniel, ainda deitado acima, na borda da trincheira. Gudbrand não poderia acreditar no que ouvia.

— O que disse? Daniel deslizou para dentro da trincheira, sacudindo neve e pedaços

de terra. E deu um amplo sorriso.

— Nenhum russo de merda vai matar a nosso guarda esta noite. Cravou os tacões na borda da trincheira para não resvalar pelo gelo.

— Merda Gudeson, disse Sindre. — Vi como o russo desapareceu dentro do buraco.

Seus pequenos olhos saltavam de um a outro como para perguntar se algum deles acreditava na fanfarronada de Daniel.

— Certo, disse Daniel. — Mas dentro de duas horas será dia e ele sabia que tinha de sair de lá antes.

— Lá isso é verdade, e tentou demasiado cedo, disse Gudbrand rapidamente. — Saiu pelo outro lado. Não é verdade, Daniel?

— Cedo ou não, sorriu Daniel, — De qualquer maneira eu o peguei.

— Fecha essa boca, Gudeson, bufou Sindre. Daniel encolheu os ombros, verificou a recâmara e voltou a carregá-la. Deu a volta, pendurou o fuzil ao ombro, encaixou a bota na parede congelada e começou a pular outra vez pela borda da trincheira.

— Dê-me a sua pá, Gudbrand.

Daniel lhe deu a pá e se levantou. Com o uniforme branco de inverno Daniel recortava uma silhueta no céu negro e os fulgores pareciam suspensos como uma auréola por cima de sua cabeça. “Parece um anjo”, pensou Gudbrand.

— Que merda está fazendo? Quem gritava era Edvard Mosken, o chefe do pelotão.

Esse rapaz viera do vale de Mjøndalen. Rara vez levantava a voz aos veteranos do grupo, como Daniel, Sindre e Gudbrand. Normalmente, eram os recém-chegados que levavam as broncas quando cometiam algum erro. E essas broncas haviam salvado a vida de muitos deles. Agora, Edvard Mosken olhava fixamente para Daniel com seu olho sempre aberto. Nunca o fechava, nem quando dormia e isso o próprio Gudbrand já vira.

— Ponte a coberto, Gudeson! Gritou o chefe do pelotão.

Mas Daniel sorriu e não demorou nem um segundo em desaparecer; sobre eles não ficou mais do que o vapor de sua boca suspenso durante um instante. Então, o brilho desapareceu por trás do horizonte e outra vez se fez a escuridão.

— Gudeson! Gritou Edvard enquanto escalava até a borda. — Merda!

— Está vendo-o? Perguntou Gudbrand.

— Nem rastro.

— Para que queria a pá? Perguntou Sindre olhando para Gudbrand.

— Não sei.

Gudbrand não gostava de ver este olhar penetrante de Sindre, pois se lembrava de outro agricultor que estivera ali. Ficara louco, mijara nos sapatos uma noite antes de fazer a guarda e depois tiveram que lhe amputar todos os dedos dos pés. Mas agora estava na Noruega, e não ficara tão louco depois de tudo. Em qualquer caso, tinha o mesmo olhar penetrante.

— Pode ser que quisesse somente dar uma volta na terra de ninguém, disse Gudbrand.

— Já sei o que tem do outro lado do muro, somente perguntei o que é que foi fazer ali.

— A granada bateu na cabeça dele, disse Hallgrin Dale. — Quem sabe ficou maluco.

Hallgrin Dale era o mais jovem do pelotão, tinha somente dezoito anos. Ninguém sabia exatamente por que se havia alistado. “Afã de aventuras”, Gudbrand achava. Dale afirmava que sentia admiração por Hitler, mas que não tinha nenhuma ideia sobre política. Daniel acreditava que Dale quisesse fugir de uma jovem grávida.

— Se o russo estiver vivo, Gudeson receberá um tiro antes de percorrer cinquenta metros, disse Edvard Mosken.

— Daniel o acertou, sussurrou Gudbrand.

— Nesse caso, um dos outros dará um tiro em Gudeson, disse Edvard, colocando a mão por dentro do casaco camuflado e apanhando um fino cigarro. — Têm muitos esta noite.

Ele manteve a mão escondida em concha enquanto friccionava o palito com força contra a caixa molhada. Ao conseguir fogo na segunda tentativa, Edvard acendeu o cigarro, deu uma tragada e passou rapidamente ao companheiro que estava ao lado. Ninguém falou nada, pareciam ensimesmados. Mas Gudbrand sabia que, como ele, estavam alerta. Passaram dez minutos sem que ouvissem algo.

— Parece que vão bombardear o lago Ladoga com os aviões, disse Hallgrin Dale.

Todos haviam ouvido os rumores sobre os russos que escaparam de Leningrado cruzando o gelo do lago Ladoga. Mas o pior era que o gelo também permitiria que o general Tsjukov conseguisse provisões para a cidade sitiada.

— Parece que lá dentro estão morrendo de fome nas ruas, disse Dale, apontando com a cabeça até o este.

Mas Gudbrand ouvia isso desde que chegara, há quase um ano, mas o inimigo ainda continuava ali fora dando tiros quando se colocava a cabeça por cima da borda da trincheira. No inverno anterior chegavam às suas trincheiras, todos os dias, com as mãos atrás da cabeça, desertores que já estavam fartos e optavam por mudar de lado em troca de um pouco de comida e algo de calor. Mas já não vinham tão a miúdo, e os dois desgraçados com os olhos fundos que Gudbrand vira na semana anterior, os olharam incrédulos quando viram que eles estavam igualmente desnutridos.

— Vinte minutos. Não voltou, disse Sindre. — Está morto. Como um arenque na salmoura.

— Feche a boca!

Gudbrand deu um passo até Sindre, que se firmou em seguida. Contudo, apesar de que Sindre fosse maior, por no mínimo uma cabeça, era evidente que tinha muito pouca vontade de brigar. Provavelmente se lembrava do russo que Gudbrand havia matado há uns meses. Quem poderia pensar que o bom e precavido Gudbrand fosse capaz de tal selvageria? O russo havia entrado na trincheira sem ser visto, entre dois postos de vigília, e matou todos os que dormiam nos dois bunkers mais próximos, um de holandeses e outro de australianos, antes de entrar no dele. As pulgas os salvaram.

Havia pulgas por todos os lados, mas principalmente nas áreas mais quentes, como debaixo dos braços, debaixo do cinto, na entreperna e ao redor dos tornozelos. Gudbrand era o que dormia mais próximo da porta, não conseguia conciliar o sono por causa das picadas que tinha nas panturrilhas, chagas que poderiam ser do tamanho de uma moeda de cinco öre e ao redor de cuja borda as pulgas se amontoavam para se encher de sangue. Gudbrand havia sacado a baioneta numa frustrada tentativa de se livrar das pulgas, quando o russo apareceu na porta para começar a atirar. Gudbrand somente vislumbrou a silhueta, mas em seguida compreendeu que se tratava do inimigo, quando viu o contorno de um rifle Mosi-Nagant. Com a única ajuda da baioneta, Gudbrand acertou o russo com tal eficácia e tantas vezes que ele era só sangue quando mais tarde o jogaram na neve.

— Calma, rapazes, disse Edvard levando a Gudbrand para um lado. — Deveria dormir um pouco, Gudbrand, só há uma hora que o renderam.

— Vou sair para ver se o vejo, disse Gudbrand.

— Não, não fará tal coisa! Gritou Edvard.

— Mas eu...

— É uma ordem! Edvard segurou-o pelo o ombro. Gudbrand tentou se safar, mas o chefe do pelotão não o soltou. A voz de Gudbrand ficou trêmula de desespero:

— Pode ser que esteja ferido! Edvard lhe deu umas palmadinhas no ombro.

— Rapidamente será dia, constatou. — Então poderemos descobrir o que aconteceu.

Olhou para os outros homens que haviam seguido o incidente em silêncio. Começaram a chutar a neve outra vez e a falar em voz baixa entre eles. Gudbrand viu como Edvard se aproximava de Hallgrin Dale e lhe sussurrava ao ouvido. Dale escutou e olhou de soslaio para Gudbrand, que sabia perfeitamente o que dizia. Havia ordem para vigiá-lo. Há tempos que circulava um rumor de que ele e Daniel eram algo mais que bons amigos. E que não eram de fiar. Mosken havia lhes perguntado diretamente se tinham planejado desertarem juntos. Eles negaram, é claro, mas agora Mosken pensava que Daniel tinha aproveitado a ocasião para escapar. E que Gudbrand ia “buscar” o amigo como parte do plano para chegarem ao outro lado juntos. Gudbrand tinha vontade de rir. Certo que era agradável sonhar com as doces promessas de comida, calor e mulheres que os alto-falantes russos emitiam sobre o árido campo de batalha em um alemão claudicante, mas iam acreditar?

— Quer apostar que voltará? Propôs Sindre. — Três rações de comida, o que diz?

Gudbrand esticou o braço para baixo para ter certeza de que levava a baioneta pendurada do cinto, debaixo do uniforme de camuflagem.

— Nicht schiessen, bitte! (Não disparem, por favor! (alemão))

Gudbrand se virou e ali, bem por cima dele, viu um rosto avermelhado sob um gorro de uniforme russo, que lhe sorria da borda da trincheira. O sujeito saltou da borda e aterrissou sobre o gelo ao estilo de Telemark.

— Daniel! Gritou Gudbrand.

— Alô! Disse Daniel levantando o gorro do uniforme. — Dobry vetsjer (Boa Noite. (holandês)).

Os homens olhavam-no petrificados.

— Edvard, gritou Daniel. — Deveria chamar a atenção desses holandeses. Têm no mínimo cinquenta metros entre os postos de escuta. Edvard estava tão calado e impressionado como os outros.

— Enterrou o russo, Daniel? O rosto de Gudbrand brilhava de pura excitação.

— Enterrá-lo? Disse Daniel. — Até rezei o pai nosso e cantei uma canção. São duros de ouvido? Estou certo de que ouviram até do outro lado.

Saltou para a borda da trincheira, se sentou, levantou as mãos e começou a cantar com voz cálida e grave:

— Nosso Deus é firme como uma fortaleza... Os homens gritavam de alegria. E Gudbrand ria tanto que saltaram lágrimas.

— É um diabo, Daniel! Exclamou Dale.

— Daniel não. Chame-me... Daniel retirou o gorro do uniforme russo e leu no interior do forro, — Chame-me Urias. Caramba, também sabia escrever. Bom, de qualquer maneira, era um bolchevique. Saltou da borda e olhou ao seu redor.

— Ninguém tem nada contra um bom nome judeu?

Houve um momento de silêncio antes que explodissem as risadas. E os primeiros homens se aproximaram para dar em Urias umas palmadinhas nas costas.

* * *

FAZIA FRIO no posto de guarda das metralhadoras. Gudbrand usava toda a roupa que tinha, mas ainda assim tiritava e havia perdido a sensibilidade nos dedos dos pés e mãos. O pior eram as pernas. Envolvera-as em trapos para os pés, mas não fora de grande ajuda. Olhava fixamente a escuridão. Não tinham ouvido nada de Ivan naquela noite, talvez estivesse festejando o Fim de Ano. Quem sabe estivesse saboreando uma succulenta comida. Cordeiro com repolho ou carne defumada. Gudbrand sabia perfeitamente que os russos não tinham carne, mas ele não conseguia para de pensar em comida. Para eles não haviam dado outra coisa a não ser a ração habitual de pão e lentilhas. O pão tinha uma cor esverdeada, mas já haviam se acostumado. E se estivesse mofado, se desfazendo, colocavam-no na sopa.

- Pelo menos no Natal nos deram uma salsicha, disse Gudbrand.
- Cale-se! Respondeu Daniel.
- Esta noite não tem ninguém lá fora, Daniel. Estão comendo...
- Não comece outra vez com o tema da comida. Não se mexa e fique atento.
- Pois eu não vejo nada, Daniel. Nada.

Acocoraram-se um ao lado do outro, mantendo as cabeças baixas. Daniel usava o gorro do militar russo. O capacete de aço com a insígnia da Waffen-SS estava ao seu lado. Gudbrand entendia porquê. Havia na forma do capacete algo que fazia com que o vento gelado e constante que passava por debaixo do canto dianteiro, produzisse no interior um som contínuo e enervante que atrapalhava quando se estava em um posto de escuta.

- Que aconteceu com a sua vista? Perguntou Daniel.
- Nada. Minha visão noturna não é muito boa.
- Isso é tudo?
- E também sou um pouco daltônico.
- Um pouco daltônico?
- Os vermelhos e os verdes. Não consigo distingui-los, não sei como, as cores se misturam. Por exemplo, quando fomos ao bosque apanhar amoras vermelhas para o assado do domingo, eu não as via...
- Mandei que não falasse mais de comida!

Ficaram calados. Ao longe se ouviu uma rajada de metralhadora. O termômetro marcava vinte e cinco graus abaixo de zero. O ano passado chegara a quarenta e cinco abaixo de zero, em várias noites seguidas. Gudbrand se consolava pensando em que as pulgas paralisavam com esse frio e que não começaria a sentir a necessidade de se coçar até que terminasse o turno e se enfiasse debaixo da manta no beliche. Mas aqueles bichos aguentavam o frio melhor do que ele. Uma vez fez uma experiência; deixou a camiseta lá fora, na neve, durante três dias seguidos. Quando apanhou a camiseta, estava dura como um iceberg, mas quando a colocou diante da estufa, a vida voltou a despertar em suas costuras e jogou-a no fogo, de puro asco. Daniel tossiu:

— Por certo, como comiam este assado dos domingos? Gudbrand não se fez de rogado:

— Primero meu pai cortava o assado, solenemente, como um padre, enquanto nós, os garotos, o observávamos sentados e imóveis. Depois minha mãe colocava duas fatias em cada prato e as cobria com um molho marrom tão espesso que era preciso retirar logo para que não congelasse tudo. E era acompanhado com muitas couves de Bruxelas, frescas e crocantes. Deveria colocar o capacete, Daniel, senão pode receber uma rajada na cabeça.

— Ou uma granada. Continue. Gudbrand fechou os olhos e começou a sorrir.

— De sobremesa creme de ameixas. Ou torta de chocolate. Não era uma sobremesa comum, era algo que minha mãe aprendera no Brooklyn.

Daniel cuspiu na neve. Normalmente, os turnos no inverno eram de uma hora, mas tanto Sindre Fauke como Hallgrin Dale estavam de cama com febre, e Edvard Mosken, o chefe do pelotão, havia decidido aumentá-los para duas horas até que pudesse contar com todos. Daniel colocou a mão no ombro de Gudbrand.

— Uma raposa, disse.

Era incrível, mas até naquele lugar, onde cada metro quadrado havia sido bombardeado e as minas estavam mais incrustadas do que os paralelepípedos da Rua Karl Johan, havia vida animal. Não muita, mas viram lebres e raposas. E algum que outro furão. Claro, eles tentavam caçar o que viam, tudo era bem recebido na panela. Mas desde o dia em que os russos deram um tiro num alemão quando caçava uma lebre, os comandantes passaram a dizer que os russos soltavam lebres diante de suas trincheiras para fazê-los sair para a terra de ninguém. Pensar que os russos iam prescindir voluntariamente de uma lebre! Gudbrand passou a mão pelos lábios doloridos e olhou o relógio. Faltava uma hora para a troca de guarda. Suspeitava que Sindre tivesse colocado tabaco no ânus para provocar a febre, seria bem capaz disso.

— Por que voltou dos Estados Unidos? Perguntou Daniel.

— A queda da Bolsa. Meu pai perdeu o emprego no estaleiro.

— Pois é, disse Daniel. — Assim é o capitalismo. A gente humilde trabalha duro enquanto os ricos continuam engordando, corram bons ou maus tempos.

— Bom, assim são as coisas.

— Sim, até agora foi assim, mas mudará. Quando ganharmos a guerra, Hitler terá uma pequena surpresa reservada para essa gente. E o seu pai não terá que se preocupar por perder o trabalho. Você deveria entrar para a União Nacional.

— Acredita em tudo isso de verdade?

— Você não? Gudbrand não gostava de contradizer Daniel, assim tentou se limitar a encolher os ombros, mas Daniel repetiu a pergunta.

— Claro que acredito, disse Gudbrand. — Mas, antes de tudo, acredito na Noruega. E confio em que não metam os bolcheviques no país. Se o fizerem, nós voltaremos para a América.

— Para um país capitalista? A voz de Daniel ficou mais incisiva. — Uma democracia nas mãos dos ricos, abandonada ao azar e com governantes corruptos?

— Melhor isso do que o comunismo.

— As democracias estão acabadas, Gudbrand. Olhe a Europa. Inglaterra e França estavam a ponto de afundar muito antes do começo da guerra, com desemprego e exploração por todos os lados. Só existem duas pessoas muito fortes para evitar o caos agora: Hitler e Stálin. Essas são as opções que nós temos. Um povo irmão, ou os bárbaros. Quase não existe alguém na Noruega que tenha compreendido a sorte que nós tivemos que os alemães fossem os primeiros a chegar e não os assassinos de Stalin. Gudbrand concordou. Não somente pelo que Daniel dizia, mas também pelo modo como o dizia, com aquele grau de convicção.

De repente, tudo explodiu e o céu se inundou de um resplendor branco, o declive se abriu em dois e os lampejos amarelos se tornaram marrons e brancos pela mistura de terra e neve que parecia se levantar do chão por si mesma cada vez que caía uma granada. Gudbrand estava no fundo da trincheira com as mãos sobre a cabeça quando o ataque terminou, tão rápido como começou. Levantou a cabeça e, na borda, por trás da submetralhadora, viu Daniel estendido no chão morrendo de rir.

— Mas o que está fazendo? Gritou Gudbrand. — Toque a sirene, ponha em alerta todos os homens! Mas Daniel continuava rindo ainda mais.

— Meu querido amigo, gritou, com lágrimas nos olhos. — Feliz Ano Novo!

Daniel apontou o relógio e Gudbrand começou a compreender. Era óbvio que Daniel sabia que se ouviria a salva de Ano Novo dos russos, pois, já mais tranquilo,

colocou a mão na neve que estava amontoada em frente do posto de guarda para ocultar à metralhadora.

— Conhaque! Gritou levantando triunfante uma garrafa com um pouquinho de líquido marrom. — Estou há mais de três meses guardando. Tome. Gudbrand se ajoelhou e olhou rindo para Daniel, que já estava de pé.

— Você primeiro! Gritou Gudbrand.

— Verdade?

— Totalmente, meu amigo. Mas não beba tudo! Daniel puxou a rolha, fazendo-o saltar da garrafa, e a emborcou. — Por Leningrado! Na primavera, poderemos brindar no Palácio de Inverno, disse retirando o gorro do uniforme russo. — E neste verão, estaremos em casa e seremos tratados como heróis em nossa querida Noruega.

Aproximou a garrafa dos lábios e jogou a cabeça para trás enquanto o líquido marrom descia aos borbotões. A luz dos lampejos que desciam lentamente se refletia no vidro e, durante os anos seguintes, Gudbrand se perguntaria uma e outra vez se não seria aquilo o que viu o franco-atirador russo: os lampejos de luz na garrafa. Um minuto depois, Gudbrand ouviu um som breve e surdo e a garrafa explodiu na mão de Daniel. Choveram pedaços de vidro e gotas de conhaque e Gudbrand fechou os olhos instintivamente. Notou que o rosto se molhava, algo fluía pelas faces e, em num ato reflexo, esticou a língua e apanhou umas gotas. Não sabia praticamente a nada, somente a álcool e a algo mais, algo doce e metálico. Era viscoso, “Com certeza devido ao frio”, pensou Gudbrand abrindo os olhos. Não conseguiu ver Daniel na borda da trincheira. “Agachara-se atrás da submetralhadora quando compreendeu que nos viram”, pensou Gudbrand. Mas em seguida notou que o coração acelerava.

— Daniel! Nenhuma resposta. — Daniel!

Gudbrand se levantou e engatinhou até a borda. Daniel estava deitado de costas com a cartucheira debaixo da cabeça e gorro do uniforme sobre o rosto. A neve estava regada de sangue e conhaque. Gudbrand retirou o gorro. Daniel olhava o céu estrelado fixamente com os olhos muito abertos. Tinha um buraco grande e negro aberto no meio da testa. Gudbrand ainda conservava o sabor doce e metálico na boca e sentiu náuseas.

— Daniel. Foi só um sussurro que escapou de entre seus lábios ressecados. Pensou que Daniel parecia um garoto pequeno que ia desenhar anjos na neve, mas que, de repente, tivesse adormecido. Deixou escapar um soluço e começou a girar a manivela da sirena, e enquanto os lampejos caíam lentamente, o lamento penetrante da sirene se elevou até o céu. “Não era assim que deveria terminar”, foi o que conseguiu pensar Gudbrand.

Uuuuuuuu-uuuuuuu!

Edvard e os outros já haviam saído e estavam atrás dele. Alguém gritou o seu nome, mas Gudbrand não ouvia, simplesmente dava voltas e mais voltas na manivela. No final, Edvard se aproximou e a parou com a mão. Gudbrand soltou-a sem se voltar e ficou olhando fixamente para a borda da trincheira e para o céu, enquanto as lágrimas se congelavam nas faces. O canto da sirene diminui até se perder.

— Não era assim que deveria terminar, sussurrou.

* * *

LENINGRADO
1 de Janeiro de 1943

QUANDO levaram Daniel, tinha vidros de neve debaixo do nariz, na comissura dos olhos e dos lábios. Muitas vezes os deixavam até que estivessem totalmente duros, porque eram mais fáceis de transportar. Mas Daniel atrapalhava a passagem dos que tinham de manejar a metralhadora, assim dois homens o arrastaram até uma saliência da trincheira, uns metros mais para lá, onde o deixaram sobre duas caixas de munição vazias que haviam guardado para fazer fogo. Hallgrin Dale colocara um saco de lenha na cabeça dele para evitar que vissem a máscara da morte e sua desagradável expressão. Edvard ligara para o setor norte e havia explicado onde se encontrava Daniel. Prometeram que enviariam dois coveiros durante a noite. Então o chefe do pelotão ordenou a Sindre que levantasse da cama e se encarregasse do resto do turno junto com Gudbrand. A primeira coisa que tinham a fazer era limpar o fuzil manchado.

— Bombardearam Colônia, disse Sindre.

Estavam deitados um junto do outro na borda da trincheira, no estreito buraco de onde poderiam observar a terra de ninguém. Gudbrand se deu conta de que não gostava de estar tão próximo de Sindre.

— E Estalingrado que vá à merda, continuou.

Gudbrand não sentia o frio, como se tivesse o corpo e a cabeça recheados de algodão, como se mais nada lhe afetasse. Tudo o que sentia era o metal gelado que lhe queimava o corpo e os dedos entumecidos que não queriam obedecer. Tentou outra vez. A culatra e o mecanismo do gatilho da submetralhadora já estavam na manta de lã que havia ao seu lado, na neve, mas o pior era afrouxar o ferrolho. Em Sennheim haviam treinado para montar e desmontar a metralhadora com os olhos vendados. Sennheim, na bela e quente Alsácia alemã. Mas quando não podia sentir os dedos, era diferente.

— Não ouviu o que eu disse? Disse Sindre. — Os russos vão nos pegar, como pegaram Gudeson.

Gudbrand se lembrava do capitão alemão da Wehrmacht que tanto havia rido

quando Sindre lhe contou que vinha de uma fazenda nas cercanias de um lugar chamado Toten. “Toten? Wie im Totenreich? (Morto? Como no reino dos mortos?)”, dissera entre risadas. O ferrolho escapou de novo.

— Merda! Exclamou Gudbrand tremendo de frio. — É todo esse sangue, faz com que congelem as peças.

Retirou as luvas, colocou a boca da pequena garrafa de lubrificante no ferrolho e apertou. O frio transformara o líquido em viscoso e espesso, mas sabia que o óleo dissolveria o sangue. Quando inflamara o ouvido, havia utilizado azeite. Sindre se inclinou de repente até Gudbrand e raspou uma das balas com a unha.

— Caramba por Deus, disse. Olhou para Gudbrand e sorriu mostrando os dentes, feios por causa de umas manchas marrons. Seu rosto pálido e sem barbear estava tão próximo que Gudbrand poderia sentir o alento podre que todos tinham depois de ficar ali um tempo. Sindre afastou o dedo. — Quem imaginaria que Daniel tivesse tanto miolo? Gudbrand se voltou. Sindre escrutava a ponta do dedo. — Mas não o utilizava muito, continuou. — Porque, se o fizesse, não teria voltado da terra de ninguém naquela noite. Os ouvi conversar de ir para o outro lado. Sim, vocês eram bons... Muito bons amigos, os dois.

No princípio, Gudbrand não o ouvia, as palavras pareciam vir de muito longe. Mas depois lhe chegou o eco e, de repente, sentiu que em seu corpo voltava a entrar em calor. — Os alemães nunca permitirão que nos retiremos, disse Sindre. — Vamos morrer aqui, como bastardos. Soube que os bolcheviques não são tão duros como Hitler com gente como você e Daniel. Se tiver contatos, quero dizer. Gudbrand não respondeu. Sentia que o calor chegava até a ponta dos dedos.

— Pensamos em partir esta noite, disse Sindre. — Hallgrin Dale e eu. Antes que seja demasiado tarde. Virou-se e olhou para Gudbrand. — Não coloque essa cara de susto, Johansen, disse sorridente. — Por que acha que dissemos que estávamos doentes? Gudbrand encolheu os dedos dos pés nas botas. Realmente, podia senti-los. Era uma sensação quente e agradável. Também sentia outra coisa. — Quer nos acompanhar, Johansen? Perguntou Sindre. As pulgas! Tinha calor, mas não sentia as pulgas! Até o zumbido do interior do capacete havia cessado.

— Então foi você quem espalhou esses rumores, disse Gudbrand.

— Que rumores?

— Daniel e eu falávamos de ir para a América, não de passarmos para o lado russo. E não agora, mas depois da guerra. Sindre encolheu os ombros, olhou o relógio e ficou de joelhos. — Se tentar lhe dou um tiro, disse Gudbrand.

— Com o quê? Perguntou Sindre, fazendo um gesto até as peças da arma que estavam sobre a manta. Os rifles estavam no habitáculo e ambos sabiam que Gudbrand não teria tempo de ir e voltar antes que Sindre tivesse desaparecido. — Fique aqui e morra se quiser Johansen. Falarei com Dale para me seguir.

Gudbrand colocou a mão por dentro do uniforme e apanhou a baioneta. A luz da lua brilhou na folha fosca de aço. Sindre negou com um gesto.

— Você, Gudeson e os homens como vocês são uns sonhadores. É melhor que guarde a faca e venha conosco. Os russos receberão novas provisões pelo lago Ladoga dentro de pouco tempo. Carne fresca.

— Não sou um traidor, disse Gudbrand. Sindre se levantou.

— Se tentar me matar com essa baioneta o posto de escuta dos holandeses nos ouvirá e darão o alarme. Usa a cabeça. Em quem dos dois acreditarão que tentava impedir que o outro fugisse? Você, quando já correram rumores de que planejava fugir, ou eu, que sou membro do partido?

— Sente-se, Sindre Fauke. Sindre riu.

— Você não é um assassino, Gudbrand. Vou-me embora; agora. Dê-me cinquenta metros antes de dar o alarme, assim não poderão acusá-lo de nada.

Olharam-se um ao outro. Uns flocos de neve ligeiros e diminutos começaram a cair entre os dois homens. Sindre sorriu:

— Luz de lua e neve ao mesmo tempo, não se vê muito a miúdo, não é?

* * *

Doze

LENINGRADO
2 de Janeiro de 1943

A TRINCHEIRA onde se achavam os quatro homens estava situada à dois quilômetros ao norte do seu próprio pelotão, justo onde as trincheiras serpenteavam para trás formando algo parecido a um laço. O homem que tinha o grau de capitão estava de pé diante de Gudbrand chutando a terra. Nevava e, em cima do gorro do oficial, havia se acumulado uma fina capa branca. Edvard Mosken olhava para Gudbrand junto do capitão, com um olho muito aberto e o outro meio fechado.

— So, disse o capitão. — Er ist hinüber zu den Russen geflohen? *

— Ja, afirmou Gudbrand.

— Warum?

— Das weis ich nicht.

(— *Então, fugiu para o lado russo? (alemão)**

— *Sim.*

— *Por quê?*

— *Não sei.*)

O capitão olhava para o céu, passava a língua pelos dentes e chutava a terra. Fez um gesto afirmativo com a cabeça, murmurou umas palavras ao seu Rottenführer, o cabo alemão que estava com ele, e fizeram a continência militar. A neve rangia debaixo de seus pés enquanto se afastavam.

— Então ele fugiu, disse Edvard, que continuava olhando para Gudbrand.

— Sim, disse Gudbrand.

— Não foi uma investigação muito exaustiva.

— Não.

— Quem diria. O olho muito aberto continuava fixo em Gudbrand.

— Aqui os homens desertam constantemente, disse Gudbrand. — Não podemos investigar a todos os que...

— Quero dizer, quem ia pensar tal coisa de Sindre. Que seria capaz de algo assim.

— Sim, quem ia dizer, admitiu Gudbrand.

— E de uma forma tão pouco astuta. Tão somente se levantar e começar a correr.

— Sim.

— Que pena a metralhadora! A voz de Edvard denotava um frio sarcasmo.

— Sim.

— E tampouco teve tempo de alertar os guardas holandeses.

— Gritei, mas já era tarde. E estava escuro.

— Havia lua, observou Edvard. Olharam-se fixamente. — Sabe o que eu acho?
Disse Edvard.

— Não.

— Sim, você sabe, eu vejo. Por quê, Gudbrand?

— Eu não ia matá-lo. Gudbrand tinha o olhar fixo no olho de ciclope de Edvard.

— Tentei conversar. Não quis me escutar. Saiu correndo. O que eu poderia fazer?

Ambos respiravam pesadamente, inclinados um para o outro, expostos a um vento que não demorava em levar o vapor que surgia em suas bocas.

— Lembro-me da última vez que colocou essa cara, Gudbrand. Foi na noite em que matou aquele russo.

Gudbrand encolheu os ombros. Edvard pousou uma mão gelada sobre o seu braço.

— Escute. Sindre nunca foi um bom soldado. Provavelmente, tampouco seja boa pessoa. Mas não somos imorais e devemos tentar manter certa dignidade no meio de tudo isso, entende?

— Já posso ir?

Edvard olhou para Gudbrand. Os rumores de que Hitler já não estava ganhando em todas as frentes haviam começado a chegar até eles. Ainda assim, o fluxo de voluntários noruegueses continuava aumentando, e Daniel e Sindre já haviam sido substituídos por dois rapazes de Tynset. Rostos sempre novos e jovens. Alguns permaneciam na memória, outros seriam esquecidos logo que desaparecessem. Daniel era um dos que Edvard lembraria, sabia disso. Como também sabia que, em pouco tempo, o rosto de Sindre teria se apagado de sua memória. O pequeno Edvard faria dois anos dentro de uns dias. Decidiu não pensar nisso.

— Sim, pode ir. Falou. — E mantenha a cabeça baixa.

— Certo, respondeu Gudbrand. — Dobrarei as costas.

— Lembra-se do que falou Daniel? Perguntou Edvard com algo parecido a um sorriso. — Que nós aqui andamos sempre tão encurvados que, quando voltarmos à Noruega, pareceremos corcundas.

Uma metralhadora riu repiquetando ao longe.

* * *

*LENINGRADO
3 de Janeiro de 1943*

GUDBRAND acordou bruscamente. Piscou na escuridão, mas somente viu as tábuas do beliche de cima. Cheirava a lenha ácida e a terra. Havia gritado? Os outros homens afirmavam que os seus gritos já não os despertavam. Notou que recuperava o pulso. As costas coçavam, como se as pulgas não dormissem nunca.

Era o mesmo sonho que sempre o despertava e ainda poderia sentir as patas contra o peito, ver os olhos amarelos na escuridão, os dentes brancos do animal selvagem, com cheiro a sangue e a baba que gotejava sem cessar. E a respiração forte e aterradora. Era a sua própria ou a do animal? Assim era o sonho: dormia e estava acordado ao mesmo tempo, mas não podia se mover. A boca do animal se fechava ao redor de sua garganta quando, da porta, o despertavam os disparos de um fuzil e chegava a ver como o animal levantava na manta, era jogado contra a parede de terra do habitáculo ao mesmo tempo em que as balas o destroçavam. Depois, silêncio, e ali, no chão, uma massa de pele sanguinolenta, disforme. Um furão. Então o homem que se ocultava no umbral saía da escuridão para ficar sob o delgado fecho de luz da lua, tão fino que iluminava somente uma parte de seu rosto. Mas nesta noite o sonho tivera um novo componente. Continuava saindo fumaça da boca do fuzil e o homem sorria como sempre, mas tinha um grande buraco negro na testa. E quando se voltou, Gudbrand pode ver a lua através do buraco da cabeça.

Quando Gudbrand notou a corrente gelada que entrava pela porta aberta, voltou a cabeça e sentiu frio ao ver a figura escura que enchia o umbral. Continuava sonhando? A figura entrou na habitação, mas estava demasiado escuro para que Gudbrand pudesse ver quem era. De repente a figura parou.

— Está acordado, Gudbrand?

A voz era alta e clara. Era Mosken. Ouvia-se um murmúrio de descontentamento vindo dos outros beliches. Edvard se aproximou do beliche de Gudbrand.

— Precisa se levantar, disse. Gudbrand suspirou.

— Errou ao olhar a lista. Acabo de deixar a guarda. É Dale quem...

- Ele voltou.
- O que quer dizer?
- Dale acaba de me acordar. Daniel voltou.

Gudbrand não via na escuridão mais do que a branca dentição de Edvard. Desceu as pernas do beliche e apanhou as botas de sob a manta. Guardava-las ali quando dormia para que as solas molhadas não congelassem. Colocou o abrigo que estava em cima da delgada manta de lã, e seguiu Edvard. As estrelas brilhavam, mas o céu noturno começara a empalidecer pelo este. Ouvia uns soluços de dor vindas de algum ponto indefinido, mas ao mesmo tempo notou um estranho silêncio.

— Novatos holandeses, disse Edvard. — Chegaram ontem, e acabam de retornar de sua primeira excursão na terra de ninguém.

Dale estava em meio da trincheira em uma posição um tanto estranha: com a cabeça de lado e os braços separados do corpo. Amarrara o lenço redor do queixo, e o rosto delgado e marcado com os olhos fechados lhe dava um aspecto de mendigo.

— Dale! Gritou Edvard. Dale acordou. — Mostre-nos o caminho.

Dale ia à frente. Gudbrand notou que o coração acelerava. O frio lhe mordia as faces, mas ainda não havia conseguido retirar a sonolência que trouxera do beliche. A trincheira era tão estreita que tinham que ir em fila, e sentia o olhar de Edvard na nuca.

— Aqui, disse Dale apontando o lugar.

O vento assoviava áspero debaixo da borda do capacete. Em cima das caixas de munição havia um cadáver com os membros rígidos apontando para os lados. Uma fina capa de neve que havia caído na trincheira cobria o uniforme e tinha a cabeça coberta por um saco de lenha.

— Merda, disse Dale meneando a cabeça e chutando a terra. Edvard não falou nada. Gudbrand compreendeu que estavam esperando que ele dissesse algo.

— Por que não chamaram os coveiros? Perguntou Gudbrand por fim.

— Apanharam-no, disse Edvard. — Estiveram aqui ontem à tarde.

— Então, por que o trouxeram de novo? Gudbrand notou que Edvard estava olhando-o.

— Ninguém no Estado Maior tem conhecimento de que se tenha dado a ordem para que o trouxessem.

— Um mal-entendido, talvez? Sugeriu Gudbrand.

— Pode ser.

Edvard apanhou do bolso um fino cigarro meio fumado e o acendeu. Passou-o depois de dar um par de tragadas e falou:

— Quem o apanhou afirma que o colocou em uma cova no setor norte.

— Se isso é verdade, deveria já estar enterrado, não? Edvard negou com a cabeça.

— Não os enterram. São incinerados. E somente os incineram durante o dia para que os russos não tenham luz para apontar. Além disso, durante a noite as novas covas ficam abertas e sem vigilância. Alguém deve ter apanhado Daniel dali nesta noite.

— Merda, repetiu Dale, apanhou o cigarro e chupou com aidez.

— Então é verdade que queimam os cadáveres? Perguntou Gudbrand. — Porquê, com este frio?

— Eu posso dizer, disse Dale. — A terra está congelada. E as trocas de temperatura fazem com que os cadáveres emergam da terra na primavera. Passou o cigarro relutantemente. — Enterramos Vorpenes bem atrás de nossas linhas no inverno passado. Nesta primavera tropeçamos com ele outra vez. Bom, ao menos, com o que as raposas haviam deixado dele.

— A questão é, disse Edvard: — Como Daniel veio parar aqui? Gudbrand encolheu os ombros. — Você fez o último turno, Gudbrand.

Edvard havia fechado um olho e o olhava com o outro, com o olho de ciclope. Gudbrand ficou seu tempo com o cigarro. Dale tossiu.

— Passei por aqui quatro vezes, disse Gudbrand cedendo por fim o cigarro. — E ele não estava aqui.

— Você pode ter tido tempo de ir até o setor norte durante o turno. E existem impressões de trenó na neve, por ali.

— Podem ser dos transportadores de cadáveres, disse Gudbrand.

— As impressões se superpõem às últimas impressões de botas. E você disse que passou por aqui quatro vezes.

— Demônios, Edvard, eu também vejo que Daniel está ali! Exclamou Gudbrand. — Claro que alguém o trouxe e o mais provável é que precisassem de um trenó. Mas escute o que estou dizendo: Precisa entender que fizeram isso depois que eu passei por aqui da última vez.

Edvard não respondeu, mas, claramente irritado, arrancou de Dale com um puxão o que restava do cigarro e viu com desgosto que estava molhado. Dale retirou uns pedacinhos de tabaco da língua e olhou de rabo de olho.

— Porquê, em nome de Deus, eu faria uma coisa dessas? Perguntou Gudbrand. — E como ia arrastar um cadáver do setor norte até aqui em um trenó sem ser interceptado pelos guardas?

— Poderia passar pela terra de ninguém. Gudbrand moveu a cabeça, incrédulo.

— Acha que eu fiquei maluco, Edvard? Para que ia eu querer o cadáver de Daniel?

Edvard deu as duas últimas tragadas no cigarro, jogou a guimba na neve e a amassou com a bota. Sempre fazia o mesmo, não sabia por quê, mas não suportava ver guimbas fumegantes. A neve emitiu um lamento quando a amassou com o tacão.

— Não, não creio que tenha arrastado o Daniel até aqui, admitiu Edvard. — Porque não acho que seja Daniel. Dale e Gudbrand se sobressaltaram.

— Claro que é Daniel, disse Gudbrand.

— Ou alguém com uma complexão parecida, disse Edvard. — E a mesma identificação de pelotão na casaca.

— O saco de lenha... Comentou Dale.

— Então você sabe diferenciar os sacos de lenha? Perguntou Edvard com desdém, embora com o olhar posto em Gudbrand.

— É Daniel, afirmou Gudbrand engolindo saliva. — Reconheci as suas botas.

— Quer dizer que, segundo você, a única coisa que temos a fazer é chamar os coveiros e pedir que voltem, não é? Perguntou Edvard. — Sem parar para olhar. Isso é o que esperava que fizéssemos, não é?

— Vá a merda, Edvard!

— Não estou tão certo de que desta vez seja a mim a quem quer, Gudbrand. Retire o saco do rosto dele, Dale.

Dale olhou sem compreender para os dois homens que se olhavam como dois touros prontos para a briga.

— Me ouviu? Gritou Edvard. — Retire o saco!

— Prefiro não...

— É uma ordem. Agora!

Dale continuava vacilando e olhando para Edvard, para Gudbrand e para a figura rígida que jazia sobre as caixas de munição. Encolheu os ombros, desabotoou o casaco de camuflagem e enfiou a mão para apanhar a baioneta.

— Espere! Gritou Edvard. — Pergunte a Gudbrand se pode lhe emprestar a baioneta. Dale parou mais perplexo ainda. Olhou inquisitivo para Gudbrand, que negou com a cabeça. — O que quer dizer? Perguntou Edvard, sem deixar de olhar para

Gudbrand. — Temos ordem de usar sempre a baioneta, e você não a usa? Gudbrand não respondeu. — Você que é praticamente uma máquina de matar com essa baioneta, Gudbrand, não a perdeu, não é?

Gudbrand continuava sem responder.

— Caramba. Imagino então, que terá que usar a sua, Dale.

Gudbrand tinha vontade de arrancar do chefe de pelotão aquele olho enorme de olhar persistente. Um Rottenführer, isso é o que era! Um rato com olhos de rato e cérebro de rato. É que não entendia nada? Ouviram o barulho de rasgar quando a baioneta cortou o saco de lenha. Dale deu uma tossida.

Ambos deram a volta rapidamente. Lá, à luz vermelha do novo amanhecer, um rosto branco com uma careta espantosa os olhou com um terceiro olho negro aberto na testa. Era Daniel, não havia a menor dúvida.

* * *

Quatorze

MINISTERIO DE ASSUNTOS EXTERIORES

4 de Novembro de 1999

BERNT BRANDHAUG olhou o relógio e franziu as sobrancelhas: 82 segundos, dois a mais do que o previsto. Cruzou o umbral da sala de reuniões, soltou um jovial “bom dia” no mais puro estilo de Nordmarka e sorriu com o seu célebre e branquíssimo sorriso aos quatro rostos que se voltaram para ele. A um extremo da mesa estava sentado Kurt Meirik do CNI, junto a Raquel, que usava no cabelo um passador nada vistoso, uma roupa que denotava ambição e uma expressão severa no rosto. Brandhaug pensou que aquela roupa parecia muito cara para uma secretária. Ainda se fiava em sua intuição, e esta lhe dizia que era divorciada, mas que talvez seu ex-marido fosse um homem bem situado. Ou seria filha de pais ricos? O fato de que aparecesse em uma reunião que Brandhaug dera a entender que deveria ser realizada com a mais absoluta discrição, significava sem dúvida que ocupava no CNI um posto mais importante do que ele havia imaginado no princípio. Decidiu indagar mais sobre ela.

No outro lado da mesa estava sentada Anne Størksen e junto da delegada-chefe, um tal não-sei-o-quê, um tipo alto e delgado. Para começar, demorara mais de oitenta segundos para chegar à sala de reuniões e agora não se lembrava dos nomes. Estaria ficando velho? Não acabara de formular aquele pensamento quando lhe veio à mente o acontecimento da noite anterior. Havia levado Lise, a jovem estagiária, ao que ele chamava de um pequeno jantar de horas extras. Depois a convidara para tomar uma bebida no hotel Continental, onde o ministério dispunha de uma sala destinada a reuniões que requeriam especial discrição. Lise não negara, era uma jovem ambiciosa. Mas a tentativa culminou em fracasso. Estaria ficando velho? Bah, um fato isolado, consequência talvez de um copo a mais, mas não porque estivesse velho. Brandhaug interiorizou esta última ideia antes de se sentar.

— Obrigado por virem apesar de serem convocados com tão pouca margem, começou. — Eu suponho que não deveria enfatizar a natureza confidencial desta reunião, mas ainda assim, o farei, ante a eventualidade de que nem todos os presentes tenham a experiência necessária neste tipo de assunto.

Olhou fugazmente a todos os presentes, salvo a Raquel, indicando assim que o aviso era para ela. Em seguida se voltou até Anne Størksen.

— Que tal está o seu homem? A delegada-chefe o olhou algo desconcertado. — O seu oficial de polícia? Adicionou rapidamente Brandhaug. — Se chama Hole, não? Ele fez um gesto afirmativo até Møller, que teve de tossir duas vezes antes de arrancar.

— Dadas às circunstâncias, bem. Está muito afetado, claro. Mas... Sim. Encolheu os ombros, num sinal de que não tinha muito mais que adicionar. Brandhaug levantou uma sobrancelha recém-aparada:

— Não tão afetado a ponto de pensar que põe em perigo a filtração das informações, espero.

— Bom, disse Møller. Pelo rabo do olho viu que a delegada-chefe se virava rapidamente para ele. — Não acredito. Está ciente do carácter delicado do assunto. E, é claro, o informaram de que deve manter em segredo o acontecido.

— Outro tanto vale para os demais oficiais de polícia que estavam presentes, se apressou a observar Anne Størksen.

— Então, esperamos que tudo esteja sob controle, disse Brandhaug. — Agora, me permitam que lhes dê uma breve atualização da situação. Acabo de ter uma conversa com o embaixador norte-americano e creio poder afirmar que concordamos nos pontos principais deste trágico assunto. Olhou para cada um deles. Todos os olharam intrigados, ansiosos para ouvir o que Bernt Brandhaug tinha para dizer. Era o que precisava para aliviar o desgosto que sentira há uns segundos. — O embaixador me disse que o estado do agente do Serviço Secreto a quem o seu homem, e fez um gesto até Møller e a delegada-chefe, — Deu um tiro na estação de pedágio é estável e que se encontra fora de perigo. Teve danos em uma vértebra e hemorragias internas, mas o colete o salvou. Sinto que não tenhamos conseguido obter antes esta informação, mas, por razões óbvias, se procurou reduzir ao mínimo o intercâmbio de comunicações à respeito. Somente a informação estritamente necessária circulou entre os que conheciam a missão.

— Onde está? Perguntou Møller.

— Na realidade, Møller, isso é algo que não precisa saber.

Observou que Møller adotava uma expressão um tanto estranha. Um embaraçoso silêncio inundou a sala. Sempre era embaraçoso ter de lembrar a alguém que não receberia mais informação sobre um assunto do que o estritamente necessário para realizar o seu trabalho. Brandhaug sorriu e se desculpou com um gesto, como querendo dizer: “compreendo muito bem que tenha perguntado, mas assim são as coisas”. Møller concordou com a cabeça e fixou o olhar na mesa.

— Enfim, prosseguiu Brandhaug. — Posso dizer que, depois da cirurgia, levaram-no de avião para um hospital militar na Alemanha.

— Isso... Møller coçou o pescoço. Brandhaug esperou. — Suponho que não se importará de que Hole saiba que o agente do Serviço Secreto sobreviveu. A situação seria

para ele... Mais suportável. Brandhaug olhou para Møller. Custava a entender o chefe de grupo.

— De acordo, disse.

— O que você e o embaixador acertaram? Quis saber Raquel.

— Cheguei nesse ponto em seguida, afirmou Brandhaug. Na realidade, era o seguinte de sua lista, mas não gostava que o interrompessem dessa forma. — Em primeiro lugar, quero felicitar Møller e à polícia de Oslo pela rápida atuação no lugar dos fatos. Se os relatórios estão corretos, somente se passaram doze minutos até que o agente recebesse os primeiros cuidados médicos.

— Hole e sua parceira Ellen Gjeltén o levaram para o hospital de Aker, explicou Anne Størksen.

— Uma reação de uma rapidez admirável, observou Brandhaug. — E o embaixador norte-americano divide comigo esta opinião. Møller e o delegada-chefe trocaram um olhar eloquente. — Além disso, o embaixador falou com o Serviço Secreto e se descarta que venham a entregar os cargos. Claro.

— Claro, repetiu Meirik.

— Também ficamos de acordo em que o erro foi, principalmente, dos norte-americanos. O agente que estava na guarita do pedágio não devia se encontrar ali em nenhum momento. Quer dizer, deveria estar ali, mas o oficial de contato norueguês que vigiava o lugar deveria ter sido informado disso. O oficial de polícia norueguês que se encontrava no posto por onde o agente entrou na área, e que deveria, perdão, poderia, ter informado ao oficial de contato, somente levou em conta a identificação que o agente mostrou. Havia uma ordem permanente de que os agentes do SS tivessem acesso a todas as áreas controladas, e o oficial de polícia não viu nenhuma razão para informar o fato. A posteriori, se pode pensar que deveria tê-lo feito.

Olhou para Anne Størksen, que não fez movimento de quem iria protestar.

— As boas notícias são que, até o momento, o acontecimento não parece ter se espalhado. De qualquer maneira, não os convoquei para discutir o que devemos fazer nos baseando em uma situação ideal, que seria não fazer nada. O mais provável é que esqueçamos as situações ideais, pois é uma ingenuidade pensar que o tiroteio não virá à luz cedo ou tarde.

Bernt Brandhaug moveu os dedos para cima e para baixo como se quisesse cortar as frases nas porções adequadas.

— Além da vintena de pessoas do CNI, Exteriores e do grupo de coordenação que conhecem o assunto, uns quinze oficiais de polícia presenciaram o acontecimento na estação de pedágio. Não tenho nada negativo para dizer de nenhum deles, suponho que

saberão ser discretos, mais ou menos. Contudo, são oficiais de polícia, sem experiência alguma no grau de confidencialidade necessária neste caso. Além disso, não devemos esquecer o pessoal do Rikshospitalet, da Aviação Civil, da Fjellinjem AS, a empresa encarregada da estação de pedágio, e o pessoal do hotel Plaza; todos eles têm, em maior o menor grau, razões para suspeitar que algo aconteceu. Tampouco temos garantia de que ninguém tenha seguido o cortejo de binóculo de algum dos edifícios localizados ao redor da estação de pedágio. Uma só palavra de algum dos que tiveram algo a ver e...

Neste ponto, inflou as faces, como para evocar a imagem de uma explosão. Todos ficaram em silêncio, até que Møller tossiu:

— E por que é tão perigoso que se saiba? Brandhaug fez um gesto afirmativo, como para demonstrar que não era a pergunta mais tonta que ouvira em sua vida, o que fez Møller pensar que, de fato, era.

— Os Estados Unidos da América são algo mais que um aliado, começou Brandhaug com um sorriso velado. De fato, falou do mesmo modo que se explica a um estrangeiro que a Noruega tem um Rei e que a sua capital se chama Oslo. — Em 1920, a Noruega era um dos países mais pobres da Europa e provavelmente continuaríamos sendo sem a ajuda dos Estados Unidos. Esqueça a retórica dos políticos. A emigração. A ajuda do Plano Marshall. Elvis e o financiamento da aventura do petróleo fizeram da Noruega a nação provavelmente mais pró-americana do mundo. Nós que estamos aqui trabalhamos duro para chegar ao lugar que hoje ocupamos. Mas se algum político chegasse a descobrir que algum dos presentes nesta sala é o responsável de que a vida do presidente norte-americano tenha corrido perigo...

Brandhaug deixou a frase inconclusa, no ar, enquanto passeava o olhar pelos rostos dos reunidos.

— Melhor para nós, disse. — Concluindo, os norte-americanos preferem admitir que foi uma falha de um de seus agentes do Serviço Secreto a reconhecer um erro básico na cooperação com um dos seus melhores aliados.

— Isso quer dizer... Disse Raquel, sem levantar o olhar do bloco que tinha adiante, — Que não precisaremos de nenhum bode expiatório norueguês. Levantou o olhar e o cravou em Bernt Brandhaug. — O que precisamos, é de um herói norueguês, não?

Brandhaug olhou-a com surpresa e interesse. Surpresa ante o fato de que ela tivesse entendido suas intenções com tanta rapidez; interesse, porque compreendeu que, decididamente, poderia contar com ela.

— É. No dia que souberem que um policial norueguês disparou em um agente do

SS americano, precisaremos ter pronta a nossa versão, explicou. — E essa versão deverá deixar claro que não foi um erro de nossa parte, que o policial agiu seguindo as instruções e que o único culpado foi o agente do SS. Esta é uma versão aceitável tanto para nós como para os norte-americanos. O desafio consiste em conseguir que os meios de comunicação acreditem nela. E aí é onde...

— ... Precisaremos de um herói, completou a delegada-chefe concordando com a cabeça, pois também havia adivinhado o que ele queria dizer.

— Sorry, disse Møller. — Sou o único dos presentes que não entendeu o que está acontecendo? Adicionou, junto com uma malograda tentativa de dar uma risada.

— O agente demonstrou capacidade de reação em uma situação potencialmente ameaçadora para o presidente, disse Brandhaug. — Se a pessoa que estava na cabine de pedágio tivesse a intenção de cometer um atentado, tal e como ele, segundo as instruções relativas à situação, teria o dever de impedir e salvar a vida do presidente. Que a intenção dessa pessoa não fosse a de atirar não altera esse fato.

— Isso é verdade, concordou Anne Størksen. — Em uma situação como esta, as instruções estão acima do valor pessoal. Meirik não falou nada, mas fez um gesto de aprovação.

— Bem, concluiu Brandhaug. — “O assunto”, como você o chamou, Bjarne, é convencer a imprensa, aos nossos superiores e a todos os que tiveram algo a ver com isso, de que nem por um momento duvidamos de que nosso oficial de ligação agiu certo. “O assunto” é que a partir deste instante, teremos de agir como se sua intervenção tivesse sido heroica.

Brandhaug notou a incredulidade de Møller.

— Se não premiarmos o oficial, reconheceremos que foi um erro disparar e, em consequência, que as medidas de segurança implantadas para a visita do presidente falharam. Os presentes acolheram as suas palavras com um gesto de aprovação. — Ergo... Continuou Brandhaug. Encantava-se com essa palavra. Parecia revestida de uma armadura, uma palavra quase invencível, porque exigia a autoridade própria da lógica. — Por conseguinte... Traduziu.

— Ergo, lhe damos uma medalha? Terminou Raquel uma vez mais.

Brandhaug sentiu uma pontada de irritação. Fora a sua maneira de dizer “medalha”, como se estivessem escrevendo o script de uma comédia e todas as propostas divertidas fossem bem recebidas. Como se quisesse indicar que o seu script era uma comédia.

— Não, enfatizou lentamente. — Uma medalha, não. As medalhas e as distinções são um recurso demasiado fácil e não se traduzem na credibilidade que procuramos. — Se estirou na cadeira com as mãos na nuca. — Vamos promovê-lo. Passará para a função

de delegado. Ocorreu um longo silêncio.

— Delegado? Bjarne Møller continuava olhando incrédula para Brandhaug. — Por dar um tiro em um agente do SS?

— Pode soar algo mórbido, mas pense um instante.

— É... Møller piscou atônito e, embora parecesse querer dizer muito mais, optou por fechar a boca.

— Quem sabe não precisaremos conceder todos os poderes que normalmente correspondem a um delegado, anotou com prudência a delegada-chefe como se estivesse enfiando uma agulha.

— Sopesamos essa parte também, Anne, respondeu Brandhaug, dando ênfase na pronúncia do seu nome de batismo, que utilizava pela primeira vez ao se dirigir a ela. Anne levantou ligeiramente uma sobrancelha, mas, nada indicou que se irritasse. De modo que Brandhaug continuou. — O problema é que, se os colegas deste oficial de ligação, aficionado em dar tiros, acharem que a promoção é algo estranho e se derem conta de que não é mais do que uma impostura, ficaremos na mesma. Quero dizer, pior. Se suspeitarem que esta é uma operação de cobertura, circularão boatos e parecerá que conscientemente tentamos encobrir o fato de que nós (você), e esse oficial de polícia, definitivamente todos, cometemos um grave erro. Em outras palavras: temos que colocá-lo num posto em que ninguém saiba muito bem o que aconteceu realmente. Dito de outra maneira: uma promoção combinada com uma transferência para um lugar protegido.

— Um lugar protegido. Sem intromissões, completou Raquel esboçando meio sorriso. — Parece que você pensou em enviá-lo para nós, Brandhaug.

— E você Kurt, o que diz? Perguntou Brandhaug. Kurt coçou atrás da orelha rindo entre dentes.

— Bem, vacilou. — Acredito que encontraremos o modo de descrever adequadamente o posto de delegado. Brandhaug concordou com a cabeça.

— Seria de grande ajuda.

— Sim, devemos nos ajudar mutuamente, sempre que pudermos.

— Bem, concluiu Brandhaug com um amplo sorriso ao mesmo tempo em que olhava o relógio da parede para indicar que dava por concluída a reunião, ao que se seguiu o alvoroço próprio das cadeiras ao se mover.

* * *

Quinze

COLINA SANKTHANSHAUGEN

4 de Novembro de 1999

— Tonight we'er gonna party like it's ninteen-ninty-nine!

Ellen olhou para Tom Waaler, que acabava de meter um cassette no toca-fitas e aumentara tanto o volume que até o painel de instrumentos vibrava. A penetrante voz de falsete do vocalista fazia doer os tímpanos de Ellen.

— Está muito alto? Gritou ele para se fazer ouvir por cima da música.

Ellen não queria ferir os seus sentimentos, de modo que somente fez um gesto afirmativo. Não é que acreditasse que fosse fácil ferir Tom Waaler, mas havia decidido lhe dar corda todo o tempo que fosse possível. Ou pelo menos, até que separassem o conjunto Tom Waaler-Ellen Gjeltén. O chefe de grupo Bjarne Møller havia afirmado o seu carácter exclusivamente temporal. Todo o mundo sabia que na primavera, o novo posto de delegado seria de Tom.

— Negro maricas! Gritou Tom.

Ellen não respondeu. Chovia com tal intensidade que, embora os limpadores trabalhassem em velocidade máxima, a água se mantinha no para-brisa do carro patrulha como um filme, fazendo com que os edifícios da Rua Ullevål parecessem sobrados arredondados que ondulavam sem parar. Naquela manhã, Møller pedira para encontrarem Harry. Já haviam batido na porta de seu apartamento da Rua Sofie e viram que não estava em casa. Ou que não queria abrir. Ou que não estava em condições de abrir. Ellen temia o pior. Olhou à gente que se apressava pelas calçadas. Também seus rostos apareciam torcidos e com formas estranhas, como refletidos nos espelhos de uma feira.

— Vire à esquerda e em seguida pare, disse Ellen. — Pode esperar no carro, enquanto entro.

— Com muito gosto, respondeu Waaler. — Não gosto de bêbados.

Olhou-o com o rabo do olho, mas a expressão do seu rosto não revelava se se referia

à clientela matutina do restaurante Schrøder em geral ou a Harry em particular. Waaler parou o carro na parada de ônibus; ao sair, Ellen viu que abrira um novo café do outro lado da rua. Ou melhor, já estava há tempos ali e ela não se deu conta. Estava cheio de jovens com blusas de gola alta que ocupavam os banquinhos dispostos ao longo das grandes janelas e liam jornais estrangeiros ou simplesmente olhavam para a chuva, com grandes xícaras brancas de café nas mãos, pensando se escolheram o curso certo, o projeto de sofá correto, o parceiro certo, o melhor clube do livro ou a cidade europeia adequada...

Na porta do Schrøder esteve a ponto de tropeçar num homem que usava uma camiseta islandesa. O álcool havia manchado quase todo o azul de sua íris e tinha as mãos grandes como painéis e muito sujas. Ellen notou o aroma adocicado de suor e bebida velha quando passou ao seu lado. No interior havia um ambiente de silêncio matinal. Só quatro das mesas estavam ocupadas. Ellen estivera ali antes, há muito tempo, e, pelo que se lembrava, nada havia mudado. As mesmas fotos antigas de Oslo pendiam das paredes de cor ocre que, junto com o teto de vidro, davam ao lugar um leve toque de pub inglês. Muito leve, em sua opinião. A verdade era que, com as mesas e cadeiras de aglomerado, mais parecia o salão de fumar de um dos ferrys da costa de Møre. No fim do balcão uma garçonete de avental fumava, olhando para Ellen com escasso interesse. No fundo, junto à janela, encontrou Harry, com a cabeça inclinada. Tinha ante si uma caneca de cerveja vazia.

— Alô, cumprimentou Ellen ao mesmo tempo em que se sentava na cadeira que havia em frente a ele.

Harry levantou a cabeça e fez um gesto de assentimento, como se a estivesse esperando, antes de voltar a baixar a cabeça.

— Estivemos tentando localizá-lo. Fomos até a sua casa.

— É? E eu estava em casa? Perguntou sem sorrir.

— Não sei. Está em casa, Harry? Perguntou ela por sua vez, apontando para a caneca. Ele encolheu os ombros. — O agente sobreviveu, falou.

— Sim, eu soube disso. Møller deixou uma mensagem na minha secretária eletrônica. Surpreendentemente, tinha boa dicção. — Não falou nada da gravidade da ferida. Nas costas temos muitos nervos e essas coisas, não é? Ladeou a cabeça, mas Ellen não respondeu. — Ou melhor, somente ficou parálítico, aventurou Harry dando um grunhido ao ver a caneca vazia. — Saúde!

— Sua licença por doença termina amanhã, lembrou Ellen. — Queremos você de volta ao trabalho. Harry levantou a cabeça um pouco.

— Estou de licença? Ellen empurrou uma pequena pasta transparente que colocara sobre a mesa e em cujo interior se via o verso de um papel rosa.

— Falei com Møller. E com o doutor Aune. Trouxe a cópia deste pedido de licença. Møller falou que era normal ter uns dias livres para se acalmar, depois de ter atirado em alguém durante um serviço. Mas termina amanhã.

Seu olhar vagou até parar na janela, que tinha o vidro pintado e áspero. Provavelmente para evitar que se visse de fora quem está dentro. “Ao contrário da cafeteria nova”, pensou Ellen.

— Então? Perguntou a Harry.

— Bem... Começou a falar observando-a com o mesmo olhar nebuloso que ela se lembrava das manhãs depois que tinha voltado de Bangkok. — Eu em seu lugar, não apostaria nisso.

— Venha homem, esperam-no um par de surpresas.

— Surpresas? Harry riu suavemente. — O que será? A aposentadoria antecipada? Uma despedida honrosa? O presidente me concedeu “O Coração Púrpura”?

Levantou a cabeça o suficiente para que Ellen pudesse ver os seus olhos avermelhados. Suspirou e se virou de novo para olhar a janela. Atrás do áspero vidro passavam carros informes, como em um filme psicodélico.

— Por que faz isso, Harry? Você sabe, eu sei, e todo o mundo sabe que não foi culpa sua. Até o Serviço Secreto reconhece que foi culpa deles, que não estávamos informados. E que nós, que você reagiu corretamente. Harry falou em voz baixa, sem olhá-la.

— Acha que a sua família entenderá assim quando regressar para casa em uma cadeira de rodas?

— Por Deus, Harry!

Ellen levantou a voz e viu pelo rabo do olho que a mulher que havia ao seu lado no balcão olhava-os com crescente interesse, talvez esperando presenciar uma boa discussão.

— Sempre existirá alguém que tenha má sorte, Harry. Estas coisas são assim, não é culpa de ninguém. Sabia que a cada ano morre sessenta por cento da população de pardais? Sessenta por cento! Se parássemos para pensar qual é o sentido de tanta mortalidade, acabaríamos fazendo parte desses sessenta por cento antes de nos dar conta, Harry.

Harry não respondeu, somente moveu a cabeça afirmativamente até a toalha de mesa quadriculada com furos negros das queimaduras de cigarro.

— Odeio a mim mesma por dizer isso, Harry, mas se vier amanhã, eu considerarei

um favor pessoal. Apresente-se e eu não falarei mais consigo. De acordo?

Harry colocou o dedo rosado em um dos buracos negros da toalha. Moveu a caneca vazia e a colocou em cima de outros buracos, para tapá-los. Ellen esperava.

— É Waaler quem está no carro? Perguntou Harry.

Ellen concordou. Sabia perfeitamente que se davam mal. Então, teve uma ideia. Vacilou um instante, mas se animou:

— Apostou duas coroas como você não virá. Harry riu outra vez com esse riso suave. Levantou a cabeça, apoiou entre as mãos e olhou para ela.

— Você é realmente muito ruim mentindo, Ellen. Mas obrigado por tentar.

— Vá à merda! Ellen respirou fundo, esteve a ponto de dizer algo, mas mudou de ideia. Olhou longamente para Harry. Respirou outra vez. — Está bem. Na realidade, era Møller quem ia comunicar, mas agora eu vou contar: Foi promovido para o posto de delegado no CNI.

A risada de Harry voltou a soar suave, como o motor de um Cadillac Fleetwood.

— Bom, com um pouco de treinamento, talvez você aprenda a mentir melhor.

— Mas é verdade!

— É impossível. Seu olhar se perdeu outra vez pela janela.

— Por quê? É um de nossos melhores investigadores, acaba de demonstrar que é um oficial decidido, estudou direito, e...

— Disse que é impossível. Ninguém teria essa descabelada ideia.

— Mas por quê?

— Por uma razão muito simples. Que porcentagem desses pássaros você disse que morria anualmente? Sessenta por cento? E por que morrem?

— Aonde quer chegar?

— Suponho que não é simplesmente que se deitam e morram, não?

— De fome. Nas garras dos predadores. De frio. De esgotamento. Bater contra uma janela. De muitas maneiras.

— Muito bem. Porque suponho que nenhum deles terá dado um tiro nas costas de um agente não tendo permissão para andar armado, pois não passara nas provas de tiro. Um oficial que e quando isso for conhecido, será acusado e provavelmente condenado, entre um e três anos de prisão. Um candidato bastante ruim para delegado, não acha? Levantou a caneca e a recolocou na mesa, por cima da toalha, dando uma forte pancada.

— Que provas de tiro? Perguntou Ellen. Ele lhe deu um olhar penetrante que ela acolheu com tranquilidade.

— O que quer dizer? Perguntou Harry.

— Não sei do que está falando, Harry.

— Sabe muito bem que...

— Pelo que eu sei, foi aprovado na prova de tiro deste ano. E o mesmo disse Møller. Até deu uma volta no escritório esta manhã para confirmar com o instrutor. Entraram na base de dados e, segundo o que puderam descobrir, os seus resultados foram mais do que suficientes. Ninguém seria promovido a delegado do CNI se tivesse dado um tiro num agente do SS sem ter permissão para usar armas. E sorriu amplamente para Harry, que parecia agora mais confuso do que bêbado.

— Mas se eu não tenho a tal permissão!

— Claro que sim, homem, a única coisa que aconteceu é que você a perdeu. Vai encontrá-la de novo, Harry, vai encontrá-la.

— Escute, eu...

De repente, ficou em silêncio e olhou para a pasta de plástico transparente que tinha ante si sobre a mesa. Ellen se levantou.

— Nos veremos às nove, delegado?

Harry não teve outra opção a não ser concordar.

* * *

Dezesseis

*HOTEL RADISSON SAS, PLAZA HOLBERG
5 de Novembro de 1999*

BETTY ANDRESEN tinha, como Dolly Parton, o cabelo ruivo e encaracolado como uma peruca. Mas não era peruca, e a isso, a sua cabeleira, se reduzia toda a semelhança com Dolly Parton. Betty Andresen era alta e magra, e quando sorria, como nesse momento, seus lábios formavam uma pequena abertura que apenas deixava ver os dentes. Esse sorriso tinha por destinatário o homem mais velho que agora aguardava do outro lado do mostrador da recepção do hotel Radisson SAS, situado na Praça Holberg. Não se tratava de um mostrador de recepção comum, mas uma das várias “ilhas” multifuncionais com computadores que permitiam atender vários clientes ao mesmo tempo.

— Boa manhã, cumprimentou Betty Andresen.

Era algo que havia aprendido na escola de hotelaria de Stavanger; sabia distinguir entre as diferentes partes do dia quando cumprimentava os hóspedes. Assim, até uma hora atrás dissera “bom dia”, dentro de uma hora diria “bom meio-dia”, e ao cabo de outras duas horas, começaria a cumprimentar com uma “boa tarde”. No final da jornada, iria para seu apartamento de dois aposentos em Torshov, desejando que tivesse ali alguém a quem pudesse dizer “boa noite”.

— Gostaria de um quarto no andar mais alto que possa me oferecer.

Betty Andresen olhou o abrigo encharcado do velho. Lá fora caía uma chuva torrencial. Uma gota de água se aferrava trêmula à borda do seu chapéu.

— Perdão, disse que quer ver um quarto?

O sorriso imperturbável de Betty Andresen não se desvanecia. Ela, tal e como lhe haviam ensinado e que, até que o contrário ficasse irretocavelmente demonstrado, deveria tratar todo mundo como cliente. Mas ainda assim, sabia que a pessoa que tinha diante dela era um exemplar da espécie “homem-idoso-visita-a-capital-e-quer-ver-grátis-a-vista-do-hotel-SAS”. Vinham a miúdo, sobretudo no verão. E não era somente para ver a vista. Em uma ocasião, uma senhora perguntou se poderia ver a Suíte Palace do vigésimo-

segundo andar para poder descrevê-la às suas amigas quando contasse que havia se hospedado nela. Inclusive ofereceu a Betty cinquenta coroas para anotá-la no livro de hóspedes, com o fim de poder utilizar depois como prova.

— Quarto simples ou duplo? Perguntou Betty. — Fumante ou não fumante? A maioria dos homens mais velhos começava a titubear ante essas perguntas.

— Não importa, respondeu o velho. — O importante é a vista. Queria ver um que desse para o sudoeste.

— Sim, desse lado pode se ver toda a cidade.

— Exato. Qual é o melhor?

— O melhor é a Suíte Palace; mas aguarde um momento e verei se temos disponível algum quarto comum. Betty começou a teclear veloz com a esperança de que o homem mordesse o anzol. E, de fato, não se fez esperar.

— Gostaria de ver essa suíte. “Claro que gostaria”, pensou a jovem olhando para o velho. Betty Andresen não era uma mulher razoável. Se o maior desejo de um velho era admirar a vista do hotel SAS, ela não negaria.

— Vamos dar uma olhada, disse oferecendo o seu melhor sorriso, o mesmo que, normalmente, reservava para os clientes fixos. — Você está de visita a Oslo? Perguntou por cortesia, já no elevador.

— Não, respondeu o velho.

Tinha as sobrancelhas brancas e cheias, como o seu pai, observou a jovem. Apertou o botão, as portas se fecharam e o elevador começou a subir. Betty não conseguia se acostumar àquela experiência: era como ser sugada para o céu. Rapidamente as portas voltaram a se abrir e, como sempre, ela saía com a esperança de ver um mundo novo e diferente, quase como em um conto de fadas. Contudo, o mundo ao que o elevador a devolvia era sempre o mesmo. Atravessaram o corredor, cujas paredes estavam cobertas de um papel pintado que combinava com a cor do carpete e adornadas com obras de arte caras e feias. Colocou a tarjeta na fechadura da suíte e o convidou a entrar enquanto segurava a porta. O homem entrou na suíte com uma expressão que ela interpretou como de expectativa.

— A Suíte Palace tem cento e cinquenta metros quadrados, explicou Betty. — E consta de dois dormitórios com camas duplas e outros tantos banheiros, ambos com jacuzzi e telefone. Entrou no salão, onde notou que o velho já havia se colocado ante as janelas. — Os móveis são do desenhista dinamarquês Poul Henriksen, continuou Betty passando a mão pelo finíssimo vidro da mesa. — Vai querer ver os banheiros, não é?

O velho não respondeu. Ainda usava o chapéu empapado e, no silêncio reinante, Betty pode ouvir o golpe seco de uma gota ao cair sobre o parquet de cerejeira.

Aproximou-se dele. Via-se dali tudo o que havia para ver: A Prefeitura, o Teatro Nacional, o Palácio, o Parlamento e o Forte Akershus. A seus pés se estendia o parque do palácio, cujas árvores apontavam para um céu cinza aço, como os dedos de uma bruxa, retorcidos e negros.

— Deveria vir num dia de primavera. Sugeriu Betty.

O velho se virou e olhou-a sem compreender. Betty se deu conta em seguida do que acabara de falar. Era como tivesse dito: “Já que veio somente para apreciar a vista”. Tentou sorrir.

— Na primavera a grama está verde e as copas das árvores do parque se cobrem de folhas. A vista é então muito mais bonita. O velho a olhava, mas dava a sensação de que seus pensamentos estavam em outro lugar.

— Tem razão, admitiu por fim. — As árvores terão folhas, não havia reparado nesse detalhe. Apontou a janela. — Pode-se abrir?

— Só um pouco, respondeu Betty, aliviada ante a mudança de tema. — É preciso girar o trinco.

— Por que somente um pouco?

— Para ninguém pensar em alguma bobagem.

— Alguma bobagem? Olhou-o fugazmente. Estaria o velho senil?

— Para ninguém pensar em pular, esclareceu. — Se suicidar. Tem muita gente desgraçada que... Fez um gesto com o que pretendia explicar o que a gente desgraçada poderia fazer.

— E isso parece uma má ideia? Perguntou o velho esfregando o queixo. Betty pareceu ver um âmago de sorriso entre as rugas do seu rosto. — Ainda que um seja desgraçado?

— Sim, respondeu Betty com ênfase. — Não em meu hotel. E, sobretudo, durante o meu turno.

— “Durante o meu turno”, repetiu o velho como em um relincho. — Bem dito, Betty Andresen.

A jovem se sobressaltou ao ouvir o seu nome. Claro, ele lera na plaqueta de identificação. Bem, ficou claro que o velho não tinha problemas de visão, pois as letras do nome eram tão pequenas como grandes eram as do seu cargo. “Recepcionista”. Tentou olhar discretamente o relógio.

— Sim, adivinhou o velho. — Tenho certeza que têm outras coisas para fazer do que mostrar a vista.

— Sim, afirmou Betty um tanto encabulada.

— Eu fico, declarou o velho.
— Perdão?
— Fico com a suíte. Não para esta noite, mas...
— Quer a suíte?
— Sim. Pode-se reservar, não é?
— Bem, sim, mas... É muito cara.
— Com muito gosto pagarei adiantado. O velho puxou uma carteira do bolso interior do casaco e apanhou um maço de notas.
— Não, eu não queria dizer isso, mas são sete mil coroas por noite. Não quer ver...
— Gostei desta, insistiu o velho. — Peço que conte o dinheiro, para ver se está certo. Betty olhou as notas de mil que o velho estendia.
— Será melhor pagar quando vier, propôs. — E para quando vai querer a...?
— Seguirei a sua recomendação, Betty, interrompeu o velho. — Virei num dia de primavera.
— Muito bem. Alguma data em particular?
— Claro.

* * *

Dezessete

DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA

5 de Novembro de 1999

BJARNE MØLLER suspirou e olhou pela janela. Ultimamente, seus pensamentos escapavam por ali com muita frequência. A chuva havia cessado, mas o céu que cobria a Delegacia Geral de Grønland conservava uma cor acinzentada. Viu um cachorro que atravessava a grama morta lá fora. Em Bergen havia um posto vago de chefe de grupo. O prazo para apresentação de solicitações expirava no final da próxima semana. Um colega de Bergen lhe dissera que, no geral, ali chovia somente duas vezes a cada outono. Entre setembro e novembro e entre novembro e o ano novo. Os de Bergen eram exagerados. Ele havia visitado a cidade, e gostava dela. Ficava longe dos políticos de Oslo, e era pequena. Møller gostava disso.

— O quê? Møller se virou sobressaltado para se encontrar com o olhar abatido de Harry.

— Estava me dizendo que seria bom me movimentar um pouco.

— Ah, sim?

— Isso é o que estava dizendo, chefe.

— Ah, sim, é isso. É preciso não ficar estacionado em velhos costumes e rotinas. Avançar, progredir. Afastar-se.

— Bom, se afastar... O CNI está três andares acima, neste mesmo edifício.

— Refiro-me a se afastar de todo o resto. Meirik, o chefe do CNI, acha que você é perfeito para o posto vago.

— Não é preciso realizar concurso para esse tipo de posto?

— Não pense nisso, Harry.

— Bom, mas posso perguntar por que demônios querem que eu vá para o CNI? Tenho cara de espião?

— Não, não.

— Não?

— Quero dizer, sim. Quero dizer, não, mas... Por que não?

— Por que não? Møller coçou o pescoço com veemência. Seu semblante havia perdido a cor.

— Merda, Harry, oferecemos um trabalho de delegado, uma subida salarial de cinco postos, nada de noites acordado e um pouco de respeito por parte dos rapazes. Isso é bom, Harry.

— Gosto das noites.

— Ninguém gosta de passar as noites acordado.

— Por que não me oferece um posto vago por aqui?

— Harry! Faça-me um favor, simplesmente, diga que sim. Harry brincava com o copo de papelão.

— Chefe, disse depois de um tempo. — Há quanto nos conhecemos? Møller levantou o dedo indicador em sinal de advertência.

— Não comece com isso. Não tente me enrolar com a história de passamos por tanta coisa juntos...

— Sete anos. E durante esses sete anos interoguei pessoas que, com toda a certeza, são os seres mais estúpidos que caminham com duas pernas nesta cidade; ainda assim, não topei com ninguém que seja tão ruim mentindo como você. Pode ser que seja lerdo, mas ainda me ficam um par de neurônios que fazem o que podem. E estão dizendo que é muito pouco provável que a minha folha de serviços tenha me feito merecedor deste posto. Como é que, de repente, passei a ter uma das melhores pontuações da unidade nas provas de tiro deste ano? Deve ter a ver com o fato de que dei um tiro num agente do SS. E não é preciso que diga nada, chefe.

Møller abriu a boca, mas voltou a fechá-la e cruzou os braços em um gesto eloquente. Harry continuou:

— Compreendo que não é você quem manda aqui. E embora não tenha todos os dados, tenho imaginação suficiente para adivinhar uma parte. E se tenho razão no que digo, significa que os meus próprios desejos para o meu futuro profissional dentro da polícia não são relevantes. Assim que me responda somente a uma pergunta: eu tenho escolha?

Møller piscava sem cessar. Voltou a pensar em Bergen. Em invernos sem neve. Em passeios domingueiros pelo Fløyem com sua mulher e os filhos. Um lugar onde era possível crescer. Algumas travessuras de jovens e talvez alguma droga, mas nada de gangues nem de garotos de catorze anos que tomam overdoses. A Delegacia de Bergen...

— Não, respondeu por fim.

— Bem, disse Harry. — Era isso o que eu pensava. Amassou o copo de papelão e apontou à lixeira. — Disse que a subida salarial era de cinco postos?

— E uma sala própria.

— Suponho que bem afastada dos demais, não? Jogou o copo amassado com um movimento de braço, lento e estudado. — Horas extras remuneradas?

— Nesse posto não, Harry.

— Então tirei que ir correndo para casa às quatro em ponto.

— Tenho certeza que isso não será um problema, afirmou Møller com um sorriso imperceptível.

* * *

Dezoito

PARQUE SLOTTSPARKEN
10 de Novembro de 1999

FAZIA UMA noite clara e fria. A primeira coisa que o velho notou ao sair da estação de metrô foi a quantidade de gente que ainda andava pelas ruas. Pensara de que o centro estaria quase vazio numa hora tão tardia, mas os táxis transitavam pela Rua Karl Johan, sob as luzes de néon, e a gente andava de um lado para outro pelas calçadas. Parou para esperar que aparecesse o guardinha verde do sinal junto a um grupo de jovens que falavam um idioma estranho. Pensou que vinham do Paquistão. Ou melhor, da Arábia. A mudança do sinal interrompeu a sua elucubração e ele atravessou decidido a rua para seguir pelo declive que levava à fachada iluminada do palácio. Também ali havia gente, a maioria de jovens, em constante ir e vir de quem sabia para onde. Descansou um pouco diante da estatua de Karl Johan que, no lombo do seu cavalo, olhava com expressão sonhadora para o edifício do Parlamento, o poder que este representava e que ele havia tentado transferir para o palácio que estava às suas costas. Fazia mais de uma semana que não chovia e as folhas secas fizeram barulho quando o velho virou à direita entre as árvores do parque. Olhou para cima, por entre os ramos nus que se recortavam contra o céu estrelado. E lembrou uns versos:

*Olmo e álamo, carvalho e vidoeiro,
casaco preto, morto e pálido.*

Pensou que teria sido melhor que não houvesse lua cheia naquela noite. Por outro lado, era mais fácil encontrar o que procurava: o grande álamo contra o qual batera no dia em que lhe disseram que a sua vida chegava ao seu fim. Percorreu-o com o olhar de baixo para cima, do tronco à copa. Quantos anos teria aquela árvore? Duzentos? Trezentos? Talvez já fosse adulta quando Karl Johan se deixou coroar como rei norueguês. De qualquer maneira, toda vida tem um final. A sua, a da árvore e, sim, inclusive a dos reis. Colocou-se atrás da árvore de modo que não o vissem do caminho e apanhou a mochila. Depois, se ajoelhou, abriu-a e retirou o seu conteúdo. Três garrafas de solução de fosfato de glicina da marca Roundup que lhe vendera o atendente da Jernia e uma seringa para cavalos com uma grossa agulha de aço que lhe venderam na farmácia Sfinx. Disse que ia utilizar a seringa para cozinhar, para injetar condimentos à carne, mas foi uma desculpa desnecessária, porque o atendente apenas o olhou com desinteresse e, com certeza, esquecera seu rosto antes que ele saísse pela porta do estabelecimento.

O velho observou o seu redor antes de introduzir a grossa agulha através da cortiça de uma das garrafas e puxar lentamente, até que a seringa se enchesse com o líquido branco. Tateou o tronco com a mão até dar com uma abertura no caule e cravou a agulha. Não foi tão fácil como ele havia pensado e teve que empurrar com força para enfiar a agulha na madeira. Do contrário, não surtiria o efeito desejado. Tinha que chegar até o coração da árvore, até os seus órgãos vitais. Deixou cair todo o seu peso sobre a seringa e a agulha começou a tremer. Merda! Não poderia permitir que se quebrasse, somente tinha uma. A agulha começou a deslizar lentamente para dentro, mas, após uns centímetros, parou por completo. Mesmo estando uma temperatura amena, ele estava transpirando copiosamente. Tomou um novo impulso, e já estava a ponto de empurrar de novo com mais energia quando ouviu o ranger de folhas no caminho. Solto a seringa. O ruído soava cada vez mais próximo. Fechou os olhos e conteve a respiração. Os passos começaram a se afastar e então abriu os olhos e viu duas figuras que desapareciam após os arbustos em direção à Rua Fredrik. Respirou aliviado e voltou a empunhar a seringa. Decidiu se arriscar e empurrou com toda a força que podia. E quando já temia que a agulha se partisse, esta recomeçou a penetrar no tronco e foi até o fundo. O velho enjugou o suor. O restante foi mais fácil. Dez minutos mais tarde já havia injetado duas das garrafas e estava a ponto de terminar a terceira, quando ouviu umas vozes que se aproximavam. Duas pessoas surgiram de entre os arbustos e deduziu que deviam ser as mesmas que ouvira passar antes.

— Alô! Disse uma voz masculina.

O velho teve uma reação instintiva, se colocou de pé e ficou diante da árvore, de modo que o seu longo abrigo ocultasse a seringa que continuava incrustada no tronco. Então, ficou cego pela luz. Levantou as mãos e cobriu os olhos.

— Desvie o foco, Tom! Ouviu uma mulher dizer.

O facho de luz mudou de direção e o velho o viu bailar entre as árvores do parque. O homem e a mulher já estavam ao seu lado quando ela, uma jovem que rondava os trinta, com traços bonitos embora nada extraordinários, mostrou uma identificação que segurava próximo do rosto e que, mesmo à escassa luz da lua, podia se ver a sua fotografia, onde era muito mais jovem e com expressão grave. E o seu nome: Ellen não sei quantos.

— Polícia, declarou a mulher. — Sentimos muito tê-lo assustado.

— O que faz aqui a esta hora da noite? Perguntou o homem.

Os dois estavam com roupas civis e, sob uma negra franja de um jovem muito bem

parecido, podia ver um par de olhos de um frio azul que o olhavam curiosos.

— Saí para dar uma volta, simplesmente, disse o velho confiando em que não notassem que a sua voz tremia.

— Ah, vá! Disse o homem chamado Tom. — Encostado em uma árvore do parque e com um abrigo tão longo. O que acha que vamos pensar?

— Venha, Tom! Exclamou a mulher. — Sinto muito, disse se voltando até o velho. — Aconteceu uma briga no parque há umas horas. Balearam um jovem. Viu ou ouviu algo?

— Não, eu acabo de chegar, disse o velho se concentrando na mulher, para evitar assim o penetrante olhar do homem. — Não vi nada. Somente a Ursa Menor e a Ursa Maior, disse apontando ao céu. — Sinto pelo rapaz. Está muito ferido?

— Bastante. Desculpe a interrupção, sorriu a jovem. — Que tenha uma boa noite.

Os dois policiais desapareceram e o velho fechou os olhos apoiado contra a árvore. De repente, alguém o agarrou pela gola do abrigo e notou o cálido alento da voz do jovem policial, que lhe sussurrava ao ouvido:

— Se alguma vez pegá-lo com as mãos na massa, eu vou cortar fora, me ouviu? Odeio os tipos como você.

Depois, suas mãos soltaram o abrigo e o policial desapareceu. O velho se sentou no chão e em seguida sentiu a humidade da terra em suas roupas. Uma voz ressoava em sua cabeça, cantando os mesmos versos, uma e outra vez:

*Olmo e álamo, carvalho e vidoeiro,
casaco preto, morto e pálido.*

* * *

Dezenove

PIZZARIA HERBERT, PLAZA YOUNGSTORGET

12 de Novembro de 1999

SVERRE OLSEN entrou, cumprimentou com um gesto os rapazes da mesa do canto, pediu uma cerveja no balcão e a levou para a mesa. Não à mesa do canto, mas a sua. A que fora a sua mesa durante mais de um ano, desde que deu uma paulada no tio amarelo do Dennis Kebab. Era cedo e ainda não havia ninguém mais sentado ali, mas a pequena pizzeria da esquina da Rua Torggata com a Praça Youngstorget não demoraria a encher. Hoje era dia de pagamento. Olhou para os rapazes do canto. Três deles faziam parte do núcleo, mas já não falava com eles. Pertenciam ao novo partido, Aliança Nacional, e poderia se dizer que acontecera um... Desacordo ideológico. Conhecia-os desde a sua participação na Juventude do Partido Patriótico, e eram muito patriotas, mas agora estavam a ponto de se deslocarem para as fileiras dos dissidentes. Roje Kvinset, com a cabeça impecável recém-barbeada, usava, como sempre, jeans gastos e justos, botas e uma camiseta branca com o emblema da Aliança Nacional, em vermelho, branco e azul. Mas Halle era novato. Tingira o cabelo de preto e passara óleo para alisar a franja e penteá-la bem junto à cabeça. O que mais provocava a reação da gente era o bigode, tipo palito, da mesma cor preta e cuidadosamente recortado, uma cópia exata do bigode do Führer. Havia prescindido das botas de montar e das largas calças, colocando uma verde de camuflagem. Gregersen era o único que tinha jeito de ser um jovem normal e comum: casaco curto de botão e óculos de sol na cabeça. Era sem dúvida o mais inteligente dos três.

Sverre passeou o olhar pelo resto do local. Uma jovem e um rapaz estavam comendo uma pizza com as mãos. Não os vira antes, mas não pareciam policiais. E tampouco jornalistas. Seriam da ONG Monitor? Havia descoberto um tio da Monitor nesse inverno, um tipo de olhar temeroso, que havia entrado um par de vezes fingindo estar bêbado para entabular conversa com alguns deles. Sverre sentira o cheiro da traição. Levaram-no para fora e tiraram a camisa dele. Tinha um microfone e uma gravadora presa ao estômago com cinta adesiva. Confessou que era da Monitor antes que lhe tivessem posto uma mão em cima. Um cagão. Os da Monitor eram uns imbecis. Achavam que esses jogos de garotos, essa vigilância voluntária dos ambientes fascistas era algo importante e perigoso, que eram agentes secretos em constante perigo de morte. Ainda que, por fim, tivesse de admitir que talvez não fossem tão diferentes de alguns dos membros de suas próprias fileiras. De todas as formas, o tio estava convencido de que

iam matá-lo e tinha tanto medo que se mijara. Literalmente. Sverre notou em seguida o filete escuro que serpenteava passando pela perna. Isso era o que melhor se lembrava daquela noite. O pequeno rio de urina que corria até o ponto mais baixo da perna brilhava na penumbra do pátio interior.

Sverre Olsen decidiu que o casal, efetivamente, era de dois jovens famintos que haviam passado por ali e pararam para comer ao descobrir a pizzeria. A velocidade com que comiam indicava que, àquelas alturas, já haviam notado o tipo de clientela, e queriam sair dali o quanto antes possível. Havia um senhor mais velho com abrigo e chapéu sentado junto à janela. Um bêbado, talvez, embora a sua roupa indicasse outra coisa. Claro que era esse o aspecto que tinham nos primeiros dias, depois de que a Elevator, a loja de roupa de segunda mão do Exército de Salvação, fornecera roupas, em geral, abrigos de qualidade e trajes usados mais cuidados. O homem mais velho levantou o olhar e seus olhares se cruzaram. Não era nenhum bêbado. O homem tinha uns faiscantes olhos azuis e Sverre afastou o olhar em seguida. Merda, que forma de olhar desse velho!

Sverre se concentrou em sua caneca de cerveja. Já era hora de ganhar algum dinheiro. Deixar crescer a barba para que cobrisse as tatuagens do pescoço, usar camisa de manga longa e começar a ronda. Havia trabalhos de sobra. Trabalhos de merda, isso sim. Os trabalhos cômodos e bem pagos eram dos homossexuais, dos ateus e dos negros de merda.

— Posso me sentar aqui? Sverre levantou o olhar. Era o velho. Ele nem sequer se dera conta de que ele havia se aproximado.

— Esta é a minha mesa, disse secamente.

— Só quero conversar um pouco.

O velho colocou um jornal no centro da mesa e se sentou na cadeira que havia em frente a ele. Sverre o olhou desconfiado.

— Tranquillize-se, sou um de vocês, afirmou o velho.

— Que “vocês”?

— Os que frequentam este lugar. Os nacional-socialistas.

— Ah, sim?

Sverre passou a língua pelos lábios e levou a caneca à boca. O velho o olhava imperturbável. Tranquilo, como se tivesse todo o tempo do mundo. E com certeza que era assim. Teria uns setenta anos, no mínimo. Seria um dos pertencentes ao Zorm 88? Um dos cérebros inacessíveis que Sverre somente ouvira falar, mas que nunca vira?

— Preciso um favor, confessou o velho em voz baixa.

— Ah, sim? Respondeu Sverre distante, embora moderando agora a sua manifesta atitude condescendente de antes. Quem sabe...

— Trata-se de um assunto de armas, disse o velho.

— Que armas?

— Preciso de uma. Pode me ajudar?

— Por que ia fazer tal coisa?

— Dê uma olhada no jornal. Página vinte e oito.

Sverre apanhou o diário sem deixar de observar o homem mais velho enquanto passava as folhas. Na página vinte e oito havia um artigo sobre os neonazistas na Espanha. Escrito pelo patriota Even Juul. A foto em branco e preto de um homem jovem que segurava um quadro do generalíssimo Franco estava parcialmente coberta por uma nota de mil.

— Se puder ajudar... Disse o velho. Sverre encolheu os ombros. — Darei nove mil a mais.

— Ah, sim? Respondeu Sverre antes de tomar outro gole. Deu uma olhada no local. O casal de jovens já havia saído, mas Halle, Gregersen e Kvinset continuavam ali. E os demais não demorariam a chegar e seria impossível manter uma conversa medianamente discreta. Dez mil coroas!

— Que tipo de arma?

— Um rifle.

— Poderia ser feito. O velho negou com um gesto.

— Um rifle Märklin.

— Um Märklin? O velho concordou.

— Como nas maquetes de trens Märklin?

Uma fissura se abriu entre os sulcos do rosto do velho, debaixo do chapéu. Como se estivesse sorrindo.

— Se não pode me ajudar, fale agora. Pode ficar com a nota de mil e não falamos mais do assunto, eu vou embora e não voltaremos a nos ver nunca mais.

Sverre notava como subia a adrenalina. Aquela não era uma conversa comum sobre machados, escopetas de caça e alguma que outra banana de dinamite, aquilo era algo sério... Esse tio era sério. Abriu-se a porta e Sverre olhou por cima do ombro do velho. Não era algum dos colegas, somente o bêbado islandês. Podia ser um pouco inoportuno quando queria que o convidassem para uma cerveja, mas no demais era inofensivo.

— Verei o que posso fazer, prometeu Sverre ao mesmo tempo em que se dispunha a apanhar a nota de mil. Mas, sem saber como, a mão do velho, como a garra de uma águia, puxou a sua cravando-a na mesa.

— Não foi isso o que perguntei, replicou com voz fria e cortante como um iceberg de gelo. Sverre tentou liberar a mão, mas não o conseguiu. Não conseguia se livrar da garra de um velho! — Perguntei se pode me ajudar e quero um sim ou um não. Entendeu?

Sverre notou como despertava o monstro do seu desejo de brigar, seu velho amigo, e também seu inimigo. Mas, no momento, o monstro não havia superado a ideia das dez mil coroas. E ele conhecia um homem que poderia ajudá-lo, um homem muito especial. Não seria barato, mas tinha a sensação de que o velho não ia regatear na comissão.

— Eu... Sim, posso ajudá-lo.

— Quando?

— Dentro de três dias. Aqui. À mesma hora.

— Bobagem. Não conseguirá um rifle desse tipo em três dias, disse o velho soltando a mão dele. — Mas vá rápido à pessoa que pode ajudá-lo a encontrar e diga que vá rápido à pessoa que pode ajudar a ele e, depois, nos veremos aqui, dentro de três dias, para acertar onde e quando se fará a entrega.

Sverre exerceu com a mão uma pressão equivalente os cento e vinte quilos de pesos que conseguia levantar. Como era capaz de resistir esse velho esquelético...?

— Diga que o rifle será pago em dinheiro, em coroas norueguesas, no momento da entrega. Receberá o resto do seu dinheiro dentro de três dias.

— Ah, sim? E que acontece se apanho o dinheiro e...?

— Então voltarei e o matarei. Sverre esfregou o pulso. Não pediu mais explicações.

Um vento gélido varria a calçada ante a cabine de telefones que ficava junto à piscina da Rua Torggaten enquanto Sverre Olsen discava um número com mão trêmula. Merda, que frio! Além disso, tinha as botas esburacadas. Alguém atendeu ao telefone.

— Alô?

— Sou eu, Olsen.

— Fale.

— Encontrei um tipo que quer um rifle. Um Märklin. Fez-se silêncio. — Como as maquetes Märklin, explicou Sverre.

— Olsen, eu sei o que é um Märklin.

A voz que vinha do fone era plana e neutra, mas para Sverre não passou inadvertido o desprezo. Contudo, não falou nada porque, apesar de odiar aquele homem com todas as suas forças, o medo que ele infundia era mais intenso; e não se envergonhava em admitir. Tinha fama de ser perigoso. Só uns poucos dentro do entorno haviam ouvido falar dele, e tampouco Sverre conhecia o seu verdadeiro nome. Mas, graças aos seus contatos, retirara Sverre e seus colegas de algum que outro aperto. Claro que era pela causa, não porque ele se importasse com Sverre Olsen. Se Sverre conhecesse outra pessoa capaz de conseguir o que procurava, teria preferido esse outro contato. A voz:

— Quem pergunta e para quê quer a arma?

— Um velho, mas nunca o vi antes. Disse que era um dos nossos. E não perguntei a quem pensava despachar, para dizer de alguma maneira. A ninguém, talvez. Talvez somente queira para...

— Feche a boca, Olsen! Tinha pinta de ter dinheiro?

— Estava bem vestido. E me deu uma nota de mil somente para responder se poderia conseguir ou não.

— Deu-lhe a nota de mil para que fechasse o bico, não para responder.

— Bem, certo.

— Interessante.

— Voltaremos a nos encontrar dentro de três dias. Então quer saber se podemos conseguir.

— Podemos?

— Sim, mas...

— Se eu posso conseguir, quer dizer.

— Claro. Mas...

— Quanto pagará pelo restante do trabalho? Sverre vacilou, mas respondeu por fim:

— Dez papéis.

— Eu darei outro tanto. Dez. Se houver acordo. Entendeu?

— Entendi.

— Por que lhe darei os dez?

— Para manter a boca fechada.

Quando por fim pendurou o fone, Sverre não sentia os dedos dos pés. Precisava de um par de botas novas. Ficou olhando para uma embalagem de batatas fritas que, vazia e indolente, se deixava arrastar pelo vento e, entre os carros, vagando aos tropeções até a Rua Storgata.

O VELHO eixou que a porta de vidro da Pizzaria Herbert se fechasse lentamente às suas costas. Ficou na calçada, esperando, e enquanto aguardava, viu passar uma mulher paquistanesa que, com a cabeça coberta por um lenço, empurrava um carrinho de criança. Ante ele passavam os carros e, em suas janelas laterais, via o reflexo dançante de sua figura e também o das grandes janelas da pizzaria que ficava por trás. À esquerda da entrada, o vidro estava parcialmente coberto por uma cruz de cinta adesiva branca, conserto provisório de uma rachadura provocada, parecia, por um chute. O desenho que formavam as fissuras brancas se assemelhava a uma teia de aranha.

No outro lado do vidro se via Sverre Olsen, sentado à mesma mesa onde haviam ultimado os detalhes. No porto de contêineres de Bjorvika, dentro de três semanas. Cais número 4. Às duas da madrugada. Contrassenha: **VOICE OF AM ANGEL**. Pelo visto, era o título de uma canção moderna. Não a conhecia, mas o título lhe pareceu muito apropriado. O preço, pelo contrário, não era tanto: 750.000 coroas. Claro que não iria discutir. A questão agora era se cumpririam a sua parte do acordo ou se o assaltariam lá mesmo, no cais. Invocou a lealdade e contou ao jovem neonazista que havia combatido na frente, mas não estava certo de que ele dera algum crédito ao seu relato. Ou que tivesse dado importância. Até havia inventado uma história sobre onde esteve combatendo, se o jovem resolvesse fazer perguntas. Mas não o fez. Os carros passavam. Sverre Olsen continuava sentado, mas outro tipo acabava de se levantar de uma mesa e se dirigia à porta com passo instável. O velho se lembrava dele, pois também estava ali da última vez. E hoje não havia tirado o olhar de cima dele nem um instante. Abriu-se a porta. Ele continuava esperando. O trânsito parou um instante e aí pôde ouvir o que o homem, que havia parado bem atrás dele, dizia:

— Então é você? A voz era dessas muito particulares e roucas, fruto do abuso do álcool, de fumar muito e dormir pouco.

— Eu o conheço? Disse o velho sem se virar.

— Me parece que sim. O velho voltou à cabeça, o examinou um segundo e em seguida afastou o olhar dele.

— Sinto muito, creio que não o conheço.

— Não reconhece um velho amigo de guerra?

— Que guerra?
— Você e eu lutamos pela mesma causa.
— Se você o diz. O que quer?
— O quê? Perguntou o bêbado colocando uma mão atrás da orelha.
— Diga o que quer, repetiu o velho mais alto.
— Querer? É normal cumprimentar um velho conhecido, não? Sobretudo, se não o vê há muito tempo. E, mais ainda, se achava que tinha morrido. O velho se voltou.
— Parece que estou morto?

O homem islandês cravou um olhar de um azul tão claro que seus olhos pareciam mármore da cor turquesa. Era completamente impossível determinar a sua idade. Podia ter quarenta ou oitenta anos. Mas o velho sabia a idade do bêbado. Se se concentrasse e fizesse um esforço de memória, poderia lembrar até a sua data de nascimento. Durante a guerra, haviam se preocupado de comemorar os aniversários. O bêbado se aproximou.

— Não, não parece morto. Doente, sim, mas não morto.

Estendeu uma mão enorme e suja e o velho notou em seguida o fedor doce, uma mistura de suor, urina e álcool.

— O que houve? Não quer apertar a mão de um velho amigo? Sua voz soava como um estertor da morte. O velho apertou fugazmente a mão que o outro estendia, sem retirar a luva.

— Muito bem, disse. — Pois já apertamos a mão. Se não quer mais nada, tenho que continuar o meu caminho.

— Querer, ou que se diz querer... Disse o bêbado se balançando de um lado para outro ao mesmo tempo em que tentava fixar o olhar no velho. — Eu me preocupava em descobrir o que faz um homem como você num buraco como este. Talvez não seja tão estranho, não é? A última vez que o vi aqui eu pensei: “Terá errado de lugar”. Mas em seguida o vi falando com esse tipo horrível que dizem que sai por aí matando a gente com um bastão. E ao vê-lo hoje também...

— Sim?

— Pois pensei que devia perguntar a algum dos jornalistas que aparecem por aqui de vez em quando, sabe? Se souberem que há um homem com uma pinta tão respeitável como a sua em um lugar como este... Eles estão por dentro de tudo, sabe? E se não, descubrem. Por exemplo, como é possível que alguém que todo o mundo pensava que havia morrido durante a guerra, de repente, apareça vivo? Eles descobrem a informação com a rapidez de um raio. Assim. Fez uma tentativa inútil de estalar os dedos. — E então, sabe? Vão e colocam nos jornais. O velho suspirou.

— Posso ajudar em algo?

— O que acha? O bêbado abriu os braços e sorriu deixando ver a sua escassa dentadura.

— Entendo, disse o velho dando uma olhada ao seu redor. — Vamos dar uma volta. Não gosto dos espectadores.

— Não, claro, e para que precisamos deles? O velho pousou a mão no ombro do outro.

— Entremos aqui.

— Show me the way (Mostre-me o caminho), companheiro, cantarolou o bêbado com voz rouca antes de dar uma risada.

Entraram no beco que havia ao lado da pizzaria, onde se viam vários contêineres de plástico para lixo, cheios de transbordar.

— Comentou com alguém que me viu?

— Ficou maluco? Se no princípio achava que estava tendo visões. Um fantasma em plena luz do dia! Em Herbert!

Começou a rir às gargalhadas e que terminou numa tosse funda e borbulhante.. Inclinou-se para frente e se apoiou contra a parede, até que a tosse cedeu. Depois, se levantou de novo e limpou a baba que caía do queixo.

— Não, é claro, não falei com ninguém; nesse caso, já teriam me internado...

— O que acha se eu ofereço um preço justo pelo seu silêncio?

— Justo, mas o que será justo?... Vi o homem mau apanhar a nota de mil que havia escondido no jornal...

— Sim?

— Um par delas comigo durariam uma temporada...

— Quanto?

— Quanto tem?

O velho deu um suspiro e olhou ao seu redor para ter certeza de que não havia testemunhas. Desabotoou o casaco e colocou a mão no interior.

* * *

Sverre Olsen cruzou a Praça Youngstorget em grandes passadas balançando a bolsa de plástico verde que levava na mão. Há pouco tempo atrás se encontrava na Pizzaria Herbert, quebrado e com as botas esburacadas; agora, em troca, usava um par de botas Combat, novas e reluzentes, de cano alto e com doze pares de rebites, que havia comprado na Top Secret, na Rua Henrik Ibsen. Além disso, levava um envelope em que

ainda restavam oito notas de mil. E mais dez mil que estavam por chegar. Era estranho como mudavam as coisas rapidamente. Nesse outono esteve a ponto de passar três anos na cadeia, quando o seu advogado descobriu de repente que a mulher gorda que ajudava o juiz fora ajuramentada no lugar errado.

Sverre estava de tão bom humor que considerou inclusive a possibilidade de convidar Halle, Gregersen e Kvinset para a sua mesa. Convidá-los a uma cerveja. Só para ver como reagiriam. Sim, faria isso! Atravessou a Rua Pløensgate e passou ante uma mulher paquistanesa que empurrava um carrinho de criança e sorriu para ela de pura maldade. Estava chegando à porta de Herbert quando pensou que não tinha sentido carregar uma bolsa que continha umas botas velhas. Assim entrou no beco, levantou a tampa de um dos contêineres de lixo e a jogou dentro. Quando ia fechando notou um par de pernas que apareciam entre dois dos contêineres. Olhou ao seu redor. Não havia ninguém na rua. Nem tampouco no pátio traseiro. Quem seria? Um bêbado, um drogado? Aproximou-se um pouco mais. Os contêineres tinham rodas e aqueles dois estavam totalmente juntos. Notou que o pulso acelerava. Alguns drogados ficavam irritados se os importunassem. Sverre se afastou um pouco e deu um chute em um dos contêineres para afastá-lo. “Merda!”, disse.

Era curioso, mas Sverre Olsen, que estivera a ponto de matar um homem, nunca vira alguém morto. Tão curioso, como o fato de que aquilo que estava vendo quase o fez cair de bruços. O homem tinha as costas apoiadas contra a parede e os olhos fora de órbita. Estava tão morto como se poderia estar. A causa da morte era evidente. O pescoço mostrava o lugar onde lhe cortaram a garganta. Ainda que o sangue brotasse muito lentamente, era claro que no princípio fora aos borbotões, pois a camisa que ele usava parecia pegajosa e empapada de sangue. O fedor a lixo e urina se tornara insuportável e Sverre teve o tempo justo de notar o sabor a bÍlis antes de vomitar duas cervejas e uma pizza. Depois, parou apoiado no contêiner cuspiendo uma e outra vez sobre o asfalto. As pontas das botas novas ficaram amarelas de vômito, mas ele não se deu conta. Só tinha olhos para o vermelho riacho que, brilhando à tênue luz da rua, procurava o ponto mais baixo do terreno.

* * *

Vinte e Um

LENINGRADO
17 de Janeiro de 1944

UM CAÇA RUSSO YAK tronava sobre Edvard Mosken enquanto ele andava encurvado pela trincheira. Esses caças não conseguiam causar muitos danos; parece que os russos já não tinham mais bombas. A última coisa que ouvira era que os pilotos usavam granados de mão, com as quais tentavam atacar os postos inimigos quando os sobrevoavam!

Edvard estava na região norte para apanhar a correspondência de seus homens e saber das últimas novidades. O outono trouxera um sem fim de notícias deprimentes de derrotas e retiradas ao longo de toda a frente oriental. Já em novembro, os russos haviam recuperado Kiev, e em outubro o exército da frente oriental estivera a ponto de ficar sitiado ao norte do mar Negro. O fato de que Hitler tivesse enfraquecido a frente oriental redirigindo as forças para a ocidental não melhorara a situação. Mas, o mais inquietante era o que Edvard ouvira naquele dia. Há dois dias o General Gusev havia iniciado uma terrível ofensiva partindo de Oranienbaum, ao sul do golfo da Finlândia. Edvard se lembrava de Oranienbaum porque era uma pequena cabeça de ponte por onde passaram durante a marcha para Leningrado. Os russos a haviam deixado porque carecia de importância estratégica! Agora, no mais absoluto segredo, Ivan havia conseguido reunir um exército em torno do forte de Kronstadt e os relatórios indicavam que os canhões Katiuscia bombardeavam sem trégua os postos alemães, e que o bosque de pinos, antigamente tão frondoso, havia ficado reduzido a gravetos. A verdade era que em algumas noites ouviam a música dos rádios russos ao longe, mas jamais imaginou que fosse tão horrível.

Edvard aproveitara para ir ao hospital de campanha e visitar um de seus rapazes que perdera um pé no estouro de uma mina na terra de ninguém, mas a enfermeira, uma minúscula mulher de olhos tristes, fundos e escuros que parecia usar uma máscara, negou com um gesto ao mesmo tempo em que pronunciava uma das palavras alemãs que, com certeza, mais havia praticado: “Tot”, morto. Edvard deve ter dado a impressão de ficar muito afetado, porque a mulher tentou animá-lo apontando uma cama onde, pelo que parecia, havia outro norueguês.

— Este vive, falou com um sorriso, embora sem apagar a tristeza dos seus olhos.

Edvard não conhecia o homem que descansava na cama, mas quando viu o reluzente abrigo de pele pendurado na cadeira, compreendeu quem era: nem mais nem menos que o mesmíssimo comandante de companhia Lindvig, do regimento Norueguês. Uma lenda. E ali estava, prostrado! Decidiu não dar a notícia aos seus companheiros. Outro caça rugiu sobre a sua cabeça. De onde saíram, assim de repente, todos aqueles aviões? No outono passado tiveram a impressão de que Ivan havia ficado sem caças. Dobrou uma esquina e topou com as costas encurvadas de Dale.

— Dale!

Dale não se voltou. Desde um dia de novembro em que estivera perto da explosão de uma granada, já não escutava direito. Tampouco falava e tinha o olhar vidrado e introvertido de quem havia sofrido a comoção após a explosão de uma granada. No princípio, Dale se queixava de dor de cabeça, mas o oficial médico que o examinou falou que não poderia fazer muito por ele, que somente restava esperar e ver o que aconteceria. Tinham falta de combatentes e não ia enviar ao hospital gente sã.

Edvard colocou um braço sobre o ombro do companheiro, que deu a volta com tal brusquidão que Edvard patinou no gelo, escorregadio por causa do sol. “Pelo menos o inverno veio suave”, pensou Edvard antes de começar a rir ao se ver de costas no chão. Contudo, sua risada cessou quando enfrentou a boca do fuzil que Dale segurava ante os seus olhos.

— Senha! Gritou Dale. Edvard viu o seu olho muito aberto por cima da mira do fuzil.

— Sou eu, Dale.

— Senha!

— Como senha? Afaste o fuzil, Dale! Demônios, sou eu, Edvard.

— Senha!

— Carvão. Edvard sentiu que o medo se apoderava dele, quando viu o dedo de Dale apertar lentamente o gatilho. Acaso não o ouvira?

— Carvão, gritou com todas as forças. — Carvão, demônios!

— Confesse! Ou atiro.

Deus meu, ia disparar! Dale ficara louco! De repente, Edvard lembrou que havia trocado a senha naquela mesma manhã. Depois que ele saíra. O dedo de Dale apertava o gatilho, embora não de todo. Franziu as sobrancelhas. Soltou a trava e voltou colocar o dedo. Ia terminar assim? Depois de tudo o que havia superado, ia morrer pelo tiro de um compatriota perturbado? Edvard cravou o olhar na boca do fuzil, esperando a explosão.

Daria tempo de vê-la? Deus meu. Dirigiu o olhar da boca da arma até o céu azul onde que se desenhava a cruz negra de um caça russo. Voava a demasiada altura e não poderiam ouvi-lo. Fechou os olhos.

— Voz de anjo! Ouviu alguém gritar ao seu lado. Dale desceu o fuzil. Sorriu para Edvard e concordou.

— Voz de anjo é a senha, repetiu. Edvard voltou a fechar os olhos e respirou aliviado.

— Correspondência? Perguntou Gudbrand.

Edvard se levantou e entregou a Gudbrand os documentos. Dale continuava sorrindo, embora com o mesmo semblante inexpressivo. Edvard agarrou com força o cano do fuzil de Dale e grudou o seu rosto ao do companheiro, antes de perguntar:

— Está aí, Dale? Pretendia fazer a pergunta em um tom de voz normal, mas somente conseguiu emitir um sussurro rouco e áspero.

— Não ouve, explicou Gudbrand enquanto olhava as cartas.

— Não sabia que estivesse tão mal, confessou Edvard agitando uma mão ante o rosto de Dale.

— Não deveria estar aqui. Tem carta da sua família. Mostre-a e compreenderá o que quero dizer.

Edvard apanhou a carta e se aproximou de Dale, mas este somente reagiu com um fugaz sorriso que demorou a desaparecer.

— Tem razão. Está acabado. Gudbrand deu uma carta a Edvard.

— Que tal em casa? Perguntou.

— Bom, já sabe, falou Edvard observando a carta um bom tempo.

Mas Gudbrand não sabia de nada, porque ele e Edvard não conversavam desde o inverno anterior. Era estranho, mas ainda ali, naquelas circunstâncias, duas pessoas poderiam se evitar se assim o desejassem. Não é que Gudbrand não gostasse de Edvard, pelo contrário, respeitava ao rapaz de Mjøndalen, o qual considerava um tipo sensato, um soldado valente e um bom apoio para os jovens e os novos do grupo. Naquele outono, Edvard fora promovido a Scharführer, grau equivalente ao de sargento no exército norueguês, mas tinha as mesmas responsabilidades que antes da promoção. Edvard falou de brincadeira que o promoveram porque todos os demais sargentos haviam morrido e estavam sobrando boinas de sargento. Gudbrand havia pensado muitas vezes que, em outras as circunstâncias, poderiam chegar a ser bons amigos. Mas o que havia acontecido no inverno anterior, o desaparecimento de Sindre e o misterioso reaparecimento do

corpo de Daniel criou entre eles uma distância intransponível. O som surdo e remoto de uma explosão, seguido de um diálogo entre metralhadoras, rompeu o silêncio.

— Os ataques aumentaram? Perguntou Gudbrand mais em tom interrogativo que de afirmação.

— Sim, confirmou Edvard. — É a famosa subida da temperatura. Nossas provisões ficaram atoladas no barro.

— Teremos que nos retirar? Edvard encolheu os ombros.

— Talvez tenhamos que retroceder uns quilômetros. Mas voltaremos. Gudbrand olhou para o este. Fez uma sombra com a mão e pesquisou o horizonte... Não sentia o menor desejo de voltar. Queria ir para casa e ver se ainda poderia refazer a sua vida.

— Viu a placa da rodovia norueguesa que está no cruzamento próximo ao hospital de campanha, a da cruz solar? Perguntou. — E a flecha que aponta para o este, onde está escrito “Leningrado 5 quilômetros”? Edvard concordou.

— Lembra-se do que diz a flecha que aponta para o oeste?

— Oslo? Disse Edvard. — Sim, “Oslo 2611 quilômetros”.

— São muitos quilômetros.

— Sim, são.

Dale deixara o fuzil com Edvard e havia sentado no chão com as mãos enfiadas na neve. Sua cabeça oscilava entre os estreitos ombros como se fosse uma flor com o talo quebrado. Ouviram outra explosão, mais próxima desta vez.

— Agradeço que...

— Não tem de que, cortou Gudbrand em seguida.

— Vi Olaf Lindvig no hospital de campanha, disse Edvard, sem saber por quê. Talvez porque Gudbrand era, junto com Dale, o único do pelotão que estava ali há tanto tempo quanto ele.

— Estava...?

— Só levemente ferido, creio. Vi o seu capote branco pendurado em uma cadeira.

— Dizem que é um bom homem.

— Sim, temos muitos homens bons. Ambos ficaram em silêncio. Edvard tossiu e colocou uma mão no bolso.

— Trouxe uns cigarros russos do norte. Se tiver fogo...

Gudbrand concordou. Desabotoou o casaco de camuflagem, encontrou fósforos e acendeu um. Quando levantou a vista, a primeira coisa que encontrou foi o olho de cyclope de Edvard, aberto de par em par. Olhava fixamente por cima de seu ombro. Então ouviu o assovio.

— Para terra! Gritou Edvard.

Deitaram-se rapidamente sobre o gelo e do céu veio um estrondo ensurdecedor. Gudbrand somente teve tempo de ver o leme do caça russo que voava em picado em direção as trincheiras. Sobrevoou-as tão baixo que levantou uma nuvem de neve. Em seguida desapareceu e tudo ficou em silêncio.

— Esse foi perto... Sussurrou Gudbrand.

— Deus meu! Suspirou aliviado Edvard enquanto que, apoiado sobre as costas, sorria para Gudbrand. — Pude ver o rosto do piloto. Havia retirado a campana de vidro para olhar da cabine. Ivan ficou maluco. E riu de tal maneira que começou a tossir. — Que dia!

Gudbrand olhou o fósforo que ainda segurava na mão. E ele também começou a rir.

— Ra, Ra! Corroborou Dale os observando da borda da trincheira. — Ra, Ra!

Gudbrand olhou fugazmente para Edvard e ambos começaram a dar gargalhadas. Riram até arquejar e, no princípio, não perceberam o estranho som que se aproximava.

— Toc-toc. Soava como se alguém estivesse dando golpes no gelo, muito lentamente. — Toc. Então se ouviu um golpe metálico. Gudbrand e Edvard olharam até Dale, que desabava lentamente sobre a neve.

— Mas o quê...? Titubeou Gudbrand.

— Uma granada! Gritou Edvard.

Gudbrand reagiu instintivamente ao grito de Edvard e se abaixou em seguida; mas enquanto estava assim, encolhido, viu girar a alça da granada sobre o gelo, a somente um metro de onde ele estava. Com a sensação do corpo se congelar pouco a pouco, compreendeu o que estava a ponto de acontecer.

— Afaste-se! Gritou Edvard às suas costas. Era verdade! Os pilotos russos jogavam granadas de mão dos aviões. Edvard estava de costas e tentou se afastar, mas se resvalava no gelo molhado.

— Gudbrand! Aquele som tão estranho vinha das granadas de mão que rebotavam sobre o gelo do fundo da trincheira. Tinha alcançado Dale diretamente no capacete! — Gudbrand!

A granada girava sem cessar, saltava bailando sobre o gelo e Gudbrand não podia parar de olhá-la. Quatro segundos desde que se puxava o anel até a detonação, não era

isso o que haviam aprendido em Sennheim? Talvez os russos tivessem outro tipo de granadas. Seriam seis segundos? E se fossem oito? A granada girava e girava, como um desses grandes piões vermelhos que seu pai construía quando moravam no Brooklyn. Gudbrand o fazia girar e Sonny o seu irmão menor olhava e contava o tempo que se mantinha de pé. “Twenty-one-twenty-two”... Sua mãe chamava da janela, a comida estava pronta, precisava entrar, seu pai chegaria a qualquer momento...

— Espere um pouco, gritava ele. — O pião continua girando! Mas ela não ouvia, já havia fechado a janela.

Edvard parara de gritar e, de repente, ficou tudo em silêncio.

* * *

Vinte e Dois

SALA DE ESPERA DO DOUTOR BUER

22 de Dezembro de 1999

O VELHO solhou o relógio. Estava há quinze minutos na sala de espera. Antes, quando era o doutor Konrad Buer, nunca precisara esperar. Konrad não consultava mais pacientes dos que poderia atender segundo a marcação do dia. Havia outro homem sentado ao fundo da sala. De pele escura, africano. Estava olhando uma revista e o velho verificou que, apesar da distância, poderia ler cada letra da primeira página. Algo sobre a família real. Era isso o que lia o africano, um artigo sobre a família real norueguesa? Achou absurdo. O africano passou a página. Usava um desses bigodes que descem pelos extremos, igual ao mensageiro que vira naquela noite. O encontro foi breve. O mensageiro chegou ao porto de contêineres em um Volvo, provavelmente alugado. Parou, abaixou a janela e falou a senha: “VOICE OF AM ANGEL”. Esse africano tinha exatamente o mesmo tipo de bigode. E o olhar triste.

Apressou-se a lhe dizer que não trouxera a arma no carro, por razões de segurança, que iriam apanhá-la em outro lugar. O velho duvidou, mas em seguida pensou que, se quisessem roubá-lo, o teriam feito ali mesmo, no porto de contêineres. De modo que subiu ao carro e se puseram em marcha em direção ao hotel Radisson SAS na Praça Holberg. Que coincidência! Viu Betty Andresen atrás do balcão quando passaram na recepção, mas ela não se deu conta. O mensageiro contou o dinheiro da maleta murmurando as quantias em alemão. Assim o velho perguntou o porquê. E o mensageiro contou que seus pais eram da Alsácia e o velho teve a ideia de lhe dizer que estivera ali, em Sennheim. Quanta coincidência!

Depois de ler tanto sobre o rifle Märklin na Internet e na biblioteca da universidade, a arma o decepcionou um pouco. Parecia uma escopeta de caça comum, somente um pouco maior. O mensageiro ensinou como montá-la e desmontá-la e o chamou de “senhor Urias”. Depois, o velho colocou o rifle desmontado em uma bolsa grande e desceu à recepção no elevador. Por um instante, lhe passou pela cabeça se aproximar de Betty Andresen e pedir que chamasse um táxi. Outra coincidência.

— Alô! O velho levantou os olhos.

— Creio que terei de fazer também uma prova de audição. O doutor Buer estava na porta tentando sorrir jovialmente. O levou até o consultório. As olheiras do doutor

pareciam hoje mais marcadas ainda.

— Chamei o seu nome três vezes.

“Caramba, se esqueço até do meu nome”, pensou o velho. “Vou esquecer todos os nomes”. Pela calorosa palmadinha do doutor, deduziu que tinha más notícias.

— Sim, já tenho os resultados dos exames que fizemos, disse de passagem, antes que ele se tivesse acomodado de todo na cadeira, como para terminar o quanto antes com as novas desagradáveis. — Por desgrça, se espalhou.

— Claro que se espalhou, repetiu o velho. — Não faz parte da natureza do câncer? Espalhar-se?

— Bom, sim, concedeu Buer retirando uma invisível poeira da mesa.

— O câncer é como nós, explicou o velho. — Faz o que tem de fazer.

— Sim, afirmou o doutor Buer com a sua aparência de forçosa tranquilidade e sua postura algo rígida.

— Faça sempre o que tem que fazer doutor.

— Tem razão, respondeu o doutor sorrindo e colocando os óculos. — Ainda não descartamos a quimioterapia. O debilitará, mas poderá prolongar...

— A vida?

— Sim.

— Quanto tempo me resta sem a terapia?

— Menos do que havíamos pensado no princípio.

— E isso significa?

— Significa que o câncer se espalhou do fígado através das vias sanguíneas até...

— Diga-me quanto. O doutor Buer o olhou inexpressivo. — Odeia esta parte do trabalho, não é? Perguntou o velho.

— Como diz?

— Nada. Uma data, por favor.

— É impossível de...

O doutor Buer se sobressaltou: o velho deu um soco na mesa com tal violência, que o fone do telefone saiu do seu lugar. Abriu a boca com a intenção de dizer algo, mas se conteve ao ver o indicador do velho. Suspirou, retirou os óculos e passou uma mão pelo rosto com gesto cansado.

— Para o verão. Junho. Pode ser antes. No máximo, agosto.

— Bem, disse o velho. — Justo o suficiente. Que me diz das dores?

— Podem aparecer a qualquer momento. Mas receitarei analgésicos.

— Poderei ter uma vida normal?

— É difícil de dizer. Dependerá da dor.

— Preciso de remédios que me permitam uma vida normal. É importante, compreende?

— Todos os analgésicos...

— Suporto bem a dor. Só preciso de algo que me mantenha consciente, que me permita pensar, atuar racionalmente.

Feliz Natal. Foi a última coisa que falou o doutor Buer. O velho já estava na escada. No princípio não entendeu por que havia tanta gente na cidade, mas agora, ao lembrar que se aproximava a data das festas, observou o pânico nos olhos de quantos corriam pelas calçadas à procura dos últimos presentes de Natal. A gente havia se congregado na Praça Egertorget, ao redor de uma banda de música pop. Um homem com o uniforme do Exército da Salvação passava o chapéu enquanto um drogado chutava a neve com o olhar errante, como uma vela cuja chama estivesse a ponto de se extinguir. Duas jovens de braço dado passaram ao seu lado, com as faces acesas pela emoção dos segredos que trocavam sobre os seus namorados e esperanças. E as luzes. Brilhava uma luz em cada maldita janela. Levantou o rosto até o céu de Oslo, uma cúpula quente e amarela pelos reflexos das luzes da cidade. “O próximo Natal”, ele pensou. “O próximo Natal comemoraremos juntos, meu amor.”.

* * *

Parte 3

URIAS

* * *

Vinte e Três

HOSPITAL RUDOLPH II, VIENA

7 de Junho de 1943

HELENA LANG caminhava em rápidas passadas enquanto empurrava a mesinha de rodas até a sala 4. As janelas estavam abertas e ela inspirou fundo, enchendo os pulmões e a cabeça do fresco aroma de grama recém-cortada. Nesse dia não havia o menor cheiro de morte e destruição. Há um ano que Viena fora bombardeada pela primeira vez. Nas últimas semanas atacaram-na em todas as noites em que o tempo esteve aberto. Ainda que o hospital Rudolph II ficasse a vários quilômetros do centro, muito por cima das guerras, lá na verde Wemrwald, o odor a fumaça dos incêndios que rebentavam na cidade acabara com a fragrância do verão.

Helena dobrou uma esquina e sorriu ao doutor Brockhard, que parecia querer parar para conversar, de modo que ela apertou o passo. Brockhard, com seu olhar duro e penetrante após as lentes, sempre deixava-a nervosa e cuidava para não ficar a sós com ele. De vez em quando tinha a sensação de que esses encontros com Brockhard nos corredores não eram casuais. A sua mãe teria cortado a respiração se tivesse visto como Helena evitava um médico jovem e prometedora, sobretudo porque Brockhard vinha de uma família vienense muito distinta. Mas Helena não gostava nem de Brockhard, nem de sua família, nem das tentativas de sua mãe para utilizá-la como uma ponte para entrar no seio da alta sociedade. Sua mãe culpava a guerra por tudo. Ela era a culpada de que o pai de Helena, Henrik Lang, tivesse perdido os seus locatários judeus tão depressa e não pudessem pagar os seus aluguéis como imaginara. A penúria econômica o havia obrigado a improvisar e ele convencera os banqueiros judeus para que transferissem as rendas de seus aluguéis, que o Estado Austríaco havia confiscado, para o nome de Lang. E agora Henrik Lang estava na prisão, por ter conspirado com as forças judias inimigas do Estado.

Ao contrário de sua mãe, Helena culpava o seu pai pela posição social que a família estava agora. Por exemplo, não gostava dos grandes banquetes que ofereciam, das conversas superficiais e quase infantis e das contínuas tentativas de casá-la com algum juvenzinho rico e mimado. Olhou para o relógio e apertou ainda mais o passo. Pelo que parecia, um passarinho entrara por uma das janelas abertas e pousara na luminária que pendia do teto, de onde cantava despreocupado. Havia dias em que Helena achava incompreensível que a guerra arrasasse tudo. Talvez porque os bosques e as espessas

fileiras de abetos ocultavam a visão do que não queriam ver lá de cima. Mas, ao entrar em uma das salas, via de imediato que aquela paz era uma ilusão. Também a guerra chegara ali, através dos corpos mutilados e as almas destruídas dos soldados. No começo, ela escutara as suas histórias, totalmente convencida de que, com a sua força e fé, poderia ajudá-los a sair de sua desgraça. Contudo, todos pareciam continuar narrando a mesma história, como um pesadelo recorrente, sobre o que o homem pode e se vê obrigado a suportar na vida terrena, sobre as humilhações que implica em querer viver e das quais somente os mortos passam a ficar imunes. De modo que Helena parara de escutar. Fingia fazê-lo, enquanto trocava as ataduras, tirava a temperatura, administrava os remédios e dava a comida. E quando adormecia, tentava não pensar neles, porque seus rostos continuavam lhe falando nos sonhos. Helena via o sofrimento em seus pálidos semblantes adolescentes, a crueldade de rostos endurecidos, herméticos, e a ânsia da morte nos gestos de dor de alguém que acabava de saber que lhe tinham amputado o pé.

Não obstante, ela caminhava hoje com passo ligeiro e rápido. Talvez porque fosse verão, ou porque um médico acabara de lhe dizer como estava bonita aquela manhã. Ou talvez por causa do paciente norueguês da sala 4 que não demoraria em lhe dizer “Guten Morgen” com esse acento tão gracioso e particular. E tomaria o café-da-manhã sem tirar o olhar de cima dela enquanto ela ia de uma cama a outra servindo os demais pacientes e animando a cada um com algum comentário. E, cada cinco ou seis camas, ela olharia para ele e, se ele sorrisse, ela devolveria o sorriso fugazmente e continuaria como se nada estivesse acontecendo. Nada. Pois isso era tudo. Era a ideia desses instantes que a fazia seguir adiante dia após dia, sorrir, sorrir até mesmo quando o capitão Hadler, que jazia na cama próxima à porta com queimaduras graves, brincava perguntando se demorariam muito a devolver os seus genitais. Abriu a porta da sala 4. A luz do sol que entrou fez com que a cor branca das paredes, teto e lençóis resplandecesse de repente. “Devia ser como entrar no paraíso”, pensava Helena.

— Guten Morgen, Helena. Ela sorriu. Estava sentado em uma cadeira, junto à cama, lendo um livro.

— Dormiu bem, Urias? Perguntou ela como se nada acontecesse.

— Como um urso, respondeu ele.

— Como um urso?

— Sim, como um urso em... Como se diz em alemão o lugar em que o urso passa o inverno dormindo?

— Ah, a caverna!

— É isso, como um urso em sua caverna.

Ambos riram. Helena sabia que os demais pacientes os seguiam com o olhar e que ela não poderia perder mais tempo com ele que com os demais.

— E a cabeça? Cada dia melhor, não?

— Sim, está melhorando. Um dia voltarei a ficar tão bonito como antes. Você verá.

Helena lembrava o dia que o trouxeram ao hospital. Parecia contradizer as leis da natureza que alguém tivesse sobrevivido com aquele buraco na testa. Roçou com o bule a xícara de chá que havia lhe servido e esteve a ponto de virá-la.

— Cuidado! Ele disse entre risadas. — Por acaso esteve dançando ontem até altas horas da noite? Ela levantou o olhar e ele lhe fez um gesto.

— Pois sim, respondeu ela, perplexa ao se ouvir mentir sobre algo tão ridículo.

— Ah! E o que dançam aqui em Viena?

— Quero dizer, não. Na realidade, eu não dancei. Simplesmente, me deitei muito tarde.

— Bom, aqui com certeza dançam a valsa. A valsa vienense.

— Sim, claro que sim, respondeu ela tentando se concentrar no termômetro.

— Assim! Ele disse ao mesmo tempo em que se levantava da cama e começava a cantar.

Os demais o olhavam surpresos desde as suas camas. Cantava em uma língua desconhecida, mas com uma voz quente e bonita. E os pacientes que estavam em melhores condições começaram a rir animando-o enquanto ele dava voltas no chão segundo os delicados passos da valsa, de modo que os laços da bata se abriram.

— Volte aqui, Urias, ou mando-o de volta para a guerra! Gritou ela em tom severo. Ele obedeceu e se sentou. Na realidade, não se chamava Urias, mas era o nome que ele havia insistido para que o chamassem.

— Sabe dançar o Rheinländer?

— Rheinländer?

— É uma dança que tomamos emprestado da Renânia. Quer que a ensine?

— Você vai ficar aí sentado até que esteja curado!

— Sim, e então poderei sair consigo por Viena e ensiná-la a dançar o Rheinländer!

As horas que Urias havia passado na varanda ao sol do verão nos últimos dias haviam lhe dado uma formosa tonalidade bronzeada, e os dentes brilhavam muito brancos em seu rosto animado.

— Parece que já está bom o suficientemente para voltar para a guerra, opinou Helena, sem poder refrear o rubor que subia para as faces. Estava a ponto de se levantar para seguir a ronda quando sentiu a mão dele na sua.

— Diga que sim, sussurrou.

Ela o afastou com um sorriso e continuou o seu caminho até a cama seguinte com o coração cantando no peito como um passarinho.

* * *

— Sim? Perguntou o doutor Brockhard ao mesmo tempo em que levantava o olhar de seus papéis quando a ouviu entrar em seu consultório.

Como de costume, Helena ignorava se aquele “Sim” era uma pergunta, a introdução para outra pergunta mais longa ou simplesmente, uma frase. De modo que parou ante a porta, sem dizer nada.

— O senhor mandou me chamar?

— Por que insiste em me chamar de senhor, Helena? Suspirou o doutor com um sorriso. — Por Deus, se nos conhecemos desde garotos!

— Para que queria me ver?

— Decidi dar alta ao norueguês da sala 4.

— Muito bem.

Ela não recebeu a notícia com o menor gesto. Por que iria? A gente ficava ali até que estivesse curada e depois ia embora. A outra alternativa era a morte. Assim era a vida no hospital.

— Dei o aviso para a Wehrmacht há cinco dias. E já recebemos a notificação de seu novo destino.

— Que rapidez! A voz de Helena soou firme e tranquila.

— Sim, precisam desesperadamente de gente nova. Estamos em guerra, como sabe.

— Sim, disse Helena.

Não obstante, não expressou o que pensava: “Estamos em guerra e aqui, à mil quilômetros da frente, está você, com os seus vinte e dois anos, fazendo o mesmo trabalho que poderia ser feito por um homem de setenta. Agradeça ao senhor Brockhard pai”.

— Bom, havia pensado em pedir que você mesma entregasse a notificação, já que parece que se dão muito bem. Helena notou que o doutor estudava a sua reação. —

Porque precisamente gosta tanto dele, Helena? O que o diferencia dos outros quatrocentos soldados que temos no hospital? Ela estava a ponto de protestar, mas ele se adiantou. — Desculpe Helena, naturalmente, isso não é problema meu. Mas é a minha natural curiosidade. Eu... Fazendo rodar uma caneta entre os dedos, se voltou para olhar pela janela. —... Simplesmente me pergunto o que você pode ver num aventureiro estrangeiro que trai o seu próprio país para conseguir o favor dos vencedores. Entendeu o que quero dizer? O que a sua mãe diz? Helena engoliu antes de responder:

— O senhor não precisa se preocupar com a minha mãe, doutor. Se me der esta notificação, fá-la-ei chegar ao interessado. Brockhard se voltou até ela e estendeu uma carta que tinha cima da mesa.

— Está designado para a Terceira Divisão Blindada na Hungria. Sabe o que significa isso? Ela franziu as sobrancelhas.

— A terceira divisão de infantaria? Mas ele é voluntário das Waffen-SS! Por que iriam incorporá-lo ao exército regular da Wehrmacht? Brockhard encolheu os ombros.

— Nos tempos que correm, cada um deve se esforçar ao máximo e enfrentar às missões que lhe dão. Não está de acordo comigo nisso, Helena?

— O que quer dizer?

— Ele é soldado de infantaria, não é? E isso quer dizer que estará por trás dos tanques em lugar de ir dentro. Um amigo meu que esteve na Ucrânia me contou que ali os russos atiram todos os dias até que as metralhadoras esquentem, que os cadáveres se amontoam, mas que eles continuam disparando, que não tem fim.

Helena conseguiu segurar o seu desejo de arrancar a carta de Brockhard e rasgá-la em pedaços.

— Uma mulher jovem como você deveria ser um pouco mais realista e não se ligar muito a um homem que, com toda a probabilidade, não voltará a ver em vida. Esse lenço caiu muito bem em você, Helena. É uma peça da família?

— Me surpreendem e agradeço as suas preocupações, doutor, mas afirmo que são desnecessárias. Não sinto nada especial por esse paciente. É hora de servir o almoço, assim me desculpe, mas...

— Helena... Helena... Brockhard meneou a cabeça sorrindo. — Acha de verdade que sou cego? Acha que não me rompe o coração ver a dor que isso irá causar? A amizade que professam as nossas famílias me faz sentir que existem laços que nos unem, Helena. Do contrário, não falaria com tanta confiança. Pode confiar em mim, mas, suponho que já deverá ter notado que abrigo certos sentimentos por você e...

— Chega!

— Como? Helena fechou a porta antes de levantar a voz.

— Estou aqui como voluntária, Brockhard, não sou nenhuma de suas enfermeiras com as quais brinca como quiser. Assim me dê a carta ou, do contrário, irei embora agora

mesmo.

— Mas, minha querida Helena... Brockhard adotou um gesto de preocupação. — Não sabe que isso é algo que está em suas mãos?

— Em minhas mãos?

— Uma alta é algo muito subjetivo. Sobretudo, se tratando de semelhante ferida na cabeça.

— Eu sei.

— Poderia adiar a baixa por mais uns três meses e, quem sabe, talvez a frente oriental tenha deixado de existir uma vez passado esse prazo. Ela o olhou sem compreender. — Você geralmente lê a Bíblia, Helena. E conhece a história de como o rei David desejava Betsabá, embora soubesse que ela era casada com um de seus soldados, não é? Assim ordenou aos seus generais que o colocassem na primeira linha de fogo, para que morresse na guerra. Desse modo, o rei David poderia cortejá-la.

— E o que tem isso a ver com este assunto?

— Nada, Helena, nada. Eu não enviaria o seu amado para a guerra se ele não tivesse se recuperado totalmente. Nem nenhum outro, é claro, por motivo semelhante. Isso é exatamente o que quero dizer. E já que você conhece o estado de saúde desse paciente, no mínimo, tão bem quanto eu, pensei que seria bom ouvir a sua opinião antes de tomar uma decisão. Se você considera que ele não está recuperado totalmente, talvez deva enviar outra solicitação, agora de baixa para a Wehrmacht. Pouco a pouco, Helena começou a ver claro. — Ou não, Helena?

Não podia acreditar: Brockhard pretendia utilizar Urias como uma espécie de refém para conquistá-la! Teria pensado muito tempo para conceber semelhante plano? Esteve esperando durante semanas para que se apresentasse o momento certo? E para que queria a ela, na realidade? Como esposa ou amante?

— O que acha? Perguntou Brockhard.

As ideias davam voltas na cabeça de Helena, enquanto tentava achar uma saída do problema. Mas ele previra todas as saídas. Como seria de esperar. Não era nenhum idiota. Enquanto Brockhard retivesse Urias no hospital à seu pedido, ela deveria satisfazer todos os seus desejos. Simplesmente, o novo destino ficaria esquecido. E Brockhard continuaria tendo poder sobre ela enquanto Urias não fosse embora. Poder? Deus, se ela apenas conhecia o norueguês. E tampouco sabia o que ele sentia por ela.

— Eu... Balbuciou Helena.

— Sim?

Brockhard se inclinou sobre ela com muito interesse. Helena queria continuar, queria dizer o que sabia que teria de dizer para se libertar, mas algo a impedia. Levou um

tempo para compreender que era. Eram as mentiras. Era mentira que ela quisesse se ver livre, mentira que ignorasse o que Urias sentia por ela, mentira que a gente tivesse que se submeter e se humilhar sempre para sobreviver, era tudo mentira. Mordeu o lábio inferior, pois notou que começava a tremer.

* * *

Vinte e Quatro

BISLETT

Fim de ano de 1999

ERA MEIO-DIA quando Harry Hole desceu do ônibus diante do hotel Radisson SAS na Praça Holberg e notou que o sol da manhã se refletia por um instante nas janelas dos andares de doentes do Rikshospitalet, antes de voltar a se ocultar após as nuvens. Iria até a sua sala pela última vez, para fazer a limpeza e verificar se já levava tudo, dizia para si mesmo. Mas seus escassos pertences couberam sem problemas na bolsa de plástico que trouxera de casa no dia anterior. Os corredores estavam desertos. Os companheiros que não estavam, se encontravam em casa preparando a última festa do milênio. Uma serpentina pendia ainda das costas de sua cadeira, como única recordação da pequena festa de despedida do dia anterior, organizada por Ellen, naturalmente. As sóbrias palavras de despedida pronunciadas por Bjarne Møller não estiveram em consonância com os globos azuis e a colorida decoração da torta de creme com velas que sua colega trouxera, mas aquele breve discurso foi mais que suficiente. Provavelmente, o chefe de seção sabia que Harry jamais permitiria que se expressasse em termos grandiloquentes ou sentimentais. E Harry tinha que admitir que jamais se sentira tão orgulhoso como quando Møller o felicitou pelo seu título de delegado e desejou sorte no CNI. Nem sequer o sarcástico sorriso e os leves movimentos de cabeça que Tom Waaler fazia desde o posto de espectador junto ao marco da porta conseguiram estragar. A vinda à sala naquele dia não seria para sentar pela última vez, na barulhenta e abandonada cadeira de escritório na qual havia passado quase sete anos? Harry descartou a ideia. Tanto sentimentalismo, não seria um indício de que estaria ficando velho?

Harry subiu a Rua Holberg e virou à esquerda na Sofie. A maioria dos edifícios que havia naquela estreita ruela era de finais do século anterior. Tinham sido habitados por trabalhadores e não se contavam precisamente entre os melhor conservados da cidade. Mas, desde que subiram os preços da moradia e a juventude de classe média, que não poderia se permitir viver em Majorstua, havia se mudado para ali, o bairro adquirira um aspecto muito melhor. Agora, somente uma casa estava sem reformar a fachada: a de número 83. A de Harry. Mas Harry não se importava. Entrou no portal e abriu a caixa de correio que havia na entrada, ao pé da escada. Uma oferta de uma pizzeria e um envelope da agência tributária de Oslo que, com toda certeza, continha uma reclamação sobre o pagamento da multa que lhe deram no mês anterior. Cuspiu uma maldição enquanto subia as escadas. Havia comprado um Ford Escort com quinze anos de uso de

um tio ao que poderia se dizer que não conhecia. Um pouco enferrujado e com a embreagem algo desgastada, mas com um fantástico teto descapotável. Por enquanto, ele trouxera mais multas e consertos na oficina do que viagens com o cabelo ao vento. Além disso, a porcaria do carro não dava a partida, então tinha que estacionar em declive para conseguir ligá-lo.

Entrou em casa. Era um apartamento de dois aposentos com decoração espartana. Arrumado, limpo e sem tapetes sobre o parquet reluzente. O único adorno que apresentavam as paredes era uma fotografia de sua mãe e um pôster de O PADRINHO que roubara do cinema Symra quando tinha dezesseis anos. Não havia plantas, velas nem estatuetas. Em uma ocasião, pendurara uma cortiça onde pensava em fixar cartões postais, fotografias e citações dessas que se ouve por aí. Vira isso nas casas de gente importante. Mas, quando descobriu que jamais recebia postais e que, em geral, nunca tirava fotos, se lembrou de uma citação de Bjørneboe:

E esta aceleração da produção de cavalos de vapor não é mais que uma expressão da aceleração de nosso conhecimento das chamadas leis naturais. Este conhecimento = angústia.

Harry constatou com uma olhadela que não havia mensagens na secretária eletrônica (outra invenção desnecessária), desabotoou a camisa, que deixou no cesto da roupa suja, e apanhou uma limpa do ordenado armário. Colocou a secretária eletrônica no automático (podiam ligar da agência de pesquisas de opinião Gallup) e voltou a sair. Sem nenhum tipo de sentimentalismo, comprou os últimos jornais do milênio na loja de Ali, antes de seguir pela Rua Dovregatan. Na Waldemar Thrane a gente se apressava depois de fazer as últimas compras da grande noite. Harry tiritava, enfiado em seu casaco, até que cruzou o umbral da porta do Schrøder e recebeu como uma onda o calor húmido que vinha dos clientes. Parecia cheio, mas viu que a sua mesa favorita estava a ponto de ficar livre, de modo que se encaminhou para ela. O homem de idade que acabara de se levantar encaixou o chapéu, deu a Harry uma olhada por baixo de grisalhas e povoadas sobrelanceiras e o cumprimentou brevemente antes de ir embora. A mesa ficava junto à janela e, durante o dia, era uma das poucas que tinha suficiente luz para se ler o jornal na penumbra do local. Acabara de se sentar quando apareceu Maja.

— Alô, Harry, disse a garçonete ao mesmo tempo em que limpava a toalha com um pano cinzento. — O prato do dia?

— Só se o cozinheiro estiver sóbrio.

— Sim, está. E para beber?

— Bom, vamos ver, disse levantando a vista. — O que me recomenda hoje?

— Vejamos. A garçonete colocou as mãos nas cadeiras e disse em voz alta e clara: — Contra tudo que o povo acredita, esta cidade tem a água mais pura do país. E os

encanamentos menos tóxicos se encontram precisamente nas casas de princípios de século, como esta.

— E quem contou tal coisa, Maja?

— Foi você, Harry. A garçonete deu uma risada franca. — Por certo, lhe assenta bem a abstinência. Fez aquele comentário em voz baixa, apanhou a nota com o pedido e saiu.

A maioria dos jornais estava cheios de reportagens sobre o fim do milênio, assim Harry começou com o Dagsavisen. Na página seis, fixou o olhar em uma grande fotografia de um indicador viário simples, feito de madeira e com uma cruz solar desenhada no centro. “Oslo 2611 km”, dizia em uma das flechas; “Leningrado 5 km”, indicava a outra. O artigo ilustrado pela imagem trazia a assinatura de Even Juul, professor de história. O título era breve: “A situação do fascismo à luz do crescente desemprego na Europa Ocidental”. Harry vira o nome de Juul anteriormente na imprensa, era uma espécie de eminência de tudo o relacionado com a história da ocupação da Noruega e o partido da União Nacional. Harry folheou o resto do diário, embora sem achar nada de interesse, de modo que voltou ao artigo de Juul. Era o comentário de um artigo anterior sobre o fenômeno neonazista na Suécia.

Juul descrevia como os movimentos neonazistas, que haviam se debilitado claramente com o crescimento econômico dos anos noventa, ressurgiam agora com renovado vigor. Mencionava, além disso, que uma das características da nova onda era o fato de que trazia um fundamento ideológico mais consistente. Enquanto que o neonazismo dos anos oitenta se manifestava basicamente em moda e no sentimento de grupo, com o uniforme como indumentária, as cabeças raspadas e o fato de utilizar expressões antiquadas como *sieg heil*, a nova corrente trazia uma organização mais sólida. Contava com um forte apoio econômico distribuído, em lugar de se basear em líderes com grandes recursos e patrocinadores individuais. Além disso, o novo movimento não era somente uma reação a certos aspectos da sociedade, como o desemprego o a imigração, escrevia Juul, mas pretendia também se constituir em alternativa à socialdemocracia. Seu slogan era o do rearmamento moral, militar e racial. O declínio do cristianismo era apontado como uma evidência da decadência moral, juntamente com o crescimento da AIDS e do abuso de drogas. E a imagem do inimigo era também parcialmente nova: os partidários da UE, que apagavam os limites nacionais e raciais, a OTAN, que estendia a mão aos sub-homens russos e eslavos, e os novos capitais asiáticos, que agora desempenhavam o papel dos judeus como banqueiros do mundo. Maja se aproximou com o almoço.

— Almôndegas de batata e cordeiro? Perguntou Harry sem tirar os olhos das bolas acinzentadas com guarnição de couve chinesa banhada em molho rosé.

— No estilo Schrøder, corroborou Maja. — São os restos de ontem. Feliz Ano Novo.

Harry segurou o jornal no alto para poder comer ao mesmo tempo, e não dera a primeira mordida naquela bola de plástico quando ouviu uma voz vinda do outro lado do jornal.

— Caramba, não pode ser!

Harry olhou por cima do jornal. Na mesa contigua estava sentado o Moicano, que o olhava fixamente. Havia a possibilidade de que estivesse ali sentado todo o tempo, mas Harry não o vira entrar. O chamavam de Moicano porque, provavelmente, era o último de sua turma. Fora marinheiro de guerra, torpedeado em duas ocasiões, e todos os seus companheiros já estavam mortos há muitos anos, segundo Maja havia contado a Harry. A ponta de sua longa e rala barba flutuava sobre o copo de cerveja e o homem se sentava, fosse inverno ou verão, com o casaco colocado. No seu rosto, tão esquálido que se adivinhava o crânio através da pele, atravessava uma rede de veias como os raios de uma tormenta. Os olhos avermelhados, inchados e cobertos por uma flácida capa de pele olhavam fixamente para Harry.

— Não pode ser! Repetiu.

Harry já ouvira bastantes bêbados em sua vida para não dar muita atenção ao que o cliente fixo do Schrøder estivesse dizendo, mas nesta ocasião era muito diferente. De fato, aquelas eram as primeiras palavras inteligíveis que ouvira dizer o Moicano em todos os anos que estava no restaurante. Nem sequer depois daquela noite do inverno passado em que o encontrou dormindo na Rua Dovregata e o salvou de morrer congelado, o Moicano o havia obsequiado com um gesto de saudação sempre que se viam. E agora parecia que o Moicano já dissera o que tinha que dizer, pois, com os lábios muito apertados, passou a se concentrar de novo em seu copo. Harry olhou ao seu redor antes de se inclinar até a mesa do Moicano.

— Lembra-se de mim, Konrad Asnes? O velho deu um grunhido e deixou vagar seu olhar pelo local, sem responder. — Encontrei-o dormindo na rua sobre um monte de neve no ano passado. Estávamos com dezoito graus abaixo de zero. O Moicano levantou o olhar ao céu. — Lá não existe luz e estive a ponto de não vê-lo. Podia estar morto, Asnes.

O Moicano fechou seu olho avermelhado e olhou a Harry com ódio, antes de colocar a mão no seu copo de cerveja.

— Bem, pois agradeço por tudo. O homem bebeu lentamente. Depois, deixou o copo na mesa, apontando como se fosse importante deixá-lo no lugar certo. — Deveriam ter fuzilado esses sem-vergonhas, declarou.

— Ah, sim? Quem? O Moicano apontou o jornal de Harry com o seu indicador ossudo. Harry virou-o. A capa exibía uma grande fotografia de um neonazista sueco com a cabeça raspada.

— Ao paredão com eles!

O Moicano deu um golpe na mesa com a palma da mão, e um par de rostos ficou olhando-o. Harry lhe mostrou com a mão que deveria se acalmar.

— Mas, Asnes, são jovens.

— Jovens? E que acha que nós éramos? Isso não deteve os alemães. Kjell tinha dezenove. Oscar, vinte e dois. Deem-lhes um tiro antes que se multipliquem, é o meu conselho. É uma doença, é preciso atacá-la no início. Falava apontando para Harry o seu dedo trêmulo. — Antes havia um sentado onde você está. Você que é policial, deveria ir à rua e prendê-los.

— E como você sabe que sou policial? Perguntou Harry perplexo.

— Porque leio os jornais. Você deu um tiro num tipo no sul do país. Não foi ruim, mas que tal se fizesse o mesmo com um par deles aqui também?

— Está falador hoje, Asnes!

O Moicano fechou a boca, deu a Harry um último olhar hostil antes de se voltar para a parede e se entregar a estudar a pintura da Praça Youngstorget. Harry sabia que a conversa havia terminado, indicou a Maja que trouxesse o café e olhou o relógio. O novo milênio estava à volta da esquina. O restaurante Schröder fecharia às quatro, “fechamento para os preparativos do fim de ano”, segundo alertava o cartaz que haviam pendurado na porta. Harry olhou ao seu redor, tantos rostos conhecidos. Pelo que via, vieram todos os habituais.

* * *

Vinte e Cinco

HOSPITAL RUDOLPH II, VIENA

8 de Junho de 1944

OS SONS PRÓPRIOS do sono inundavam a sala 4. Aquela noite estava mais tranquila do que de costume, ninguém se queixava de dor nem despertava gritando de um pesadelo. Helena tampouco ouvira os alarmes de Viena. Se não bombardeassem naquela noite, tudo seria mais simples. Foi até o interior da sala e parou olhando para as camas. Lá estava ele, debaixo das luzes do teto, tão absorto no livro que estava lendo que não notara a sua presença. E ali estava ela, na escuridão. Com tudo o que ela sabia sobre a escuridão. Quando ia a passar a página, Urias se deu conta de que ela estava ali. Sorriu e largou o livro em seguida.

— Boa noite, Helena. Achava que esta noite não tinha ronda. Ela colocou o dedo nos lábios, para indicar que falasse mais baixo, e se aproximou.

— Como sabe quando tem ronda? Disse em um sussurro. Ele sorriu.

— Dos demais não sei nada. Só sei quando você tem ronda.

— Então sabe mesmo, hem?

— Quarta, sexta e domingo, e em seguida terça e quinta. Depois quarta, sexta-feira e domingo outra vez. Não se assuste, é uma observação. Aqui não tem muito mais coisa para se ocupar a cabeça. Também sei quando o clister toca a Hadler. Ela riu em voz baixa.

— O que não sabe é que lhe deram alta. Ele olhou-a atônito. — Destinaram você para Hungria, sussurrou. — A Terceira Divisão Blindada.

— A Divisão Blindada? Mas isso é a Wehrmacht. Não podem me mandar para lá, sou norueguês.

— Eu sei.

— E o que vou fazer na Hungria, eu...?

— Shss, vai despertar os demais, Urias. Li a ordem de destino. E temo que não haja muito que fazer a respeito.

— Mas, deve de se tratar de um erro. É...

Sem se dar conta, tirou o livro da cama, que caiu ao chão com um golpe seco. Helena se agachou para apanhá-lo. Na capa, debaixo o título *AS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN*, havia desenhado um garoto esfarrapado sobre uma balsa de madeira. Urias estava visivelmente indignado.

— Esta não é a minha guerra, disse com um gesto de irritação.

— Já sei, ela sussurrou enquanto guardava o livro em sua bolsa, debaixo da cadeira.

— O que faz? Perguntou ele em voz baixa.

— Tem que me escutar, Urias, pois não temos tempo.

— Tempo?

— A enfermeira da noite vai fazer a ronda dentro de meia hora. Então, precisará ter tomado uma decisão. Urias desceu a tela da cama para poder vê-la melhor na escuridão.

— O que está acontecendo, Helena? Ela engoliu em seco. — E por que não está usando o uniforme? Insistiu Urias.

Isso era o que mais a angustiava. Não era ter mentido para a sua mãe dizendo que ia para Salzburg passar um par de dias com sua irmã. Nem tampouco ter convencido o filho do guarda florestal para que levasse o carro ao hospital e pedir que esperasse ante a porta. Nem sequer se despedir de suas coisas, da igreja e de uma vida segura em Winerwald. O que a angustiava era que a chegada desse momento, a hora de contar tudo, de lhe dizer que o amava e que estava disposta a arriscar a sua vida e o seu futuro. Porque poderia estar errada. Não com respeito ao que ele sentia por ela, pois disso estava certa. Mas a respeito à forma de ser de Urias. Teria o jovem o valor e a capacidade suficientes para fazer o que ela ia propor? Pelo menos, ficara claro que não era a sua guerra que ele se livrava de ir para o sul lutar contra o Exército Vermelho.

— Na realidade, deveríamos ter tempo de nos conhecermos melhor, disse colocando a sua mão sobre a dele. Urias a apanhou e a segurou com firmeza. — Mas esse é um luxo que não podemos nos permitir, continuou Helena, apertando também a sua mão. — Dentro de uma hora sai um trem com destino a Paris. Consegui duas passagens. Lá mora o meu professor.

— Seu professor?

— É uma história longa e complicada, mas ele nos dará abrigo em sua casa.

— O que quer dizer com que nos dará abrigo?

— Poderemos morar em sua casa. Ele vive só e, pelo que eu sei, não sai nem recebe visitas de seus amigos. Tem passaporte?

— Como? Sim... Urias parecia desconcertado, como se pensasse que adormecera lendo o livro sobre o pobre Huckleberry Finn e estivesse sonhando aquela conversa. — Sim, tenho passaporte.

— Bem. A viagem levará dois dias, temos passagens numeradas e preparei comida suficiente. Urias respirou fundo:

— Por que Paris?

— É uma grande cidade, uma cidade aonde é possível se perder. Tenho no carro algumas roupas que foram do meu pai, assim poderá trocar o uniforme por roupas civis.

Ele calça...

— Não, cortou Urias levantando a mão e interrompendo momentaneamente o seu aceso e sussurrante discurso. Ela conteve a respiração sem deixar de observar a sua expressão pensativa. — Não, repetiu a meia voz. — Isso é um erro.

— Mas... Helena sentiu de repente um nó na garganta.

— É melhor que viaje de uniforme, disse Urias ao fim. — Um homem jovem com roupas civis despertaria suspeitas.

Helena se sentia tão feliz que não foi capaz de adicionar uma só palavra; simplesmente, lhe apertou a mão ainda mais. O coração batia com tal celeridade que obrigou a se acalmar.

— E, uma coisa mais, ele adicionou balançando as pernas.

— Sim?

— Me ama?

— Sim.

— Então vamos. Urias já colocara o casaco.

* * *

Vinte e Seis

*CNI, DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA
21 de Fevereiro de 2000*

HARRY OLHOU ao seu redor. As ordenadas e bem dispostas estantes cheias de pastas cuidadosamente colocados em ordem cronológica. As paredes, adornadas com diplomas e distinções de uma carreira em constante progresso. Uma fotografia em branco e preto onde um Kurt Meirik algo mais jovem, vestido com o uniforme do exército com galões, cumprimentava o Rei Olav, pendia atrás da mesa, bem à vista de qualquer um que entrasse. E era aquela fotografia que Harry estudava da sua cadeira quando se abriu a porta às suas costas.

— Sinto que teve de esperar, Hole. Não levante. Era Meirik. Harry não havia feito menção de se levantar. — Bem, começou Meirik tomando assento ante a sua mesa. — Que tal foi sua primeira semana conosco?

Meirik manteve as costas retas e mostrou uma série de grandes dentes amarelados de um modo que se suspeitava que sorrir não era um esporte que tivesse praticado muito na vida.

— Bastante entediante, confessou Harry.

— Venha, homem. Meirik parecia surpreso. — Não foi tão mal, não é?

— Bem, a sua máquina de café é melhor que a nossa.

— Refere-se à do grupo de delitos violentos?

— Sinto muito. Escusou-se Harry. — Custa a me acostumar que agora o CNI somos “nós”.

— Claro, claro, é preciso ter paciência, como acontece com tudo, não é Harry?

Harry concordou. Não havia motivo para começar a bater contra moinhos de vento. Pelo menos quando somente estava ali há um mês. Tal e como esperava, lhe deram uma sala ao fundo de um longo corredor, o que lhe permitia ver os seus companheiros o estritamente necessário. Sua tarefa consistia em ler os relatórios dos escritórios regionais do CNI e, simplesmente, decidir se os assuntos que abordavam deveriam ser enviados a um nível superior do sistema. E as instruções de Meirik haviam sido muito claras a respeito: a menos que fossem autênticos absurdos, tudo devia passar para as instâncias superiores. Em outras palavras, o trabalho de Harry consistia em atuar de filtro de lixo.

Aquela semana entraram três relatórios. Havia tentado lê-los lentamente, mas não foi fácil se demorar neles o tempo necessário. Um dos relatórios vinha de Trondheim e tratava do novo equipamento de escutas, cujo funcionamento ninguém entendia depois de que o técnico em escutas tinha ido embora. Harry passou-o à instância superior. O segundo tratava de um homem de negócios alemão, que haviam declarado como não suspeito já que já entregara as barras de cortina pela qual se justificava sua presença no país. Harry o passou igualmente à instância superior. O terceiro relatório era da região de Østlandet, da chefatura de polícia de Skien. Havia recebido queixas do proprietário de uma cabana em Siljan, que ouvira disparos no fim de semana anterior. Já que não era época de caça, agentes foram inspecionar o terreno e, durante o reconhecimento, encontraram no bosque vários cartuchos de bala de marca desconhecida. Enviaram os cartuchos ao departamento de Polícia Judicial que os devolveu com a explicação de que provavelmente se tratava de munição utilizada em um rifle Märklin, uma arma muito rara. Harry passou o relatório à instância superior, mas ficou com uma cópia.

— Queria falar consigo sobre um panfleto que interceptamos. Os neonazistas estão planejando atacar as mesquitas de Oslo em Dezesete de Maio. Um desses dias festivos móveis dos muçulmanos coincide neste ano com essa data e alguns pais estrangeiros se negam a que seus filhos saiam no desfile infantil do Dia Nacional da Noruega porque precisam ir à mesquita.

— Eid.

— Como?

— Essa festa se chama assim. Eid É a Grande Noite dos muçulmanos.

— Caramba! Está metido nessas coisas?

— Não. Mas o meu vizinho me convidou para jantar o ano passado. São paquistaneses. Estavam muito tristes por terem que jantar sós na noite do Eid.

— Mmm. Meirik encaixou os óculos, uns Horst Tappert. — Bem, aqui está o panfleto. Dizem nele que é um desrespeito com o seu país de acolhida realizar outra festividade na do Dia Nacional em Dezesete de Maio. E que os imigrantes gozam aqui de segurança, mas se livram das obrigações de qualquer cidadão norueguês.

— Como será gritar submissos, “Viva a Noruega!” no desfile, apontou Harry ao mesmo tempo em que apanhava o maço de cigarros.

Havia visto o cinzeiro na última prateleira do armário, e Meirik concordara com um gesto quando ele lhe perguntou com o olhar. Harry acendeu um cigarro, inspirou a fumaça e tentou imaginar como os capilares sanguíneos das paredes pulmonares absorbiavam a nicotina com avidez. Cada vez lhe restavam menos anos de vida e a ideia de que jamais deixaria de fumar enchia-o de uma estranha satisfação. Ignorar as advertências impressas no maço de cigarros talvez não fosse a rebelião mais radical à que um ser humano se poderia permitir, mas pelo menos era um tipo de rebelião que ele se podia

permitir.

— Enfim, vá ver o que consegue averiguar, disse Meirik.

— Certo. Mas advirto-o que custo a controlar os meus impulsos quando se trata dos cabeças raspadas.

— Vamos, vamos.

Meirik voltou a mostrar seus grandes dentes amarelos e Harry caiu na conta do que lhe recordava: o focinho de um cavalo bem adestrado.

— Vamos, vamos.

— Têm algo mais, observou Harry. — Trata-se do relatório sobre a munição encontrada em Siljan. A do rifle Märklin.

— Sim, tenho a impressão de que ouvi falar disso.

— Estive fazendo verificações por minha conta.

— E? O tom indiferente de Meirik não passou inadvertido a Harry.

— Verifiquei o registro de armas do último ano. Não existe nenhum Märklin registrado na Noruega.

— Bem, não me surpreende. O mais provável é que algum outro oficial do CNI já tenha verificado esse registro, depois de receber o seu relatório, Hole. Esse não é seu trabalho, sabe?

— Pode ser que não. Mas queria estar certo de que o responsável o tenha batido com os relatórios de contrabando de armas da Interpol.

— A Interpol? Por que havíamos de fazer tal coisa?

— Ninguém importa esse tipo de rifles na Noruega. De modo que deve ter entrado de contrabando. Harry apanhou do bolso uma cópia da impressora. — Esta é a lista de envios que a Interpol encontrou em uma busca na casa de um comprador de armas ilegal de Johannesburgo neste mês de novembro. Olhe. Rifles Märklin. E também figura o destino: Oslo.

— Hmm, de onde retirou isso?

— Do arquivo digital da Interpol publicado na Internet. Accessível a todos os membros do CNI. Para todos os que se aborreçam em buscá-lo.

— Ah, sim?

Meirik manteve o olhar fixo em Harry um instante, antes de voltar a estudar o documento com atenção.

— Isso está muito bom, mas o contrabando de armas não é de nossa competência, Hole. Se soubesse quantas armas ilegais aparecem na Seção de Armas no curso de um ano...

— Seiscentas e onze, declarou Harry.

— Seiscentas e onze?

— Ainda não acabou o ano. E isso somente no distrito policial de Oslo. Duas em cada três, vindas de criminosos, principalmente armas curtas, escopetas de repetição e de cano recortado. Acautela-se uma média de uma arma por dia.

— Ótimo. Nesse caso, saberá que aqui, no CNI, não podemos dar prioridade a um rifle ilegal de Buskerud.

Meirik falava com uma calma forçada. Harry deixou escapar a fumaça pela boca e ficou estudando-a a sua ida até o teto.

— Siljam está em Telemark, apontou. Meirik começou a trabalhar os músculos de suas mandíbulas.

— Ligou para as Aduanas, Hole?

— Não.

Meirik deu uma olhada ao relógio, uma peça de aço tosca e pouco elegante que Harry adivinhou que tivesse recebido como prêmio por muitos anos de fiel serviço.

— Nesse caso, sugiro que faça isso. Isto é coisa sua. Neste momento, tenho assuntos mais urgentes...

— Meirik, você sabe que é um rifle Märklin?

Harry viu como se elevavam as sobrancelhas do chefe do CNI e se perguntou se já não seria demasiado tarde. De fato, sentia o sopro dos moinhos de vento.

— Tampouco isso é minha competência, Hole. É algo que terá que tratar com... Dir-se-ia que Kurt Meirik acabara de descobrir que ele era o único superior de Hole.

— Um rifle Märklin, começou Harry, — É um rifle de caça de fabricação alemã, semiautomático, com munição de 16 mm de diâmetro, quer dizer, o maior calibre existente para rifle. Foi pensado para a caça maior de, por exemplo, hipopótamos e elefantes. O primeiro foi fabricado em 1970, mas somente se fabricaram uns trezentos exemplares, até que as autoridades alemãs proibiram a sua venda em 1973. A razão de tal proibição foi que, com um par de ajustes e uma objetiva Märklin, esse rifle acaba sendo uma excelente ferramenta, para profissionais, de assassinar. A partir de 1973 se transformou na arma para atentados mais procurada. Em qualquer caso, desses trezentos rifles, uns cem se encontravam em mãos de assassinos a soldo e de organizações terroristas como Baader-Meinhof ou Brigadas Vermelhas.

— Caramba! Falou cem? Meirik devolveu a Harry a cópia. — Isso significa que dois de cada três proprietários o utilizam para o que foi fabricado: a caça.

— Não é uma arma para caçar alces nem nenhum outro tipo de animal dos que temos na Noruega, Meirik.

— Ah, não? Por quê?

Harry se perguntava o que movia Meirik para se conter, a não dizer que fosse à merda. E por que ele mesmo colocava tanto empenho em provocar semelhante reação. Talvez não fosse por nada em especial, talvez somente fosse que estava se transformando num velho grosseiro. Harry olhou a cinza de seu cigarro, que já apontava para o tapete.

— Em primeiro lugar, na Noruega a caça não é nem foi nunca um esporte de ricos. Um rifle Märklin com luneta incluída deve custar em torno dos cento e cinquenta mil marcos alemães, quer dizer, tanto quanto uma Mercedes. E cada projétil custa noventa marcos alemães. Em segundo lugar, um alce alcançado por uma bala de 16 mm de diâmetro ficaria como se o tivesse atropelado um trem.

— Caramba.

Era evidente que Meirik havia resolvido mudar de tática, de modo que agora se estirou na cadeira e cruzou as mãos por trás da cabeça, sobre a reluzente calva, como para fazer ver que não tinha nada contra de que Harry o entretivesse um tempo mais. Harry se levantou, alcançou o cinzeiro que havia sobre a estante e voltou a se sentar.

— Naturalmente, sempre é possível que os projéteis procedam de algum fanático colecionador de armas cuja única intenção era testar o seu novo rifle, agora pendurado na vitrina de seu chalé em algum lugar da Noruega, de donde não voltará a sair jamais. Meirik balançava a cabeça de um lado a outro.

— Em outras palavras, propõe que partamos da premissa de que nesse momento temos na Noruega a um assassino profissional. Harry negou com um gesto.

— O que proponho é ir eu mesmo a dar uma volta por Skiem e dar uma olhada nesse lugar. Além disso, duvido muito de que quem estava ali seja um profissional.

— E isso?

— Os profissionais não deixam impressões. Não retirar os cartuchos de bala é como deixar um cartão de visita. Mas, se quem tem o Märklin for um aficionado, tampouco me deixa muito mais tranquilo.

Meirik emitiu vários sons de dúvida. Até que concordou ao fim.

— Certo. E me informe se descobrir algo novo sobre os planos de nossos neonazistas.

Harry apagou a guimba. Em uma lateral do cinzeiro, que tinha forma de gôndola, se

lia “Veneza, Itália”.

* * *

Vinte e Sete

LINZ

9 de Junho de 1944

OS CINCO MEMBROS da família desceram do trem e, de repente, os dois ficaram sozinhos no compartimento. Quando o trem recomeçou lentamente a marcha, Helena se sentou junto à janela, embora não visse grande coisa na escuridão, tão somente a silhueta das casas que se alinhavam junto à via. Ele estava sentado em frente e estudava seu rosto com um sorriso nos lábios.

— Fazem bem na Áustria em protegerem as janelas, comentou Urias. — Não vejo nem uma só luz acesa. Ela suspirou.

— É bom obedecer. Helena olhou o relógio. Rapidamente seriam duas horas. — A próxima cidade é Salzburg, advertiu. — Fica junto de fronteira com Alemanha. E depois...

— Munique, Zürich, Basileia, França e Paris. Já disse umas três vezes. Ele se inclinou até ela e segurou sua mão.

— Tudo sairá bem, verá. Sente-se aqui comigo.

Ela mudou de lugar sem soltar a mão dele e apoiou a cabeça sobre o seu ombro. Ficava com um aspecto muito distinto de uniforme.

— De modo que esse tal Brockhard enviou uma nova ordem de baixa para uma semana, não é isso?

— Sim, me falou que ia enviá-la por correio ontem à tarde.

— Por que prolongar a baixa somente em uma semana?

— Porque assim poderia controlar melhor a situação. E a mim também. Cada semana, eu me veria obrigada a dar motivos para prolongar a sua baixa, compreende?

— Sim, compreendo, respondeu Urias, enquanto ela sentia como apertava os dentes.

— Mas não falemos mais de Brockhard, rogou Helena. — Melhor me contar uma história. Helena lhe acariciou a face e ele deu um fundo suspiro.

— Qual quer que conte?

— Qualquer uma.

As histórias... Assim era como ele havia captado o seu interesse no hospital Rudolph

II. Eram muito diferentes das histórias dos demais soldados. Os contos de Urias tratavam de valor, camaradagem e esperança. Como aquela ocasião em que voltava de fazer a guarda e descobriu um furão sobre o peito de seu melhor amigo, disposto a arrancar a garganta com uma dentada enquanto o jovem dormia. Ele estava a uma distância de quase dez metros e as escuras paredes de terra do bunker estavam negras como a boca do lobo. Mas não teve escolha, de modo que colocou o fuzil contra a face e disparou até esvaziar o carregador. No dia seguinte, almoçaram furão.

Havia contado várias histórias desse estilo. Helena não se lembrava de todas, mas lembrava de como começara a prestar atenção. Eram detalhadas e havia algumas de cuja veracidade duvidava. Mas desejava acreditar nelas, porque eram como um antídoto contra as outras histórias, as que tratavam de destinos desafortunados e de mortes absurdas. Enquanto o escuro trem avançava lentamente através da noite pelos trilhos recém-reparados, Urias lhe contou a história daquela ocasião em que havia matado um franco-atirador russo na terra de ninguém, e dera uma sepultura cristã a aquele bolchevique ateu, com canto de salmos e tudo.

— Do lado russo, eu os ouvia aplaudir, afirmou Urias. — Tão belo foi o meu canto naquela noite.

— De verdade? Perguntou ela sorrindo.

— Mais belo que do que alguém tenha conseguido ouvir na ópera Staatsoper.

— Mentiroso.

Urias a trouxe até si e lhe cantou em voz muito baixa, ao ouvido:

*Venha ao círculo da fogueira no acampamento,
Olha a chama me velha e dourada,
Aquele que nos alenta a avançar até a vitória,
Exige fidelidade na vida e na morte.*

*Na clara fogueira faiscante, verá a Noruega remota,
Verá o povo a caminho de seu destino,
E a seus compatriotas entregues
Ao trabalho e ao combate.*

*Verá que a luta de seus pais pela liberdade
Exigindo o sacrifício de homens e mulheres,
Verá milhares e milhares deles, que consagraram a vida,
À luta por nossa terra.*

*Verá homens em suas tarefas diárias,
No duro país do norte,
Onde o trabalho os fortalece
Para proteger a terra pátria.*

*Verá os noruegueses cujos nomes estão escritos
Em nossa história com sonoras palavras,
Homens cuja memória ainda perdura,
Após séculos de sua morte, ao norte e ao sul.*

*Mas o maior entre os grandes,
É o que levantou a bandeira vermelha e amarela,
Por isso a fogueira do acampamento sempre recordará
Quisling, nosso líder, ainda hoje.*

Urias ficou em silêncio com o olhar perdido na paisagem que se via através da janela. Helena compreendeu que seus pensamentos estavam longe e decidiu deixá-lo ali, não distrai-lo. Mas lhe rodeou o peito com o braço.

Tacata-tacata-tacata. Soava como se alguém estivesse correndo atrás deles pelas vias, como se quisesse alcançá-los. Helena sentiu medo. Não tanto pelo desconhecido, pelo que os aguardava, quanto pelo homem, também desconhecido, a que estava abraçada. Agora que o tinha tão próximo, sentia como se tudo o que vira e a que se havia habituado tivesse desaparecido.

Tentou escutar as batidas de seu coração, mas o ruído do trem rodando pelas vias era muito forte. Sorriu ante seus próprios pensamentos e estremeceu de prazer. Que loucura tão encantadora! Não sabia absolutamente nada dele, que pouco falava de si mesmo, salvo o que revelava naquelas suas histórias. Seu uniforme cheirava a terra húmida e, por um instante, lhe ocorreu que assim devia ser o odor do uniforme de um soldado que jazesse morto durante dias no campo de batalha. Ou de um soldado que tivesse sido enterrado. Mas de onde surgiam aquelas ideias? Estava com tantos dias de tensão acumulada que não se dera conta de como estava cansada.

— Durma, recomendou, como que respondendo aos seus pensamentos.

— Sim, concordou ela. Pareceu ouvir ao longe um alarme aéreo, enquanto o mundo se esfumava ao seu redor.

* * *

— O quê?

Ouviu a sua própria voz quando Urias a acordou e se colocou de pé. A primeira coisa que pensou ao ver ao homem uniformizado no umbral da porta foi que os haviam descoberto, que haviam conseguido dar com eles.

— Os bilhetes, por favor.

— Oh! Ouviu-se Helena dizer.

Tentava se acalmar, mas não lhe passou inadvertida o olhar do revisor enquanto ela procurava febrilmente na bolsa. Por fim encontrou os bilhetes amarelos que havia comprado na estação de Viena e os entregou ao revisor. O homem os estudou com atenção enquanto se balançava para diante e para trás ao ritmo do trem. E, na opinião de Helena, levou mais tempo do que o necessário.

— Vocês vão a Paris? Perguntou o revisor. — Estão juntos?

— Sim, respondeu Urias. O revisor era um homem de alguma idade que os olhava com curiosidade.

— Deduzo por seu acento que você não é austríaco, não é?

— Não. Sou norueguês.

— Ah, Noruega! Dizem que é um país muito bonito.

— Sim, é.

— Então você se apresentou voluntário para lutar por Hitler, não é assim?

— Sim. Estive na frente oriental. No norte.

— Ah, sim? Onde exatamente?

— Em Leningrado.

— Ah. E agora você vai para Paris em companhia de sua...?

— Amiga.

— Amiga, é isso. Com permissão, não é?

— Sim. O revisor picou os bilhetes.

— De Viena? Perguntou se dirigindo a Helena ao mesmo tempo em que lhe devolveu os bilhetes.

A jovem concordou.

— Vejo que é você católica, comentou o revisor apontando o crucifixo que Helena usava sobre a camisa, pendurado de uma correntinha. — Minha esposa também é.

O homem se virou para trás e olhou para ambos os lados do corredor, antes de perguntar ao norueguês:

— Mostrou a sua amiga a catedral de San Estefan, em Viena?

— Não. Estive no hospital, assim que, por desgraça, não vi quase nada da cidade.

— Entendo. Um hospital católico, talvez?

— Sim, Rudo...

— Sim, interrompeu Helena. — Um hospital católico.

— Ah!

Por que o revisor não ia embora? Perguntava-se Helena. O homem tossiu um pouco.

— É isso, disse Urias.

— Não é assunto meu, mas espero que tenha se lembrado de trazer os documentos da permissão.

— Os documentos? Perguntou Helena.

Ela estivera de viagem na França com seu pai em duas ocasiões anteriores e não havia lhe passado pela cabeça pensar que precisariam de outra documentação além do passaporte.

— Sim, claro, no seu caso não tem problema, Fräulein, mas não o de seu amigo, que está uniformizado. É essencial que leve a documentação que indique para onde ele está destinado e aonde se dirige.

— Claro que temos esses papéis! Exclamou Helena. — Você não acreditará que saímos sem eles!

— Não, não, é claro, Se apressou a responder o revisor. — Só queria lembrar. Há tão somente uns dias... Interrompeu-se para centrar seu olhar no norueguês. —... Pegaram um jovem que, pelo que parecia, não tinha permissão para ir a onde se dirigia, então se poderia considerar um traidor. Retiraram-no do vagão e o fuzilaram no ato.

— Você está brincando?

— Por desgraça, não. Não é minha intenção assustá-lo, mas a guerra é guerra. E se você tem tudo em ordem, quando chegarmos à fronteira com a Alemanha, depois de Salzburg, não terá com que se preocupar.

O vagão bamboleou e o revisor teve que se agarrar ao marco da porta. Os três se olharam em silêncio.

— Então que esse é o primeiro controle? Quis saber Urias. — Depois de Salzburg? O revisor concordou. — Obrigado, respondeu Urias. O revisor aclarou a garganta uma vez mais.

— Eu tinha um filho da sua idade. Caiu na frente oriental, em Dnerp.

— Sinto muito.

— Enfim. Sinto tê-la despertado, Fräulein. Mein Herr... Tocou o gorro, imitando a saudação militar, e saiu.

Helena verificou que a porta estivesse bem fechada. Depois, se sentou cobrindo o rosto com as mãos.

— Como pude ser tão ingênua? Soluçou.

— Vamos, vamos, ele tranquilizou-a rodeando-a com os braços. — Eu também deveria ter pensado na documentação.

— Mas e se lhes diz que está de baixa e que quer ir a Paris? Paris faz parte do Terceiro Reich, é um...

— Então ligarão para o hospital e Brockhard dirá que escapei. Ela se reclinou chorando contra o seu regaço enquanto ele lhe acariciava o suave cabelo castanho. — Além disso, deveria imaginar que era demasiado fantástico para dar certo, adicionou Urias. — Quero dizer... A enfermeira Helena e eu em Paris?

A jovem sabia que ele estava brincando:

— Não, o mais certo é que desperte de repente em minha cama do hospital pensando, que sonho! E me alegrarei quando vier com o café-da-manhã. Além disso, amanhã à noite está de plantão, não esqueceu, não é? Então contarei o dia em que Daniel roubou vinte rações de comida de um acampamento sueco.

Ela levantou até ele seu rosto, húmido pelo choro.

— Beije-me, Urias.

* * *

Vinte e Oito

*SILJAN, TELEMARK
22 de Fevereiro de 2000*

HARRY voltou a dar uma olhada no relógio e acelerou um pouco. Tinha uma conversa às quatro, quer dizer, em meia hora. Se chegasse depois do crepúsculo, teria perdido a viagem. O que restava dos cravos dos pneus se fundia no gelo com um barulhinho. Ainda que não tivesse percorrido mais de quarenta quilômetros pelo serpenteante caminho coberto de gelo, Harry tinha a sensação de que já tinham se passado várias horas desde que deixara a estrada principal. Os óculos de sol baratos que havia comprado no posto de gasolina Shell não lhe eram de grande ajuda e o reflexo do sol sobre a neve lhe doía nos olhos.

De repente, viu a um lado da estrada o carro de polícia com a placa de Skien. Freou com cuidado, estacionou bem trás e desceu os esquis do suporte. Eram de um fabricante de Trøndelag que havia quebrado há quinze anos, aproximadamente quando ele os encerrou pela última vez, pois a cera havia se convertido em uma massa pastosa e cinza debaixo dos esquis. Encontrou a pista que ia do caminho até a cabana, segundo haviam lhe explicado. Os esquis se aferravam como colados à pista; não escorregaria nem que tivesse tentado. Quando encontrou a cabana, o sol já estava abaixo no horizonte. Na escada que subia até a cabana de madeira tratada com impermeabilizante negro se via dois homens sentados com o anoraque vestido e, junto a eles, um rapaz que Harry, que não conhecia nenhum adolescente, calculou que teria entre doze e dezesseis anos.

— Ove Bertelsen? Perguntou se apoiando nos bastões enquanto recobrava o alento.

— Sou eu, esclareceu um dos homens, que se levantou e lhe estendeu a mão. — E este é o oficial Folldal. O outro homem concordou comedido.

Harry olhou para o jovem deveria ser quem havia encontrado os cartuchos vazios.

— Imagino que seja uma maravilha deixar o ar de Oslo, comentou Bertelsen. Harry apanhou o maço de cigarros.

— Mais maravilhoso ainda deve ser deixar o ar de Skien, creio eu. Folldal retirou o gorro de policial e endireitou as costas. Bertelsen sorriu:

— Diga o que disserem as pessoas, o ar de Skien é mais puro que o de qualquer outra cidade da Noruega. Harry protegeu o fósforo com os dedos e acendeu o cigarro.

— Ah, sim? Pois me lembrarei da próxima. Encontraram algo?

— É por ali.

Os quatro ajustaram os esquis e, com Folldal à frente, formaram uma fila e se puseram rumo a uma pista que desembocava em uma clareira do bosque. Folldal apontou com o bastão uma pedra negra que sobressaía vinte centímetros da delgada capa de neve.

— O rapaz encontrou os cartuchos vazios na neve, junto à pedra. O mais seguro é que se trate de um atirador que estava praticando. Ali se veem impressões de dois esquis. Está há mais de uma semana sem nevar, assim podem ser dele. Parece que utilizou esquis largos, típicos de Telemark.

Harry se ajoelhou. Passou um dedo pela pedra até tocar a borda exterior da larga impressão do esqui.

— Sim... Uns velhos esquis de madeira.

— Ah, sim? Harry segurava na mão um pequeno pedaço de madeira clara.

Harry se voltou até o rapaz, que usava umas calças largas de tecido duro com bolsos por todos os lados e um gorro de lã enfiado até as orelhas.

— Em que lado da pedra encontrou os cartuchos?

O rapaz apontou o lugar. Harry retirou os esquis, rodeou a pedra e deitou de costas sobre a neve. O céu ficara de uma cor azul clara, como geralmente acontecia antes do ocaso nos claros dias de inverno. Depois se colocou de lado e olhou por cima da pedra para o lugar por onde haviam vindo. Na abertura da clareira se viam quatro troncos de madeira.

— Encontraram as balas ou marcas de disparos? Folldal coçou a nuca.

— Perguntou se verificamos todos os troncos de madeira em meio quilômetro à volta? Bertelsen cobriu a boca discretamente com a manopla. Harry descartou a cinza do cigarro e observou a ponta incandescente.

— Não, pergunto se verificaram aqueles troncos lá.

— E por que iríamos verificar isso, precisamente? Perguntou Folldal.

— Porque o Märklin é um dos rifles mais pesados do mundo. Uma escopeta de quinze quilos não é pensada para disparar de pé, assim é lógico imaginar que tenham utilizado esta pedra para apoiar a culatra. Os cartuchos de um Märklin caem pela direita. Já que os cartuchos estão neste lado da pedra, o indivíduo terá disparado para o lugar de

onde viemos. Em tal caso, não seria ilógico que tivesse dado um par de tiros num dos troncos, certo? Bertelsen e Folldal se olharam.

— Muito bem, vamos olhar, concedeu Bertelsen.

Três minutos depois Bertelsen comentou:

— A menos que isso seja de um escaravelho gigante... Eu creio que é um buraco de bala gigante.

Apoiou os joelhos na neve e colocou o dedo em um dos troncos.

— Merda! A bala entrou muito, não consigo tocá-la.

— Olhe pelo buraco, sugeriu Harry.

— Para quê?

— Para ver se o atravessou, explicou Harry.

— Atravessar este tronco de abeto?

— Veja se vê a luz do dia. Harry ouviu que Folldal bufava às suas costas. Bertelsen colocou o olho no buraco.

— Mas, por Deus bendito...!

— Vê algo? Gritou Folldal.

— Acredite ou não, vejo a metade do Rio Siljan! Harry se voltou para Folldal, que por sua vez se virara para cuspir. Bertelsen se colocou de pé.

— De que serve um colete de proteção se disparam contra você com um desses? Lamentou-se.

— De nada, sentenciou Harry. — A única coisa que serviria seria uma couraça, disse antes de esmagar a guimba contra o tronco seco. — Uma couraça bem grossa. Corrigiu-se. Permaneceu de pé friccionando os esquis contra a neve debaixo dos pés.

— Vamos ter uma conversa com as pessoas das cabanas vizinhas, disse Bertelsen. — Pode ser que alguém tenha visto algo. Ou que confessem que algum deles é proprietário desse rifle do demônio.

— Desde que demos a permissão geral de armas o ano passado... Começou Folldal, que, não obstante, se calou em seguida, ao ver o olhar de Bertelsen.

— Existe algo mais que possamos fazer? Perguntou Bertelsen a Harry.

— Bom, disse Harry lançando um sombrio olhar à estrada. — O que acham de empurrar um pouco o meu carro?

Vinte e Nove

*HOSPITAL RUDOLPH II, VIENA
23 de Junho de 1944*

HELENA LANG teve uma sensação de déjà-vu. As janelas estavam abertas e o calor da manhã estival enchia o corredor com o aroma a gramado recém-cortado. Nas duas últimas semanas tiveram bombardeios todas as noites, mas ela não prestou atenção ao odor de fumaça. Levava uma carta na mão. Uma carta maravilhosa! Inclusive a chefe das enfermeiras, sempre tão taciturna, riu quando ouviu o alegre “Guten Morgen” de Helena. O doutor Brockhard levantou o olhar de seus papéis, surpreso quando Helena entrou em sua sala sem sequer bater.

— E bem? Perguntou o doutor. Retirou os óculos e cravou nela um frio olhar. A jovem se sentou.

— Christopher, começou, embora não o chamasse por seu nome de batismo desde que eram garotos. — Tenho algo para dizer.

— Bem, disse o doutor. — Era precisamente o que esperava.

Ela sabia muito bem a que se referia: esperava uma explicação de por que ela não viera ainda ao seu apartamento, situado no edifício principal da área do hospital, em que pese que ele já houvesse prolongado duas vezes a baixa de Urias. Helena havia utilizado os bombardeios como desculpa, afirmando que não se atrevia a sair. De modo que ele havia se oferecido para visitá-la no chalé de veraneio de sua mãe, algo que ela havia rechaçado de imediato.

— Vou lhe contar tudo, disse ela.

— Tudo? Perguntou ele com um sorriso. “Não, quase tudo”, ela pensou.

— Na manhã em que Urias...

— Helena, ele não se chama Urias.

— Na manhã em que se foi e você deu o alarme, se lembra?

— Claro. Brockhard deixou os óculos junto ao documento que tinha ante si de modo que a haste ficou paralela à borda da página. — Sim, eu estava pensando em denunciar seu desaparecimento à polícia militar, mas então apareceu contando aquela história de que havia passado meia noite perdido no bosque.

— Pois não foi assim. Veio de Salzburg no trem noturno.

— Ah, sim? Brockhard se acomodou na cadeira com o olhar sereno, claro indício de

que não era um homem que gostasse de demonstrar surpresa.

— Tomou o trem noturno de Viena antes da meia-noite, desceu em Salzburg, onde aguardou hora e meia a saída do trem noturno no sentido contrário. Às nove já estava em Hauptbahnhof.

— Caramba... Brockhard concentrou o olhar na caneta que segurava. — E que explicação deu para tão absurda viagem?

— Pois verás, disse Helena sem se dar conta de que sorria. — Talvez se lembre de que eu também cheguei tarde naquela manhã.

— Sim...

— É que eu também vinha de Salzburg.

— Ah, sim?

— Sim.

— Deveria me explicar isso, Helena.

E ela explicou, com o olhar cravado na ponta do dedo de Brockhard, pois bem debaixo da ponta da caneta havia se formado uma gota de sangue.

— Entendo, disse Brockhard quando ela terminou. — Pensava em ir a Paris. E quanto tempo acha que poderiam se esconder ali?

— Bom, ficou claro que não pensamos muito bem. Mas segundo Urias, deveríamos ir para América, para Nova York. Brockhard deu uma risada seca.

— É uma jovem muito esperta, Helena. Compreendo que esse traidor à pátria tenha lhe cegado com suas doces mentiras sobre América, mas sabe o quê mais?

— Não.

— Perdoo-a. E, ao ver a expressão estupefata de Helena, prosseguiu: — Sim, perdoo-a. Talvez devesse castigá-la, mas sei bem o que uma inquieta jovem apaixonada pode chegar a fazer.

— Não é perdão que...

— Que tal está sua mãe? Não deve ser fácil, agora que ficou sozinha. O seu pai pegou três anos, não é assim?

— Quatro. Quer fazer o favor de me escutar, Christopher?

— Peço que não faça nem diga nada de que possa se arrepender depois, Helena. O que disse até agora não mudou nada, nosso acordo continua como antes.

— Não!

Helena havia se levantado tão depressa que virou a cadeira, e, já de pé, deixou sobre a mesa a carta que trazia na mão.

— Leia você mesmo! Já não tem poder sobre mim. Nem sobre Urias.

Brockhard olhou a carta. Aquele envelope marrom aberto não lhe dizia nada. Retirou uma folha, colocou os óculos e começou a ler:

Waffen-SS

Berlim, 21 de junho.

Recebemos uma petição do chefe superior da polícia norueguesa, Jonas Lie, para que você seja reenviado à polícia de Oslo para prestar serviço. Já que você é cidadão norueguês, não achamos razão alguma para não satisfazer este desejo. Em consequência, esta ordem anula quaisquer ordens anteriores sobre o seu envio para a Wehrmacht. A chefatura superior da polícia norueguesa lhe fará chegar as informações exatas de dia, hora e lugar.

Heinrich Himmler,

Chefe superior das Schutzstaffel (SS)

Brockhard teve que olhar a assinatura duas vezes. O mesmíssimo Heinrich Himmler! Foi olhar a carta a contraluz. Helena advertiu:

— Pode ligar e perguntar se quiser, mas acredite, é autêntica.

Da janela aberta vinha o canto dos pássaros no jardim. Brockhard tossiu um par de vezes antes de falar.

— De modo que escreveu ao chefe da polícia norueguesa, não foi?

— Não, eu não, foi Urias. Eu somente procurei o endereço e coloquei a carta no correio.

— Colocou-a no correio?

— Sim. Bom, não, na realidade não. Telegrafei.

— Toda a solicitação?

— Sim.

— Caramba, deve ter custado... Muito dinheiro.

— Foi assim, mas era urgente.

— Heinrich Himmler... Disse o doutor, mais para si que para Helena.

— Sinto muito, Christopher. O doutor voltou a rir secamente:

— Verdade? Não conseguiu o que queria? Ela ignorou a pergunta e se obrigou a dedicar a ele um sorriso amável.

— Tenho que lhe pedir um favor, Christopher.

— Ah, sim?

— Urias quer que vá com ele para a Noruega. Preciso uma recomendação do hospital que me permita obter uma permissão para sair do país.

— E agora tem medo que eu ponha travas nessa recomendação?

— Seu pai é membro da equipe diretora.

— Pois é, na realidade, eu poderia criar problemas, disse acariciando o queixo, o olhar fixo na testa de Helena.

— De qualquer maneira, não pode nos fazer nada, Christopher. Urias e eu nos

amamos. Entendeu?

— Por que eu iria fazer favores à puta de um soldado?

Helena parou boquiaberta. Embora viesse de alguém a quem desprezava e que, sem sombra de dúvidas, estava muito alterado, a palavra a alcançou como uma bofetada. Contudo, antes que tivesse tido tempo de responder, o rosto de Brockhard mudou de expressão, como se o golpe tivesse alcançado a ele.

— Perdão, Helena. Eu... Merda! Disse virando rapidamente as costas.

Helena somente queria se levantar e ir embora, mas não achava as palavras que a liberassem de seu estado de comoção. O doutor prosseguiu, com voz cansada:

— Não era minha intenção feri-la, Helena.

— Christopher...

— Não entendeu. Não acho que seja um pretencioso, mas tenho qualidades que sei que chegaria a valorizar com o tempo. Pode ser que tenha ido demasiado longe, mas pense que sempre tive em mente o seu próprio bem.

Helena olhava fixamente as suas costas. A bata se pendurava sobre os ombros estreitos e caídos. De repente, pensou no Christopher ao que ela havia conhecido quando criança. Tinha o cabelo escuro e encaracolado e usava um traje de homem, em que pese que somente tivesse doze anos. Acreditava inclusive que num verão esteve enamorada dele.

Ele respirava trêmulo e com dificuldade. Helena deu um passo vacilante até ele. Por que sentia compaixão por aquele homem? Sim, ela sabia por quê. Porque seu coração transbordava de felicidade, sem que ela tivesse feito grande coisa para que assim fosse. Enquanto que Christopher Brockhard, que se esforçava em ser feliz todos os dias de sua vida, seria sempre um homem solitário.

— Christopher, eu preciso ir.

— Sim, claro. Você tem que cumprir com o seu dever, Helena. A jovem se levantou e se encaminhou para a porta. — E eu com o meu.

* * *

WRIGHT soltou uma maldição. Havia apertado todos os interruptores do projetor para que a imagem ficasse mais definida, mas sem resultado. Uma voz bronca observou:

— Acho que é a imagem que não está bem definida, Wright. Ou seja, não é falha do projetor.

— Bem, de qualquer maneira, este é Andreas Hochner, disse Wright fazendo sombra com a mão para ver os presentes.

A sala não tinha janelas e, quando apagou a luz, ficou totalmente às escuras. Segundo ouvira Wright, também era segura contra as escutas, embora vá se saber o que aquilo significava. Além de Andreas Wright, agente dos serviços de informação do Ministério da Defesa, somente havia na sala mais três pessoas: Bård Oyesen, dos serviços de informação da Defesa, Harry Hole, o novato do CNI, e o próprio chefe do CNI, Kurt Meirik. Foi Hole quem lhe enviou por fax o nome do traficante de armas de Johannesburg. E, desde então, não deixara de reclamar informação sobre ele nem um só dia. De fato, alguns membros do CNI pareciam acreditar que os serviços de informação de Defesa não eram senão uma subseção do CNI, mas era evidente que não haviam lido as disposições onde se explicava claramente que ambas eram instituições colaboradoras com o mesmo status. Wright, em troca, as lera. De modo que, finalmente, explicou ao novato do CNI que aquilo que não tinha prioridade deveria esperar. Meia hora mais tarde, o próprio Meirik o chamou por telefone afirmando que o assunto tinha prioridade. Por que não tinham dito no princípio?

A borrada imagem em branco e preto mostrava um homem que saía de um restaurante e parecia tirada através da janela de um carro. O homem tinha o rosto largo e tosco, os olhos escuros e um grande nariz pouco definido sobre um espesso bigode negro.

— Andreas Hochner, nascido no Zimbábue em 1954 de pais alemães, leu Wright em voz alta, nos documentos que trouxera consigo. — Antigo mercenário no Congo e África do Sul, se dedica ao tráfico de armas desde meados dos anos oitenta,

provavelmente. Aos dezenove anos foi acusado, junto com outras seis pessoas, do assassinato de um rapaz negro em Kinshasa, mas foi absolvido por falta de provas. Casado e divorciado duas vezes. O tipo para o qual trabalhava em Johannesburgo era suspeito de vender armamento antiaéreo para a Síria e de comprar armas químicas do Iraque. Diz-se que vendeu para Karadzic rifles especiais durante a guerra da Bósnia e que treinou franco-atiradores durante o sítio de Sarajevo. Esta última informação não foi confirmada.

— Pulemos os detalhes, por favor, disse Meirik ao mesmo tempo em que olhava o relógio, que trazia no dorso uma encantadora inscrição do Estado Maior do Exército.

— Muito bem, aceitou Wright antes de passar umas quantas folhas. — Andreas Hochner foi uma das quatro pessoas detidas em dezembro, durante uma batida realizada em Johannesburgo, no domicílio de um traficante de armas. Na tal batida encontraram uma lista codificada onde um dos pedidos, um rifle da marca Märklin, estava assinalado com a palavra Oslo e a data 21 de dezembro. E isso é tudo.

Fez-se um silêncio somente interrompido pelo barulho do ventilador do projetor. Alguém, talvez Bård Ovesen, aclarou a garganta. Wright fez sombra com a mão.

— Como sabemos que Hochner é precisamente a pessoa chave neste assunto? Perguntou Ovesen. Então se ouviu a voz de Harry Hole:

— Eu estive falando com Esaias Burne, inspetor de polícia de Hillbrow, Johannesburgo. Falou-me que, depois da detenção, revistaram os apartamentos dos implicados e que, no de Hochner, encontraram um passaporte interessante, com a sua foto, mas com outro nome.

— Um traficante de armas com passaporte falso não tem nada de... Sensacional, observou Ovesen.

— Estava falando num dos carimbos no passaporte. Oslo, Noruega, 10 de dezembro.

— Quer dizer, que esteve em Oslo, concluiu Meirik. — Na lista de clientes figura um nome norueguês e encontramos cartuchos de bala vazios desse super-rifle. De modo que podemos imaginar que Andreas Hochner esteve na Noruega e que participou em uma venda. Mas quem é o norueguês da lista?

— Por desgraça, essa lista não é uma relação normal de pedidos, com nome e endereço dos clientes. Ouviu-se a voz de Harry. — O cliente de Oslo figura com o nome de Urias, que, com certeza, será um nome em código. E segundo Burne, o inspetor de Johannesburgo, Hochner não tem o menor interesse em falar.

— Eu acreditava que os métodos que a polícia de Johannesburgo aplica nos interrogatórios eram absolutamente eficazes, disse Ovesen.

— Com certeza que sim, mas, pelo que parece, Hochner corre um risco maior se falar do que se calar. A lista de clientes é longa...

— Escutei que na África do Sul utilizam corrente elétrica, apontou Wright. — Na planta dos pés, nos culhões e... Bem, muito doloroso. Alguém não poderia acender a luz?

— Num assunto que inclui compra de armas químicas de Sadam, uma viagem de negócios a Oslo com um só rifle é insignificante. Além disso, creio que os sul-africanos usam a eletricidade para questões mais importantes, por assim dizer. Por outro lado, não é provável que Hochner saiba quem é Urias. E, enquanto nós não saibamos quem é, temos de formular a seguinte pergunta: quais são os seus planos? Um atentado? Um ataque terrorista? Apontou Harry.

— Ou um roubo, apontou Meirik.

— Com um rifle Märklin? Perguntou Ovesen. — Isso é matar formigas com canhões.

— Um atentado relacionado com o narcotráfico, talvez, propôs Wright.

— Bem, interveio Harry. — Uma pistola bastou para assassinar Olof Palme, o homem mais protegido da Suécia. E jamais encontraram o assassino. De modo que, porquê usar uma arma de mais de meio milhão de coroas para matar alguém aqui?

— O que você sugere Harry?

— Talvez o objetivo não seja um norueguês, mas alguém de fora. Alguém que constitua um objetivo constante para os terroristas, mas muito bem protegido para ser assassinado num atentado em seu país. Alguém que pareça mais fácil de assassinar em um país pequeno e pacífico onde contam com que a segurança será a mínima.

— Quem? Perguntou Ovesen. — Agora mesmo, não temos na Noruega nenhum dignitário estrangeiro susceptível de ameaça de assassinato.

— Nem alguém que venha, adicionou Meirik.

— Talvez seja um plano mais a longo prazo, observou Harry.

— Mas a arma chegou há um mês, objetou Ovesen. — Não é lógico que os terroristas estrangeiros venham para a Noruega um mês antes da operação.

— É possível que não seja um estrangeiro, mas um norueguês.

— Não existe ninguém na Noruega capaz de realizar uma missão dessa envergadura, afirmou Wright procurando às cegas o interruptor de luz.

— Exato, concordou Harry. — Essa é a questão.

— A questão?

— Imagine que um conhecido terrorista estrangeiro quer assassinar alguém de seu próprio país e que essa pessoa vai viajar para a Noruega. A vigilância policial de seu país continua firme a cada passo de seu objetivo de modo que, em lugar de se arriscar a cruzar a fronteira, se põe em contato com um norueguês que possa ter os mesmos motivos que ele mesmo, para cometer o crime. Que o dito seja um aficionado é, na realidade, uma vantagem, e isso lhe garante que a vigilância policial não se centrará nele.

— Sim, os cartuchos de bala vazios podem indicar que se trata de aficionados, observou Meirik.

— O terrorista e o aficionado combinam que o terrorista financiará a compra de

uma arma muito cara e depois cortarão todo o contato, não terá nada que possa nos levar até o terrorista. Assim, ele terá colocado em marcha um processo sem ter que correr nenhum risco, salvo o financeiro.

— Mas o que acontecerá se o contratado não levar a cabo a missão? Perguntou Ovesen. — Ou se decide vender a arma e sumir com o dinheiro?

— Naturalmente, esse perigo existe, mas devemos dar por certo que o terrorista considera que o contratado está muito motivado. Inclusive pode ser que tenha um motivo pessoal que o impulsione, e está disposto a arriscar a vida para conseguir o objetivo.

— É uma hipótese divertida, declarou Ovesen. — Como pensou em colocá-la à prova?

— Não é possível. Estou falando de um homem do qual ignoramos tudo, não sabemos como pensa nem podemos estar certos de que vá agir de modo racional.

— Excelente, sentenciou Meirik. — Temos alguma outra teoria sobre por que veio parar essa arma na Noruega?

— Montes, disse Harry. — Mas esta é a pior que se possa imaginar.

— Bem, bem, suspirou Meirik. — Nosso trabalho consiste em caçar fantasmas, assim não nos resta outro caminho a não ser tentar ter uma conversa com esse Hochner. Farei um par de ligações telefônicas para... Caramba!

Wright acabava de encontrar o interruptor e uma luz branca e intensa inundara a sala.

* * *

Trinta e Um

RESIDENCIA DE VERÃO DA FAMÍLIA LANG, VIENA

25 de Junho de 1944

HELENA estava no dormitório estudando a sua aparência no espelho. Teria preferido ter a janela aberta, para poder ouvir os passos no gramado quando alguém se aproximasse da casa, mas sua mãe era muito rigorosa com isso de fechar as janelas. Olhou a fotografia de seu pai que estava na cômoda, ante o espelho. Sempre lhe chamava a atenção como parecia jovem e inocente nela.

Havia recolhido o cabelo com um simples passador. Deveria se pentear de outro modo? Beatrice lhe havia conseguido um vestido de musselina vermelha de sua mãe, que agora se ajustava bem à delgada e esbelta figura de Helena. Sua mãe o usava quando conhecera o seu pai. Era estranha a ideia, longínqua e, de certo modo, um tanto dolorosa. Talvez porque, quando sua mãe lhe falou daquele dia, teve a sensação de que estava falando de duas pessoas distintas.

Helena retirou o passador e agitou a cabeça de modo que o cabelo castanho lhe cobriu o rosto. Soou o timbre da porta e ouviu os passos de Beatrice no vestíbulo. Helena deitou de costas na cama e notou um formigamento no estômago. Não conseguia evitá-lo, era como voltar a estar apaixonada aos catorze anos. Escutou o som surdo da conversa no andar de baixo, a voz clara e nasal de sua mãe, o barulhinho do cabide quando Beatrice pendurou o abrigo no roupeiro do vestíbulo. “Um abrigo!”, pensou Helena. Urias colocara abrigo, em que pese que fosse uma dessas tardes quentes de verão das que, no geral, não conseguiam apreciar antes do mês de agosto. Ela esperava e esperava... Até que ouviu a voz de sua mãe:

— Helena!

Levantou-se da cama, colocou o passador, olhou as mãos repetindo: “Minhas mãos não são muito grandes, não são muito grandes”. Deu uma última olhada no espelho: estava bonita! Suspirou tremendo e cruzou a porta.

— Hele...!

Sua mãe deixou o nome no meio quando a viu ao final da escada. Helena colocou

um pé no primeiro degrau, com muito cuidado: os altos saltos com os quais descia as escadas lhe pareceram inseguros de repente.

— Chegou o seu convidado, anunciou a sua mãe.

“Seu convidado”. Em outras circunstâncias, Helena talvez tivesse se irritado pelo modo como sua mãe sublinhava a postura de não considerar o estrangeiro, um simples soldado, como um convidado da casa. Mas aquelas eram circunstâncias excepcionais e Helena teria sido capaz de beijar a sua mãe por não ter se portado pior ainda e porque, ao menos, saíra para recebê-lo antes que Helena aparecesse.

Olhou para Beatrice. A velha criada sorria, mas tinha o mesmo olhar melancólico de sua mãe. E então voltou o olhar para ele. Seus olhos brilhavam com tal intensidade que poderia sentir o calor lhe queimando a pele, e se viu obrigada a descer o olhar até o rosto, recém-barbeado e bronzeado pelo sol, o pescoço com a insígnia dos dois esses e para o uniforme verde tão amassado que usara durante a viagem de trem, mas que agora estava recém-passado. Trazia na mão um ramo de rosas. Helena sabia que Beatrice teria se oferecido para colocá-las em um jarro, mas ele agradecera e teria lhe dito que preferia esperar a que Helena as visse.

Deu um passo mais. Sua mão, apoiada no corrimão da escada. Começava a se sentir mais segura. Levantou o olhar e olhou para os três. E sentiu em seguida que, por alguma razão inexplicável, aquele era o instante mais importante de sua vida. Pois sabia que era o que viam os demais, se refletia em seus olhares. Sua mãe se via a si mesma descendo os degraus, seu próprio sonho irrealizado e sua juventude perdida; Beatrice, por seu lado, via àquela menina que ela havia criado como sua própria filha, e ele, à mulher à que amava tanto que não conseguia encobrir seus sentimentos apesar de sua timidez escandinava e seus bons modos.

— Está muito bonita, falou Beatrice somente movendo os lábios. Helena lhe atendeu com um gesto. E desceu o último degrau até o vestíbulo.

— Então conseguiu encontrar o caminho no meio da escuridão? Perguntou a Urias com um sorriso.

— Sim, ele respondeu em voz alta e clara, que retumbou como em uma igreja, no amplo vestíbulo de teto alto.

* * *

Sua mãe falava com a sua aguda voz um tanto escandalosa enquanto Beatrice entrava e saía da cozinha como um fantasma amável. Helena não podia afastar o olhar da

gargantilha de diamantes que sua mãe havia colocado, sua joia mais preciosa, que somente usava em momentos especiais. Nesta ocasião, a mulher havia feito uma exceção e deixara entreaberta a porta do jardim. A capa de nuvens estava tão baixa que havia a possibilidade de que naquela noite se livrassem dos bombardeios. A corrente que entrava pela porta fazia vacilar as chamas das velas e as sombras dançavam, se refletindo sobre os rostos de homens e mulheres de expressão grave, pendurados nas paredes, e que haviam usado o sobrenome Lang. Sua mãe explicou a Urias quem era cada um, a que havia se dedicado e no seio de quais famílias escolheram os seus cônjuges. Urias a escutava com um sorriso que Helena interpretou como algo sarcástico, embora não poderia distingui-lo bem na semipenumbra. A mãe havia explicado que sentiam ter o dever de economizar energia elétrica devido à guerra, mas não revelou, é claro, a nova situação econômica da família, nem que Beatrice era a única criada que restava do habitual serviço doméstico composto por quatro. Sua mãe havia colocado os dois jovens um frente a outro, e ela mesma havia se sentado num extremo, presidindo a mesa.

— Isto está realmente muito bom, senhora Lang.

Era uma ceia simples. Não tanto que pudesse se considerar insultante, mas de modo algum extraordinária, para que Urias não tivesse motivo para se sentir um hóspede de honra.

— É coisa de Beatriz, interveio Helena ansiosa. — Prepara o melhor Wemrschnitzel de toda Áustria. Já o havia provado?

— Só uma vez, creio. E não pode se comparar à este.

— Schtvein, disse a mãe de Helena. — O que você comeu antes era preparado com carne de porco. Mas em nossa casa o cozinhamos sempre com carne de novilho.

— O certo é que não lembro se aquele tinha carne, afirmou ele com um sorriso. — Creio que somente tinha ovo e pão. Helena deu uma risada que mereceu uma olhada displicente de sua mãe.

A conversa decaiu um par de vezes ao longo da ceia, mas, após as longas pausas, tanto Urias como Helena ou sua mãe conseguiam recomencá-la. Antes de convidá-lo para jantar, Helena havia decidido não se preocupar pelo que pensava a sua mãe. Urias era educado, mas vinha de um simples entorno campesino, sem essas maneiras refinadas de quem se educa no seio de uma família endinheirada. Mas verificou que não tinha por que se preocupar. Estava satisfeita de como Urias parecia relaxado.

— Pensa em procurar trabalho quando terminar a guerra? Perguntou a mãe antes de levar à boca o último bocado de batata.

Urias concordou e aguardou paciente a que devia ser, por lógica, a pergunta seguinte da senhora Lang, enquanto esta terminava de mastigar.

— E, se me permite a pergunta, que trabalho seria esse?

— Carteiro. Antes que explodisse a guerra, haviam me prometido um posto de carteiro.

— O correio? Não são terrivelmente grandes as distâncias em seu país?

— Bem, não tanto. Vivemos onde é possível viver. Junto os fiordes, nos vales e em outros lugares protegidos. E, além disso, também temos algumas cidades grandes.

— Interessante. Permita-me que lhe pergunte, você tem algum capital?

— Mãe! Gritou Helena olhando-a sem poder acreditar.

— Sim, querida? Perguntou limpando os lábios com o guardanapo antes de indicar a Beatrice que poderia retirar os pratos.

— Faz com que isso pareça um interrogatório! Às escuras sobranceiras de Helena se levantaram em sua testa branca.

— De fato, respondeu a mãe ao mesmo tempo em que levantava uma taça olhando para Urias. — É um interrogatório. Urias levantou também a taça e lhe devolveu o sorriso.

— Compreendo-a, senhora Lang. Ela é a sua única filha. Você está em seu direito, e mais, diria que é seu dever averiguar a que tipo de homem ela pensa em se unir.

Os delgados lábios da senhora Lang haviam adotado a postura para beber, formando um pequeno aro, mas a mulher deteve subitamente a taça no ar.

— Eu não sou rico, prosseguiu Urias. — Mas sou trabalhador, não sou um idiota e conseguirei me manter a mim mesmo, a Helena e com certeza a alguém mais. Prometo que cuidarei dela o melhor que puder senhora Lang. Helena sentia uma gana tremenda de rir e, ao mesmo tempo, uma estranha excitação.

— Por Meu Deus! Exclamou então a mãe voltando a deixar a taça na mesa. — Você não está indo muito rápido, jovem?

— Sim, afirmou Urias antes de tomar um gole e ficar algum tempo olhando a taça. — E preciso insistir que este é, na verdade, um excelente vinho, senhora Lang.

Helena tentou cutucá-lo com o pé por baixo da robusta mesa de madeira, mas não conseguiu.

— Mas infelizmente este tempo que nos tocou viver é um tanto estranho. É bastante escasso, além disso. Pousou a taça, mas sem deixar de olhá-la. Do pequeno sorriso que Helena achava que havia observado antes não restava nem rastro. — Senhora Lang já passei muitas noites como esta, falando com meus companheiros de tudo o que

pensávamos fazer no futuro, sobre como seria a nova Noruega e principalmente dos sonhos que desejávamos que se transformassem em realidade. Uns grandes; outros, pequenos. E, poucas horas mais tarde, estavam mortos e o seu futuro, desvanecido no campo de batalha.

Levantou o olhar, que cravou na senhora Lang.

— Vou muito rápido porque encontrei uma mulher de quem gosto e que gosta de mim. Estamos em guerra, e tudo o que lhe dizer de meus planos futuros são invenções. Não disponho mais que de uma hora para viver a minha vida, senhora Lang. E talvez você tampouco tenha muito mais tempo.

Helena deu uma olhada fugaz para a sua mãe, que parecia petrificada.

— Recebi uma carta da Direção Geral da Polícia Norueguesa. Devo me apresentar no hospital de guerra da escola de Sinsen, em Oslo, para me submeter a uma avaliação médica. Partirei dentro de três dias. E penso em levar a sua filha comigo.

Helena conteve a respiração. O tique-taque do relógio de parede inundava a sala com estrondo. Os diamantes da mãe despediam lampejos enquanto os músculos se distendiam debaixo da enrugada pele de seu pescoço. Um repentino sopro de ar vindo da porta do jardim inclinou as chamas das velas e, sobre o papel prateado das paredes, as sombras bailavam entre os móveis escuros. Tão somente a sombra de Beatrice junto à porta da cozinha parecia totalmente imóvel.

— Strudel, disse a mãe fazendo um sinal a Beatrice. — Uma especialidade nossa.

— Só quero que saiba que tenho muita disposição, disse Urias.

— Você faz bem, respondeu a senhora Lang com um forçado sorriso sardônico. — Preparamos com maçãs de nossa própria colheita.

* * *

Trinta e Dois

*JOHANNESBURGO
28 de Fevereiro de 2000*

A DELEGACIA Geral de Polícia de Hillbrow ficava no centro de Johannesburgo. O seu muro era arrematado por um alambrado e as grades de aço que protegiam umas janelas tão pequenas que pareciam seteiras, lhe davam o aspecto de uma pequena fortaleza.

— Dois homens, os dois negros, assassinados nesta noite, somente neste distrito policial, comentou o oficial Isaias Burne enquanto guiava Harry através de um labirinto de corredores de desgastados chãos de linóleo e em cujas robustas paredes a pintura branca começava a descascar. — Viu o imenso hotel Carlton? Fechado. Os brancos já se foram há tempos, assim agora somente podemos atirar entre nós.

Isaias subiu as calças caídas. Era negro, alto e realmente obeso. Sua camisa branca de poliéster tinha dois círculos negros de suor debaixo das mangas.

— Andreas Hochner está em uma prisão situada nas proximidades da cidade, um lugar que chamamos Sim City, explicou. — Mas hoje o trouxemos para os interrogatórios. É aqui, disse Isaias ao mesmo tempo em que abria a porta.

Entraram em uma dala onde dois homens com os braços cruzados olhavam através de uma janela de cor marrom que havia na parede.

— Uma só direção, sussurrou Isaias. — Ele não pode nos ver.

Os dois homens que estavam ante a janela, cumprimentaram Isaias e Harry com um gesto e se afastaram.

Tinham ante si uma pequena sala escassamente iluminada em cujo centro havia uma cadeira e uma pequena mesa. Sobre a mesa havia um cinzeiro cheio de guimbas e um microfone preso por um suporte. O homem que ocupava a cadeira tinha os olhos escuros e um espesso bigode negro que lhe pendia pelas comissuras dos lábios. Harry reconheceu em seguida o homem da borrada fotografia de Wright.

— O norueguês? Murmurou um dos dois homens apontando para Harry. Isaias concordou. — Ok, disse o homem se dirigindo a Harry, mas sem perder de vista nem por um instante o homem que estava na sala. — Amigo norueguês, aí o tem, é todo seu. Dispõe de dez minutos.

— No fax dizia...

— Esqueça o fax, norueguês. Sabe quantos países querem interrogar este preso? Ou, diretamente, que o enviemos?

— Não.

— Dê-se por satisfeito em conseguir falar com ele, disse o homem.

— Por que aceitou falar comigo?

— Como nós vamos saber? Pergunte a ele.

Harry tentou respirar com o estômago quando entrou na pequena sala de interrogatórios. Na parede, onde riscos vermelhos de óxido haviam composto uma espécie de desenho, pendia um relógio que indicava onze e meia. Harry pensou nas polícias que o vigiavam com olhos atentos, ou que talvez fosse a causa de que lhe suassem tanto as palmas das mãos. O indivíduo estava encolhido na cadeira e tinha os olhos semifechados.

— Andreas Hochner?

— Andreas Hochner? Repetiu o homem da cadeira com voz bronca e sussurrante, levantou o olhar e o olhou como se acabasse de ver algo que tivesse ganas de esmagar com o pé. — Não, está em casa comendo a sua mãe. Harry se sentou lentamente. Parecia ouvir as gargalhadas do outro lado do espelho negro.

— Sou Harry Hole, da polícia norueguesa, disse em voz baixa. — Concordou em falar conosco.

— Noruega? Perguntou Hochner cético.

Inclinou-se para frente, estudou detidamente a carteira que Harry lhe mostrava e apareceu em seu rosto um sorriso brincalhão:

— Perdoe Hole. Não haviam me dito que hoje seria a Noruega, entendeu? Estava esperando-os.

— Onde está o seu advogado? Harry colocou a pasta sobre a mesa, abriu-a e apanhou uma folha com uma série de perguntas e um bloco de notas.

— Esqueça-o, não confio desse tipo. O microfone está ligado?

— Não sei. Tem algo contra?

— Não quero que esses negros me ouçam. Estou interessado em fazer um acordo. Consigo. Com a Noruega.

Harry levantou o olhar da folha. Os ponteiros do relógio avançavam nas costas de Hochner. Já haviam se passado três minutos. Algo lhe dizia que não lhe permitiriam ultrapassar o tempo acordado.

— Que tipo de acordo?

— Desligue o microfone! Disse Hochner entre dentes.

— Que tipo de acordo?

Hochner levantou os olhos, inquisitivo. Depois se inclinou por cima da mesa e sussurrou apressadamente:

— Os crimes de que me acusam são condenados à pena de morte na África do Sul. Entende aonde quero chegar?

— Pode ser. Continue.

— Posso contar algumas coisas do homem de Oslo se você me garantir que seu governo pedirá meu indulto para este governo de negros. Porque eu os terei ajudado, não é? Sua primeira ministra esteve aqui; ela e Mandela andaram por aí abraçados. Os caciques do CNA que governam agora gostam da Noruega. Vocês os apoiam, e a vocês eles escutarão, compreendeu?

— Por que não pode fazer esse acordo ajudando à polícia daqui?

— Merda! O punho de Hochner caiu sobre a mesa de modo que o cinzeiro saltou pelos ares e as guimbas foram parar no chão. — Não entendeu nada, policial de merda? Eles acreditam que matei alguns negros.

Aferrava-se com ambas as mãos à borda da mesa e olhava para Harry com os olhos fora de órbita. Até que seu rosto pareceu desinflar e veio abaixo como um balão furado, ocultando-o entre ambas as mãos.

— Eles somente querem me ver pendurado.

Ouviu-se um terrível soluço. Harry o observava. Quantas horas aqueles dois polícias teriam mantido Hochner acordado nos interrogatórios, antes que ele chegasse? Respirou fundo e se inclinou sobre a mesa, apanhou o microfone com uma mão enquanto o desconectava com a outra.

— Certo Hochner. Restam-nos sessenta segundos. Quem é Urias? Hochner o olhava entre os dedos.

— Quem?

— Rápido, Hochner, não demorarão para entrar.

— É... É um velho, perto dos setenta. Eu somente o vi uma vez, na entrega.

— Como é?

— Velho, já disse...

— Dê-me uma descrição melhor!

— Usava casaco e chapéu. E foi em plena noite em um armazém de contêineres mal iluminado. Olhos azuis creio, estatura mediana... Em fim.

— Do que conversaram? Rápido!

— De tudo um pouco. No princípio falamos em inglês, mas trocamos quando descobriu que eu falava alemão. Conteí que meus pais eram de Lesa. E ele me falou que estivera ali uma vez, em uma cidade chamada Sennheim.

— Qual é a missão?

— Não sei. Mas é um aficionado. Falava muito e quando lhe dei o rifle me falou que era a primeira vez em mais de cinquenta anos que segurava uma arma em suas mãos. Falou-me que odia... Nesse momento se abriu a porta da sala.

— Que odia o quê? Gritou Harry.

No mesmo tempo, sentiu um punho que lhe apertava a clavícula. Uma voz sussurrou em seu ouvido:

— Que merda está fazendo, Harry?

Harry não parou de olhar para Hochner enquanto eles o arrastavam até a porta. Hochner tinha o olhar vidrado e as veias do pescoço a flor de pele. Harry via que estava dizendo algo, mas não pode ouvi-lo. E a porta se fechou em seu nariz.

* * *

Harry esfregava a nuca enquanto Isaias o levava ao aeroporto. Após uns vinte minutos de trajeto, Isaias quebrou o silêncio.

— Estamos há seis anos trabalhando neste caso. A lista de entregas de armas envolve mais de vinte países. E a todo o momento temos nos preocupado com que aconteceu hoje, que alguém viesse tentá-lo com ajuda diplomática para obter alguma informação. Harry encolheu os ombros.

— E o que aconteceu? Vocês o pegaram, fizeram o seu trabalho, Isaias, agora é só apanhar as medalhas. Os acordos que se façam com Hochner e com o governo não é problema seu.

— É policial, Harry, sabe o que se sente ao ver livre um criminoso, as pessoas que tiram vidas humanas sem pestanejar. Sabe que retomará tão logo se veja outra vez na rua.

Harry não respondeu.

— Sabe, não é? Ótimo. Pois então, tenho uma proposta para fazer. Parece que obteve sua parte do acordo com Hochner. O que significa que você escolherá se cumprirá ou não o acordo. Understand?

— Eu somente faço o meu trabalho, Isaías, e Hochner pode me ser útil mais adiante, como testemunha. Sinto muito. Isaías socou o volante com tal força que Harry deu um pulo.

— Deixe-me dizer algo, Harry. Antes das eleições de 1994, enquanto ainda nos governava a minoria branca, Hochner disparou contra duas crianças negras, ambas de onze anos, de um depósito de água que havia nas proximidades do jardim do colégio, em um bairro negro chamado Alexandra. Achamos que por trás do crime havia alguém do Afrikaner Volkswag, o partido do apartheid. Tratava-se de um colégio controvertido, pois frequentavam três alunos brancos. Utilizou balas Singapore, do mesmo tipo que as empregadas na Bósnia. Alcançam cem metros e perfuram tudo o que encontram. Atingiu as duas na garganta então não tinha a menor importância que a ambulância chegasse, como de costume nos bairros negros, uma hora depois de ser chamada.

Harry não respondeu.

— Mas erra se acha que é vingança o que procurarmos, Harry. Já sabemos que não é possível construir uma sociedade sobre a base da vingança. O primeiro governo negro majoritário criou uma comissão para esclarecer os abusos cometidos durante a época do apartheid. Não se trata de vingança, mas de reconhecimento e perdão. Isso curou muitas feridas e somente trouxe benefícios à sociedade. Mas, ao mesmo tempo, estamos perdendo a batalha contra o crime, e em especial aqui em “Joeburg”, onde as coisas estão totalmente fora de controle. Somos uma nação jovem e vulnerável, Harry, e se queremos progredir, temos de demonstrar que a lei e a ordem são importantes, que o crime não pode ser o pretexto do caos. Todos se lembram dos assassinatos de 1994, todos seguem o caso na imprensa. Isso talvez seja mais importante que sua agenda pessoal, ou que a minha, Harry. Fechou o punho e voltou a socar o volante. — Não se trata de nos converter em juízes sobre a vida e a morte, mas de devolver à gente comum a fé na justiça. E às vezes, é necessária a pena de morte para consegui-lo.

Harry apanhou um cigarro do maço, abriu um pouco a janela e olhou os montículos de resíduos das minas, que rompiam a monotonia da paisagem ressecada.

— Então Harry, o que me diz?

— Que se não acelerar, vou perder o avião, Isaías.

Isaias voltou a socar o volante com tal violência que Harry se surpreendeu que ele aguentasse.

* * *

Trinta e Três

*JARDIM ZOOLOGICO LAINZER, VIENA
27 de Junho de 1944*

HELENA estava só no banco traseiro do Mercedes negro de André Brockhard. O carro deslizava lentamente entre as árvores de altas copas que flanqueavam o caminho. Estavam indo para os estábulos do jardim zoológico Lainzer. Ela olhava para os verdes jardins. Atrás do automóvel se levantava um redemoinho de pó, vindo do piso ressecado, e mesmo com a janela aberta, fazia um calor insuportável no interior do carro. Uma manada de cavalos que pastavam à sombra, levantaram a cabeça na sua passagem.

Helena adorava o Lainzer. Antes de começar a guerra, passara muitos domingos naquela imensa área verde ao sul de Wemrwald, fazendo piqueniques com seus pais, tios e tias, ou passeando a cavalo com os amigos. Havia se preparado mentalmente para qualquer coisa quando, naquela manhã, a governanta do hospital havia lhe avisado de que André Brockhard queria ter uma conversa com ela e que enviaria um carro para apanhá-la durante a manhã. Desde que recebera a recomendação da direção do hospital, junto com a permissão de saída, estava feliz, e a primeira coisa em que pensou, foi que aproveitaria a ocasião para agradecer ao pai de Christopher por ter intervido a seu favor. A segunda coisa que pensou, foi que não era verosímil que André Brockhard a tivesse convocado para que ela tivesse oportunidade de agradecer. “Calma, Helena”, pensou. “Agora não podem mais nos prejudicar. Amanhã cedo estaremos longe daqui”.

No dia anterior havia preparado duas malas com roupa e os objetos pessoais mais queridos. O crucifixo que pendia sobre o cabeceira da cama foi a última coisa que guardara. A caixa de música que seu pai havia lhe presenteado continuava no tocador. Deixava objetos que nunca acreditara que se separaria voluntariamente, e que, por mais estranho que pudesse parecer, já não tinham muito significado para ela. Beatrice havia lhe ajudado e haviam falado dos velhos tempos enquanto escutavam os passos da mãe, que andava no andar de baixo. Seria uma despedida dura e triste. Mas nesse momento, somente ela se regozijava ante a perspectiva daquela tarde. Urias havia se queixado de que era uma vergonha não ter visto nada de Viena antes de ir embora, de modo que a convidara para jantar fora. Helena não sabia aonde, pois ele havia lhe feito um gesto misterioso como resposta e havia lhe perguntado se acreditava que poderiam apanhar emprestado o carro do guarda florestal.

— Chegamos, Fräuleim Lang, disse o motorista ao mesmo tempo em que apontava para o final do caminho, donde o caminho terminava ante uma fonte.

No meio da água, um cupido dourado se equilibrava sobre um pé, em cima de uma esfera de esteatita. Atrás da fonte se levantava uma casa senhorial construída em pedra cinza. De cada lado da casa haviam construções de madeira pintadas de vermelho, alongadas e de teto baixo, que junto com uma pequena construção de pedra, delimitavam um jardim situado atrás do edifício principal. O motorista parou o carro, saiu e abriu a porta para Helena.

André Brockhard estava ante a porta da casa e se aproximou. Suas botas de montar brilhavam reluzentes ao sol. Brockhard tinha algo mais de cinquenta anos, mas caminhava com a agilidade de um jovem. Como fazia calor, havia desabotoado o casaco de lã vermelha, consciente de que assim mostraria melhor o seu torso atlético. As calças de montar se ajustavam a suas musculosas pernas. O senhor Brockhard não poderia se parecer menos com seu filho.

— Helena!

Cumprimentou-a com uma voz tão sincera e quente como geralmente usam os homens que se sabem capazes de decidir quando uma situação é sincera e quente. Há muito tempo que ela não o via, mas parecia a Helena que tinha o mesmo aspecto de sempre: o cabelo branco, a testa larga e um par de olhos azuis que a olhavam de ambos os lados de uma grande nariz majestoso. A boca, em forma de coração, revelava alguma doçura de carácter, embora este fosse um rasgo que muitos não haviam visto ainda.

— Como está sua mãe? Espero não ter me excedido apanhando-a no trabalho deste modo, disse, enquanto lhe dava um breve e seco apertão de mãos antes de prosseguir, sem esperar resposta. — Preciso falar consigo e temo que o assunto não possa esperar. Bom, você já esteve aqui antes, comentou apontando com a mão o conjunto de edifícios.

— Não, corrigiu Helena com um sorriso.

— Ah, não? Pensei que Christopher a trouxera aqui alguma vez; quando jovens eram unha e carne.

— Creio que a sua memória o trai, Her Brockhard. Christopher e eu nos conhecíamos, Isso é verdade, mas...

— Caramba, não me diga! Iremos primeiro aos estábulos.

Com delicadeza, lhe colocou a mão nas costas para conduzi-la até os edifícios de madeira.

— É triste o que aconteceu a seu pai, Helena. Uma verdadeira lástima. Gostaria de poder fazer algo por sua mãe e por você.

“Poderia ter nos convidado para a ceia de Natal neste inverno”, pensou Helena, mas não falou nada. Além disso, melhor assim, pois não teve que aguentar o nervoso e as conversas de sua mãe ante o convite.

— Janjic! Gritou Brockhard a um moço de cabelo negro que, ante o muro, penteava um cavalo. — Apanhe o Venezia.

O rapaz entrou nos estábulos enquanto Brockhard esperava dando ligeiros golpes com o chicote no joelho ao mesmo tempo em que subia e baixava os saltos. Helena deu uma olhada ao relógio.

— Acho que não poderei ficar muito tempo, Her Brockhard...

— Não, claro, compreendo. Bem, vamos ao ponto.

Dos estábulos vieram relinchos raivosos e o barulho dos cascos do cavalo contra o chão de madeira.

— Seu pai e eu fizemos alguns negócios juntos. Antes da quebra, claro.

— Eu sei.

— E saberá também que seu pai tinha muitas dívidas. Foi uma causa indireta de que passasse pelo que passou. Quero dizer que essa lamentável... Parou procurando o termo adequado, até que o encontrou. —... Afinidade com os judeus foi muito prejudicial para ele.

— Você se refere a Joseph Bernstein?

— Já não me lembro dos nomes daquelas pessoas.

— Pois deveria: estavam entre os seus convidados na ceia de Natal.

— Joseph Bernstein? André Brockhard riu, mas a sua risada não se refletiu em seus olhos. — Deve fazer muitos anos.

— No Natal de 1938. Antes da guerra. Brockhard concordou e olhou com impaciência para a porta do estábulo.

— Tem boa memória, Helena. Ótimo. Christopher deverá ficar com alguém que tenha boa cabeça. Já que ele perde a sua de vez em quando. No demais, é um bom rapaz.

Helena sentiu que o coração começava a bater com força. Estava acontecendo algo. O senhor Brockhard lhe falava como se fosse a sua futura nora. Mas, em lugar do medo invadi-la, foi a cólera o que se impôs. Quando voltou a tomar a palavra, ela pretendia fazê-lo com voz amável, mas a fúria havia aparecido seu pescoço como um cordão, lhe

dando um tom duro e metálico:

— Não gostaria que acontecesse mal-entendidos, Her Brockhard. Brockhard deve ter notado o timbre de sua voz, pois já não restava, quando respondeu, nem rastro do gesto cálido com que a havia acolhido ao princípio.

— Em tal caso, precisamos esclarecer esses mal-entendidos. Quero que veja isso.

Apanhou um documento que tinha no bolso do casaco vermelha, o desdobrou e o deu para que ela o lesse. “Bürgschaft”, se lia no encabeçado do documento, que parecia um contrato. Helena folheou o documento sem compreender a maioria do que ali se dizia, salvo que mencionava a casa de Wemrwald e que os nomes de seu pai e de André Brockhard figuravam abaixo de suas respectivas assinaturas. A jovem olhou-o inquisidora.

— Parece um aval, disse por fim.

— É um aval, ele confirmou. — Quando seu pai compreendeu que os créditos dos judeus iam ser anulados e, portanto, também os dele, veio a mim para pedir que avalizasse um crédito considerável para o refinanciamento na Alemanha. Algo ao que eu, por desgraça, não tive a suficiente força para negar. Seu pai era um homem orgulhoso e, para que o aval não parecesse pura beneficência, insistiu em que a casa em que você e sua mãe moram agora servisse de garantia.

— Por que a garantia do empréstimo? Brockhard olhou-a surpreso.

— Boa pergunta. A resposta é que o valor da casa não seria suficiente para cobrir o crédito que seu pai precisava.

— Mas a assinatura de André Brockhard seria suficiente, não? O homem sorriu e passou uma mão pela nuca, robusta como a de um touro e coberta de suor pelo calor do sol.

— Bom, tenho alguma que outra propriedade em Viena.

Todos sabiam que André Brockhard tinha grandes pacotes de ações nas duas principais companhias industriais austríacas. Depois do Anschluss, a ocupação de Hitler em 1938, as companhias haviam substituído a produção de ferramentais e maquinaria pela de armamento para as forças do Eixo, e Brockhard havia ficado multimilionário. Agora, Helena acabava de saber de que também era proprietário da casa em que ela vivia. E sentiu um nó no estômago.

— Mas não se preocupe, querida Helena, animou-a Brockhard recuperando o tom cálido do princípio. — Não tenho intenção de tirar a casa de sua mãe, como compreenderá.

O nó que Helena tinha no estômago continuava crescendo, pois compreendeu que poderia ter adicionado: “Nem tampouco penso tirá-la de minha futura nora”.

— Venezia! Exclamou Brockhard.

Helena se voltou até a porta do estábulo por onde o rapaz saía de entre as sombras guiando um cavalo de uma intensa cor branca. Ainda que por sua cabeça passasse um turbilhão de ideias, aquela visão a fez se esquecer de tudo por um instante. Era o cavalo mais bonito que vira em sua vida, como se tivesse ante si uma criação sobrenatural.

— Um Lippizzaner, explicou Brockhard. — A raça melhor adestrada do mundo. Importada da Espanha em 1562 por Maximiliano II. Naturalmente, você e sua mãe já viram as suas exibições na Escola Espanhola de Equitação de Viena.

— Naturalmente.

— É como um espetáculo de balé, não é? Helena concordou, sem poder afastar o olhar do animal.

— Tira férias de verão até o final de agosto aqui no parque. Por desgraça, ninguém salvo os ginetes da Escola Espanhola podem montá-los. Um ginete inexperiente poderia fazê-los adquirir maus costumes e jogar por terra anos de treinamento.

O cavalo estava encilhado. Brockhard apanhou as rédeas e o rapaz ficou de lado. O animal estava totalmente imóvel.

— Existe quem diz que é uma crueldade ensinar os cavalos a dançar, que o animal sofre ao ter que fazer coisas que vão contra a sua natureza. Mas quem assim pensa, não viu o treinamento desses cavalos. Eu já vi. E, me acredite, são encantadores. Sabe por quê?

Calou-se um instante durante o qual acariciou o focinho do animal.

— Porque obedece a ordem da natureza. Deus, em sua sabedoria, organizou o mundo de modo que as criaturas inferiores sejam mais felizes quando podem servir e obedecer às superiores. É só observar a relação entre garotos e adultos. Ou entre homem e mulher. Inclusive nos chamados países democráticos, os fracos cedem voluntariamente o poder à elite, mais forte e inteligente que eles mesmos. Assim são as coisas. E, já que todos nós somos criaturas de Deus, é responsabilidade de todo ser superior procurar que os inferiores se submetam.

— Para que possam ser felizes?

— Exato, Helena. É muito inteligente, para ser uma... Mulher tão jovem.

Helena não saberia dizer em qual das duas últimas palavras colocara mais ênfase.

— É importante saber qual é nosso lugar, tanto para uns como para outros. Se resistirmos, nunca seremos felizes. Acariciou o pescoço de Venezia enquanto olhava os grandes olhos castanhos do animal. — Você não é dos que opõem resistência, não é?

Helena sabia que era a ela a quem dirigia a pergunta, e fechou os olhos ao mesmo tempo em que tentava respirar fundo, com ritmo pausado. Compreendia que o que dissesse naquele momento poderia ser decisivo para o resto de sua vida, que não poderia se permitir ceder à ira do momento.

— Verdade?

De repente, Venezia relinchou e cabeceou para um lado, de modo que Brockhard escorregou sobre a grama, perdeu o equilíbrio e ficou suspenso pelas rédeas, debaixo do pescoço do cavalo. O rapaz veio correndo, mas, antes que chegasse, Brockhard já havia conseguido se colocar de pé, com o rosto avermelhado e suado pelo esforço, e despachou irado ao rapaz. Helena não pode conter um sorriso que, provavelmente, não passou despercebido a Brockhard. O homem levantou o chicote contra o cavalo, mas se conteve e o desceu de novo. Pronunciou em silêncio, com seus lábios em forma de coração, um par de palavras que divertiram ainda mais a Helena. E então se aproximou dela, com a mão solícita de novo em suas costas:

— Bem, já vimos bastante e tem trabalho a fazer, Helena. Permita-me que a acompanhe até o carro.

Param junto à escada enquanto o motorista se sentava ao volante para levar o automóvel até onde eles estavam.

— Espero e conto que nos veremos por aqui muito rapidamente, Helena, falou ao mesmo tempo em que lhe apertava a mão. — Por certo que minha esposa me pediu que mandasse cumprimentos para a sua mãe. Creio inclusive que falou que queria convidá-los para jantar uma noite destas. Não lembro quando será, mas ela avisará. Helena aguardou a que o motorista lhe tivesse aberto a porta, antes de perguntar:

— Você sabe por que o cavalo amestrado esteve a ponto de derrubá-lo, Her Brockhard? A jovem viu como seus olhos voltavam a endurecer. — Porque olhou diretamente em seus olhos, Her Brockhard. Os cavalos interpretam o olhar direto como um desafio, como um indício de que não o respeita, nem respeita o seu posto na manada. Já que não suporta o olhar direto, pode reagir se rebelando, por exemplo. E sem respeito, tampouco se deixam amestrar, com independência de quanto superior seja a sua espécie,

Her Brockhard. Qualquer domador de animais pode lhe dizer isto, senhor. Existem espécies para as quais é intolerável que não as respeite. No altiplano da Argentina existe uma espécie de cavalo selvagem que se joga no precipício mais próximo antes de consentir que um ser humano o monte. Adeus, Her Brockhard.

Helena voltou a se sentar no banco traseiro do Mercedes e respirou trêmula quando a porta do carro se fechou suavemente. Enquanto percorriam o caminho do parque Lainzer, fechou os olhos e recriou a figura petrificada de André Brockhard se perdendo às suas costas, na poeira.

* * *

Trinta e Quatro

VIENA
28 de Junho de 1944

— Boa noite, meine Herrschaften.

O pequeno e esquelético maitre fez uma profunda reverência enquanto Helena beliscava o braço de Urias, que não pode evitar de sorrir. Não haviam parado de rir em todo o caminho do hospital, por causa do caos que haviam originado. De fato, ao verificar que Urias era um péssimo motorista, Helena exigiu que parasse o carro cada vez que se encontrassem com outro veículo na estreita estrada até Hauptstrasse. Mas, em lugar de seguir a sugestão, Urias começou a tocar a buzina, e os carros com que iam cruzando se afastavam para um lado da estrada, quando não paravam totalmente. Por sorte, não eram muitos os veículos que ainda circulavam por Viena, assim conseguiram chegar sãos e salvos a Weihburggasse, no centro, antes das sete e meia.

O garçom olhou fugazmente o uniforme de Urias antes de verificar o livro de reservas, com o cenho franzido. Helena lia por cima de seu ombro. A música da orquestra se superpunha ao bulício da conversa e das risadas que se levantavam sob as aranhas de vidro suspensas das arcadas dos tetos dourados sustentadas por brancas colunas coríntias. “Então este é o restaurante Drei Husaren”, se falou satisfeita. Era como se os três degraus da entrada os tivessem trasladado como por encanto de uma cidade em guerra para um mundo em que as bombas e demais contratempos carecessem de importância. Dizia-se que Richard Straus e Arnold Schönberg haviam sido clientes habituais daquele estabelecimento, já que aquele era o lugar onde se reuniam os vienenses endinheirados, cultos e tolerantes. Tão tolerantes que o seu pai nunca levava a família ali.

O encarregado tossiu. Helena notou que os galões de cabo de Urias não o haviam impressionado ou, embora pudesse ser que talvez fosse o estranho nome estrangeiro que tinha anotado no livro de reservas.

— Sua mesa está pronta. Por aqui, disse o homem ao mesmo tempo em que apanhava duas cartas, abria um sorriso e adentrava pelo local, que estava totalmente cheio.
— Por favor, disse o encarregado lhes indicando o lugar.

Urias olhou para Helena com um sorriso resignado. Havia dado uma mesa ainda

por preparar, situada junto à porta giratória da cozinha.

— O garçom virá em seguida, disse o maitre antes de desaparecer. Helena olhou ao seu redor e começou a rir:

— Olhe! Exclamou. — Aquela era a nossa mesa.

Urias voltou a olhar. E, de fato: ante a orquestra, um garçom se afanava em apanhar uma mesa para dois que já tinham preparado.

— Sinto muito, lamentou Urias. — Escapou-me colocar o grau de “major” diante do meu nome quando fiz a reserva. Suponho que confiei que sua beleza compensaria a minha falta de galões de oficial. Ela lhe segurou a mão e, nesse preciso momento, a orquestra começou a tocar uma música.

— Tocam para nós, disse Urias.

— É possível, disse ela descendo a vista.

— E se não, não importa. A música que está escutando é música cigana. É bonita quando os ciganos a interpretam. Mas você vê algum por aqui?

Ele moveu a cabeça, mas não tirou o olhar dela, estudando o seu rosto como se fosse importante gravar em sua retina cada traço, cada ruga de sua pele, cada cabelo.

— Desapareceram todos. E os judeus também. Você acha que são corretos os rumores?

— Que rumores?

— Sobre os campos de concentração. Ele encolheu os ombros.

— Em tempos de guerra, circulam todo o tipo de rumores. Eu, de minha parte, me sentiria bastante seguro como prisioneiro de Hitler.

A orquestra continuou a tocar a peça à três vozes em uma língua estrangeira, e alguns dos hóspedes acompanharam a canção.

— O que é isso? Perguntou Urias.

— Um Verbunkos, esclareceu Helena. — Uma espécie de canção militar, como a canção norueguesa que me cantou no trem. Foi composta para recrutar jovens húngaros para as guerras. Por que está rindo?

— De todas as coisas estranhas que sabe. Entende o que cantam?

— Um pouco. Pare de rir! Ela recriminou com um sorriso. — Beatrice é húngara e ela cantava isso, de modo que aprendi alguma que outra palavra em húngaro. Trata de heróis esquecidos, de ideais e coisas assim.

— Esquecidos, ele repetiu segurando a sua mão.

— Como acontecerá um dia nesta guerra.

O garçom havia se aproximado da mesa sem que eles vissem, e tossiu discretamente para que notassem a sua presença.

— Já querem pedir, meine Herrschaften?

— Sim, disse Urias. — O que nos recomenda hoje?

— Hähnchen.

— Frango? Soa bem. Quem sabe você possa escolher um bom vinho, não é Helena?
Os olhos de Helena percorriam a carta.

— Por que não aparecem os preços?

— A guerra, Fräulein. Mudam de um dia para outro.

— E quanto custa o frango?

— Cinquenta xelins. Helena viu Urias empalidecer pelo rabo do olho.

— Sopa gulasch, declarou a jovem. — Não há muito que comemos e entendi que aqui são especialistas em pratos húngaros. Não quer provar, Urias? Jantar duas vezes no mesmo dia não é nada saudável.

— Eu... Começou Urias.

— E um vinho ligeiro, interrompeu Helena.

— Duas sopas gulasch e um vinho ligeiro? Perguntou o garçom levantando uma sobancelha.

— Creio que entendeu perfeitamente, garçom, disse Helena com um sorriso esplendoroso.

Os dos jovens não pararam de se olhar até que o garçom desapareceu pela porta da cozinha, e começaram a rir.

— Você é maluca! Acusou ele entre risadas.

— Eu? Não fui eu quem convidou para o Drei Elusarem com menos de cinquenta xelins no bolso! Urias apanhou um lenço do bolso e se inclinou para ela.

— Você sabe de uma coisa, Fräulein Lang? Disse enquanto secava as lágrimas que tantas risadas haviam provocado. — Amo-a. Amo-a sinceramente. Nesse preciso instante, soou o alarme.

* * *

Quando Helena se lembrava daquela noite, era sempre obrigada a se perguntar até que ponto recordava como tudo acontecera, se as bombas caíram tão seguidas como ela

lembrava, e, se depois, quando entraram na nave central da catedral de Sam Estevam, todos ficaram olhando de verdade... Mas embora a última noite que passaram juntos em Viena ficasse envolta em um velo de irrealidade, seu coração se sentia reconfortado com esta recordação, nos frios dias de inverno. E quando pensava naquela noite de verão, havia dias que ria e dias que chorava, sem saber bem por quê.

* * *

Quando soou a alarma, o ruído cessou de imediato. Por um segundo, todo o restaurante ficou como em uma foto fixa, todos quietos e em silêncio, até que se ouviram as primeiras maldições debaixo dos dourados tetos do estabelecimento.

— Hunde!

— Schesse! Não são mais que as oito! Urias meneou a cabeça.

— Os ingleses deem de estar malucos, comentou. — Nem sequer anoiteceu ainda. De repente, todos os garçons corriam de uma mesa a outra enquanto o maitre gritava instruções.

— Olhe! Observou Helena. — É possível que o restaurante fique em ruínas dentro de uns minutos, e a única coisa em que pensam é cobrar as notas de todos os comensais antes que saiam.

Um homem com um traje escuro saltou ao palco, onde os membros da orquestra já recolhiam os instrumentos.

— Escutem! Disse a voz aos gritos. — Rogamos a todos aqueles que já pagaram, que se dirijam ao refúgio mais próximo, que se encontra no subterrâneo da Weihburggasse número 20. Por favor, saiam em silêncio e prestem atenção. Quando saírem, virem à direita e caminhem uns duzentos metros rua abaixo. Procurem os homens que usam bracelete vermelho, e eles indicarão aonde deem se dirigir. E tenham muita calma, ainda há tempo até que cheguem os aviões.

Nesse mesmo instante se ouviu o estrondo do primeiro bombardeio. O homem que falava do palco tentou dizer algo mais, mas as vozes e os gritos do restaurante se sobreporam às suas palavras e ao final desistiu, se persignou, desceu do palco e desapareceu. As pessoas se apressavam para a saída, onde já se aglomerara um monte de pessoas aterrorizadas. Uma mulher gritava no roupeiro: “Meim regenschirm!”, meu guarda-chuva! Mas não havia mais ninguém no serviço de roupeiro. Um novo estrondo, mais próximo agora. Helena olhou para a mesa vizinha abandonada, onde duas taças

meio vazias tilintavam uma contra outra devido às vibrações da sala, emitindo um som como um canto a duas vozes. Duas mulheres jovens carregavam um homem completamente bêbado, grande como uma morsa, até a porta de saída. Tinha a camisa para fora das calças e um sorriso brincalhão.

Em não mais de dois minutos, o local ficou totalmente vazio e uma estranha calma se apossou do lugar. A única coisa que se ouvia era um leve soluço vinda do roupeiro, onde a mulher deixara de gritar pelo seu guarda-chuva e, rendida, apoiava a testa sobre o mostrador. Os pratos estavam meio vazios sobre as toalhas imaculadamente brancas, igualmente as garrafas abertas. Urias segurava a mão de Helena. Um novo estrondo fez vibrar as aranhas de vidro despertando de sua letargia à mulher do roupeiro, que começou a correr entre gritos.

— Enfim sós, disse Urias.

A terra estremeceu debaixo de seus pés e um monte de partículas douradas choveram do teto cintilando no ar. Urias se levantou e lhe estendeu o braço.

— Nossa melhor mesa acaba de ficar livre, Fräulein. Se me permite...

Ela apanhou o seu braço, se levantou e avançou até o palco. Apenas se percebia o penetrante assovio. O fragor da explosão foi ensurdecador e fez que o pó ficasse suspenso no ar, como uma tormenta de areia vinda das paredes, abrindo inclusive as janelas que davam à rua Weihburggasse. Ocorreu um apagão. Urias acendeu as velas do candelabro que havia na mesa, aproximou uma cadeira, apanhou um guardanapo entre o polegar e o indicador, sacudiu-o no ar para depois deixá-lo aterrissar no colo de Helena.

— Hähnchem und Prädikatswein? Perguntou enquanto retirava discretamente os restos de vidro que estavam espalhados sobre a mesa, dos pratos e do cabelo de Helena.

Talvez fossem as velas e o pó dourado que brilhava no ar enquanto lá fora caía a noite, ou talvez o ar refrescante que entrava pelas janelas abertas oferecendo um respiro no quente aposento. Ou talvez fosse tão somente o seu próprio coração, o sangue que parecia se precipitar por suas veias para viver aquele instante com mais intensidade. Porque ela o lembrava com música, mas não era possível, pois a orquestra já havia saído. Teria sido a música somente um sonho?

Muitos anos depois, quando estava a ponto de ter o seu filho, se deu conta, casualmente, de que foi o que a fez pensar naquela música impossível. Sobre o berço recém-comprado, o pai de sua filha havia pendurado um brinquedo com bolas de vidro de distintas cores, e uma noite em que o viu agitá-lo, ela reconheceu em seguida a música. E compreendeu. Haviam sido as grandes aranhas de vidro do restaurante que haviam tocado para eles. Um belo som como de campanas enquanto se mexiam ao ritmo das sacudidelas da terra e Urias entrava na cozinha e saía com três garrafas de Heuriger. Lá encontrara um dos garçons sentado num canto com uma garrafa na mão. O homem não fez nada para deter Urias, mas, ao contrário, concordou animando-o, quando ele lhe mostrou as garrafas que escolhera. Depois, deixou os seus quarenta xelins sob o candelabro e ambos saíram para a quente noite de junho.

* * *

Na Weihburgasse reinava o mais completo silêncio, mas o ar estava carregado do cheiro de fumaça, pó e terra.

— Vamos dar um passeio, propôs Urias.

Sem que algum dos dois fizesse o menor comentário sobre até onde iriam, viraram à direita pela Rua Kärntner e, de repente, se viram na Praça de Sam Estevam totalmente vazia.

— Deus santo! Exclamou Urias. A enorme catedral que tinham ante si se levantava imponente na madrugada. — É a catedral de Sam Estevam? Perguntou atônito.

— Sim.

Helena olhou para cima e acompanhou com o olhar a Südturm, a altíssima agulha que se elevava até um céu onde começavam a brilhar as primeiras estrelas. O fato seguinte que Helena lembrava era a imagem deles dois dentro da catedral, os rostos pálidos das pessoas que havia procurado refugio ali, o som do choro dos garotos e da música do órgão. Avançaram até o altar, de braços dados, ou talvez também fosse um sonho? Não havia acontecido aquilo, não a havia abraçado e não lhe dissera de repente que ela tinha que ser sua, e que ela havia lhe sussurrado que “sim, sim, sim”, enquanto a grande nave da igreja se apossava de suas palavras e as elevava até a ampla cúpula, até a imagem da pomba e do crucificado, e ali essas palavras se repetiram uma e outra vez até que parecia que tinham que ser verdade? Tivesse acontecido ou não, aquelas palavras foram mais

certas que as que estiveram meditando desde a conversa com André Brockhard:

— Não posso ir contigo.

Isso ela também falara, mas quando? Onde? Ela dissera a sua mãe naquela mesma tarde, que não iria embora; mas não chegou a explicar a razão. A mulher havia tentado consolá-la, mas Helena não suportava a sua voz, o sem tom autossuficiente, e se fechou no quarto. Então Urias chegou, bateu à porta e ela decidiu parar de pensar, se abandonar sem medo, sem imaginar nada mais que um abismo infinito. Pode ser que ele tivesse sentido isso e quando ela abriu a porta, fizeram um acordo tácito ali mesmo, no umbral, um acordo segundo o qual viveriam o resto de suas vidas nas horas que restavam até que partisse o trem.

— Não posso ir contigo.

O nome de André Brockhard lhe deixara um sabor de fel na língua. Ela o cuspiu. Também lhe contou todo o restante: o documento do aval, o risco que corria a sua mãe de ficar na rua, a impossibilidade de seu pai de voltar a uma vida decente, Beatrice, que não tinha nenhuma família à que acudir. Sim, falou tudo isso, mas quando? Falara ali, na catedral? Ou depois, quando percorreram as ruas até chegar a Filharmonikerstrasse, cujas calçadas estavam cobertas de vidros quebrados?

As chamas avermelhados que saíam pelas janelas do velho edifício da pastelaria iluminaram o caminho quando entraram correndo na suntuosa recepção do hotel, agora deserto e imerso na escuridão. Acenderam uma vela, pegaram uma chave qualquer das que pendiam na parede e subiram apressados as escadas, cujo carpete era tão grosso que amortecia o menor ruído, e avançaram como espectros pelos corredores à procura do quarto 342. Uma vez ali, foram arrancando a roupa abraçados, como se estivesse também em chamas, e em seguida, quando o alento dele lhe queimava a pele, ela o arranhou até que brotou sangue para, depois, beijar as feridas. Helena repetiu as palavras até que começaram a soar como uma oração: “Não posso ir contigo”.

Quando voltou a soar alarme, anunciando que o bombardeio havia terminado desta vez, viu que estavam abraçados sobre os lençóis ensanguentadas e que não conseguia parar de chorar. Depois, tudo se confundiu em um redemoinho de corpos e sonhos. Não sabia quando estavam fazendo amor de verdade e quando era um sonho. Foi acordada na meia-noite pelo ruído da chuva e a intuição de que ele havia ido embora; se dirigiu à janela e olhou para rua, que a chuva limpava dos restos de terra e cinza.

A água corria pelas calçadas e um guarda-chuva aberto e sem dono planava em

direção ao Danúbio. Voltou para a cama e deitou de novo. Quando despertou novamente, já era dia, as ruas estavam secas e ele estava ao seu lado contendo a respiração. Helena olhou o relógio que havia sobre a mesinha de cabeceira. Ainda faltavam duas horas para que saísse o trem.

— Por que não respira? Sussurrou.

— Acabo de despertar. Você tampouco respira. Ela se ajoelhou muito próxima de seu corpo desnudo, mas quente e suado.

— Então, estamos mortos.

— Sim, respondeu ele.

— Antes não estávamos.

— É.

E ela estremeceu.

* * *

Parte 4

O PURGATÓRIO

* * *

Trinta e Cinco

*AIS DE CONTÊINERES DE BJØRVIKA
29 de Fevereiro de 2000*

HARRY ESTACIONOU a um lado de um barracão pré-fabricado Moelven, no único lugar vazio que encontrou na área quase totalmente plana do cais de Bjørvika. Uma repentina subida da temperatura havia derretido a neve, o sol brilhava e, simplesmente, fazia um dia maravilhoso. Foi caminhando entre os contêineres colocados uns sobre outros como peças de lego gigantes que, expostas ao sol, projetavam grandes sombras recortadas sobre o asfalto. As letras e os sinais escritos sobre eles indicavam que vinham de terras remotas como Taiwan, Buenos Aires e Cidade do Cabo. Harry fechou os olhos, de pé na borda do cais, e se imaginou nesses lugares enquanto inspirava a mistura de água salada, diesel e resina esquentada pelo sol. Quando voltou a abri-los, o barco dinamarquês entrou em seu campo de visão. Parecia um grande frigorífico. Um frigorífico que transportava as mesmas pessoas de um lado a outro.

Sabia que era muito tarde para encontrar o rastro do encontro entre Hochner e Urias, nem sequer estava certo que de que acontecera naquele cais de contêineres. Podiam ter se visto em Filipstad. Contudo, ele viera ali com a esperança de que o lugar lhe mostrasse algo, de que lhe desse o empurrão que sua fantasia precisava.

Deu um chute num pneu que sobressaía da borda do cais. Talvez devesse ter comprado um barco, para poder passear no verão com seu pai e Søs. Seu pai precisava sair, aquele homem tão sociável havia se convertido em um ser solitário desde a morte de sua mãe há oito anos. E Søs não se desenvolvia bem sozinha, embora fosse fácil esquecer que tinha síndrome de Down. Um pássaro deambulou entusiasmado entre dois contêineres. O chupim era capaz de voar a uma velocidade de 2.8 quilômetros por hora. Ellen afirmara isso. O pato silvestre a 72. Não, Søs não era o problema. Seu pai, em troca, lhe preocupava mais.

Harry tentou se concentrar. Havia escrito no relatório tudo o que Hochner havia lhe dito, palavra por palavra, mas agora se esforçava por rememorar o seu rosto, para ver se detectava em sua expressão o que não havia dito. Que aspecto tinha Urias? Não fora muito o que Hochner dissera, mas quando alguém se dispõe a descrever uma pessoa, começa geralmente pelo mais chamativo da pessoa, por aquilo que é diferente. E a primeira coisa que Hochner dissera de Urias era que tinha os olhos azuis. A menos que

Hochner pensasse que ter os olhos azuis fosse algo extraordinário, aquilo poderia indicar que Urias não tinha nenhuma desvantagem evidente e que não falava nem caminhava de um modo especial. Falava tanto alemão quanto inglês e estivera em algum lugar de Alemanha chamado Sennheim. Harry seguiu com o olhar o barco dinamarquês, que deslizava pela superfície rumo a Drøbak. Era um tipo muito viajado. Urias teria sido marinheiro, talvez? Harry havia olhado um atlas, inclusive um especificamente da Alemanha, mas não havia encontrado Sennheim. Talvez Hochner o tivesse inventado. Aparentemente não tinha importância.

Hochner dissera que Urias sentia ódio. De modo que talvez fosse certo o que eles haviam suposto, que a pessoa que procuravam tinha um motivo pessoal. Mas o que era que odiava? O sol se perdeu após a ilha de Hovedøya e a brisa do fiorde de Oslo não demorou a ficar gelada. Harry se envolveu melhor no casaco e começou a caminhar em direção ao carro. E aquele meio milhão de coroas... Urias o teria recebido de quem o contratara ou se trataria de algo financiado com seu próprio dinheiro? Apanhou o celular, um Nokia diminuto que não tinha mais de duas semanas. Havia resistido durante muito tempo, mas Ellen terminou por convencê-lo de que devia comprar um novo. Harry discou o seu número.

— Alô, Ellen, Harry. Está só? Certo. Quero que se concentre. Vamos brincar um pouco. Está pronta?

Já haviam feito aquilo muitas vezes. “O jogo” consistia em que ele lhe proporcionava chaves, nenhuma informação básica, nenhuma indicação de onde ele havia retirado, tão somente breves fragmentos de informação de uma a cinco palavras em ordem aleatória. Com o tempo, haviam desenvolvido o método. A regra mais importante era que devia ter um mínimo de cinco fragmentos, mas nunca mais de dez. Harry tivera a ideia depois de ter apostado com Ellen uma ronda noturna, quando ela afirmara que era capaz de lembrar a posição das cartas de um castelo formado por um baralho, depois de observá-las durante tão somente dois minutos, quer dizer, dez segundos por carta. Perdeu três noites de ronda até que se deu por vencido. Depois, ela lhe revelara qual era o método que utilizava para lembrar. Não pensava nas cartas como tais, mas que, de antemão, as havia associado a distintas pessoas ou acontecimentos e, à medida que iam aparecendo as cartas, ia montando uma história com as associações. Ele havia tentado utilizar no trabalho esta capacidade combinatória. E, em algumas ocasiões, o resultado fora espetacular.

— Homem, setenta anos, disse Harry lentamente. — Norueguês. Meio milhão de coroas. Amargurado. Olhos azuis. Rifle Märklin. Fala alemão. Sem defeitos físicos. Contrabando de armas em cais de carga. Práticas de tiro em Skien. Isso é tudo. Sentou-se

no carro. — Nada? Imaginava isso. Enfim. Pensei que valia a pena tentar. Obrigado de qualquer maneira. Até logo.

Harry chegara ao cruzamento que havia antes do edifício dos Correios quando, de repente, lembrou algo mais e voltou a ligar.

— Ellen? Sou eu outra vez. Esqueci uma coisa. Está há cinquenta anos sem tocar numa arma. Repito. Está há cinquenta anos sem... Sim, já sei, são mais de quatro palavras. Nada? Merda! Passei a saída que tinha de entrar. Bem, falaremos em seguida, Ellen.

Deixou o celular no assento do acompanhante e se concentrou na direção. Acabara de sair da rotunda quando soou o celular.

— Harry. Como? Como pôde acontecer uma coisa assim? Não se irrite Ellen, de vez em quando se esquece de que não sabe o que acontece em sua própria bola. Em sua cabeça. Seu brilhante, maravilhoso e grande cérebro, Ellen. E, sim, agora que disse, é obvio. Obrigado.

Desligou o celular e lembrou que ainda lhe devia aquelas três noites de ronda que perdera na aposta. Agora que já não estava mais no grupo de delitos violentos, precisava encontrar outro modo de compensá-la. E durante uns três segundos, esteve tentando achar esse outro modo.

* * *

Trinta e Seis

*RUA IRISVEIEN
1 de Março de 2000*

ARIU-SE a porta e Harry se viu olhando um par de olhos azuis em um rosto enrugado.

— Harry Hole, policial, se apresentou. — Fui eu quem ligou nesta manhã.
— Muito bem.

O velho usava o cabelo cinza prateado penteado para atrás, tinha a testa ampla e limpa e uma gravata debaixo do avental. Even e Signe Juul, se lia na caixa de correio que havia à porta da casa de tijolos vermelhos, situada em uma tranquila área residencial ao norte da cidade.

— Entre, senhor Hole.

Tinha a voz firme e havia algo em seu porte que fazia com que o professor Even Juul parecesse mais jovem do que era na realidade. Harry havia feito umas investigações e, entre outras informações, descobrira que o catedrático de história participara da Resistência. E, embora Even Juul já estivesse aposentado, era considerado o maior perito da Noruega em história da Ocupação e do partido União Nacional.

Harry se agachou para retirar os sapatos. Na parede que tinha ante si se viam velhas fotografias em preto e branco que pendiam de pequenos marcos. Uma delas mostrava uma jovem vestida de enfermeira e outra um homem também jovem com uma bata branca. Entraram na casa, onde um velho terrier parou de latir e, atento, começou a cheirar a entreperna de Harry, antes de ir se deitar de novo junto à cadeira de Juul.

— Li algum de seus artigos sobre o fascismo e o nacional-socialismo no diário Dagsavisen.

— Deus santo! De modo que os publicaram? Perguntou Juul sorrindo.

— Parece empenhado em nos colocar de sobreaviso sobre o neonazismo de hoje.

— Não pretendo colocar ninguém de sobreaviso, simplesmente, tento apontar alguns paralelismos históricos. O historiador tem responsabilidades de revelar, não de julgar. Juul acendeu o seu cachimbo. — Muitos acreditam que o correto e o incorreto são

absolutos. Mas isso não é certo, pois vão mudando com o tempo. A obrigação de um historiador consiste, em primeiro lugar, em encontrar a verdade histórica, o que dizem as fontes, e expô-la de forma objetiva e sem paixão. Se os historiadores se aplicassem em ignorar a loucura humana, nosso trabalho terminaria sendo como encontrar fósseis: somente investigaríamos a impressão dos pensadores dito coerentes de cada época. Uma nuvem de fumaça azulada subiu até o teto. — Mas acredito que não veio até aqui para me perguntar sobre estas coisas, não é?

— Gostaríamos de saber se poderia nos ajudar a encontrar um homem.

— Sim, você me disse por telefone. Quem é esse homem?

— Não sabemos. Mas imaginamos que tem os olhos azuis, é norueguês e tem mais de setenta anos. E fala alemão.

— E?

— Isso é tudo. Juul começou a rir.

— Imagino que existem muitos onde procurar.

— Sim. Temos cento e cinquenta e oito mil homens de mais de setenta anos no país e calculo que uns cem mil tenham olhos azuis e falem alemão. Juul levantou uma sobrancelha. Harry respondeu com um sorriso brincalhão: — Anuário de estatística. Fico lendo-o, só por diversão.

— Mas por que acha que eu posso ajudá-lo?

— Parece que disse a outra pessoa que está há mais de cinquenta anos sem tocar numa arma. E eu pensei, quer dizer, a minha colega pensou, que mais de cinquenta é mais de cinquenta, mas menos de sessenta.

— Lógico.

— Sim, é muito... Muito lógico. Assim imaginamos que foi há cinquenta e cinco anos. Então retroagimos à Segunda Guerra Mundial. Nosso homem tem vinte anos e usa uma arma. Todos os noruegueses que tinham licença particular de armas tiveram que entregá-las aos alemães, de modo que onde ele estava então? Harry mostrou três dedos: — Ou estava na Resistência, ou fugira para a Inglaterra ou se encontrava na frente lutando pelos alemães. E fala alemão melhor do que inglês, de modo que...

— Que essa sua colega chegou à conclusão de que estava na frente, arrematou Juul.

— Exato. Juul chupou o cachimbo.

— Muitos dos membros da Resistência se viram obrigados a aprender alemão, observou. — Para poder se infiltrar, para as escutas e demais. E não esqueça que os noruegueses se incorporaram às forças policiais suecas.

— De modo que as conclusões não se sustentam?

— Permita-me que pense um pouco em voz alta, propôs Juul. — Em torno de uns quinze mil noruegueses se apresentaram como voluntários para servir na frente, mas somente uns sete mil foram admitidos e puderam, então, usar armas. São muitos mais do que os que conseguiram chegar à Inglaterra e oferecer os seus serviços ali. E, embora existissem muitos noruegueses na Resistência até o final da guerra, tão somente uns

poucos tiveram oportunidade de empunhar uma arma. Juul sorriu. — Suponhamos de forma provisória que vocês têm razão. Mas, como é natural, esses voluntários não aparecem na lista telefônica como antigos soldados das Waffen-SS. Contudo, suspeito que vocês já tem uma ideia de onde procurar, certo? Harry concordou.

— O arquivo de traidores da pátria. Arquivados por nome com a informação dos processos judiciais. Estive revisando-os ontem; tinha a esperança de que muitos deles já tivessem morrido, de modo que pudéssemos trabalhar com uma quantidade mais ou menos manejável. Mas me enganei.

— Sim, esses bastardos são bastante duros, riu Juul.

— E por isso vim até aqui. Você conhece o passado dos soldados da frente alemã melhor do que ninguém. Quero que me ajude a investigar como pensam esses homens, e o que é que os move.

— Obrigado por confiar tanto em mim, Hole, mas eu sou historiador e não sei sobre o que move os indivíduos. Como imagina, estive na organização militar Milorg, o que não me capacita precisamente para me por no lugar de um voluntário da frente alemã.

— Pois eu creio que você sabe bastante de qualquer maneira, Juul.

— Sim?

— E creio que sabe ao que me refiro. Realizei uma meticulosa expedição arqueológica antes de vir aqui.

Juul voltou a chupar o cachimbo sem parar de observar Harry. No silêncio que se seguiu, Harry notou que havia alguém na porta da sala de estar. Voltou-se e viu uma mulher idosa. Observava Harry com olhar afável e sereno.

— Estamos conversando, Signe, disse Even Juul.

Ela concordou risonha, sem parar de olhar para Harry, abriu a boca como para dizer algo, mas parou quando cruzou com o olhar de Juul. Voltou a concordar, fechou a porta sem fazer ruído e saiu.

— O que descobriu? Perguntou Juul.

— Ela era enfermeira na frente oriental, não é?

— Em Leningrado. Desde 1942 até a retirada das tropas em 1943, confirmou deixando para um lado o cachimbo. — Por que perseguem esse homem?

— Para sermos sinceros, tampouco nós sabemos. Mas pode se tratar de um atentado.

— Ah!

— Mas, a quem devemos procurar? Um homem solitário? Um homem que continua sendo um nazista convicto? Um delinquente? Juul negou com um gesto:

— A maioria dos soldados que lutaram com os alemães cumpriram as suas sentenças e se reinseriram de novo na sociedade. Muitos deles conseguiram isso surpreendentemente bem, em que pese à alcunha de traidores da pátria. O que talvez não seja tão estranho; geralmente são as pessoas com bons recursos que se posicionam em situações críticas, como a guerra.

— Quer dizer, que o homem que procuramos pode ser uma dessas pessoas que triunfou na vida.

— Claro.

— Um membro destacado da sociedade.

— Bom, creio que para eles a porta dos postos importantes da economia e da política foi fechada.

— Mas pode ser um empresário independente, fundador de sua própria empresa. Em qualquer caso, alguém que tenha ganhado suficiente dinheiro para comprar uma arma por meio milhão de coroas. Qual poderia ser o seu objetivo?

— Precisa estar necessariamente relacionado com o seu passado como soldado na frente alemã?

— Algo me diz que é assim.

— Uma vingança?

— Parece tão descabelado assim?

— Não, é claro que não. Muitos desses soldados se veem a si mesmos como autênticos patriotas nos tempos da guerra e consideram que eles, vendo o mundo de 1940, atuaram movidos pelo bem da nação. O fato de que os sentenciássemos como traidores foi, segundo eles, um erro judicial.

— Ah, sim? Juul coçou trás da orelha.

— Nesta altura, os juízes daqueles processos estão mortos em sua maioria. E outro tanto pode se dizer dos políticos que possibilitaram os processos. De modo que as hipóteses de vingança não se sustêm. Harry deu um suspiro.

— Tem razão. Enfim, a única coisa que quero é ter uma ideia a partir das poucas peças que tenho do quebra-cabeça. Juul deu uma rápida olhada ao relógio.

— Prometo que pensarei sobre o assunto, mas, sinceramente, não estou certo de poder ajudá-los.

— Obrigado de qualquer maneira, disse Harry se levantando. Mas então lembrou um detalhe e apanhou um monte de folhas que trazia dobradas no bolso. — Trouxe uma cópia do relatório do interrogatório que fiz em Johannesburg. Poderia dar uma olhada, ver se existe algo que pareça importante?

Juul falou que sim, mas negou com a cabeça, como se quisesse dizer que não. Quando Harry, já na entrada, fez gesto de colocar os sapatos, apontou para a fotografia do jovem da bata branca:

— É você?

— Em meados do século passado, sim, respondeu Juul com um sorriso. — Foi tirada na Alemanha, antes da guerra. Eu ia seguir os passos de meu pai e de meu avô e comecei a estudar medicina ali. Quando estourou a guerra, voltei para a Noruega e, quando me escondia dos alemães no bosque, chegaram às minhas mãos os primeiros livros de história. Depois, já era demasiado tarde: havia me apaixonado.

— Então abandonou a medicina?

— Depende de como se olhe. Eu queria achar a explicação de como um ser humano, uma ideologia, era capaz de seduzir a tanta gente. E talvez, por que não, encontrar o remédio. Com um sorriso, adicionou: — Eu era jovem, muito, muito jovem.

* * *

Trinta e Sete

RESTAURANTE ANNEN ETAGE, HOTEL CONTINENTAL

1 de Março de 2000

— É formidável que pudéssemos nos encontrar, disse Bernt Brandhaug levantando a sua taça. Os dois brindaram e Aud Hilde sorriu olhando para o conselheiro de Assuntos Exteriores. — E não somente à trabalho, adicionou sustentando o olhar até que ela desceu a vista. Não era exatamente bonita, tinha as feições demasiado grandes e era um tanto gordinha. Mas tinha um modo de ser atraente e coquete e estava feliz como uma jovem.

A mulher havia ligado naquela manhã do escritório de pessoal com um assunto que, dizia, não sabiam bem como tratar, mas antes que tivesse tido tempo de explicar algo mais, ele a havia convidado para subir à sua sala. E e quando ela se apresentou, ele decidiu que não tinha tempo e que melhor seria que se falassem durante um jantar depois do trabalho.

— Algum tipo de beneficio complementar deveriam ter os funcionários, não? Falou Brandhaug. Ela pensou que provavelmente se referia ao jantar.

Até aí, tudo havia corrido bem. O maitre lhe conseguira a mesa de sempre e, pelo que pode ver, não havia ninguém conhecido no local.

— Então vamos tratar desse assunto tão estranho que se nos apresentou ontem, disse a jovem, deixando que o maitre lhe colocasse o guardanapo no colo. — Recebemos a visita de um homem de idade avançada que afirma que lhe devemos dinheiro. Bom, que quem deve é o Ministério de Assuntos Exteriores. Quase dois milhões de coroas, falou, mencionando uma carta que havia enviado em 1970. A jovem levantou o olhar e Brandhaug pensou que deveria usar menos maquiagem.

— E não falou por que lhe devíamos esse dinheiro?

— Disse que durante a guerra fora marinheiro. Tinha algo a ver com a Nortraship, a marinha mercante norueguesa, que havia lhe retido o soldo.

— Ah, sim! Creio que já sei de que se trata. Disse algo mais?

— Que já não poderia continuar esperando. Que havíamos traído a ele e a todos os que foram marinheiros durante a guerra. E que Deus nos julgaria por nossos pecados. Não sei se é porque havia bebido ou se estava doente, mas, de qualquer maneira, tinha

mau aspecto. Trazia uma carta assinada pelo cônsul geral norueguês em Bombaim, datada de 1944, e onde, em nome do Estado norueguês, lhe garantia o pagamento retroativo de uma compensação por risco de guerra durante os quatro anos que trabalhou na marinha mercante norueguesa. Se não fosse por essa carta, teríamos colocado-o na rua e não lhe incomodaríamos com semelhante bobagem.

— Pode vir a mim quando quiser, Aud Hilde, disse ao mesmo tempo em que, um tanto horrorizado, se perguntava se seria esse o nome da jovem. — Pobre homem, disse Brandhaug enquanto indicava ao garçom que servisse mais vinho. — O triste deste assunto é que, naturalmente, ele tem razão. Nortraship foi fundada para administrar a seção da marinha mercante norueguesa que não fora requisitada pelos alemães. Foi uma organização com interesses tanto políticos como comerciais. Os britânicos, por exemplo, pagaram a Nortraship grandes somas como compensação por risco de guerra ao utilizar navios noruegueses. Mas, em lugar de pagar à tripulação, o dinheiro foi parar diretamente nos cofres do Estado. Estamos falando de várias centenas de milhões de coroas. Os marinheiros de guerra tentaram levar isso a julgamento para recuperar o seu dinheiro, mas perderam no Supremo em 1954. Até 1972, o Parlamento não reconhecera o direito deles a essa compensação.

— Pois este homem não recebeu nada. Porque, segundo falou, estava no mar de China quando foi torpedeado pelos japoneses, e não pelos alemães.

— Ele disse o seu nome?

— Konrad Asnes. Espere, eu trouxe a carta. Ele montou um quadro com os juros e os juros dos juros...

A jovem se inclinou para procurar na bolsa. A carne dos braços lhe tremeu um pouco. “Esta jovem deveria fazer mais exercício, pensou Brandhaug. Quatro quilos à menos e Aud Hilde seria exuberante em lugar de... gorda.”.

— Não precisa, disse Brandhaug. — Não quero vê-la. Nortraship depende do Ministério de Comércio. Ela lhe dirigiu um olhar inquisitivo.

— O homem insistiu em que nós lhe devemos esse dinheiro. Deu-nos um prazo de catorze dias. Brandhaug riu abertamente.

— E por que tem agora tanta pressa, depois de sessenta anos de espera?

— Isso ele não falou. Só que, se não pagássemos, aguentaríamos as consequências.

— Por Deus bendito! Brandhaug esperou até que o garçom os tivesse servido, antes de se inclinar até ela. — Detesto consequências, você não? Ela riu algo insegura. Brandhaug levantou a sua taça.

— Bem, mas eu me pergunto que vamos fazer com este assunto, disse a jovem.

— Esqueça-o, ele aconselhou. — Mas eu também tenho uma dúvida, Aud Hilde.

— Qual?

— Me pergunto se já viu o quarto que temos a nossa disposição neste hotel.

Aud Hilde voltou a rir e disse que não, que nunca estivera ali.

* * *

Trinta e Oito

GINÁSIO SATS, ILA
2 de Março de 2000

HARRY PEDALAVA e não parava de suar. O local dispunha de dezoito bicicletas ergonômicas hipermodernas, todas elas ocupadas por mulheres, no geral bonitas, com o olhar nos aparelhos de televisão que, com o volume ao mínimo, pendiam do teto. Harry olhou para Elisa, do programa **SOBREVIVENTES**, que, fazendo mímica, falava que não suportava Poppe, outro dos participantes. Harry sabia. Era uma repetição do programa.

“That don't impres me muck!”, se ouvia a gritos pelos alto-falantes. “Não, é claro”, pensou Harry, que não gostava da música aos berros nem do som afogado que surgia de algum lugar de seus pulmões. Podia treinar gratuitamente na academia da Delegacia Geral, mas Ellen o convenceu de que começasse a ir na academia SATS. Ele se deixara convencer, embora quando ela tentou que comparecesse num programa de aeróbica, se negou. Mover-se ao ritmo do chinchinpum junto com um rebanho de pessoas que adoravam o chinchinpum, enquanto um monitor de sorriso fingido os animava a se esforçar com slogans espirituais do tipo “no pam, tzo gavn”, constituía para ele uma forma incompreensível de humilhação voluntária. A maior vantagem de treinar no SATS, segundo ele entendia, consistia em que ali poderia fazer ginastica e ver o programa **SOBREVIVENTES** ao mesmo tempo, sem ter que ver além disso Tom Waaler, que passava a maior parte do seu tempo livre na academia da Delegacia. Harry deu uma rápida olhada ao seu redor para constatar que, também naquela tarde, ele era o usuário de mais idade. A maioria dos clientes da academia eram juvenzinhas com fones nos ouvidos que, de vez em quando, olhavam para onde ele se encontrava. Não para vê-lo, mas porque o comico mais famoso da Noruega ocupava a bicicleta contigua, vestindo uma camiseta cinza com capuz e sem uma só gota de suor debaixo da franja juvenil. Uma mensagem iluminou a tela de controle de velocidade de Harry: “You are training well”.

“Mas me visto mal”, sentenciou Harry para si ao pensar nas desgastadas calças de moletom que tinha que subir constantemente porque o peso do celular as descia. E seus tênis Adidas não eram muito novos para ser modernos nem muito velhos para ser fashion. Sua camiseta do grupo de rock Joy-Division, que em sua época poderia lhe dar certa credibilidade, era hoje claro indício de que não tinha ideia do que acontecia na frente musical há anos. Mas Harry não se sentiu totalmente fora de lugar até que seu

celular começou a soar e dezessete olhares displicentes, incluída a do cômico, se cravaram nele. Apanhou a pequena máquina diabólica da cintura da calça e atendeu:

— Hole. “Okay, so you're a rocket scientist, that don't impress...”

— Alô, é Juul. Ligo em um momento ruim?

— Não, não. É só uma música...

— Pois parece que respira como uma foca. Ligue-me quando achar melhor.

— Pode falar. É que estou na academia .

— Ah, bom. Tenho boas notícias. Li o relatório de Johannesburg. Por que você não me disse que o indivíduo estivera em Sennheim?

— Urias? Ah! Isso é importante? Nem sequer estava certo de ter anotado bem o nome. Além disso, olhei em um atlas de Alemanha e não encontrei Sennheim em nenhuma parte.

— Minha resposta é sim, é importante. Se duvidava de que o homem que está procurando foi ou não soldado na frente alemã, já pode parar de duvidar. É cem por cento certo. Sennheim é um povoado e os únicos noruegueses, que eu saiba, que estiveram ali são os que se encontravam na Alemanha durante a guerra. Em um acampamento de instrução antes de partir para a frente oriental. A razão para que não encontrasse Sennheim no atlas alemão é que não fica na Alemanha, mas na Alsácia, França.

— Mas...

— Ao longo da história, a Alsácia tanto pertenceu à França quanto à Alemanha, por isso ali falam alemão. Que nosso homem estivesse em Sennheim reduz drasticamente o número de possibilidades, pois somente foram instruídos ali soldados da divisão Nordland e da divisão Norge. E, o que é melhor ainda, posso lhe dar o nome de uma pessoa que esteve em Sennheim e que não terá inconveniente em colaborar.

— Ótimo!

— Um soldado da divisão Nordland. Se apresentou voluntário no movimento da Resistência em 1944.

— Incrível!

— Cresceu em uma fazenda bastante isolada, com seus pais e irmãos mais velhos, todos eles membros fanáticos da União Nacional, e o pressionaram para que se apresentasse voluntário para servir na frente. Nunca foi um nazista convicto e, em 1943, desertou em Leningrado. Foi prisioneiro dos russos um tempo e também lutou por eles, antes de conseguir fugir e voltar para a Noruega através da Suécia.

— E se fiam em um antigo soldado da frente alemã? Juul riu.

— Sim.

— Do que está rindo?

— É uma longa história.

— Tenho tempo.

— Ordenamos que liquidasse um membro de sua própria família. Harry parou de pedalar. Juul tossiu: — Quando o encontramos em Nordmarka, ao norte de Ullevålseter, no princípio não acreditamos na sua história; pensamos que era um infiltrado e estávamos decididos a fuzilá-lo. Mas tínhamos contatos no arquivo da polícia de Oslo, que nos permitiram verificar a veracidade da história e que, de fato, constava ali como desaparecido da frente e suspeito de deserção. Os dados familiares eram corretos e, além disso, tinha documentação que mostrava que era quem dizia ser. Contudo, aquilo poderia ser uma montagem dos alemães, de modo que decidimos colocá-lo a prova. Juul fez uma pausa.

— E? Perguntou Harry.

— O escondemos em uma cabana onde estaria isolado tanto de nós como dos alemães. Alguém propôs que lhe déssemos ordem de liquidar um de seus irmãos, ativista da União Nacional. Principalmente, para ver como reagia. Quando recebeu a ordem, não falou uma palavra; no dia seguinte, quando fomos à cabana, havia desaparecido. Estávamos convencidos de que havia fugido, mas, dois dias depois, voltou a aparecer. Disse que dera uma volta pela fazenda familiar de Gudbrandsdalen. E, poucos dias mais tarde, recebemos o relatório dos nossos. Um dos irmãos fora encontrado no estábulo. O outro, no silo. Os pais, na casa.

— Por Deus! Exclamou Harry. — Devia estar perturbado.

— Certo. Todos nós estávamos. Era a guerra. No demais, jamais falamos disso, nem então nem depois. E creio que você tampouco deveria...

— Claro que não. Onde mora?

— Aqui, em Oslo. Em Holmenkollen, creio.

— E se chama?

— Fauke. Sindre Fauke.

— Ótimo. Entrarei em contato com ele. Obrigado, Juul.

Na tela do televisor, Poppe protagonizava uma lacrimosa saudação à sua família, em um primeiro plano exagerado. Harry pendurou o celular da cintura da calça, voltou a subi-la e se encaminhou à sala de pesos.

“... whatever, that don't impres me much...”

* * *

Trinta e Nove

HOUSE OF SINGLES, RUA HEGDEHAUGSVEIEN

2 de Março de 2000

— Lã de qualidade superior, disse a vendedora enquanto segurava o paletó para que o velho o visse. — A melhor. Leve e resistente.

— É para um só uso, disse o velho com um sorriso.

— Ah! Respondeu a jovem algo desconcertada. — Nesse caso, temos algumas mais baratas...

— Esta está bem, ele interrompeu se olhando no espelho.

— Corte clássico, assegurou a vendedora. — O mais clássico que temos. A jovem olhou assustada para o velho ao vê-lo se retorcer de dor. — Está passando mal? Quer que...?

— Não, não. Não foi mais do que uma pontada de dor. Já passou, disse o homem recobrando a compostura. — Quanto tempo demorará em ajustar as calças?

— Na quarta-feira da semana que vem estará pronta. A menos que seja urgente. Quem sabe precise para uma ocasião especial...

— Não. Na quarta-feira estará bom. Pagou a roupa com notas de cem e, enquanto os contava, a jovem afirmou:

— Você adquiriu uma roupa que durará toda a vida.

A risada que provocou o comentário ainda continuou ressoando nos ouvidos da jovem muito tempo depois de que o velho já tivesse saído.

* * *

Quarenta

HOLMENKOLLASEN

3 de Março de 2000

NA RUA Holmenkollveiem de Besserud, Harry encontrou o número que procurava e que correspondia a uma grande casa pintada de marrom que surgia à sombra de uns abetos gigantescos. Um caminho de cascalho levava até a casa e Harry o seguiu com o carro até chegar à explanada, onde deu a volta completa com o fim de estacionar já preparado para sair, mas, quando colocou a primeira, o carro começou a tossir bruscamente e parou de funcionar. Harry deu uma maldição e girou a chave, mas o motor somente respondeu com um resmungo. Saiu do carro e se encaminhou à casa quando uma mulher saía pela porta. Pelo que parecia, não o ouvira chegar e, ao vê-lo, parou na escadinha com um sorriso inquisitivo.

— Bom dia, disse Harry apontando o carro. — Não está bom. Precisa... De médico.

— Médico? Perguntou a mulher com voz quente e profunda.

— Sim, acho que pegou essa gripe de agora. A mulher sorriu ainda mais. Teria uns trinta anos e usava um casaco negro simples e elegante desses que, segundo Harry pensou, eram muito caros.

— Estava saindo, disse a mulher. — Vinha aqui?

— Sindre Fauke mora aqui?

— Quase, respondeu ela. — Mas chegou com vários meses de atraso. Meu pai se mudou para viver na cidade.

Harry havia se aproximado o suficiente para notar que era bonita. E havia algo em seu modo relaxado de se expressar, em sua forma de olhar nos olhos, que indicava que era, além disso, uma pessoa segura de si mesma. Uma mulher profissionalmente ativa, adivinhou. Algum trabalho que exija um cérebro frio e racional. No mundo imobiliário, como subdiretora de banco, na política ou algo pelo estilo. Em qualquer caso, com boa posição econômica, disso estava bastante certo. Não somente pelo casaco e pelas proporções colossais da casa que acabava de sair, mas sim pelo seu porte e por seus pômulos salientes e aristocráticos. Desceu os degraus colocando os pés um após outro, como se estivesse se equilibrando sobre uma corda, com leveza. “Aulas de ballet”, Harry pensou.

— Que posso fazer por você? A pronúncia das consoantes era definida, o tom de sua voz, com ênfase na primeira pessoa, era tão marcado que parecia teatral.

— Sou da polícia, disse ele ao mesmo tempo em que procurava em seus bolsos a identificação. Mas ela lhe fez um sinal, acompanhada de um sorriso, indicando que não era necessário.

— Gostaria de falar com seu pai. Harry notou irritado que começava a falar com mais solenidade.

— Por quê?

— Estamos procurando alguém e espero que seu pai possa nos ajudar a encontrá-lo.

— A quem procuram?

— Infelizmente essa é uma informação que não posso revelar.

— Certo, concordou a jovem, como se tivesse estado submetendo-o a uma prova que Harry pareceu superar.

— Mas, pelo que me falou, já não mora mais aqui... Disse Harry fazendo um gesto com a mão.

As mãos da mulher eram delicadas. “Aulas de piano”, Harry pensou. E tinha rugas em torno dos olhos, assim talvez tivesse mais de trinta, depois de tudo.

— Pois é, já não mora mais aqui, confirmou a mulher. — Mudou-se para Majorstuen; o endereço é Rua Vibe 18. Se não o encontrar ali, procure na biblioteca da universidade. A biblioteca da universidade. Pronunciou aquelas palavras com total clareza, sem omitir uma só sílaba.

— Rua Vibe número 18. Certo.

— Muito bem.

— Sim.

Harry concordou e continuou concordando, como um desses cachorros que os motoristas usam na bandeja do carro. Ela sorria com os lábios apertados e levantou as sobrancelhas como para indicar que isso era tudo, que a reunião havia terminado já que não havia mais perguntas.

— Entendo, repetiu Harry. A mulher tinha as sobrancelhas escuras e totalmente simétricas. “Depiladas, com certeza, pensou Harry. Depiladas, embora não se note.”.

— Preciso ir, disse a mulher. — Vou perder o ônibus...

— Entendo, disse Harry pela terceira vez, sem fazer movimento de ir embora.

— Espero que o encontre. O meu pai, quero dizer.

— Claro.

— Bom dia. A mulher começou a andar. O cascalho rangia debaixo dos seus saltos.

— Está indo para aquele lado?

— Sim.

— Quer uma carona, também vou para lá.

— Seria ótimo.

— Muito obrigado, disse Harry.

— Não tem de quê, respondeu ela. — Com certeza que não é muita volta para você?

— Não. Como disse, eu também vou nessa direção, afirmou Harry olhando preocupado as finas e sem dúvida caríssimas luvas de pele que haviam se sujado com o barro da parte traseira do Escort. — A questão é se este carro aguentará até lá, notou Harry.

— Sim, parece ter alguns problemas, concordou ela, apontando o buraco que havia debaixo do painel de instrumentos, onde um monte de cabos de cor vermelha e amarela sobressaía do lugar em que deveria estar o rádio.

— Me roubaram, explicou Harry. — Por isso tampouco posso fechar bem a porta, porque também arrebentaram a fechadura.

— Então agora pode entrar qualquer um?

— É o que acontece quando já se é muito velho. Ela riu.

— Ah, sim?

Voltou a observá-la fugazmente. Talvez fosse uma dessas mulheres cujo aparência não muda com a idade, das que aparentam trinta desde os vinte até os cinquenta. Gostava de seu perfil, a delicadeza de suas linhas. Sua pele tinha um tom cálido e natural em lugar desse moreno sem brilho que as mulheres de sua idade conseguiam adquirir no solarium no mês de fevereiro. Havia desabotoado o casaco, de modo que agora podia ver o seu pescoço, longo e delgado. Olhou suas mãos, que repousavam em seu colo.

— Está no vermelho, ela avisou com calma. Harry deu uma freada brusca.

— Sinto muito. Desculpou-se.

O que ele estava fazendo? Olhando as mãos para ver se usava aliança? Deus santo! Olhou ao seu redor e, de repente, se deu conta de onde estavam.

— Algum problema? Perguntou ela.

— Não, respondeu Harry. O semáforo mudou para verde e ele pisou o acelerador.

— É que não tenho muito boas recordações deste lugar.

— Eu tampouco, afirmou a mulher. — Há uns anos passei por aqui de trem justo depois de que um carro da polícia, que atravessara as vias da estrada de ferro, batesse contra aquele muro ali, disse apontando o lugar. — Foi horrível. Um dos agentes ficou pendurado no poste, como um crucificado. Passei várias noites sem poder conciliar o sonho, depois daquilo. Disseram que o policial que ia ao volante estava bêbado.

— Quem falou tal coisa?

— Um companheiro de estudos. Da Escola Superior de Polícia. Passaram a estação de Frøen. A de Vinderm já havia ficado para trás; muito atrás, pensou Harry.

— Então estudou na Escola Superior de Polícia? Perguntou.

— Não! Ficou maluco? Voltou a rir a mulher. Harry gostava de sua risada. — Estudei direito na universidade.

— Eu também, afirmou Harry. — Quando?

— Terminei em noventa e dois.

Harry somava e subtraía anos... Quer dizer, pelo menos, trinta.

— E você?

— Em noventa, respondeu Harry.

— Então, se lembrará do concerto do Raga Rockers no festival Justivalem de oitenta e oito, não?

— Claro. Estive ali. Nos jardins.

— Eu também! Não foi fantástico? Disse ela com um olhar de entusiasmo.

Harry não lembrava grande coisa do concerto, mas de repente se recordou de todas aquelas jovens tão simpáticas que conseguiam aparecer cada vez que tocava o Raga.

— Mas, se você e eu estudamos mais ou menos ao mesmo tempo, com certeza teremos amigos comuns, não?

— Duvido. Eu era policial então e não conseguia andar muito no ambiente estudantil. Atravessaram em silêncio a Rua Industrigata.

— Pode me deixar aqui, disse ela.

— É aqui aonde vai?

— Sim, aqui está bom.

Girou para se aproximar da calçada e ela se voltou até ele. Um fino fio de seu cabelo lhe caía sobre o rosto. Seu olhar era doce e corajoso a um só tempo. Olhos castanhos. De repente, da forma mais inesperada, lhe ocorreu uma ideia maluca: queria beijá-la.

— Obrigado, disse ela com um sorriso. Puxou a maçaneta para abrir a porta. Mas não aconteceu nada.

— Sinto muito, se desculpou Harry se inclinando até ela e inspirando o seu aroma. — A fechadura... Deu na porta um bom empurrão até que se abriu. Sentiu-se como se tivesse bebido.

— Bom, pode ser que nos vejamos outra vez, disse ela.

— Sim, pode ser.

Sentiu vontade de perguntar aonde ia, onde trabalhava, se gostava de seu trabalho, de que outras coisas gostava, se tinha namorado, se queria ir a um concerto embora não fosse do Raga. Mas, por sorte, era muito tarde: ela já dirigia seus passos de bailarina pela calçada da Sporveisgata. Harry suspirou. Fazia meia hora que a havia conhecido e nem sequer sabia como se chamava. Talvez tivesse chegado à crise dos cinquenta.

Olhou o espelho retrovisor e fez um retorno totalmente contrário as normas. A Rua Vibe era ali ao lado.

* * *

Quarenta e Um

*RUA VIBE, MAJORSTUA
3 de Março de 2000*

QUANDO Harry chegou ofegante ao quarto andar, um homem o esperava no umbral da porta com um amplo sorriso.

— Sinto que tenha tantos degraus, disse ao mesmo tempo em que lhe apertava a mão e se apresentava. — Sindre Fauke.

Seus olhos conservavam a juventude, mas o rosto parecia ter sofrido duas guerras mundiais. No mínimo. Tinha penteado para trás o que restava de seu cabelo grisalho e, debaixo da camisa de montanha, usava uma outra vermelha de lenhador. Seu aperto de mãos foi firme e acolhedor.

— Acabo de preparar café, falou. — E já sei o que quer.

Entraram na sala de estar, que era decorada como um lugar de trabalho, com uma mesa onde havia um computador. Os papéis se amontoavam por todos os lados e se viam livros e jornais cobrindo as mesas e o chão, ao longo das paredes.

— Ainda não terminei de organizar isso, explicou a Harry ao mesmo tempo em que abria um lugar no sofá.

Harry olhou ao seu redor. Não havia nenhum quadro, tão somente um almanaque dos supermercados RIMI, com fotografias de Nordmarka.

— Estou trabalhando em um projeto muito importante do que, ao final, sairá um livro. Uma história da guerra.

— Não existe ninguém que já tenha escrito esse livro? Fauke riu de boa vontade.

— Sim, pode se dizer que sim. Mas ainda não o escreveram como se deve. E este, trata da minha guerra.

— Ah, muito bem. Por que está escrevendo-o? Fauke encolheu os ombros.

— Mesmo correndo o risco de soar pretencioso, direi que quem esteve ali, tem a responsabilidade de transmitir essas experiências à posteridade antes de deixar este mundo. Ou ao menos, assim eu o vejo. Fauke foi à cozinha e lhe gritou dali: — Even

Juul me ligou e disse de que receberia uma visita. O Centro Nacional de Inteligência, se não me recordo mal.

— Sim. Mas Juul me falou que morava em Holmenkollen.

— Even e eu não temos muito contato e, como a mudança é somente temporal, até que termine o livro, conservei o número de telefone.

— Fui à outra casa e ali conheci a sua filha. Ela me deu este endereço.

— De modo que estava em casa? Bom, tem alguns dias livres. “De que trabalho ela pediu?”, Harry esteve a ponto de perguntar quando notou que soaria um tanto estranho.

Fauke voltou com uma grande cafeteira fumegante e um par de xícaras.

— Puro? Perguntou enquanto colocava as xícaras sobre a mesa.

— Sim, obrigado.

— Ótimo, porque não existe outra possibilidade, disse o homem rindo de tal modo que esteve a ponto de derramar o café enquanto servia.

Para Harry era surpreendente o pouco que Fauke se parecia com a filha. Não tinha nem seus modos esquisitos de falar ou de se comportar nem tampouco algum de seus traços e seus tons escuros. Tão somente se pareciam na testa. Ampla com uma grossa veia vermelha que a atravessava de um lado a outro.

— Tem uma casa muito grande, comentou.

— Bom, um monte de manutenção e de trabalho para retirar a neve, respondeu Fauke antes de dar um gole ao seu café e estalar a língua satisfeito. — Escura, triste, e longe de tudo. Não suporto Holmenkollåsen. Além disso, ali mora somente gente snobe. Não é para um campesino como eu.

— E por que não a vende?

— Porque a minha filha adora. Ela se criou ali. Mas você queria falar de Sennheim, não?

— Sua filha mora sozinha ali? Harry deveria ter mordido a língua. Fauke bebeu outro gole de café, o manteve na boca longo tempo.

— Vive com um rapaz. Oleg. Seu olhar se tornou de repente ausente e parara de sorrir.

Harry tirou rapidamente um par de conclusões. Demasiado rápido talvez, mas, ou muito se equivocava, ou o tal Oleg era uma das razões para que Sindre Fauke morasse agora em Majorstua. Em qualquer caso, já havia descoberto, aquela mulher tinha par e, portanto, não devia pensar mais nela. Na realidade, tanto melhor.

— O certo é, Fauke, que não posso dar muitos detalhes. Como compreenderá,

estamos trabalhando...

— Compreendo.

— Bem. Gostaria que me falasse dos noruegueses que estiveram em Sennheim.

— Uf! Éramos muitos, sabe?

— Sim, bem, dos que ainda vivem. Fauke sorriu.

— Não quis soar macabro, mas isso facilita muito as coisas. Na frente oriental, caíamos como moscas. Por ano morria uns sessenta por cento do meu pelotão.

— Caramba! A mesma porcentagem de mortalidade que o pisco comum...

— Como?

— Sinto muito. Continue, por favor.

— A questão é que a curva de aprendizagem na guerra é muito pronunciada, explicou Fauke. — Se sobrevive aos seis primeiros meses, suas possibilidades de sobrevivência se multiplicam. Não pisa nas minas, mantém a cabeça baixa na trincheira, acorda quando escuta que alguém engatilha um rifle Mosin-Nagant. E sabe que não existe lugar para heróis e que o medo é o seu melhor amigo. Depois de seis meses, somente um pequeno grupo de noruegueses sobrevivia, e compreendemos que havia a possibilidade de que sobrevivêssemos à guerra. E a maioria de nós esteve em Sennheim. À medida que a guerra avançava, iam transferindo o campo de práticas para o interior de Alemanha. Os voluntários chegavam diretamente da Noruega. E aqueles que chegavam sem nenhum tipo de treinamento... Fauke meneou a cabeça.

— Morriam? Perguntou Harry.

— Nem sequer tínhamos forças para aprendermos seus nomes quando chegavam. Para quê? É difícil de entender, mas até 1944, chegaram voluntários em tropel na frente oriental, quer dizer, muito depois do que os que estavam ali já compreendessem como ia terminar aquilo. Achavam que iam a salvar Noruega, coitados.

— Se não interpretei mal, você já não estava ali em 1944, não é?

— Exato. Desertei. Na noite de Fim de Ano de 1943. Cometi traição duas vezes, declarou Fauke com um sorriso. — E, em ambas as ocasiões, eu fui parar no lado errado.

— Soube que lutou com os russos, não?

— Bom, de certo modo. Fui prisioneiro de guerra. Morríamos de fome. Numa manhã vieram nos perguntar, em alemão, se algum de nós sabia algo de comunicações. Eu tinha alguma noção, assim levantei a mão. Descobri que todos os técnicos de comunicações já haviam caído. No dia seguinte, já estava encarregado das telecomunicações do acampamento enquanto que, à marcha forçada, perseguiram os meus antigos companheiros na direção da Estônia. Foi em Narva... Fauke levantou a xícara, que segurava com ambas as mãos. — Eu estava em uma colina e dali eu vi os russos atacar um posto de metralhadoras alemão. Os russos simplesmente os arrasaram. Cento e vinte homens e quatro cavalos jaziam amontoados ante eles quando, ao final, a submetralhadora calou. Os russos os matavam com baionetas para economizar munição. Desde que começou o ataque até que terminou, se passou meia hora, no máximo. Cento

e vinte mortos. E assim até o posto seguinte, onde se seguia o mesmo procedimento.

Harry viu como movia a xícara levemente.

— Pensei que ia morrer. E por uma causa em que não acreditava. Eu não acreditava nem em Stálin nem em Hitler.

— E por que foi para a frente oriental se não acreditava naquela causa?

— Tinha dezoito anos. Havia crescido em uma fazenda ao norte do vale de Gudbrandsdalen, onde praticamente não víamos ninguém, salvo os vizinhos mais próximos. Não liamos os jornais nem tínhamos livros: eu não sabia nada. A única coisa que sabia de política era o que dizia o meu pai. Éramos os únicos que ficamos na Noruega de nossa família; os demais haviam emigrado para os Estados Unidos nos anos vinte. Meus pais e os vizinhos dos arredores eram fiéis partidários de Quisling e membros da União Nacional. Eu tinha dois irmãos mais velhos. Eles pertenciam a Hirden, o braço militar do partido, e sua missão era recrutar jovens para o partido aqui na Noruega, se não se apresentariam eles mesmos como voluntários para lutar na frente. Pelo menos, isso é o que me contaram. E eu não soube, até muito tempo depois, que os jovens que recrutavam eram delatores. Mas então já era demasiado tarde e eu já estava à caminho da frente.

— De modo que mudou de opinião no campo de batalha?

— Eu não diria que mudei. A maioria de nós, os voluntários, pensávamos mais na Noruega que na política. O momento crucial para mim foi quando senti que estava combatendo na guerra de outro país. Na realidade, foi simples. E, visto assim, não era muito melhor estar no lado russo. Em junho de 1944, estava em um serviço de descarga no porto de Tallin, e ali subi a bordo de um barco da Cruz Vermelha Sueca. Ocultei-me no depósito de carvão, onde fiquei três dias. Intoxiquei-me com monóxido de carbono, mas cheguei a Estocolmo. Dali eu segui até a fronteira com a Noruega, que atravessei sem ajuda. Então já estávamos em agosto.

— Por que sem ajuda?

— As poucas pessoas com quem tinha contato na Suécia não confiavam em mim, minha história era muito fabulosa. Mas também, eu tampouco confiava em alguém. O homem voltou a rir. — Então procurei passar despercebido. Ultrapassar a fronteira foi simples. Acredite, era muito mais perigoso ir apanhar as rações de comida em Leningrado do que passar da Suécia para a Noruega durante a guerra. Mais café?

— Sim, obrigado. Por que não ficou na Suécia?

— Boa pergunta. Eu mesmo já me perguntei muitas vezes. Passou a mão pelo escasso cabelo branco. — Mas estava obcecado com a ideia de vingança, compreende? Era jovem e, quando é jovem, se tende a viver com uma ideia errada da justiça, acreditamos que é algo ao que os homens deem aspirar. Eu era um jovem com grandes conflitos pessoais quando estive na frente oriental, e me comportei como um filho de puta com

meus companheiros. Não obstante, ou talvez precisamente por isso, jurei vingar a todos aqueles que haviam sacrificado as vidas pelas mentiras que haviam nos contado em nosso país. E vingar a minha própria vida destruída que não acreditava poder recuperar jamais. A única coisa que desejava era cobrar a conta com os que de verdade haviam traído à pátria. Hoje em dia, os psiquiatras chamariam de psicose de guerra e me teriam colocado em seguida num hospital psiquiátrico. Mas então, vim para Oslo sem ter um lugar onde ficar nem ninguém que estivesse me esperando, e os únicos documentos que tinha teriam me levado à execução imediata por desertor. No mesmo dia que cheguei a Oslo em um caminhão, fui para Nordmarka. Fiquei dormindo debaixo uns abetos e somente comi uvas durante três dias, até que me encontraram.

— Os da Resistência?

— Segundo me falou Even Juul, ele lhe contou o resto.

— Sim, respondeu Harry brincando com a xícara.

A execução de sua família. Era algo até mais compreensível pelo fato de ter conhecido o autor. Estivera presente o tempo todo, desde que viu Fauke sorrindo junto à porta e lhe estendeu a mão. “Este homem executou os seus dois irmãos e os pais.”.

— Sei o que está pensando, interrompeu Fauke. — Eu era um soldado que recebera ordem de liquidar umas pessoas. Se não tivessem me dado a ordem, não teria feito. O que sei é que se encontravam entre os que haviam nos traído.

Fauke olhou Harry nos olhos. Sua xícara deixara de se mover.

— Se perguntará por que matei a todos, quando a ordem somente se referia a um, continuou. — O problema era que não me disseram quem. Deixaram a mim a tarefa de julgar e escolher. E eu não fui capaz de fazer isso. Assim que matei a todos. Na frente havia um tipo que chamávamos Garganta Vermelha. Como o pássaro. E ele me ensinou que a maneira mais humana de matar era usando a baioneta. A veia carótida vai diretamente do coração ao cérebro e, no momento em que corta a conexão, o cérebro perde todo o oxigênio e a morte cerebral é imediata. O coração bate três, quatro vezes, antes de deixar de se mover por completo. O único problema é que é muito difícil. Gudbrand, que nós chamávamos de Garganta Vermelha, era um mestre, mas eu lutei com minha mãe durante vinte minutos sem conseguir causar mais que algumas feridas. No final, tive de lhe dar um tiro. Harry tinha a boca seca.

— Eu compreendo, disse. Seu absurdo comentário ficou ressonando no ar. Harry deixou a xícara na mesa e apanhou um bloco de notas de sua bolsa de pele.

— Bem, talvez possamos falar dos companheiros de Sennheim. Sindre Fauke se levantou de repente.

— Sinto muito, Hole. Não era minha intenção expô-lo de um modo tão frio e cru.

Permita-me que explique algo mais, antes de prosseguir: eu não sou um homem cruel, mas esse é, simplesmente, o meu modo de enfrentar este tipo de coisa. Não precisar falar disso, mas o fiz de qualquer maneira. Porque não posso permitir mentiras. Essa é, também, a razão pela qual estou escrevendo o livro. Preciso reviver o acontecido cada vez que o tema aparece, de forma explícita ou implícita. Para ficar totalmente seguro de que não vou esquecê-lo. O dia que o fizer, a angústia terá ganhado a sua primeira batalha contra mim. Não sei por que é assim. É provável que um psiquiatra possa explicar.

Fauke deu um suspiro.

— Bem, mas já disse tudo o que tinha que dizer sobre esse assunto. O que, com certeza, é muito. Mais café?

— Não, obrigado, declinou Harry. Fauke voltou a se sentar apoiando a queixo sobre os punhos fechados.

— Bem. Sennheim. O duro núcleo norueguês. Incluindo a mim, se trata tão somente de cinco pessoas. E uma delas, Daniel Gudeson, morreu na mesma noite que eu fui embora. Quer dizer, quatro. Edvard Mosken, Hallgrin Dale, Gudbrand Johansen e eu. O único que vi depois da guerra é Edvard Mosken, nosso chefe de pelotão. Foi no verão de 1945. Condenaram-no a três anos por traição à pátria. Os outros dois, nem sequer sei se sobreviveram. Mas deixe que lhe conte o que sei deles.

Harry abriu seu bloco numa página em branco.

* * *

Quarenta e Dois

CNI
3 de Março de 2000

HARRY pulsou as teclas com o indicador. G-u-d-b-r-a-n-d J-o-h-a-n-s-e-n. Um rapaz do campo. Segundo Fauke, um tipo amável, algo pusilânime, que tinha o tal Daniel Gudeson, aquele que mataram quando estava de guarda, como modelo e substituto do irmão mais velho. Harry pulsou a tecla ENTER e o programa começou a trabalhar.

Ficou olhando a parede. Concentrado em uma pequena fotografia de Søs que tinha pendurado ali. Fazia uma careta. Como sempre que tiravam uma foto. Era de umas férias de verão de vários anos atrás. A sombra do fotógrafo se refletia em sua camiseta branca. Sua mãe.

Um leve sinal do computador avisou de que a busca terminara, assim voltou a dirigir o olhar à tela. No censo havia inscritos dois Gudbrand Johansen, mas segundo as datas de nascimento, ambos eram menores de sessenta anos. Sindre Fauke havia soletrado os nomes, assim não poderia se tratar de um erro de ortografia. O que significava que teria mudado o nome. Ou que fora morar no estrangeiro. Ou que estava morto. Harry digitou o nome seguinte. O chefe de pelotão de Mjøndalen. O pai de família. E-d-v-a-r-d M-o-s-k-e-n. Rechaçado por sua família por ter se oferecido a prestar serviço na frente. Duplo clique na palavra “procurar”. De repente, acendeu a luz do teto. Harry se voltou.

— Precisa acender a luz quando ficar trabalhando até tão tarde. Kurt Meirik estava no umbral com o dedo no interruptor. Entrou e se sentou na borda da mesa. — O que encontrou?

— Que devemos procurar um homem de mais de setenta anos, provavelmente ex-combatente da frente oriental.

— Não, me referia aos neonazistas e do Dezesete de Maio.

— Ah! Ouviu-se o sinal do computador. — Não tive tempo de olhar, Meirik. Havia dois Edvard Moskem na tela. Um nascido em 1941, o outro em 1921.

— Vamos realizar uma festa em nossa seção no sábado, anunciou Meirik.

— Sim, já vi o convite em minha caixa de correio.

Harry fez duplo clique sobre a data de 1921 e em seguida apareceu o endereço do

mais velho dos dois Mosken, que morava em Dramen.

— O chefe de pessoal me falou que ainda não respondeu. Só queria ter certeza de que virá.

— Por quê? Harry teclou a data de nascimento de Edvard Moskem no registro de antecedentes penais.

— Queremos que as pessoas se conheçam além dos limites de cada seção. Até agora, nem sequer o vi na cantina.

— Fico bem na sala.

Nenhum resultado. Passou ao registro central de antecedentes penais da polícia, que incluía todos aqueles que, de um modo ou outro, haviam tido algo a ver com as forças da ordem pública, não necessariamente como acusados, mas, por exemplo, denunciados como vítimas de um ato delituoso.

— É ótimo que se entregue tanto ao trabalho, mas não pode se enfurnar por completo entre estas quatro paredes. Diga-me que estará lá no sábado, Harry.

— Vou ver. Tenho outro compromisso marcado há algum tempo, mentiu Harry.

ENTER

Nenhum resultado, como na tentativa anterior. Já que não estava no registro central da polícia, teclou o nome do terceiro combatente da frente que havia lhe proporcionado Fauke. H-a-l-l-g-r-i-m D-a-l-e. Um oportunista, segundo Fauke. Confiava em que Hitler ganharia a guerra e premiaria a quem havia escolhido o lado certo. Quando chegaram a Sennheim, já havia se arrependido, mas era demasiado tarde para voltar atrás. Harry teve a sensação de que o nome lhe soava familiar na primeira vez que o ouviu de Fauke; e agora, essa sensação voltou a se repetir.

— Permita-me então que me expresse com mais firmeza: Ordeno que venha.

Harry levantou a vista. Meirik sorria.

— É brincadeira, disse em seguida. — Mas será um prazer vê-lo por aqui. Boas tardes.

— Boas tardes, murmurou Harry voltando o olhar à tela.

Um Hallgrin Dale, nascido em 1922. **ENTER**. A imagem da tela se encheu com um longo texto. Outra página, e uma mais.

Hallgrin Dale, com domicílio na Rua Schweigaard, em Oslo, era o que os diários conseguiam chamar um velho conhecido da polícia. Os olhos de Harry percorreram a lista: vagabundo, bêbado, discussões com os vizinhos, furtos, algumas brigas. Muitos delitos, mas nenhum realmente grave. “O mais assombroso é que continue vivo”, pensou Harry, observando que estivera internado para receber um tratamento de desintoxicação por consumo de álcool em agosto do ano anterior. Apanhou a guia telefônica de Oslo, procurou o número de Dale e discou. Enquanto esperava resposta, procurou de novo no registro central em seu computador e encontrou ao outro Edvard Mosken, nascido em 1942. Também ele morava em Dramen. Anotou a data de nascimento e passou ao registro de antecedentes penais.

— “O número de telefone que discou está fora de serviço. Esta é uma mensagem da companhia telefônica Telenor... O número de telefone...”.

Harry não se surpreendeu e desligou o fone. Edvard Moskem filho cumpria uma condenação. E uma condenação longa que ainda o mantinha na cadeia. Por que motivo? Drogas, aventurou Harry antes de apertar a tecla ENTER. Um terço de todos os que estão na cadeia à qualquer momento tem condenações relacionadas com drogas. Ali o temos. Sim senhor. Tráfico de cocaína. Quatro quilos. Quatro anos, incondicional.

Harry se esticou bocejando. Estava fazendo algum progresso ou simplesmente estava ali porque o único lugar que tinha vontade de ir era o restaurante Schrøder. Caramba merda de dia. Sintetizou o que tinha: Gudbrand Johansen não existe, ao menos, não na Noruega. Edvard Moskem mora em Drammen e tem um filho condenado por tráfico de drogas. E Hallgrin Dale é um bêbado e é claro, não alguém que dispõe de meio milhão de coroas para gastar. Harry esfregou os olhos.

Gostaria de procurar na guia telefônica o sobrenome Fauke para ver se havia um número de telefone no seu nome na Rua Holmenkollveien. Deu um lamento. “É uma mulher que tem um par. E tem dinheiro. E classe. Em poucas palavras: tudo o que lhe falta.”. Teclou a data de nascimento de Hallgrin Dale no registro central. O computador emitia o seu surdo runrún. Uma longa lista. Mais do mesmo. Pobre bêbado. “Os dois estudaram direito. E ela também gosta de Raga Rockers.”. Um momento. Na última entrada de Dale, figurava o código “vítima”. Teriam lhe dado uma surra? ENTER. “Esqueça dessa tia. Bem, já estava esquecida. Devia ligar para Ellen e perguntar se tinha vontade de ir ao cinema e deixar que ela escolhesse o filme? Não, melhor seria uma sessão na academia SATS. Para suar um pouco.”. Na luz da tela apareceu:

DALE, Hallgrin, 15-11-99. ASSASSINADO.

Harry conteve a respiração. Estava surpreso, mas por que não estava tanto? Fez duplo clique em **DETALHES**. O computador voltou a emitir um som surdo. Mas, por uma vez, sua mente foi mais rápida que o computador e, quando apareceu a imagem na tela, ele já colocara o nome.

* * *

Quarenta e Três

SATS
3 de Março de 2000

— Alô.

— Alô, Ellen, sou eu.

— Eu quem?

— Eu, Harry. E não me faça acreditar que existem outros homens que lhe ligam e dizem “Alô, Ellen, sou eu”.

— Vá à merda. Onde está? Que porcaria de música é essa?

— Estou na SATS.

— Como?

— Estou fazendo bicicleta. Já terei percorrido uns oito quilômetros.

— Vamos ver se entendi bem, Harry: está na SATS, sentado em uma bicicleta, enquanto fala pelo celular, é isso? Perguntou incrédula, dando ênfase nas palavras SATS e celular.

— O que tem de ruim nisso?

— Harry, por Deus!

— Estive toda a tarde tentando falar consigo. Lembra-se do assassinato que Tom Waaler e você acompanharam em novembro? O nome era Hallgrin Dale.

— Claro que sim. KRIPOS o adjudicou quase de imediato. O que aconteceu?

— Não estou certo. Pode ter algo a ver com o ex-combatente que procuro. O que pode me dizer daquilo?

— Isso é trabalho, Harry. Ligue amanhã para o escritório.

— Vamos, Ellen, somente um pouco.

— Um dos cozinheiros da Herbert's Pizza encontrou Dale na porta de entrada. Estava estirado entre os contêineres de lixo, degolado. O grupo da polícia científica não encontrou nada. Ainda que o médico que fez a autópsia afirmasse que o corte era maravilhosamente limpo. Uma intervenção cirúrgica foram as suas palavras.

— Quem você acha que o fez?

— Não tenho ideia. Claro que pode ser algum neonazista, mas eu não acredito.

— Por que não?

— Se mata um tipo justo à porta de seu bar habitual, ou é temerário ou simplesmente, é estúpido. Contudo, tudo naquele assassinato parecia muito limpo, muito pensado. Não havia indícios de briga, nenhuma impressão, nenhuma testemunha. Tudo indica que o assassino sabia o que fazer.

— O celular?

— Difícil de determinar. Com certeza Dale tinha dívidas, mas não tanto para pressioná-lo até esse ponto. Pelo que eu sei, não estava metido em assuntos de drogas. Revistamos seu apartamento, mas não encontramos nada, salvo garrafas vazias. Estivemos falando com alguns de seus companheiros de farra. Por alguma estranha razão, tinha sorte com essas colegas de bebedeira.

— Colegas de bebedeira?

— Sim, essas que sempre andam penduradas nos bêbados. Sabe a que me refiro.

— Sim, mas... Por que não as chama de mulheres de bêbados?

— Sempre repara nos detalhes mais idiotas, Harry; chega a ser irritante, sabia? Talvez se você...

— Sinto muito, Ellen. Tem toda a razão e prometo me emendar radicalmente. Por onde andou?

— Pois isso, nos ambientes de alcoólatras existe muita troca de casal, então não podemos esquecer a possibilidade de que se trate de um crime passionai. Sabe quem nós interrogamos na época? O seu velho amigo Sverre Olsen. O cozinheiro o vira na Herbert's Pizza em torno da hora do assassinato.

— E?

— Tinha álibi. Havia passado o dia inteiro ali sentado e somente saiu um par de minutos para comprar algo. O vendedor da loja confirmou.

— Mas pode ter tido tempo...

— Sim, já sei. Você gostaria que fosse ele. Mas escute, Harry...

— Pode ser que Dale não tivesse dinheiro, mas outra coisa.

— Harry...

— Pode ser que tivesse informação. De alguém próximo, por exemplo.

— Sim, aí no sexto andar, gostam muito das hipóteses de conspirações, não é? Mas Harry, não poderíamos falar disso amanhã?

— Desde quando é tão rigorosa com o horário de trabalho?

— É que já havia me deitado.

— Às dez e meia?

— É que não me deitei sozinha.

Harry parou de pedalar. Não havia pensado que as pessoas que estavam na academia poderiam escutar a conversa. Olhou ao seu redor. Por sorte, não eram muitos os que treinavam tão tarde.

— É esse artista, o tal de Tørst? Perguntou num sussurro.

— É.

— E desde quando dividem a cama?

— Há algum tempo.

— E por que você não me disse nada?
— Porque não me perguntou.
— Está agora deitado ao seu lado?
— Está.
— Foi bom?
— Foi.
— Já lhe disse que a ama?
— Já. Pausa.
— Pensa em Freddie Mercury quando...?
— Harry, boa noite.

* * *

Quarenta e Quatro

*SALA DE HARRY
6 de Março de 2000*

O RELÓGIO da recepção indicava 08h30min horas quando Harry chegou ao trabalho. Não era uma autêntica recepção, mais uma entrada que funcionava como uma eclusa. E o chefe daquela eclusa era Linda, que afastou o olhar da tela para desejar alegre bons dias. Linda estava há mais tempo no CNI do que todos os outros, e era praticamente a única pessoa com quem Harry precisava ter contato para realizar seu trabalho diário. De fato, além de ser a “chefe da eclusa”, aquela mulher de cinquenta anos, respondona e diminuta, funcionava também como uma espécie de secretária comum e recepcionista. Harry havia pensado nisso um par de vezes; se dizia que; se algum espião a serviço de um Estado Estrangeiro tivesse que tirar informação de alguém do CNI, escolheria Linda. Além disso, era a única pessoa do CNI, com exceção de Meirik, que sabia que Harry estava trabalhando lá. Não tinha ideia do que pensavam os demais. Nas escassíssimas visitas que fizera à cantina para comprar um iogurte ou um maço de cigarros, que, por certo, não vendiam, havia notado os olhares que vinham das mesas. Mas nunca havia se preocupado em interpretá-los e se apressava a voltar para a sua sala.

— Telefonaram para você, anunciou Linda. — Alguém que falava em inglês. Despregou uma nota de cor amarela que tinha no marco da tela do computador. — De nome Hochner.

— Hochner?! Exclamou Harry. Linda olhou a nota, algo insegura.

— Sim, isso a mulher me disse.

— A mulher? Quer dizer o homem.

— Não, era uma mulher. Falou-me que voltaria a ligar... Linda se voltou para olhar o relógio que tinha às suas costas, pendurado da parede. —... Agora. Deu-me a impressão de que precisava se colocar em contato contigo urgentemente. Ah, agora que o tenho aqui, Harry, já deu uma volta pelas salas para se apresentar?

— Não tive tempo, Linda. Na semana que vem.

— Já está aqui há um mês. Ontem mesmo, Steffensem me perguntou quem era “esse tipo alto e ruivo” com o que havia cruzado no corredor.

— Ah, sim? E o que você lhe disse?

— Disse que não precisava saber, respondeu Linda com um sorriso. — E vai ter que vir à festa da seção este sábado.

— Sim, já me dei conta, respondeu Harry ao mesmo tempo em que apanhava duas folhas da caixa de correio.

O primeiro continha um lembrete da festa e o outro, uma circular sobre a nova norma de enlaces sindicais. Ambos foram parar na lixeira logo que fechou a porta de sua sala. Depois, se sentou e apertou os botões REC e PAUSA do secretária eletrônica e esperou. Após uns trinta segundos aproximadamente, soou o telefone.

— Harry Hole speaking, respondeu Harry.

— Herri? Spikin? Imitou Ellen.

— Perdão. Achei que era outra pessoa.

— É um animal, cortou ela antes que Harry tivesse tempo de continuar falando.

— Se está se referindo a quem eu imagino, prefiro que o deixe já, Ellen.

— Engraçadinho. Bom, quem espera que ligue?

— Uma mulher.

— Até que enfim!

— Esqueça, aparentemente é um familiar ou a esposa de um tipo que interroguei. Ellen suspirou.

— Quando você pensa em conhecer alguém também, Harry?

— Está apaixonada, não é?

— Você não?

— Eu? O grito entusiasta de Ellen lhe explodiu no ouvido.

— Não me respondeu! Peguei-te, Harry Hole! Quem, quem?

— Vamos, Ellen.

— Diga que tenho razão!

— Não, Ellen, não conheci ninguém.

— Não se mente prá mamãe... Harry teve de rir.

— Melhor falar algo de Hallgrin Dale. Como vai a investigação?

— Não sei. Terá que falar com KRIPOS.

— Eu farei, mas ele falou de sua intuição sobre o assassino?

— Que é um profissional, não um homicida impulsivo. E, apesar de que o assassinato parecia limpo, não creio que fosse premeditado.

— Como não?

— O crime foi feito de forma eficaz e sem deixar impressões, mas a escolha do lugar não foi muito acertada: poderiam tê-lo visto da rua ou do pátio traseiro.

— Está soando a outra linha. Ligo em seguida. Harry apertou o botão REC da secretária eletrônica e verificou que o reproduzidor começava a girar antes de passar a chamada da outra linha. — Harry.

— Alô, meu nome é Constance Hochner, ouviu dizer em inglês.

— Como está senhora Hochner? Falou Harry no mesmo idioma.

— Sou a irmã de Andreas Hochner.

— Imaginei. Mesmo com uma ligação ruim, Harry notou que a mulher estava nervosa. Ainda assim, foi direta ao ponto:

— Você fez um acordo com meu irmão, mister Hole. E não cumpriu a sua parte.

A mulher tinha um acento estranho, o mesmo que Andreas Hochner. Sem se dar conta, Harry tentava imaginá-la, seguindo um hábito que, como investigador, havia adquirido há algum tempo.

— Senhora Hochner, não posso fazer nada por seu irmão até que tenha verificado a informação que nos deu. No momento, não encontramos nada que confirme o que nos disse.

— Mas, senhor Hole, por que um homem na situação em que ele se encontra iria mentir?

— Precisamente por isso, senhora Hochner. Ainda que não saiba nada, poderia estar desesperado para fingir que não é assim.

Fez-se uma pausa na débil linha desde... De onde? Johannesburg? De novo se ouviu a voz de Constance Hochner.

— Andreas tinha me dito que você falaria algo assim. Por isso liguei, para lhe dizer que tenho mais informação de meu irmão que talvez seja de seu interesse.

— Ah, sim?

— Mas não a darei se o seu governo não se envolver antes na causa de meu irmão.

— Faremos o que pudermos.

— Voltarei a ligar quando souber que está nos ajudando.

— Como você entenderá, estas coisas não funcionam assim, senhora Hochner. Precisamos ver os resultados da informação dada antes de começar a ajudá-lo.

— Mas o meu irmão tem que contar com alguma garantia. O julgamento contra ele começa dentro de duas semanas e... A voz da mulher diminuiu no meio da frase e Harry notou que estava a ponto de começar a chorar.

— Só posso dar a minha palavra de que farei tudo quanto estiver nas minhas mãos, senhora Hochner.

— Eu não conheço você. E você não me entende. Vão condenar a Andreas à pena de morte. Você...

— Ainda assim, isso é tudo quanto posso lhe oferecer.

A mulher começou a chorar. Harry aguardou e, após uns minutos, a senhora Hochner recuperou a calma.

— Tem filhos, senhora Hochner?

— Sim, respondeu entre soluços.

— E sabe qual é o crime de que estão acusando o seu irmão?

— Claro.

— Nesse caso, compreenderá também que precisa de todo o perdão que possa encontrar. Se, através de você, conseguir nos ajudar a encontrar um homem que pretende perpetrar um atentado, terá feito algo de bom. E você também, senhora Hochner. A mulher respirou fundo no fone. Por um instante, Harry achou que ia a começar a chorar de novo.

— Promete que fará tudo o que puder, senhor Hole? Meu irmão não é culpado de todos os crimes de que está sendo acusado.

— Prometo. Harry ouviu a sua própria voz. Tranquila e firme. Mas ao mesmo tempo, apertou nervoso o fone.

— Certo, disse Constance Hochner por fim em voz baixa. — Andreas diz que a pessoa que levou a arma e o pagou aquela noite não é a mesma pessoa que encomendou. Quem o encarregou disso foi um cliente quase fixo, um homem jovem. Fala bom inglês com acento escandinavo. E sempre insistia em que Andreas o chamasse de Príncipe. Andreas me falou que você deveria procurar em locais de pessoas com fixação pelas armas.

— Isso é tudo?

— Andreas nunca o viu, mas diz que, se lhe enviar uma gravação, conseguirá reconhecer a voz dele.

— Ótimo, disse Harry com a esperança de que ela não notasse a sua decepção. Colocou-se direito na cadeira, como se preparando antes de dizer a seguinte mentira: — E quando encontrar algo, começarei a mover os fios. Estas palavras lhe escorreram na boca como um gole de soda cáustica.

— Eu agradeço muito, senhor Hole.

— Não precisa, senhora Hochner. Depois de desligar, repetiu a última frase mentalmente, duas vezes.

* * *

— Merda! Gritou Ellen depois de ouvir toda a história sobre a família Hochner.

— Vamos ver se esse seu cérebro é capaz de esquecer por um tempo que está apaixonado e consegue fazer algum de seus truques, brincou Harry. — Já tem os fragmentos.

— Importação ilegal de armas, cliente fixo, o Príncipe, ambiente com fixação pelas armas. São somente quatro.

— Pois é o que tenho.

— Por que me presto a estas coisas?

- Porque me adora. Agora preciso sair correndo.
- Espere. Fale-me dessa mulher...
- Espero que sua intuição funcione melhor com os delitos, Ellen.

* * *

Harry discou o número da casa da cidade de Drammem que haviam lhe dado nas informações.

- Mosken, respondeu uma voz firme.
- Edvard Mosken?
- Sim. Com quem falo?
- Delegado Hole, CNI. Tenho algumas perguntas para lhe fazer.

Harry notou de que era a primeira vez que se apresentava como delegado. Por alguma razão, também isso lhe parecia uma mentira.

- Algum assunto relacionado com o meu filho?
- Não. Posso lhe fazer uma visita manhã às doze, Mosken?
- Sou aposentado. E vivo sozinho. Qualquer dia e hora será bom para mim.

Pensou no que Ellen lhe dissera sobre o assassinato de Hallgrin Dale enquanto ia à cantina para comprar um iogurte. Pensou em chamar a KRIPOS, para que atualizassem a informação, mas tinha a firme sensação de que Ellen já havia lhe contado tudo o que valia a pena saber sobre o assunto. De qualquer maneira, a probabilidade estatística de se morrer assassinado na Noruega era de um a cada dez mil. Quando a pessoa à que procura vira cadáver em uma investigação de assassinato com quatro meses de antiguidade, é difícil acreditar que se trate de uma coincidência. Teria aquele crime alguma relação com a compra do rifle Märklin? Eram apenas nove horas e já lhe doía a cabeça. Esperava que a Ellen ocorresse algo relacionado como Príncipe. Qualquer coisa. Pelo menos, teria por onde começar.

* * *

Quarenta e Cinco

SOGN
6 de Março de 2000

DEPOIS do trabalho, Harry se dirigiu os apartamentos da Previdência Social de Sogn. Quando chegou, Søs já estava esperando-o na porta. Havia engordado um pouco no último ano, mas afirmava que Henrik, seu namorado, que morava umas portas além no mesmo corredor, gostava assim.

— Mas Henrik é abobalhado.

Isso era o que Søs conseguia dizer quando queria explicar às pessoas as pequenas singularidades de Henrik. Ela, em troca, não era abobalhada. Aparentemente, havia uma distinção invisível, mas muito definida, em algum lugar. E Søs gostava de explicar a Harry quem dos moradores era abobalhado e quem era quase abobalhado.

Somente conseguia falar com Harry das coisas mais comuns, o que Henrik lhe dissera naquela semana (e que, de vez em quando, poderia ser muito surpreendente), o que viram na televisão, o que haviam comido e o que haviam planejado fazer nas férias. Henrik e Søs estavam sempre fazendo planos para as férias. Nesta ocasião, o objetivo era Havaí, e Harry sorria ao imaginar os dois com camisas havaianas no aeroporto de Honolulu.

— Muito bem, comentou Harry.

— Creio que já esqueceu a mamãe, disse Søs. — E isso é bom.

Harry parou um instante pensando sobre o que a irmã acabava de dizer, quando apareceu Henrik batendo na porta para avisá-la de que a série *Hotel Caesar* começava na TV2 dentro de três minutos. Harry colocou o casaco para ir embora, não sem antes prometer que ligaria.

O trânsito estava lento, como de costume, no cruzamento do Ullevål Stadium e, muito tarde, descobriu que precisava virar à direita na Rua Ringveien, por causa das obras. Pensava no que havia revelado Constance Hochner. Que Urias havia utilizado um intermediário, aparentemente norueguês. O que significava que em algum lugar do país havia alguém que sabia quem era Urias. Já havia pedido a Linda que procurasse nos

arquivos secretos a alguém com o apelido de Príncipe, mas estava certo de que ela não encontraria nada. Tinha a firme sensação de que esse preso era mais esperto que o delinquente mediano. Se o que dissera Andreas Hochner fosse verdade, de que o Príncipe era um cliente fixo, significaria que este havia conseguido criar um grupo próprio de clientes sem que o CNI ou alguém soubesse. Essas coisas exigem cautela, esperteza e disciplina, características pelas quais não se destacavam algum dos criminosos que Harry conhecia. Claro que o preso poderia ter tido mais sorte do que o normal, já que não o haviam pego. Ou talvez que ocupasse um alto posto. Constance Hochner lhe dissera que falava bem inglês. De modo que poderia ser um diplomata, por exemplo. Alguém com possibilidade de entrar e sair do país sem que o revistassem na alfândega.

Harry apanhou o desvio de Slemdalsveiem em direção a Holmenkollen. E se pedisse a Meirik que transferisse Ellen para o CNI por um breve período de tempo? Rechaçou a ideia em seguida. Meirik parecia mais interessado em que ele contasse neonazistas ou que participasse de acontecimentos sociais, do que caçar fantasmas dos dias da guerra. Antes de se dar conta sequer para onde se dirigia, já chegara à casa da mulher. Parou o carro e olhou entre as árvores. Da estrada principal até a casa eram uns cinquenta ou sessenta metros. Havia luz nas janelas da planta principal.

— Idiota! Soltou em voz alta, e deu um suspiro ao ouvir a própria voz.

Estava a ponto de voltar quando viu que a porta se abria e que a luz do vestíbulo iluminava a escadinha da entrada. A ideia de que ela o visse ou reconhecesse o carro, lhe criaram um pânico instantâneo. Colocou a marcha-a-ré para retornar discretamente e sair do campo de visão, mas pisou tão pouco o acelerador que o motor afogou. Ouviam-se vozes. Um homem com um casaco longo de cor escura apareceu na escadinha. O homem falava, mas a pessoa à que se dirigia restava oculta pela porta. Depois, o homem se aproximou do umbral e Harry deixou de vê-lo.

“Estão se beijando, pensou. Vim de carro até Holmenkollem para espiar como uma mulher com a que estive falando durante quinze minutos beija o seu par.”. A porta se fechou e o homem se sentou num Audi e partiu em direção à estrada principal, passando adiante do seu carro.

No caminho para casa, Harry se perguntava como castigar a si mesmo. Precisava ser um castigo duro, algo que o dissuadisse de tentações futuras. Uma sessão de aeróbica no SATS.

Quarenta e Seis

DRAMEN

7 de Março de 2000

HARRY nunca compreendeu por que Dramen, precisamente, recebia tantas críticas. Claro que a cidade não era uma beleza, mas o que tinha Dramen que não tivessem a maioria das cidades norueguesas que haviam crescido muito depressa? Sopesou a ideia de parar para tomar um café em Børsen, mas olhou o relógio e compreendeu que não teria tempo.

Edvard Mosken morava em uma casa de madeira pintada de vermelho com vistas para o hipódromo. Diante da garagem estava estacionada uma velha furgoneta Mercedes. Mosken o esperava com a porta aberta. Estudou durante um bom tempo a identificação de Harry antes de dizer:

- Nascido em 1965? Aparenta mais idade do que tens, Hole.
- Genes ruins.
- Pois o sinto por você.
- Bem, quando tinha catorze anos, entrava em filmes para maiores de dezoito.

Foi impossível ver na expressão de Mosken havia se entendera ou não a piada. O homem indicou a Harry que entrasse.

— Mora sozinho? Perguntou Harry enquanto Mosken indicava o caminho até a sala de estar.

O apartamento tinha um aspecto limpo e cuidado, mas apenas se viam objetos pessoais decorativos e reinava nele exatamente essa ordem extrema que deseja ter qualquer homem capaz de decidir por si mesmo. Harry se lembrava de seu próprio apartamento.

- Sim, minha esposa me deixou depois da guerra.
- Como?
- Foi embora. Partiu para sempre.
- Entendo. Filhos?
- Tinha um.
- Tinha? Edvard Mosken parou e se virou.

— Não me expliquei com clareza, Hole?

Havia formulado a pergunta com uma de suas brancas sobrancelhas levantada formando um ângulo bem definido na larga fronte.

— Não, é culpa minha, explicou Harry. — Só me entra a informação em pequenas doses.

— Certo. Tenho um filho.

— Obrigado. A que se dedicava antes de se aposentar?

— Era proprietário de vários caminhões. Mosken Transport. Vendi a empresa há sete anos.

— Ia bem?

— O suficiente. Os compradores conservaram o nome.

Sentaram-se cada um a um lado da mesa da sala de estar. Harry pressentiu que não lhe ofereceria café. Edvard estava sentado no sofá, inclinado para frente, com os braços cruzados, como dizendo: acabemos com isso quanto antes.

— Onde estava na noite de 22 de dezembro?

Harry havia decidido no caminho que começaria com essa pergunta. Entre jogar a única carta que tinha, antes que Mosken tivesse ocasião de estudar o terreno e compreender que não tinha nada mais, Harry escolheu o primeiro com a esperança de provocar uma reação eloquente. Se é que Mosken tinha algo para ocultar.

— Sou suspeito de algo? Perguntou Mosken com uma expressão que não denotava mais que certa curiosidade.

— Seria bom que se limitasse a responder às perguntas, Mosken.

— Como quiser. Estava aqui.

— Caramba, que rapidez.

— O que quer dizer?

— Não precisou pensar muito. Mosken fez um gesto desses com em que a boca imita o gesto de um sorriso enquanto que os olhos ficam resignados.

— Quando se chega a minha idade, se lembra das noites que não fica sozinho.

— Sindre Fauke me deu uma lista dos noruegueses que estiveram no campo de Sennheim: Gudbrand Johansen, Hallgrin Dale, você e o próprio Fauke.

— Esqueceu de Daniel Gudeson.

— Como? Mas ele não morreu antes que terminasse a guerra?

— Sim.

— Então, por que o relacionou?

— Porque ele também estava conosco em Sennheim.

— Pelo que me falou Fauke, havia mais noruegueses em Sennheim, mas vocês quatro firmam os únicos sobreviventes.

— Certo.

— Bem, nesse caso, por que menciona precisamente o Gudeson? Edvard Mosken olhou para Harry fixamente antes ficar com o olhar perdido.

— Porque ele resistiu tanto que acreditamos que iria sobreviver. De fato, acreditávamos que Daniel Gudeson era imortal. Não era uma pessoa normal.

— Sabia que Hallgrin Dale está morto? Mosken negou com um gesto. — Pois não parece muito surpreso.

— Por que ficaria? A esta altura, me surpreende mais ouvir que continuam vivos.

— E se disser que morreu assassinado?

— Bem, isso é outra coisa. Por que me contou isso?

— O que sabe de Hallgrin Dale?

— Nada. A última vez que o vi, foi em Leningrado. Então estava alterado pela explosão de uma granada.

— Não voltaram juntos para a Noruega?

— Ignoro como Dale e os demais chegaram em casa. A mim me feriram no inverno de 1944 com uma granada de mão que um caça russo jogou na trincheira.

— Um caça? De um avião? Mosken concordou sorrindo com amargura.

— Quando acordei na enfermaria, estávamos em plena retirada. Em finais do verão de quarenta e quatro, fui parar na enfermaria do colégio de Sinsen, em Oslo. Depois, veio a rendição.

— De modo que, depois que se feriu, não voltou a ver a algum dos demais, não é assim?

— Só o Sindre. Três anos depois da guerra.

— Quando já havia cumprido a sua condenação?

— Sim. Foi um encontro fortuito, em um restaurante.

— O que você acha de sua deserção? Mosken encolheu os ombros.

— Tinha suas razões. De qualquer maneira, mudou de lado em um momento não que ainda não se sabia qual seria o desenlace. E isso é mais do que pode se dizer da maioria dos noruegueses.

— A que se refere?

— Era um ditado que tínhamos durante a guerra: aquele que esperava demasiado para escolher o lado, escolhia sempre o lado certo. No Natal de 1943 já compreendíamos que estávamos de retirada, mas não suspeitávamos da gravidade real da situação. Assim que, de qualquer maneira, ninguém poderia tachar Sindre de traidor. Como os que ficaram em casa olhando e, de repente, começaram a se alistar na Resistência nos últimos meses da guerra. Nós os chamávamos “Santos dos últimos dias”. Alguns deles se contam hoje entre os que falam em público sobre a heroica escolha dos noruegueses do lado

certo.

— Tem em mente alguém em particular?

— Sempre é fácil pensar em alguém que foi tocado com a reluzente glória de herói. Mas isso carece de importância.

— E o que me diz de Gudbrand Johansen? Lembra dele?

— Claro que sim. Ele me salvou a vida no final. Ele... Mosken mordeu o lábio inferior. “Como se tivesse falado mais do devia”, pensou Harry.

— O que aconteceu com ele?

— Com Gudbrand? Não sei. Aquela granada... Na trincheira estávamos Gudbrand, Hallgrin Dale e eu quando apareceu rodando pelo gelo e foi bater no capacete de Dale. A única coisa que me lembro é que, quando explodiu, Gudbrand era o que estava mais próximo. Quando acordei do coma, ninguém pensou em me dizer o que havia acontecido a Gudbrand e Dale.

— Que quer dizer? Haviam desaparecido? Mosken voltou o olhar para a janela.

— Aquilo aconteceu no mesmo dia em que os russos começaram a sério a sua ofensiva; a situação era, quando menos, caótica. A trincheira em questão já havia caído há tempos nas mãos russas quando eu acordei, e o regimento havia ido para outro lugar. Se Gudbrand tivesse sobrevivido, o mais provável é que tivesse ido parar no hospital do regimento de Nordland, na região norte. E o mesmo teria acontecido a Dale, se o tivessem ferido. Eu creio que também deveria estar ali. Mas já disse, quando acordei, me encontrava em outro lugar.

— Gudbrand Johansen não está nos registros do censo. Mosken voltou a encolher de ombros.

— Então aquela granada o matou. Isso foi o que imaginei então.

— E nunca tentou localizá-lo? Mosken negou com a cabeça.

Harry olhou ao seu redor à procura de algo que pudesse indicar que Mosken tinha café em casa, uma cafeteira, uma xícara. Sobre a lareira se via a foto de uma mulher, colocada em um porta retrato dourado.

— Está amargurado pelo que ocorreu a você e aos demais combatentes da frente oriental depois da guerra?

— No que se refere às condenações... Não. Sou realista. O julgamento foi realizado por necessidades políticas. Eu havia perdido a guerra. Não me queixo.

De repente, Edvard Mosken começou a rir como, sem que Harry compreendesse o porquê. Mas voltou a ficar sério em seguida.

— O que mais me doeu foi que me tachassem de traidor à pátria. Mas me consola pensar que nós que estivemos ali sabemos que defendemos a nossa pátria com a vida.

— Suas ideias políticas de então...

— Quer saber se são as mesmas de hoje? Harry concordou e Mosken respondeu com um sorriso amargo, antes de adicionar: — A resposta é simples, delegado. Não. Então eu estava errado.

— E não teve depois nenhum contato com os neonazistas?

— Deus me livre! Não! Em Hokksund houve algumas reuniões há um par de anos. Um desses idiotas me chamou e perguntou se queria ir e falar da guerra. Creio se chamar Blood and Honour. Ou algo assim.

Mosken se inclinou sobre a mesa. Em um dos extremos havia um monte de revistas cuidadosamente ordenadas e colocadas de forma que coincidiam à perfeição.

— O que o CNI procura exatamente? Localizar os neonazistas? Porque, nesse caso, veio ao lugar errado. Harry não estava muito certo do quanto deveria revelar no momento. Mas sua resposta foi bastante sincera:

— A verdade é que não sei bem que procuramos.

— Sim, esse é o CNI que eu conheço. Voltou a rir com a sua risada desagradável.

Harry chegaria depois à conclusão de que deveria ser a combinação daquela risada e o fato de que não tivesse servido um café o que determinou que formulasse a seguinte pergunta nos termos em que o fez:

— Como acha que os seus filhos aceitaram o fato de ter um pai com um passado nazista? Acha que foi determinante para que Edvard Mosken filho esteja agora na cadeia condenado por tráfico de drogas?

Harry se arrependeu em seguida, e quando viu a raiva e a dor aflorar aos olhos do velho. Sabia que teria podido descobrir o que queria sem dar um golpe tão baixo.

— Esse julgamento foi uma farsa! Explodiu Mosken. — O advogado de defesa do meu filho é neto do juiz que me julgou depois da guerra. Empenham-se em castigar os meus filhos para ocultar a sua própria vergonha pelo que fizeram durante a guerra. Eu...

Mosken se interrompeu de repente. Harry aguardou uma continuação que, não obstante, não aconteceu. De repente e sem prévio aviso, sentiu que o cachorro que tinha no estômago começava a ladrar... Não havia emitido o menor ruído há um bom tempo. Agora precisava de um gole.

— Um dos “Santos dos últimos dias”? Perguntou Harry.

Mosken encolheu os ombros outra vez. Harry intuiu que não conseguiria retirar mais nada sobre o tema nesta ocasião. Mosken olhou o relógio.

— Tem alguma reunião? Quis saber Harry.

— Pensava em dar uma volta pela casa de campo.

— Ah, sim? É longe?

— Em Grenland. Preciso aproveitar as horas de luz antes do anoitecer.

Harry se levantou. Ambos pararam no corredor, como procurando alguma frase adequada para se despedirem, quando Harry de repente pensou em algo:

— Disse que o feriram em Leningrado, no inverno de 1944, e que o levaram à enfermaria do colégio de Sinsem no final do verão. Onde esteve antes disso?

— A que se refere?

— Acabo de terminar de ler um dos livros de Even Juul. É um historiador especializado na guerra.

— Sei perfeitamente quem é Even Juul, cortou Mosken com um sorriso indecifrável.

— Segundo ele, o regimento Noruega foi dissolvido em Krasnoje em março de 1944. Onde esteve do mês de março até que chegou a Sinsen? Mosken ficou olhando para Harry um bom tempo. Depois, abriu a porta e olhou para fora.

— Quase zero graus, declarou por fim. — Dirija com cuidado.

Harry concordou. Mosken se esticou um pouco, fez sombra com uma mão e olhou para o hipódromo vazio, cujas pistas cobertas de cascalho descreviam uma curva cinza sobre a neve suja.

— Encontrava-me em lugares que uma vez tiveram nome, respondeu Mosken. — Mas que haviam trocado tanto que ninguém os reconhecia. Em nossos mapas só estavam assinaladas as rodovias, os rios, os lagos e os campos de minas, mas nenhum nome. Se disser que estive na Estônia, em um lugar chamado Parnu, pode ser que seja verdade, mas nem eu nem ninguém saberá com certeza. Passei a primavera e o verão de 1944 em uma cama escutando as metralhadoras e pensando na morte. Não em onde me encontrava.

* * *

Harry dirigia lentamente junto ao rio e parou ao ver o semáforo em vermelho antes da ponte. A segunda ponte, a E18, parecia uma prótese dentária de proporções gigantescas através da paisagem e impedia ver o fiorde de Dramen. Certo, nem tudo

estava bem em Drammen. Harry havia decidido parar para tomar um café em Børsem no caminho de volta, mas mudou de ideia ao lembrar que somente serviam cerveja.

O semáforo ficou verde e Harry acelerou. Edvard Mosken havia reagido com veemência à sua pergunta sobre seu filho. Harry decidiu que investigaria a fundo quem fora o juiz no processo contra Mosken. Enquanto dirigia, deu uma última olhada para Drammen no retrovisor.

Claro que havia cidades piores.

* * *

Quarenta e Sete

*SALA DE ELLEN
7 de Março de 2000*

ELLEN não havia descoberto nada. Harry havia passado por sua sala e estava agora sentado em sua velha cadeira, que não deixava de ranger. Haviam contratado um novo agente, um jovem oficial de Steinkjer, que se apresentaria dentro de um mês.

— Acha que sou adivinha? Perguntou ao ver a decepção no rosto de Harry. — Além disso, perguntei aos demais na reunião desta manhã, mas ninguém ouviu falar de nenhum Príncipe.

— E que tal com o Registro de Armas? Eles deveriam ter dados completos sobre os traficantes.

— Harry!

— Sim?

— Eu não trabalho mais para você.

— Para mim?

— Bem, pois contigo. Ainda que eu tenha a sensação de que ainda trabalho para você.

Harry deu um impulso com o pé e fez girar a cadeira. Quatro voltas. Jamais havia conseguido fazê-la girar mais de quatro vezes. Ellen levantou o olhar ao céu, com resignação.

— Certo. Também liguei para o Registro de Armas, admitiu por fim. — Mas eles tampouco haviam ouvido falar do Príncipe. Por que não lhe dão um ajudante no CNI?

— Não é um caso prioritário. Meirik permite me dedicar a ele, mas o que quer na realidade é que me dedique a descobrir o que estão tramando os neonazistas antes do Eid muçulmano.

— Uma das frases que me disse era “fixação pelas armas”. A verdade é que não me lembro de um ambiente mais obcecado pelas armas que os ambientes neonazistas. Por que não começar por aí? Mataria dois pássaros com um só tiro.

— Sim, já havia pensado nisso.

Quarenta e Oito

CAFÉ RYKTET, GRENSEN
7 de Março de 2000

EVEN JUUL estava na escada quando Harry estacionou o carro ante a sua casa. Burre estava ao seu lado, puxando a coleira.

— Que rapidez! Comentou Juul.

— Me coloquei em marcha quando desliguei o fone, explicou Harry. — Burre vem conosco?

— Não, somente o fiz andar um pouco, enquanto esperava. Entre, Burre. O cachorro olhou para Juul com expressão suplicante. — Venha! Para dentro!

Burre deu um passo atrás e entrou como uma flecha na casa. Também Harry se sobressaltou ante o inesperado grito de Juul.

— Bem, podemos ir, declarou Juul. Harry viu um rosto atrás da cortina da cozinha quando saíam.

— Está mais claro, disse Harry.

— Ah, sim?

— Falo dos dias. São mais longos. Juul concordou sem responder. — Estive pensando em uma coisa, confessou Harry. — A família de Sindre Fauke, como eles morreram?

— Já disse. Ele os matou.

— Sim, mas como?

— Com um tiro. Na cabeça.

— Os quatro?

— Sim.

Por fim encontraram um estacionamento em Grensen, de onde se encaminharam para o lugar que Juul havia insistido em mostrar a Harry quando falaram por telefone.

— Então isso é o Ryktet, disse Harry quando entraram no café parcamente iluminado e quase deserto.

Somente duas das velhas mesas de fórmica estavam ocupadas. Harry e Juul pediram

café e se sentaram a uma das que estavam junto à janela. Dois homens de idade avançada que ocupavam uma mesa no interior do local interromperam a conversa para observá-los.

— Me lembra de um café que vou de vez em quando, disse Harry apontando para os dois velhos.

— São fiéis, explicou Juul. — Velhos nazistas e ex-combatentes que continuam pensando que tinham razão. Aqui desafogam a sua amargura pela grande traição e criticam o governo de Nygaards e o estado geral da situação. Fazem isso, claro, os que ainda vivem. Porque vejo que restam cada vez menos.

— Continuam politicamente comprometidos?

— Claro que sim, continuam furiosos. Pela ajuda aos países em vias de desenvolvimento, pelas reduções do orçamento da Defesa, pelas mulheres que mandam, pelos casais de homossexuais, por nossos novos compatriotas, de origem estrangeira; No fundo, continuam sendo fascistas.

— E você acha que é possível que Urias seja frequentador deste local?

— Se o que Urias pretende por em prática for algum tipo de ato de vingança contra a sociedade, aqui encontrará gente que pensa como ele. Claro que existem outros lugares onde também se reúnem os ex-combatentes. Por exemplo, todos os anos realizam encontros de camaradas aqui em Oslo, aonde vão correligionários de todo o país, soldados e outros que estiveram na frente oriental. Mas esses encontros tem um carácter muito diferente do ambiente deste buraco; são autênticos atos sociais onde lembram os caídos e se é proibido falar de política. Não, se eu estivesse procurando um ex-combatente com planos de vingança, começaria por este lugar.

— Sua esposa já assistiu a algum desses, como os chamou... Encontros de camaradas? Juul cravou em Harry um olhar inquisitivo antes de negar lentamente com um gesto. — Pensei nisso de repente, explicou Harry. — Pensei que ela talvez tivesse algo para me contar.

— Não tem nada para contar, cortou Juul azedo.

— Ótimo. Existe alguma relação entre os neonazistas e os que você chama de fiéis?

— Por que me pergunta?

— Me deram uma informação. Parecer que Urias se serviu de um intermediário para conseguir o Märklin, alguém que se move em um ambiente obcecado pelas armas. Juul voltou a negar com a cabeça.

— A maioria dos ex-combatentes sentiria um grande desgosto se ouvissem chamá-los correligionários dos neonazistas. Ainda que estes tenham um profundo respeito pelos ex-combatentes, para eles, representam o sonho mais desejado: defender a pátria e a raça empunhando as armas.

— De modo que se um ex-combatente quisesse conseguir uma arma, poderia contar com o apoio dos neonazistas, não?

— Com certeza seria bem acolhido, sim. Mas teria que saber a quem se dirigir.

Poucos poderiam conseguir uma arma tão potente e avançada como a que procura. Por exemplo, não há muito que a polícia de Hønefos fez uma revista na garagem de uns neonazistas e encontrou um velho Datsum oxidado, carregado de maçãs de fabricação caseira, lanças de madeira e um par de machados. A maior parte dos pertencentes a este círculo se encontra, belicamente, na Idade da Pedra.

— Então, por onde devo começar a procurar uma pessoa que tenha contatos com traficantes de armas internacionais?

— O círculo não é muito grande, esse não é o problema. Certo que Fritt Ord, o diário nacionalista, afirma que em todo o país existem uns mil quinhentos nacional-socialistas e nacional-democratas; mas se ligar para a Monitor, a organização não governamental que se encarrega de manter vigiados os entornos fascistas, dirão que somente um total de cinquenta estão ativos. Não, o problema é que as pessoas com recursos, as que realmente movem os fios, não se veem. Não passeiam por aí com as botas e as suásticas tatuadas no antebraço, por assim dizer. São pessoas com posição social e que podem servir à causa, mas, para isso, tem que se manter na sombra.

Às suas costas, de repente, se ouviu uma voz grave:

— Even Juul! Como se atreve a vir a este lugar?

* * *

Quarenta e Nove

CINEMA GIMLE, CALÇADA DE BYGDØY

7 de Março de 2000

— Bom, o que acha que eu fiz? Perguntou Harry para Ellen enquanto a empurrava com suavidade para que avançasse na fila. — Estava ali sentado, me perguntando se não deveria me levantar e perguntar a algum dos velhos mal humorados se por casualidade não conheciam alguém que estivesse planejando perpetrar um atentado e que, por essa razão, tivesse adquirido uma escopeta muito mais cara que a média. E, nesse preciso momento, um deles se coloca por trás da mesa e grita com seu vozeirão: “Even Juul! Como se atreves a vir a este lugar?”.

— E o que fez? Quis saber Ellen.

— Nada. Simplesmente, continuei sentado enquanto que Even Juul virava o rosto. Como se tivesse visto um fantasma. Ficou claro que se conheciam. É a segunda pessoa que me encontro hoje que conhece Juul. Edvard Mosken também me falou que o conhecia.

— Não é de estranhar, não é? Juul geralmente escrever nos jornais, aparece na televisão, é um personagem público.

— Sim, claro, tem razão. Mas, continuando: Juul se levanta e vai direito para a rua. A única coisa que eu posso fazer é segui-lo. Quando me reúno com ele na rua, está branco como cera. Contudo, quando lhe pergunto pelo homem, afirma que não sabe quem é. Depois, eu o levei para casa e apenas se despede de mim antes de descer do carro. Estava muito afetado. Sessão das dez?

— Sim. Harry se agachou até a janela e pediu duas entradas.

— Tenho minhas dúvidas, confessou Harry.

— Por quê? Quis saber Ellen. — Porque fui eu quem escolheu o filme?

— É que, no ônibus, escutei uma jovem que mascava chiclete dizer a uma amiga que **TUDO SOBRE MINHA MÃE** é bonito.

— O que quer dizer?

— Que quando as jovens dizem que um filme é bonito, experimento uma sensação do tipo **TOMATES VERDES FRITOS**. Quando às mulheres servem um pastel decorado com algo mais brilhante que os espetáculos de Oprah Winfrey, parece que viram um filme quente, inteligente. Pipocas? Foi guiando-a até a fila do quiosque.

— Você é um caso perdido, Harry. Um caso perdido. Por certo, sabe que Kim ficou aborrecido quando disse que ia ao cinema com um colega?

— Idiota.

— Antes que se me esqueça, adicionou Ellen. — Tal como me pediu que fizesse, descobri o nome do advogado de defesa de Edvard Mosken filho. E o de seu avô, que presidiu os julgamentos por traição.

— E? Ellen sorriu.

— Johan Krohn e Kristiam Krohn.

— Surpresa.

— Estive falando com o promotor da causa contra Mosken filho. Aparentemente, Mosken pai perdeu os nervos ao ouvir que o tribunal julgou o seu filho culpado e chegou a agredir Krohn. Além disso, falou em voz alta que Krohn e seu avô conspiravam contra a família Mosken.

— Interessante.

— Ganhei um saco grande de pipocas, não acha?

TUDO SOBRE MINHA MÃE foi muito melhor do que Harry havia esperado. Ainda assim, no meio da cena onde enterram Rosa, perguntou a uma chorosa Ellen onde ficava Grenland. Ellen disse que era a área em torno de Porsgrunm e Skien. Depois, a deixou ver o filme sem mais interrupções.

* * *

Cinquenta

OSLO
8 de Março de 2000

HARRY via que o terno estava pequeno. Via, mas não compreendia por quê. Não havia engordado desde que tinha dezoito anos e o terno estava perfeito quando o comprou na Dressmann, para a festa de formatura em 1990. Agora via claramente no espelho do elevador que, entre as calças e os sapatos negros Dr. Martens, aparecia a franja das meias. Aquele era, sem dúvida, um desses mistérios insolúveis.

As portas do elevador se abriram e Harry começou a ouvir a música, a conversa alta dos homens e das mulheres, que saía pelas portas abertas da cantina. Olhou o relógio. Eram oito e quinze. Ficaria até as onze. Nessa hora, iria para casa. Conteve a respiração, entrou na cantina e deu uma olhada ao seu redor. Era como todas as cantinas norueguesas, um local quadrado com um balcão de vidro em um extremo, para pedir a comida, móveis de claros de madeira vinda de algum fiorde de Sunmøre, e cartazes de proibido fumar. Os organizadores haviam feito o possível por camuflar a cotidianidade com globos e panos vermelhos. Ainda que se vissem muitos homens, a divisão de sexos era mais equitativa que nas festas da polícia judicial. Parecia que a maioria já tivera tempo de ingerir bastante álcool. Linda havia mencionado algo próximo de umas bebidas prévias na casa de alguém, e Harry se alegrou de que não o tivessem convidado.

— Como ficou elegante de terno, Harry!

Era Linda. Apenas pôde reconhecê-la com aquele vestido tão ajustado que mostrava seus quilos a mais, mas também sua feminina altivez. Trazia uma bandeja com bebidas de cor laranja que, solícita, segurava ante ele.

— Eh... Não obrigado, Linda.

— Não fique tímido, Harry. É uma festa!

* * *

“Tonight we're gonna party like it's nineteen-ninety-nine...”, cantava Prince aos gritos. Ellen se inclinou no assento dianteiro e abaixou o volume. Tom Waaler lhe deu uma olhada fugaz.

— É que estava um pouco alto, ela se desculpou enquanto pensava que somente faltavam três semanas para que chegasse o agente de Steinkjer; a partir de então, não teria que voltar a trabalhar com Waaler.

Não era a música. Waaler tampouco lhe fazia a vida impossível. E, é claro, não era um policial ruim. Eram as ligações telefônicas. E não porque Ellen Gjeltén não fosse compreensiva com a vida sexual, mas a metade das ligações que seu colega recebia era de mulheres que, segundo ela deduzia pela conversa, Waaler estava abandonando, havia abandonado ou estava a ponto de abandonar. As conversas com estas últimas eram as mais desagradáveis. Eram as que mantinha com as mulheres que ainda não havia destruído; com elas utilizava um tom de voz especialíssimo que até que Ellen sentisse desejos de gritar: “Não faça isso!”. Ellen Gjeltén era uma pessoa generosa e capaz de desculpar as debilidades humanas. No caso de Tom Waaler não havia detectado muitas debilidades, mas tampouco demasiada humanidade. Simplesmente, não gostava dele.

Passaram ante Tøyenparken. Tinham dado uma informação a Waaler de que alguém vira Ayub, o chefe da gangue acusado de uma agressão em dezembro, no restaurante persa Aladdin, na Rua Hausmannsgate, próximo do Slottsparken. Ellen sabia que chegavam muito tarde e que não restava mais que perguntar por ali se alguém sabia onde estava Ayub. Não obteriam nenhuma resposta, mas ao menos teriam dado a entender com sua presença que não pensavam em deixá-lo em paz.

— Espere no carro, vou dar uma olhada, disse Waaler.

— Certo. Waaler desceu o zíper do casaco de pele.

“Para exibir os músculos que havia conseguido fazendo pesos na academia da polícia”, pensou Ellen. Ou talvez para que se veja parte da coronha da pistola e saibam que está armado. Os oficiais do grupo de delitos violentos tinham permissão para usar armas, mas ela sabia que Waaler não utilizava a arma regulamentar, mas um revólver de grande calibre pelo que ela não tivera forças para perguntar. Depois dos carros, o tema de conversa favorito de Waaler eram as armas e, ante isso, Ellen preferia os carros. Ela em troca não usava nenhuma arma, a menos que o exigissem, como ocorrera no outono anterior, por causa da visita do presidente.

Algo murmurava no mais recôndito de seu cérebro. Mas o murmúrio se viu interrompido por um zumbido versão digital de **NAPOLEON**. Era o celular de Waaler. Ellen abriu a porta para chamá-lo, mas ele já estava entrando no restaurante Aladdin. Fora uma semana muito tediosa. Ellen não poderia se lembrar de outra tão tediosa desde que começou na polícia. E temia que tal sensação se devesse a que agora tinha uma vida

particular para atender. De repente tinha sentido voltar para casa antes que fosse demasiado tarde, e as escalas dos sábados, como a daquela noite, viraram um sacrifício. O celular parou de tocar **NAPOLEON**... Pela quarta vez.

Seria uma das abandonadas? Se Kim a deixasse agora... Mas não faria. Simplesmente, estava convencida disso. **NAPOLEON** pela quinta vez. Dentro de duas horas terminaria a sua ronda e iria para casa, tomaria um banho e depois para casa de Kim, na Rua Helgesen, a somente cinco minutos de caminhada a pé: Ellen conteve o riso. Sexta vez! Agarrou o celular, que estava debaixo do freio de mão.

“Este é o serviço de secretária eletrônica de Tom Waaler. Lamentamos comunicar que o senhor Waaler não se encontra disponível. Mas pode deixar sua mensagem depois de ouvir o sinal”.

Tinha pensado em uma brincadeira e dizer seu nome depois, mas, por alguma razão, ficou em silêncio com o celular na mão, escutando a pesada respiração do interlocutor. Talvez porque fosse emocionante, ou talvez por curiosidade. Entendeu que a pessoa que estava do outro lado acreditava que iria falar com uma secretária eletrônica e estava esperando o pip! De modo que Ellen apertou uma das teclas numéricas. Pip, ouviu.

— Alô, sou Sverre Olsen.

* * *

— Alô, Harry, esta é... Harry se voltou para Meirik, mas o resto de sua frase se perdeu no estrépito, pois o auto-eleito DJ da festa subiu o volume da música que bombeava dos alto-falantes situados nas costas de Harry:

“That don't impres me much...”

Harry não estava na festa há mais de vinte minutos, já havia olhado o relógio duas vezes e tivera tempo de perguntar a si mesmo quatro vezes: teria o assassinato daquele ex-combatente alguma relação com a compra do rifle Märklin? Quem seria capaz de cometer um assassinato com uma faca, tão rápida e limpamente, em plena luz do dia em um portal do centro de Oslo? Quem era o Príncipe? Tinha algo a ver com aquela sentença contra o filho de Mosken? O que acontecera com Gudbrand Johansen, o quinto combatente norueguês? E por que Mosken não se preocupara em procurá-lo depois da guerra, se era verdade que Gudbrand Johansen havia lhe salvado a vida?

E ali estava, ao lado de um dos alto-falantes, com uma cerveja sem álcool no copo, sim, para que ninguém perguntasse por que não bebia álcool, enquanto olhava para dois dos funcionários mais jovens do CNI que dançavam na pista.

— Sinto muito, não ouvi, se desculpou Harry.

Kurt Meirik remexia em seu copo uma bebida de cor laranja. Não obstante, parecia estar mais bem vestido do que de costume em seu terno azul listrado que lhe caía como uma luva, pelo que Harry podia ver. Puxou das mangas do paletó, consciente de que os punhos de sua camisa se viam muito por cima dos dedos. Meirik se aproximou um pouco mais.

— Estava tentando dizer que esta é a chefe de nossa seção internacional, a delegada...

Harry notou então a presença da mulher que Meirik tinha ao seu lado. Complexão delgada. Camisa vermelha, simples. Teve um pressentimento. “So you got the looks, but have you got the touch...”, continuava a música. Olhos castanhos. Pômulos salientes. Tom de pele queimado. O cabelo curto e escuro emoldurava um rosto fino. A mulher sorria com os olhos. Harry a lembrava bonita, mas não tão... Encantadora. Aquela era a única palavra que viera à sua mente para descrever o que tinha ante si. Sabia que o fato de que ela estivesse ali, diante dele, devia deixá-lo mudo de surpresa, mas de algum modo, ficou calmo.

— ... Raquel Fauke, disse Meirik.

— Sim, já nos encontramos antes, disse Harry.

— Ah, sim? Perguntou Meirik surpreso. Ambos olhavam para a mulher.

— É, disse ela. — Mas creio que não chegamos a nos apresentar.

Raquel Fauke lhe estendeu a mão com o pulso ligeiramente flexionado que, uma vez mais, fez Harry pensar nas aulas de piano e ballet.

— Harry Hole. Apresentou-se.

— Ah! Ela respondeu. — Claro que é você. De delitos violentos, não é certo?

— Exato.

— Quando nos vimos, não sabia que você era o novo delegado do CNI. Se me tivesse dito...

— O quê? Perguntou Harry. Ela ladeou ligeiramente a cabeça.

— Pois sim, o quê? Arrematou entre risadas.

Sua risada provocou que aquela palavra ridícula voltasse à mente de Harry:

encantadora.

— Bem, ao menos teria dito que trabalhamos no mesmo lugar, concluiu Raquel Fauke. — Em condições normais, não falo para as pessoas onde trabalho. Fazem umas perguntas tão estranhas... Afirmo que consigo acontece o mesmo.

— Claro, respondeu Harry. A mulher voltou a rir e Harry se perguntou o que haveria de fazer para que risse desse modo constantemente.

— Como é que não o vi antes no CNI? Perguntou Raquel Fauke.

— A sala de Harry fica no fundo do corredor, esclareceu Kurt Meirik.

— Então fica na sala no fundo do corredor, eh? Harry concordou sombrio.

— Bem, bem, interveio Meirik. — Íamos ao bar, Harry. Harry aguardou um convite que não chegou. — Falaremos depois, se despediu Meirik.

“Compreensível”, Harry pensou. Com certeza eram muitos os que esperavam naquela noite a palmadinha nas costas do chefe do CNI e da delegada. Colocou-se de costas para os alto-falantes, e deu uma olhada furtiva enquanto se afastavam. Ela o havia reconhecido. E lembrava que não se haviam se apresentado da primeira vez que se viram.

* * *

“There's something else: the afterworld...” Waaler fechou a porta do carro atrás de si.

— Ninguém encontrou com Ayub, nem o viram nem ouviram falar dele, sintetizou. — Vamos embora.

— Muito bem, disse Ellen antes de olhar o retrovisor e girar para se afastar da calçada.

— Vejo que também está começando a gostar de Prince.

— Você acha?

— Pelo menos, aumentou o volume enquanto eu estava fora.

— Ah. Ellen lembrou que precisava ligar para Harry.

— Algum problema? Ellen olhava fixamente ante si, scrutando o asfalto cinza e húmido, cintilando à luz dos faróis.

— Um problema? Que problema?

— Não sei. Está com uma expressão... Como se tivesse acontecido algo...

— Não, não aconteceu nada, Tom.

— Alguém ligou? Olhe! Gritou Tom dando um pulo em seu assento e apoiando ambas as mãos no painel de instrumentos. — Não está vendo o outro carro?

— Sinto muito.

— Quer que eu dirija?

- Que você dirija? Por quê?
- Porque você dirige como...
- Como o quê?
- Esqueça. Perguntava se alguém ligou.
- Não, Tom, não ninguém ligou. Se alguém tivesse ligado, eu teria dito, não?

Precisava ligar para Harry. E rápido.

- E então, por que desligou o meu celular?
- Que? Perguntou Ellen olhando-o aterrada.
- Não tire o olhar da estrada, Ellen. Perguntava por quê...
- Estou dizendo que não ninguém ligou. Deve ter desligado você mesmo! Ellen havia aumentado a voz sem se dar conta, até o ponto de que a ela mesma notou.
- Certo, Gjelten, tranquilizou-a seu colega. — Relaxe. Foi só uma pergunta.

Ellen tentou seguir o conselho, respirar compassadamente e pensar somente no trânsito. Virou à esquerda na rotunda depois da Rua Vahl. Era sábado à noite, mas as ruas daquela parte da cidade estavam quase desertas. Luz verde. À direita pela Rua Jens Bjelke. À esquerda descendo pela Rua Tøyenhata. No estacionamento da Delegacia. Durante todo o trajeto, não parou de sentir o olhar inquisitivo e curioso de Tom.

* * *

Harry não havia olhado o relógio uma só vez desde que lhe apresentaram a Raquel Fauke. Inclusive dera uma volta com Linda para cumprimentar a alguns colegas. A conversa não fluía. Perguntavam qual era o seu nível e, uma vez que havia respondido, o diálogo morria. Provavelmente se devia a uma regra tácita do CNI: não perguntar muito. Tanto melhor, porque ele tampouco tinha algum interesse especial neles. Ao cabo de um tempo, estava de volta junto ao alto-falante.

Havia visto o vermelho da roupa de Raquel Fauke um par de vezes; pelo que pode deduzir, se dedicava a circular pela sala sem se deter para falar demasiado com ninguém. E ainda não havia dançado, disso estava certo. “Deus santo! estou me comportando como um adolescente” se recriminou. Voltou a olhar o relógio. Nove e meia. Podia se aproximar dela, trocar umas palavras, para ver o que aconteceria. E, se não acontecesse nada, sempre poderia seguir seu caminho e começar a dança que havia prometido a Linda antes de ir embora para casa. Se não acontecesse nada? Mas no que havia acreditado? Com uma delegada que estava praticamente casada! Precisava um gole. Não. Voltou a olhar o relógio. Sentiu calafrios ante a ideia da dança que havia se comprometido. Devia ir para casa. Quase todos já estavam bastante bêbados. Mas nem

estando sóbrios se dariam conta de que o novo delegado do fundo do corredor havia ido embora. Poderia simplesmente sair pela porta e apanhar o elevador. Inclusive tinha o Escort que, fiel, o aguardava fora. E Linda parecia estar se divertindo na pista de dança, onde havia se aferrado a um jovem oficial que a fazia dar voltas com um sorriso brincalhão.

— O concerto do Raga em Justivalem foi mais movimentado, não acha? Perguntou Raquel Fauke. Ao ouvir tão próximo a sua voz grave, sentiu que o coração acelerava no peito.

* * *

Tom estava na sala de Ellen, junto à sua cadeira.

— Sinto ter sido um pouco brusco antes, no carro, se desculpou.

Ellen não o ouvira entrar e deu um pulo na cadeira. Tinha o fone na mão, mas ainda não havia discado o número.

— Bah, não se preocupe, ela disse. — Sou eu que estou um pouco... Já sabe.

— Pré-menstrual?

Ellen levantou o olhar como um raio e imaginou em seguida que não era uma brincadeira: seu colega pretendia realmente ser compreensivo.

— É possível, ela mentiu. Por que Tom teria entrado em sua sala assim, sem mais? Era algo que não conseguia fazer.

— Bom, Gjelten, a ronda terminou, disse Tom ao mesmo tempo em que apontava o relógio da parede, que indicava dez horas. — Estou com o carro lá embaixo. Levo-a para casa.

— Obrigado, mas antes preciso fazer uma ligação. Vá e não me espere.

— Uma chamada particular?

— É somente...

— Bom, então espero aqui.

Waler se deixou cair na velha cadeira de Harry, que emitiu um barulho de protesto. Seus olhares se encontraram. Merda! Por que não dissera que sim, que era uma conversa particular? Agora já era demasiado tarde. Suspeitaria que ela havia descoberto algo? Ellen tentou ler o seu olhar, mas era como se a sua capacidade tivesse desaparecido por causa dos nervos. Nervos? Sabia bem por que nunca se sentira cômoda com Tom Waler. Não

era por sua visão das mulheres, as pessoas de outra raça, os jovens ativistas e os homossexuais, nem por sua tendência a aproveitar qualquer razão plausível para recorrer à violência. De fato, era capaz de relacionar outros dez agentes de polícia que superavam Tom Waaler nesse tipo de atitude. Não obstante, havia conseguido detectar neles algum que outro rasgo positivo que permitiria ser possível se relacionar com eles. Mas no caso de Tom Waaler, havia algo mais, e sabia o que era: tinha medo dele.

— Na realidade, posso deixar para segunda-feira. Disse por fim.

— Ótimo, disse o colega se levantando de novo. — Pois então vamos.

Waaler tinha um desses esportivos japoneses que para Ellen pareciam imitações baratas de uma Ferrari. Tinha uns bancos como cubos que aprisionavam os ombros do ocupante, e os alto-falantes pareciam abarcar a metade do veículo. O motor emitia um mimoso ronronar e as luzes dos faróis envolviam o interior enquanto eles avançavam pela Rua Trondheimsveien. Uma voz em falsete que ela havia aprendido a reconhecer apareceu nos alto-falantes: “... I only wanted to be some kind of a friend, I only wanted to see you hathing...”. Prince. O Príncipe.

— Pode me deixar aqui, disse Ellen tentando adotar um tom de voz natural.

— Nada disso, disse Waaler olhando o retrovisor. — Serviço de porta a porta. Aonde vamos? Ellen reprimiu o impulso de abrir a porta e saltar para a calçada.

— À esquerda, disse apontando a rua. “Oxalá esteja em casa, Harry.”

— Rua Jens Bjelke, leu Waaler em voz alta ao mesmo tempo em que virava.

A iluminação era mais escassa ali que nas ruas que haviam deixado para trás, e as calçadas estavam desertas. Pelo rabo de olho, Ellen via deslizar pelo rosto de Tom pequenos facho de luz. Saberia ele que ela já sabia? Teria visto que tinha a mão no bolso, aferrada ao aerossol de gás que havia comprado na Alemanha e que havia passado a usar no outono passado, quando Tom lhe falou que se colocava em perigo a si mesma e a seus colegas ao se negar a usar armas? E não havia lhe insinuado discretamente em alguma ocasião que ele poderia conseguir uma arma curta de fácil manejo que poderia ocultar em qualquer parte do corpo, que não fosse registrada e que, portanto, ninguém relacionaria com ela no caso de acontecer uma “desgraça”? Ellen não o interpretou de forma tão direta naquela ocasião, pois pensou que era uma dessas macabras brincadeiras machistas com que conseguia se deixar cair e não lhe deu importância.

— Pare junto a esse carro vermelho.

— Mas o número quatro é na próxima quadra! Exclamou Tom.

Teria lhe dito ela mesma que morava no número quatro? Talvez. E com certeza

esquecera. Sentiu-se transparente, como uma medusa de vidro, imaginou que ele poderia ver seu coração batendo descompassado.

O motor ronronava suavemente. Tom havia parado o carro. Ela procurava febrilmente a manivela da porta. Fodidos engenheiros esses japoneses! Por que não podiam colocar na porta simplesmente uma maçaneta normal, fácil de distinguir?

— Nos veremos na segunda-feira, ouviu Waaler dizer às suas costas ao mesmo tempo em que encontrava a maçaneta, saía rápido e inalava o tóxico ar invernal de Oslo como se tivesse emergido à superfície depois de estar muito tempo debaixo de frias águas. A última coisa que ouviu antes de abrir a pesada porta do portal foi o suave som do motor do carro de Waaler, que continuava ronronando suavemente.

Subiu atropeladamente as escadas, pisando forte em cada degrau empunhando as chaves como se usasse uma varinha mágica. E entrou no apartamento. Enquanto discava o número do apartamento de Harry, rememorou palavra por palavra a mensagem de Sverre Olsen: “Sou Sverre Olsen. Continuo esperando os dez mil de comissão pelo cachimbo do velho. Ligue para a minha casa”. E depois, desligou.

Ellen levou uma fração de segundo para compreender a situação. A quinta frase dizia quem era o intermediário no negócio do Märklin. Um policial. Tom Waaler. Naturalmente. Dez mil coroas de comissão para um imbecil como Olsen: devia de ser algo grande. O velho. Um entorno obcecado pelas armas. Simpatizantes da extrema direita. O Príncipe que não demoraria a ser promovido a delegado. Era mais claro que água, tanto que, por um instante, lhe chocou que, em que pese a sua capacidade para detectar o que os demais ocultavam, não tivesse se dado conta antes. Estava consciente de que a paranoia havia se apoderado dela mas, enquanto esperava que ele que saísse do restaurante, não pudera evitar de pensar que Tom Waaler tinha todas as possibilidades de crescer, de mover os fios de postos cada vez mais importantes, sob a sombra do poder, e somente os deuses sabiam com quem já teria se aliado na Delegacia. Pensando bem, havia vários dos que jamais suspeitaria que estivessem implicados. Mas o único que estava certa de que poderia confiar cem por cento era Harry.

Por fim o sinal. Não atendia. Jamais atendia. Vamos, Harry!

Sabia, além disso, que era questão de tempo, até que Waaler falasse com Olsen e descobrisse o que tinha acontecido; e não teria a menor dúvida de que, a partir desse momento, sua vida correria perigo. Precisava atuar com rapidez, mas não poderia se permitir um só passo em falso. Uma voz interrompeu os seus pensamentos:

— “Esta é a secretária eletrônica automática de Hole.”. Pip.

— Harry! Sou Ellen. Estou ligando para o seu celular.

Segurou o fone com o queixo enquanto discava H na agenda do telefone, que caiu ao chão com estrépito. Ellen soltou uma maldição até que, por fim, encontrou o número de celular de Harry. “Por sorte, ele nunca se separa do celular”, pensou enquanto discava. Ellen Gjeltén morava no terceiro andar de um edifício recém-reformado, em companhia de um passarinho chamado Helge. As paredes do apartamento tinham uma grossura de meio metro e duplamente envidraçado. Não obstante, Ellen teria jurado que ainda ouvia o persistente ronronar de um carro.

* * *

Raquel Fauke deixou ouvir a sua risada.

— Se prometeu uma dança para Linda, não se livrará de levá-la à pista.

— Bem. A alternativa é fugir. Fez-se uma pausa durante a qual Harry notou que o que acabava de dizer poderia ser mal interpretado. De modo que se apressou a perguntar:

— E como começou no CNI?

— Foi pelo russo, explicou ela. — Admitiram-me em um curso de russo realizado pelo Ministério de Defesa e estive em Moscou dois anos, trabalhando como intérprete. Kurt Meirik me recrutou então. Quando terminei o curso de direito, entrei no CNI, diretamente no nível salarial trinta e cinco. E acreditei que seria transferida para Flandres.

— E não foi assim?

— Não! Meus colegas de carreira ganham hoje três vezes mais do que eu jamais ganharei.

— Poderia ter saído e começar a trabalhar no mesmo que eles. Raquel Fauke encolheu os ombros.

— Gosto do que faço. Não se pode dizer o mesmo de todos os meus colegas.

— Sim, há algo de verdade no que diz. Pausa. “Há algo de verdade no que diz.”. Acaso não era capaz de dizer nada melhor?

— E que tal você, Harry? Gosta do que faz?

Seguiam olhando para a pista de dança, mas Harry havia notado o seu olhar, de como o estudava. Por sua cabeça passavam ideias de muito diversa índole. Que Raquel Fauke tinha pequenas rugas em torno dos olhos e da boca; que a cabana de Mosken era longe do lugar onde haviam encontrado os cartuchos vazios do Märklin; que, segundo o diário Dagbladet, quarenta por cento das mulheres norueguesas do entorno urbano eram infiéis; que precisava perguntar à esposa de Even Juul se ela se lembrava de três soldados noruegueses do regimento Norge que foram feridos ou mortos por uma granada de mão

lançada de um caça, e que deveria ter comprado um terno da Dressmanm durante a promoção de Ano Novo que anunciaram na cadeia de televisão TV3.

— Às vezes, respondeu por fim.

— O que mais gosta no seu trabalho?

— Não sei. Parece uma resposta medíocre?

— Não sei.

— Não que eu não tenha refletido sobre por que sou policial. Claro que já fiz isso. Mas continuo sem saber. Talvez simplesmente porque goste de prender os maus.

— E o que faz quando não está prendendo os maus?

— Ver **A ILHA DOS FAMOSOS**.

Ela voltou a rir. E Harry sabia que seria capaz de dizer qualquer estupidez para fazê-la rir daquele jeito. Fez um esforço para falar com certa seriedade de qual era a sua situação existencial naquele momento, mas, uma vez excluídos os detalhes desagradáveis, não ficou muito que dizer. Contudo, já que ela parecia interessada em continuar escutando, adicionou algo sobre seu pai e de sua irmã Søs. Porque, quando alguém pedia que falasse de si mesmo, terminava sempre falando de Søs?

— Parece uma jovem maravilhosa, opinou ela.

— A melhor, afirmou Harry. — E a mais valente. Não tem medo de nada. Um piloto de provas da vida.

Harry falou de uma ocasião em que Søs fez uma oferta verbal para a compra de um apartamento na Rua Jacob Aall; vira a fotografia nas páginas de anúncios imobiliários do diário Aftenposten. Só porque o papel pintado da fotografia lembrava o de sua residência de infância em Oppsal. Raquel Fauke riu de tal modo que salpicou de tequila o paletó de Harry.

— O melhor de Søs é que, quando se esborracha, simplesmente se levanta, tira um pouco do pó e em seguida está pronta para a missão suicida seguinte. Raquel Fauke lhe limpou a gola do paletó com um lenço.

— E você, Harry, o que você faz quando se esborracha?

— Eu? Bem. Fico estirado um tempo. Até que volte a levantar. Não há outra alternativa, não?

— Sim, há algo de verdade no que diz, comentou Raquel.

Harry olhou o rosto dela para verificar se estava zoando dele e, de fato, viu-a rir com o olhar. Aquela mulher irradiava força, mas Harry duvidava muito de que fosse experiente no campo das aterrisagens forçadas.

— Bem, agora toca a você me contar algo, afirmou Harry. Raquel não tinha nenhuma irmã à que recorrer, era filha única. Assim falou do trabalho.

— Mas nós não somente prendemos alguém, comentou. — A maioria dos assuntos é resolvida amistosamente com ligações telefônicas ou em uma recepção em alguma embaixada. Harry deixou ver um meio sorriso.

— Como se ajeitou a coisa com o agente do Serviço Secreto em que dei um tiro? Disse Harry. — Por telefone ou em uma recepção?

Ela olhou-o pensativa enquanto colocava a mão no copo para retirar um cubo de gelo. Prendeu-o entre dois dedos até que uma gota de água rodou lentamente por seu pulso, debaixo da fina pulseira de ouro até o cotovelo.

— Dança, Harry?

— Se não me lembro mal, acabo de investir no mínimo dez minutos em explicar como detesto. Ela voltou a ladear a cabeça.

— Quero dizer, dança comigo?

— Com esta música? Uma versão com flauta, superlenta, de LET IT BE surgia dos alto-falantes.

— Sobreviverá. Considere um aquecimento à grande prova de dança com Linda. Raquel pousou uma mão sobre o seu ombro.

— Estamos flertando? Perguntou Harry.

— Como, delegado?

— Sinto muito, mas não sei muito bem interpretar esse tipo de sinais ocultas, assim pergunto se estamos flertando.

— Jamais me passaria pela cabeça. Harry lhe rodeou a cintura com o braço e iniciou uns passos de dança.

— Sinto como se estivesse perdendo a virgindade, confessou Harry. — Mas suponho que é inevitável, algo que todo homem norueguês deve passar cedo ou tarde.

— Do que está falando? Perguntou ela rindo.

— De dançar com uma colega em uma festa do trabalho.

— Mas eu não o obriguei.

Harry sorriu. Poderia ser qualquer música, poderiam estar escutando PASSARINHOS interpretada de trás para frente: teria matado por aquela dança.

— O que é isso que está usando aí? Perguntou Raquel Fauke.

— Bem, não é uma pistola. Mas...

Harry apanhou o celular do cinto e soltou-a um instante para ir colocá-lo sobre o

alto-falante. Quando voltou, ela o aguardava com os braços abertos.

— Espero que aqui não tenha ladrões, disse Harry.

Tratava-se de uma piada velhíssima que costumava ser contada na Delegacia; ela devia tê-la ouvido centenas de vezes, mas, ainda assim, riu docemente junto à sua orelha.

* * *

Ellen aguardou até que se esgotassem os toques do celular de Harry antes de desligar e tentar de novo. Estava junto à janela, observando a rua. Nenhum carro. Claro que não, estava histérica. E Tom estaria agora caminho de sua casa e de sua cama; ou de outra cama. Depois da terceira tentativa, desistiu de falar com Harry e ligou para Kim, que respondeu com voz sonolenta.

— Devolvi o táxi as sete desta noite... Passei mais de vinte horas dirigindo.

— Vou tomar um banho, disse ela. — Só queria saber se já estava aí.

— Parece nervosa.

— Não é nada. Chegarei em quarenta e cinco minutos. Vou precisar fazer uma ligação de sua casa. E depois irei dormir.

— Ótimo. Importar-se-ia em passar pelo Seven-Eleven de Markveiem e comprar cigarros?

— Ok. Tomarei um táxi.

— Por quê?

— Explicarei quando chegar aí.

— Sabe que hoje é sábado à noite? Esquece de que não responderão na empresa de rádio-táxi. E não levará mais de quatro minutos em chegar aqui a pé. Ellen vacilou um instante.

— Você me ama?

Ellen ouviu sua doce risada através do fone e imaginou os seus olhos meio adormecidos e meio fechados e seu corpo delgado, quase esquelético, debaixo do edredom, no triste apartamento da Rua Helgesen. E, por um instante, Ellen quase se esqueceu de Tom Waaler. Quase.

* * *

— Sverre!

A mãe de Sverre Olsen estava no patamar da escada e gritava com toda a força de

seus pulmões, tal e como fizera sempre, desde que Sverre tinha uso de razão.

— Sverre! Telefone! Gritava como se estivesse pedindo ajuda, como estivesse se afogando ou algo assim.

— Atenderei aqui em cima, mãe!

Desceu as pernas da cama, apanhou o fone e esperou até ouvir que sua mãe havia desligado no andar de baixo.

— Alô?

— Sou eu. Prince como música de fundo. Sempre Prince.

— Sim, já imaginava, respondeu Sverre.

— E por que isso? Perguntou como um raio. Tanto que Sverre se colocou em seguida na defensiva, como se fosse ele quem devesse dinheiro a Tom e não ao contrário.

— Suponho que está ligando porque recebeu a minha mensagem, não é? Perguntou Sverre.

— Liguei porque estou olhando a lista de ligações recebidas. E vejo que esta noite falou com alguém às vinte e trinta e dois. De que mensagem está me falando?

— Deixei uma mensagem sobre o nosso negócio, claro. Começo a andar apertado e você me prometeu...

— Com quem falou?

— Como? Com a secretária eletrônica. Sem resposta. Tão somente Prince, a um volume muito baixo. “You sexy motherfucker...”. De repente, a música parou.

— Repita-me exatamente o que você disse.

— Só disse que...

— Não! Repita exatamente. Palavra por palavra. Sverre reproduziu a mensagem com tanta precisão como pôde.

— Temia que acontecesse algo assim, disse o Príncipe. — Acaba de contar toda a operação a uma pessoa alheia, Olsen. Se não tapamos essa fuga imediatamente, estamos acabados. Entendeu?

Sverre Olsen não entendia nada. O Príncipe parecia tranquilo enquanto explicava que o celular estivera por uns minutos em mãos da pessoa errada.

— O que ouviu não foi uma secretária eletrônica, Olsen.

— E então, quem era?

— Digamos que era o inimigo.

— A agência Monitor? Tem alguém vigiando?

— Não. Mas detê-la agora é coisa sua.

— Coisa minha? Eu somente quero o meu dinheiro e...

— Feche o bico, Olsen. E Olsen fechou o bico. — É pela causa. Você é um bom soldado, não é?

— Sim, mas...

— E um bom soldado não deixa rastro atrás de si, não é?

— Minha missão era simplesmente ser um mensageiro entre o velho e você; é você quem...

— Em especial quando sobre esse soldado pesa uma sentença de três anos que, por causa de um erro de forma, se transformou em condicional. Sverre ouviu o ruído de sua própria garganta ao engolir saliva.

— E como você sabe disso? Começou a perguntar.

— Não se preocupe com isso. Só quero que entenda que tem tanto a perder quanto eu e o restante da irmandade.

Sverre não respondeu. Não era necessário.

— Olhe o lado positivo, Olsen. Assim é a guerra. E na guerra não há lugar para covardes e traidores. E pense que a irmandade premia os seus soldados. Além dos dez mil, receberá quarenta mil a mais quando terminar o trabalho. Sverre pensava... Na roupa que ia colocar.

— Onde? Perguntou.

— Na Praça Schou, dentro de vinte minutos. Traga tudo o que precisar.

* * *

— Não bebe? Perguntou Raquel.

Harry olhou ao seu redor. A última vez que dançaram estavam tão agarrados, que com certeza provocaram a estranheza de algum que outro. Agora haviam se retirado para uma mesa afastada na cantina.

— Parei, explicou Harry. Ela concordou. — É uma longa história, adicionou. — Mas esta noite somente tenho vontade de ouvir histórias divertidas, comentou com um sorriso evasivo. — Melhor falarmos de você. Não terá algo na infância que tenha vontade de contar? Harry confiava em que lhe arrancaria umas risadas, mas ela simplesmente sorriu tristemente.

— Minha mãe morreu quando eu tinha quinze anos, mas, fora disso, falo de quase tudo.

— Caramba, sinto muito.

— Não há nada para se desculpar. Era uma mulher excepcional. Mas não íamos falar de coisas divertidas?

— Tem irmãos?

— Não, somente somos meu pai e eu.

— Então teve que tomar conta dele sozinha? Raquel olhou-o perplexa. — Sei como se sente, adicionou Harry. — Eu também perdi a minha mãe. Meu pai ficou sentado em uma cadeira olhando para a parede durante anos. Literalmente, precisava dar de comer a ele.

— Meu pai foi proprietário de uma grande cadeia de material de construção que ele mesmo construiu do nada e que eu acreditava que era a coisa mais importante de sua vida. Mas, quando minha mãe morreu, perdeu por completo o interesse pelo trabalho de um dia para outro. E precisou vender a empresa antes que falisse. Além disso, afastou de seu lado todas as pessoas que conhecia, eu incluída. Transformou-se em um homem amargurado e solitário.

Raquel Fauke fez um gesto de resignação.

— Eu tinha minha própria vida para viver. Havia conhecido um homem em Moscou e meu pai se sentiu traído porque eu queria me casar com um russo. Quando trouxe Oleg para a Noruega, as coisas se complicaram bastante entre nós.

Harry se levantou para voltar em seguida com uma margarita para ela e um refrigerante de cola.

— É uma pena que não nos conhecêssemos na faculdade, Harry.

— Eu era um bobo então, confessou Harry. — E era contra todos aqueles que não gostavam dos mesmos discos e dos mesmos filmes que eu. Não gostava de ninguém. Nem de mim mesmo.

— Isso eu não acredito.

— Essa frase eu roubei de um filme. O tipo que falou-a se casou com Mia Farrow. Quero dizer, no filme. Nunca verifiquei se funciona na vida real.

— Bem, começou Raquel enquanto saboreava a margarita. — Eu creio que é um bom princípio. Mas está certo de que também não roubou essa história de que roubou a frase de um filme?

Ambos riram e começaram a falar de bons e maus filmes, de bons e maus concertos em que estiveram, e, a medida que falavam, Harry compreendeu que precisava modificar bastante sua primeira impressão de Raquel Fauke. Por exemplo, era uma mulher que dera a volta ao mundo só com a idade de vinte anos; Na mesma idade, as únicas experiências da vida adulta de que Harry poderia contar era um incipiente problema com o álcool. Raquel olhou o relógio.

— Já são onze horas. E me esperam em casa. Harry sentiu que o coração palpitava.
— A mim também, disse enquanto se levantava.
— Ah, sim?
— Sim, um monstro que tenho sob a cama. Deixe que a leve. Ela sorriu:
— Não é necessário.
— É meu caminho.
— Você também mora em Holmenkollen?
— Muito próximo. Em Bislett. Raquel começou a rir.
— Ou seja, do outro lado da cidade. Então já sei o que quer. Harry respondeu com um sorriso brincalhão. Ela lhe colocou a mão no ombro: — Quer que o ajude a colocar o carro em marcha, não é?

* * *

— Parece que ele não está, Helge, disse Ellen.

Estava junto à janela com o casaco colocado, olhando por entre as cortinas. Abaixo, a rua parecia deserta; o táxi havia desaparecido com três jovens muito animadas. Helge não respondeu. O pássaro, que tinha uma só asa, piscou um par de vezes e coçou a barriga com a pata. Tentou ligar de novo para o celular de Harry, mas a mesma voz feminina repetiu que o telefone estava desligado ou fora de cobertura.

Assim que a colocou na gaiola, deu boa noite a Helge, apagou a luz e saiu fechando a porta atrás de si. A Rua Jens Bjelke estava praticamente deserta e se apressou até a de Thorvald Meyer, pois sabia que, os sábados à noite, aquilo era um formigueiro de gente. Ante a porta do bar Fru Hagen, cumprimentou um par de pessoas que reconheceu por ter trocado com elas frases em alguma noite chuvosa enquanto fazia a ronda pelos bares de Grunerløkka. Recordou que havia prometido a Kim que compraria cigarros e deu a volta para ir ao Seven-Eleven da Rua Markveien. Viu outro rosto que era vagamente familiar e que sorriu automaticamente ao olhá-la.

No Seven-Eleven parou um tempo tentando lembrar se Kim fumava Camel ou Camel Light e, de repente, notou o pouco tempo que ficavam juntos. E do quanto faltava por aprender um do outro. E que, pela primeira vez em sua vida, aquilo não a assustava, mas a enchia de alegria. Simplesmente, se sentia feliz. A ideia de que Kim a esperava na cama a tão somente três quadras de onde ela se encontrava a fez sentir um desejo intenso e doce. Decidiu-se por Camel, esperou paciente até que a atenderam e, já na rua, optou por tomar o atalho pela Akerselva.

Chamou a sua atenção a escassa distância que, nas grandes cidades, pode existir entre

um bairro abarrotado de gente e outro totalmente deserto. De repente, a única coisa que se ouvia era o rio e o barulho de suas botas na neve. E, quando se deu conta de que não eram seus passos os únicos que ouvia, já era demasiado tarde para se arrepender de ter tomado o atalho. Agora, além disso, começava a ouvir também outra respiração pesada. “Tem medo e está irritado”, pensou, e, nesse mesmo instante, imaginou que sua vida corria perigo. Não se voltou para olhar, e começou a correr. Os passos que ressoavam às suas costas a seguiam no mesmo ritmo. Tentou correr com calma e com movimentos eficazes, não cair presa do pânico e se cansar. “Não corra como uma mulher”, pensou ao mesmo tempo em que apanhava o aerossol de gás que guardava no bolso do casaco, mas os passos se aproximavam inexoráveis às suas costas. Pensou que somente quando chegasse ao triângulo de luz no cruzamento, estaria a salvo. Mas ela sabia que não conseguiria. De fato, bem debaixo do facho de luz do poste, o primeiro golpe alcançou-a no ombro, que a derrubou de lado sobre a montanha de neve. O segundo lhe paralisou o braço e o aerossol caiu rodando de sua mão quebrada. O terceiro lhe trituroou a rótula, mas a dor bloqueou o seu grito, que ainda esperava mudo no fundo de sua garganta bombeando o sangue em suas veias inchadas sob a pele, pálida pelo frio invernal. O viu levantar o bastão à luz amarelada do poste, agora o reconhecia: era o mesmo homem que vira ante a porta do Fru Hagen. Sem esquecer a sua condição de policial, anotou que usava um casaco curto verde, botas negras e um gorro de soldado também negro. O primeiro golpe que recebeu na cabeça lhe paralisou o nervo ótico e a jogou em negras trevas.

“Quarenta por cento dos tordos comuns sobrevivem”, teve tempo de pensar. “Eu também acabarei sã e salva deste inverno.”. Tateou com os dedos sobre a neve para ver se achava algo a que se agarrar. O segundo golpe a alcançou próximo da nuca. “Falta pouco para que termine”, pensou. “Vou sobreviver neste inverno.”.

* * *

Harry parou ante a entrada da casa de Raquel Fauke, na Rua Holmenkollveien. O claro resplendor da lua dava à sua pele uma aparência irreal, cadavérica; inclusive à escassa luz do interior do carro se via o cansaço nos olhos.

- Bem, chegamos, disse Raquel.
- Sim, chegamos, repetiu Harry.
- Gostaria de convidá-lo a entrar, mas... Harry começou a rir.
- Suponho que Oleg não valorizaria isso de forma muito positiva.
- Oleg já está um bom tempo dormindo placidamente, pensava mais na babá.
- A babá?
- Sim, é o filho de um oficial do CNI. Não me interprete mal, mas não suporto

esse tipo de falatório no trabalho.

Harry cravou o olhar no painel de instrumentos. O vidro do indicador de velocidade havia rachado, e tinha a firme suspeita de que o fusível da bomba do óleo havia fundido.

— Oleg é seu filho?

— Sim, quem achava que fosse?

— Pensei que era seu marido.

— Marido? Tinham-no roubado junto com o rádio. — Oleg nasceu quando morava em Moscou, explicou. — Seu pai e eu moramos juntos durante alguns anos.

— O que aconteceu? Ela encolheu os ombros.

— Não aconteceu nada. Deixamos de nos gostar. E eu retornei para Oslo.

— Assim você é...

— Uma mãe solteira. Algum problema?

— Solteira. Simplesmente solteira.

— Antes que começasse a trabalhar conosco, alguém mencionou algo sobre você e sua colega de sala no grupo de delitos violentos.

— Ellen? Não. Apenas nos dávamos bem. Bom, nos damos bem. Ainda continua me ajudando de vez em quando.

— Em quê?

— No caso em que estou trabalhando.

— Ah, sim, o caso. Raquel voltou a olhar o relógio.

— Quer ajuda para abrir a porta? Perguntou Harry. Ela sorriu, negou com um gesto e deu um empurrão com o ombro. A porta emitiu um barulho ao se abrir.

Holmenkollåsem estava silencioso, somente se ouvia um leve rumor que vinha das copas de dois velhos abetos. Raquel colocou um pé na capa de neve.

— Boa noite, Harry.

— Uma coisa mais.

— Sim?

— Quando vim aqui na primeira vez, por que não me perguntou por que procurava o seu pai? Só queria saber se havia algo que você pudesse fazer para me ajudar.

— Deformação profissional: procuro não perguntar quando o assunto não é comigo.

— Continua sem sentir curiosidade?

— Eu sempre sinto curiosidade. É que somente não pergunto.

— Estou procurando um antigo soldado da frente oriental que pode ser que seu pai tenha conhecido na guerra. Este soldado comprou um rifle Märklin. Seu pai não parecia

estar amargurado quando falei com ele.

— Sim, parece que esse projeto de escrever um livro despertou-o para a vida. Eu mesma não saio do meu assombro.

— Pode ser que chegue o dia em que retomem a sua relação, não?

— Pode ser, ela admitiu.

Seus olhares se encontraram, ficaram como ancorados um no outro, sem poder se libertar.

— Estamos flertando? Perguntou Raquel.

— Jamais me passaria pela cabeça.

Muito depois de ter estacionado em Bislett, numa área proibida, ainda poderia lembrar o sorriso de seus olhos. E ainda a tinha presente quando espantou o monstro para que fosse outra vez para debaixo da cama, e adormeceu sem notar a luzinha vermelha do telefone que piscava indicando que tinha uma mensagem sem escutar na secretária eletrônica.

* * *

Sverre Olsen fechou a porta, retirou os sapatos e tentou subir a escada sem fazer barulho. Pulou o degrau que rangia, mas sabia que seria inútil:

— Sverre? O grito vinha da porta aberta do quarto.

— Sim, mamãe.

— Onde esteve?

— Por aí, mamãe, dando uma volta. Mas já vou me deitar.

Fez ouvido surdo às suas palavras, pois já sabia quais seriam. Caíam como neve suja que desaparecia quando alcançava o chão. Depois fechou a porta de seu quarto e deitou na cama, olhando fixamente o teto. Repassou tudo. Era como um filme. Fechou os olhos tentando erradicá-lo de sua mente, mas o filme continuava passando. Não tinha ideia de quem era a mulher. O Príncipe viera à praça Schou, tal e como haviam acordado, e o havia levado de carro até a rua onde ela morava. Havia estacionado de modo que a mulher não pudesse vê-los da janela de seu apartamento, mas eles pudessem vê-la sair. O Príncipe dissera que poderia esperar toda a noite e que relaxasse, colocou aquela maldita música de negro e desceu as costas do assento. Mas depois de somente meia hora, se abriu a porta do edifício e o Príncipe falou: “É ela”.

Sverre a perseguiu a bom passo, mas não a alcançou até que tivessem saído da rua às

escuras e não encontrassem um monte de gente. Em um dado momento, a mulher se voltou, o viu e o olhou no rosto; por um instante, teve o convencimento de que o havia descoberto, de que ela vira o bastão que usava na manga sobressair pelo pescoço do casaco. Sentiu tanto medo que não foi capaz de controlar o tremor. Mas depois, quando ela se encaminhou para o Seven-Eleven, o medo se transformou em ira. Lembrava-se dos detalhes da cena que aconteceu enquanto estava debaixo a luz do poste, mas, ao mesmo tempo, não lembrava. Sabia o que acontecera, mas era como se uma parte da história tivesse se apagado, como em um desses concursos da televisão, desse Roald Øyen, em que lhe dão um fragmento de uma imagem e você tem que adivinhar o que representa.

Voltou a abrir os olhos. Concentrou o seu olhar no gesso do teto, abaulado em cima da porta. Quando recebesse o dinheiro, contrataria alguém para corrigir os vazamentos de água que sua mãe se queixava há tanto tempo. Tentou pensar no conserto do telhado, mas sabia que o que pretendia era evitar pensar em outra coisa. Que algo não encaixava. Que desta vez era diferente. Não era como com o chinês do Dennis Kebab. Aquela jovem era uma jovem norueguesa comum. De cabelo castanho curto e olhos azuis. Poderia ser a sua irmã. Tentou repetir as palavras que o Príncipe havia colocado em sua mente: que ele era um soldado, que faria isso pela causa.

Olhou para a imagem que havia pregado na parede, sob a bandeira com a suástica. Era uma fotografia do SS-Reichsführer und Chef der Deutschen Polizei, Heinrich Himmler, na tribuna, quando esteve em Oslo em 1941. Dirigia-se os voluntários noruegueses que haviam prestado juramento nas Waffen-SS. Uniforme de cor verde. As iniciais das SS no pescoço. Vidkun Quisling ao fundo. Himmler. Morto com honra em 23 de maio de 1945. Suicídio.

— Merda!

Sverre apoiou os pés no chão, se levantou e começou a caminhar nervoso de um lado para outro. Parou ante o espelho que havia junto à porta. Colocou a mão na cabeça. Depois procurou nos bolsos do casaco. Merda, aonde havia ido parar o seu gorro de soldado? Por um instante, o aterrou a ideia de que tivesse ficado na neve, junto ao corpo da mulher, mas então se lembrou de que ainda o usava quando retornara ao carro do Príncipe. E respirou fundo. O bastão havia se desfeito tal e como o Príncipe havia lhe dito que fizesse. Havia limpado as impressões e o havia jogado no Rio Akerselva. A única coisa que precisava fazer agora era se manter afastado, esperar e ver o que aconteceria. O Príncipe lhe dissera que ele se encarregaria disso, como sempre fizera. Sverre ignorava onde trabalhava o Príncipe, embora tivesse bons contatos na polícia. Sverre tirou a roupa ante o espelho. As tatuagens estavam cinzentas sob o brilho da lua que entrava por entre as cortinas. Passou a mão pela cruz de ferro que usava pendurada no pescoço.

— Puta! Xingou. Puta fodida! Comunista de merda!

Quando por fim conciliou o sonho, já começara a amanhecer.

* * *

Cinquenta e Um

HAMBURGO
30 de Junho de 1944

Minha amada Helena:

Amo-te mais do que a minha vida. Ainda que não tenha durado muito tempo e a espera uma longa vida cheia de felicidade (eu sei!), acredito que nunca me esquecerá totalmente. É de noite e estou sentado em um quarto junto ao porto de Hamburgo, enquanto as bombas caem lá fora. Estou sozinho, os demais foram se refugiar nos bunkers subterrâneos e não temos eletricidade, mas os incêndios que arrasam a cidade me proporcionam luz suficiente para escrever.

Tivemos que descer do trem antes de chegar a Hamburgo, já que a via fora bombardeada na noite anterior. Trouxeram-nos para a cidade em caminhões e, quando chegamos, nos aguardava um espetáculo horrendo. Uma de cada duas casas parecia abandonada, os cachorros vagavam entre as fumegantes ruínas e por todos os lados se viam garotos esqueléticos e esfarrapados que olhavam nossos caminhões com seus grandes olhos inexpressivos. Atravessei Hamburgo à caminho de Sennheim há somente dois anos, mas agora a cidade está irreconhecível. Naquela ocasião, pensei que não vira um rio mais bonito que o Elba, mas agora só se veem pedaços de madeiras e de embarcações flutuando sobre as suas águas turvas, e ouvi dizer que estão envenenadas de tantos cadáveres que as sulcam. Também ouvi falar de novos bombardeios previstos para esta noite e que a única possibilidade é tentar chegar ao campo. Segundo os planos, deveria seguir até Copenhague nesta noite, mas também as linhas ferroviárias do norte foram bombardeadas.

Lamento o meu alemão ruim. Como sabe, tampouco meu pulso não é firme, mas isso é culpa das bombas, que fazem tremer todo o edifício, e não porque eu tenha medo. Por que havia de ter? Do lugar onde estou sentado, posso ver um fenômeno que já ouvira falar, mas que nunca fora testemunha: um tornado de fogo. As chamas que se levantam do outro lado do porto parecem que o engolem totalmente. Vejo pedaços de madeira e telhados voarem inteiros até o coração das chamas. E o mar, o mar está fervendo! O vapor sobe de baixo dos cais que estão em frente: se um desgraçado pretendesse se salvar saltando na água, seria cozinhado vivo. Abri a janela e tive a sensação de que o ar não tinha oxigênio. E então escutei o bramido, como se alguém estivesse dentro das chamas gritando mais, mais, mais! É assustador e horrendo, sim, mas, curiosamente, também é tentador.

Meu coração está tão cheio de amor que me sinto invulnerável, graças a você, Helena. Se um dia tiver filhos (coisa que espero e desejo), gostaria que lhes contasse a minha história. Fale dela como se fosse uma aventura, por isso será uma aventura real! Decidi sair esta noite para ver o que encontro, ou a quem encontro. Deixarei a carta numa caixa de metal, na mesa. Escrevi nela seu nome e seu endereço com a baioneta para que, quem a encontrar, saiba o que fazer.

Com amor
URLAS

* * *

Parte 5

SETE DIAS

* * *

Cinquenta e Dois

*RUA JENS BJELKE
9 de Março de 2000*

— “Alô, esta é a secretária eletrônica de Ellen e Helge. Deixe sua mensagem.”.

— Alô, Ellen, Harry. Como irá descobrir, andei bebendo, e sinto muito. De verdade. Mas mesmo que tivesse ficado sóbrio, provavelmente não teria ligado. Estou certo de que entenderá. Estive hoje na cena do crime. Estavas deitada de costas, em um caminho junto ao rio Aker. Um casal de jovens que se dirigiam para o bar Blå a encontrou, já depois de meia-noite. Causa da morte: graves lesões na parte frontal do cérebro causadas por vários golpes na cabeça com um objeto contundente. Também a haviam golpeado na nuca e tinha três fraturas de crânio, além de uma fratura da rótula esquerda, e marcas de golpes no ombro direito. Supomos que todas as lesões são fruto do mesmo objeto. O doutor Blix estima a hora da morte entre onze e meia-noite. Parecia... Eu... Espere um pouco. Desculpe. Continuando. A polícia técnica encontrou uma vintena de impressões de botas na neve do caminho e algumas mais na neve que havia ao seu lado, mas estas últimas estavam esfregadas, provavelmente para borrá-las. No momento não apareceu nenhuma testemunha, mas estamos fazendo a ronda habitual entre a vizinhança. Vários dos vizinhos têm vistas para o caminho, e a polícia judicial pensa que existe a possibilidade de que alguém tenha visto algo. Eu acho que as possibilidades são mínimas, já que entre quinze para as onze e quinze para a meia-noite estavam transmitindo uma repetição da série **SOBREVIVENTES** na televisão sueca. É brincadeira. Estou tentando ser engraçado. Também encontramos um gorro azul a uns metros de onde você estava. Tinha manchas de sangue, e embora você também estivesse sangrando, o doutor Blix acredita que o seu sangue não pode ter salpicado a essa distância. Pode ser que o gorro pertença ao assassino. Mandamos analisar o sangue e o gorro está no laboratório da técnica, onde verificarão se contém algum cabelo ou restos de pele. Se não cai o cabelo do tipo, esperemos que pelo menos tenha caspa. Espero que não tenha esquecido de Ekman e Friesen. No momento não tenho mais nenhuma informação, mas me avise se lembrar de algo. Algo mais? Bom, sim, Helge vive agora comigo. Sé que o troca foi a pior, mas é assim para todo o mundo, Ellen. Salvo para você, talvez. Agora vou beber outro copo e meditar sobre tudo isso.

* * *

Cinquenta e Três

*RUA JENS BJELKE
10 de Março de 2000*

— “Alô, esta é a secretária eletrônica de Ellen e Helge. Deixe sua mensagem.”.

— Alô, Harry outra vez. Hoje não fui trabalhar, mas pelo menos consegui ligar para o doutor Blix. Alegra-me poder contar que não abusaram de você e, pelo que pudemos constatar, todos os seus pertences estavam intactos. O que, por sua vez, significa que não temos nenhum motivo, embora, claro, pode ser que não tivesse tempo de fazer o que tinha planejado, por alguma razão que desconhecemos. Quem sabe não pôde levar a cabo o seu plano. Hoje apareceram duas testemunhas que a viram diante de Fru Hagen. Além disso, encontramos um pagamento com o seu cartão no Seven-Eleven da Rua Markveiem às 22:55. Estiveram todo o dia interrogando o seu amigo Kim. Disse em sua declaração que estava a caminho de sua casa e que havia pedido que comprasse cigarros. Um dos rapazes da KRIPOS deu grande importância ao fato de que tivesse comprado uma marca diferente da que Kim geralmente fuma. Por outro lado, seu amigo não tem álibi. Sinto muito, Ellen, mas nesse momento, ele é o principal suspeito. Também acabo de receber uma visita. Chama-se Raquel e trabalha no CNI. Disse que vinha para ver que tal estou. Ficou um tempo, mas não falamos muito. Foi embora quase em seguida. Creio que não sou muito boa companhia. Helge manda lembranças.

* * *

Cinquenta e Quatro

*RUA JENS BJELKE
13 de Março de 2000*

— “Alô, esta é a secretária eletrônica de Ellen e Helge. Deixe sua mensagem.”.

— Este é o mês de março mais frio há muito tempo. O termômetro indica dezoito graus abaixo de zero e as janelas deste edifício são do princípio do século. A crença de que não se sente frio quando se está bêbado é totalmente infundada. Meu vizinho Ali bateu na minha porta nesta manhã. Parece que caí na escada quando retornava para casa ontem e ele me ajudou a me meter na cama. Era hora do almoço quando cheguei ao escritório, só entrei nessa hora porque a cantina estava repleta de gente quando fui lá no café da manhã. Tive a impressão de que me olhavam, mas pode ser imaginação minha. Verifiquei os antecedentes de seu amigo Kim. Vejo que tem uma condenação menor por posse de cocaína. A KRIPOS continua achando que foi ele. Não o conheço e bem sabe Deus que não sou nenhum bom conhecedor da natureza humana, mas pelo que você me contava dele, não me parece esse tipo de pessoa, o que você acha? Liguei para polícia técnica e me dissessem que não haviam encontrado nem um só cabelo no gorro, somente algo que parecem ser restos de pele. O enviarão para que se faça uma análise de DNA e acreditam que terão os resultados em quatro semanas. Sabe quantos cabelos perde uma pessoa adulta a cada dia? Verifiquei. Em torno de cento e cinquenta. E não encontramos nem um só cabelo no gorro. Depois fui ver Møller para pedir que me desse uma lista de todas as pessoas condenadas por agressões graves durante os últimos quatro anos e que na atualidade estão rapadas. Raquel passou por minha sala e me deu um livro. **NOSSOS PÁSSAROS**. Um livro curioso. Helge gosta de espigas de milho? Sinto muita falta de você, Ellen. Cuide-se.

* * *

Cinquenta e Cinco

RUA JENS BJELKE
14 de Março de 2000

— “Alô, esta é a secretária eletrônica de Ellen e Helge. Deixe sua mensagem.”.

— Enterraram-na hoje. Eu não fui. Sua família merecia uma cerimônia digna e eu não estava muito apresentável, assim que mandei uma saudação do restaurante Schrøder. Às oito da noite apanhei o carro e fui na Rua Holmenkollen. Não foi uma boa ideia. Raquel tinha visita, o mesmo tipo que já vi em sua casa em outra ocasião. Apresentou-se como não sei que cargo do Ministério de Assuntos Exteriores e me deu a impressão de que estava ali por um assunto de trabalho. Creio que se chamava Brandhaug. Raquel não pareceu muito satisfeita com a sua visita, mas, bem, pode ser que seja impressão minha. Fui embora antes que a situação ficasse embaraçosa. Raquel insistiu em que apanhasse um táxi, mas, quando olhei pela janela, vi que o Escort estava estacionado na rua, assim não segui o seu conselho. Como entenderá, as coisas são caóticas nesse momento, mas pelo menos hoje fui à loja de animais comprar alpiste. A vendedora da loja me propôs a marca Trill, e segui o seu conselho.

* * *

Cinquenta e Seis

*RUA JENS BJELKE
15 de Março de 2000*

— “Alô, esta é a secretária eletrônica de Ellen e Helge. Deixe sua mensagem.”.

— Hoje fui dar uma volta pelo restaurante Ryktet. Me lembra um pouco do Schrøder. Pelo menos, não olham duas vezes se pede uma cerveja logo de manhã. Sentei-me à mesa de um velho e, fazendo um esforço, consegui entabular uma espécie de conversa. Perguntei o que tinham contra Even Juul. Olhou-me longo tempo, era evidente que não se lembrava de mim, na outra vez que estive ali. Mas depois de convidá-lo a uma cerveja, me contou a história. O tio fora combatente na frente, isso eu já o havia intuído, e conhecia a esposa de Juul, Signe, de quando ela trabalhara como enfermeira na frente oriental. Havia se apresentado voluntária porque estava noiva de um soldado norueguês do regimento Norge. Quando a acusaram de traição à pátria em 1945, Juul se fixou nela. Condenaram-na a dois anos de prisão, mas o pai de Juul, que tinha um cargo importante no Partido Trabalhista, conseguiu que a soltassem ao fim de um par de meses. Quando perguntei ao velho por que aquilo lhe indignava tanto, me disse que Juul não era tão santo como queria aparentar. Essa foi precisamente a palavra que utilizou, “santo”. Falou-me que Juul era como os demais historiadores, escrevia sobre os mitos do período da guerra na Noruega tal e como os vencedores queriam que fizesse. O homem não lembrava o nome do primeiro noivo, somente que fora uma espécie de herói para o regimento.

Depois fui ao escritório. Knut Meirik passou por minha sala e esteve um tempo me olhando sem dizer nada. Liguei para Bjarne Møller e ele me contou que a lista de raspados que havia lhe pedido continha trinta e quatro nomes. Será que os homens sem cabelo tem tendência a serem violentos? Møller designou um oficial para que ligue para eles e verifique os seus álibis, com o fim de reduzir a lista. Vejo no relatório preliminar que Tom Waaler a levou para casa e que, quando a deixou, às 22:15, disse que você estava normal. Mas quando deixou a mensagem na minha secretária eletrônica, quer dizer, segundo a companhia telefônica, às 22:16, estava muito nervosa porque tinha descoberto algo. Parece-me muito estranho. Bjarne Møller me falou que para ele não parece. Talvez seja imaginação minha. Mande notícias, Ellen.

Cinquenta e Sete

RUA JENS BJELKE
16 de Março de 2000

— “Alô, esta é a secretária eletrônica de Ellen e Helge. Deixe sua mensagem.”.

— Hoje não pude ir ao trabalho. Estamos com doze graus abaixo de zero, algo menos que em meu apartamento. O telefone está há todo o dia tocando e quando por fim decidi atendê-lo, soube que era o doutor Aune. É um homem bom para ser psiquiatra, pelo menos não pretende ser menos confuso que os demais e quando às coisas que acontecem em nossas cabeças. A velha afirmação de Aune de que qualquer recaída de um alcoólico começa onde terminou a última bebedeira é uma boa advertência, mas não necessariamente correta. Levando em conta o que aconteceu em Bangkok, se surpreendeu que desta vez estivesse tão normal. Tudo é relativo. Aune me falou também de um psiquiatra norte-americano que chegou à conclusão de que a trajetória da vida das pessoas é, em de modo, hereditária; que quando assumimos o papel de nossos pais, também as trajetórias se parecem. Meu pai se tornou um solitário quando morreu a minha mãe, e agora Aune tem medo de que eu acabe igual a ele devido às diversas experiências algo duras que passei: o que aconteceu em Vindern, já sabe. E em seguida em Sidney. E agora isso. Bem. Expliquei como passo os dias, mas não pude deixar de rir quando o doutor Aune me falou que Helge era quem havia evitado que largasse tudo completamente. O tordo! Aune é um bom homem, mas deveria deixar a psicologia. Liguei para Raquel e perguntei se queria sair comigo. Disse que pensaria e que me ligaria. Não compreendo por que faço isso contra mim mesmo.

* * *

Cinquenta e Oito

RUA JENS BJELKE
17 de Março de 2000

— O número que discou não corresponde a nenhum existente. Esta é uma mensagem da Telenor. O número que disc...

* * *

Parte 6

BETSABÁ

* * *

Cinquenta e Nove

*SALA DE HARRY
24 de Abril de 2000*

A PRIMEIRA ofensiva da primavera chegou tarde. Não começou a se deixar sentir até finais de março. Em abril já havia se derretido toda a neve até Songsvann. Mas depois a primavera teve que bater em retirada pela segunda vez, pois nevou tão copiosamente que a neve formou grandes montes até no centro da cidade, e se passaram semanas até que o sol fosse capaz de derretê-la outra vez. Os excrementos dos cachorros e o lixo do ano anterior empestevam as ruas, o vento aumentou de velocidade nos espaços abertos de Grønlandsleiret e da Galeria Oslo, levantava a areia e obrigava os passantes a esfregar os olhos e a cuspir enquanto caminhavam. As pessoas falavam da mãe solteira que talvez chegasse a reinar um dia, da liga europeia de futebol e do tempo tão inusual que sofriam. Na Delegacia se falava do que cada um fizera em Semana Santa, da mísera subida dos salários... Como se tudo continuasse igual. Mas nem tudo continuava igual.

Harry estava sentado em sua sala com os pés em cima da mesa olhando para o céu sem nuvens, às pensionistas usando horrendos chapéus que enchiam as calçadas pelas manhãs, as vans que passavam com o semáforo em amarelo, todas essas pequenas coisas que davam à cidade aquela falsa aparência de normalidade. Fazia tempo que vinha pensando, e se perguntava se ele seria o único em não se deixar enganar. Há seis semanas que tinham enterrado Ellen, mas quando olhava para fora, não notava nenhuma mudança.

Bateram à porta. Harry não respondeu, mas a porta se abriu de qualquer maneira. Era o chefe de grupo Bjarne Møller.

— Soube que voltou. Harry viu quando um dos ônibus vermelhos parava no ponto. Na lateral do ônibus se via um anuncio publicitário de seguros de vida da companhia Storebrand.

— Pode me dizer por quê, chefe? Perguntou de repente. — Por que os chamam de seguros de vida quando, na realidade, são seguros de morte? Møller suspirou e se sentou na borda da mesa.

— Por que não tem mais cadeiras aqui, Harry?

— As pessoas vão mais rapidamente ao ponto se estão de pé, explicou sem deixar de olhar pela janela.

— Não o vimos no enterro.

— Havia trocado de roupa para ir, explicou Harry, mais para si que para Møller. — E lhe afirmo que inclusive já estava no caminho. E quando vi aquele grupo tão triste de gente ao meu redor, achei por um momento que tinha chegado. Até que notei que tinha ante mim Maja, com o seu avental, esperando o meu pedido.

— Sim, imaginava algo assim, disse Møller.

Um cachorro cruzou o gramado ressecado com o focinho pegado a terra e o rabo em pé. Pelo menos havia alguém que apreciava a primavera de Oslo.

— O que aconteceu depois? Perguntou Møller. — Esteve ausente durante algum tempo. Harry encolheu os ombros.

— Estive ocupado. Tenho um novo inquilino, um tordo com uma só asa. E aproveitei para repassar mensagens antigas da minha secretária eletrônica. Ao final todas as mensagens que recebi durante os dois últimos anos couberam em uma fita de meia hora. E todas eram de Ellen. Triste, não é? Bom. Quem sabe não tanto. A única coisa triste disso foi que eu não estava em casa quando me ligou pela última vez. Sabia que Ellen havia descoberto algo? Pela primeira vez desde que entrou, Harry se voltou para olhar Møller. — Lembra-se de Ellen, não é? Møller suspirou.

— Todos nós nos lembramos de Ellen, Harry. E me lembro da mensagem que deixou em sua secretária eletrônica e de que você disse à KRIPOS que, em sua opinião, se tratava do intermediário da operação de compra da arma. O fato de que não tenhamos conseguido encontrar o autor do crime não significa que tenhamos esquecido Ellen, Harry. A KRIPOS e o grupo de delitos violentos estão há semanas trabalhando. Se tivesse vindo ao trabalho, teria se dado conta do muito que trabalhamos. Møller se arrependeu logo de suas palavras assim que as falou. — Não quero dizer...

— Sim, é o que queria dizer. E claro, tem razão. Harry passou uma mão pelo rosto. — Ontem à noite escutei uma de suas mensagens. Não tenho ideia do que queria. A mensagem continha muitos conselhos sobre coisas que devia comer e terminava dizendo que precisava me lembrar da comida para os pássaros, de me alongar depois de treinar e de Ekmam e Friesen. Sabe quem são Ekmam e Friesen? Møller negou com a cabeça. — Dois psiquiatras que descobriram que, quando você sorri, os músculos do rosto colocam em marcha umas reações químicas no cérebro que lhe fazem adotar uma visão mais positiva do mundo que tem ao seu redor e se sentir, definitivamente, mais satisfeito com sua vida. Simplesmente confirmaram a velha teoria de que se você sorri para o mundo, o mundo sorri para você. Voltou a olhar a Møller. — Triste, não é?

— Muito triste. Ambos sorriram e ficaram em silêncio durante um tempo.

— Sei que veio para me dizer algo, chefe. O que é? Møller se levantou da mesa de um pulo e começou a andar de um lado para outro.

— A lista dos trinta e quatro cabeças rapadas suspeitos ficou reduzida a doze depois

de verificar seus álibis. Certo?

— Certo.

— Poderíamos identificar o grupo sanguíneo do proprietário do gorro uma vez obtido o DNA dos restos de pele que encontramos. Quatro dos doze tinham o mesmo grupo sanguíneo. Tomamos uma amostra de sangue desses quatro e as enviamos à técnica para que analisassem o DNA. Os resultados chegaram hoje.

— E?

— Nada.

Fez-se silêncio onde se ouviam somente as solas de borracha do sapato de Møller, que emitiam um arranhado cada vez que girava a cadeira.

— E a polícia judicial descartou a ideia de que o namorado de Ellen fosse o culpado?

— Também verificamos o seu DNA.

— Assim voltamos ao princípio?

— Mais ou menos, sim. Harry se voltou para a janela outra vez. Um bando de tordos levantou voo do grande olmo e desapareceu para o oeste em direção ao hotel Plaza.

— O gorro é uma falsa pista? Aventurou Harry. — Nunca pude compreender que um agressor que cuida em não deixar nenhuma impressão e que, além disso, se preocupa em apagar as marcas das botas na neve, seja tão burro para perder o gorro a somente uns metros da vítima.

— É possível. Mas o sangue do gorro era de Ellen, esse dado está confirmado.

Harry olhou para o cachorro que voltava, olfateando as mesmas impressões que na ida. O animal parou no meio do gramado um tempo, com o focinho enfiado na terra antes de tomar uma decisão e desaparecer para a esquerda, fora do campo de visão de Harry.

— Precisamos seguir a pista do gorro, insistiu Harry. — Além dos que foram condenados por agressão, precisamos procurar todos os que foram detidos ou acusados do mesmo delito. Nos últimos dez anos. Inclui também a província Akershus. E procurar que...

— Harry...

— O que aconteceu?

— Já não trabalha em delitos violentos. A KRIPOS assumiu a investigação. Está me pedindo que me meta em seus assuntos? Harry não falou nada, somente concordou lentamente com a cabeça, com o olhar fixo em algum ponto da colina Ekeberg. — Harry?

— Imaginou alguma vez se não deveria estar em outro lugar totalmente diferente,

chefe? Møller parou o seu ir e vir e sorriu.

— Já que perguntou, direi que sempre pensei que Bergen seria uma cidade muito agradável. Por causa dos garotos e essas coisas, já sabe.

— Mas continuaria sendo oficial de polícia, não é?

— Claro.

— Porque as pessoas como nós não servem para outra coisa, não é? Møller encolheu os ombros.

— Pode ser que não.

— Mas Ellen servia para outras coisas. Muitas vezes pensei que era um desperdício de recursos humanos que ela trabalhasse na polícia. Que seu trabalho consistia em deter rapazes maus. E esse tipo de trabalho é para gente como nós, Møller, mas não para ela. Entendeu o que quero dizer? Møller se aproximou da janela e parou ao lado de Harry.

— Ficaré melhor quando chegar maio, augurou.

— Sim, concordou Harry. O relógio da igreja de Grønland bateu duas badaladas.

— Vou dizer a Halvorsem que se ocupe do assunto, disse Møller.

* * *

SUA AMPLA experiência com as mulheres havia ensinado a Bernt Brandhaug que, nas ocasiões em que havia decidido que existia uma mulher à que não somente desejava conseguir, mas que, além disso, precisava conseguir, sempre se devia a uma das quatro razões seguintes: que era mais bela que nenhuma outra, que o satisfazia sexualmente melhor que nenhuma outra, que o fazia se sentir mais homem que nenhuma outra e, a mais importante de todas, que ela queria outro homem. E Brandhaug havia descoberto que Raquel Fauke era uma dessas mulheres.

Chamou-a num dia de janeiro com o pretexto de obter dela uma avaliação do novo agregado militar da embaixada russa em Oslo. Ela disse que enviaria um relatório, mas ele insistiu em que o fizesse pessoalmente e, já que era sexta-feira à tarde, sugeriu que poderiam tomar uma cerveja no bar do hotel Continental. Assim foi que descobriu que era mãe solteira, já que ela declinou do convite dizendo que precisava apanhar o seu filho da escola, ao que ele, jocosamente, respondeu com a pergunta:

— As mulheres de sua geração não tem um marido que se ocupe dessas coisas? Ainda que ela não tenha falado, ele compreendeu que não existia tal marido.

Em qualquer caso, ao desligar, se sentiu satisfeito com o resultado, embora com algo de desgosto por dizer “Sua geração”, sublinhando assim a diferença de idade que havia entre eles. Em seguida ligou para Kurt Meirik com objetivo de, com a maior discrição possível, sondá-lo sobre a senhorita Fauke. Como de costume, Meirik estava bem informado. Raquel havia servido como intérprete no departamento do próprio Meirik durante dois anos, na embaixada norueguesa em Moscou. Havia se casado com um russo, um jovem professor de engenharia genética, que a conquistou de forma fulminante e passou sem mais delongas a colocar em prática as suas teorias, pois não demorou em deixá-la grávida. O fato de que o próprio professor tivesse nascido com um gene que o fazia propenso ao alcoolismo, combinado com sua tendência a argumentações relacionadas com a física, cortou a duração da felicidade. Raquel Fauke não repetiu os erros de muitas de suas semelhantes: esperar, perdoar e tentar compreender; pelo contrário, saiu pela porta com Oleg em seu colo tão logo recebeu o primeiro golpe. Seu marido e a família deste, que era bastante influente, solicitaram a custódia de Oleg, e se

não tivesse imunidade diplomática, Raquel não teria conseguido sair da Rússia com o filho.

Ao Meirik revelar que o marido a havia processado, Brandhaug se lembrou vagamente de um processo de um juiz russo que havia passado por sua mesa. Mas então ela não era mais que uma intérprete, e ele transferiu o assunto para outra pessoa e nem sequer anotou o nome. Quando Meirik mencionou que o assunto da custódia ainda estava tramitando e em mãos das autoridades russas e norueguesas, Brandhaug se apressou a concluir a conversa para discar em seguida o número da Seção Jurídica.

Da próxima vez que ligou para Raquel foi para convidá-la para jantar, sem pretextos. Contudo, recebeu uma declinação amável embora firme, pelo que mandou escrever uma carta dirigida à senhorita Fauke e assinada pelo encarregado da Seção Jurídica. A missiva dizia, em resumo, que dado o tempo passado sem resultado, o Ministério de Assuntos Exteriores tentava chegar a um acordo com as autoridades russas em relação ao assunto da custódia de Oleg, “por razões humanitárias e respeito à família russa do garoto”. O que era como dizer que Raquel Fauke e Oleg deveriam se apresentar ante o juiz russo e acatar a sua sentença.

Quatro dias mais tarde, Raquel ligou para perguntar se poderiam se ver com objeto de tratar de um assunto pessoal. Ele respondeu que, nesse momento, andava muito ocupado, o que era verdade, e perguntou se poderiam transferi-lo por um par de semanas. Quando ela, com certo tremor de voz que o seu tom deixou traduzir, em geral tão profissional e correto, pediu que fizesse o possível para marcar a entrevista com ela o mais rápido possível, ele respondeu, após uma breve reflexão, que a única possibilidade seria na sexta-feira às seis da tarde, no bar do hotel Continental. Lá pediu um gim-tônica enquanto ela explicava o problema, imersa em algo que ele imaginou que deveria ser a confusão biologicamente condicionada de uma mãe. Concordou com a cabeça adotando um gesto grave, se esforçou em mostrar compaixão com os olhos e finalmente se atreveu a pousar sobre a dela, uma mão paternal e protetora. Ela estremeceu, mas ele fingiu não se dar conta e explicou que, por desgraça, não poderia revogar as decisões de seus superiores, mas que, claro, faria o que estivesse em suas mãos para evitar que ele tivesse que se apresentar ante o juiz russo. Sublinhou assim mesmo que, levando em conta a influência política da família de seu ex-marido, dividia plenamente a preocupação que o juiz russo decidisse contra ela. Olhou como enfeitiçado seus olhos castanhos anegados em lágrimas e pensou que nunca vira nada tão belo. Ela declinou do convite de continuar a noite com um jantar no restaurante. O resto da noite, com um copo de whisky e a televisão ligada no hotel, foi um anticlímax.

Na manhã seguinte, Brandhaug chamou o embaixador russo para comunicar que o

Ministério de Assuntos Exteriores realizara uma reunião interna sobre assunto da custódia de Oleg Fauke Gosev. Pediu que lhe enviasse uma carta explicando o estado atual do assunto e onde indicasse a postura das autoridades russas à respeito. O embaixador não estava informado do caso, mas afirmou que atenderia rapidamente a petição do responsável pelos Assuntos Exteriores e que faria que se escrevesse a tal carta como solicitava. A notificação onde as autoridades russas pediam que Raquel e Oleg se apresentassem ao juiz russo chegou uma semana mais tarde. Brandhaug enviou em seguida uma cópia ao encarregado da Seção Jurídica e outra para Raquel Fauke. Nesta ocasião, ela ligou no dia seguinte. Depois de escutar um pouco, Brandhaug falou que não seria compatível com a sua posição diplomática tentar exercer a sua influência sobre aquele assunto e que, de qualquer maneira, não era conveniente que falassem disso pelo telefone.

— Como sabe, eu não tenho filhos, falou. — Mas segundo me descreveu Oleg parece ser um menino maravilhoso.

— Se o conhecesse então... Começou ela.

— Isso não é impossível. Casualmente, li na correspondência que mora na Rua Holmenkollen, que fica muito próximo de Nordberg.

Notou uma vacilação no silêncio que se fez do outro lado do fio telefônico, mas sabia que as circunstâncias estavam a seu favor:

— Talvez às nove de amanhã à noite? Houve uma longa pausa antes que ela respondesse:

— Nenhum garoto de seis anos está acordado às nove da noite.

Concordaram que ele iria às seis da tarde. Oleg tinha os olhos castanhos de sua mãe e era um garoto muito bem educado. Contudo, Brandhaug se preocupou que a mãe não quisesse deixar o tema do processo, nem tampouco mandar Oleg para a cama. Chegou inclusive a suspeitar que mantinha o rapaz como refém no sofá. Brandhaug tampouco gostava que o rapaz o olhasse tão fixamente. No final, Brandhaug compreendeu que Roma não fora construída em um dia, mais de qualquer maneira, tentou algo quando se encontrava na porta, já a ponto de sair. Olhou-a fixamente nos olhos e falou:

— Não somente é uma bela mulher, Raquel. Também é uma pessoa muito valente. Quero que saiba que a aprecio muito.

Não estava muito certo de como interpretar o seu olhar, mas, ainda assim, atreveu a se inclinar e dar um beijo em seu rosto. A reação dela foi algo ambígua. Sua boca sorria agradecendo o elogio, mas seus olhos pareciam frios quando adicionou:

— Sinto tê-lo entretido tanto tempo, Brandhaug. Suponho que a sua mulher o espera ansiosamente.

Sua insinuação não fora nada ambígua, assim que decidiu lhe dar um par de dias para pensar, mas não recebeu nenhuma ligação de Raquel Fauke. Mas sim, uma carta algo inesperada da embaixada russa, onde pediam uma resposta. Brandhaug compreendeu que, ao se dirigir a eles, havia reavivado o caso de Oleg Fauke Gosev. Lamentável mas, já que havia acontecido, não viu razão alguma para não se aproveitar disso. Ligou em seguida para Raquel no seu escritório no CNI e a colocou ao corrente das últimas novidades do caso.

Algumas semanas mais tarde, se encontrava outra vez na Rua Holmenkollen, no chalé de vigas de madeira, maiores e mais escuras ainda que as dele. Mas nesta ocasião, depois que o garoto fora para a cama. Raquel parecia agora muito mais relaxada em sua companhia. Até conseguiu levar a conversa para um plano mais pessoal, pelo que não foi muito chamativo o fato de que comentasse de como ficara platônica a relação entre ele e sua mulher e o importante era que de vez em quando se esquecesse do cérebro e escutasse o corpo e o coração, quando se viu interrompido pelo som da campainha, tão repentino quanto inconveniente. Raquel foi abrir a porta e voltou com aquele tipo alto que usava a cabeça quase rapada e tinha os olhos avermelhados. Raquel o apresentou como um colega do CNI e Brandhaug estava certo de ter ouvido o seu nome anteriormente, embora não foi capaz de lembrar quando ou onde.

Imediatamente, sentiu que tudo o relacionado com aquele homem lhe desgostava. Não gostou também da interrupção e do fato de que o indivíduo estivesse bêbado, que se sentasse no sofá e, tal como Oleg, o olhasse fixamente sem pronunciar uma só palavra. Mas o que mais o irritou foi a mudança que notou em Raquel; de fato, o rosto dela se iluminou, se apressou a preparar café e sorria ante as respostas crípticas e monossilábicas daquele tipo, como se contivessem sentenças geniais. E, quando lhe proibiu que voltasse para casa em seu próprio carro, notou uma preocupação sincera em sua voz. O único traço positivo que Brandhaug observou naquele tipo foi a sua abrupta retirada e o fato de que, em seguida, ouvissem que seu carro arrancava, o que poderia significar, em consequência, que havia a possibilidade de que fosse bastante decente para se matar na estrada. O dano causado na atmosfera que reinava entre eles antes de sua chegada fora irreparável e, ao fim de um tempo, Brandhaug também se despediu, apanhou o seu carro e foi para casa. Então se lembrou daquela velha verdade. Existem quatro razões pelas quais os homens decidem que precisam conseguir uma mulher. E a mais importante é ter compreendido que ela preferia a outro.

No princípio ficou muito surpreso, quando no dia seguinte ligou para Knut Meirik para perguntar quem era aquele tipo alto e ruivo, mas em seguida começou a rir, porque era a mesma pessoa que ele havia promovido e colocado no CNI. Ironias do destino, claro, mas até o destino depende, em certos casos, do conselheiro do Real Ministério de Assuntos Exteriores da Noruega. Quando Brandhaug pendurou o telefone, já estava de bom humor, e foi assoviando pelos corredores para comparecer a sua próxima reunião e, em menos de setenta segundos, já estava na sala.

* * *

Sessenta e Um

DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA

27 de Abril de 2000

HARRY estava na porta de sua velha sala observando um homem jovem e ruivo que ocupava a cadeira de Ellen. O jovem estava tão concentrado em seu computador que não se deu conta da presença de Harry até que o ouviu tossir.

— Então você é Halvorsen? Perguntou Harry.

— Sim, respondeu o jovem com um olhar inquisidor.

— Da Delegacia de Steinkjer?

— Correto.

— Harry Hole. Eu me sentava onde você está agora, mas na cadeira ao lado.

— Está quebrada. Harry sorriu.

— Sempre foi quebrada. Bjarne Møller lhe pediu que verificasse um par de detalhes em relação com o caso de Ellen Gjelten.

— Um par de detalhes? Disse Halvorsen incrédulo. — Estou há três dias trabalhando nele. Harry se sentou em sua velha cadeira, que fora transferida para a mesa de Ellen. Era a primeira vez que via a sala desse ângulo.

— E o que descobriu, Halvorsen? Halvorsen franziu as sobrancelhas. — Não se preocupe, tranquilizou-o Harry. — Fui eu quem pediu essas informações, pode perguntar a Møller se quiser. De repente, Halvorsen entendeu.

— Claro, você é o Hole do CNI! Sinto ser tão lento. Em seu rosto se desenhou uma sorriso de garoto grande. — Lembro-me daquele caso da Austrália. Quanto foi isso mesmo?

— Há bastante tempo. Como dizia...

— Sim, a lista! Bateu com os nós dos dedos em um monte de documentos obtidos do computador. — Aqui estão todos os que foram detidos, acusados ou condenados por agressões graves durante os últimos dez anos. Existem mais de mil nomes. Essa parte foi simples, o problema consiste em descobrir quem está raspado, essa informação não figura em nenhum lugar. Podem demorar semanas... Harry se estirou na cadeira.

— Entendo. Mas o registro central da polícia tem chaves para os tipos de armas que foram utilizadas. Faça uma busca segundo o tipo de arma utilizada na agressão e vamos ver quantos ficam.

— Para dizer a verdade, havia pensado em sugerir a mesma coisa para Møller, quando vi a quantidade de nomes que havia. A maioria dos que aparecem na lista

utilizaram navalhas, armas de fogo ou simplesmente as mãos. Poderia ser confeccionada uma nova lista dentro de umas horas. Harry se levantou.

— Bem, disse. — Não me lembro do número do meu ramal interno, mas o encontrará na lista de telefones. E da próxima vez que tiver uma boa ideia, não duvide em falar. Aqui na capital não somos tão espertos. Halvorsen deu uma risadinha insegura.

* * *

Sessenta e Dois

CNI
2 de Maio de 2000

A CHUVA estivera castigando as ruas toda à manhã até que, de repente, o sol rompeu com violência a capa de nuvens e, em um momento, o céu ficou limpo. Harry estava sentado com os pés em cima da mesa e as mãos apoiadas na nuca, fingindo que pensava no rifle Märklin. Mas seus pensamentos haviam fugido pela janela, pelas ruas recém-lavadas pela chuva que agora cheiravam a asfalto quente e molhado, até as vias do trem, na parte mais alta de Holmenkollen, onde ainda se viam montes grisalhos de neve no bosque de abetos e onde Raquel, Oleg e ele haviam saltado pelos primaverais caminhos enlameados, tentando evitar os charcos mais profundos. Harry lembrava vagamente que ele também fizera esse tipo de excursões domingueiras quando tinha a idade de Oleg. Quando as excursões eram muito longas e ele e Søs ficavam para trás, seu pai ia deixando pedaços de chocolate nos ramos mais baixos. Søs ainda acreditava que o chocolate Kvikklusj crescia nas árvores.

Oleg não falou muito com Harry durante as duas primeiras visitas. Mas não importava. Harry tampouco sabia o que falar com Oleg. De qualquer maneira, a timidez de ambos começou a se dissipar quando Harry descobriu que Oleg tinha o Tetris em seu Gameboy. Sem piedade nem vergonha, Harry jogou o melhor possível e ganhou daquele garoto de seis anos por mais de quarenta mil pontos. Depois daquilo, Oleg começou a perguntar coisas, como por que a neve era branca e outras. No domingo anterior, Oleg havia descoberto uma lebre com pelagem de inverno que começou a correr diante deles; então, Harry segurou a mão de Raquel. Estava fria por fora e quente por dentro. Ela ladeou a cabeça e sorriu enquanto balançava o braço para frente e para trás, como dizendo: “estamos brincando de dar a mão, mas isso não é sério”. Deu-se conta de que, quando alguém se aproximava, ela ficava um pouco tensa, de modo que a soltou. Depois, comeram chocolate no restaurante da Frognerstieren, e Oleg perguntou por que havia primavera.

Harry convidou Raquel para jantar. Era a segunda vez. A primeira vez que o fez, Raquel falou que pensaria e, pouco depois, ligou para rechaçar o convite. Também nesta ocasião falou que voltaria a pensar, e não dissera definitivamente que não.

Soou o telefone. Era Halvorsen. Parecia ensonado e explicou que acabava de se

levantar da cama.

— Verifiquei setenta por cento das pessoas na lista suspeitas de ter utilizado uma arma contundente em relação com uma agressão grave, explicou. — Até agora encontrei oito rapados.

— Como os encontrou?

— Liguei por telefone. É incrível a quantidade de gente que está em sua casa às quatro da madrugada. Halvorsen deu uma risadinha insegura, ao ver que Harry não fez o menor comentário.

— Ligou para um por um? Perguntou Harry.

— Sim, disse Halvorsen. — Para casa ou para o celular. É incrível quanta gente tem... Harry o interrompeu:

— Pediu a esses criminosos violentos que fossem tão amáveis de dar à polícia uma descrição atualizada de si mesmos?

— Não exatamente. Disse que estávamos procurando um suspeito de cabelo vermelho e comprido e perguntei se haviam tingido o cabelo ultimamente, esclareceu Halvorsen.

— Não entendi.

— Se você estivesse rapado, o que responderia a essa pergunta?

— Ah! Exclamou Harry. — Já vi que em Steinkjer são muito espertos. Uma vez mais, a mesma risadinha insegura. — Mande-me a lista por fax, pediu Harry.

— Mandarei quando me devolverem.

— Quando devolverem?

— Sim, um dos oficiais deste grupo. Estava me esperando quando cheguei e parecia que precisava dela com urgência.

— Eu acreditava que somente trabalhava no caso Gjelten a KRIPOS, disse Harry.

— Parece que não.

— Quem era?

— Creio que se chama Vågen, ou algo assim, vacilou Halvorsen.

— Não existe nenhum Vågem no grupo de delitos violentos. Não seria Waaler?

— É isso! Afirmou Halvorsen antes de adicionar, algo envergonhado: — São tantos nomes novos...!

Harry tinha vontade de dar uma bronca no jovem oficial por entregar material de investigação a alguém cujo nome nem sequer conhecia, mas pensou que não era o momento mais indicado para fazer uma crítica. Depois de três noites seguidas trabalhando no caso, o mais provável era que o rapaz estivesse a ponto de desmaiar.

— Bom trabalho, disse Harry. E já ia desligar quando o jovem exclamou:

— Espere! Seu número de fax! Harry olhou pela janela. As nuvens haviam

começado a aparecer de novo sobre a colina Ekeberg.

— Vai encontrá-lo na lista de telefones, falou.

Apenas havia pendurado o fone, quando voltou a soar. Era Meirik, que lhe pediu que fosse na sua sala em seguida.

— Como está o relatório dos neonazistas? Perguntou quando Harry apareceu no umbral da porta.

— Mal, respondeu Harry sentando na cadeira. O casal real norueguês o olhava da foto que estava pendurada por cima da cabeça de Meirik. — O E do teclado não está funcionando, adicionou Harry.

Meirik sorriu tão forçadamente como o homem da foto e pediu a Harry que, no momento, esquecesse o relatório.

— Preciso de você para outra coisa. O chefe de informação da Organização Sindical Nacional acaba de me ligar. A metade da diretoria recebeu hoje ameaças de morte por fax. Todas elas com a assinatura “88”, uma representação críptica da saudação “Heil Hitler”. Não é a primeira vez, mas desta vez chegou aos ouvidos da imprensa. E já começaram a nos ligar. Conseguimos seguir o rastro do remetente até um fax público de Klippan. Desta vez devemos levar as ameaças a sério.

— Klippan?

— Um lugar a trinta quilômetros ao este de Helsingborg. Dezesseis mil habitantes e o pior foco neonazista da Suécia. Lá tem famílias que são nazistas desde os anos trinta. Muitos dos neonazistas noruegueses peregrinam até ali para ver e aprender. Quero que faça a mala, Harry.

Harry teve um desagradável pressentimento.

— Mandamos você ali para observar, Harry. Deve entrar em contato com eles. Vamos fornecer outra ocupação, outra identidade e os demais detalhes mais adiante. Prepare-se para permanecer ali uma temporada. Nossos colegas suecos já procuraram um lugar para você morar.

— Envia-me ali para observar? Repetiu Harry. Não dava crédito ao que ouvia. — Não sei nada de observação, Meirik. Sou investigador. Ou já esqueceu? O sorriso de Meirik parecia cansado.

— Aprenderá rápido, Harry, não é muito difícil. Aprecie como uma experiência interessante e útil.

— Certo. Quanto tempo?

— Uns meses. Seis no máximo.

— Seis? Exclamou Harry.

— Será melhor que veja o lado positivo, Harry. Não tem família com que se preocupar, nenhum...

— Quem será o resto da equipe? Meirik negou com a cabeça.

— Não existe equipe. Você ficará sozinho, assim será mais verosímil. E informará diretamente a mim. Harry esfregou o queixo.

— Por que eu, Meirik? Dispõe de todo um grupo de especialistas em observação e em grupos de extrema direita.

— Alguma vez tem que ser a primeira.

— E o que aconteceu com o rifle Märklin? Seguimos a pista até dar com um velho nazista e agora esta ameaça assinada com o “Heil Hitler”... Não seria melhor que continuasse trabalhando em...?

— Fará o que eu disse, Harry. — Meirik já não tinha vontade de continuar sorrindo.

Havia algo em tudo aquilo que não encaixava. Sentia algo, mas não entendia o que era nem qual seria a sua origem. Levantou-se. Meirik também.

— Irá depois do fim de semana, disse Meirik lhe estendendo a mão.

Para Harry parecia um gesto muito estranho e no semblante de Meirik aflorou uma expressão de rubor, como se ele também acabasse de se dar conta de como era estranho. Contudo, já era muito tarde, a mão estava no ar, com os dedos algo separados, e Harry apertou-a rapidamente para assim acabar com aquela situação tão embaraçosa o quanto antes possível.

Quando Harry passou junto à recepção, Linda gritou que chegara um fax para ele e que estava em sua caixa de correio, então Harry o apanhou ao passar. Era a lista de Halvorsen. Percorreu os nomes com o olhar enquanto avançava pelo corredor e se esforçava para compreender a que parte de seu ser seria útil se relacionar com neonazistas durante seis meses em um lugar insignificante no sul da Suécia. Claro, não à parte que tentava se manter sóbria. Tampouco à parte que estava esperando a resposta de Raquel ao seu convite. E decididamente, não à parte que queria encontrar o assassino de Ellen. Nesse ponto de seu pensamento, e sem deixar de olhar a lista, parou. Aquele último nome...

Não havia razão para se surpreender de que aparecessem velhos conhecidos na lista, mas isso era outra coisa. Aquele nome fizera ressoar em seu interior o mesmo som que ouvia quando limpava o seu Smith & Wesson 38 e voltava a juntar as peças: esse suave clique que lhe dizia que algo, claramente, encaixava.

Uns segundos depois já estava na sala ligando para Halvorsen. Este anotou as suas perguntas e disse que ligaria quando soubesse de algo.

Harry se inclinou para trás na cadeira. Podia ouvir as batidas de seu coração. Normalmente, não era o seu forte combinar pequenos fragmentos de informação que, a simples vista, não tinham nada a ver entre si. Aquilo se devia, sem dúvida, a uma rara inspiração. Quando Halvorsen ligou um quarto de hora mais tarde, Harry tinha a sensação de estar há horas esperando.

— Combina, declarou Halvorsen. — Uma das impressões de bota na cena do crime pertencia a umas botas Combat de número quarenta e cinco. Puderam determinar isso porque a bota era praticamente nova.

— E sabe quem utiliza botas Combat?

— Claro, são aprovadas pela OTAN, muitos dos homens de Steinkjer as usam. E vi que muitos skinheads ingleses também as usam.

— Correto. Cabeças raspadas. Bootboys. Neonazistas. Encontrou alguma foto?

— Quatro. Duas da Oficina da Cultura de Aker e duas de uma manifestação realizada ante a casa Blitz, no noventa e dois.

— Usava gorro em alguma delas?

— Sim, na da Oficina da Cultura de Aker.

— Um gorro Combat?

— Deixe-me ver.

Harry ouviu o rugido da respiração de Halvorsen contra o microfone. Enquanto esperava, elevou uma oração para que a resposta fosse a desejada.

— Não se parece um, disse Halvorsen por fim.

— Está certo disso? Insistiu Harry sem tentar ocultar a sua decepção. Halvorsen disse estar certo e Harry soltou uma maldição.

— Mas as botas nos serão de ajuda, não? Lembrou Halvorsen timidamente.

— O assassino já terá se desfeito delas, a menos que seja idiota. E o fato de que tentasse apagar as impressões que deixou sobre a neve indica que não o é.

Harry duvidava. Reconhecia essa sensação, esse repentino convencimento de saber quem era o autor do crime, e sabia que essa sensação era perigosa, porque deixava de dar passagem à dúvida, a essas pequenas vozes que sugerem contradições, que a perspectiva não é perfeita. A dúvida era como um jarro de água fria e ninguém quer um jarro de água fria quando sente que está a ponto de deter um assassino. Sim. Harry estivera certo outras vezes. E havia errado. Halvorsen continuava falando.

— Os homens de Steinkjer compram as botas Combat diretamente dos Estados Unidos, assim que não pode ter muitas lojas que as vendam. E as botas do assassino são quase novas... Harry seguiu à perfeição sua inspiração:

— Muito bem, Halvorsen! Descubra quem as vende e comece pelas lojas de acessórios militares. Depois faça uma ronda mostrando as fotos e pergunte se alguém se lembra de ter vendido um par de botas a esse tipo nos últimos meses.

— Harry...

— Já sei, antes precisa obter o visto de Møller.

Harry sabia que as possibilidades de encontrar um vendedor que se lembrasse de todos os clientes a quem vendera botas nos últimos meses eram mínimas. Claro está que as probabilidades melhoravam ligeiramente se o cliente usava as palavras “Sieg Heil” tatuadas no cangote, mas ainda assim... Tarde ou cedo, Halvorsen precisaria aprender que noventa por cento do trabalho da investigação de um assassinato consistia em procurar no lugar errado. Depois de desligar, Harry ligou para Møller. O chefe de grupo escutou os seus argumentos e quando Harry terminou, aclarou a garganta e respondeu:

— Alegro-me ouvir que você e Tom Waaler por fim estão de acordo em algo.

— Ah, sim?

— Ligou-me há meia hora para pedir quase o mesmo que você. Dei permissão para interrogar Sverre Olsen.

— Caramba, que coincidência!

— Verdade?

Harry não sabia exatamente o que dizer. Assim quando Møller perguntou se queria alguma outra coisa, murmurou um adeus e desligou. Olhou pela janela. O trânsito da hora do rush acabava de começar na Rua Schweigaard. Centrou a sua atenção em um homem com casaco cinza e chapéu antiquado e seguiu o seu lento caminhar até perdê-lo de vista. Harry notou que seu pulso voltava à normalidade. Klippan. Quase esquecera, mas agora voltou a sua cabeça como uma ressaca paralisante. Pensou em ligar para o número interno de Raquel, mas descartou a ideia. Então aconteceu algo estranho.

Um movimento que observou numa lateral de seu campo de visão o fez dirigir o olhar até algo que havia do outro lado da janela. No princípio não conseguiu distinguir o que era, somente que se aproximava a grande velocidade. Abriu a boca, mas a palavra, o grito, ou o que queira que seu cérebro formulasse, nunca chegou aos seus lábios. Soou um golpe suave, o vidro da janela vibrou ligeiramente. Ficou olhando uma mancha de humidade em cujo centro aparecia agarrada uma pluma cinza, se mexendo no vento primaveral. Ficou sentado um momento. Em seguida apanhou seu casaco e se apressou até o elevador.

* * *

Sessenta e Três

*RUA KROKELIVEIEN
2 de Maio de 2000*

SVERRE OLSEN subiu o volume do rádio. Folheava lentamente as páginas do último número da revista de moda Kvinner & Kiær de sua mãe, enquanto escutava o locutor dar a notícia das cartas de ameaças recebidas pelos líderes da Organização Sindical. As gotas caíam sem cessar pelo canaleta que passava justo sobre a janela da sala. Soltou uma gargalhada. Parecia um dos planos de Roje Kvinset. Ainda que esperasse que desta vez as cartas tivessem menos erros de ortografia.

Olhou o relógio. Naquela tarde sealaria muito do assunto em torno das mesas da pizzeria Herbert. Estava sem dinheiro, mas nessa semana havia consertado o velho aspirador Wilfa e sua mãe talvez estivesse disposta a emprestar cem coroas a ele. À merda com o Príncipe! Podia ir ao diabo! Já haviam passado quinze dias da última vez que dissera que lhe pagaria “dentro de um par de dias”. Entretanto, um par de pessoas às quais Sverre devia dinheiro começavam a adotar um tom desagradavelmente ameaçador. E o pior de tudo: outros ocupavam a sua mesa na pizzeria. Já havia passado bastante tempo do ataque ao Dennis Kebab.

Ultimamente, quando estava na pizzeria, vinha às vezes uma vontade irresistível de se levantar e gritar que fora ele quem havia matado à policial em Grunerløkka. Que o jorro de sangue que brotou com o último golpe saiu disparado para cima como um gêiser, que morrera entre gritos. Não havia razão para confessar que não tinha nem ideia de que fosse oficial de polícia. Nem tampouco que o sangue quase o fez vomitar. O Príncipe poderia ir ao diabo! Sverre merecia esses quarenta mil, ninguém iria negar. Mas o que poderia fazer? Depois do que havia acontecido, o Príncipe havia lhe proibido de ligar. Como precaução até que a coisa tivesse se acalmado um pouco, falou.

As ferragens da velha porta da rangeram. Sverre se levantou, desligou o rádio e saiu para o corredor. Enquanto subia as escadas, ouviu os passos de sua mãe sobre as pedras do caminho. Já em seu quarto, ouviu também o tilintar das chaves na fechadura. Enquanto ela transitava em baixo, ele parou de pé em meio do quarto se olhando no espelho. Passou uma mão pela calva e sentiu os milimétricos cabelos que lhe roçavam os dedos como uma escova de dentes. Havia se decidido. Ainda que conseguisse os quarenta mil, procuraria um trabalho. Estava farto de estar em casa sem fazer nada e, na verdade,

também estava até o topo com “os amigos” da pizzeria. Farto de seguir as pessoas que não iam a parte alguma. Havia realizado o curso de Técnico Eletricista na escola de formação profissional e era bom em consertar aparelhos. Havia muitos eletricistas que procuravam aprendizes e ajudantes. Em um par de semanas, o cabelo teria crescido o suficiente para que não se visse a tatuagem de “Sieg Heil” no cangote.

Certo, o cabelo. De repente se lembrou da ligação que recebera na noite anterior, o policial com acento de Trøndelag que havia lhe perguntado se usava o cabelo tingido de vermelho. Quando acordou nessa manhã, pensou que fora um sonho, até que sua mãe perguntou no café-da-manhã que tipo de gente era a que ligava para uma casa às quatro da madrugada.

Sverre afastou o olhar do espelho e se concentrou nas paredes de seu quarto. A foto do Líder, os pôsteres do discurso de Burrum, a bandeira com a suástica, as cruzes de ferro e o pôster de Blood & Honour, uma imitação dos velhos cartazes de propaganda de Joseph Goebbels. Pela primeira vez se deu conta de que lembrava o quarto de um garoto. Se substituísse o pendão da Resistência Branca pelo do Manchester United e a foto de Heinrich Himmler pela de David Beckham, aquilo pareceria o dormitório de um rapaz de catorze anos.

— Sverre! Gritou a sua mãe. Fechou os olhos. Não terminava nunca. Nunca terminava.

— Sim! Respondeu tão alto que o grito lhe ressoou na cabeça.

— Tem alguém aqui que quer falar contigo!

Lá mesmo? Alguém que queria falar com ele? Sverre abriu os olhos e observou indeciso a sua própria imagem no espelho. Nunca alguém ia a sua casa. Segundo acreditava, nem sequer sabiam que morasse ali. Sentiu que o coração acelerava. Seria o policial de Trøndelag outra vez? Já estava a caminho da porta quando esta se abriu.

— Bom dia, Olsen.

Pela janela da escada entrava o sol da primavera, de modo que, a contraluz, somente viu no umbral a silhueta de um homem. Mas ao ouvir sua voz, soube perfeitamente quem era.

— Não se alegra em me ver? Perguntou o Príncipe fechando a porta atrás de si. Já dentro, olhou com curiosidade as paredes. — Belo rincão que tem aqui.

— Como deixaram...?

— Sua mãe? Mostrei isso, explicou o Príncipe ao mesmo tempo em que agitava em

sua mão uma carteira com o escudo nacional em dourado sobre fundo celeste. No dorso se lia **POLÍCIA**.

— Merda, disse Sverre engolindo saliva. — É de verdade?

— Quem sabe? Relaxe, Olsen. Sente-se. O Príncipe lhe apontou a cama e ele se sentou a cavalo na cadeira da mesa.

— O que faz aqui? Quis saber Sverre.

— O que acha? Perguntou o Príncipe por sua vez, com um amplo sorriso. — Chegou a hora de ajustar contas, Olsen.

— Ajustar contas?

Sverre não havia se recobrado ainda da surpresa. Como o Príncipe sabia onde morava? E aquela carteira da polícia... Ao vê-lo agora, Sverre se deu conta de que o Príncipe poderia ser policial: o cabelo perfeitamente penteado, os olhos tão frios, o bronzeado de solário e o dorso bem treinado, o casaco curto de pele negra suave e os jeans azuis. Que estranho que não tivesse se dado conta antes!

— Sim, disse o Príncipe sem perder o sorriso. — Chegou a hora de saldar contas. Apanhou um envelope do bolso interior e o estendeu a Sverre.

— Por fim! Exclamou Sverre com um sorriso fugaz e nervoso ao mesmo tempo, enquanto metia a mão no envelope. — Mas o que é isso? Perguntou ao ver que o que retirava era uma folha de papel.

— É uma lista com os nomes das oito pessoas às que o grupo de delitos violentos visitará em breve e das que, com toda probabilidade, tomará uma amostra de sangue para análise de DNA, e verificará se coincide com os restos de pele que encontraram no gorro que deixaste no lugar do crime.

— Meu gorro? Você me disse que o havia encontrado em seu carro e que a havia queimado! Sverre olhava aterrado ao Príncipe, que negava com gesto compassivo.

— Pois parece que o que aconteceu na realidade foi que, quando voltei ao lugar do crime, vi que havia ali um casal jovem, muito assustado, que esperava a chegada da polícia. O gorro deve ter caído na neve a somente uns metros do corpo. Sverre passou as mãos pela cabeça várias vezes. — Parece confuso, Olsen.

Sverre concordou com a cabeça e tentou sorrir, mas seus lábios não pareciam dispostos a lhe obedecer.

— Quer que explique? Sverre concordou outra vez. — Quando um policial morre assassinado, se atribui ao caso a máxima prioridade até se encontrar o assassino, sem importar o tempo que demore. Esta norma não está em nenhum regulamento, mas o fato é que nunca se questionam os recursos utilizados quando a vítima é oficial de polícia. Esse é o problema quando se mata um policial: os investigadores nunca se rendem até

encontrar... Apontou a Sverre. —... O culpado. É só uma questão de tempo, assim que me permiti ajudar um pouco os investigadores para que a espera não fosse tão longa.

— Mas...

— Se perguntará por que ajudei à polícia a encontrá-lo quando é mais que provável que me delate para que lhe reduzam a pena?

Sverre engoliu em seco. Tentou pensar, mas aquilo era demasiado e sua mente travou.

— Compreendo, é complicado, não é? Disse o Príncipe apontando um dedo para a réplica da Cruz de Ferro que pendia de um prego na parede. — Claro, poderia ter lhe dado um tiro logo depois do assassinato. Mas então a polícia se teria dado conta de que o objetivo do crime não era outro que o de eliminar pistas, e teriam continuado a investigação.

Retirou a corrente do prego e a colocou redor do pescoço, por cima do casaco.

— Outra alternativa teria sido “resolver” o caso rapidamente eu mesmo, dando um tiro durante a detenção e procurar que parecesse que havia oferecido resistência. O problema com esta solução era que teriam podido suspeitar da extraordinária competência de uma pessoa capaz de resolver o caso por si só. Alguém poderia começar a pensar, principalmente quando essa pessoa é a última que viu Ellen Gjeitem com vida.

Ficou silêncio e soltou uma gargalhada.

— Não coloque essa cara de medo, Olsen! Disse que essas são as alternativas que imaginei. O que fiz foi ficar à margem, me manter informado sobre a investigação e ver como apertavam o cerco ao seu redor. Meu plano era me meter no jogo quando se aproximassem muito, e me encarregar eu mesmo da última etapa. Por certo que foi um bêbado que agora trabalha no CNI quem deu com sua pista.

— Você é... É policial?

— Fiquei bem? Perguntou o Príncipe apontando a Cruz de Ferro, — Esqueça. Eu sou um soldado como você, Olsen. Um barco deve ter as madeiras bem seladas, do contrário, afundaria à menor fuga de água. Sabe o que teria acontecido se tivesse revelado a minha identidade?

Sverre tinha seca a boca e a garganta e apenas conseguia engolir saliva. Tinha medo. Muito medo.

— Não poderia permitir que saísse vivo deste quarto. Compreendeu?

— Sim, disse Sverre com voz rouca. — M... Meu dinheiro... O Príncipe colocou a mão no interior de seu casaco de pele e apanhou uma pistola.

— Não se mova!

Aproximou-se da cama, se sentou ao lado de Sverre e apontou à porta enquanto agarrava a arma com as duas mãos.

— É uma pistola Glock, a arma corta mais segura do mundo. Chegou ontem da Alemanha. Apagaram o número de série. Seu valor na rua é de umas oito mil coroas. Considere-o como o primeira prestação do pagamento.

Sverre se sobressaltou ao ouvir a detonação. Olhou atônito o pequeno buraco que se abrira na parede, sobre a porta. No raio de sol que se filtrou como um laser pelo orifício atravessando a habitação, dançavam partículas de pó.

— Toque-a! Exortou o Príncipe deixando cair a pistola no colo de Sverre. Depois, se levantou e se encaminhou até a porta. — Segure-a com força. Um equilíbrio perfeito, não é?

Sverre sopesou a culatra. Com apatia. Notou que o suor havia lhe empapado a camiseta. “Fez um buraco na parede”. Não poderia pensar em outra coisa. Que a bala fizera outro buraco e que ainda não havia conseguido chamar alguém para que o consertasse. Então, se passou o que tanto temia. E fechou os olhos.

— Sverre!

Sua mãe parecia estar a ponto de entrar. Agarrou a pistola com força. Sempre parecia estar a ponto de entrar. Voltou a abrir os olhos e, junto à porta, viu que o Príncipe se voltava como em câmara lenta; viu que levantava os braços e que segurava um negro e reluzente Smith & Wesson nas mãos.

— Sverre!

Uma chama amarela saiu do cano. Sempre a imaginava ali, ao pé da escada. Mas nesse momento, à bala o alcançou, entrando pela testa e saindo pelo cangote, levando junto a si o “Heil” da tatuagem. Entrou em seguida pela parede, atravessando-a, antes de parar no revestimento do muro exterior.

Mas então Sverre Olsen já estava morto.

Sessenta e Quatro

RUA KROKELIVEIEN

2 de Maio de 2000

HARRY havia mendigado uma xícara de café em copo de papel de uma das garrafas térmicas do grupo da polícia científica. Estava na rua, diante da pequena casa, bastante feia, por certo, da Rua Krokeltveien, em Bjerke, e olhava para um jovem oficial que, tendo subido em uma escada que estava apoiada contra a parede, se dispunha a marcar o buraco por onde havia passado a bala. Já haviam começado a se congregarem alguns curiosos e, para evitar que se aproximassem demasiado, haviam isolado a casa. O sol da tarde caía diretamente sobre o homem que havia subido na escada, mas a casa estava ficava em um barranco do terreno e no lugar onde se encontrava Harry começava a fazer frio.

— Então chegou logo depois de que tivesse acontecido? Ouviu que alguém perguntava às suas costas.

Quando se voltou, viu que era Bjarne Møller. Cada dia frequentava menos as cenas de crimes, mas Harry ouvira dizer que Møller era um bom investigador. Havia inclusive quem insinuasse que deviam tê-lo deixado seguir nisso. Harry lhe ofereceu o copo de café, mas Møller negou com um gesto.

— Sim, parece ser que cheguei somente quatro ou cinco minutos depois, confirmou Harry. — Quem lhe disse?

— A central de alarmes. Disseram-me que havia ligado pedindo reforços logo depois de que Waaler ligara para informar do tiroteio. Harry apontou com a cabeça para o carro esportivo vermelho que estava estacionado diante da calçada.

— Quando cheguei vi o carro de Waaler. Sabia que a sua intenção era vir aqui, assim não me surpreendi. Mas quando saí do carro ouvi um barulho terrível. No princípio pensei que se tratava de um cachorro da vizinhança, mas, quando comecei a subir, compreendi que o som vinha do interior da casa e que não era um cachorro, mas de uma pessoa. Não queria correr nenhum risco, assim liguei pedindo um carro à Delegacia de Økern.

— Era a mãe? Harry concordou.

— Estava histérica. Demoraram quase meia hora para tranquilizá-la o suficiente para que dissesse algo inteligível. Weber está agora na sala falando com ela.

— O velho e sensível Weber?

— Weber é bom. É um grosseiro no trabalho, mas é realmente bom com as pessoas nestas situações.

— Eu sei, estava de brincadeira. O que Waaler diz? Harry encolheu os ombros. — Compreendo, disse Møller. — É um tipo muito frio. Isso é bom. Entramos para dar uma olhada?

— Eu já entrei.

— Então me leve para uma visita guiada.

Abriram caminho até o segundo andar sem deixar de cumprimentar entre murmúrios a colegas que não viam há muito tempo. O quarto estava abarrotado de especialistas da polícia científica vestidos de branco, e os flashes dos fotógrafos relampagueavam sem cessar. Sobre a cama havia um grande plástico negro onde haviam desenhado em branco uma silhueta. Møller percorreu as paredes com o olhar.

— Meu Deus! Murmurou.

— Sverre Olsen não era eleitor do Partido Trabalhista, comentou Harry.

— Não toque em nada, Bjarne! Gritou um inspetor da científica que Harry reconheceu. — Lembra-se do que aconteceu na última vez? Møller se lembrava, obviamente, pois começou a rir.

— Sverre Olsen estava sentado na cama quando Waaler entrou, começou Harry. — Segundo Waaler, ele ficou junto à porta perguntando a Olsen onde estava na noite em que mataram Ellen. Olsen fingiu não lembrar a data, então Waaler continuou perguntando até que ficou claro que Olsen não tinha álibi. Segundo Waaler, ele falou para Olsen que precisaria acompanhá-lo à Delegacia para prestar um depoimento e foi então quando, de repente, Olsen apanhou o revólver que, aparentemente, tinha escondido debaixo do travesseiro. Disparou e a bala passou por cima do ombro de Waaler, atravessando a porta, aqui tem o buraco, e em seguida continuou a sua trajetória atravessando também o teto do corredor. Segundo Waaler, ele usou a sua arma regulamentar antes que Olsen pudesse disparar outra vez.

— Rápida atuação. E boa pontaria, segundo me disseram.

— Sim, diretamente na testa, confirmou Harry.

— Bom, talvez não seja tão estranho. Waaler obteve o melhor resultado nas provas de tiro deste outono.

— Esqueceu-se dos meus resultados, pontualizou Harry secamente.

— E aí, Ronald? Gritou Møller se dirigindo ao inspetor de branco.

— Sem problemas, creio. O inspetor se levantou ajeitando as costas com um gemido. — Encontramos a bala que matou Olsen atrás do revestimento. A que atravessou a porta continuou através do teto. Vamos ver se a encontramos também, para que os rapazes de balística tenham algo com que se entreter amanhã. Pelo menos o

ângulo de tiro coincide.

— Ok, obrigado.

— Não tem de quê, Bjarne. Como está a sua mulher?

Møller explicou como se encontrava a mulher, mas não se preocupou em perguntar pela mulher do inspetor, mas, pelo que sabia Harry, havia a possibilidade de que o inspetor não tivesse esposa. No ano anterior, quatro dos rapazes da científica se separaram no mesmo mês. Na cantina fizeram alguma que outra piada dizendo que seria pelo cheiro a cadáver... No exterior, em frente à casa, viram Weber. Estava só, com uma xícara de café na mão e olhava para o homem que estava na escada.

— Como foi, Weber? Interessou-se Møller.

— Sem problemas, afirmou voltando a olhar o homem da escada. — Claro que falou que não entendia, que seu filho não suportava ver sangue e tudo o demais, mas não creio que tenhamos problemas para determinar o que ocorreu aqui realmente.

— Certo. Møller segurou Harry pelo cotovelo. — Vamos dar uma volta.

Começaram a andar pela rua. Era uma área residencial de casas pequenas, jardins diminutos e alguns edifícios de apartamento no final. Uns garotos com os rostos avermelhados pelo esforço passaram ao seu lado em suas bicicletas, na direção os carros policiais que estavam com as luzes azuis acesas. Møller esperou até que se afastassem um pouco, para que não pudessem ouvi-lo.

— Não parece muito satisfeito de que tenhamos descoberto quem matou a Ellen, observou.

— Não, não estou satisfeito. Em primeiro lugar, ainda não sabemos se foi Sverre Olsen. A análise de DNA...

— A análise de DNA nos confirmará que foi ele. O que aconteceu, Harry?

— Nada, chefe. Møller parou.

— De verdade?

— De verdade. O chefe apontou para a casa com um gesto.

— É porque pensa que uma bala rápida é um castigo muito leve para Olsen?

— Já disse que não é nada! Repetiu Harry com veemência.

— Desembucha! Gritou Møller então.

— Só que me parece muito estranho! Møller franziu as sobrancelhas.

— Que parece tão estranho?

— Um policial com a experiência de Tom Waaler... Harry desceu a voz e falou lentamente, enfatizando cada palavra. — É estranho que decidisse vir sozinho para falar com um suspeito de assassinato e, talvez, prendê-lo. Essa conduta vai contra todas as normas escritas e tácitas.

— Então, o que insinua? Que Tom Waaler o provocou? Acha que fez com que Olsen sacasse a arma para assim poder vingar a Ellen, é isso? E por essa razão, na casa, dizia “segundo Waaler isso e segundo Waaler aquele”, dando a entender que os policiais não deem confiar na palavra de um colega. E tudo isso, quando a metade do grupo da polícia científica escutava. Olharam-se fixamente. Møller era quase tão alto como Harry.

— Só digo que é muito estranho, insistiu Harry se virando. — Isso é tudo.

— Já basta, Harry! Não sei estava seguindo Waaler até aqui porque suspeitava que poderia acontecer algo assim, o que sei é que não quero ouvir nada mais. A verdade é que não quero ouvir nem uma fodida palavra sua que insinue algo. Entendido?

Harry olhou para a casa amarela da família Olsen. Era menor que as demais e não tinha um teto tão alto como as outras casas daquela rua residencial tão tranquila. Os tetos dos outros faziam com que esta, mais feia, parecesse desprotegida, como se as casas vizinhas quisessem excluí-la. Cheirava intensamente a mato queimado e o vento trazia e usava a voz longínqua e metálica dos alto-falantes do hipódromo de Bjerke. Harry encolheu os ombros.

— Sinto muito. Eu... Møller lhe colocou uma mão no ombro.

— Era a melhor. Já sei, Harry.

* * *

Sessenta e Cinco

RESTAURANTE SCHRØDER

2 de Maio de 2000

O VELHO estava lendo o diário *Aftenposten*. Já chegara à página de esportes quando se deu conta de que a garçonete esperava junto a sua mesa.

— Alô, cumprimentou a mulher colocando ante ele a cerveja.

Como de costume, não respondeu. A garçonete tinha uma idade indefinível, mas ele calculava que estaria entre os trinta e cinco e os quarenta. Por seu aspecto se diria que havia aproveitado esses anos tanto ou mais que a clientela à que servia. Tinha, não obstante, um sorriso agradável. O velho suspeitava que não fosse das que se assustavam facilmente, que aguentaria bem qualquer convite. A mulher saiu e ele deu o seu primeiro gole enquanto deixava vagar o olhar pelo local. Deu uma olhada no relógio. Levantou-se e se dirigiu ao telefone público que havia ao fundo do local, colocou três moedas de uma coroa, discou o número e esperou. Depois de três tons de chamada, atenderam e o velho ouviu uma voz:

— Casa dos Juul.

— Signe?

— Sim.

Sua voz denotava que estava assustada, que sabia quem ligava. Aquela era a sexta vez, de modo que o mais provável era que estivesse esperando essa ligação.

— Sou Daniel, disse ele.

— Quem? O que quer? Ouviu-a respirar fundo do outro lado.

— Já disse que sou o Daniel. Só quero que repita o que você disse naquela vez. Lembra-se?

— Precisa parar com isso. Daniel está morto.

— Tenha fé até na morte, Signe. Não até a morte, mas na morte.

— Vou ligar para a polícia.

Então o velho desligou, apanhou o chapéu e casaco e saiu lentamente à rua, onde brilhava o sol. Na colina Sankthanshaugem haviam começado a brotar os primeiros

botões.

Agora faltava pouco.

* * *

Sessenta e Seis

RESTAURANTE DINNER

5 de Maio de 2000

ARISADA de Raquel penetrou no ruído de vozes do restaurante, que estava abarrotado de clientes.

— ...E quase senti medo quando vi que havia um mensagem na secretária eletrônica, explicou Harry. — Você sabe, o piscar luminoso dessa espécie de olho diminuto e logo depois, sua voz que encheu a sala de estar. Em seguida, imitou-a com voz grave: — “Raquel. Sexta-feira às oito no Dinner. Lembre-se de ir bem vestido e de trazer a carteira.”. Helge se assustou; tive que deixá-la comer espiga de milho duas vezes para que se acalmasse.

— Eu não disse tal coisa! Protestou ela entre risadas.

— Bem, algo parecido.

— Não! E, além disso, é culpa sua e da mensagem que tem na secretária eletrônica. Raquel tentou falar com a mesma voz profunda que Harry:

— “Hole. Esqueça.”. E tam... Tam...

— Típico de mim?

— É

Fora um jantar perfeito, uma noite perfeita, e agora chegara o momento de estragá-lo, se dizia Harry.

— Meirik me mandou ir para a Suécia numa missão de observação, começou manuseando o copo de água. — Durante seis meses. Viajo depois do fim de semana.

— Ah, sim? Harry se surpreendeu que seu rosto não demonstrasse alguma reação.

— Já liguei para Søs e para o meu pai para contar, continuou. — Meu pai me atendeu e inclusive me desejou boa sorte.

— Isso está certo, aprovou Raquel com um sorriso, mas atenta ao menu de sobremesas. — Oleg sentirá sua falta, adicionou em voz baixa. Harry olhou-a, mas não conseguiu captar o seu olhar.

— E você? Perguntou. Um leve sorriso se desenhou no semblante de Raquel.

— Tem Banana Split à Szechuan, disse.

— Peça dois.

— Eu também vou sentir sua falta, respondeu por fim, sem deixar de olhar o menu.

— Quanto? Encolheu os ombros. Ele repetiu a pergunta. Raquel inspirou ar como para dizer algo, o soltou... E começou de novo. Finalmente, falou:

— Sinto muito, Harry, mas nesse momento somente existe lugar para um homem em minha vida. Um pequeno homem de seis anos. Harry teve a sensação de que lhe jogavam um jarro de água gelada na cabeça.

— Vamos, disse Harry. — Não posso estar tão equivocado. Ela parou de estudar o menu e o olhou inquisitivamente. — Você e eu... Começou Harry se inclinando para frente. — Estamos flertando nesta noite. Estamos fazendo isso juntos e muito bem. Mas eu acredito que queremos algo mais. Você quer algo mais.

— Pode ser.

— Pode ser, não. Com certeza. Você quer tudo.

— O quê?

— O quê? É você quem deve responder essa pergunta, Raquel. Dentro de uns dias irei para uma cidadezinha do sul da Suécia. Não sou um homem bafejado pela sorte, somente quero saber se, quando voltar no outono, terei algo para que voltar.

Seus olhares se encontraram e, nesta ocasião, ele conseguiu que ela lhe sorrisse.

— Sinto muito. Não é minha intenção me comportar assim. Sé que isso parecerá estranho, mas... A alternativa não é viável.

— Que alternativa?

— Fazer o que tenho vontade de fazer. Levá-lo para a minha casa, retirar toda a roupa e fazer amor contigo a noite toda.

Sussurrou as últimas palavras baixinhas e rápidas. Como se tivesse se adiantado a dizer algo que tinha pensado deixar para mais adiante; mas já estava dito. E precisava dizer bem assim, sem rodeios.

— E por que não alguma outra noite mais? Perguntou Harry. — Ou várias noites? Que me diz de amanhã à noite e na noite seguinte e na semana que vem e...?

— Já basta, Harry. Não pode ser.

— Está bem, então não.

Harry apanhou outro cigarro e o acendeu. Raquel lhe acariciou a face, a boca. Aquele suave gesto esvaziou seu interior como uma contração deixando uma dor silenciosa ao desaparecer.

— Não é por você, Harry. Por um instante, achei que poderia fazer uma vez só. Repassei todos os argumentos. Duas pessoas adultas. Nenhum terceiro implicado. Uma relação sem compromisso muito simples. É um homem que desejo mais que a alguém

desde... O pai de Oleg. Por isso sei que não será suficiente uma vez. E isso, simplesmente, não pode ser. Ficou em silêncio.

— É porque o pai de Oleg é alcoólatra? Perguntou Harry.

— Por que pergunta isso?

— Não sei. Isso poderia explicar porque não quer nada mais comigo. Não é porque estive com outro bêbado que pode decidir que sou um péssimo partido, mas... Raquel segurou a sua mão e se apressou a corrigi-lo:

— Não é um péssimo partido, Harry. Não é isso.

— Então o que é?

— Esta será a última vez. É a última vez que saímos.

Ele ficou olhando-a um bom tempo. E então, se deu conta. Não eram lágrimas de alegria o que brilhava em seus olhos.

— E que me diz do resto da história? Perguntou tentando sorrir. — Não me dirá que é como no CNI, “somente saberá o que precisa saber”? Ela confirmou com um gesto.

O garçom se aproximou da sua mesa, mas, aparentemente, compreendeu que não era o momento oportuno para interromper e voltou a ir embora. Ela abriu a boca para dizer algo. Harry viu que estava a ponto de chorar, que mordida o lábio inferior. De repente, deixou o guardanapo sobre a toalha, empurrou para trás a cadeira, se levantou e, sem fazer palavra, saiu do restaurante. Harry ficou olhando para o guardanapo. Devia tê-la estado amassando com a mão um bom tempo, porque parecia uma bola. Harry a observou enquanto se abria lentamente, como uma flor de papel branco.

* * *

Sessenta e Sete

APARTAMENTO DE HALVORSEN
6 de Maio de 2000

QUANDO o telefone acordou o oficial Halvorsen, os dígitos luminosos da tela de seu despertador apontavam uma e vinte da madrugada.

- Hole. Estava dormindo?
- Não, mentiu Halvorsen sem saber por quê.
- Queria fazer umas perguntas sobre Sverre Olsen.

A julgar pelo som de sua respiração e o bulício do trânsito no fundo, parecia que Harry estava andando pela rua.

— Sei o que quer saber, afirmou Halvorsen. — Sverre Olsen comprou umas botas Combat na Top Secret, na Rua Henrik Ibsen. Reconheceram-no pela foto e nos disseram até a data. Os de KRIPOS haviam estado ali verificando o seu álibi no caso Hallgrin Dale, antes do Natal. Mas toda esta informação enviei por fax para a sua sala nesta manhã.

- Eu sei, venho dali.
- Agora? Não saiu para jantar esta noite?
- Bem. A ceia acabou muito rápida.
- E depois foi para o trabalho? Perguntou Halvorsen, incrédulo.
- Sim, parece isso. E foi seu fax que me pôs a pensar. Poderia verificar um par de coisas mais amanhã?

Halvorsen deu um suspiro. Em primeiro lugar, Møller havia lhe advertido, em termos impossíveis de repetir, que Harry Hole estava totalmente fora do caso Ellen Gjelten. Em segundo lugar, no dia seguinte era sábado e ele não iria trabalhar.

- Continua aí, Halvorsen?
- Sim.
- Tenho certeza do que Møller terá dito. Não faça caso. Estou lhe dando a oportunidade de se aprofundar no seu aprendizado sobre o trabalho de investigação.
- Harry, o problema é que...
- Cale e escute, Halvorsen.

Halvorsen disse para si uma maldição... E obedeceu.

* * *

Sessenta e Oito

RUA VIBE
8 de Maio de 2000

HARRY pendurou o casaco em um cabide sobrecarregado que ficava no corredor. O aroma a café recém-feito chegava até a entrada.

— Obrigado por me receber com tanta rapidez, Fauke.

— Não tem de quê, grunhiu Fauke da cozinha. — Para um homem de idade como eu é um prazer ser útil. Se é que posso ajudar.

Serviu café em duas grandes xícaras e se sentaram à mesa da cozinha. Harry passou as pontas dos dedos pela áspera superfície escura da pesada mesa de madeira.

— É de Provença, explicou Fauke. — A minha esposa gostava dos móveis rústicos franceses.

— Uma mesa magnífica. Sua esposa tinha bom gosto. Fauke sorriu.

— É casado, Hole? Não? Nem esteve? Não deveria esperar demasiado, sabe? A gente que vive só se torna maníaca, disse rindo. — Sei o que digo. Eu havia passado dos trinta quando me casei. E já era tarde. Maio de 1955. Apontou uma das fotos que pendia da parede, próxima da mesa da cozinha.

— Essa era a sua esposa? Perguntou Harry. — Achei que era Raquel.

— Sim, claro, disse depois de olhar para Harry surpreso. — Esquecera-me de que vocês se conhecem do CNI.

Entraram na sala, onde Harry observou que os montes de papéis haviam crescido desde a última vez, de modo que agora ocupavam todas as cadeiras, com exceção da cadeira da mesa de trabalho.

— Descobriu algo sobre os nomes que lhe dei? Perguntou. Harry fez um resumo do que acontecera. — De qualquer maneira, agora temos um novo elemento, advertiu. — Assassinararam uma oficial de polícia.

— Sim, eu li no jornal.

— É provável que o caso já esteja resolvido, somente esperamos os resultados de uma prova de DNA. O que acha das coincidências, Fauke?

— Não gosto.

— Eu tampouco. Por isso comecei a me fazer certas perguntas, porque notei que as mesmas pessoas aparecem em assuntos que, à primeira vista, não tem relação entre si. Na mesma noite que a oficial Ellen Gjeltén foi assassinada, deixou a seguinte mensagem na minha secretária eletrônica: “Já o pegamos”. Ela colaborava comigo na busca do contato que o vendedor do Märklin tivera em Johannesburgo. Claro, pode ser que não tenha relação alguma entre essa pessoa e o assassino, mas é fácil pensar que sim. Sobretudo, se levarmos em conta que Ellen parecia ter muita pressa em me localizar. Eu estava há semanas trabalhando neste caso e, ainda assim, ela fez várias tentativas para falar comigo nessa mesma noite, como se não pudesse esperar. Além disso, parecia muito nervosa, como se se sentisse ameaçada.

Harry apoiou o indicador na mesa.

— Uma das pessoas que figuravam em sua lista, Hallgrin Dale, foi assassinado neste outono. No lugar onde o acharam havia, entre outras coisas, restos de vômito. No princípio não o relacionamos com o assassinato, já que o grupo sanguíneo não coincidia com o da vítima e o perfil de um assassino frio e profissional não se parecia com uma pessoa que vomita no lugar do crime. Mas claro, a KRIPOS não descartou por completo que se tratasse do vômito do assassino e enviou uma amostra de saliva para que fizessem uma análise de DNA. Nesta manhã, um colega comparou o resultado dessa análise com as do DNA do gorro que encontramos no lugar do crime da oficial de polícia. São idênticos. Harry ficou em silêncio e olhou para o seu interlocutor.

— Entendo, disse Fauke. — Acha que se trata do mesmo assassino.

— Não, não acredito. Mas que existe uma conexão entre os assassinatos, que não foi uma casualidade que Sverre Olsen se encontrasse próximo do lugar onde se perpetraram ambos.

— Por que não pode ser ele o autor dos dois?

— Claro que existe a possibilidade, mas temos uma diferença fundamental entre os atos de violência cometidos por Sverre Olsen anteriormente e o assassinato de Hallgrin Dale. Alguma vez viu as lesões que um bastão pode causar numa pessoa? A madeira não é cortante, fratura os ossos e arrebenta os órgãos internos como o fígado e os rins. A pele, em troca, geralmente permanece intacta e a vítima morre, no geral, por causa das hemorragias internas. Hallgrin Dale teve cortada a aorta no pescoço. Com esse método, o sangue brota aos borbotões. Entendeu?

— Sim, mas não entendo onde quer chegar com essa explicação.

— A mãe de Sverre Olsen falou a um de nossos agentes que Sverre não suportava ver sangue. Fauke parou no meio do caminho, o movimento de levar a xícara à boca e voltou a deixá-la na mesa.

— Sim, mas...

— Sei o que pensa, que ainda assim poderia tê-lo feito e, já que não suportava ver

sangue, vomitou. Contudo, é importante lembrar que não era a primeira vez que o assassino utilizava uma navalha. De fato, segundo o relatório do forense, havia praticado um corte cirúrgico perfeito, que somente pode realizar alguém que sabe o que faz. Fauke concordou lentamente com a cabeça.

— Agora sim compreendo o que quer dizer, concordou Fauke.

— Parece pensativo, comentou Harry.

— Creio que sei por que veio. Quer saber se é possível que algum dos combatentes da frente de Sennheim pudesse cometer um assassinato dessas características.

— Exato. E bem, é?

— Sim, é possível. Fauke rodeou a xícara com ambas as mãos, o olhar perdido. — O homem que não conseguiu encontrar, Gudbrand Johansen. Já expliquei por que o chamávamos de Garganta Vermelha.

— Poderia me contar algo mais sobre ele?

— Sim. E vamos precisar de mais café.

* * *

Sessenta e Nove

*RUA IRISVEIEN
8 de Maio de 2000*

— Quem é? Gritou do interior uma voz débil e temerosa. Harry adivinhou a sua silhueta através do vidro rugoso.

— Sou Hole. Liguei antes de vir... A porta se entreabriu.

— Sinto muito, eu...

— Não se preocupe, eu compreendo. Signe Juul abriu a porta totalmente e Harry entrou no vestíbulo.

— Even saiu, se desculpou com um sorriso.

— Sim, você disse no telefone, lembrou-a Harry. — Mas é consigo com quem quero falar.

— Comigo?

— Se não for incômodo, senhora Juul.

A idosa o guiou pelo corredor. Usava o cabelo, vigoroso e da cor do aço, recolhido em um coque trançado e preso com uma forquilha antiquada. Seu corpo volumoso e bamboleante fazia pensar em um colo acolhedor e em boa comida caseira. Burre levantou o focinho quando entraram na sala de estar.

— Então seu marido foi passear sozinho? Perguntou Harry.

— Sim, não o deixam entrar com Burre no café, explicou a mulher. — Sente-se, por favor.

— No café?

— Começou a frequentá-lo há pouco tempo. Para ler os jornais. Diz que pensa melhor quando não está todo o tempo em casa.

— Com certeza que tem razão.

— Com certeza. E, além disso, pode sonhar um pouco, suponho.

— A que se refere?

— Bom, eu que sei. Lá pode sonhar que é jovem outra vez e que está tomando café em uma terraza de Paris ou Viena, esclareceu ela uma vez mais com seu sorriso fugaz. — Bom, a propósito de café...

— Sim, obrigado.

Enquanto Signe Juul ia até cozinha, Harry observou detidamente as paredes. Sobre a

lareira havia um retrato de um homem com um casaco negro. Havia passado inadvertido a Harry da última vez que estivera ali. O homem do casaco negro tinha uma pose dramática, parecia estar olhando para horizontes longínquos, fora do alcance da vista do pintor. Harry se aproximou do quadro. Na plaquinha de cobre que havia na parte inferior do marco se lia: “Médico chefe Kornelius Juul 1885-1959”.

— É o avô de Even, esclareceu Signe Juul, que voltava da cozinha com uma bandeja.

— Tem muitos retratos.

— Sim, afirmou a mulher deixando a bandeja na mesa. — O que está junto a esse é o retrato do avô materno de Even, o doutor Werner Schumann. Foi, em 1885, um dos fundadores do hospital Ullevål.

— E esse?

— Jonas Schumann. Diretor do Rikshospitalet.

— E sua família? A mulher o olhou algo confusa.

— O que quer dizer?

— Onde estão os retratos de seus familiares?

— Eles... Estão pendurados em outro lugar. Leite?

— Não, obrigado. Harry voltou a sentar. — Queria falar da guerra, começou.

— Ah, não! Exclamou ela.

— Eu compreendo, mas é importante. Certo?

— Veremos, afirmou Signe Juul enquanto se servia uma xícara.

— Você foi enfermeira durante a guerra...

— Enfermeira na frente, sim. Traidora da pátria.

Harry observou seu olhar sereno.

— Éramos umas quatrocentas. Condenaram-nos a penas de prisão depois da guerra, mesmo com a Cruz Vermelha Internacional enviando uma petição às autoridades norueguesas em que solicitavam a suspensão de toda imposição de penas de prisão. A Cruz Vermelha norueguesa não nos pediu perdão até 1990. O pai de Even, o desse quadro dali, tinha contatos e conseguiu que reduzissem a minha condenação, entre outras razões porque, na primavera de 1945, atendi a dois feridos que eram membros da Resistência. E porque nunca fui membro da União Nacional. Quer saber algo mais?

Harry olhava fixamente o fundo de sua xícara, enquanto pensava sobre o grande silêncio que reinava em alguns bairros residenciais de Oslo.

— Não vim para falar de você, senhora Juul. Lembra-se de um combatente norueguês que se chamava Gudbrand Johansen? Signe Juul deu um suspiro, sobressaltada, e Harry compreendeu que acertara.

— O que quer saber realmente? Perguntou ela com expressão severa.

— Seu marido não lhe contou?

— Even nunca me conta nada.

— Bem. Estou tentando conseguir informações sobre os combatentes noruegueses que estiveram em Sennheim antes de serem enviados para a frente.

— Sennheim, repetiu ela em voz baixa. — Daniel esteve ali.

— Sim, sei que foi noiva de Daniel Gudeson. Sindre Fauke me contou.

— Quem é Sindre Fauke?

— Um velho combatente da frente e membro da Resistência que seu marido conhece. Foi Fauke quem me sugeriu que falasse consigo sobre Gudbrand Johansen. Fauke desertou, então não sabe o que aconteceu com Gudbrand depois. Mas outro combatente, Edvard Mosken, me contou um episódio relacionado com uma granada de mão que explodiu na trincheira. Mosken não sabia exatamente o que havia acontecido depois, mas se Johansen sobreviveu, é normal imaginar que terminasse no hospital de campanha.

Signe Juul chasqueou a língua, Burre latiu e ela afundou a mão na pelagem hirsuta do animal.

— Sim, me recordo de Gudbrand Johansen, admitiu por fim. — Daniel falava dele de vez em quando em suas cartas, tanto nas que me mandou desde Sennheim como nas notas que recebi no hospital de campanha. Eram muito diferentes. Mas creio que, com o tempo, Gudbrand Johansen chegou a ser para ele como um irmão menor. Calou-se um instante e sorriu. — Na companhia de Daniel, quase todos se convertiam em irmãos menores!

— Sabe o que aconteceu com Gudbrand?

— Trouxeram-no para o hospital de campanha onde eu trabalhava, como você disse, quando a frente estava a ponto de cair em mãos russas, em plena retirada. Não nos chegavam os remédios porque todas as rodovias estavam bloqueadas por causa do enorme trânsito no sentido contrário. Johansen estava ferido, entre outras coisas tinha restos de granada nas pernas, justo em cima do joelho. O pé estava a ponto de gangrenar e corria o risco de que tivéssemos que amputar. Então, em lugar de esperar que chegassem os remédios, que não chegavam nunca, o enviamos ao oeste, que era aonde ia todo o mundo. A última coisa que vi dele foi o seu rosto em um caminhão, com barba de semanas, coberto por uma manta. A metade das rodas afundava no lodo e o caminhão demorou uma hora para passar a primeira curva antes de desaparecer de minha vista.

O cachorro apoiava a cabeça em seu colo e a olhava com olhos tristes.

— E isso é a última coisa que viu ou que soube dele? A mulher levou a xícara de fina

porcelana os lábios, deu um brevíssimo gole e voltou a deixá-la na mesa. A mão lhe tremia, pouco, mas tremia.

— Uns meses mais tarde, eu recebi um postal e uma carta dele onde dizia que tinha alguns dos pertences de Daniel, entre outras coisas, um gorro de um uniforme russo que, segundo entendi, era uma espécie de troféu de guerra. A carta era algo confusa, mas é normal ao princípio, quando está se recuperando depois de ter sido ferido em campanha...

— O postal...? Ela negou com a cabeça, pois não a conservou.

— Lembra-se de onde o enviou?

— Não, somente que o nome me fez pensar que se tratava de algum lugar no campo e pensei que que estaria bem ali. Harry se levantou. — Como esse Fauke sabia de mim? Perguntou ela.

— Bem... Harry não sabia muito bem como responder, mas ela se adiantou.

— Todos os combatentes da frente ouviram falar de mim, disse com um sorriso. — A mulher que vendeu a sua alma ao diabo por uma redução da pena. É isso o que pensam?

— Não sei, disse Harry, que sentia já a necessidade de ir embora.

Encontravam-se a duas quadras da estrada, mas, pela intensidade do silêncio, poderiam estar junto a um lago de montanha.

— Sabe? Eu nunca vi Daniel depois de que me dissessem que havia morrido. Fixou o olhar no vazio. — Recebi uma felicitação sua de Ano Novo por meio de um dos oficiais sanitários e, três dias mais tarde, vi o nome de Daniel na lista dos caídos. Não acreditei e me neguei a acreditar até que tivesse visto o corpo, assim me levaram à fossa do setor norte, onde queimavam os cadáveres. Desci à fossa pisando corpos sem vida, procurando de cadáver em cadáver, entre olhos vazios e carbonizados. Mas nenhum era o de Daniel. Disseram-me que me seria impossível reconhecê-lo, mas eu disse que se enganavam, que eu poderia sim. Então me sugeriram que talvez o tivessem enterrado em uma das outras fossas. Não sei, mas nunca cheguei a vê-lo.

Harry tossiu, e tão imersa estava ela em suas recordações, que se sobressaltou.

— Obrigado pelo café, senhora Juul.

A mulher o acompanhou até a entrada. Enquanto colocava o casaco, Harry se esforçou por encontrar o rosto da mulher entre os retratos que havia nas paredes do corredor, mas foi em vão.

— É preciso que Even saiba dessa conversa? Perguntou quando abriu a porta. Harry

olhou-a, surpreso. — Quero dizer, precisará saber que falamos disso? Explicou. — Da guerra e... De Daniel?

— Bom, não, se você não quiser. Naturalmente.

— Saberá que esteve aqui. Mas não podemos dizer simplesmente que esteve esperando-o e que, como demorava, teve que ir embora porque tinha outro encontro marcado? Seu olhar transmitia uma súplica. E algo mais.

Harry não se deu conta do que era até que chegou na estrada e desceu a janela para ouvir o rugido liberador e ensurdecador dos carros. Era medo. Signe Juul tinha medo de algo.

* * *

Setenta

*CASA DE BRANDHAUG, NORDBERG
9 de Maio de 2000*

BERNT BRANDHAUG bateu ligeiramente na borda do copo com a faca e cobriu a boca com o guardanapo enquanto dava uma leve tossezinha. Um brevíssimo sorriso se formou em seus lábios, como se gozasse de antemão dos elementos engenhosos que continha o discurso que ia realizar ante seus convidados: a delegada-chefe Størksem, seu marido e Knut Meirik e esposa.

— Queridos amigos e colegas, começou.

Pelo rabo do olho viu como sua mulher sorria forçadamente para os outros, como dizendo: “Sinto que tenhamos que passar por isso, mas é algo sobre o que não tenho nenhum controle”. Naquela noite Brandhaug pensava em falar de amizade e de corporativismo, da importância da lealdade e de lembrar os bons elementos de defesa contra a margem que a democracia geralmente deixava para a mediocridade, a fragmentação de responsabilidades e a incompetência. Claro, não poderia esperar que empregadas de casa e camponeses, democraticamente eleitos, compreendessem a complexidade dos assuntos de Estado dos que deviam se ocupar.

— A democracia tem em si sua própria recompensa, declarou Brandhaug com uma expressão que roubara e fizera sua. — Mas isso não significa que a democracia não tenha um preço. Quando transformamos em Ministro de Economia um operário...

De vez em quando verificava se a delegada-chefe estava escutando, adicionava um comentário jocoso sobre o processo de democratização de algumas antigas colônias africanas, onde ele mesmo fora embaixador... Mas o discurso, o mesmo que já pronunciara em várias ocasiões para auditórios diversos, não era capaz de entusiasamá-lo o suficiente naquela noite. De fato, seus pensamentos estavam em outro lugar, no mesmo que praticamente estiveram, durante as últimas semanas: com Raquel Fauke.

Aquela mulher havia se convertido em uma obsessão e ultimamente chegara a pensar que devia tentar esquecê-la, que estava a ponto de ir demasiado longe para consegui-la. Pensou nas manobras dos últimos dias. Se não fosse porque o chefe do CNI era Knut Meirik, jamais teria funcionado. A primeira coisa que teve que fazer foi se livrar

desse Harry Hole, mandá-lo para fora de sua vista, fora da cidade, para um lugar onde nem Raquel nem nenhuma outra pessoa iria com ele. Brandhaug chamou Knut e lhe falou que seu contato no diário Dagbladet havia lhe informado de que, no entorno jornalístico, corria o rumor de que havia acontecido “algo” naquele outono, durante a visita do presidente norte-americano. Era necessário, pois, atuar antes que fosse demasiado tarde, ocultar Hole em algum lugar onde a imprensa não pudesse encontrá-lo. Knut não pensava, como ele, que isso seria o melhor?

Knut deixara escapar uns grunhidos e falara que sim, mais ou menos... Pelo menos, até que os rumores desaparecessem, continuara Brandhaug. Para dizer a verdade, Brandhaug duvidava de que Meirik tivesse acreditado. Ainda que, claro está, tampouco se preocupava com isso. Knut o chamou uns dias depois para comunicar que Harry Hole fora destinado para um lugar na Suécia deixado da mão de Deus. Brandhaug esfregara as mãos de satisfação. Agora nada poderia interferir nos planos que tinha para si mesmo e para Raquel.

— Nossa democracia é como uma filha bela e sorridente, embora algo ingênua. O fato de que se unam as forças positivas da sociedade não significa elitismo ou concentração do poder; é, simplesmente, a única garantia de que nossa filha, a democracia, não seja violada e de que umas forças não desejadas usurpem o poder. Por esta razão, a lealdade, virtude já quase esquecida, entre pessoas como nós, não somente é desejável, mas totalmente imprescindível, é um dever que...

* * *

Havia instalado nos fundos, poltronas da sala de estar e Brandhaug passou sua caixa de puros cubanos, presente do cônsul geral de Havana.

— Feito entre as pernas das mulheres cubanas, sussurrou ao marido de Anne Størksem com um gesto, embora este não parecesse captar o significado da piada.

Tinha um aspecto algo estirado e seco, esse marido dela, como se chamava? Por Deus, se era um nome composto... Já esquecera? Tor Erik! Exato, Tor Erik.

— Mais conhaque, Tor Erik?

Tor Erik sorriu apertando os lábios, mas negou com um gesto. “Um tipo ascético, com certeza, que correria cinquenta quilômetros todas as manhãs”, pensou Brandhaug. Tudo naquele homem era delgado, o corpo, o rosto, o cabelo... Não havia lhe passado despercebido o olhar que trocara com a mulher durante o discurso, como se lembrando

de uma piada particular. Claro que não tinha por que estar relacionado com o discurso.

— Sensato, elogiou Brandhaug. — Em seguida chega o dia seguinte e... Não é? De repente, Elsa apareceu na porta da sala de estar.

— Telefone, Bernt.

— Temos convidados, Elsa.

— É do Dagbladet.

— Atenderei em meu estúdio.

Era da seção de notícias, uma mulher cujo nome não conhecia. Soava jovem e tentou imaginá-la. Ligava a propósito da manifestação que, nessa noite, fora marcada ante a embaixada austríaca, na Rua Thomas Heftye, contra Jörg Haider e o partido Liberdade, de extrema direita, que depois das eleições já fazia parte do governo austríaco. A jovem somente queria conseguir uns comentários para a edição do dia seguinte.

— Acha que deveriam se reconsiderar as relações diplomáticas entre Noruega e Áustria nesses momentos, Brandhaug?

Ele fechou os olhos. Já estava tentando retirar informação dele, mas tanto ela como ele, sabia que não ia obter; ele tinha muita experiência. Notava o efeito do álcool, sentia a cabeça pesada e na escuridão, ao fechar os olhos, algo... mas isso não constituía o menor problema.

— Isso é uma manobra política e é uma decisão que não depende do Ministério de Assuntos Exteriores, declarou. Fez uma pausa. Gostava da voz da jovem. Intuíra que era ruiva.

— Mas se você, com a sua ampla experiência nessa área, tivesse que adivinhar qual será a atuação do governo norueguês? Sabia o que devia responder, era muito simples: “Eu não adivinho esse tipo de coisas.”.

Nem mais, nem menos. Realmente, era estranho, mas uma pessoa não precisava ocupar um posto como o seu muito tempo para ter a sensação de já ter respondido a todas essas perguntas. Os jornalistas jovens conseguiam acreditar que eram os primeiros a formular exatamente essa pergunta, já que eles haviam passado toda a noite pensando nela. E todos ficavam muito impressionados quando ele fingia pensar antes de responder algo que, provavelmente, já dissera uma dezena de vezes. “Eu não adivinho esse tipo de coisas.”. Surpreendeu-se de não tê-lo dito ainda, mas havia algo na voz daquela jovem jornalista que o impulsionava a ser um pouco mais complacente. “Sua ampla experiência”, havia dito. Sentia desejos de perguntar se a ideia de ligar para ele, para Bernt Brandhaug, fora dela.

— Como o mais alto funcionário do Ministério de Assuntos Exteriores, me atenho ao fato de que por agora mantemos relações diplomáticas normais com a Áustria, respondeu por fim. — Mas, claro, sabemos que também outros países reagem ante o que acontece ali atualmente. Por outro lado, que mantenhamos relações diplomáticas com um país não significa que aceitemos tudo o que aconteça ali.

— Certo, a Noruega mantém relações diplomáticas com vários regímenes militares, concordou a voz ao outro lado do fio telefônico. — De modo que, por que acha que a reação do povo norueguês foi tão dura neste caso, precisamente?

— A resposta está, com certeza, na história recente da Áustria. Os laços com o nazismo são evidentes. A maioria dos historiadores está de acordo que, durante a guerra, a Áustria foi, de fato, uma aliada da Alemanha de Hitler.

— Não sofreu a ocupação, como a Noruega? Brandhaug se perguntou o que aprenderiam hoje em dia nas escolas sobre a Segunda Guerra Mundial. Obviamente, muito pouco.

— Como você disse que se chama? Perguntou.

Quem sabe tivesse bebido um pouco de mais, depois de tudo. Ela repetiu o nome.

— Bem, Natasha, me permita que a ajude um pouco antes que continue com sua ronda de ligações. Ouviu falar do Anschluss? Isso quer dizer que a Áustria não foi ocupada no sentido comum da palavra. Os alemães entraram sem mais em março de 1938, houve pouca resistência e assim foi até o final da guerra.

— Quase como na Noruega, não? Brandhaug se scandalizou. A jovem perguntou com total liberdade, sem nenhuma noção de vergonha de sua própria ignorância.

— Não, ele objetou lentamente, como se falasse a um garoto idiota. — Não como na Noruega. Na Noruega nos defendemos e o governo norueguês e o Rei não pouparam esforços em... Animar o país, com suas emissões radiofônicas, desde Londres.

Notou de que não havia formulado a resposta de modo muito correto, e adicionou:

— Na Noruega, todo o povo estava unido contra os ocupantes. Os poucos traidores noruegueses que vestiram uniforme alemão e combateram do lado da Alemanha era a escória que se encontra em qualquer país. Mas na Noruega, as forças positivas ficaram unidas, as pessoas de inquestionável capacidade se puseram à frente da Resistência e funcionaram como um núcleo que mostrou o caminho da democracia. Estas pessoas se mantiveram leais entre si e, ao final, isso foi o que salvou a Noruega. A democracia é a gratificação de si mesma Natasha.

— Então acha que todos os que lutaram ao lado dos alemães eram escória?

O que queria realmente dele aquela jornalista? Brandhaug decidiu terminar a conversa.

— Só quero dizer que os que traíram à pátria durante a guerra deveriam estar contentes de que somente lhes imputassem penas de prisão. Fui embaixador em países onde as pessoas assim eram fuziladas e, francamente, não estou tão certo de que não seria o melhor também na Noruega. Mas voltando ao comentário que me pediu, Natasha. O Ministério de Assuntos Exteriores não tem nenhum comentário em relação com a manifestação sobre os novos membros do governo austríaco. Tenho convidados, assim terá que me desculpar, Natasha...

Natasha o desculpou e ele desligou o telefone. Quando regressou à sala de estar, os convidados já se preparavam para ir embora.

— Tão rápido? Perguntou com um grande sorriso, mas sem insistir. Estava cansado.

Acompanhou os convidados até a porta, apertou especialmente a mão da delegada-chefe, dizendo que nunca duvidasse em solicitar a sua ajuda, que a via oficial estava muito bem, mas... Seu último pensamento antes de adormecer foi para Raquel Fauke. E para o delegado de polícia, o que já havia afastado. Adormeceu com um sorriso nos lábios, mas acordou com um dor de cabeça espantosa.

* * *

Setenta e Um

FREDRIKSTAD-HALDEN

10 de Maio de 2000

OTREM estava parcialmente cheio, mas Harry havia conseguido um lugar junto à janela.. A jovem que ocupava o assento de trás havia retirado os fones do walkman e Harry ouvia a duras penas a voz do cantor, além de algum dos instrumentos. O perito em escutas, cujos serviços haviam utilizado em Sidney, havia explicado a Harry que, com níveis de som baixos, o ouvido humano amplifica a área de frequências onde se localiza a voz humana. Harry pensou que havia nisso algo reconfortante: a última coisa que alguém deixa de ouvir antes do silêncio total é a voz humana.

As gotas de chuva formavam linhas de água que tremiam sobre o vidro da janela. Harry olhou os campos planos e empapados e o subir e baixar dos cabos estendidos entre os postes que se levantavam ao longo das vias. Na estação de Fredrikstad estivera tocando uma banda de música. O revisor lhe explicou que conseguiam praticar ali para a festa nacional de Dezesete de Maio.

— Todos os anos, nestas datas, falou. — Segundo o diretor da banda, os ensaios são mais realistas quando os fazem rodeados de gente.

Harry levava algo de roupa em uma bolsa. Segundo lhe disseram, o apartamento de Klippan era simples, mas estava bem equipado. Um televisor, um equipamento de música, inclusive alguns livros.

— Mein Kampf e coisas pelo estilo, brincou Meirik quando falou dele.

Não havia ligado para Raquel, em que pese que precisava ouvir a sua voz. Uma última voz humana.

— Próxima estação, Halden! Anunciou pelo alto-falante um timbre nasal antes ser interrompido pelo tom alto e falso do trem ao frear.

Harry deslizou um dedo pela janela enquanto dava voltas em sua cabeça àquela frase. “Um tom alto e falso. Um tom alto e falso. Um tom alto e...”. “Um tom não pode ser falso”, pensou. Um tom não é falso até que se une a outros tons. Até Ellen, a pessoa

mais musical que havia conhecido, precisava vários fatores, várias notas para ouvir música. Nem sequer ela poderia considerar um só fator e afirmar cem por cem que fosse falso, que não fosse correto, que fosse mentira. E ainda assim, aquele tom soava em seus ouvidos, muito, muito falso.

Estava indo a Klipan para procurar um possível remetente de um fax que até o momento não causara outra coisa que alguns cabeçalhos nos jornais. Nessa manhã havia revisto muito bem os jornais e era evidente que o assunto das cartas de ameaças que tanta cobertura tivera há quatro dias já havia caído no esquecimento. O diário Dagbladet escrevia sobre Lasse Kjus, que odiava a Noruega; e o conselheiro de Exteriores, Bernt Brandhaug, que dizia que os culpados de traição à pátria deveriam ter sido sentenciados à morte, se é que o haviam citado corretamente. Havia, além disso, outro tom falso. Ainda que talvez porque ele desejava que o fosse. A despedida de Raquel em Dinner, a expressão de seus olhos, a meia declaração de amor antes de sair estranhamente, deixando-o com uma sensação de caída livre e uma conta de oitocentas coroas que ela havia concordado em pagar. Aquilo não enquadrava. Ou talvez sim? Raquel estivera em seu apartamento, vira-o beber, ouvira-o se lamentar com voz chorosa da morte de uma colega à que conhecia há apenas dois anos, como se se tratasse da única pessoa com a qual tivesse tido uma relação estreita em sua vida. Patético. Mas, nesse caso, por que não dera fim à relação antes, por que não dissera a si mesma que aquele homem era um problema sem o qual poderia viver?

Como em todas as ocasiões em que a vida particular ficara demasiado insuportável, se refugiou no trabalho. Lera que era normal em certo tipo de homens. Talvez fossem essas as razões pelas quais havia passado o fim de semana inventando teorias de conspiração e linhas de pensamento que lhe permitissem meter no mesmo saco todos os elementos: o rifle Märklin, o assassinato de Ellen, o assassinato de Hallgrin Dale; assim poderia misturar tudo para que saísse um fétido guisado. Tão patético como o outro.

No jornal aberto que estava na mesinha viu a foto do conselheiro de Assuntos Exteriores. Passou a mão pela testa. Sabia por experiência que o cérebro começava a funcionar por sua conta quando não se avançava em uma investigação. E a investigação do rifle era um capítulo encerrado, algo que Meirik deixara muito claro. Havia dito um não-há-caso. Meirik preferia que Harry escrevesse relatórios sobre os neonazistas e que observasse a juventude desenraizada da Suécia. À merda!

“... saída do vagão pela direita.”.

E se se descesse? Que era o pior que poderia acontecer? Enquanto Assuntos Exteriores e o CNI temessem que aparecesse alguma informação sobre o tiroteio do ano

anterior na estação de pedágio, Meirik não poderia despedi-lo. E quanto a Raquel... E quanto a Raquel, não tinha ideia.

O trem parou dando uma espécie de suspiro. O silêncio que reinava no vagão não poderia ser maior. Ouvia-se o movimento de portas no corredor. Harry permaneceu sentado. Nesse momento ouviu a música do walkman com mais clareza. Escutara-a antes muitas vezes, mas não lembrava onde.

* * *

Setenta e Dois

NORDBERG E HOTEL CONTINENTAL

10 de Maio de 2000

O VELHO não estava preparado e parou sem respiração quando a dor apareceu subitamente. Deitado como estava, flexionou o corpo e colocou os nós dos dedos na boca para não gritar. Permaneceu assim, tentando não perder a consciência, enquanto ondas alternadas de luz e de escuridão sacudiam o seu corpo. Piscou. O céu deslizava sobre a sua cabeça, era como se o tempo acelerasse, as nuvens passavam lá em cima, as estrelas brilhavam sobre o fundo azul, se fez noite, dia, noite, dia, noite outra vez. E então acabou, voltou a notar o cheiro da terra molhada e sentiu que ainda estava vivo.

Ficou um tempo deitado para recuperar o ritmo normal da respiração. Tinha a camisa agarrada ao corpo, por causa do suor. Depois, se colocou de bruços e olhou de novo para a casa. Era uma casa grande de vigas negras. Estava ali deitado desde aquela manhã e sabia que a esposa estava só em casa. Ainda assim, havia luz em todas as janelas, tanto no primeiro andar quanto no segundo. Vira-a acender as luzes quando começara a anoitecer e imaginou que ela tinha medo da escuridão. Ele mesmo também tinha medo. Ainda que não da escuridão, nunca a havia temido. Ele sentia medo do tempo que lhe escapava. E das dores. Eram conhecidos recentes e ainda não havia aprendido a controlá-los. Por outro lado, tampouco sabia se seria capaz. E o tempo? Tentou deixar de pensar em células que se dividiam e se dividiam e se dividiam...

A lua apareceu pálida no céu. Olhou o relógio. Sete e meia. Rapidamente ficaria escuro e teria que esperar até o dia seguinte e, nesse caso, passaria a noite naquele esconderijo. Olhou o que havia construído, dois troncos em forma de E cravados na terra a uma altura de meio metro sobre o declive. Nos ângulos de cada E descansava um galho de pinho, sobre a qual se apoiavam por sua vez os extremos de outros três galhos longos, também cravadas na terra. Sobre tudo isso havia colocado uma grossa capa de ramos de abeto. Obteve assim uma espécie de telhado que o protegia da chuva, permitia conservar algo de calor e constituía certa camuflagem contra os caminhantes que, contra todo prognóstico, se desviassem do caminho. Havia demorado menos de meia hora para preparar este esconderijo.

Considerou pequeno o risco de ser visto da estrada ou de alguma das casas vizinhas. Quem avistasse o esconderijo entre os troncos das árvores, a uma distância de quase

trezentos metros, devia possuir, sem dúvida, uma excepcional agudeza visual. Para ter certeza ainda mais, cobriu quase toda a abertura com ramos de abeto e envolveu a escopeta com panos para que o sol da tarde não se refletisse no aço. Voltou a olhar o relógio. Por que demônios demorava tanto esse homem?

* * *

Bernt Brandhaug girou o copo na mão e voltou a olhar o relógio. Por que demônios essa mulher demorava tanto? Haviam marcado às sete e meia e já eram quase quinze para as oito. Bebeu o copo de um gole e se serviu outra dose de whisky da garrafa que haviam trazido ao quarto. Jameson. A única coisa boa que alguma vez viera da Irlanda. Serviu-se uma vez mais. Tivera um dia espantoso. O cabeçalho do diário Dagbladet fez com que o telefone não parasse de tocar. Recebeu o apoio de várias pessoas, mas, no final, ligou para o diretor de notícias de Dagbladet, um velho companheiro de estudo, para deixar claro que o haviam citado erradamente. Prometer informação confidencial sobre a falha garrafal cometida pelo ministro de Assuntos Exteriores durante a última reunião da CEE, foi mais que suficiente. O diretor pediu tempo para pensar. Uma hora depois, devolveu a ligação. Explicou que a tal Natasha era nova e que havia admitido que pode ter interpretado mal as palavras de Brandhaug. Não iam desmenti-la, mas tampouco continuariam nisso. Haviam salvado os restos do naufrágio.

Brandhaug deu um gole longo, saboreou o whisky apreciando o seu aroma rústico e ao mesmo tempo suave, na parte superior das fossas nasais. Olhou ao seu redor. Quantas noites teria passado ali? Quantas vezes despertara na cama extragrande e muito macia com um ligeira dor de cabeça depois de algumas doses a mais? Quantas vezes despertara e pedira à mulher que tinha ao seu lado, quando ainda continuava ali, que pegasse o elevador até a sala de café-da-manhã do segundo andar e que descesse as escadas até a recepção, para que parecesse que vinha de uma reunião matinal e não de um dos quartos de hóspedes? Serviu-se de outra dose. Com Raquel seria diferente. Ele não a mandaria para sala de café-da-manhã.

Bateram suavemente na porta. Levantou-se, dando uma última olhada à exclusiva colcha amarela e dourada, sentiu um leve princípio de angústia que se apressou a ignorar e percorreu os quatro passos que o separavam da porta. Olhou-se no espelho da entrada, passou a língua por seus incisivos brancos, humedeceu um dedo, passou-o pelas sobrancelhas e, finalmente, abriu.

Ela estava apoiada na parede com o casaco desabotoado. Debaixo usava um vestido de lã. Havia pedido que colocasse algo vermelho. Observou seu rosto carregado e seu sorriso, um tanto mordaz. Brandhaug estava surpreso, nunca a vira assim. Dir-se-ia que

havia bebido ou que tomara alguma droga. Seus olhos o olhavam com apatia, apenas reconheceu a sua voz quando a ouviu murmurar que estivera a ponto de errar a porta. Segurou-a pelo braço, mas ela se soltou e então ele a levou ao interior do quarto lhe empurrando suavemente as costas. Ela se deixou cair pesadamente no sofá.

— Uma bebida? Perguntou Brandhaug.

— Claro, disse Raquel ironicamente. — A menos que prefira que tire a roupa em seguida.

Brandhaug serviu uma dose sem responder. Adivinhou o que tentava fazer. Mas errava se acreditava que poderia arruinar o prazer assumindo o papel de mulher comprada e paga. Certo que ele teria preferido que tivesse adotado o papel que conseguiam escolher a suas conquistas em Exteriores, o da jovem inocente que se deixa seduzir pelos irresistíveis encantos de seu chefe, por sua sensualidade masculina e por sua segurança em si mesmo. Era muito velho para acreditar que as pessoas eram movidas por razões românticas. A diferença era o que desejavam conseguir: poder, carreira profissional ou a custódia de um filho. Nunca havia se preocupado que se deslumbrassem com a sua condição de chefe, já que, de fato, era chefe. Era o conselheiro de Exteriores Bernt Brandhaug. Merda, havia investido os esforços de toda uma vida para alcançar isso! O fato de que Raquel tivesse consumido drogas e se lhe oferecesse como uma prostituta, não mudava nada.

— Sinto muito, mas preciso possuí-la, disse colocando dois cubinhos de gelo em seu copo. — Quando me conhecer melhor, compreenderá tudo isso muito bem. Mas de qualquer maneira, lhe darei algo assim como uma primeira lição, uma ideia preliminar do que me move.

Fez uma pausa e lhe ofereceu o copo.

— Existem homens que passam a vida se arrastando pelo chão e se contentam com migalhas. Outros se levantam e caminham erguidos até encontrar o lugar a que pertencem. Somos minoria, porque nossas escolhas na vida nos fazem às vezes sermos brutais, e essa brutalidade nos exige um esforço de negação de nossa educação socialdemocrata e igualitária. Agora veja bem, se tiver de escolher entre isso e me arrastar, prefiro romper com uma moral míope que não é capaz de individualizar os atos e considerá-los em perspectiva. E, enfim, creio que no fundo, me respeitará por isso. Ela não respondeu e se dedicou ao seu copo.

— Hole não seria nenhum problema para você, observou ela. — Ele e eu somente somos bons amigos.

— Acho que mente, declarou Brandhaug enquanto, vacilante, enchia o copo que ela

aproximou. — E gosto de você só. Não me interprete mal: quando impus a condição de que cortasse imediatamente toda relação com Hole, não foi tanto por zelo como por certo princípio de pureza. De qualquer maneira, não lhe fará mal uma curta estadia na Suécia, ou para onde Meirik o tenha enviado.

Brandhaug soltou uma aguda risada.

— Por que me olha dessa forma, Raquel? Eu não sou o rei David e Hole... Como você disse que se chamava aquele a quem o rei David mandou enviar para a primeira fila na frente?

— Urias, murmurou ela.

— Esse. Morreu na frente, não?

— Claro, do contrário, não seria uma boa história, explicou ela.

— Bem, mas não vai morrer ninguém aqui. E, se bem me lembro, o rei David e Betsabá viveram relativamente felizes depois.

Brandhaug se sentou ao seu lado no sofá e colocou um dedo debaixo de seu queixo para que o olhasse.

— Diga-me, Raquel, como é que sabe tanto da Bíblia?

— Boa formação, ela ironizou, se soltando para retirar o vestido.

Brandhaug engoliu em seco e olhou-a perplexo. Era bonita. Tinha a roupa interior branca. Havia pedido especificamente que usasse roupa interior branca. Ressaltaria o matiz dourado de sua pele. Era impossível notar que já tivesse passado por um parto. O fato de que assim fosse, de saber que era fértil, que havia amamentado um garoto com seu peito, a deixava mais atraente ainda os olhos de Bernt Brandhaug. Era perfeita.

— Não temos pressa, afirmou posando uma mão sobre seu joelho. Em que pese que seu rosto não o deixasse ver algum sentimento, ele sentiu que ela ficava tensa.

— Faça o que quiser, disse Raquel encolhendo os ombros.

— Não quer ver a carta primeiro?

Apontou com a cabeça o envelope marrom com o selo da embaixada russa, que estava em cima da mesa. Na breve missiva do embaixador Vladimir Aleksandrov para Raquel Fauke, este lhe dizia que ignorasse a citação anterior das autoridades russas sobre o assunto da custódia de Oleg Fauke Gosev. Haviam adiado a causa por tempo indefinido, devido às longas filas dos julgamentos. Não fora tarefa fácil. Brandhaug se viu obrigado a lembrar a Aleksandrov um par de favores que a embaixada russa lhe devia. Além de prometer um par de favores mais, totalmente no limite do que um conselheiro de

Assuntos Exteriores norueguês poderia se permitir.

— Acredito em você, replicou ela. — Poderíamos acabar com isso de uma vez?

Apenas piscou quando ele lhe passou a mão pela face, mas Brandhaug notou que a cabeça balançava, como se fosse uma boneca de trapo. Brandhaug esfregou a mão olhando-a pensativo.

— Não é estúpida, Raquel, começou. — De modo que acredito que compreende que isso é algo provisório, que deem se passar ainda seis meses até que a reclamação prescreva. Pode receber uma nova citação á qualquer momento, bastaria uma ligação minha. Ela o olhou e, por fim, acreditou ver algo de vida em seus olhos. — Assim creio que o que deveria fazer neste momento, prosseguiu o conselheiro, — É se desculpar. Viu-a respirar com dificuldade e seus olhos, antes mortos, se banharam lentamente de choro. — E? Insistiu.

— Perdão, disse ela com voz apenas audível.

— Precisa falar mais alto, Raquel.

— Perdão.

— Bom, bom, Raquel, disse ele ao mesmo tempo em que lhe secava uma lágrima da face. — Isto vai muito bem. E quando me conhecer, e esse é o meu desejo, seremos bons amigos. Compreendeu Raquel? Ela concordou com um gesto. — Verdade? Raquel voltou a concordar sem parar de soluçar. — Ótimo.

Brandhaug se levantou e retirou o cinto.

* * *

Fazia uma noite inusualmente fria e o velho se colocara no saco de dormir. Estava deitado sobre uma grossa capa de ramos de abeto, mas o frio a trespassava e subia da terra penetrando em seu corpo. As pernas haviam entumecido e, a intervalos regulares, precisava se balancear de um lado a outro para não perder também a sensibilidade no torso. Continuava tendo luz em todas as janelas da casa; fora, em troca, era tal a escuridão que apenas se enxergava com os binóculos. Não obstante, ainda conservava a esperança. Se o homem voltasse para casa naquela noite, chegaria de carro e a lâmpada que havia sobre o dintel da porta da garagem, que dava para o bosque, estava acesa. O velho olhou pelo binóculo. Aquela lâmpada não dava muita luz; mas a porta da garagem era suficientemente clara para distinguir bem o homem quando se colocasse ante ela.

Deitou-se de costas. Tudo estava em silêncio, ouviria o carro chegar. Esperava não adormecer. O repentino acesso de dor havia diminuído as forças. Mas não, não ia

adormecer. Nunca antes havia adormecido em uma guarda. Nunca. Saboreou o ódio, tentando achar nele algum calor. Este era diferente, este não era como o outro ódio que ardia com uma pequena chama constante, esse outro ódio que tantos anos estava ali, consumindo e limpando a periferia de pensamentos insignificantes, criando assim uma perspectiva que lhe permitia ver tudo muito melhor. O novo ódio ardia com tanta intensidade que não estava certo de quem, se ele ou o ódio, tinha o controle. Sabia que não devia se deixar usar, Precisava se manter frio.

Olhou o céu estrelado entre os abetos. Tudo estava em silêncio. Silencioso e frio. Ia morrer. Todos iam morrer. Era um bom pensamento, tentou retê-lo. Fechou os olhos.

* * *

Brandhaug olhou fixamente a aranha de vidro que pendia do teto. Um raio de luz azul do luminoso da Blaupunkt se refletiu nos vidros. Tão silencioso, tão frio.

— Já pode ir, disse.

Falou sem olhá-la. Tão somente ouviu o ruído do edredom ao retirá-lo e notou quando se levantava da cama. Em seguida, o som da roupa enquanto se vestia. Ela não dissera uma só palavra. Nem quando ele a tocava nem quando ele ordenou que o tocasse. Tão somente lhe ofereceu seus grandes olhos escuros muito abertos. Ensombrecidos pelo medo. Ou pelo ódio. E por isso se sentira tão mal que não...

No princípio tentou fingir que não acontecia nada, continuava esperando a sensação. Pensou em outras mulheres às que havia possuído, em todas as vezes que havia funcionado. Mas a sensação não se apresentou e depois de um tempo, pediu que parasse de tocá-lo, não havia razão para permitir que continuasse humilhando-o.

Ela obedeceu como um robô. Procurava cumprir a sua parte do acordo; nada mais e nada menos. Ainda faltava meio ano para que o caso de Oleg prescrevesse. Tinha tempo. Não valia a pena se enervar, teria mais dias, mais noites. Voltou a começar do princípio; mas estava claro que não devia ter bebido todas aquelas doses, o deixaram insensível às carícias, tanto às dela como às suas próprias.

Em seguida ordenou que entrasse na banheira. Preparou mais duas doses. Água quente, sabão. Manteve longos monólogos sobre quão bonita que era, mas ela não disse nada. Tanto silêncio. Tanto frio. No final, a água também terminou por esfriar, secou-a e a levou de novo à cama. Depois do banho, sua pele ficou seca e áspera. Ela começou a tremer e então ele notou a sua própria reação. Por fim. Suas mãos descenderam por seu

corpo, para baixo, mais para baixo. Até que se encontrou uma vez mais com seus olhos. Grandes, escuros, mortos. Cravados no teto. E a magia voltou a desaparecer. Sentiu desejos de golpeá-la para fazer reviver seus olhos mortos, bater com a mão aberta, para ver como avermelhava a pele. Ouviu-a guardar a carta no bolso.

— Da próxima vez beberemos menos, falou. — E conste que também falo por você. Ela não respondeu. — Na próxima semana, Raquel. No mesmo lugar, à mesma hora. Não esquecerá, não é?

— Como poderia? Perguntou ela.

Ouviu-se a porta bater e ela já não estava mais lá. Ele se levantou, e se serviu de outra dose. Água e Jameson, a única coisa boa que... Bebeu lentamente. E voltou a deitar. Já era próximo de meia-noite. Fechou os olhos, mas o sono não veio. Ouviu no quarto contíguo que alguém havia ligado o televisor. Ainda que não estivesse certo. Os gemidos pareciam bastante reais. Uma sirene de polícia rompia o silêncio. Merda! Virou-se, a cama era tão macia que tinha as costas dormentes. Sempre custava a adormecer nessa cama, não somente por culpa da cama, mas porque a parede era amarela e continuava sendo um lugar estranho.

Uma reunião em Larvik, dissera à sua mulher. E como sempre, quando ela perguntou, falou que não se lembrava do nome do hotel em que ia se hospedar, seria o Rica? Ele ligaria se não fosse muito tarde, afirmou. “Mas já sabe como são esses jantares, querida.”. Bem, sua mulher não tinha do que se queixar; Dera-lhe uma vida muito melhor do que ela poderia esperar com sua procedência social. Com ele vira o mundo, havia vivido em luxuosas residências diplomáticas, com um serviço doméstico completo, em algumas das cidades mais belas do mundo, havia aprendido idiomas, havia conhecido pessoas interessante. Ele representava o seu meio de subsistência, sua família, em resumo, tudo o que ela tinha. Não, não estava preocupado pelo que Elsa acreditasse ou deixasse de acreditar.

Ainda assim, era nela em quem pensava agora. Que gostaria de estar ali com ela. Um corpo quente e familiar contra as costas, um braço ao seu redor. Sim, um pouco de calor depois de todo esse frio. Voltou a olhar o relógio. Poderia dizer que o jantar havia terminado rapidamente e que havia decidido voltar para casa. Ela se alegraria, pois odiava ficar só à noite naquela casa tão grande. Ficou um tempo escutando os sons do quarto contíguo. Em seguida se levantou decidido e começou a se vestir.

* * *

O velho deixara de ser velho. E está dançando. É uma valsa lenta e ela tem o rosto

apoiada em seu pescoço. Ficam dançando um bom tempo, estão suados, sua pele está tão ardente que sente que se queima. Nota que ela sorri. Ele tem vontade de continuar dançando, de dançar assim, somente abraçá-la até que a casa tenha sido pasto das chamas, até que chegue o dia, até que possam abrir os olhos e ver que chegaram em outro lugar. Ela murmura algo, mas a música está muito alta.

— O quê? Pergunta ele aproximando o ouvido de seus lábios.

— Precisa acordar, ela diz.

Então abre os olhos. Pisca na escuridão antes de ver suspenso no ar o vapor branco e compacto de sua respiração. Não ouvira o carro. Virou-se rapidamente e suspirou enquanto tentava retirar o braço de debaixo de seu corpo. O som da porta da garagem o acordara. Escutou quando o carro acelerava e teve tempo de ver como a escuridão da garagem engolia o Volvo azul. O braço direito estava dormente. Em uns segundos, o homem sairia, ficaria iluminado pela luz da lâmpada da garagem, fecharia a porta e em seguida... Seria muito tarde.

O velho forcejou desesperado com o zíper do saco de dormir até que pode retirar o braço esquerdo. A adrenalina subia no sangue de suas veias, mas ainda tinha o sono em seu corpo, como uma capa de algodão que amortecesse todos os sons, impedindo-o de sentir com clareza. Escutou o ruído da porta do carro ao fechar. Já havia conseguido retirar ambos os braços do saco de dormir e, por sorte, as estrelas lhe proporcionaram a clareza suficiente para encontrar o fuzil e colocá-lo devidamente. Rápido, rápido! Apoiou a face contra a culatra fria do fuzil. Apontou com a mira. Piscou, não via nada. Com mão trêmula, conseguiu retirar o pano em que envolvera a mira para que a lente não se cobrisse de vapor. Assim! Colocou outra vez a face contra a culatra. E agora? Via a garagem fora de foco, devia ter tocado no regulador de distância sem querer. Ouviu o som da porta da garagem ao fechar. Girou o regulador de distância até que viu perfeitamente o homem. Era alto e fornido e usava um casaco de lã negra. Estava de costas. O velho piscou duas vezes. O sono ainda turvava seus olhos como uma espécie de neblina.

Queria esperar a que o homem desse a volta, até estar cem por cem certo de que era a pessoa que procurava. Seus dedos se curvaram redor do gatilho, pressionando-o ligeiramente. Teria sido mais fácil com uma arma como aquela com a qual havia praticado durante anos, dominaria o ponto do gatilho e todos os movimentos teriam sido automáticos. Concentrava-se em respirar. Matar uma pessoa não era difícil. Tinha sido treinado para isso. Durante o começo da batalha de Gettysburg em 1863, duas companhias novatas se enfrentaram a uma distância de cinquenta metros e dispararam várias vezes sem que ninguém fosse alcançado, não porque eram maus atiradores, mas

porque apontavam por cima das cabeças dos contrários. Simplesmente, não foram capazes de ultrapassar o umbral que representa matar outro ser humano. Mas, depois da primeira vez...

O homem que estava diante da garagem se virou. Ao vê-lo com o binóculo, dava a impressão de que olhava diretamente para o velho. Era ele, sem dúvida. Seu dorso abarcava quase a totalidade da cruz da mira. A neblina já se dissipara da cabeça do velho. Conteve a respiração e apertou o gatilho, lentamente, com calma. Precisava acertar no primeiro disparo, porque fora do círculo de luz que banhava a entrada da garagem, a escuridão era total. O tempo parou. Bernt Brandhaug era homem morto. O velho sentiu que sua cabeça já estava totalmente destroçada.

A sensação de que algo não ia bem cruzou a sua mente uma milésimo de segundo antes de compreender o que acontecera. O gatilho estava preso. O velho apertou mais forte, mas o gatilho resistia. A proteção! O velho sabia que era muito tarde. Encontrou a proteção com o dedo polegar e a empurrou para cima. Apontou com a mira para o lugar iluminado e já vazio. Brandhaug havia desaparecido, estava a caminho da porta de entrada, situada do outro lado da casa.

O velho piscou. As batidas de seu coração pulsavam nas costelas. Solto o ar dos pulmões doloridos. Adormecera. Voltou a piscar. O entorno parecia estar envolto em uma fina névoa. Havia falhado. Golpeou a terra com os nós dos dedos. Não se deu conta de que estava chorando até que a primeira lágrima quente lhe caiu no dorso da mão.

* * *

Setenta e Três

*KLIPPAN, SUECIA
11 de Maio de 2000*

HARRY acordou. Demorou um segundo em se dar conta de onde estava. Quando entrou no apartamento naquela tarde, a primeira coisa que pensou foi que seria impossível dormir ali. Tão somente uma delgada parede e um vidro simples separavam o dormitório do trânsito da rua. Mas, após a hora de fechamento do supermercado ICA que havia na calçada em frente, o lugar ficou totalmente morto. Apenas passavam carros e as pessoas desapareceram por completo.

Esquentou no forno uma pizza grande que havia comprado no ICA. Pensou que era estranho se encontrar em Suécia comendo pizza norueguesa. Depois, ligou o televisor cheio de pó que havia em um rincão, sobre uma caixa de cerveja. Algo acontecia ao aparelho, porque todas as pessoas apareciam com o rosto esverdeado. Ficou vendo o documentário de uma jovem que escrevera uma história pessoal a partir das cartas que seu irmão havia lhe enviado durante uma viagem por todo o mundo, nos anos setenta. O ambiente dos sem teto de Paris, um kibutz em Israel, uma viagem de trem pela Índia... O documentário tinha um formato simples: fragmentos de filme e muitas fotos, comentários e um relato curiosamente melancólico. Pensou que, com certeza, teria sonhado com tudo isso, porque despertou com a imagem dos personagens e dos lugares ainda impressos na retina. O som que o acordou vinha do casaco que havia pendurado na cadeira. Os penetrantes assovios retumbavam entre as paredes vazias. Colocara a estufa no máximo e, ainda assim, sentia frio debaixo do fino edredom. Colocou os pés no chão gelado e apanhou o celular do bolso interior do casaco.

— Alô? Ninguém respondeu. — Alô? Só ouvia a respiração de alguém. — É você, Søs? Era a única pessoa que, nesse momento, pensou que ligaria a meia noite. — Aconteceu algo, se trata de Helge?

Teve dúvidas ao deixar o pássaro aos cuidados de Søs, mas ela se alegrou tanto... E lhe prometera que o cuidaria muito bem. Mas não era Søs. Ela não respirava assim. E, além disso, ela teria respondido.

— Quem é? Não teve resposta.

Ia desligar quando escutou um leve lamento. A respiração começou a soar trêmula, como se a pessoa que havia do outro lado do fio telefônico estivesse a ponto de começar a chorar. Harry se sentou no sofá, que servia de cama. Por entre as finas cortinas azuis se via o luminoso do ICA. Apanhou um cigarro do maço que estava na mesa, junto ao sofá, acendeu-o e se deitou. Deu uma longa tragada enquanto escutava como a respiração se convertia em suaves soluços.

— Vamos, calma, disse.

Um carro passou pela rua. “Com certeza um Volvo”, pensou Harry. Cobriu as pernas com o edredom e começou a contar a história da jovem do documentário e de seu irmão, mais ou menos como a lembrava. Quando terminou, ela parara de chorar. Ao fim de um tempo, disse adeus e cortou a comunicação. Quando o celular voltou a soar, eram oito horas e já era dia. Harry o encontrou debaixo do edredom, entre as pernas. Era Meirik. Parecia nervoso.

— Volte para Oslo imediatamente, ordenou. — Parece que alguém utilizou esse seu Märklin.

* * *

Parte 7

ABRIGO NEGRO

* * *

Setenta e Quatro

HOSPITAL RIKSHOSPITALET

11 de Maio de 2000

HARRY reconheceu Bernt Brandhaug em seguida. Olhava para Harry com os olhos muito abertos e com um amplo sorriso.

— Por que sorri? Perguntou Harry.

— Não pergunte a mim, replicou Klemetsen. — Os músculos do rosto se estiram e as pessoas geralmente tem todo o tipo de expressões faciais. Às vezes, pais não reconhecem seus próprios filhos, de tanto que muda o rosto.

A mesa de intervenções cirúrgicas onde jazia o cadáver ficava no meio da branca sala de autópsias. Klemetsen retirou o lençol para que pudessem ver o resto do corpo. Halvorsen se virou em seguida. Havia recusado a pomada contra aromas que Harry lhe oferecera antes de entrar, embora como a temperatura ambiente da sala de autopsias número 4 do Instituto Forense do hospital estivesse em doze graus, o fedor não era dos piores. Halvorsen não parava de tossir.

— Entendo, concordou Knut Klemetsen. — Não é um espetáculo agradável.

Harry concordou com a cabeça. Klemetsen era um bom forense e um homem compreensivo. Sabia que Halvorsen era novo e não queria envergonhá-lo. Brandhaug não tinha pior imagem que outros cadáveres. Por exemplo, seu aspecto não era mais desagradável do que o dos gêmeos que haviam permanecido debaixo d'água uma semana, nem que o do rapaz de dezoito anos que havia se esborrachado a duzentos por hora enquanto tentava escapar da polícia; ou que o da drogada que acharam sentada nua e coberta somente por um trapo em que haviam tocado fogo. Harry já vira de tudo e Bernt Brandhaug não poderia ser incluído em sua lista dos dez piores. Agora, por ter recebido um tiro nas costas, Bernt Brandhaug tinha um aspecto catastrófico. O buraco de saída do peito era tão grande que a mão de Harry caberia nele sem problemas.

— Então a bala entrou pelas costas? Perguntou Harry.

— No meio das omoplatas, com uma leve inclinação. Seccionou a coluna vertebral ao entrar e o esterno ao sair. Como vê, algumas partes do esterno desapareceram, acharam restos no assento do carro.

— No assento do carro?

— Sim, acabava de abrir a porta da garagem, suponho que ia trabalhar. A bala atravessou-o, ao para-brisa e a traseira do carro, e parou no muro da garagem.

— Que tipo de bala terá sido? Perguntou Halvorsen, que já parecia ter se recuperado.

— Essa pergunta terá que ser respondida pelos técnicos de balística, observou Klemetsen. — Mas posso dizer que seu efeito foi como o de algo intermediário entre uma bala “dundum” e uma para perfuração de túneis. Só quando trabalhei para a ONU na Croácia, em 1991, vi algo parecido.

— Uma bala Cingapura, interveio Harry. — Encontraram os restos incrustados meio centímetro na parede de cimento. A cápsula que acharam no bosque era do mesmo tipo que o que eu encontrei em Siljam neste inverno. Por isso me chamaram em seguida. Que mais nos pode contar, Klemetsen?

Não sabia muito mais. Falou que já haviam realizado a autópsia na presença de oficiais da KRIPOS, como ditava a norma. A causa da morte era óbvia e somente havia dois aspectos dignos de menção. Havia restos de álcool no sangue e havia se encontrado secreção sexual debaixo da unha do dedo indicador direito.

— Da esposa? Perguntou Halvorsen.

— Isso a técnica dirá, disse Klemetsen olhando para o jovem oficial por cima dos óculos. — A menos que achem relevante para a investigação, talvez não seja necessário pedir essa análise, por agora. Harry concordou.

* * *

Pegaram a Rua Sognsvann, em seguida a Peder Anker, até chegar ao domicílio de Brandhaug.

— Que casa feia! Exclamou Halvorsen.

Tocaram a campainha e tiveram que aguardar um tempo até que uma mulher de uns cinquenta anos e muito maquiada abrisse a porta.

— Elsa Brandhaug?

— Sou a irmã. Quem a procura? Harry mostrou sua carteira de identificação. — Mais perguntas? Resmungou a irmã com raiva contida na voz. Harry confirmou com um gesto, embora suspeitasse de qual seria a reação. — Está totalmente esgotada e não vai lhe devolver o marido o fato de que vocês...

— Perdão, mas não estamos pensando em seu marido, interrompeu Harry,

educadamente. — Ele está morto. Pensamos na próxima vítima, em evitar que alguém mais tenha que passar pelo que ela está passando agora.

A irmã parou boquiaberta, sem saber exatamente como continuar a frase. Harry retirou-a do apuro perguntando se deviam retirar os sapatos antes de entrar.

A senhora Brandhaug não parecia tão esgotada como sua irmã dera a entender. Estava sentada no sofá com o olhar perdido, mas não passou inadvertido a Harry o trabalho de ponto de cruz que aparecia por baixo de uma das almofadas do sofá. E não é que fosse estranho em se dedicar a tecer quando acabavam de assassinar o seu marido. Talvez fosse até normal. Algo familiar ao que se aferrar quando o resto do mundo vem abaixo ao seu redor.

— Vou esta noite para a casa de minha irmã, explicou a mulher.

— Soube que está com vigilância policial, disse Harry. — Se por acaso...

— Se por se acaso tentarem também me atacar, arrematou ela.

— Acha que existe a possibilidade? Perguntou Halvorsen. — E, se existir, quem seria? A mulher encolheu os ombros. Olhou pela janela, em direção à pálida luz do dia que entrava no salão.

— Sei que a KRIPOS esteve fazendo as mesmas perguntas, disse Harry. — Mas, então, não sabe se seu marido recebeu ameaças depois do que o Dagbladet publicou ontem, não é?

— Ninguém ligou para cá, respondeu ela. — Mas na guia telefônica somente figura o meu nome, por desejo de Bernt. Será melhor que falem com o Ministério, se alguém ligou para lá.

— Já fizemos isso, comentou Halvorsen olhando fugazmente a Harry. — Estamos rastreando todas as ligações que recebeu ontem em sua sala.

Halvorsen insistiu no tema dos possíveis inimigos de seu marido, mas ela não tinha grande coisa para dizer. Harry ficou um tempo escutando, até que, de repente, lembrou um detalhe e perguntou:

— Quer dizer que ontem não recebeu nem uma só ligação aqui?

— Bem, alguma houve, ela admitiu. — Um par de ligações.

— De quem?

— Minha irmã. Bernt. E uma sondagem de opinião.

— Sobre o que perguntaram?

— Não sei. Perguntaram por Bernt. Já sabe, tem essas listas de nomes por idade e sexo...

— Perguntaram por Bernt Brandhaug?

— Sim...

— As sondagens de opinião não usam nomes. Ouviu algum ruído de fundo?

— O que quer dizer?

— Normalmente, essa gente trabalha de cabines que dividem com várias pessoas.

— Havia. Mas...

— Mas?

— Não era esse tipo de ruídos aos que você se refere. Era... Diferente.

— A que horas recebeu essa ligação?

— Meio-dia, acho. Respondi que voltaria à tarde. Esquecera-me que iria a Larvik para esse jantar com o Conselho de Exportação.

— Já que Bernt não figura na guia telefônica, não lhe ocorreu que alguém poderia ter ligado para todos os Brandhaug da guia para descobrir onde Bernt morava e quando iria estar em casa?

— Não entendo...

— As agências de sondagens de opinião geralmente não ligam no horário de trabalho perguntando por alguém em idade de trabalhar. Harry se dirigiu a Halvorsen.

— Pergunte a Telenor se podem fornecer o número de onde ligaram.

— Perdão, senhora Brandhaug, disse Halvorsen. — Notei que tem um telefone Ascom ISDN na entrada. Eu tenho o mesmo aparelho. Os dez últimos números ficam armazenados na memória, assim como a hora da ligação. Posso...?

Harry aprovou com o olhar a eficácia de Halvorsen. Este se levantou e a irmã da senhora Brandhaug o acompanhou à entrada.

— Bernt era um pouco à antiga às vezes, explicou a Harry a senhora Brandhaug, com meio sorriso. — Mas gostava de comprar aparelhos modernos. Telefones e coisas assim.

— Como era quanto à fidelidade, senhora Brandhaug? Ela levantou a cabeça bruscamente. — Pensei que poderíamos falar disso a sós, continuou Harry. — A KRIPOS investigará o que lhes contou antes. Seu marido não esteve em Larvik com o Conselho de Exportação. Sabia que os Assuntos Exteriores dispõem de um quarto permanente no hotel Continental?

— Não.

— Meu superior do CNI me falou isso nesta manhã. Parece ser que seu marido se hospedou ali ontem à tarde. Não sabemos se estava só ou acompanhado, mas é fácil suspeitar quando um homem mente para a sua mulher e vai para um hotel...

Harry observou-a enquanto seu semblante sofria uma metamorfose, da ira à desolação, a resignação e... A risada. Ainda que soasse como um soluço.

— Realmente, não deveria me surpreender, ela admitiu. — Se quer saber, direi que nesse campo também era moderno. De qualquer maneira, não posso compreender o que tem isso a ver com este assunto.

— Poderia ter dado motivos a um esposo para assassiná-lo, esclareceu Harry.

— Eu poderia ter o mesmo motivo, Hole. Pensou nisso? Moramos na Nigéria e ali não custava mais de duzentas coroas para contratar os serviços de um assassino, revelou com a mesma risada amarga. — Acho que atribuía ao celular às opiniões que o diário Dagbladet colocou em sua boca.

— Precisamos verificar todas as possibilidades.

— A maioria eram mulheres que conhecia através do trabalho. Nem preciso dizer que eu não conheço todas as histórias, mas uma vez, peguei-o em flagrante. E então me dei conta de que seguia uma linha. Mas um assassinato? Não sei, hoje em dia, ninguém dá um tiro a ninguém por algo assim, não?

Dirigiu a Harry uma olhada inquisitiva, mas ele não soube o que responder. Através das portas de vidro que davam à entrada, se ouvia Halvorsen falar em voz baixa. Harry tossiu.

— Sabe se ultimamente tinha encontros com alguma mulher especificamente? Ela negou com um gesto.

— Pergunte no Ministério. Já sabe, é um ambiente muito estranho. Com certeza que ali existe alguém a quem encantaria lhe dar alguma pista. Falou isso com amargura, como uma informação mais.

— É muito estranho, disse Halvorsen já de volta. — Recebeu uma ligação às 12:24, Mas não foi ontem, mas anteontem.

— Ah, sim, pode ser que tenha me confundido, respondeu Elsa Brandhaug. — Enfim, nesse caso, não terá nada que ver com isso.

— Pode ser que não, concordou Halvorsen. — Ainda assim, solicitei a informação. A ligação vinha de um telefone público. O do restaurante Schrøder.

— Um restaurante? Perguntou ela. — Sim, claro, isso explicaria o som de fundo. Acha que...?

— Não tem por que estar relacionado com o assassinato de seu marido, se apressou a intervir Harry ao mesmo tempo em que se colocava de pé. — No Schrøder vai muita gente estranha.

Elsa Brandhaug os acompanhou até a escadaria da entrada. Fazia uma tarde cinzenta e as nuvens passavam lentamente sobre a colina que tinham às suas costas. A senhora Brandhaug tinha os braços cruzados, como se sentisse frio.

— Tanta escuridão aqui, comentou. — Não notaram?

A polícia técnica continuava penteando a área em torno da casa, onde haviam encontrado a cápsula, quando Harry e Halvorsen se aproximaram cruzando pela urze.

— Alto! Gritou uma voz quando se agacharam para passar debaixo do cordão policial.

— Polícia! Respondeu Harry.

— Não importa! Respondeu a mesma voz. — Precisam esperar que terminemos.

Era Weber. Usava umas botas de borracha altas e um ridículo impermeável amarelo. Harry e Halvorsen ficaram do outro lado das fitas.

— Alô, Weber! Gritou Harry.

— Não tenho tempo, repôs fazendo gestos para que se afastassem.

— Só um minuto. Weber se aproximou em grandes passadas e com uma expressão de irritação manifesta.

— O que quer? Gritou de uma distância de vinte metros.

— Quanto tempo ficou esperando?

— O tio lá de cima? Não tenho ideia.

— Vamos, Weber. Uma pista.

— É a KRIPOS ou vocês quem investiga este caso?

— Os dois. Ainda não estamos totalmente coordenados.

— E quem me diz que vai estar? Harry sorriu e apanhou um cigarro.

— Acertou das outras vezes, Weber.

— Pare de dourar a pílula. Quem é o rapaz?

— Halvorsen, disse Harry antes que o aludido pudesse se apresentar.

— Escute Halvorsen, disse Weber enquanto olhava para Harry sem tentar ocultar o desgosto. — Fumar é uma merda e a prova definitiva de que o ser humano somente descortina uma coisa: prazer. O tipo que esteve aqui deixou oito guimbas em uma garrafa de refrigerante de laranja meio vazia. Fumava Teddy sem filtro. Os tios que fumam Teddy não fumam dois ao dia, assim se não ficou sem cigarros, suponho que esteve aqui, no muito, vinte e quatro horas. Cortou as ramas de abeto mais baixas, às que não chega à chuva; mas havia gotas de água no teto da cabana. A última vez que choveu foi ontem às três da tarde.

— De modo que chegou aqui entre as oito e as três do dia de ontem, aproximadamente? Perguntou Halvorsen.

— Creio que Halvorsen irá longe, observou Weber irônico, sem parar de olhar para Harry. — Sobretudo, levando em conta o nível que existe no corpo. Merda! Cada dia

está pior. Viu o tipo de gente que admitem hoje na academia de polícia? Até a carreira de magistério atrai mais gênios.

De repente, Weber deixou de ter pressa e iniciou uma extensa dissertação sobre o nefasto futuro do corpo.

— Algum dos vizinhos viu algo? Interrompeu Harry quando Weber se viu obrigado a fazer uma parada para respirar.

— Existem quatro tios batendo em todas as portas, mas a maioria da gente não volta do trabalho até mais tarde. Não descobrirão nada de qualquer maneira.

— Por que não?

— Não creio que tenha se deixado ver na vizinhança. Trouxemos um cachorro que seguiu o rastro dele durante um quilômetro bosque adentro, até um dos caminhos, mas ali o perdeu. Aposto que veio e voltou pelo mesmo caminho, por essa rede de caminhos que se estende entre os lagos de Sognsvann e Maridalsvannet. Pode ter deixado o carro em qualquer dos mais de doze estacionamentos que os turistas têm a sua disposição nesta área. E garanto que aqui vem milhares, diariamente, quase todos com a mochila às costas. Entendeu?

— Entendi.

— E agora vai me perguntar se encontramos impressões digitais.

— Já que...

— Vamos...

— O que aconteceu com a garrafa de laranjada? Weber negou com a cabeça.

— Nenhuma impressão. Nada. Por ter permanecido aqui tanto tempo deixou muito poucos indícios. Continuamos procurando, mas estou convencido de que a única coisa que vamos encontrar serão impressões de sapatos e algumas fibras de tecido.

— Além da cápsula.

— Todo o resto ele recolheu.

— Entendo. Como uma advertência, talvez. Você o que acha?

— O que eu acho? Acho que a inteligência somente foi distribuída entre os jovens, já que essa é a postura que tentam implantar hoje no corpo.

— Bem. Obrigado pela ajuda, Weber.

— E pare de fumar, Hole.

— Um tio duro, opinou Halvorsen já no carro quando iam à caminho do centro.

— Weber pode ser um tanto estranho, admitiu Harry. — Mas conhece o seu trabalho. Halvorsen tamborilava no painel de instrumentos o ritmo de uma melodia muda.

— E agora? Perguntou.

— Hotel Continental.

A KRIPOS ligara para o hotel Continental quinze minutos depois de que tivessem limpadado e trocado os lençóis do quarto de Brandhaug. Ninguém se dera conta de que tivesse recebido visita; somente sabiam que Brandhaug deixara o hotel ao redor da meia-noite. Harry estava na recepção, fumando seu último cigarro, enquanto o recepcionista que estivera de plantão na noite anterior retorcia as mãos visivelmente nervoso.

— Até esta manhã, não nos informaram de que Brandhaug fora assassinado, se escusou. — Do contrário, teríamos o bom senso de não tocar no seu quarto.

Harry fez um gesto afirmativo antes de dar a última tragada no cigarro. De todas as formas, o quarto do hotel não era o palco do crime, embora seria interessante encontrar algum cabelo longo e ruivo sobre o travesseiro e dar com a pessoa que, com toda probabilidade, fora a última a falar com Brandhaug.

— Bem, suponho que isso é tudo, disse o chefe da recepção com um sorriso, mas como se estivesse a ponto de começar a chorar.

Harry não respondeu. Notou que o homem ficava mais nervoso quanto menos eles falavam. De modo que não respondeu, mas ficou olhando fixamente a brasa de sua guimba.

— Bem... Repetiu o chefe da recepção ao mesmo tempo em que passava a mão pela calva.

Harry continuava mudo. Halvorsen olhava para o chão. O chefe da recepção aguentou quinze segundos mais, antes de estourar.

— Claro que a vezes recebia visitas no quarto, confessou por fim.

— De quem? Perguntou Harry sem retirar o olhar da guimba.

— Mulheres e homens...

— Quem?

— Na realidade, não sei. Não é nosso assunto saber com quem o conselheiro de Exteriores escolhe passar o tempo.

— De verdade? Pausa.

— Claro que, se entrar uma mulher que obviamente não é cliente do hotel, procuramos acompanhar o andar em que o elevador para.

— A reconheceria?

— Sim, respondeu o homem em seguida e sem vacilar. — Era muito bonita. E

estava muito bêbada.

— Uma prostituta?

— De luxo, se fosse o caso. Mas essas geralmente não vêm bêbadas. Bem, não é que eu saiba muito sobre elas, este hotel não é...

— Obrigado, interrompeu Harry.

* * *

Nessa tarde o vento do sul trouxera consigo um calor repentino e quando Harry saiu da Delegacia General, após realizar uma reunião com Meirik e a delegada-chefe, imaginou instintivamente que algo havia terminado e que começava uma nova estação.

Tanto a delegada-chefe quanto Meirik conheciam Brandhaug, mas ambos deixaram claro que somente no terreno profissional. Era evidente que haviam acordado. Meirik iniciou a reunião anulando a missão de vigilância em Klippam. A delegada-chefe apresentou a sua proposta e Harry compreendeu que suas façanhas em Sidney e Bangkok haviam causado, apesar de tudo, certa impressão nas altas esferas policiais.

— O comportamento típico dos oficiais que são “livres”, sentenciou a delegada-chefe. E adicionou que, também neste caso, poderia continuar agindo assim.

Uma nova estação. O cálido vento do sul lhe despenteava a cabeça e se permitiu o luxo de apanhar um táxi, já que ainda trazia a pesada bolsa de viagem. A primeira coisa que fez quando entrou em seu apartamento da Rua Sofie foi dar uma olhada na secretária eletrônica. A luz vermelha estava acesa, mas não piscava. Não havia mensagens.

Havia pedido a Linda que tirasse cópias de todos os documentos do caso e utilizou o resto da tarde em repassar a informação de que dispunham sobre os assassinatos de Hallgrin Dale e Ellen Gjelten. Não porque acreditasse que ia encontrar algo novo, mas porque a leitura fomentaria a sua imaginação. De vez em quando olhava para o telefone, pensando quanto tempo aguentaria sem chamá-la. O assassinato de Brandhaug era a principal notícia do dia em todos os informativos. Deitou-se à meia-noite. Levantou-se à uma, desconectou o telefone e o colocou na geladeira. Às três, por fim, adormeceu.

* * *

Setenta e Cinco

*SALA DE MØLLER
12 de Maio de 2000*

— E? Disse Møller depois que Harry e Halvorsen tivessem testado o café e de que Harry dissesse a sua opinião sobre o sabor com uma careta de repugnância.

— Acho que a conexão entre as manchetes do jornal e o assassinato é uma pista falsa, declarou Harry.

— Por quê? Quis saber Møller, se ajeitando na cadeira.

— Segundo Weber, o assassino chegou no bosque cedo, quer dizer, como muito, um par de horas depois que o jornal Dagbladet saísse às ruas. Mas este crime não é fruto de um impulso, mas um ato premeditado e bem planejado. Há vários dias que a pessoa em questão sabia que ia matar Brandhaug. Realizou um reconhecimento do terreno, descobriu as horas de saída e de entrada de Brandhaug, localizou o melhor lugar para atirar com o menor risco possível de ser descoberto, como chegar e em seguida sair... Enfim, centenas de pequenos detalhes.

— Assim que, em sua opinião, o assassino comprou o rifle Märklin para realizar este atentado?

— Pode ser que sim. Pode ser que não.

— Obrigado, essa resposta nos permite avançar enormemente, replicou Meirik com acidez.

— Só quero dizer que é plausível. Por outro lado, parece desproporcionado, exagerado, introduzir no país clandestinamente o rifle de atentados mais caro do mundo para matar um alto funcionário, embora não muito significativo, que não tem guarda-costas nem vigilância em sua residência. O assassino também poderia bater à porta e tê-lo matado frente a frente com uma pistola. Acho como... Harry descrevia círculos no ar com a mão.

— ... Como matar formigas com um canhão, arrematou Halvorsen.

— É isso, aprovou Harry.

— Bem, interveio Møller com os olhos fechados. — E como vê o seu papel no prosseguimento desta investigação, Harry?

— Mais o menos “livre”, afirmou Harry com um sorriso. — Eu sou esse homem do CNI que anda livre, mas pode solicitar assistência a todos os demais grupos quando for necessário. Sou quem informará somente a Meirik, mas que tem acesso a todos os documentos do caso. O que faz perguntas, mas a quem não se podem exigir respostas, etcetera.

— E que tal se adicionarmos uma licença para matar? Ironizou Møller. — E um carro super veloz.

— Na realidade não foi ideia minha, disse Harry. — Meirik acaba de falar com a delegada-chefe.

— A delegada-chefe?

— É. Suponho que ela mandará um correio eletrónico durante o dia. O assunto de Brandhaug tem a mais alta prioridade a partir deste momento e a delegada-chefe não quer que fique nenhum cabo solto. Já sabe, como fazem no FBI, que trabalham com vários pequenos grupos de investigação que se prejudicam mutuamente para evitar uma linha de investigação uniforme. Com certeza já leu sobre isto.

— Não.

— Pois se trata de que, se bem é possível que se dupliquem algumas funções e os diferentes grupos talvez realizem várias vezes o mesmo trabalho, tudo fica compensado no final pelos diferentes enfoques e formas de execução.

— Obrigado, disse Møller. — Mas o que tem isso a ver comigo? Por que está aqui agora?

— Porque, como já expliquei, posso solicitar o apoio de outros...

— ... Grupos se forem necessários, terminou Møller. — Já ouvi. Desembuche, Harry.

Harry fez um sinal com a cabeça para Halvorsen, que dedicou a Møller um sorriso. Møller suspirou:

— Por favor, Harry! Sabe que andamos muito mal de pessoal no grupo de delitos violentos.

— Prometo que o devolverei em bom estado.

— Disse que não!

Harry não falou nada. Esperou com os dedos entrelaçados e se aplicou a observar com atenção a curiosa reprodução do castelo de Soria Mona que pendia na parede, sobre a estante.

— Quando me o devolverá? Capitulou Møller por fim.

— Quando resolvermos o caso.

— E quando... Isso, Harry, é o que um chefe de grupo responde a um inspetor! Não ao contrário. Harry encolheu os ombros.

— Sinto muito chefe.

Setenta e Seis

*RUA IRISVEIEN
12 de Maio de 2000*

O CORAÇÃO palpitava no peito como um cavalo fugitivo quando levantou o fone.

- Alô, Signe, disse a voz. — Sou eu. Sentiu que começava a ter vontade de chorar.
- Deixe-me, por favor, sussurrou.
- Fiel na morte, Signe. Você disse.
- Irei falar com o meu marido. A voz riu suavemente.
- Mas não está em casa, não é?

Ela agarrava o fone com tal força que doía a mão. Como sabia que Even não estava em casa? E como era possível que somente ligasse quando Even estava fora? A ideia que cruzou sua mente lhe apertou a garganta, não poderia respirar, esteve a ponto de desmaiar. Estaria ligando de um lugar do qual poderia ver a casa e quando Even saía? Não, não, não. Fazendo um grande esforço, tentou se controlar e se concentrar em respirar. "Não muito rápido, mas profunda e lentamente", falou a si mesma. O mesmo que dizia a todos aqueles soldados feridos quando chegavam das trincheiras chorando, presos do pânico e com a respiração acelerada. Conseguiu controlar o medo. E, pelo ruído de fundo, ouviu que ligava de um lugar onde havia muita gente. Em sua vizinhança somente havia residências.

— Ficava tão bonita com o uniforme de enfermeira, Signe, disse a voz. — Tão reluzente e branco. Branco como o capuz de Olaf Lindvig. Lembra-se dele? Era tão bonita que eu acreditava que fosse impossível que nos traísse, que seu coração fosse incapaz de albergar a traição. Achava que eras como Olaf Lindvig. Eu a vi tocá-lo, Signe, tocar seu cabelo. Uma noite de lua. Você e ele, pareciam anjos, como enviados do céu. Mas me equivoquei. Existem anjos que não são enviados do céu, Signe. Sabia disso? Ela não respondeu. A voz dissera algo que ativou um vulcão de pensamentos em sua cabeça. A voz. E notou que estava distorcida.

- Não. Obrigou-se a responder.
- Não? Pois deveria. Eu sou um desses anjos.
- Daniel está morto, disse ela.

Fez-se o silêncio, somente interrompido pela respiração que sibilava contra a

membrana. Então, a voz falou de novo:

— Voltei para julgar. Os vivos e mortos. E desligou.

Signe fechou os olhos. Levantou-se e foi para o quarto. Ficou se olhando no espelho atrás das cortinas corridas. Tremia como presa de uma altíssima febre.

* * *

Setenta e Sete

ANTIGA SALA DE HARRY

12 de Maio de 2000

HARRY demorou vinte minutos para se mudar para a sua antiga sala. O que precisaria cabia em uma bolsa do Seven-Eleven. A primeira coisa que fez foi recortar a foto de Bernt Brandhaug que aparecia no Dagbladet e prendê-la no quadro, junto às fotos de arquivo de Ellen; Sverre Olsen e Hallgrin Dale. Quatro momentos. Havia enviado Halvorsen ao Ministério de Assuntos Exteriores para que fizesse algumas perguntas e tentasse descobrir quem era a mulher do hotel Continental. Quatro pessoas. Quatro vidas. Quatro histórias. Sentou-se na cadeira quebrada e estudou seus rostos, mas seus olhares estáticos não lhe diziam nada.

Ligou para Søs. Sua irmã falou que gostaria muito de ficar com Helge, ao menos por um tempo. Ficaram bons amigos, disse. Harry concordou, desde que não se esquecesse de lhe dar de comer.

— É uma fêmea, disse Søs.

— Ah, sim? Como soube disso?

— Henrik e eu descobrimos.

Pensou que gostaria de saber como se descobria algo assim, mas se deu conta em seguida de que preferia não saber.

— Falou com o papai? Søs disse que sim e lhe perguntou se ia ver à jovem.

— Que jovem?

— Com a que você disse que havia dado um passeio. A que tem um filho.

— Ah, essa jovem! Não, não acredito.

— Que pena!

— Pena?

— Penso que é uma pena porque está apaixonado por ela.

Às vezes Søs dizia coisas às que Harry não tinha nem ideia de como responder. Acertaram que iriam ao cinema um dia destes. Harry perguntou se teriam que convidar Henrik. E Søs falou que sim, que assim era quando se tinha namorado.

Depois de desligar, Harry parou pensativo. Raquel e ele não haviam se cruzado ainda pelo corredor, mas sabia onde era a sua sala. Decidiu-se e levantou da cadeira: Precisava falar com ela já, não suportava aquela espera. Linda lhe sorriu quando o viu entrar pela porta do CNI.

- Já de volta, deslumbrante?
- Só vou cumprimentar Raquel um momento.
- Só? Harry eu os vi na festa do grupo.

Harry notou com desgosto que seu sorriso brincalhão o fez enrubescer até os lóbulos das orelhas e que sua tentativa de risada seca fracassou estrepitosamente.

— Mas pode esquecer. Raquel não veio hoje. Ficou em casa. Doente. Desculpe um momento, Harry. Linda atendeu ao telefone. — CNI, em que posso ajudar? Harry já saía pela porta quando Linda gritou: — Harry, é para você! Atenda aqui. Disse ao mesmo tempo em que estendia o fone.

- Harry Hole? Perguntou uma voz feminina, ofegante ou assustada.
- Sim, sou eu.
- Signe Juul. Precisa me ajudar, Hole. Ele vai me matar. Harry escutou latidos ao fundo.
- Quem quer matá-la, Signe Juul?
- Vem a caminho de minha casa. Sei que é ele. Ele... Ele...
- Tente se tranquilizar, Signe. Do que está falando?
- Distorcia a voz, mas desta vez eu o reconheci. Sabia que havia acariciado o cabelo de Olaf Lindvig no hospital de campanha. Então compreendi. Deus meu! O que vou fazer?
- Está sozinha?
- Sim, disse ela. — Estou só. Estou completamente só. Entendeu? Os latidos de fundo soavam mais frenéticos ainda.
- Pode sair correndo até a casa dos vizinhos e me esperar ali? Quem é...?
- Me encontrará! Sempre me encontra!

Estava histérica. Harry colocou a mão sobre o fone e pediu a Linda que ligasse para a central de alarmes e lhe dizer que enviassem o carro patrulha mais próximo para a casa de Juul na Rua Irisveien, em Berg. Em seguida voltou a se dirigir a Signe Juul, com a esperança de que ela não notasse o seu estado de excitação:

- Se não quer sair, pelo menos tranque a porta a chave. Mas, quem...?
- Não entendeu, disse ela. — Ele... Ele... Ouviu-se um pip. Sinal de ocupado. A conexão havia sido cortada.

— Merda! Perdoe-me, Linda. Diga ao carro patrulha que é urgente. E que tenham cuidado, pode ter um intruso com uma arma de fogo.

Harry ligou para informações e pediu o número de Juul. Discou-o. Continuava ocupado. Harry deu o fone a Linda.

— Se Meirik perguntar por mim, diga que saí e que estou a caminho da casa de Even Juul.

* * *

Setenta e Oito

*RUA IRISVEIEN
12 de Maio de 2000*

QUANDO Harry chegou à Rua Irisveien, viu em seguida o carro de polícia estacionado em frente da casa de Juul. A tranquila rua flanqueada por casas de madeira, os charcos de água, a luz azul que girava lentamente no teto do carro, os dois garotos curiosos de bicicleta: era como se fosse uma repetição da cena que tivera lugar ante a casa de Sverre Olsen. Harry desejou que a similiaridade não fosse além. Estacionou, desceu do Escort e se encaminhou lentamente até o portão. Quando o estava abrindo, ouviu que alguém saía da casa.

— Weber! Disse Harry. — Nossos caminhos se cruzam outra vez.

— É.

— Não sabia que também dirigisse um carro patrulha.

— Sabe muito bem que não é isso, maldito seja. Mas Brandhaug mora aqui ao lado e acabávamos de entrar no carro quando ouvimos o aviso pelo rádio.

— O que aconteceu?

— Você pergunta a mim e eu lhe faço a mesma pergunta. Não tem ninguém na casa. Mas a porta estava aberta.

— Olhou todos os aposentos?

— Do sótão até o porão.

— Muito estranho. Parece que o cachorro também não está.

— Cachorro e donos, todos desapareceram. Mas temos indícios de que alguém entrou no porão, porque o vidro da porta está quebrado.

— Certo, disse Harry olhando para a Rua Irisveien.

Entre as árvores divisou uma quadra de tênis.

— Pode ser que tenha ido para a casa dos vizinhos, como aconselhei, disse Harry. Weber acompanhou Harry até o corredor, onde encontraram um jovem oficial que estava se olhando no espelho que havia sobre a mesinha do telefone.

— E aí, Moen, viu indícios de vida inteligente? Perguntou Weber com sarcasmo. Moen se voltou e cumprimentou Harry.

— Bem, replicou Moen. — Não sei se é inteligente ou simplesmente curioso. Apontou o espelho. Weber e Harry se aproximaram.

— Caramba! Exclamou Weber. Em maiúsculas vermelhas que pareciam escritas com batom, se lia:

DEUS É MEU JUIZ

Harry sentia a boca áspera como uma casca de laranja. O vidro da porta de entrada tilintou quando alguém a abriu de repente.

— O que fazem aqui? Perguntou a silhueta que se perfilava ante eles, a contraluz. — E onde está Burre?

Era Even Juul.

* * *

Harry se sentou à mesa da cozinha em companhia de um Even Juul visivelmente preocupado. Moem foi fazer uma ronda pela vizinhança à procura de Signe Juul e, de passagem perguntar se alguém vira algo suspeito. Weber devia fazer algo urgente relacionado com o caso Brandhaug e teve que usar o carro de polícia, mas Harry prometera a Moem que emprestaria o dele.

— Costumava avisar se pensava em sair de casa, afirmou Even Juul. — Quero dizer, “Costuma”.

— É a letra dela no espelho da entrada?

— Não, respondeu. — Ou ao menos, acho isso.

— É o seu batom? Juul olhou para Harry sem responder. — Estava com medo quando falei com ela por telefone, explicou Harry. — Insistia em que alguém queria matá-la. Tem alguma ideia de quem poderia ser?

— Matá-la?

— Isso é o que falou.

— Mas não pode ter alguém que quisesse matar Signe.

— Acha que não?

— Ficou maluco?

— Bem. Nesse caso, estou convencido de que compreenderá que devo lhe perguntar se sua mulher poderia se qualificar como instável. Histérica.

Harry não tinha certeza de que Juul tivesse ouvido a pergunta, até que o viu negar movendo a cabeça muito lentamente.

— Certo, disse Harry se pondo de pé. — Vamos ver se lembra de algo que possa ser

de ajuda. E deve ligar para todos os amigos e familiares entre os quais ache que ela pode ter se refugiado. No momento, não há muito mais que possamos fazer.

Quando Harry fechou o portão atrás de si viu que Moem vinha ao seu encontro meneando a cabeça.

— Ninguém viu um carro sequer? Estranhou Harry.

— A estas horas, os únicos que estão em casa são os aposentados e as mães com garotos pequenos.

— Os aposentados geralmente são bons observadores.

— Aparentemente, estes não são. Se é que, realmente, aconteceu algo fora do normal.

“Fora do normal.” Sem saber porquê, aquelas palavras ficaram ressoando em algum lugar remoto do cérebro de Harry. Os garotos com as bicicletas haviam desaparecido. Harry suspirou.

— Vamos embora.

* * *

Setenta e Nove

DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA

12 de Maio de 2000

QUANDO Harry entrou na sala, Halvorsen estava falando no telefone. Com um gesto, indicou que falava com um informante. Harry pensou que continuava tentando descobrir a mulher do hotel Continental, o que significava que não tivera sorte no Ministério de Assuntos Exteriores. Com exceção do monte de cópias de arquivo que entupiam a sua mesa, a sala de Halvorsen estava limpa de papéis, pois havia retirado tudo salvo o relacionado com o caso Märklin.

— Certo, disse Halvorsen. — Se souber de algo mais, me ligue, de acordo? E desligou o telefone.

— Conseguiu falar com Aune? Perguntou Harry ao mesmo tempo em que sentava em sua antiga cadeira.

Halvorsen sem pronunciar palavra lhe mostrou dois dedos. Às duas. Harry olhou o relógio e deduziu que Aune chegaria em vinte minutos.

— Dê-me uma foto de Edvard Mosken, Harry pediu levantando o fone. Discou o número de Sindre Fauke, que concordou em se reunir com ele às três. Depois, informou Halvorsen do desaparecimento de Signe Juul.

— Acha que tem algo a ver com o caso Brandhaug? Perguntou Halvorsen.

— Não sei, mas agora é mais importante ainda falar com Aune.

— Por quê?

— Porque isso se parece cada vez mais com a obra de um louco. E para isso precisaremos um guia.

* * *

Aune era um homem grande por várias razões. Era obeso, media quase dois metros e era considerado o psiquiatra mais competente do país, dentro de seu campo, que não eram os transtornos de personalidade. Não obstante, Aune era um homem sábio e havia ajudado Harry em outros casos.

A julgar por seu semblante, era um homem aberto e amável, e Harry conseguia

dizer que Aune era, no fundo, demasiado humano, demasiado vulnerável, demasiado “normal” para ficar ileso depois de combater no campo de batalha que é a alma humana. Em uma ocasião em que lhe perguntou, Aune respondera que claro, que não saía ileso. Mas quem saía?

Agora estava concentrado e escutava atento a exposição de Harry. Sobre a morte por arma branca de Hallgrin Dale, sobre o assassinato de Ellen Gjeltén e sobre o atentado contra Bernt Brandhaug. Harry falou, além disso, de Even Juul, segundo o qual deviam procurar um ex-combatente da frente, uma teoria que provavelmente se apresentava como a mais sólida pois Brandhaug foi assassinado um dia depois de que suas declarações apareceram no diário Dagbladet. E, para concluir, o colocou ao corrente do desaparecimento de Signe Juul. Aune ficou pensativo. Grunhia enquanto movia a cabeça para afirmar ou negar.

— Infelizmente acho que não poderei ajudar muito, se lamentou. — A única coisa que pode me ser útil é a mensagem do espelho. Lembra-me um cartão de visita, gesto bastante comum entre os assassinos em série, sobretudo depois de cometer vários assassinatos, quando já começam a se sentir seguros. Chegando a esse ponto, desejam elevar o nível de tensão desafiando à polícia.

— Acha que enfrentamos um homem doente, Aune?

— O conceito de “doente” é relativo. Todos nós estamos doentes, a questão radical é simplesmente no nível de funcionalidade de cada um em relação com as normas que a sociedade estabelece para uma conduta aceitável. Nenhum ato é, em si, sintoma de uma doença; é preciso levar em conta o contexto no qual se executa esse ato. Por exemplo, a maioria das pessoas é equipada com um controle de impulsos alojado no cérebro médio, que tenta evitar que assassinemos os nossos próximos. Essa é somente uma das características evolutivas de que estamos dotados para proteger a nossa espécie. Mas, com o treinamento oportuno e suficiente, podemos aprender a vencer essa inibição, que terminará por se enfraquecer. Como entre os soldados, por exemplo. Se você ou eu, de repente, começamos a matar gente, é muito provável que estejamos doentes. Mas poderíamos dizer o mesmo, e não necessariamente, se fossemos assassinos a soldo... Ou oficiais de polícia, se me entende.

— Em outras palavras, se nós estamos lidando com um soldado, com um que, por exemplo, combateu em algum dos lados durante a guerra, seu umbral de aceitação do assassinato será muito mais baixo que o de outra pessoa, imaginando que ambas estejam psicologicamente sãs, é isso?

— Sim e não. Um soldado é treinado para matar em uma situação bélica e para anular a inibição. Precisa sentir que o ato de matar se realiza no mesmo contexto.

— Assim precisa sentir que continua combatendo em uma guerra?

— Dito de uma forma simples, sim. Mas, se for essa a situação, pode continuar

matando sem ficar doente no sentido clínico da palavra. Ou, ao menos, não mais que um soldado normal qualquer. Quer dizer, não se trata mais que de uma percepção da realidade divergente e, nesse caso, o diagnóstico pode ser aplicado a todo o mundo.

— Como? Perguntou Halvorsen. — Quem deve decidir o que é certo e real, moral ou imoral? Os psiquiatras? Os juízes? Os políticos?

— Bem, interveio Harry. — De qualquer maneira, são eles que o fazem.

— Exato, confirmou Aune. — Mas se acham que quem tem autoridade para julgar e o fazem de forma injusta ou arbitrária, perderão a sua autoridade moral. Por exemplo, se alguém é preso por pertencer a um partido legal, procurará outro juiz. Ou recorrerá a uma instância superior.

— Deus é meu juiz, repetiu Harry. Aune concordou. — O que acha que isso significa, Aune?

— Significa que quer explicar seus atos. Que, apesar de tudo, precisa ser compreendido. Como sabe, é algo que acontece à maioria das pessoas.

* * *

Harry passou pelo restaurante Schrøder à caminho da casa de Fauke. Reinava o silêncio habitual das manhãs e Maja estava sentada à mesa que havia sob o televisor, lendo o jornal e fumando um cigarro. Harry lhe mostrou a foto de Edvard Mosken que Halvorsen havia conseguido em um tempo recorde, através da Direção Geral de Trânsito, que, há dois anos, havia expedido uma carteira de motorista internacional em nome de Mosken.

— Sim, acho que vi essa cara enrugada. Mas me lembrar de onde e quando?... Não. Precitaria ter estado aqui várias vezes para que me lembrasse de seu rosto, mas um assíduo frequentador, não é.

— Acha que alguém mais daqui pode ter falado com ele?

— Faz umas perguntas muito difíceis, Harry.

— Alguém ligou do seu telefone público às doze e meia da manhã de quarta-feira. Não conto com que se lembre, mas poderia ter sido esta pessoa? Maja encolheu os ombros.

— Claro, mas também poderia ter sido Papai Noel. Sabe como são as coisas por aqui, Harry.

Harry ligou para Halvorsen quando ia a caminho da Rua Vibe para pedir que localizasse Edvard Mosken.

— Detenho-o?

— Não. Só precisa verificar os álibis para o assassinato de Brandhaug o a

desaparecimento de Signe Juul.

* * *

Sindre Fauke estava pálido quando abriu a porta para Harry.

— Um amigo me presenteou ontem com uma garrafa de whisky, explicou esboçando um sorriso. — Já não tenho corpo para essas coisas. Quem chega aos sessenta...!

Riu e foi retirar do fogo a cafeteira, que começara a assoviar.

— Li sobre o assassinato desse conselheiro de Assuntos Exteriores, gritou da cozinha. — Diziam que a polícia não descarta que esteja relacionado com as declarações sobre os combatentes da frente. O diário VG diz que os neonazistas estão por trás de tudo. Vocês acham que isso é verdade?

— Pode ser que o VG acredite. Nós não acreditamos em nada e tampouco descartamos nada. Como vai o livro?

— Algo lento, por agora. Mas quando o terminar, abrirá os olhos de muita gente. Pelo menos, isso é o que digo a mim mesmo para me sentir capaz de colocar a máquina em marcha em dias como hoje.

Fauke deixou a cafeteira na mesa da sala de estar e sentou no sofá. Colocara um pano frio ao redor da cafeteira, um velho truque da frente, explicou com um sorriso. Obviamente, esperava que Harry lhe perguntasse como funcionava o truque, mas Harry tinha pressa.

— A esposa de Even Juul desapareceu, disse.

— Caramba. Foi embora?

— Não acredito. Você a conhece?

— A verdade é que nunca a vi, mas conheço bem as controvérsias relativas ao casamento de Juul. Que ela fora enfermeira na frente e todo o resto. O que aconteceu?

Harry lhe contou sobre a ligação telefônica e do desaparecimento.

— Não sabemos nada mais. Esperava que você a conhecesse e que pudesse me dar alguma pista.

— Sinto muito, mas...

Fauke fez uma pausa para tomar um gole de café. Dava a impressão de estar

pensando sobre algo.

— O que escreveram mesmo no espelho?

— Deus é meu juiz, disse Harry. — Em que está pensando?

— Nem eu mesmo sei, disse Fauke esfregando o queixo sem barbear.

— Desembuche.

— Você disse que pode ser que o assassino queira dar uma explicação, se fazer entender.

— E? Fauke foi à estante, apanhou um grosso volume e começou a virar as folhas.

— Exatamente, disse. — O que eu pensava. Deu o livro a Harry. Era uma enciclopédia bíblica. — Procure “Daniel”.

Harry passou o olhar pela página até localizar o nome. “Daniel. Hebreu. Deus é meu juiz.”. Olhou para Fauke, que voltara a se servir de café.

— Parece que está procurando um fantasma, Hole.

* * *

JOHAN KROHN recebeu Harry em sua sala. A estante que tinha às suas costas estava repleta de anuários de boletins de jurisprudência encadernados em couro marrom. Faziam um peculiar contraste com o rosto de garoto do advogado.

— Passou-se muito tempo da última vez, disse Krohn convidando-o a se sentar com um gesto.

— Tem boa memória, disse Harry.

— Sim, minha memória se encontra em perfeito estado. Sverre Olsen. Tinha um caso firme. Pena que o juiz municipal não soubesse se ater ao regulamento.

— Não vim por isso, disse Harry. — Quero pedir um favor.

— Pedir é grátis, disse Krohn juntando as pontas dos dedos. Para Harry ele lembrava um ator infantil que rerepresentasse um papel de adulto.

— Estou procurando uma arma que entrou no país ilegalmente e tenho razões para acreditar que Sverre Olsen pode estar implicado de algum modo. Levando em conta que seu cliente está morto, não tem por que acatar o segredo profissional e, portanto, nada o proíbe de me dar alguma informação. Pode nos ajudar a esclarecer o assassinato de Bernt Brandhaug; acreditamos que foi cometido com essa arma. Krohn sorriu com malícia.

— Preferiria ser eu quem definisse até onde deve se estender o meu segredo profissional, oficial. Não se anula automaticamente ao falecer o cliente. Por outro lado, não lhe aconteceu pensar que a mim pode parecer um tanto ousado que venha pedir alguma informação depois de terem matado o meu cliente?

— Tento me esquecer dos sentimentos e me manter no plano profissional, replicou Harry.

— Nesse caso, deve realizar um esforço ainda maior, oficial! A voz de Krohn soou mais alta do que antes. — Esta visita não é muito profissional. Como tampouco o é matar a um homem em sua própria casa.

— Foi em defesa própria, explicou Harry.

— Formalidades, rechaçou Krohn. — Era um oficial de polícia com muita experiência, devia saber que Olsen era instável e não se apresentar de improviso. O oficial deveria ser processado. Harry não pode se conter:

— Estou de acordo consigo, é muito triste que um delinquente não seja condenado por uma formalidade. Krohn piscou duas vezes antes de compreender o que Harry

queria dizer.

— As formalidades jurídicas são outra coisa, oficial, corrigiu o advogado. — Jurar ante o juiz pode ser que seja um detalhe, mas sem segurança pública...

— Meu título é de Delegado. Harry se concentrava em falar lentamente e em voz baixa: — E essa segurança pública de que fala matou a minha colega, Ellen Gjelten. Conte isso a essa sua memória da qual tão condenadamente está orgulhoso. Ellen Gjelten, vinte e oito anos. A investigadora com mais talento de todo o corpo de polícia de Oslo. O crânio esmigalhado. Uma morte fodida.

Harry se levantou e inclinou seus cento e noventa centímetros de altura sobre a mesa de Krohn, cuja laringe subia e descia nervosamente pelo esquelético pescoço. Durante dois segundos intermináveis, Harry se permitiu o luxo de gozar, ao ver o pavor nos olhos do jovem advogado de defesa. Em seguida deixou cair seu cartão de visita, que planou até aterrissar na mesa.

— Ligue-me quando tiver terminado de considerar quanto tempo deve permanecer submetido ao segredo profissional, disse. Harry havia quase cruzado o umbral quando a voz de Krohn o fez se deter:

— Me ligou justo antes de morrer. Harry se voltou. Krohn suspirou. — Tinha medo de alguém. Sverre Olsen sempre tinha medo. Estava só e aterrado. “Quem não está?”, murmurou Harry, antes de perguntar:

— Falou de quem tinha medo?

— Do Príncipe. Só isso, o Príncipe.

— E não explicou por que tinha medo?

— Não. Só que o tal Príncipe era uma espécie de superior e que havia lhe ordenado que cometesse um crime. Queria saber qual seria a pena se o crime fosse cometido cumprindo ordens. Pobre idiota.

— Que tipo de ordem, que crime?

— Isso não me falou.

— Algo mais? Krohn negou em silêncio.

— Ligue-me a qualquer hora do dia ou da noite se lembrar de algo mais, notou Harry.

— E uma coisa mais, delegado. Se achar que durmo tranquilo sabendo que foi declarado inocente o homem que matou a sua colega, está errado.

Mas Harry já havia saído.

Oitenta e Um

PIZZARIA HERBERT

12 de Maio de 2000

HARRY ligou para Halvorsen e pediu que fosse até a pizzaria Herbert. Estavam praticamente sozinhos no local e escolheram uma mesa próxima à janela. No rincão do fundo havia um tipo com um capote militar longo, um bigode que havia passado de moda com Adolf Hitler e um par de pés enfiados nas respectivas botas que ele havia colocado em cima de uma cadeira. Tinha pinta de tentar bater o recorde mundial de tédio. Halvorsen havia conseguido localizar Edvard Mosken, mas não o encontrou em Dramen.

— Não atendeu quando liguei para sua casa, assim consegui que no serviço de informação telefônica me informassem o número de um celular. Está está em Oslo. Tem um apartamento na Rua Tromsø, em Rodeløkka, onde fica quando vai ao Bjerke.

— Bjerke?

— O hipódromo. Parece que vai todas as sextas-feiras e sábados. Diverte-se e aposta um pouco, me falou. Além disso, é proprietário da quarta parte de um cavalo. Encontrei-me com ele no estábulo, atrás da pista.

— O que mais falou?

— Que algumas vezes, quando estava em Oslo, passava pelo Schrøder de manhã. Que não tem ideia de quem é Bernt Brandhaug e que, é claro, nunca ligou para a sua casa. Sabia quem era Signe Juul e a se lembrava dela da frente.

— Tem um álibi? Halvorsen pediu uma Hawaii Tropic com pimentão, salame e abacaxi.

— Mosken me contou que, salvo as viagens até Bjerke, havia passado a semana só no apartamento da Rua Tromsø. E que estava ali na manhã que mataram Bernt Brandhaug. E nesta manhã também.

— Bem. Que impressão lhe causou a forma de responder?

— O que quer dizer?

— Acreditou no que contava?

— Sim. Bem, acreditar, acreditar...

— Procura em sua memória, Halvorsen, não tenha medo. E em seguida, me diga exatamente o que sente: Halvorsen fixou o olhar na mesa, brincou com o cardápio das pizzas.

— Se mente, é um tipo muito frio, isso eu o afirmo. Harry suspirou.

— Encarregou-se de que o mantenham vigiado? Quero dois homens em frente de sua casa, dia e noite.

Halvorsen concordou sem dizer nada e discou um número no celular. Harry ouviu a voz de Møller enquanto olhava para o neonazista do canto. Ou como se chamasse. Nacional-socialistas. Nacional-democratas. Acabava de ler um trabalho de sociologia de fim de curso que concluía dizendo que na Noruega existem cinquenta e sete neonazistas. Serviram a pizza de Halvorsen e este olhou para Harry inquisitivo.

— Adiante, animou-o Harry. — A pizza não é o forte.

Ao homem do rincão havia se somado a companhia de um casaco de combate, curto e verde. Conversavam entre sussurros ao mesmo tempo em que olhavam para os dois polícias.

— Outra coisa mais, lembrou Harry. — Linda, do CNI, me falou que em Colônia existem uns arquivos da SS, uma parte dos quais foram destruídos em um incêndio nos anos setenta; mas em alguma que outra ocasião encontraram neles informações sobre cidadãos noruegueses que lutaram no lado alemão. Destinos, condecorações, esse tipo de coisas. Quero que ligue e veja se consegue descobrir algo sobre Daniel Gudeson. E sobre Gudbrand Johansen.

— Certo, chefe, disse Halvorsen com a boca cheia de pizza. — Quando terminar com a pizza, não?

— Enquanto isso, irei conversar com a juventude, afirmou Harry se levantando.

Quando se tratava de assuntos de trabalho, Harry nunca tivera o menor reparo em utilizar o seu tamanho para conseguir alguma vantagem psicológica. E, em que pese que o do bigode de Hitler olhava para Harry como se estivesse fazendo um esforço sobre-humano, Harry sabia que atrás daquele frio olhar se ocultava o mesmo medo que vira em Krohn. Com a diferença de que aquele tipo estava mais acostumado a ocultá-lo. Harry apanhou a cadeira em que o do bigode de Hitler apoiava as botas, de modo que seus pés caíram no chão antes que o pudesse reagir.

— Perdão, disse Harry. — Achei que a cadeira estava livre.

— Merda de árvore, murmurou o do bigode. A cabeça raspada que estava acima do pescoço do casaco de combate verde girou.

— Correto, confirmou Harry. — O policial de merda. Não, esse apelativo é, com certeza, muito suave. O acha de the man? É suficientemente internacional?

— Estamos deixando-o nervoso? Perguntou o do casaco.

— Sim, está me deixando nervoso, disse Harry. — Faz muito que irritam. Traz-me

recordações do Príncipe. Mensagem de Hole para o Príncipe. Entenderam?

O do casaco piscou abobado. O das botas abriu uma boca que deixou à vista duas fileiras de dentes totalmente dispares e começou a rir até que começou a babar.

— Está falando de Haakom Magnus? Perguntou. Ao cabo de um tempo, o do casaco notou a piada e começou a rir também.

— Claro, comentou Harry. — Se não são mais que soldados da ralé, é lógico que não conheçam o Príncipe, então será melhor que transmitam a mensagem ao seu superior imediato. Espero que gostem da pizza, rapazes.

Enquanto voltava para Halvorsen, sentiu seus olhares cravadas na nuca.

— Termine de comer, falou Harry para Halvorsen, que, nesse momento, levava à boca um enorme pedaço de pizza. — Precisamos sair daqui antes que continue acumulando merda em minha folha de serviços.

* * *

Oitenta e Dois

COLINA HOLMENKOLLASEN

12 de Maio de 2000

AQUELA já era a tarde mais quente da primavera. Harry estava com a janela do carro abaixada deixando assim que a suave brisa lhe acariciasse o rosto e o cabelo. Da colina Holmenkollâsem se via o fiorde de Oslo salpicado de ilhotas que se assemelhavam a conchas de cor marrom esverdeado e os primeiros barcos à vela da temporada voltavam a terra. Uns estudantes urinavam na borda da estrada, junto a um ônibus pintado de vermelho de cujos alto-falantes, colocados no teto, retumbava a música de uma canção: “Won't - you - be my lover...”. Uma senhora idosa com calças bombachas e o anoraque amarrado ao redor da cintura descia a rua com um sorriso cansado e satisfeito.

Harry estacionou o carro em frente da casa. Preferia não chegar até o jardim, não sabia muito bem por quê. Quem sabe porque tinha a sensação de que, se estacionasse mais abaixo, sua visita seria menos invasiva. Um pensamento ridículo, claro, já que, de qualquer maneira, se apresentava e sem ter sido convidado. Estava na metade de caminho quando soou o celular. Era Halvorsen, que ligava do Arquivo de Traidores da Pátria.

— Nada, anunciou. — Se for verdade que Daniel Gudeson está vivo, jamais foi condenado por traição.

— E Signe Juul?

— Pegou uma condenação de um ano.

— Certo, mas se livrou da prisão. Alguma outra coisa interessante?

— Nada. Já estão se preparando para ir embora.

— Vá para casa dormir, pode ser que até amanhã pensemos em algo.

Harry chegara ao pé da escadinha e estava a ponto de subi-la de um pulo quando a porta se abriu. Ficou imóvel. Raquel usava uma blusa de lã e jeans azuis, tinha o cabelo despenteado e o rosto mais pálido que de costume. Procurou em seus olhos algum sinal de que se alegrasse de voltar a vê-lo, mas não viu nada. Nem sequer essa amabilidade neutra que tanto havia temido. Apenas não havia expressão alguma em seus olhos; e vá se saber o que isso significava.

— Escutei vozes... Disse Raquel. — Entre. Oleg estava de pijama na sala de estar,

vendo televisão.

— Alô, perdedor, cumprimentou Harry. — Não deveria estar treinando com o Tetris? Oleg suspirou sem levantar a cabeça. — Sempre me esqueço que os garotos não entendem de ironias, falou a Raquel.

— Onde esteve? Perguntou Oleg.

Onde estivera? Harry ficou um tanto confuso ao ver a expressão acusadora de Oleg.

— O que quer dizer? Oleg encolheu os ombros.

— Um café? Perguntou Raquel.

Harry concordou. Oleg e Harry observavam em silêncio a incrível migração dos gnus através do deserto de Kalahari, enquanto Raquel fora para a cozinha. Levou muito tempo, tanto o café quanto a migração.

— Cinquenta e seis mil, disse Oleg ao final.

— Mentira, replicou Harry.

— Sou o primeiro na lista dos melhores-de-todos-os-tempos!

— Vá buscá-lo.

Oleg se levantou e saiu correndo da sala quando Raquel entrava com o café e foi se sentar em frente a Harry, que apanhou o controle remoto e diminuiu o volume do trovão dos cascos. Foi Raquel quem, por fim, quebrou o silêncio.

— O que vai fazer este ano no Dezessete de Maio?

— Tenho plantão. Mas se está insinuando um convite para o que for, moverei céus e terras... Ela riu agitando e negando com as mãos.

— Desculpe, somente queria iniciar uma conversa. Falemos de outra coisa.

— Está doente? Perguntou Harry.

— É uma longa história.

— Pois parece que temos muito tempo.

— Por que lhe fizeram voltar? Perguntou Raquel.

— Brandhaug. Com quem, curiosamente, falei em uma ocasião sentado bem aqui.

— Sim, a vida está cheia de coincidências absurdas, lembrou Raquel.

— Tão absurdo que nunca teria colado em uma história inventada, pelo menos.

— Você não sabe nem a metade, Harry.

— O que quer dizer? Ela deu um suspiro e começou a remexer o café. — O que aconteceu? É que toda a família decidiu enviar mensagens cifradas nesta noite? Ela tentou rir, mas o seu sorriso se tornou em um soluço. “O típico resfriado de primavera”, pensou Harry.

— Eu... O que...

Tentou começar a frase um par de vezes mais, mas não conseguiu. A colherinha dava voltas e mais voltas na xícara. Por cima de seu ombro, Harry viu como um crocodilo, lentamente, mas sem piedade, arrastava a um gnu para as águas do rio.

— Tenho passado muito mal, confessou Raquel. — E dormido de menos.

Voltou-se até Harry, que viu que Raquel estava chorando. As lágrimas rolavam por suas faces e se acumulavam debaixo do queixo. Mas ela não fez o menor tento de contê-las.

— Bem... Disse Harry.

E isso foi o que teve tempo de dizer, antes que ambos se fundissem em um abraço. Abraçaram-se como se fossem salva-vidas. Harry tremia pela emoção. “Só isso”, pensou. “Só isso já é suficiente. Tê-la assim.”.

— Mamãe! O grito veio do segundo andar. — Onde está o meu Gameboy?

— Em uma das gavetas da cômoda, gritou Raquel com voz trêmula. — A de cima. Beije-me, falou para Harry.

— Mas Oleg pode...

— O Gameboy não está na cômoda...

Quando Oleg desceu correndo as escadas com o Gameboy, que, finalmente, havia encontrado na caixa dos brinquedos, não notou o ambiente que reinava na sala e riu da expressão de preocupação de Harry quando lhe mostrou a nova soma de pontos. Mas quando Harry começou a jogar para bater o seu novo recorde, ouviu a voz de Oleg:

— Por que estão com essas caras tão esquisitas? Harry viu que Raquel custava em se manter séria.

— É porque nos gostamos muito, explicou Harry, suprimindo três linhas com uma peça longa e delgada ao fundo à direita. — E esse se recorde está perigando muito, perdedor. Oleg riu e Harry lhe deu uma palmada no ombro.

— Nem sonhe. Você já é o perdedor.

* * *

Oitenta e Três

APARTAMENTO DE HARRY

12 de Maio de 2000

HARRY não se sentia como um perdedor quando, pouco antes de meia-noite, entrou em seu apartamento e viu piscar a luz vermelha da secretária eletrônica. Havia levado nos braços Oleg para a cama e Raquel e ele haviam tomado chá. Raquel falou que um dia contaria uma longa história. Quando não estivesse tão cansada. Harry lhe disse que precisava umas férias e ela se mostrou de acordo.

— Poderemos ir os três juntos, propôs. — Quando tenha se resolvido este caso.

— Não permito que brinque com essas coisas, Hole.

— Quem está brincando?

— De qualquer maneira, não tenho vontade de falar disso agora. Será melhor que vá para casa, Hole.

Beijaram-se uma vez mais na entrada, assim que Harry ainda tinha nos lábios o seu sabor. Aproximou-se da secretária eletrônica, descalço e sem acender a luz, e apertou o botão de reprodução de mensagens. A voz de Sindre Fauke encheu a escuridão.

— Fauke. Estive pensando. Se Daniel Gudeson é algo mais que um espectro, existe somente uma pessoa no mundo que conseguirá resolver o enigma, e esta é o soldado que estava de guarda com ele na noite em que deram um tiro em Daniel. Gudbrand Johansen. Precisa encontrar Gudbrand Johansen, Hole. Ouviu-se o clique do fone ao desligar, um bip e, quando Harry pensava que havia terminado, ouviu que havia outra mensagem:

— Halvorsen. São meia-noite e meia. Acaba de me ligar um dos policiais de vigilância. Estão há muito tempo esperando ante o apartamento de Mosken, mas ele não voltou para casa, assim que testaram o número de Dramen, para ver se respondia ao telefone. Tampouco respondeu. Um dos rapazes foi a Bjerke, mas ali tudo estava fechado e as luzes apagadas. Pedi que fossem pacientes e enviei uma ordem de busca do carro de Mosken através do rádio da polícia. Só queria que soubesse. Vemo-nos amanhã. Novo bip. Nova mensagem. Um recorde para a secretária eletrônica de Harry.

— Halvorsen outra vez. Começo a ficar senil. Esqueci por completo o outro assunto. Parece que por fim tivemos um pouco de sorte. No arquivo da SS em Colônia não havia dados pessoais nem de Gudeson nem de Johansen. Dissessem-me que deveria

ligar para o arquivo central da Wehrmacht, em Berlim. Lá encontrei um antipático que me falou que o número de noruegueses participantes nas forças regulares alemãs foi muito reduzido. Quando expliquei o assunto, não obstante, me prometeu que verificaria. Devolveu-me a ligação ao cabo de um tempo. Não havia encontrado nada sobre Daniel Gudeson, mas várias cópias de uns documentos pertencentes a um tal de Gudbrand Johansen, também norueguês. Segundo esses documentos, Johansen foi transferido em 1944 para a Wehrmacht da Waffen-SS. Havia uma anotação segundo a qual haviam enviado a Oslo as cópias dos documentos originais no verão de 1944, o que, segundo nosso homem de Berlim, somente poderia significar que destinaram Johansen para ali. Também encontrou parte da correspondência mantida com o médico que assinou a licença por doença de Johansen. Em Viena.

Harry se sentou na única cadeira da sala.

— O nome do médico era Christopher Brockhard, do hospital Rudolph II. Falei com a polícia de Viena e descobri que o hospital continua funcionando. Até me deram o nome e número de telefone de uma vintena de pessoas que ainda vivem e que trabalharam ali durante a guerra. “Os teutônicos dominaram o uso de arquivos”, pensou Harry. — Assim comecei a ligar. Merda, o meu alemão é muito ruim! A risada de Halvorsen explodiu no alto-falante. — Liguei para oito deles até que achei uma enfermeira que se lembrava de Gudbrand Johansen. Era uma senhora de setenta e cinco anos. Afirmou-me que se lembrava dele muito bem. Amanhã lhe darei o seu número e endereço. Seu nome é Montem, Helena Montem.

Um novo bip se seguiu ao silêncio, mas, nesta ocasião, o reproduzidor de mensagens parou. Harry sonhou com Raquel, com seu rosto se fundindo em seu pescoço, com suas mãos, tão fortes, com figuras do Tetris caindo sem cessar. Até que a voz de Sindre Fauke acordou-o no meio da noite e o obrigou a procurar na escuridão o contorno de uma pessoa: “Precisa encontrar Gudbrand Johansen”

* * *

Oitenta e Quatro

FORTE DE AKERSHUS

13 de Maio de 2000

ERAM DUAS E MEIA DA MADRUGADA e o velho havia parado o carro junto a um navio muito baixo, na Rua Akershusstranda. Aquela rua fora em outrso tempos uma das artérias da cidade de Oslo mas, após a abertura do túnel Fjellinjen, haviam fechado um dos extremos e somente a utilizavam agora os que trabalhavam no cais durante o dia. E os clientes das prostitutas, que procuravam um lugar recolhido para seu “passeio”, pois entre a rua e o mar não havia mais que um par de navios, e ao outro lado ficada a fachada ocidental do forte de Akershus. Agora, alguém que olhasse do cais Aker Brygge com uns binóculos potentes poderia ter visto, com certeza, o mesmo que o velho: as costas de um casaco cinza que se movimentava cada vez que o homem que o usava empurrava os quadris para frente, e o rosto de uma mulher muito maquiada e drogada, bem debaixo dos canhões do forte. A cada lado de cada um deles, havia um foco que iluminava a ladeira da montanha e o muro que se levantava ao seu lado.

A fortaleza de Akershus. A parte interior do forte permanecia fechada à noite e, embora ele tivesse conseguido entrar, o risco de ser descoberto no mesmo lugar da execução era muito grande. Ninguém sabia exatamente quantas pessoas haviam morrido ali, fuziladas durante a guerra, mas restava uma placa comemorativa dos caídos da Resistência Norueguesa. O velho sabia que um deles, no mínimo, era um vulgar delinquente que havia merecido o castigo, independentemente de que lado estivesse. Fora lá onde haviam fuzilado Vidkum Quisling e os outros que foram sentenciados a morte nos julgamentos posteriores à guerra. Quisling aguardou o cumprimento da sentença na Torre da Pólvora. O velho havia se perguntado a miúdo se seria aquela a torre que dera título a um livro em que o autor descreve em detalhes os diferentes métodos de execução ao longo dos séculos. A descrição da execução por fuzilamento em frente a um pelotão, não seria, na realidade, um relato sobre a execução de Vidkum Quisling naquele dia de outono de 1945, quando levaram o traidor até a praça para furar seu corpo com balas de fuzil? Era certo, como contava o autor, que haviam lhe colocado um capuz sobre a cabeça e que haviam pregado um pedaço de papel branco no lugar do coração, para que se fizesse de alvo? Gritaram a ordem quatro vezes antes de disparar? Disparariam tão mal aqueles experientes tiradores que o médico teve que utilizar o estetoscópio para determinar que o condenado devesse ser executado outra vez até que, após disparar quatro ou cinco vezes mais, foi a hemorragia de tantas feridas superficiais a que lhe

causara a morte? O velho tinha a descrição recortada do livro.

O casaco deixou de se mover, haviam terminado o coito e o seu proprietário já descia a ladeira em direção ao seu carro. A mulher continuou junto ao muro, ajeitou bem a camisa e acendeu um cigarro que brilhava na escuridão a cada tragada. O velho esperava. A mulher amassou o cigarro com o salto e começou a andar pelo caminho enlameado que rodeava o forte, para voltar “ao escritório” situado nas ruas próximas ao Banco da Noruega. O velho se voltou para o assento traseiro, de onde a mulher, amordaçada, o olhava fixamente, com o pavor pintado no rosto e os mesmos olhos aterrados a cada vez que despertava dos efeitos do éter dietílico. Viu-a mover a boca debaixo da mordaça.

— Não tenha medo, Signe, recomendou se inclinando para ela e prendendo algo ao seu abrigo. Signe tentou inclinar a cabeça para ver que era, mas ele a forçou a mantê-la reta. — Daremos um passeio, propôs. — Como costumávamos fazer.

Saiu do carro, abriu a porta traseira, retirou-a de um puxão e a empurrou para que caminhasse diante dele. Ela tropeçou e caiu de joelhos sobre o cascalho que havia entre a grama e a borda da rua, mas ele agarrou fortemente a corda com a que havia lhe atado as mãos às costas, obrigando-a a se levantar. Colocou-a bem diante de um dos focos, com a luz diretamente orientada ao rosto.

— Fique completamente quieta; eu me esqueci do vinho. Ribeiros Tinto, se lembra, não é? Completamente quieta, do contrário...

A luz a cegava e o velho teve que aproximar a faca ao rosto para que a visse. E apesar da intensa luz, tinha as pupilas tão dilatadas que os olhos pareciam negros. Ele foi até o carro, sempre olhando ao seu redor. Mas não havia ninguém. Aguçou o ouvido, mas não ouviu nada mais além do zumbido uniforme de uma cidade. Abriu o porta-malas. Empurrou a negra bolsa de lixo para um lado e notou que o cadáver do cachorro começara a ficar rígido. O aço do Märklin brilhava debilmente. Entrou no carro. Desceu a janela até a metade e apoiou o rifle no vidro. Ao levantar a vista, viu o dançar da sombra gigantesca que o corpo da mulher projetava sobre o muro do século XVI, ocre e amarelo. A sombra devia ser vista desde Nesodden. Muito bonito.

Guiou o carro com a mão direita enquanto acelerava o motor. Deu uma olhada ao seu redor uma última vez, antes de localizar o branco da mira. Havia uma distância de uns cinquenta metros e o casaco da mulher encheu a totalidade da circunferência da lente. Ajustou a mira ligeiramente à direita até que a cruz negra encontrou o que procurava, o pedaço de papel branco. Expulsou o ar dos pulmões e apertou os dedos no

gatilho.

— Benvinda, sussurrou.

* * *

Parte 8

DE VOCÊ

* * *

Oitenta e Cinco

VIENA

14 de Maio de 2000

HARRY se concedeu três segundos somente para apreciar da sensação de frescor que lhe transmitia na nuca e debaixo dos antebraços a capa dos assentos do Tyroleam Air. Mas em seguida começou a pensar de novo.

A seus pés se via a paisagem, uma manta composta de retalhos em verde e amarelo e o Danúbio brilhando ao sol, como uma ferida purulenta de cor ocre. A aeromoça acabara de informar que estavam a ponto de aterrissar em Schwechat, de modo que Harry se preparou para a descida. Voar nunca havia lhe entusiasmado, mas nos últimos anos começara a sentir medo de verdade. Ellen perguntara em uma ocasião, do que tinha medo. “De morrer me espatifando contra o chão. De que outra coisa se pode ter medo?”, ele respondeu então. Ela explicou que a probabilidade de morrer no trajeto de um voo era de um entre trinta milhões. Ele agradeceu a informação e falou que não voltaria a ter medo.

Harry respirava compassadamente enquanto se esforçava por não prestar atenção nos sons dos motores. Por que a idade acentuava a angústia ante a morte? Não deveria ser ao contrário? Signe Juul chegara os setenta e nove anos: com certeza que estava morta de pavor. Fora um dos vigilantes do forte de Akershus quem a encontrara. Um famoso milionário de Aker Brygge que não conseguia dormir ligara durante a madrugada para avisá-los de que um dos focos do muro sul havia se apagado e o chefe da guarda mandou um dos vigilantes mais jovens ir olhar. Harry esteve interrogando-o duas horas depois e o jovem lhe falou que, ao se aproximar, viu que o corpo sem vida de uma mulher estava estendido sobre um dos focos, tapando a luz. Em um primeiro momento, o vigilante acreditou que se tratava de uma drogada, mas quando se aproximou e viu que tinha o cabelo cinza e usava roupas antiquadas, imaginou que se tratava de uma mulher idosa. Seu pensamento seguinte foi que teria enjoado, até que descobrira que tinha as mãos atadas às costas. Quando por fim se encontrou ao seu lado, viu o buraco aberto no casaco.

— Via-se que tinha a coluna destroçada, afirmou a Harry. — Merda, é o que se via!

Contou que se apoiou com uma mão na pedra, pois teve vontade de vomitar, e que

depois, quando chegou a polícia e levou o corpo da mulher, de modo que o muro voltou a ficar iluminado, viu o que era a substância pegajosa que se havia aderido à mão. Disse aquilo a mostrando a Harry, como se fosse importante.

A polícia técnica já viera ao palco do crime e Weber se aproximou de Harry enquanto olhava os olhos sonolentos de Signe Juul e falou que naquilo Deus não fora o juiz, mas o sujeito “do andar de baixo”. A única testemunha era um vigilante que estivera inspecionando os píeres. Às três e quinze havia cruzado com um carro que ia na direção este, para Akershustranda. Mas, já que o veículo o cegara com os faróis altos, não conseguiu ver nem o modelo nem o cor.

Parecia que o piloto acelerava. Harry imaginou que tentavam ganhar altura, porque com certeza o comandante acabava de descobrir os Alpes bem diante da cabine. De repente, sentiu como se o Tyroleam Air tivesse ficado sem ar debaixo das asas e seu estômago se deslocava até ficar debaixo das orelhas. Deu um gemido involuntário quando, um segundo depois, voltavam a subir como uma bola de borracha. Os alto-falantes trouxeram a voz do comandante, que, em alemão e em inglês, avisava de algumas turbulências.

Aune havia observado em uma ocasião que uma pessoa incapaz de sentir medo não conseguiria sobreviver um só dia. Harry se aferrou os braços do assento e tentou achar consolo nesse prognóstico. Por certo que fora Aune quem, de forma indireta, fez que Harry pegasse o primeiro voo para Viena pois, quando viu toda a informação sobre a mesa, falou em seguida que o fator tempo era decisivo.

— Se nos encontramos ante um assassino em série, está a ponto de perder o controle, afirmou Aune. — Não é como o clássico assassino em série com motivo sexual que procura satisfazer seus desejos, mas a decepção é sempre a mesma e a frustração o leva a aumentar a frequência. Este assassino não parece ter um motivo sexual, mas que tem um plano doente para levar a cabo e, até o momento, se mostra de um modo racional. O fato de que os assassinatos tenham acontecido de forma tão rápida e de que corra grandes riscos para mostrar o aspecto simbólico de sua ação, como no assassinato do forte Akershus, que mais parecia uma execução, indica que se sente invencível ou que está perdendo o controle, ou talvez caindo na loucura.

— Ou talvez continue tendo um controle absoluto, observou Halvorsen. — Não cometeu nenhum erro e nós continuamos sem ter a menor pista. E Halvorsen tinha razão. Nem uma só pista.

Mosken conseguira justificar os movimentos. Atendera ao telefone em Drammem quando Halvorsen ligara naquela manhã para verificar se estava lá, já que os que deviam

vigiá-lo não lhe viram o pelo em Oslo. Claro que não tinham meio de saber se dizia a verdade, havia ido para Drammen depois que fecharam Bjerke às dez e meia e chegou às onze e meia. Ou teria chegado ali às três e meia da madrugada e, portanto, tivera tempo de matar Signe Juul?

Harry havia pedido a Halvorsen que ligasse para os vizinhos e perguntasse se viram ou escutaram quando Mosken chegou, embora não tivesse grandes esperanças nessas respostas. E Møller havia lhe sugerido que falasse com o promotor para conseguir uma ordem de revista para os seus dois apartamentos. Harry sabia que seus argumentos não eram muito sólidos e, de fato, o promotor respondeu que, antes de concordar com a dita ordem, queria ver algo que se parecesse ao menos a um indício. Nenhuma pista. Havia chegado o momento de ficar nervoso. Harry fechou os olhos. O rosto de Even Juul continuava impresso em sua retina. Hermético e cinzento. Sentado, afundado no sofá em Irisveiem com a correia do cachorro na mão.

As rodas tocaram por fim o asfalto e Harry constatou que, uma vez mais, ele se encontrava entre os trinta milhões de afortunados.

* * *

O oficial que o chefe de polícia de Viena colocara a sua disposição para fazer às vezes de motorista, guia e intérprete aguardava na sala de chegadas com seu traje escuro, seus óculos de sol e seu pescoço de touro enquanto segurava na mão um cartaz com o nome de “MR. HOLE” escrito com caneta grossa. O pescoço de touro se apresentou como “Fritz” (alguém precisava se chamar assim, pensou Harry) e levou Harry até um BMW de cor azul escuro que, um segundo mais tarde, corria como um raio em direção noroeste pela autovia que levava para o centro, deixando para trás as chaminés das fábricas que expulsavam uma fumaça esbranquiçada e os motoristas civilizados que iam para a pista da direita quando Fritz acelerava.

— Ficaré no hotel dos espões, explicou Fritz.

— O hotel dos espões?

— O velho e honorável Imperial. Onde os agentes russos e ocidentais se alojavam para mudar de lado durante a Guerra Fria. Seu chefe deve de ser milionário.

Desceram até Kärntner Ring e Fritz começou a apontar os edifícios que iam aparecendo em seu trajeto.

— Isso que está vendo à direita, sobressaindo entre os telhados das casas, é a torre da catedral de Sam Estevam, esclareceu. — Imponente, não? E este é o hotel. Esperarei aqui

enquanto se registra.

O recepcionista do Imperial sorriu ao ver a expressão de assombro de Harry ante uma recepção tão fastuosa.

— Investimos quarenta milhões de xelins para reconstruí-lo com exatamente o mesmo aspecto que tinha antes da guerra. Ficou quase totalmente destruído pelos bombardeios de 1944 e, há somente uns anos, estava bastante deteriorado.

Quando Harry saiu do elevador no terceiro andar, sentiu como se estivesse pisando um bamboleante fundo lamacento: tão grosso e macio que era o tapete. O quarto não era muito amplo, mas tinha uma grande cama com baldaquim que também parecia ter cem anos de idade, no mínimo. Abriu a janela e inspirou o aroma doce vindo da pastelaria que havia do outro lado da rua.

— Helena Montem mora em Lazarettgasse, falou Fritz quando Harry desceu e voltou a se sentar no carro. — É viúva e tem dois filhos maiores. Trabalhou como professora depois da guerra até a aposentadoria.

— Falou com ela?

— Não, mas li o arquivo com seus dados pessoais.

O edifício de Lazarettgasse ficava em uma área residencial que com certeza teria conhecido melhores tempos. Agora, em troca, a pintura dos muros que flanqueavam a ampla escadaria estava descascada e o eco de seus passos se misturava com os ruídos de uma goteira. Helena Montem os aguardava sorridente na porta do quarto andar. Tinha os olhos castanhos, vivos, e lamentou que tivessem que subir tantos degraus. O apartamento tinha móveis demais e estava cheio de todos esses objetos decorativos que as pessoas geralmente reúnem ao longo de toda uma vida.

— Sentem-se, convidou. — Eu falarei em alemão, mas você pode falar em inglês, porque entendo muito bem, falou a Harry. A mulher foi apanhar uma bandeja com café. — É Strudel, explicou, ao mesmo tempo em que apontava o pastel.

— Ótimo! Exclamou Fritz se servindo um pedaço.

— Então conheceu Gudbrand Johansen, começou Harry.

— Claro que sim. Bom, embora ele insistisse para que o chamássemos de Urias. No princípio achávamos que ficara um pouco estranho, por culpa das feridas.

— Que tipo de feridas?

— Na cabeça. E também na perna, claro. Faltou pouco para que o doutor Brockhard tivesse que amputá-la.

— Mas se recuperou e foi destinado para Oslo no verão de 1944, não é assim?

— Sim, claro, imaginamos que deveria ir para Oslo.

— O que quer dizer com “imaginamos”?

— Porque ele desapareceu. E, de qualquer maneira, não se apresentou em Oslo, não é?

— Não, pelo que nós sabemos. Conheceu bem o Gudbrand Johansen?

— Muito bem. Era um tipo extrovertido e um excelente narrador de histórias. Creio que todas as enfermeiras ficaram apaixonadas por ele. Deu uma risada clara e sonora. — Eu também. Mas ele não queria a mim.

— Não?

— Bem, eu era muito bonita, sabe? Não era esse o motivo. Urias gostava de outra mulher.

— Ah, sim?

— Sim, e ela também se chamava Helena.

— E que Helena é essa? A anciã franziu as sobrancelhas.

— Helena Lang. Isso foi o que originou a tragédia, porque eles dois se amavam.

— Que tragédia?

A mulher olhou perplexa a Harry, depois a Fritz e em seguida outra vez a Harry.

— Não é por isso pelo que vieram? Perguntou a mulher. — Por causa desse assassinato?

* * *

Oitenta e Seis

SLOTTSPARKEN
14 de Maio de 2000

ERA DOMINGO, as pessoas caminhavam mais lentamente do que nos outros dias e o velho percorria Slottsparkem ao seu passo. Parou à altura da guarita da Guarda Real. As árvores tinham essa cor verde-claro que tanto gostava. Todas, menos uma. O alto carvalho que se erguia no centro do parque nunca alcançaria um verde mais intenso do que o que agora tinha. Já começava a se notar a diferença. À medida que a árvore foi despertando do sopor invernal, o fluxo vital de seu tronco começou a circular e a difundir o veneno pela rede de suas veias. E àquela altura, já havia atacado a todas e cada uma das folhas, provocando uma hipertrofia que, no transcurso de uma ou duas semanas, faria que as folhas se enrugassem, ficassem marrons e caíssem no chão até que, ao final, a árvore morresse.

Mas eles não o haviam compreendido ainda. Aparentemente, não compreendiam nada. Bernt Brandhaug não figurava naquele plano e o velho compreendia que o atentado tivesse desconcertado à polícia. As declarações de Brandhaug ao diário Dagbladet não haviam sido mais que uma dessas curiosas coincidências e ele já havia sofrido muito as lendo. Por Deus, se ele inclusive estava de acordo com Brandhaug, os perdedores deveriam ser pendurados, assim mandava a Lei da Guerra. Mas o que fizeram de todas as demais pistas que ele havia deixado? Nem sequer haviam sido capazes de relacionar a execução do forte de Akershus com a grande traição. Talvez a mente deles se iluminasse da próxima vez que os canhões troassem da muralha.

Olhou ao seu redor a procura de um banco. As dores eram cada vez mais frequentes e não precisava ir ao consultório de Buer para confirmar que a doença havia se estendido por todo o corpo, ele sabia. Mas faltava pouco. Apoiou-se em uma árvore. O álamo real. “O governo e o rei fogem para a Inglaterra. Sobrevoam bombardeiros alemães.” Aquele poema de Nordahl Grieg lhe dava náuseas. Transformava à traição do rei em uma gloriosa retirada, pois abandonar o seu povo em uma situação tão grave fora um ato moral. E a salvo em Londres, o rei não era mais que outro desses monarcas exiliados que faziam discursos comovedores ante as esposas da classe alta que simpatizavam com sua causa e suas ideias, em cenas de representação, enquanto se aferravam à esperança de que seu pequeno reino quisesse vê-los regressar um dia. E em seguida tudo passou; chegou o momento da acolhida, quando o barco onde viajava o príncipe herdeiro atracou no cais e

as pessoas gritaram até a rouquidão, para dissimular a vergonha, a própria e a de seu rei.

O velho fechou os olhos ao sol. Gritos de ordem, botas e fuzis AG3 arrebatavam o cascalho. Novidade. Mudança de guarda.

* * *

Oitenta e Sete

VIENA

14 de Maio de 2000

— De modo que não sabia? Perguntou Helena Montem. A mulher meneou a cabeça enquanto Fritz se afanava ao telefone para encontrar alguém que se pusesse a procurar casos de assassinato prescritos ou arquivados.

— Com certeza que o encontraremos, sussurrou Fritz. Harry não tinha a menor dúvida.

— Então a polícia estava totalmente certa de que Gudbrand Johansen assassinou o próprio médico? Perguntou Harry à senhora.

— Claro que sim. Christopher Brockhard morava só em um dos apartamentos da área hospitalar. A polícia chegou à conclusão de que Johansen quebrou o vidro da porta de sua casa e o matou enquanto dormia em sua própria cama.

— Como...? A senhora Montem passou um dedo pela garganta, com um gesto dramático.

— Eu mesma o vi mais tarde, explicou. — O corte era tão limpo que poderia se pensar que era obra do próprio doutor.

— Mmm. E por que a polícia estava tão certa de que fora Johansen? A mulher riu.

— Vou explicar: porque Johansen havia perguntado ao vigilante qual era o apartamento de Brockhard, e ele o viu estacionar o carro ante o edifício e entrar pelo portal. Depois, viu como saía dali correndo, colocava o carro em movimento e, a toda velocidade, seguia pela estrada de Viena. No dia seguinte, Johansen havia desaparecido, e ninguém sabia onde estava. Segundo as ordens que tinha, deveria se apresentar em Oslo três dias depois. A polícia norueguesa o esperava, mas ele nunca chegou ao seu país.

— Fora do testemunho do vigilante, recorda se a polícia encontrou outras provas?

— Se recordo? Estivemos falando desse assassinato durante anos! O sangue que acharam no vidro da porta de entrada coincidia com o seu grupo sanguíneo. E as impressões que a polícia encontrou no quarto de Brockhard eram as mesmas que as da mesinha-de-cabeceira e da cama de Urias no hospital. Além disso, tinha um motivo...

— Ah, sim?

— Sim, eles queriam ficar juntos, Gudbrand e Helena. Mas Christopher havia decidido que Helena seria sua.

— Estavam noivos?

— Não, não. Mas Christopher era louco por Helena, isso todo o mundo sabia. Helena vinha de uma família endinheirada que se arruinara quando o pai fora preso e um

casamento com a família Brockhard daria a ela e a sua mãe a possibilidade de se recuperar economicamente. E sabe como são essas coisas, uma jovem tem certos deveres para com a família. Ou ao menos tinha, naquela época.

— Sabe onde se encontra Helena Lang agora?

— Mas, homem de Deus, ainda não provou o Strudel, exclamou a viúva. Harry se serviu de um bom pedaço e, enquanto mastigava, concordava com a senhora Montem. — Não, não sei, admitiu a senhora. — Imaginou-se que ela e Johansen estivessem juntos na noite do assassinato e também se abriu uma investigação sobre ela, mas não encontraram nada. Helena deixou o seu posto no hospital Rudolph II e foi para Viena, onde abriu uma oficina de costura. Temos que reconhecer que era uma mulher forte e empreendedora; eu cruzava com ela na rua de vez em quando. Mas, em meados dos anos cinquenta, vendeu a loja e, a partir de então, nunca mais soube dela. Alguém me falou que fora morar no estrangeiro. Mas sei a quem podem perguntar. Se continuar com vida, claro. Beatrice Hoffmann trabalhava como empregada na casa da família Lang. Depois do assassinato, não conseguiam pagar mais os seus serviços e foi trabalhar um tempo no hospital Rudolph II. Fritz estava de novo ao telefone.

No marco da janela, uma mosca zumbia desesperada. Voava seguindo o ditado de seu cérebro microscópico e não cessava de bater contra o vidro, sem entender grande coisa. Harry se colocou de pé.

— Um pouco mais de Strudel...

— Da próxima vez, senhora Montem. Agora temos muita pressa.

— E por quê? Perguntou a mulher. — Isso aconteceu há mais de meio século...

— Bem... Respondeu Harry enquanto estudava a negra mosca que lutava ao sol debaixo das cortinas de encaixe.

* * *

O telefone de Fritz soou quando se dirigiam à Delegacia, assim o oficial fez um nada ortodoxo giro de cento e oitenta graus, de modo que todos os motoristas que estavam atrás começaram a tocar a buzina.

— Beatrice Hoffmann ainda vive, declarou acelerando para ultrapassar o semáforo.

— Está em uma casa de idosos em Mauerbachstrasse. Isso fica em Wemrwald.

O turbo do BMW deu um tênue assovio. Os edifícios da cidade deram passagem a casas com estrutura de vigas, cabanas e, finalmente, o verde e frondoso bosque onde a luz do entardecer brincava entre as folhas criando uma atmosfera mágica enquanto eles atravessavam a toda velocidade caminhos flanqueados por faias e castanheiros.

Uma enfermeira os guiou até um grande jardim. Beatrice Hoffmann estava sentada em um banco, à sombra de um nodoso e robusto carvalho. Protegia seu rosto miúdo e sulcado de rugas com um chapéu de palha. Fritz se dirigiu a ela em alemão, para explicar o motivo de sua visita. A idosa concordou com um sorriso.

— Tenho noventa anos, declarou com voz trêmula. — E ainda se me enchem os olhos de lágrimas quando penso em Fräulein Helena.

— Ainda vive? Perguntou Harry em seu alemão de colégio. — Sabe onde está?

— O que perguntou? Perguntou por sua vez a mulher, com uma mão trás da orelha. E Fritz explicou.

— Sim, disse então a anciã. — Claro que sei onde está Helena. Está lá em cima. A mulher apontava a copa da árvore. “Bonito”, Harry pensou. “Está senil.” Mas a mulher não havia terminado de falar. — Com São Pedro. Os Lang eram bons católicos; mas Helena era o anjo da família. Já lhe disse, ainda se me enchem os olhos de lágrimas quando penso nisso.

— Lembra-se de Gudbrand Johansen? Voltou a perguntar Harry.

— Urias, corrigiu Beatrice. — Só o vi uma vez. Um jovem bem parecido e encantador embora doente, por desgraça. Quem poderia acreditar que um rapaz tão educado e agradável seria capaz de matar alguém? Seus sentimentos eram muito profundos, claro, também os de Helena; jamais conseguiu esquecê-lo, a pobre. A polícia nunca o encontrou e, embora Helena nunca tivesse sido acusada de nada, André Brockhard convenceu o conselho de administração do hospital para que a despedisse. Ela foi para a cidade e começou a trabalhar de voluntária nas oficinas do arcebispado, até que a penúria econômica da família a obrigou a procurar um trabalho remunerado. Assim abriu uma oficina de costura. Ao final de dois anos, já tinha catorze funcionárias que costuravam para ela o dia inteiro. O pai saiu da cadeia, mas não lhe deram trabalho em nenhum lugar, depois do escândalo dos banqueiros judeus. A senhora Lang foi a que mais sentiu a ruína da família. Morreu, após uma longa doença, em 1953, e o senhor Lang também morreu nesse mesmo outono, em um acidente de trânsito. Helena vendeu a oficina em 1954 e deixou o país sem avisar a ninguém. Lembro-me do dia, foi em quinze de maio, o dia da libertação da Áustria. Fritz viu a expressão intrigada de Harry e lhe explicou:

— A Áustria é um tanto especial. Aqui não celebramos o dia em que Hitler capitulou, mas sim o dia em que os Aliados abandonaram o país. Beatrice falou de como recebera a notícia de sua morte.

— Não soubemos nada dela em mais de vinte anos quando, um dia, me chegou uma carta com selos de Paris. Contava-me que estava ali de férias com seu marido e a

filha. Deu-me a impressão de que era uma espécie de última viagem. Não me dizia onde morava, com quem havia se casado nem que doença tinha. Tão somente que já não lhe restava muito tempo e que queria que acendesse uma vela por ela na catedral de Sam Estevam. Helena era uma pessoa excepcional. Não tinha mais de sete anos no dia que entrou na cozinha e, com um olhar profundo, me falou que Deus havia criado ao homem para amar.

Uma lágrima rodou pela enrugada pele da anciã.

— Jamais esquecerei. Tinha sete anos. Creio que aquele dia decidi como pensava viver a sua vida. E embora, é claro, não foi como ela havia imaginado e passou por muitas situações difíceis, mas estou convencida de que manteve sua crença durante toda a vida: o homem foi criado por Deus para amar. Assim era ela, nem mais nem menos.

— Conserva ainda essa carta? Quis saber Harry. A mulher enjugou as lágrimas e concordou.

— Está em meu quarto. Se me permite que me fique aqui uns minutos com minhas recordações... Em seguida poderemos subir. Acho que esta será a primeira noite quente do ano.

Permaneceram sentados em silêncio, escutando o rumor nas copas das árvores e das moscas que zumbiam ao sol que já se colocava por trás da colina de Sophienalpe, enquanto cada um deles pensava em seus mortos. Os insetos revoloteavam e dançavam à luz dos raios que caíam debaixo das árvores. Harry pensou em Ellen. Viu um pássaro que, juraria, era o mesmo cujas imagens apareciam no livro de aves.

— Vamos subir, disse Beatrice por fim.

Tinha um quarto pequeno e simples, mas luminoso e agradável. A cama ficava encostada contra uma das paredes, que estava coberta de fotografias grandes e pequenas. Beatrice folheou uns papéis que guardava em uma grande gaveta da cômoda.

— Tenho o meu próprio sistema, de modo que a encontrarei, explicou. “Claro que sim”, pensou Harry. Nesse momento, seu olhar pousou sobre uma das fotografias com marco de prata.

— Aqui está a carta, disse Beatrice. Harry não respondeu. Ficou olhando a fotografia e não reagiu até que ouviu a voz da mulher bem às suas costas. — Essa fotografia é de quando Helena trabalhava no hospital. Era muito bonita, não é?

— Sim, admitiu Harry. — Ela tem algo que me é muito familiar.

— Não me estranha, comentou Beatrice. — Estão há quase dois mil anos representando-a em todo tipo de ícones.

A noite foi verdadeiramente quente. Quente e húmida. Harry não parava de dar voltas na cama, acabou jogando no chão a manta e retirou os lençóis enquanto tentava não pensar em nada e conciliar o sono. Por um instante, reparou no minibar, mas em seguida lembrou que retirara a chave do chaveiro e a deixara na recepção. Ouviu vozes no corredor e que alguém puxava da porta, então se sentou de um salto na cama, mas não entrou ninguém. De repente, as vozes estavam dentro, seu cálido alento contra a pele de Harry, e se ouvia um crepitar como de roupas ao se rasgar, mas quando abriu os olhos, viu lampejos e compreendeu que eram relâmpagos.

Voltou a troar, como explosões remotas vindas de distintos lugares da cidade. Voltou a adormecer e a beijou, retirou a camisola e descobriu que sua pele era branca, fresca e áspera pelo suor e o medo, e a abraçou muito, muito tempo, até que ela aqueceu e acordou para a vida em seus braços, como uma flor filmada durante toda uma primavera e apresentada depois num ritmo aceleradíssimo. Continuou beijando-a no pescoço, na parte interior dos braços, no ventre, sem exigências, sem importuná-la, somente consolando-a, meio em sonhos, como se fosse desaparecer à qualquer momento. E quando, vacilante, ela o seguiu, pois acreditava que iriam a um lugar seguro, continuou guiando-a até que chegaram ao interior de uma paisagem que tampouco ele conhecia, e quando ele se virou, já era muito tarde e ela se jogou em seus braços e o maldizia lhe suplicando e arranhando com a força de suas mãos até que saísse sangue.

Sua própria respiração entrecortada o acordou e ele se virou na cama para verificar que continuava sozinho. Depois, tudo se misturou em uma torrente de sonhos. Acordou à meia noite com o barulho da chuva na janela. Aproximou-se e olhou para as ruas, onde a água corria pelos meios-fios das calçadas e um chapéu sem dono voava pelo ar. Quando Harry acordou ao ouvir o telefone, o sol brilhava e as ruas estavam secas. Olhou o relógio da mesinha-de cabeceira. Faltavam duas horas para que partisse o voo para Oslo.

* * *

Oitenta e Oito

*RUA THERESE
15 de Maio de 2000*

AS PAREDES da sala de Ståle Aune eram pintadas de amarelo e as estantes repletas de literatura científica e de desenhos de Aukrust.

— Sente-se, Harry, convidou-o o doutor Aune. — Prefere a cadeira ou o divã?

Sempre o recebia com as mesmas palavras, e Harry respondeu levantando a comissura do lábio esquerdo com o mesmo sorriso de sempre, um sorriso de é-engraçado-mas-já-ouvi-antes. Quando Harry ligou do aeroporto de Gardermoen, Aune lhe respondeu que poderia recebê-lo, embora tivesse pouco tempo, pois devia assistir um seminário que se realizava em Hamar e onde devia fazer a palestra inaugural.

— Intitulei-a “Problemas relacionados com o diagnóstico do alcoolismo”, explicou Aune. — Mas não mencionarei seu nome.

— Por isso está tão elegante? Quis saber Harry.

— A roupa é um dos aspectos externos que mais nos identificam, respondeu Aune passando a mão pela gola do casaco. — O tweed indica masculinidade e segurança.

— Bem, me fale do desdobramento de personalidade. Da esquizofrenia, vamos. Aune deu um grunhido:

— Em cinco minutos?

— Faça uma síntese.

— Para começar, misturou desdobramento de personalidade com esquizofrenia, o que constitui uma das confusões mais frequentes arraigadas na credence popular. A esquizofrenia é a denominação de todo um grupo de patologias mentais diferentes e não tem nada a ver com a personalidade múltipla. Certo que schizo é a raiz grega de divisão, mas o que o doutor Eugem Bleuler queria dizer é que as funções psicológicas do cérebro de um esquizofrênico estão divididas. E...

Harry apontou o relógio.

— Bem, o desdobramento de personalidade de que falou é o que os norteamericanos chamam MPD. Trata-se de um transtorno de personalidade múltipla quando se detectam duas ou mais personalidades em um indivíduo, as quais se mostram

dominantes de forma alternativa. Como acontecia com o doutor Jekyll e Mr. Hyde.

— Quer dizer, existe?

— Claro que sim. Mas é rara; muito mais rara do que os filmes de Hollywood querem nos fazer pensar. Em meus vinte e cinco anos de exercício como psiquiatra, jamais tive a sorte de me encontrar com um só caso de MPD. Ainda que saiba algo sobre esse transtorno.

— Como quê?

— Como por exemplo, que sempre está acompanhada a derrotas de memória. Quer dizer, nos pacientes de MPD, uma das personalidades pode despertar com ressaca sem saber que a outra personalidade é alcoólica. Uma das personalidades pode ser alcoólica e a outra abstinência.

— Mas isso não é assim ao pé da letra, não é?

— Sim.

— Mas o alcoolismo também é uma enfermidade física.

— Certo. E esses são os aspectos que fazem do transtorno de personalidade múltipla uma doença tão fascinante. Tenho o relatório de um caso, em que uma das personalidades fumava sem cessar, enquanto a outra jamais tocou num cigarro. E, se se medisse a altura quando a personalidade ativa era a do fumante, seria uns vinte por cento mais alta que a outra. Por outro lado, as mulheres com transtorno de personalidade múltipla afirmaram ter menstruação várias vezes ao mês, porque cada personalidade tem seu próprio ciclo.

— Quer dizer que estas pessoas podem modificar o seu próprio físico?

— Até certo ponto, sim. De fato, a história sobre o doutor Jekyll e Mr. Hyde não está tão afastada da verdade como se poderia acreditar. Em um caso célebre, descrito pelo doutor Osherson, uma das personalidades era heterossexual, enquanto que a outra era homossexual.

— Podem ter também vozes diferentes?

— Sim; de fato, é um dos modos em que melhor podemos observar as mudanças entre as distintas personalidades.

— Tão distintas que uma pessoa que conheça bem o indivíduo em questão não seja capaz de identificar suas outras vozes ao telefone, por exemplo?

— Se a pessoa em questão não conhece a existência da outra personalidade, sim, até esse ponto. No caso de pessoas que somente conhecem o doente de transtorno de personalidade múltipla de forma superficial, as mudanças de mímica e linguagem corporal podem ser suficientes para que, ainda que estando sentados na mesma sala, não o reconheçam.

— Uma pessoa com esse tipo de transtorno pode ocultá-lo dos seus próximos?

— Sim, é possível. A frequência com que se mostra uma ou outra personalidade é algo individual, e existe quem pode controlar as mudanças, em uma certa medida.

— Mas, nesse caso, cada personalidade deve conhecer a existência das outras, não?

— Claro, mas isso também é frequente. E, como na novela sobre o doutor Jekyll e Mr. Hyde, podem acontecer duros enfrentamentos entre as diversas personalidades, se tem distintos objetivos, diversas concepções morais, pessoas ao seu redor que a uma aprecia e a outra não, etecetera.

— E o que me diz da caligrafia? Podem modificá-las também?

— É curioso que tenha mencionado a caligrafia, porque precisamente tenho por aqui, em algum lugar, um livro com fotografias de uma carta escrita por um paciente com transtorno de personalidade múltipla com dezessete caligrafias totalmente distintas e identificáveis. Vou ver se o encontro, um dia que tenha tempo de procurá-lo. Harry anotou alguma que outra palavra em seu bloco.

— Distintos ciclos menstruais, distintas caligrafias... Isso é uma loucura, murmurou para si.

— Você mesmo o disse, Harry. Espero ter sido de ajuda, porque agora preciso ir.

Aune pediu um táxi e saíram juntos à rua. Enquanto aguardavam na calçada, Aune perguntou a Harry se tinha planos para o Dezessete de Maio.

— Minha mulher e eu vamos convidar uns amigos. Seria um prazer que viesse.

— Muito amável, mas os neonazistas estão planejando atacar os muçulmanos que comemoram o Eid no dezessete, e preciso coordenar a vigilância da mesquita de Grønlandsleiret, explicou Harry, tão contente como perturbado pelo inesperado convite.

— Os solteiros são postos para trabalhar em todos os dias festivos, já sabe.

— E não poderia passar um tempo simplesmente? A maioria dos convidados também tem outras coisas para fazer depois.

— Obrigado. Verei se posso e ligo. Que tipo de amigos tem você, pode se saber? Aune verificou que o laço da gravata estava em seu lugar.

— Eu somente tenho amigos como você, respondeu. — Mas minha mulher conhece pessoas mais decentes.

Nesse mesmo momento, o táxi parou junto ao meio-fio da calçada. Harry abriu a porta enquanto Aune entrava no carro, mas, quando estava a ponto de fechar, se lembrou de que tinha outra pergunta:

— A que se deve o transtorno de personalidade múltipla? Aune se inclinou para a frente no assento e levantou o olhar para Harry.

— A que vem tudo isso, Harry?

— Não estou completamente certo, mas pode ser importante.

— Bem. Na maioria das vezes, os pacientes com esse tipo de transtorno foram vítimas de abusos na infância. Mas também pode se dever a experiências muito traumáticas sofridas em idade mais avançada. Criam outra personalidade para fugir dos

problemas.

— De que tipo de experiências traumáticas pode se tratar, no caso de um homem adulto?

— Qualquer coisa que possa imaginar. Uma catástrofe natural, a perda de um ser querido, ter sido vítima de atos violentos ou ter vivido com medo durante um longo período de tempo.

— Como, por exemplo, um soldado na guerra?

— Sim, claro, a guerra pode ser um fator.

— Ou em uma guerrilha.

Harry falou as últimas palavras para si mesmo, pois o táxi em que viajava Aune já descia pela Rua Therese.

* * *

— Scotsman, declarou Halvorsen.

— Pensa passar o Dezesete de Maio no pub Scotsman? Perguntou Harry com uma careta ao mesmo tempo em que deixava a bolsa atrás do cabideiro. Halvorsen encolheu os ombros:

— Tem uma proposta melhor?

— Se precisa ser um pub, existem outros com um pouco mais de estilo que o Scotsman, precisamente. Ou melhor ainda, faça um favor aos companheiros que são pais de família e fique com uma das rondas durante o desfile infantil. Um bom extra por trabalhar em dia de festa e zero de ressaca.

— Pensarei nisso. Harry se deixou cair na cadeira quebrada.

— Não deveria consertá-la? Soa como se estivesse doente.

— Não tem conserto, afirmou Harry em tom arisco.

— Caramba, desculpe. Encontrou algo em Viena?

— Já lhe contarei. Você primeiro.

— Tentei verificar o álibi de Even Juul no momento do desaparecimento de sua esposa. Segundo ele, andou passeando pelo centro e foi à cafeteria de Ullevålsveien, mas não se encontrou com nenhum conhecido que possa confirmá-lo. Os garçons da cafeteria dizem que tem demasiados clientes para poder confirmar ou um ou o outro.

— A cafeteria fica em frente do Schrøder, disse Harry.

— E?

— É somente uma afirmação. O que diz Weber?

— Não encontram nada. Weber me falou que se Signe Juul foi levada à fortaleza no carro que falou o vigilante, deveriam ter encontrado algum rastro em suas roupas, fibra do assento traseiro, terra ou óleo, alguma coisa.

— Bom, tinham colocado bolsas de lixo no carro, comentou Harry.

— Sim, isso falou Weber.

— Testou as folhas secas de grama que encontraram em seu casaco?

— Sim. Poderiam vir dos estábulos de Mosken. E de um milhão de lugares mais.

— Feno. Não grama.

— Essas folhas de grama não tem nada de especial, Harry, são simplesmente isso...

Folhas.

— Merda! Harry olhou ao seu redor, mal-humorado.

— E Viena?

— Mais folhas. Você conhece algo de café, Halvorsen?

— Que?

— Ellen conseguia fazer café de verdade. Comprava em alguma loja daqui, de Grønland. Talvez você...

— Não! Gritou Halvorsen. — Não penso em fazer café.

— Bom, é para ver se colava, disse Harry voltando a se levantar. — Estarei fora um par de horas.

— Isso era tudo o que podia contar sobre Viena? Folhas de grama? Nem sequer folhas de palha? Harry negou com a cabeça.

— Má sorte, também isso era uma falsa pista. Terminará por se acostumar.

* * *

Algo havia acontecido. Harry caminhava por Grønlandsleiret ao mesmo tempo em que tentava descobrir o que era. Era algo relacionado com as pessoas que andavam pelas ruas, algo havia acontecido enquanto ele estava em Viena. Quase no final da Rua Karl Johan descobriu o que era. Havia chegado o verão. Pela primeira vez neste ano, sentia o aroma do asfalto, da gente que passava ao seu lado e das floriculturas de Prensens. E enquanto atravessava Slottsparken, o aroma a grama recém-cortada era tão intenso que não pode deixar de sorrir. Um homem e uma jovem com os uniformes da Direção Municipal de Parques Públicos estavam olhando a copa de uma árvore e, discutindo, moviam a cabeça de um lado a outro. A jovem havia retirado a parte superior do macacão e a levava enrolada à cintura e Harry notou que, enquanto ela olhava e apontava a copa da árvore, seu colega estudava furtivamente a sua camiseta apertada.

Na Rua Hegdehaugsveien, as lojas de moda fashion e as não tão fashion faziam as últimas tentativas de vestir as pessoas para a festa de Dezesete de Maio. Os quiosques vendiam laços e bandeirinhas e, ao longe, se ouvia o eco de uma banda que se entregava ao ensaio final da marcha de Gammel Jæger. Havia anunciado chuva, mas fazia calor. Harry estava suado quando bateu na porta de Sindre Fauke. Fauke não tinha especial satisfação na festa do Dia Nacional:

— Algazarra. E demasiadas bandeiras. Não é estranho que Hitler se sentisse parente do povo norueguês, nosso espírito é extremadamente nacionalista. Só que não nos atrevemos a reconhecê-lo. Fauke serviu o café.

— Gudbrand Johansen foi parar em um hospital de Viena, explicou Harry. — Na noite anterior à sua partida para a Noruega, matou um médico. Desde então, ninguém mais o viu.

— Caramba, comentou Fauke, e começou a beber o café fervendo em goles barulhentos. — Já sabia que esse rapaz tinha algo estranho.

— O que pode me dizer de Even Juul?

— Muito. Se é que preciso falar.

— Precisa falar. Fauke levantou uma de suas povoadas sobrancelhas.

— Está certo de que não anda numa falsa pista, Hole?

— Não estou certo de nada. Fauke soprou na xícara, num gesto reflexivo.

— Certo. Se não tenho outra solução, farei isso. Juul e eu mantínhamos uma relação que, em muitos aspectos, se assemelhava à que existia entre Gudbrand Johansen e Daniel Gudeson. Eu era um pai substituto para Even. Suponho que, entre outras coisas, porque ele era órfão.

A xícara de Harry parou bruscamente a meio caminho até seus lábios.

— Não havia muita gente que soubesse disso, porque Even conseguia inventar histórias. Sua suposta infância continha mais pessoas, detalhes, cidades e datas que as que a maioria da gente se lembra de uma infância autêntica. A versão oficial era que havia crescido no seio da família Juul, em uma fazenda próxima a Grini. Mas o certo é que cresceu nas casas de diversas famílias de acolhida e em várias instituições de toda Noruega, até que, à idade de doze anos, foi parar na casa da família Juul, que não tinha filhos.

— Como você sabe que mentia sobre esse assunto?

— Verá, pois é uma história um tanto curiosa, mas, uma noite em que nos tocou ficar de guarda juntos, ante um acampamento que havíamos estabelecido no bosque ao norte de Harestua, foi como se de repente acontecesse algo. Even e eu não éramos muito amigos naquela época, e me surpreendeu muito que, de repente, começasse a me contar como o haviam maltratado quando pequeno e que ninguém o havia querido em sua casa. Revelou-me detalhes muito pessoais de sua vida, alguns dos quais quase me deu vergonha ouvir. Algum dos adultos com os quais havia morado tinha... Fauke se conteve. — Por que não damos um passeio? Propôs. — Corre o rumor de que hoje fará um bonito dia.

Subiram pela Rua Vibe até o Stensparken, onde já se viam os primeiros biquínis do ano.

— Não sei o que aconteceu, mas parecia que Even Juul tinha se convertido em uma pessoa diferente naquela noite, prosseguiu Fauke. — Curioso. Mas o mais curioso foi que, no dia seguinte, se comportou como se nada tivesse acontecido, como se tivesse esquecido a conversa da noite anterior.

— Diz que não eram amigos íntimos, mas você também lhe falou sobre as suas experiências na frente oriental?

— Sim, claro. No bosque não havia muito movimento, e a única coisa que tínhamos para fazer era vigiar os alemães. De modo que, na espera, nos contávamos várias histórias.

— Contou muitas coisas de Daniel Gudeson? Fauke olhou para Harry um longo tempo.

— Então já se deu conta que Even Juul está obcecado por Daniel Gudeson, não é?

— No momento não é mais que uma suspeita, admitiu Harry.

— Sim, falei muito de Daniel, confirmou Fauke. — Daniel Gudeson era algo assim como uma lenda. Não se encontra a miúdo um espírito tão livre, forte e feliz como ele. E Even ficava fascinado por suas histórias, precisava contá-las uma e outra vez, em especial a do russo que Daniel enterrou.

— Sabia que Daniel estivera em Sennheim durante a guerra?

— Naturalmente. Todos os detalhes sobre Daniel que eu comeci a esquecer depois de passado um tempo, Even lembrava. Por uma ou outra razão, parecia se identificar plenamente com Daniel, embora não posso imaginar duas pessoas mais diferentes. Em uma ocasião em que Even estava bêbado, me propôs que comesse a chamá-lo de Urias, exatamente como Daniel. E se quer saber o que penso, não foi casualidade que se fixasse na jovem Signe Alsaker durante o julgamento.

— Ah!.

— Quando soube que iria ser realizado o julgamento da noiva de Daniel Gudeson, se apresentou na sala e ficou ali sentado todo o dia, olhando-a. Era como se tivesse ido ali com a decisão de que seria sua.

— Só porque fora a mulher de Daniel?

— Está certo de que isso é importante? Perguntou Fauke enquanto caminhava depressa rua cima, até a colina, que Harry se viu obrigado a apertar o passo para alcançá-lo.

— Muito.

— De qualquer maneira, não sei se deveria dizer isso, mas a minha opinião pessoal é que Even Juul amava o mito de Daniel Gudeson mais que nunca amou Signe Juul. Estou certo de que a sua adoração por Gudeson era uma causa determinante para que não retomasse os estudos de medicina depois da guerra e comesse, em troca, a estudar história. E, naturalmente, se especializou na época da ocupação e no tema dos voluntários da frente.

Haviam chegado à cima e Harry enxugava o suor enquanto Fauke apenas respirava fortemente.

— Uma das razões para que Even Juul obtivesse uma posição importante como historiador com tanta rapidez foi que, como homem da resistência, ele era um instrumento perfeito para a visão da história que, segundo as autoridades, melhor servia à Noruega de depois da guerra; uma visão que silenciava a prolongada colaboração com os alemães e que dava ênfase ao insignificante movimento da Resistência. Por exemplo, na história de Juul, se dedicam cinco páginas ao afundamento do Blücher na noite de nove de abril, enquanto que passa por alto tranquilamente que foram julgados cerca de cem mil noruegueses. E funcionou: o mito de um povo unido contra o nazismo continua hoje vivo através dos anos.

— E é esse o tema de seu livro, Fauke?

— Simplesmente, tento dar a conhecer a verdade. Even sabia que o que ele escrevia era, se não mentiras, uma visão parcial da verdade. Em uma ocasião, falei com ele do assunto. Defendeu-se dizendo que, no momento da redação de seu livro, aquela postura servia a um fim: manter unido a todo um povo. A única coisa que não teve como abordar à mesma luz favorável e heroica foi a fuga do rei. Ele não foi o único combatente da Resistência que se sentiu traído em 1940, mas jamais conheci alguém tão parcial em suas condenações como Even, nem sequer entre os voluntários da frente. Pensa que, durante toda sua vida, as pessoas que ele amava e nas quais confiava, o haviam abandonado. Eu creio que odiava a todos e cada um dos que fugiram para Londres, que os odiava com toda a sua alma. Profundamente.

Sentaram-se em um banco para ver a igreja de Fagerborg que se levantava a seus pés, os telhados de Pilestredet que se alinhavam até a cidade e o fiorde de Oslo, que brilhava azul ao longe.

— É bonito, comentou Fauke. — Tanto que, em algum momento, pode parecer que mereça a pena morrer por isso. Harry tentava sobrepor a imagem e conseguir que tudo se encaixasse. Mas ainda lhe faltava um pequeno detalhe.

— Even começou a estudar medicina na Alemanha, antes da guerra. Sabe em que cidade?

— Não, respondeu Fauke.

— Sabe se pensava em alguma especialidade?

— Sim, me confessou que sonhava em seguir os passos de seu célebre pai adotivo e do pai deste.

— Que eram...?

— Não conhece os especialistas Juul? Eram cirurgiões.

* * *

Oitenta e Nove

GRØNLANDSLEIRET

16 de Maio de 2000

BJARNE MØLLER, Halvorsen e Harry caminhavam juntos, pela Rua Motzfeldts gate. Estavam na área mais heterogênea do bairro Lille Karachi e os cheiros, as roupas e as pessoas que tinham ao seu redor os faziam pensar tão pouco na Noruega como os kebabs que estavam comendo lembravam os cachorros quentes de Gilde. Um garotinho, vestido com roupas festivas paquistanesas, mas com a bandeirola do Dezesete de Maio pregada sobre a gola dourada, se aproximou brincando pela calçada oposta. Tinha um nariz estranhamente arrebitado e segurava em sua mão uma bandeira norueguesa. Harry lera a notícia de que os muçulmanos organizavam nesse dia a festa do Dia Nacional para que se concentrassem no Eid ao dia seguinte.

— Hurra! O pequeno deu um branquíssimo sorriso ao passar ante eles.

— Even Juul não é um qualquer, observou Møller. — É, com toda probabilidade, nosso mais reconhecido historiador da guerra. Se tudo isso for verdade, se armará uma boa confusão na imprensa. Para não falar de se estivermos errados. Se você estiver errado, Harry.

— A única coisa que peço é que me permitam levá-lo a um interrogatório com um psiquiatra. E uma ordem de revista para a sua casa.

— E a única coisa que eu peço é, no mínimo, uma prova de tipo técnico ou uma testemunha, replicou Møller gesticulando. — Juul é uma pessoa conhecida e ninguém o viu próximo do lugar dos fatos. Em nenhum momento. Por exemplo, e a chamada telefônica que a mulher de Brandhaug recebeu desde esse lugar de que diz que é habitual?

— Mostrei a fotografia de Even Juul à mulher que trabalha no Schrøder, interveio Halvorsen.

— Chama-se Maja, esclareceu Harry.

— Disse que não se lembrava dele, concluiu Halvorsen.

— Isso é precisamente o que eu estou dizendo, rugiu Møller ao mesmo tempo em que limpava o molho da boca.

— Claro, mas então mostrei a fotografia a um par de clientes que estavam sentados ali, indicou Halvorsen olhando de rabo de olho para Harry. — Um velho com um casaco me falou que sim, que deveríamos detê-lo.

— Com casaco, disse Harry. — É o Moicano. Konrad Asnes, marinheiro de guerra. Um bom tipo, mas deixou de ser uma testemunha confiável. Bom, Juul falou que

estivera na cafeteria de frente, a Kaffebrenneriet. Mas ali não tem nenhum telefone público. De modo que se queria fazer uma ligação, o normal seria que cruzasse a rua e entrasse no Schrøder.

Møller fez uma careta e deu uma olhada suspicaz ao seu kebab. Havia concordado, a duras penas, provar o kebab que Harry havia lhe apresentado como “encontro da Turquia com a Bósnia, da Bósnia com Paquistão, do Paquistão com Grønlandsleiret”.

— É verdade que você acredita nessas histórias de personalidade dividida, Harry?

— A mim me parece tão incrível como a você, chefe, mas Aune diz que é uma possibilidade. E está disposto a nos ajudar.

— Então, acha que Aune é capaz de hipnotizar Juul e invocar esse tal Daniel Gudeson que ele tem em seu interior e conseguir uma confissão?

— Não é certo que Even Juul saiba sequer o que Daniel Gudeson fez, de modo que é imprescindível falar com ele, afirmou Harry. — Segundo Aune, as pessoas que sofrem transtorno de personalidade múltipla são, por sorte, relativamente fáceis de hipnotizar, já que é isso que elas fazem consigo mesmas constantemente: auto-hipnose.

— Ótimo, ironizou Møller levantando o olhar ao céu. — E para que quer uma ordem de revista?

— Como você disse, não temos nenhuma prova física, nenhum testemunha, e sabemos que esse tipo de doenças psicológicas não sempre se leva em conta no tribunal. Mas, se encontramos o rifle Märklin, teremos conseguido uma e não precisaremos de nenhuma outra coisa.

— Mmm. Møller parou sobre a calçada. — O motivo. Harry o olhou inquisitivo. — A experiência me diz que inclusive as pessoas malucas geralmente tem um motivo, mesmo no meio de toda a sua loucura. E não vejo o de Juul.

— Não o de Juul, chefe, notou Harry. — O de Daniel Gudeson. Que Signe Juul se passasse, por assim dizê-lo, ao inimigo, pode ter dado a Gudeson um motivo de vingança. O que estava escrito no espelho, “Deus é meu juiz”, pode indicar que vê os assassinatos como uma cruzada de um só homem, que tem uma causa justa embora as outras pessoas o recriem.

— E os outros assassinatos? O de Bernt Brandhaug? E se tem razão e se trata do mesmo assassino, porque Hallgrin Dale?

— Não tenho ideia de qual pode ser o motivo. Mas sabemos que Brandhaug foi assassinado com o Märklin e que Dale conhecia Daniel Gudeson. Além disso, segundo o relatório da autópsia, Dale estava cortado com tanta perfeição como se tivesse intervindo um cirurgião. E, por fim, Juul iniciou o estudo de medicina e sonhava em ser um cirurgião. Talvez Dale tivesse que morrer porque havia descoberto que Juul se fazia passar por Daniel Gudeson. Halvorsen tossiu ligeiramente. — O que aconteceu? Perguntou Harry desabrido. Já conhecia Halvorsen o suficiente para saber que apresentaria alguma

objeção. E com certeza, uma objeção com fundamento.

— Segundo o que nos contou sobre o transtorno de personalidade múltipla, precisaria ser Even Juul no instante em que matou Hallgrin Dale. Daniel Gudeson não era cirurgião. Harry engoliu o último pedaço do kebab, se limpou com o guardanapo e olhou ao seu redor a procura de uma lixeira.

— Bem, disse por fim. — Poderia dizer que penso que deveríamos esperar e não fazer nada até conseguir as respostas a todas as perguntas. E estou convencido de que ao promotor as provas parecem um tanto inconsistentes. Mas nem nós nem ele podemos ignorar que temos um suspeito que anda solto e que pode voltar a matar. A você assusta o escândalo midiático que começará se apontarmos Even Juul, chefe, mas imagine o escândalo que desencadearia se ele matasse a mais gente. E ao final se saberia que suspeitávamos dele, mas não o detivemos...

— Certo, certo, já sei disso, cortou Møller. — Então você acha que voltará a matar?

— São muitos os aspectos deste caso de que não estou certo, confessou Harry. — Mas se estou convencido de algo é de que esse tipo ainda não terminou de executar o seu plano.

— E por que está tão convencido? Harry palmeou o estômago com um sorriso irônico.

— Um passarinho me diz daqui de dentro, chefe. Que essa é a razão para se utilizar o melhor e o mais caro rifle do mundo. Uma das razões pelas quais Daniel Gudeson se transformou em uma lenda foi, precisamente, por ser um excelente atirador. E agora tenho a sensação de que pensou encerrar esta cruzada com um final lógico. Será a coroação de sua obra, algo que fará imortal a lenda de Daniel Gudeson.

O calor desapareceu por um instante quando uma última rajada de inverno percorreu a Moztfeldtsgate levantando pelos ares pó e papéis. Møller fechou os olhos e ajustou mais o casaco com um calafrio. “Bergen”, pensou. “Bergen é a cidade ideal.”.

— Bem, verei o que posso conseguir, anunciou por fim. — Estejam preparados.

* * *

HARRY e Halvorsen estavam preparados. Tanto que quando soou o telefone de Harry, ambos deram um salto. Harry apanhou o fone:

— Hole.

— Não precisa gritar, notou Raquel. — Para isso, precisamente, se inventou o telefone. O que dizia no outro dia sobre o Dezesete de Maio?

— Como? Harry precisou de vários segundos para cair na conta. — Que eu teria plantão, é isso?

— Não, a outra, insistiu Raquel. — Que removerias céu e terra.

— Ah! Refere-se a isso? Harry sentiu um agradável formigamento no estômago. — Quer passar o dia comigo se encontrar alguém que me substitua no plantão? Raquel sorriu.

— Que encantador. Devo dizer que não era a minha primeira opção, mas já que o meu pai disse que neste ano passaria esse dia sozinho, a resposta é sim, passaremos o dia consigo.

— O que Oleg acha?

— Foi ele quem propôs.

— Ah, sim? Olha como é estranho este Oleg.

Harry estava feliz. Tanto que lhe custava falar com sua voz de sempre. E não se importava que Halvorsen sorrisse de boa vontade, sentado do outro lado da mesa.

— Teremos um encontro? Disse a doce voz de Raquel.

— Se conseguir substituto, claro que sim. Ligarei em seguida.

— Certo, mas também pode vir jantar nesta noite. Se tiver tempo. E vontade.

Suas palavras soaram tão exageradamente indolentes que Harry suspeitou que estivera praticando-as um tempo antes de ligar. A alegria fervia em seu interior, sentia a cabeça leve como se tivesse ingerido um narcótico e estava a ponto de lhe dizer que sim quando lembrou algo que ela dissera no Dinner: “Já sei que não ficará em uma só vez”. Raquel não estava só convidando-o para jantar. “Se tiver tempo. E vontade.” Aquele era um bom momento para ficar em pânico. Uma luz intermitente no telefone veio

interromper os seus pensamentos.

— Tenho uma ligação na outra linha e preciso atender, Raquel, pode esperar um pouco?

— Claro. Harry apertou a tecla iluminada e em seguida ouviu a voz de Møller:

— Já tem a ordem de detenção. A de revista está a caminho. Tom Waaler espera com dois carros e quatro homens armados. Espero que o passarinho de seu estômago cante bem, Harry.

— Às vezes desafina em alguma que outra nota, mas nunca em um trinado completo, afirmou Harry enquanto fazia sinal a Halvorsen para que colocasse o casaco.

— Em seguida falamos, disse antes de desligar o fone.

Desciam no elevador quando lembrou que Raquel continuava esperando na outra linha. Não teve forças para tentar entender o que aquilo poderia significar.

* * *

Noventa e Um

*RUA IRISVEIEN
16 de Maio de 2000*

O PRIMEIRO dia de calor estival começara a refrescar quando o carro da polícia entrou à hora do jantar no silencioso bairro residencial. Harry se sentia mal. Não somente porque o colete a prova de balas o fazia transpirar copiosamente, mas porque aquilo estava muito tranquilo. Avançavam com o olhar nas cortinas que se divisavam após as bem recortadas janelas, sem observar o menor movimento. Tinha a sensação de se achar em um filme do oeste, de estar cavalgando para uma emboscada.

Harry havia se negado em um primeiro momento a colocar o colete, mas Tom Waaler, que era o responsável pela operação, lhe dera um simples ultimatum: colocar o colete ou ficar em casa. O argumento de que a bala de um rifle Märklin atravessaria o colete como a faca quente atravessa a manteiga somente conseguiu que Waaler encolhesse de ombros tranquilamente. Vieram em dois carros da polícia. O segundo, aonde ia Waaler, virou na Rua Sognsveiem e entrou na Ullevål Hageby, de modo que chegaram pelo lado oposto, quer dizer, pelo oeste. Ouviu a tosezinha da voz de Waaler através do transmissor. Tudo tranquilo e sem novidade. Pediu-lhes que dissesse qual era a sua posição, revisou o plano e também o plano de emergência e ordenou a todos os agentes de serviço que revisassem as suas armas.

— Se for um profissional, pode ter conectado um alarme no portão, assim passaremos por cima, não através dele.

Waaler era bom, inclusive Harry precisava reconhecer, e ficava claro que contava com o respeito dos companheiros que iam com ele no carro. Harry apontou a casa de madeira pintada de vermelho:

— É ali.

— Alfa, disse pelo transmissor a oficial que estava sentada no assento do acompanhante. — Não estamos vendo-o.

— Estamos bem na esquina. Fiquem fora do campo de visão da casa. Câmbio, disse Waaler.

— Muito tarde, já estamos aqui. Câmbio.

— Ok, fiquem no carro até que cheguemos. Desligo e câmbio.

Em seguida viram o outro carro policial virar na curva. Percorreram os cinquenta metros que os separavam da casa e estacionaram de modo que o veículo bloqueasse a saída da garagem. O outro carro parou bem diante do portão. Quando saíram dos carros, Harry ouviu o som surdo e amortecido de uma bola de tênis golpeada por uma raquete pouco estendida. O sol já se punha na colina de Ullernåsem e, de uma janela, chegou o aroma de bistecas de porco.

E começou o espetáculo. Dois dos agentes de polícia saltaram para a calçada com suas pistolas regulamentares MP-5 preparadas e começaram a correr rodeando a casa, um pela direita, outro pela esquerda. A mulher policial que estava no carro de Harry parou ali, a sua missão era manter o contato por rádio com a central e ter certeza de despachar os possíveis curiosos. Waaler e o último oficial esperaram até que os outros dois chegassem ao lugar previsto, guardaram os transmissores no bolso e saltaram por cima do portão com as pistolas no alto. Harry e Halvorsen observavam abaixados por trás do carro da polícia.

— Um cigarro? Perguntou Harry à agente.

— Não, obrigado, respondeu ela com um sorriso.

— Perguntava por se você tem cigarro. A mulher parou de rir. “Típico dos não fumantes”, pensou Harry.

Waaler e o oficial já estavam na escadinha e haviam tomado posições cada um a um lado da porta, quando soou o celular de Harry. Harry viu que a oficial levantava o olhar para o céu. Com certeza estava pensando que ele era um principiante. Harry ia desligar o telefone, mas antes olhou a tela para ver se era o número de Raquel. E embora fosse conhecido, aquela ligação não era de Raquel. Waaler havia levantado a mão para dar o sinal quando, de repente, Harry viu quem ligava. Tomou o transmissor da agente, que o olhava boquiaberta.

— Alto, Alfa! O suspeito está me ligando pelo telefone neste mesmo momento. Escutou? Harry olhou para a escadinha e viu que Waaler assentia. Então, apertou o botão e atendeu a ligação: — Hole.

— Alô. Harry escutou assombrado que não era a voz de Even Juul. — Sindre Fauke. Sinto atrapalhar, mas estou na casa de Even Juul e creio que deve vir até aqui.

— E por quê? E o que você faz aí?

— Porque acho que fiz uma bobagem. Ligou-me há uma hora e falou que eu precisava vir em seguida, que sua vida estava em perigo. Assim vim para aqui, encontrei a porta aberta, mas não o Even. E temo que tenha se trancado no quarto.

— O que faz com que pense assim?

— A porta está fechada com chave e, quando tentei olhar pelo olho da fechadura, vi que deixara a chave por dentro.

— Bem, disse Harry antes de rodear o carro para entrar. — Escute-me. Fique onde está; se tem algo na mão, solte e levante os braços para que possamos vê-lo. Estaremos aí em dois segundos.

Harry atravessou o portão e subiu a escada e, enquanto Waaler e o outro oficial o seguiam atônitos com o olhar, e entrou. Fauke estava com o telefone na mão, olhando-o perplexo.

— Por Deus! Que rapidez...!

— Onde fica o quarto? Quis saber Harry. Fauke apontou para escada sem dizer mais nada.

— Leve-nos até lá, Ordenou Harry. Fauke começou a andar diante dos três policiais.

— Ali.

Harry testou a porta, que, de fato, estava fechada com chave. Na fechadura havia uma chave que resistia a virar.

— Não disse, mas tentei abrir com uma das chaves do outro quarto, explicou Fauke. — Às vezes servem.

Harry apanhou a chave e olhou pelo olho da fechadura. No interior se via uma cama e uma mesinha-de-cabeceira. Algo parecido a uma lâmpada de teto desmontada estava sobre a cama. Waaler falava em voz baixa através do transmissor. Harry notou que o suor começava a correr novamente pelo interior do colete.

— Me pareceu ouvir dizer que a chave estava colocada por dentro.

— E era assim, confirmou Fauke. — Até que a fiz cair enquanto tentava abrir com a outra chave.

— Bom, e como entraremos agora? Perguntou Harry.

— A solução está a caminho, disse Waaler no preciso momento em que se ouviam os pesados passos de botas na escada. Era um dos agentes que estivera vigiando na parte posterior da casa. Trazia uma alavanca vermelha.

— É esta, disse Waaler apontando a porta. A porta se estilhaçou e abriu em seguida.

Harry entrou e ouviu Waaler pedir a Fauke que aguardasse do lado de fora. A primeira coisa que Harry viu foi na correia do cachorro. Even Juul havia se pendurado com ela. Vestia ao morrer uma camisa branca, com o botão do pescoço desabotoado, calças pretas e meias quadriculadas. Próximo do armário que havia às suas costas se via

uma cadeira virada. Os sapatos estavam ordenadamente colocados debaixo da cadeira. Harry olhou para o teto. E, de fato, a correia do cachorro estava atada ao globo da lâmpada. Harry tentou evitar, mas não pode deixar de olhar no rosto de Even Juul. Um dos olhos olhava o vazio, o outro diretamente para Harry. “Como se se tratasse de um brinquedo de duas cabeças com um olho em cada uma”, pensou Harry. Aproximou-se da janela e viu uns garotos que vinham de bicicleta, atraídos pelos rumores da presença dos carros de polícia, os quais sempre se difundiam com uma rapidez inexplicável em bairros daquele tipo.

Harry fechou os olhos para se concentrar. “A primeira impressão é importante, a primeira coisa que pensa e vê algo, geralmente é a certa.”. Ellen dissera. Sua aluna havia lhe ensinado a se concentrar na primeira coisa que sentisse ao chegar na cena de um crime. Por causa disso Harry não precisou se virar para saber que a chave estava no chão, bem atrás dele, e não encontrariam no quarto impressões de alguma outra pessoa, e que ninguém havia assaltado a casa. Simplesmente, porque tanto o assassino como a vítima estavam pendurados no teto.

— Ligue para Weber, falou Harry para Halvorsen, que já aparecera e olhava para o enforcado da porta.

— Talvez ele imaginasse outro tipo de trabalho para amanhã, mas diga que pode se consolar pensando que o que tem aqui é coisa fácil. Even Juul descobriu o assassino e pagou com a vida.

— E quem é o assassino? Quis saber Waaler.

— Era. Ele também está morto. Chamava-se Daniel Gudeson e se encontrava na cabeça do próprio Juul.

Quando saíram, Harry pediu a Halvorsen que dissesse a Weber que ligasse se encontrasse o Märklin. Harry parou de pé na escadinha e olhou ao seu redor. De repente, uma quantidade extraordinária de vizinhos havia encontrado coisas para fazer em seus jardins e se colocavam de ponta dos pés para olhar por cima dos cercados. Waaler saiu e foi para onde estava Harry.

— Não entendi muito bem o que disse lá dentro, confessou Waaler. — Quer dizer que esse homem se suicidou porque se sentia culpado? Harry negou com a cabeça.

— Não, quis dizer o que disse. Mataram-se um ao outro. Even acabou com Daniel para detê-lo. E Daniel também matou Even para que não o delatasse. Por uma vez na vida, ambos tinham os mesmos interesses. Waaler concordou, embora não pareceu ter entendido muito bem.

— Este velho me é familiar, comentou então. — Falo do que está vivo.

— Sim, é o pai de Raquel Fauke, não sei se você...

— Sim, claro, a tia boa do CNI. E é.

— Tem um cigarro? Perguntou Harry.

— Não, respondeu Waaler. — Bem, agora o resto é com você, Hole. Eu pensava em ir, assim diga se precisa que o ajude em algo. Harry negou com um gesto e Waaler se encaminhou para o portão.

— Bem, sim, espere, disse Harry. — Se não tem nada especial para amanhã, precisaria de um policial experiente que fizesse o meu serviço. Waaler sorriu e recomeçou a caminhar. — Só tem que dirigir a vigilância durante o ofício de amanhã na mesquita de Grønland, gritou Harry. — Me dei conta de que você tem certo talento para essas coisas. A única coisa que precisamos fazer é controlar que os cabeças raspadas não atrapalhem os muçulmanos por comemorar o Eid. Waaler chegara à porta principal quando parou subitamente.

— E você é o responsável dessa vigilância? Perguntou por cima do ombro.

— É uma insignificância, afirmou Harry. — Dois carros, quatro agentes.

— Durante quanto tempo?

— Das oito às três. Waaler se voltou com um amplo sorriso.

— Sabe o que eu acho? Perguntou. — É o menos que posso fazer por você, lhe devo isso. Feito, me encarregarei de sua vigilância.

Waaler roçou o gorro como despedida, se sentou ao volante, colocou o carro em marcha e desapareceu.

“Deve? Por quê?”, se perguntou Harry enquanto escutava os rangidos vindos da quadra de tênis. Mas em um instante, teve que parar de pensar nisso, pois o seu telefone começou a soar outra vez e, nesta ocasião, o número que aparecia na tela era o de Raquel.

* * *

Noventa e Dois

RUA HOLMENKOLLVEIEN

16 de Maio de 2000

— É para mim? Raquel deu uma palmadinha e apanhou o ramo de margaridas.

— Não tive tempo de ir à floricultura, então as cortei de seu próprio jardim, confessou Harry ao mesmo tempo em que atravessava a porta. — Mmm, cheira a leite de coco. Comida tailandesa?

— Sim. E parabéns por seu terno novo.

— Nota-se tanto assim? Raquel sorriu e passou a mão pelo gola.

— É lá de boa qualidade.

— Superior.

Harry não tinha ideia do que significava “Superior”. Em um arrebatado de arrogância, entrou em uma das seletas boutiques da Rua Hegdehaugsveiem justo quando iam fechar e conseguiu que o vendedor encontrasse o único terno onde cabiam todos os seus centímetros de estatura. Sete mil coroas foi, é claro, muito mais do que ele tinha pensado gastar, mas a alternativa era ir feito um fantoche com seu velho terno, então fechou os olhos, passou o cartão de crédito pela máquina e tentou esquecer o valor. Entraram na sala de jantar e viu que a mesa estava posta para dois.

— Oleg está dormido, falou antes que ele pudesse perguntar. E se fez silêncio. — Eu não tinha pensado... Começou ela.

— Ah, não? Perguntou Harry com um sorriso. Nunca a vira enrubescer antes. A atraiu até si e inspirou o perfume de seu cabelo recém-lavado. Notou que tremia ligeiramente.

— O jantar... Sussurrou Raquel.

Harry a deixou ir e ela se encaminhou à cozinha. A janela aberta dava ao jardim, onde umas mariposas brancas que não estavam no dia anterior revoloteavam como confete à luz do ocaso. Lá dentro cheirava a detergente para o chão. Harry fechou os olhos. Sabia que precisaria muitos dias como aquele para que a imagem de Even Juul pendurado na correia do cachorro se apagasse por completo, mas notou que já começava a desaparecer. Weber e seus rapazes não haviam encontrado o Märklin, mas sim ao cachorro, Burre. Degolado e enfiado em uma bolsa de lixo que estava no congelador. E na caixa das ferramentas acharam três facas, todas elas com restos de sangue. Harry

suspeitava que alguma delas fora a utilizada em Hallgrin Dale.

Raquel o chamou da cozinha para que ajudasse a levar a comida para a mesa. Todo o resto começava a se desfocar.

* * *

Noventa e Três

RUA HOLMENKOLLVEIEN

17 de Maio de 2000

OS ACORDES da banda de música iam e vinham com o vento. Harry abriu os olhos. Tudo era branco. A luz do sol que centelhava e o saudava por entre as imaculadas cortinas que se agitavam ao ritmo da brisa, as brancas paredes, o teto branco e a roupa de cama, também branca e tão refrescante sobre a pele ardente. Virou-se. No buraco do travesseiro se via ainda o formato de sua cabeça, mas a cama estava vazia. Olhou o relógio de pulso. Oito e cinco. Raquel e Oleg estavam a caminho da Praça Festningsplassen, de onde sairia o desfile infantil. Havia marcado de se encontrar às onze, ante o edifício da Guarda Real, junto ao palácio.

Fechou os olhos e rememorou uma vez mais a noite passada. Em seguida se levantou e foi ao banheiro. Lá também dominava o branco, os azulejos, o sanitário. Tomou um banho com água fria e, sem saber como, ouviu a si mesmo cantarolando uma velha canção: “... a perfect day!”. Raquel lhe deixara uma toalha limpa, também branca, grossa e esponjosa, com a qual se esfregou para colocar em marcha a circulação enquanto escrutava seu rosto no espelho. Agora era feliz, não? Naquele preciso momento, era feliz. Sorriu ao rosto que tinha frente a si. E o rosto lhe devolveu o sorriso. Ekmam e Friesen. Sorria ao mundo...

Riu com vontade, amarrou a toalha na cintura e, com as plantas dos pés molhados, se encaminhou para o corredor e entrou no quarto. Demorou uns segundos para compreender que havia errado de quarto, pois também ali tudo era branco: as paredes, o teto, uma cômoda com fotografias de família e uma cama de casal ricamente decorada com uma antiga colcha de crochê. Dispunha-se a sair, e já estava junto à porta quando parou estático. Permaneceu imóvel, como se uma parte do cérebro estivesse lhe ordenando continuar e esquecer o detalhe enquanto que a outra o mandava voltar e verificar se o que acabava de ver era o que ele achava. Ou, melhor, o que ele temia. Ignorava o que era o que temia e por quê. Mas sabia que, quando tudo é perfeito e não pode ser melhor não se deve mexer em nada. Mas já era muito tarde. Naturalmente, era muito tarde. Respirou fundo, se virou e entrou de novo.

Um porta-retrato dourado envolvia um instantâneo em preto e branco. A mulher da fotografia tinha o rosto delgado, os pômulos altos e salientes e dirigia o olhar, risonho

e confiado, para além da câmara, para o fotógrafo. Usava uma blusa simples e, sobre a blusa, pendia uma cruz de prata. “Estão há quase dois mil anos representando-a em todo tipo de ícones.”. Mas não era essa a razão pelo que o seu rosto lhe parecera familiar na primeira vez que vira uma fotografia dela. Não tinha a menor dúvida. Tratava-se da mesma mulher que vira no retrato do quarto de Beatrice Hoffmann.

* * *

Parte 9

DIA DO JUÍZO

* * *

Noventa e Quatro

OSLO

17 de Maio de 2000

ESCREVO ESTAS linhas para que quem a encontre saiba o porquê de minha escolha. As alternativas de minha vida foram, no geral, entre duas ou mais opções negativas, e creio que deem me julgar levando em conta este fato. Mas também deem me julgar sabendo que jamais fugi da responsabilidade de uma escolha, que não me afastei de minhas obrigações morais, e que preferi me arriscar a escolher o caminho errado, do que viver covardemente como mais um da maioria silenciosa, como quem procura a segurança na massa, permitindo que esta escolha por ele. A minha última opção tem por objetivo me preparar para o momento em que me reencontre com Nosso Senhor e com Helena.

— Merda!

Harry pisou fundo o freio enquanto a multidão elegantemente vestida com o traje típico norueguês avançava pelo cruzamento da Majorstukrysset. Dir-se-ia que toda a cidade havia ido para as ruas. E ele tinha a sensação de que o semáforo jamais voltaria a ficar em verde. Por fim pode soltar a embreagem e acelerar outra vez. Na Rua Vibe, estacionou em fila dupla e tocou o porteiro automático da casa de Fauke. Um garoto passou correndo como uma trovoada retumbando no chão com as botas e Harry deu um suspiro ao ouvir o ruído estridente da campainha.

Fauke não atendeu. Harry voltou ao carro, encontrou a alavanca que sempre levava no chão, nos pés do assento do acompanhante, para abrir a porta do porta-malas, pois a fechadura vivia quebrada. Voltou ao portal e colocou as duas mãos sobre as fileiras de botões do porteiro automático. Após uns segundos, ouviu uma mistura de vozes irritadas, com certeza de gente com pouca paciência e com a escova para lustrar os sapatos na mão. Disse que era policial e alguém acreditou porque, de repente, ouviu o barulho da porta e conseguiu abri-la. Subiu os degraus de quatro em quatro e chegou em seguida ao quarto andar, com o coração mais acelerado do que quando vira a fotografia no quarto, há um quarto de hora.

A missão que me propus a levar a cabo já custou várias vidas inocentes e, naturalmente, existe o risco de que sejam mais. Na guerra é sempre assim. De modo que me julguem como um soldado que não teve muitas opções. Esse é o meu desejo. Mas se me

judgarem com dureza, pensem que, eu, não sou mais do que um ser humano susceptível de errar, e que tanto para você como para mim, somente terá no final um juiz: Deus. Estas são os meus desejos.

Harry golpeou com o punho a porta de Fauke por duas vezes e gritou o seu nome. Como não respondia, colocou a alavanca debaixo da fechadura e deixou cair sobre ela o seu peso. Na terceira tentativa, a porta cedeu com grande estrépito. Cruzou o umbral. O apartamento estava às escuras e em silêncio e, curiosamente, se lembrou do quarto onde estivera até há poucos minutos, pois tinha um ar de vazio e abandono. Imaginou por que entrara tão fácil na sala de estar. O apartamento fora abandonado. Todos os papéis que vira antes no chão, os livros nas estantes abarrotadas e as xícaras de café meio vazias, tudo desaparecera. Os móveis estavam amontoados em um canto e cobertos com lençóis brancos. Um raio de sol entrava pela janela e caía sobre um monte de documentos presos com um elástico que estava no chão vazio da sala de estar.

Espero que, quando leiam isso, eu já esteja morto. Espero que todos nós estejamos mortos...

Harry se ajoelhou junto ao monte.

A GRANDE TRAIÇÃO, se lia escrito a máquina na primeira página. MEMÓRIAS DE UM SOLDADO. Harry retirou o elástico. Na página seguinte ele leu:

Escrevo estas linhas para que quem encontre saiba o porquê de minha escolha. As alternativas de minha vida foram...

Harry folheou o monte. Devia ter várias centenas de páginas bem repletas. Olhou o relógio. Eram oito e meia. Encontrou o número de Fritz em Viena na agenda, apanhou o celular e o localizou justo quando voltava para casa após um serviço noturno. Depois de um minuto de conversa com Fritz, ligou para o serviço de informações telefônicas onde encontraram o número que pedia e o passaram diretamente.

— Weber.

— Hole. Felicidades no dia de hoje, não é isso que se diz?

— Vá à merda! O que quer?

— Bem, suponho que terá planos para hoje...

— Sim. Tinha planos de manter a porta e a janela fechadas e de ler o jornal.

— Preciso retirar umas impressões digitais.

— Ótimo. Quando?

— Agora mesmo. Traga a maleta e assim as enviamos daqui. E, além disso, preciso

de uma arma regulamentar.

Harry lhe deu o endereço. Depois, apanhou o monte de papéis e se dirigiu a uma das cadeiras, sentou e começou a ler.

* * *

Noventa e Cinco

LENINGRADO

12 de Dezembro de 1942

OS LAMPEJOS iluminam o céu da noite, tão cinza que parece uma lona suja estendida sobre a paisagem desolada que nos rodeia. Pode ser que os russos tenham iniciado uma ofensiva, pode ser que somente queiram nos fazer acreditar que assim é, essas coisas nunca se sabem até depois. Daniel voltou a se mostrar um excelente atirador. Se não fosse porque já era uma lenda, teria conseguido hoje a imortalidade. Atirou em um russo e o matou de uma distância de quase meio quilômetro. Depois, o arrastou sozinho até terra de ninguém e lhe deu uma sepultura cristã. Jamais vira nada semelhante. Trouxe o gorro do russo como troféu. Em seguida mostrou seu humor habitual, cantando e animando o ambiente para regozijo de todos (salvo de algum que outro companheiro que se portou como um estraga-prazeres). Estou extremadamente orgulhoso de ter como amigo um homem tão íntegro e valente. Por mais que existam dias em que se diria que esta guerra não terá fim e em que pese já serem muitas as vítimas de nossa pátria, os homens como Daniel Gudeson nos infundem a esperança de que conseguiremos nosso objetivo de deter os bolcheviques e retornarmos para uma Noruega segura e livre.

Harry olhou o relógio e continuou folheando as páginas.

* * *

Noventa e Seis

LENINGRADO

Noite de 1 de Janeiro de 1943

QUANDO ... vi que Sindre Fauke tinha o medo pintado nos olhos, me vi obrigado a lhe dizer umas palavras tranquilizadoras, com o fim de que a sua atitude fosse menos desconfiada. Só estávamos ele e eu no posto de metralhadoras, os demais haviam ido se deitar outra vez e o cadáver de Daniel jazia rígido sobre as caixas de munição. Depois retirei um pouco mais do sangue de Daniel que havia na cartucheira. A lua brilhava e estava nevando; fazia uma noite estranha e pensei que estava reunindo os fragmentos destroçados de Daniel recompondo-o outra vez, unindo os pedaços para refazer o seu corpo de modo que pudesse se levantar e conversar como antes. Sindre Fauke não compreendeu. Ele era um oportunista e um delator que somente seguia a aqueles que, segundo ele, iam vencer. E no dia que não se pressagiasse nada bom para mim, para nós, para Daniel... Nesse dia trairia também a nós. Adiantei-me vários passos para ficar bem atrás dele, o agarrei pela cabeça e o cortei com a baioneta. Tive que fazê-lo com certa rapidez, para que o corte fosse profundo e limpo. O soltei quando cortei, pois sabia que o trabalho já estava feito. Ele se voltou lentamente e me cravou o olhar com seus pequenos olhos de porco; parecia querer gritar, mas a baioneta havia lhe seccionado a traqueia e não poderia emitir mais que leves assovios provocados pelo ar que surgia da ferida aberta. Tentou segurar a garganta com as duas mãos para evitar que a vida escapasse, mas somente conseguiu que o sangue corresse em delgados fios por entre seus dedos. Então caí e tive que me arrastar para trás pela neve para evitar que me salpicasse o uniforme. As manchas de sangue fresco seriam um inconveniente se tentassem investigar a “deserção” de Sindre Fauke. Quando deixou de se mover, o coloquei de costas e o arrastei até as caixas de munição sobre as que jazia Daniel. Por sorte, os dois tinham mais ou menos a mesma constituição. Encontrei a documentação de Sindre Fauke. Sempre a levamos, dia e noite, pois, se nos encontram sem a documentação que indica quem somos e a que regimento pertencemos (infantaria, seção da frente norte, data, carimbo e demais), nos arriscamos a ser fuzilados por desertores ali mesmo. Enrolei os documentos de Fauke e os guardei. Retirei o saco da cabeça de Daniel e o enrolei na de Sindre. Depois, coloquei às costas o corpo de Daniel e o levei para terra de ninguém. E ali o enterrei na neve, como Daniel havia enterrado Urias, o russo. Fiquei com o gorro do uniforme russo que Daniel havia retirado de Urias. Entoei um salmo: “Nosso Deus é firme como uma fortaleza”.

Noventa e Sete

LENINGRADO
3 de Janeiro de 1943

UM INVERNO SUAVE. Tudo seguiu segundo o plano. Muito cedo, na manhã do dia 1, dia de Ano Novo, chegaram os coveiros e levaram o cadáver que estava em cima das caixas de munição, tal e como fora ordenado através das linhas de comunicação e, naturalmente, acreditaram que era o de Daniel Gudeson quem levavam para o norte no trenó. Nem preciso dizer que tenho vontade de rir quando penso nisso. Se retirassem o saco que lhe cobria a cabeça antes de levá-lo, não sei o que aconteceria, mais de qualquer maneira, não me preocupei, porque eles não conheciam nem Daniel nem Sindre Fauke.

A única coisa que me preocupa é que parece que Edvard Mosken têm suspeitas de que Fauke não desertou, mas de que eu o matei. Claro que não tem muito que ele possa fazer, o corpo de Sindre Fauke está carbonizado (oxalá a sua alma também queime eternamente) e irreconhecível junto com outros cem. Mas nesta noite, enquanto fazia a guarda, tive que realizar a operação mais arriscada até agora. Dera-me conta de que não poderia deixar Daniel enterrado na neve. Já que o inverno se apresentava suave, me arriscava a que o cadáver surgisse da neve a qualquer momento, delatando assim a troca. E quando, à noite, comecei a sonhar com o que as raposas poderiam fazer com o corpo de Daniel quando a primavera derretesse a neve, decidi que deveria desenterrar o cadáver e voltar a enterrá-lo na fossa comum, que, depois de tudo, é terra benzida pelo sacerdote da campanha.

Claro que temia mais os nossos postos de guarda do que os russos, mas, por sorte, quem estava de guarda no posto de metralhadoras era o torpe Hallgrin Dale, o amigo de Fauke. Além disso, o céu estava fechado naquela noite e, o mais importante de tudo: eu sentia que Daniel estava comigo, sim, que estava dentro de mim. E quando por fim consegui retirar o cadáver e deixá-lo sobre as caixas de munição, antes de colocar o saco sobre a cabeça, me sorriu. Já sei que a falta de sono e o fome podem trazer alucinações, mas eu vi verdadeiramente a sua rígida máscara de morto mudar de postura ante os meus olhos. E por estranho que possa parecer, em lugar de me assustar, me fez sentir seguro e feliz. Depois, entrei devagarinho no bunker e dormi como um garoto.

Quando, apenas uma hora mais tarde, Edvard Mosken veio me acordar, senti como se tudo fosse um sonho, e creio que consegui que o meu assombro parecesse autêntico quando vi que o cadáver de Daniel voltara a aparecer. Mas aquilo não foi suficiente para convencer Mosken. Ele estava certo de que era Fauke quem jazia com o saco na

cabeça, que eu o havia assassinado e o deixara ali com a esperança de que os coveiros acreditassem que haviam se esquecido de levar seu cadáver na primeira vez e que o levassem de novo sem fazer perguntas. Quando Dale retirou o saco e Mosken viu que, de fato, era Daniel, ambos ficaram atônitos e eu tive que reprimir a risada que fervia em meu interior para que não delatasse nem Daniel e nem a mim.

* * *

Noventa e Oito

HOSPITAL DO SETOR NORTE, LENINGRADO

17 de Janeiro de 1944

A GRANADA de mão que jogaram do avião russo chocou contra o capacete de Dale, caiu ao chão e ficou sobre o gelo dando voltas enquanto nós tentávamos escapar do seu alcance. Eu era o que mais próximo me encontrava e estava convencido de que iríamos morrer os três: Mosken, Dale e eu. É estranho, mas o meu último pensamento foi que eu acabara de salvar Edvard Mosken de morrer com um tiro do desgraçado do Hallgrin Dale e seria uma ironia do destino, que a única coisa que havia conseguido era prolongar em exatamente dois minutos a vida de nosso chefe de pelotão. Mas, por sorte, as granadas de mão que os russos fabricam são de péssima qualidade e nós três saímos daquela com vida. Ainda que eu tenha me ferido no pé e os restos da granada atravessaram o meu capacete e se incrustaram na testa.

Por uma curiosa coincidência, fui parar na sala da enfermeira Signe Alsaker, a noiva de Daniel. No princípio não me reconheceu, mas à tarde se aproximou e começou a falar comigo em norueguês. É muito bonita e estou consciente de que gostaria que fosse a minha noiva. Olaf Lindvig também está aqui e na mesma sala. Tinha o casaco branco pendurado em um cabideiro junto a sua cama.

Não sei por quê. Talvez para que possa voltar diretamente para as suas obrigações quando se recuperar de suas feridas. Precisamos de homens como ele, já ouço se aproximar o fogo da artilharia russa. Creio que uma noite teve um pesadelo, porque gritava em sonhos e então viu Signe. Ela lhe deu uma injeção, talvez de morfina. Quando Olaf voltou a adormecer, vi que lhe acariciava o cabelo. Estava tão bonita que senti desejos de dizer que se aproximasse de minha cama e de lhe explicar quem era eu, mas não quis assustá-la.

Hoje me comunicaram que terão de me enviar para o oeste, porque os remédios não chegaram. Ninguém me avisou, mas me dói o pé, os russos se aproximam e sei que é a única salvação possível.

* * *

Noventa e Nove

WIENERWALD

29 de Maio de 1944

EM MINHA vida nunca conheci uma mulher mais bonita e inteligente. Pode alguém amar a duas mulheres ao mesmo tempo? Sim, claro que é possível! Gudbrand mudou. Por isso adotei o apelido de Daniel: Urias. Helena gosta mais dele, diz que Gudbrand é um nome esquisito.

Quando os demais adormecem, me dedico a escrever poemas, embora não sou muito bom. O coração dispara tão logo ela aparece na porta, mas Daniel dizia que, para conquistar o coração de uma mulher, é preciso conservar uma calma quase fria, porque é como caçar moscas. É preciso se manter completamente imóvel e, de preferência, olhar para o outro lado. E quando a mosca começa a confiar em você, quando se atreve a aterrissar sobre a mesa, diante de você, se aproxima e, por fim, quase lhe incita a tentar pegá-la, então é o momento de dar o golpe, como um relâmpago. Com decisão e segurança na própria convicção. O último é o mais importante. Pois não é a velocidade, mas a convicção de que vai pegar a mosca. Tem uma única oportunidade; e é importante ter o terreno preparado. Isso é o que dizia Daniel.

* * *

***D**ORMIA como um garoto quando me vi arrancado do colo de minha amada Helena. Lá fora, os bombardeios haviam terminado há algum tempo, mas ainda era meia-noite e as ruas estavam completamente desertas. Encontrei o carro onde o havíamos estacionado, junto ao restaurante Drei Husaren. A janela traseira estava quebrada e uma das pedras do muro abrira um grande buraco no teto, mas, salvo este problema, o carro estava, por sorte, intacto. Voltei ao hospital dirigindo tão rápido como pude.*

Sabia que era muito tarde para fazer algo por Helena e por mim, somente éramos duas pessoas presas em um torvelinho de acontecimentos que não poderíamos controlar. Seu apego à família a empurrava a se casar com aquele médico, Christopher Brockhard, esse ser corrupto que, em seu infinito egocentrismo (que ele chamava amor!), manchava a autêntica natureza do amor. Não via que o amor que o movia era exatamente o contrário do amor que movia a ela? Assim eu precisaria sacrificar o meu sonho de dividir a vida com Helena, para dá-la uma nova vida, se não feliz, ao menos decente, livre da humilhação à que queria obrigá-la Brockhard. As ideias atravessavam a minha cabeça como eu atravessava a noite por rodovias tão sinuosas como a vida. Mas Daniel dirigia minhas mãos e pés.

... Descobriu que eu estava sentado na borda de sua cama e me olhava com expressão incrédula.

— O que faz aqui? Perguntou.

— Christopher Brockhard, você é um traidor, sussurrei. — E por isso o condeno à morte. Está preparado?

Não creio que estivesse. A gente nunca está preparada para morrer, acreditam que viverão para sempre. Espero que tenha visto o jorro de sangue que espirrou até o teto, espero que conseguisse ouvi-lo bater contra os lençóis quando caiu. Mas, antes de tudo, espero que compreendesse que estava morrendo. No armário encontrei roupas, um par de sapatos e uma camisa que enrolei apressado e levei debaixo do braço. Depois, comecei a correr até o carro, e o coloquei em marcha.

... Continuava dormindo. Estava empapada e gelada pelo frio repentino e me encostei ao seu lado, debaixo dos lençóis. Seu corpo ardia como um forno e, quando me

apertei contra ela, gemeu levemente no sono, tentava cobrir com minha pele cada centímetro da dela, tentava me convencer de que aquilo seria para sempre, tentava não olhar para o relógio. Somente faltavam poucas horas para que o meu trem partisse. Somente umas horas para que me declarassem um assassino perseguido em toda a Áustria. Não sabiam quando pensava em fugir nem que rumo ia seguir, mas sabiam aonde iria; e estariam me esperando quando chegasse a Oslo. Tentei me aferrar a ela com força suficiente para que durasse toda uma vida.

* * *

Harry ouviu a campainha. Seria a primeira vez? Encontrou o porteiro automático e abriu para Weber.

— Depois das transmissões esportivas da televisão, isso é o que mais detesto, declarou Weber furioso enquanto entrava ruidosamente antes de deixar cair no chão uma caixa de ferramentas tão grande como uma mala. — O Dezessete de Maio, o dia da embriaguez nacionalista, as ruas fechadas obrigam a rodear todo o centro para chegar a qualquer lugar. Deus santo! Por onde quer que comece?

— Com certeza encontrará uma impressão aceitável na cafeteira da cozinha. Sugeriu Harry. — Estive falando com um colega de Viena que colocou mãos à obra e está procurando uma impressão datiloscópica de 1944. Trouxe o computador e o escâner? Weber deu uma palmadinha sobre a caixa de ferramentas. — Ótimo. Quando terminar de escanear as impressões digitais que encontrar, pode conectar o computador ao meu celular e enviá-las para o correio eletrônico de Fntz, em Viena. Está esperando para poder compará-las com as dele e nos responderá em seguida. E isso é tudo o que tem de fazer. Eu preciso continuar a ler uns documentos na sala de estar.

— O que...?

— Coisas do CNI, cortou Harry. — Esse tipo de coisas que deem ler somente os que precisam conhecê-las.

— Ah, sim?

Weber mordeu o lábio e olhou inquisitivo para Harry, que manteve o olhar, esperando que ele completasse o comentário.

— Sabe o que eu acho Hole? Disse por fim. — É ótimo que ainda tenha alguém que se comporte com profissionalismo neste organismo.

* * *

Cento e Um

HAMBURGO
10 de Junho de 1944

***D**EPOIS de escrever a carta para Helena, abri a caixa, apanhei a documentação de Sindre Fauke e a substitui pela carta. Em seguida, com ajuda da baioneta, gravei na caixa o nome e o endereço de Helena, e voltei a sair para a escura noite. Logo que atravesssei a porta, senti o calor. O vento parecia querer me arrancar o uniforme, o céu sobre mim era uma abóbada de um sujo amarelo e a única coisa que se ouvia por cima do longínquo rugir das chamas era o ruído de vidros estourando e os gritos da gente que já não tinha para onde fugir, para onde se refugiar. Assim era exatamente como eu imaginava o inferno. Já não caíam bombas. Percorri uma rua que não era mais que um caminho de asfalto em meio de um espaço aberto cheio de ruínas. A única coisa que se mantinha em pé naquela “rua” era uma árvore carbonizada que apontava ao céu com dedos de bruxa. E uma casa em chamas de onde vinham os gritos. Quando já estava tão próximo que o calor me queimava os pulmões ao respirar, dei a volta e comecei a caminhar até o porto. E foi ali onde a encontrei, uma pequena de aterrados olhos negros. Puxou-me o casaco do uniforme gritando sem cessar às minhas costas:*

— Meine Mutter! Meine Mutter!

Continuei caminhando, pois nada podia fazer. Havia visto o esqueleto de um ser humano em chamas no último andar, preso com uma perna dentro e a outra fora da janela. Mas a pequena me seguia, gritando desesperada a sua súplica para que ajudasse a sua mãe. Tentei apertar o passo, mas, então, ela se aferrou a mim com seus braços infantis, a pequena não me soltava e eu fui arrastando-a até o grande mar de chamas. E assim continuamos caminhando, uma estranha procissão, duas pessoas agarradas a caminho da destruição.

E chorei, sim, chorei, mas minhas lágrimas se evaporavam quando brotavam dos olhos. Não sei quando paramos, mas eu voltei, levei-a para o quarto e a cobri com a minha manta. Depois, apanhei o colchão da outra cama e deitei no chão, ao seu lado. Nunca soube como se chamava nem o que aconteceu com ela, pois desapareceu durante a noite. Mas me salvou a vida. Porque decidi conservar a esperança.

Despertei em uma cidade moribunda. Alguns incêndios continuavam com toda a força, o porto estava totalmente destruído e os barcos que haviam chegado para evacuar os feridos ficaram parados em Asussenalster, sem ter onde atracar. Até a noite, os homens

não conseguiram uma área onde os barcos pudessem carregar e descarregar, e para ali me dirigi. Fui de barco em barco, até encontrar o que procurava: um que partisse para a Noruega. A embarcação se chamava Anna e levava cimento para Trondheim. Esse destino me convinha, já que contava que não chegaria ali a ordem de procura contra mim. O caos viera substituir a habitual ordem alemã e as transmissões de ordens eram, quando muito, pouco claras. Por outro lado, os dois esses que usava no pescoço eram muito evidentes, o que causava certa impressão na gente e não tive nenhum problema para subir ao barco e convencer o capitão de que a ordem com o destino que lhe mostrei significava que devia chegar a Oslo pela via mais rápida possível e, nas circunstâncias que reinavam, isso era tanto como dizer que devia viajar no Anna até Trondheim e, dali, ir e trem para Oslo.

A travessia durou três dias; saí do barco, mostrei meus papéis e me indicaram que continuasse. Até que me encontrei no trem com destino a Oslo. A viagem durou quatro dias no total. Antes de descer do trem em Oslo, fui ao banheiro e coloquei a roupa que apanhei do armário de Christopher Brockhard. E poderia se dizer que estava pronto para a primeira prova. Subi pela Rua Karl Johan. Chuviscava e fazia calor. Duas jovens vinham caminhando para mim, de braço dado, e riram em voz alta quando passaram ao meu lado. O inferno de Hamburgo ficara há anos luz de distância. Meu coração se alegrou. Havia voltado ao meu amado país e me sentia como se tivesse voltado a nascer.

O recepcionista do hotel Continental examinou minuciosamente o documento de identidade que lhe apresentei, antes de me olhar por cima dos óculos e declarar:

— Benvindo ao Continental, senhor Sindre Fauke.

E, já deitado na cama do quarto amarelo do hotel, com o olhar no teto enquanto escutava os sons da cidade lá fora, saboreei o meu novo nome. Sindre Fauke. Parecia-me estranho, mas soube em seguida que poderia funcionar, sim, sem dúvida, poderia funcionar.

** * **

Cento e Dois

NORDMARKA
12 de Julho de 1944

UM HOMEM ... chamado Even Juul. Como os demais tipos da Resistência, parece ter engolido a minha história de cabo a rabo. Mas por que não iriam? A verdade, é que sou um soldado da frente procurado por assassinato, seria mais difícil de digerir o fato de que eu fosse um desertor da frente oriental chegando a Noruega através da Suécia. Além disso, verificaram com as suas fontes no escritório de recrutamento, onde confirmaram que uma pessoa chamada Sindre Fauke foi dada por desaparecida, que provavelmente tenha se unido os russos. Os alemães tem seus assuntos sob controle.

Falo um norueguês standard, resultado dos meus anos de juventude na América do Norte, suponho, mas ninguém reage ante o fato de que tenha me desfeito tão rápido do dialeto de Gudbrandsdaí, onde nascera Sindre Fauke. Sou de um pequeno povoado norueguês, mas, embora me encontrasse com alguém a quem tinha conhecido em minha juventude (minha juventude! Deus meu! tão somente há três anos e me parece toda uma vida), estou convencido de que não me reconheceriam, a tal ponto me sinto outra pessoa! Em troca, temo que, de repente, apareça alguém que tenha conhecido o verdadeiro Sindre Fauke. Por sorte, ele vinha de um povoado ainda mais afastado que o meu, mas claro, terá familiares que imagino, podem identificá-lo.

E estas eram as questões sobre as quais eu me dedicava a pensar, daí o desconcerto que senti quando me ordenaram que liquidasse a um de meus próprios irmãos da União Nacional (quer dizer, um dos irmãos de Fauke). Essa será a prova de que, na verdade, tinha mudado de lado e que não sou um infiltrado. Daniel e eu estivemos a ponto de começar a rir; é como se a ideia tivesse acontecido a nós mesmos, pois, de fato, estavam me pedindo que acabassem com todos aqueles que poderiam me denunciar! Já sei que os líderes desses soldados de merda pensam que o fratricídio é ir demasiado longe, pois não estão habituados à crueldade da guerra aqui, na segurança desses bosques. Mas eu decidi seguir as suas ordens ao pé da letra antes que mudem de ideia. E quando anoitecer, irei até a cidade, apanharei a minha arma regulamentar que, junto com o uniforme, deixei em uma caixa forte na estação de trem, e tomarei o mesmo trem noturno no qual cheguei, mas agora para o norte. Conheço o nome do povoado mais próximo da fazenda dos Fauke, de modo que não precisarei perguntar como chegar até lá.

Cento e Três

OSLO

13 de Maio de 1945

OUTRO dia estranho. Todo o país está embriagado de liberdade e hoje chegará a Oslo o príncipe herdeiro Olav, junto com uma delegação do governo. Não penso em descer ao porto para ver a sua chegada, mas ouvi que toda a Oslo já havia se reunido ali. Subi a Rua Karl Johan em roupa civil, embora meus “companheiros de campanha” não compreendam por que não optei, como eles, em usar o “uniforme” da Resistência para que me cumprimentem como a um herói. Pelo que dizem, agora é um bom chamariz para as garotas. As garotas e os uniformes... Se não me recordo mal, em 1940 corriam com o mesmo entusiasmo atrás dos uniformes verdes...

Caminhei até o palácio para ver se o príncipe herdeiro sairia ao balcão para dirigir umas palavras à multidão. Já havia ali reunidas muitas pessoas. Cheguei bem à hora da mudança de guarda. Um espetáculo bastante triste, em comparação com o alemão, mas as pessoas gritavam de júbilo. Tenho a esperança de que o príncipe herdeiro jogue um jarro de água fria, sobretudo nos chamados bons noruegueses que permaneceram, durante cinco anos, como espectadores passivos, sem mover um dedo por algum dos dois lados e que agora pedem aos gritos vingança contra os traidores da pátria. De fato, creio que o príncipe Olav nos compreende, pois, se forem verdadeiros os rumores, dos membros da realeza e do governo, somente ele mostrou certa vergonha durante a capitulação, ao se oferecer para ficar com o seu povo e compartilhar o seu destino. Mas o governo desaconselhou, pois sabiam que a imagem do rei ficaria manchada se o deixassem aqui enquanto eles iam embora.

Sim, tenho a esperança de que o jovem príncipe (que, ao contrário “Dos santos dos últimos dias”, sabe como usar o uniforme) explique à nação qual foi o valor dos combatentes da frente, sobretudo, levando em conta que ele viu com seus próprios olhos até que ponto os bolcheviques do este constituíam (e ainda constituem) um grande perigo para o nosso país. Parece que, já em princípios de 1942, enquanto nós nos preparávamos para marchar na frente oriental, o príncipe manteve conversas com Roosevelt e lhe expressou a sua preocupação pelos planos russos na Noruega.

A gente agitava bandeirolas, cantavam alguma canção e as velhas árvores do parque Slottsparkem jamais haviam mostrado tanto verdor. Mas o príncipe não saiu ao balcão. Assim precisei me armar de paciência.

— Acabam de ligar de Viena. As impressões são idênticas. Weber estava na porta da sala de estar.

— Ótimo, respondeu Harry concordando abstraído e sem deixar de ler.

— Alguém vomitou na lata de lixo, continuou Weber. — E esse alguém está bastante doente, pois tem mais sangue que outra coisa. Harry passou o dedo pela língua e passou à página seguinte.

— Bom. Silêncio.

— Se precisa de ajuda com alguma outra coisa...

— Obrigado, Weber, mas isso é tudo. Weber concordou, mas não se moveu da porta.

— Não vai dar uma ordem de busca? Perguntou por fim Weber. Harry levantou o olhar e olhou ausente até Weber.

— E por quê?

— Sei o que me disse, comentou Weber. — E não preciso saber. Harry sorriu, talvez pelo comentário do velho policial.

— Não, é claro. Weber aguardou uma continuação que não aconteceu.

— Como quiser, Hole. Trouxe uma Smith & Wesson. Está carregada e tem um carregador extra. Segure-a!

Harry levantou o olhar bem a tempo de ver a cartucheira negra que Weber acabava de lhe dar. Abriu-a e apanhou a pistola. Estava engraxada e o aço recém-lustrado brilhava com lampejos mate. De modo que era a arma de Weber.

— Obrigado por sua ajuda, Weber, disse Harry.

— Que seja leve.

— Tentarei. Que tenha um bom... Dia.

Weber respirou fundo ante o comentário. Quando saiu do apartamento, Harry já estava há um tempo imerso novamente em sua leitura.

Cento e Quatro

OSLO

27 de Agosto de 1945

TRAÍÇÃO, traição, traição! Estava petrificado, bem oculto na última fila, quando fizeram entrar a minha amada, que se sentou no banco de testemunhas e ofereceu a ele, a Even Juul, aquele sorriso fugaz, mas denunciador. E esse sorriso foi suficiente para me revelar tudo, e fiquei ali como amarrado à cadeira, sem capacidade para fazer nada mais além de escutar, ver. E sofrer. Que falsa e que mentirosa! Even Juul sabe bem quem é Signe Alsaker, fui eu quem lhe falou dela. Mas a ele não se pode culpar, ele acredita que Daniel Gudeson está morto, mas ela, ela jurou fidelidade até a morte! Então que não posso parar de repetir: traição!

E o príncipe herdeiro não disse uma só palavra. Ninguém disse nada. Estão executando homens que arriscaram suas vidas pela Noruega no forte de Akershus. Os ecos dos disparos ainda ressoam no ar sobrevoando a cidade por um segundo para em seguida desaparecer e dar passagem a um silêncio ainda maior. Como se nada tivesse acontecido.

Na semana passada soube que o meu caso foi arquivado, que meus atos heroicos compensam os meus crimes. Quando li a carta, comecei a rir até que meus olhos cederam ao pranto. O que estão dizendo é que liquidar quatro camponeses indefesos em Gudbrandsdalem é um ato heroico que compensa a minha criminosa defesa da pátria em Leningrado! Quebrei uma cadeira contra a parede, a cadeira subiu e tive que me desculpar. É para ficar maluco.

Todas as noites, sonho com Helena. Só com ela. Devo tentar esquecer.

E o príncipe não se pronunciou. É insuportável.

* * *

Harry voltou a olhar o relógio. Passou rápido várias folhas até que seu olhar recaiu sobre um nome conhecido.

* * *

Cento e Cinco

RESTAURANTE SCHRØDER

23 de Setembro de 1948

***H**OJE aconteceu algo que vinha temendo desde há algum tempo. Estava sentado lendo o jornal quando me dei conta de que havia alguém que, de pé junto a minha mesa, me observava. Levantei o olhar e o sangue me gelou nas veias! Estava maltrapilho e sem o porte erguido e reto com que eu o recordava; era como se tivesse desaparecido uma parte dele. Mas reconheci em seguida ao nosso antigo chefe de pelotão, ao homem com o olho de ciclope.*

— Gudbrand Johansen! Exclamou Edvard Mosken. — Diziam que havia morrido. Em Hamburgo.

Não sabia o que responder nem o que fazer. Tão somente que o homem que agora se sentava em frente a mim poderia fazer que me condenassem por traição à pátria e, no pior dos casos, por assassinato. Quando por fim fui capaz de articular palavra, senti que tinha a boca seca. Disse que sim, que estava vivo e, para ganhar algum tempo, lhe contei que havia ido parar num hospital de Viena com uma ferida na cabeça e um pé machucado e perguntei como ele estava. Mosken me explicou que o enviaram para casa e que o colocaram na enfermaria do colégio de Sinsen, curiosamente, a mesma à que haviam me destinado. Como os demais, também haviam lhe condenado à três anos por traição à pátria e o haviam soltado depois de dois anos e meio de prisão.

Ficamos falando sobre isso e aquilo até que, ao cabo de um tempo, relaxei um pouco. Pedi uma cerveja para ele e falei da empresa de material de construção que dirigia. Disse-lhe o que pensava: que o melhor para as pessoas como nós era começar de novo com um negócio próprio, pois a maioria dos empresários se negava a contratar ex-combatentes da frente (em especial, os empresários que haviam colaborado com os alemães durante a guerra).

— Também aconteceu isso com você? Perguntou Mosken.

Assim tive que lhe explicar que não me serviu de muito ter passado depois para o lado “dos bons”; de qualquer maneira, havia usado um uniforme alemão. Mosken não apagava do rosto aquele seu meio sorriso e, finalmente, não pode se conter mais. Falou-me que havia passado muitos anos procurando o meu rastro, mas todas as pistas terminavam em Hamburgo. E que estava a ponto de se dar por vencido quando, um dia,

viu o nome de Sindre Fauke em um artigo de jornal sobre os homens da Resistência. Recobrou o interesse, descobriu onde trabalhava Fauke e ligou. Alguém lhe dissera que talvez estivesse no restaurante Schröder. Voltei a ficar gelado e pensei que chegara o momento. Mas o que me falou foi algo completamente diferente do que eu me imaginava:

— Nunca tive a oportunidade de agradecer por impedir Hallgrin Dale me desse um tiro naquele dia. Você me salvou a vida, Johansen. Dei de ombros, algo perturbado, incapaz de fazer outra coisa.

Segundo Mosken, ao salvá-lo, eu havia me comportado como um homem com alto sentido moral, pois poderia ter motivos para desejar que morresse. Se aparecesse o cadáver de Sindre Fauke, Mosken poderia testemunhar que o mais provável é que eu fosse o assassino. Concordei, sem mais. Então, me olhou fixamente e me perguntou se eu tinha medo. E pensei que não tinha nada a perder se lhe contasse toda a história, tal e como havia acontecido.

Mosken me escutava, posando sobre mim o seu olho de ciclope de vez em quando, para verificar se eu dizia a verdade e meneando a cabeça de vez em quando; mas eu creio que sabia que a maioria do que contava era verdade. Quando terminei, pedi outras duas cervejas e, então, ele me falou de si mesmo, que sua esposa havia procurado outro homem que pudesse manter a ela e ao garoto enquanto ele estava na cadeia. Ele a compreendia e, além disso, talvez fosse o melhor também para o pequeno Edvard, assim não teria que crescer com um traidor à pátria como pai. Mosken parecia resignado. Disse que queria tentar a sorte no setor do transporte, mas que não haviam lhe dado algum dos postos de motorista que havia solicitado.

— Compre seu próprio caminhão, propus. — Funde a sua própria empresa, você também.

— Não tenho dinheiro suficiente, me confessou com uma olhadela fugaz. De repente, comecei a compreender. — E os bancos tampouco financiam os ex-combatentes, acreditam que somos bandidos, todos iguais.

— Eu economizei algum dinheiro, disse. — Se quiser lhe faço um empréstimo. Mosken negou com um gesto, mas eu vi que já o tinha convencido. — Cobrarei juros, claro, adicionei.

Então começou a prestar atenção. Mas voltou a adotar uma expressão séria e me falou que poderia ficar muito caro até que o negócio funcionasse bem. Assim tive que lhe explicar que não seriam juros muito altos, que seria algo simbólico. Em seguida, pedi mais cerveja e, quando já dispúnhamos a voltar para casa, apertamos a mão num sinal de que havíamos fechado um acordo.

* * *

Cento e Seis

OSLO

3 de Agosto de 1950

UMA CARTA ... com selo de Viena na caixa de correio. Deixei-a ante mim, em cima da mesa da cozinha, sem fazer outra coisa além de olhá-la. Seu nome e seu remetente estavam escritos no verso. Eu havia enviado uma carta para o hospital Rudolph II no mês de maio com a esperança de que alguém soubesse onde se encontrava Helena e a fizesse chegar até ela. Mas, se uma pessoa não autorizada abrisse a carta, eu tinha me assegurado de não escrever nada que comprometesse algum dos dois e, claro, não havia utilizado o meu verdadeiro nome. De qualquer maneira, não me atrevi a esperar uma resposta. E, no fundo, tampouco sei se na realidade desejava receber uma resposta, sobretudo se fosse a que esperava. Que havia se casado e que tinha filhos. Não, não queria saber. Ainda que fosse isso precisamente o que eu desejava para ela, a possibilidade que lhe dera.

Deus, éramos tão jovens, ela tinha somente dezenove anos! E agora, com a carta na mão, tudo me parecia tão irreal, como se a esmerada caligrafia que se lia no envelope não tivesse nada a ver com a Helena com quem eu estava há seis anos sonhando. Abri a carta com mão trêmula, me convenci de que devia esperar o pior. Era uma longa carta e não há mais de uma hora que terminei de lê-la pela primeira vez, mas já a sei de memória.

Querido Urias:

Amo-o. É fácil adivinhar que o amarei o resto de minha vida, mas o estranho é que me sinto como o amasse desde sempre. Quando recebi a sua carta, chorei de felicidade, eu... ...Próximo o nosso reencontro, feliz, mas também difícil e quase doloroso, em um hotel de Paris. Marcamos no dia seguinte.

* * *

Harry foi à mesa da cozinha com as folhas na mão, encontrou o café no armário que havia sobre o fogão e fez uma cafeteira, tudo isso sem parar de ler.

A partir daí, Gudbrand começou a escrever cada vez menos sobre Daniel até que, ao final, este parecia ter desaparecido por completo. Em troca, suas páginas estavam cheias da história de um casal de apaixonados que, por causa do assassinato de Christiam

Brockhard, continuavam sentindo o bafo de seus perseguidores na nuca. Marcaram encontros secretos em Copenhague, Amsterdam e Hamburgo. Helena conhecia a nova identidade de Gudbrand, mas saberia toda a verdade sobre o assassinato na frente, sobre as execuções na fazenda dos Fauke?

Não parecia que fosse assim. Noivaram após a retirada dos Aliados e, em 1955, ela saiu da Áustria, uma Áustria que, não era segura, voltara a ficar debaixo do controle de “criminosos de guerra, antissemitas e fanáticos que não haviam aprendido com seus erros”. Foram viver em Oslo, onde Gudbrand, sempre sob o nome de Sindre Fauke, dirigia o seu pequeno negócio. No mesmo ano se casaram ante um padre católico, em uma cerimônia particular no jardim da Rua Holmenkollveien, onde acabavam de comprar uma grande casa com o dinheiro que Helena havia conseguido na venda de sua oficina de costura em Viena. Eram felizes, escreveu Gudbrand.

Harry ouviu o borbulhar da água e, surpreso, verificou que o café já estava há um tempo fervendo.

* * *

Cento e Sete

RIKSHOSPITALET
1956

***H**ELENA perdeu tanto sangue que, por um instante, sua vida correu perigo, mas, por sorte, interviram a tempo. Perdemos o bebê. Helena ficou inconsolável, naturalmente, embora eu não parasse de lembrá-la que é jovem, que teremos muitas outras oportunidades. Por desgraça, o médico não se mostrou tão otimista. Dizia que...*

* * *

Cento e Oito

RIKSHOSPITALET
12 de Março de 1967

UMA FILHA. Chamaremos de Raquel. Eu não conseguia parar de chorar e Helena me acariciou a face enquanto me dizia que os caminhos do Senhor eram...

* * *

Harry voltara a se sentar na sala de estar e esfregava os olhos. Por que não havia entendido quando viu a fotografia no quarto de Beatrice? Mãe e filha. Ficara aturdido. Evidente que essa era a palavra, aturdido. De fato, ele via Raquel em todos os lados: nos rostos das mulheres que passavam pela rua, em todos os canais de televisão, quando se sentava para zapear, após o balcão da cafeteria... De modo que, por que ia prestar uma atenção especial ao ver seu rosto na fotografia de uma mulher bonita? Devia ligar para Mosken para que confirmasse o que Gudbrand Johansen, aliás, Sindre Fauke, havia escrito? Seria necessário? No momento, não.

Voltou a olhar o relógio. Por que o fazia? O que estava deixando-o nervoso, salvo que havia marcado de se encontrar com Raquel às onze? Com certeza, Ellen teria lhe dado a resposta, mas Ellen não estava mais ali e ele não tinha tempo de começar a descobrir naquele momento. Precisamente isso, não tinha tempo.

Continuou folheando as páginas, até chegar em 7 de outubro de 1995. Somente restavam umas poucas folhas. Harry notou que as palmas das mãos suavam. Sentia algo parecido ao que o pai de Raquel, quando recebeu a carta de Helena: finalmente, precisar enfrentar o inevitável.

* * *

Cento e Nove

OSLO

7 de Outubro de 1999

VOU MORRER. Depois de tudo o que tive que passar na vida, é estranho saber que, como a maioria das pessoas, será uma doença que me dará o golpe final. Como vou contar a Raquel e Oleg? Enquanto subia pela Rua Karl Johan, pensei que, desde que Helena morrera, a minha vida ficara sem valor, e agora se convertia de repente em algo muito valioso para mim. Não porque não deseje me reencontrar consigo, Helena, mas porque descuidei da minha missão aqui na terra durante muitos anos e já me resta pouco tempo. Subi pelo mesmo declive de cascalho de 13 de maio de 1945. O príncipe herdeiro continua sem sair ao balcão para dizer que ele nos compreende. Ele somente compreende as situações difíceis dos demais. Não acho que virá, creio que nos abandonou. Depois, adormeci apoiado contra uma árvore e tive um sonho longo e estranho, como uma revelação. E quando despertei, vi que também o meu companheiro estava de acordo. Daniel voltou. E sei o que quer.

* * *

O Ford Escort deu um rugido quando Harry mudou com brutalidade a marcha, passando a primeira e a segunda, sucessivamente. E gritou como um animal ferido quando Harry pressionou e manteve o acelerador pisado a fundo. Um homem vestido com o traje típico de Østerdal cruzou apressado a zebra, no cruzamento da Rua Vibe com Bogstadveien, se livrando assim de que seu pé ficasse debaixo de uma roda. Na Rua Hegdehaugsveiem havia se formado uma fila de automóveis para chegar ao centro, e Harry passou para o meio das duas pistas sem deixar de apertar a buzina com a esperança de que os motoristas dos carros que vinham na direção contrária tivessem suficiente bom senso para se afastar. Acabava de fazer a manobra para se colocar na parte esquerda do arco que havia na frente do Lorry Kafé quando, de repente, uma parede azul-claro cobriu todo o seu campo de visão. O ônibus!

Era muito tarde para parar, de modo que girou por completo o volante, pisou ligeiramente o pedal do freio para mover a parte traseira do carro e deslizou até tocar o ônibus na lateral esquerda. O espelho lateral desapareceu com um breve rangido.

— Merda! Passou o ônibus, as rodas se agarraram ao asfalto e o levaram até o semáforo seguinte.

Pisou a fundo o acelerador, continuou tocando a buzina com a vã esperança de que seu débil barulho chamasse a atenção no meio dos festejos do Dezesete de Maio, às dez e quinze da manhã no centro de Oslo. Assim dirigia, gritando, pisando o freio, e enquanto o Escort realizava desesperados esforços por se manter aferrado à mãe terra, as caixas vazias dos cassetes, os maços de cigarros e o próprio Harry Hole se precipitavam para frente no interior do carro. Quando o veículo voltou a parar, deu uma cabeçada no vidro dianteiro. Um grupo de jovens apareceu de repente gritando e agitando bandeiras no meio da passagem de pedestres bem diante do carro. Harry esfregou a testa. Estava em frente do Slottsparkem e da rua que levava ao palácio aparecia cheia de gente. Do conversível que havia na pista contígua ouviu o rádio e a célebre emissão que era a mesma de todos os anos:

A família real saúda do balcão, o desfile infantil e o povo reunido na Praça do Palácio. Os gritos de júbilo do povo se dirigem especialmente ao príncipe herdeiro, recém-chegado dos Estados Unidos, já que ele é...

Harry pisou a embreagem, trocou a marcha e acelerou em direção ao meio-fio da calçada da rua de pedestres.

* * *

Cento e Dez

OSLO

16 de Outubro de 2000

COMECEI a sorrir outra vez. Na realidade, é Daniel quem sorri, claro. Não disse a ninguém que, uma das primeiras coisas que fez quando voltou a despertar, foi chamar Signe. Ligamos do telefone público do Schrøder. E foi tão terrivelmente divertido, que rimos até chorar. Continuarei montando o planeamento esta noite. O problema continua sendo como conseguirei a arma que preciso.

* * *

Cento e Onze

OSLO

6 de Fevereiro de 2000

QUANDO parecia que o problema estava por fim resolvido, Hallgrin Dale apareceu. Como era de esperar, estava acabado. Até o último momento confiei que não me reconhecesse. Pelo visto, ouvira rumores de que eu havia morrido nos bombardeios de Hamburgo, porque acreditou que eu era um fantasma. Depois compreendeu que havia algo estranho e me pediu que lhe pagasse para ficar de boca fechada. Mas o Dale que eu conheço não conseguiria manter um segredo nem por todo o dinheiro do mundo. De modo que procurei ser a última pessoa com qual tivesse uma conversa. Não é que me agradasse, mas preciso reconhecer que senti certa satisfação ao verificar que não esqueci por completo das minhas habilidades de antigamente.

* * *

Cento e Doze

OSLO

6 de Fevereiro de 2000

*D*URANTE mais de cinquenta anos e por seis vezes ao ano, Edvard Mosken e eu nos encontramos no restaurante Schröder. Na primeira terça-feira a cada dois meses. Ainda chamamos esses encontros de “reuniões do Estado Maior”, como fazíamos quando o restaurante ficava na Praça Youngstorget. Pergunto-me a miúdo o que une a Edvard a mim, pois somos muito diferentes. Quem sabe não é mais que um destino comum o que nos une. O fato de estarmos marcados pelos mesmos acontecimentos. Ambos estivemos na frente oriental, ambos perdemos a nossas esposas e nossos filhos são adultos. Não sei, mas por que não? O mais importante para mim é a certeza de que conto com a sua total lealdade. Claro que não esquece que eu lhe ajudei ao terminar a guerra, e lhe dei alguma mão também depois. Como no final dos anos sessenta, quando se descontrolou com a bebida e com as apostas de cavalos e estive a ponto de perder a companhia de transporte, se eu não tivesse pagado suas dívidas de jogo.

Não, já não resta grande coisa do aguerrido militar que eu me lembro de Leningrado, mas, nos últimos anos, Edvard se reconciliou com a ideia de que a vida não fora como ele havia imaginado, e agora tenta retirar o máximo possível. Concentra-se nesse seu cavalo e não se dedica mais nem à bebida nem ao jogo, mas se contenta em me dar informações sobre as corridas de vez em quando. E a propósito de informações, foi ele quem disse que Even Juul havia perguntado se não seria possível que Daniel Gudeson estivesse vivo, depois de tudo. Liguei para Even naquela mesma noite e perguntei se ficara senil. Mas Even me contou que, há uns dias, havia apanhado o fone na extensão do quarto e que ouvira a voz de um homem que afirmava ser Daniel e que sua mulher havia se apavorado. O homem que ligou pelo telefone dissera a sua mulher que voltaria a ligar na outra terça-feira. Even afirmava que ouviu ruídos como de um café, então agora se dedicava a visitar os cafés de Oslo todas as terças-feiras, para tentar se encontrar com este homem. Sabia que a polícia não ia se preocupar com uma ninharia assim, e não contara nada a Signe porque ela tentaria dissuadi-lo de sua procura. Tive que morder a mão para não começar a rir antes de desejar sorte a esse velho imbecil.

Desde que me mudei para o apartamento de Majorstuen, não vi mais Raquel, embora continuássemos nos falando por telefone. Parece que ambos estamos fartos de brigar. Eu desisti de lhe explicar o que fez a sua mãe e a mim quando se casou com esse russo vindo de uma velha família de bolcheviques. “Já sei que para você foi uma traição, mas já faz tanto tempo... Por que não esquecemos esse tema?”. Mas não faz tanto tempo.

Oleg pergunta por mim. É um bom rapaz. Ainda que espere que não fique tão teimoso e independente como a mãe, que herdou esses traços de Helena. Se parecem tanto que, ao falar disso, os meus olhos se enchem de lágrimas.

Edvard me emprestou a sua cabana para a semana que vem. Lá testarei o rifle. Daniel se alegra com disso.

* * *

O semáforo ficou verde e Harry pisou o acelerador. O carro bamboleou quando as rodas bateram contra o meio-fio da calçada e em seguida deu um salto nada elegante para, de repente, se ver no meio do gramado. A rua de pedestres estava cheia de gente, de modo que Harry continuou transitando pela grama. Foi deslizando em ziguezague entre as ilhas e quatro jovens que haviam tido a ideia de fazer um piquenique no meio do parque, sobre uma manta. No espelho retrovisor viu o jogo das luzes azuis dos carros de polícia. Junto à guarita da Guarda Real, a multidão se amontoava até o ponto de que Harry parou, saiu do carro de um salto e começou a correr até as barreiras que rodeavam a Praça do Palácio.

— Polícia! Gritou Harry enquanto abria caminho entre a multidão.

Os que estavam na primeira fila haviam se levantado muito cedo para ter certeza de conseguir um bom lugar e se afastaram de má vontade. Quando pulou as barreiras, um guarda real tentou detê-lo, mas Harry afastou o braço mostrando sua identidade e chegou à praça aos tropeções. O cascalho rangia sob seus pés. Colocou-se de costas ao desfile infantil. Nesse preciso momento, a escola infantil de Slemdal e a banda de música juvenil de Vålerenga desfilavam sob o balcão do palácio, onde a família real saudava o povo no ritmo dos tons desafinados de I'M JUST A GIGOLO. Harry olhou para uma longa série de rostos de reluzentes sorrisos e de bandeirolas nas cores vermelho, branco e azul. Seus olhos scrutaram para cima e para baixo as filas de assistentes: aposentados, senhores que tiravam fotos, pais de família com seus pequenos aos ombros, mas nem rastro de Sindre Fauke. Gudbrand Johansen. Daniel Gudeson.

— Merda! Gritou, mas de desespero.

Mas ali, ante as barreiras viu um rosto conhecido. Alguém que trabalhava vestido de civil, com transmissor e óculos de sol escuros. De modo que, depois de tudo, havia seguido o conselho de Harry de apoiar os pais de família em lugar de ir ao Scotsman.

— Halvorsen!

* * *

Cento e Treze

OSLO
17 de Maio de 2000

SIGNE está morta. Foi executada como traidora há três dias, com uma bala que atravessou o seu pérfido coração. Depois de ter me mantido firme tanto tempo, vacilei quando Daniel me deixou depois do tiro. Abandonou-me em um solitário desconcerto. Permiti que a dúvida aflorasse e passei uma noite terrível. A doença não melhora as coisas. Engoli três pílulas, mesmo que o doutor Buer me falasse para tomar apenas uma; ainda assim, a dor era insuportável. Mas ao final adormeci e no dia seguinte quando acordei, Daniel voltara para o meu lado com renovadas forças. Era a penúltima etapa, então agora continuamos navegando a toda vela.

Venha ao círculo da fogueira no acampamento, olhe a chama vermelha e dourada, aquela que nos incentiva a avançar até a vitória, mas que exige fidelidade na vida ou na morte.

Já se aproxima o dia em que a Grande Traição será vingada. Não tenho medo. O mais importante é, claro, que a traição seja conhecida. Se quem encontrar estas memórias não forem as pessoas adequadas, me exponho a que sejam destruídas ou se mantenham em segredo, pelas possíveis reações das massas. Ante tal eventualidade, tenho dado as pistas necessárias para um jovem oficial do CNI. Agora somente resta verificar se é inteligente. Mas a minha intuição me diz que é uma pessoa íntegra.

Os últimos dias foram dramáticos.

Começaram quando decidi que terminaria o assunto com Signe. Acabava de ligar para dizer que iria buscá-la e saía do restaurante Schröder quando, através do vidro que cobre toda a parede do café de em frente, vi o rosto de Even Juul. Fingi não tê-lo visto e continuei caminhando, mas sabia que ele compreenderia quando pensasse um pouco.

Ontem recebi a visita do policial. Achava que as pistas que lhe dera eram tão claras que compreenderia a relação antes que eu tivesse encerrado a minha missão. Mas dera com o rastro de Gudbrand Johansen em Viena. Compreendi então que precisava ganhar tempo, quarenta e oito horas, no mínimo. Assim lhe contei uma história sobre Even Juul, que acabava de inventar, precisamente ante a eventualidade que acontecesse uma situação como essa. Disse-lhe que Even era uma pobre alma ferida e que Daniel havia se instalado em seu interior. Para começar, a história o faria acreditar que Juul era o

responsável por tudo, inclusive do assassinato de Signe. E para continuar, o suicídio que havia planejado para Juul ficaria mais verosímil.

Quando o policial saiu, pus em seguida mãos à obra. Even Juul não parecia especialmente admirado quando abriu a porta e me viu na escadinha. Não sei se foi porque tivera oportunidade de pensar ou se já havia perdido a capacidade de se admirar. De fato, parecia já estar morto. Coloquei uma faca em sua a garganta e lhe jurei que o mataria com a mesma facilidade com que havia matado o seu cachorro se se movesse. Para confirmar que havia me entendido, abri a bolsa do lixo que levara e lhe mostrei o animal. Subimos ao quarto e se colocou docilmente em cima da cadeira e atou a correia do cachorro ao gancho da lâmpada.

— Não quero que a polícia tenha mais pistas até que tudo tenha terminado, assim precisamos fazer que pareça suicídio, disse.

Mas ele não reagiu, parecia indiferente. Quem sabe, talvez lhe fizesse um favor. Depois, limpei as impressões digitais, coloquei a bolsa com o cachorro no congelador e deixei as facas. Tudo estava pronto e somente fui dar uma última olhada no quarto quando de repente ouvi ranger o cascalho e vi um carro de polícia na rua. Havia parado como se estivesse esperando algo, mas eu compreendi que estava em perigo. Fiquei nervoso, claro, mas por sorte Daniel apanhou o comando e agiu com rapidez.

Fui apanhar as chaves dos outros dois quartos e verifiquei que uma delas servia para a fechadura do quarto em que estava pendurado Even. Coloquei-a no chão, no interior do quarto, apanhei a chave original e a utilizei para fechar a porta por fora. Finalmente, larguei a chave desse quarto no outro. Não levei mais de uns segundos e depois, fui tranquilamente para a sala e disquei o número de Harry Hole. E, um segundo mais tarde, ele entrou pela porta. Ainda que tivesse vontade de rir, creio que consegui adotar uma expressão de surpresa. Possivelmente, porque estava um tanto surpreso. De fato, eu o vi com outros dois policiais, naquela noite em Slottsparken. Mas acho que ele não me reconheceu. Talvez porque hoje estava vendo Daniel. E, claro, me lembrei de limpar as impressões digitais das chaves.

* * *

— Harry! O que faz aqui? Aconteceu algo?

— Escute, apanhe o transmissor e informe que...

— Como? A banda do colégio de Bolteløkka desfilava por ali fazendo barulho com os tambores.

— Disse que... Gritou Harry.

— O quê? Gritou Halvorsen. Harry lhe arrebatou o transmissor:

— Escutem todos. Mantenham os olhos bem abertos procurando um homem de uns oitenta anos, um metro e setenta e cinco de altura, cabelo grisalho. É possível que esteja armado, repito, pode estar armado e é extremamente perigoso. Suspeito que tem planos de realizar um atentado, de modo que verifiquem as janelas que estejam abertas e os telhados da área. Repito...

Harry repetiu a mensagem, enquanto Halvorsen o olhava boquiaberto. Quando terminou, Harry lhe jogou o transmissor.

— Seu trabalho é conseguir suspender a festa de Dezesete de Maio, Halvorsen.

— O que disse?

— Você está trabalhando; eu, em troca, eu pareço... Bom, não me escutarão.

Halvorsen observou o rosto sem barbear de Harry, a camisa amassada e mal abotoada e os sapatos sem meias.

— Quem não escutará?

— Não me entendeu? Gritou apontando com o dedo.

* * *

Cento e Quatorze

OSLO
17 de Maio de 2000

AMANHÃ. Quatrocentos metros de distância. Já fiz isso antes. A folhagem do parque se encherá de novos brotos verdes, tão cheios de vida, tão vazia de morte. Mas eu preparei o caminho para a bala. Uma árvore morta, sem folhas. A bala virá do céu, como o dedo de Deus, e apontará para os filhos dos traidores, e todos verão o que Ele faz aos de coração impuro. O traidor falou que amava a sua pátria, mas abandonou-a, pediu que o salvássemos dos invasores do Este, mas depois nos tachou de traidores.

* * *

Halvorsen correu até a entrada do palácio enquanto Harry ficava na praça dando voltas como um bêbado. Ainda demorariam uns minutos em retirar todos do balcão. Antes, os homens importantes tomariam decisões que teriam de responder depois, pois não se suspende o Dezesete de Maio por qualquer coisa, simplesmente porque um oficial de polícia tinha falado com um colega. Passeou o olhar pela multidão sem saber o que procurava na realidade.

Virá do céu.

Levantou o olhar. As árvores. Tão vazias de morte. Eram tão altas e de tão espessas folhagens que nem com uma boa mira seria possível disparar das casas ao redor. Harry fechou os olhos. Seus lábios se moviam. “Ajude-me agora, Ellen.”

Preparara o caminho. Por que se mostraram tão surpresos, os dois funcionários da Direção Municipal de Parques Públicos, quando ele passou ontem por ali? A árvore. Não tinha folhas. Voltou a abrir os olhos, seu olhar percorreu as copas das árvores, e viu: um carvalho morto. Harry notou que o coração acelerava. Virou-se e esteve a ponto de pisar num tambor em sua corrida para o palácio. Quando chegou ao centro da linha imaginária que unia a árvore e o balcão do palácio, parou, olhou a árvore. Detrás dos ramos nus se levantava um gigante de vidro gelado. O hotel SAS. Claro. Assim fácil. Uma bala. Ninguém reagiria ante o ruído de uma explosão na festa de Dezesete de Maio. Depois, iria tranquilamente até a recepção e depois para as ruas cheias de gente, onde desapareceria. E então, o que acontecerá depois?

Não poderia pensar nisso agora; agora. Precisava agir. Agir! Mas estava esgotado. Em lugar da excitação própria da situação, Harry sentia vontade de ir embora para casa dormir, e em seguida despertar para um novo dia, em que nada daquilo tivesse acontecido, que tudo fosse um sonho. O ruído das sirenes de uma ambulância que passava pela Rua Dramensveiem o retirou de seu ensimesmamento. O som cortou o fluir da banda.

— Merda! E recomeçou a correr.

* * *

Cento e Quinze

*HOTEL RADISSON SAS
17 de Maio de 2000*

O VELHO se inclinou para a janela com as pernas flexionadas, segurando o rifle com ambas as mãos enquanto escutava as sirenes da ambulância, que se afastava lentamente. “Chegou tarde. Todo o mundo morre.”.

Voltara a vomitar. Sobretudo sangue. As dores quase o fizeram perder os sentidos e, depois, parou ajoelhado no chão do banheiro, esperando o efeito das pílulas. Quatro pílulas. A dor começou a diminuir, somente sentiu uma última pontada, como para lembrá-lo de que não demoraria em voltar, e o banheiro recuperou as formas. Um dos dois banheiros, com jacuzzi. Ou se tratava de uma banheira com jatos de vapor? De qualquer maneira, havia um televisor, que ele havia ligado, e via nesse momento que cantavam hinos patrióticos e que jornalistas elegantemente vestidos comentavam o desfile infantil em todos os canais.

Agora estava sentado na sala de estar, o sol parecia suspenso no céu como uma imensa fonte de luz que iluminava tudo. Sabia que não devia olhar diretamente para a luminosidade, pois ela produzia cegueira noturna e não poderia ver os franco-atiradores russos que deslizam pela neve na terra de ninguém.

— Já estou vendo-o, sussurrou Daniel. — À uma, no balcão, bem atrás da árvore morta. Árvores? Não haviam árvores naquela paisagem devastada pelas bombas.

O príncipe herdeiro saíra para o balcão, mas não dissera nada.

— Vai escapar! Gritou uma voz que parecia a de Sindre.

— Não! Disse Daniel. — Nenhum fodido bolchevique vai escapar.

— Ele sabe que o vimos, vai entrar na trincheira!

— Que nada! Disse Daniel.

O velho apoiou o rifle sobre a borda da janela. Havia utilizado uma chave-de-fenda para conseguir abrir a janela. O que lhe dissera a jovem de recepção naquela ocasião? Que eram bloqueadas para que nenhum hóspede resolvesse cometer “alguma estupidez”. Aplicou o olho na mira telescópica. As pessoas ficavam muito pequenas lá embaixo.

Ajustou a distância. Quatrocentos metros. Quando alguém atira para cima e para baixo, precisa levar em conta que a força da gravidade afeta a trajetória da bala, que é diferente a quando se dispara na horizontal. Mas Daniel sabia, Daniel sabia de tudo.

O velho olhou o relógio. Quinze para as onze. Havia chegado o momento. Colocou a face contra a pesada e fria culatra do rifle e segurou-a firme com a mão esquerda. Fechou o olho esquerdo. O corrimão do balcão ocupou a lente da mira. Viu alguns casacos negros. Até que encontrou com o rosto que procurava. O mesmo jovem rosto de 1945. Daniel se concentrava mais e mais, se esforçando para apontar bem. Diante do balcão, fora do campo de visão, o carvalho morto apontava para o céu com seus negros dedos ossudos. Havia um pássaro pousado em um dos ramos. No meio do ponto da mira. O velho se moveu inquieto. Há pouco tempo o passarinho não estava ali. Não demoraria em levantar o voo. Deixou cair o rifle e encheu os pulmões doloridos de ar fresco.

* * *

Brrrrum, brrrrum. Harry deu um soco no volante e voltou a girar a chave de contato. Brrrrum, brrrrum.

— Arranque de uma vez, carro de merda! Do contrário, vou levá-lo para o desmanche amanhã mesmo.

O Escort arrancou com um rugido e saiu levantando uma nuvem de grama e terra. Virou bruscamente à direita. Os jovens que haviam se deitado no gramado levantaram as suas garrafas de cerveja e gritaram: “Viva, viva!”, enquanto Harry se dirigia ao hotel SAS. Em primeira e com o dedo na buzina, abriu caminho sem problemas pela rua cheia de gente, mas, ao chegar no jardim de infância que havia ao final do parque, um carrinho de bebê apareceu de repente de trás de uma árvore. De modo que fez um brusco giro à esquerda e em seguida outra vez à direita, e esteve a ponto de bater contra o portão das estufas. O carro terminou de lado na Rua Wergelandsveien, ante um táxi, enfeitado com bandeiras norueguesas e raminhos de álamo, que precisou frear repentinamente, mas Harry pisou o acelerador e conseguiu se esquivar dos carros que vinham de frente, até entrar na Rua Holberg.

Parou ante as portas giratórias do hotel e saiu de um salto do carro. Quando se precipitou para o interior da recepção, repleta de gente, aconteceu um segundo de silêncio, em que todo o mundo pareceu pensar que ia ser testemunha de um acontecimento excepcional. Mas a única coisa que viram foi um homem muito bêbado, na comemoração do Dezesete de Maio; era uma imagem tão familiar que voltaram a

subir o tom de voz em seguida. Harry começou a correr até uma daquelas estúpidas “ilhas” de atenção os clientes.

— Bom dia, disse uma voz.

Um par de sobrancelhas surpresas debaixo do cabelo ruivo e encaracolado, que mais parecia uma peruca, o olharam para cima e para baixo. Harry olhou o nome da placa.

— Betty Andresen, o que vou lhe dizer não é uma brincadeira, de modo que me escute com atenção. Sou policial e tem um terrorista no hotel. Betty Andresen olhou para aquele homem alto, com os olhos avermelhados que, de fato, a fez pensar que era maluco, bêbado ou as ambas coisas. Verificou a identidade de policial que ele lhe mostrava e ficou observando-o um bom tempo.

— Nome? Perguntou a recepcionista.

— Sindre Fauke. Seus dedos percorreram o teclado.

— Sinto muito, não temos nenhum hóspede com esse nome.

— Merda! Tente com Gudbrand Johansen.

— Tampouco temos algum Gudbrand Johansen, senhor Hole. Não errou de hotel?

— Não! Está aqui, e agora mesmo está em seu quarto.

— Então falou com ele, não?

— Não, não, eu... Levarei muito tempo para explicar. Harry cobriu o rosto com a mão. — Vamos ver, preciso pensar. Deve estar num dos quartos dos últimos andares. Quantos andares tem o hotel?

— Vinte e dois.

— E quantos clientes, do décimo andar para cima, que não entregaram a chave do quarto?

— Muitos. Harry levantou as duas mãos e parou olhando-a fixamente:

— Claro, sussurrou. — Isto é missão de Daniel.

— Perdão?

— Procure por Daniel Gudeson.

* * *

Que aconteceria depois? O velho não sabia. Não existia nenhum depois. Ou ao menos, não havia existido nenhum depois até aquele momento. Havia colocado quatro balas no parapeito da janela. O metal dourado dos cartuchos refletia os raios do sol. Voltou a colocar o olho na mira telescópica. O pássaro continuava ali. Reconheceu-o. Tinham o mesmo nome. Apontou para a multidão. Passeou o olhar pelo rio de gente que havia junto às barreiras. Até que parou sobre algo conhecido. Seria possível...? Enfocou bem a mira. Sim, não havia dúvida, era Raquel. O que estaria ela fazendo ali, na

Praça do Palácio? E Oleg também estava. Raquel o levantou e o passou para o outro lado da barreira. Tinha uma filha muito forte. Suas mãos eram muito fortes. Como as de sua mãe. Viu-os subir até a guarita da Guarda Real. Raquel olhou o relógio. Parecia estar esperando alguém. Oleg usava o casaco que ele havia lhe presenteado no Natal. O casaco do avô, como, segundo Raquel, conseguia Oleg dizer. Parecia que já estava um tanto pequeno. O velho sorriu. Precisava lhe comprar um novo esse outono.

Desta vez, as dores apareceram sem avisar e aspirou à procura de ar. Caíam lampejos de luz e suas sombras avançavam encurvadas para ele ao longo da parede da trincheira. Tudo ficou às escuras, mas, quando notou que iria entrar na escuridão, os dores cederam. O rifle havia caído ao chão, e tinha a camisa agarrada ao corpo, empapada em suor. Colocou-se de pé, deixou o rifle outra vez na borda da janela. O pássaro havia voado. A linha de tiro estava limpa. Aquele rosto de garoto voltava a estar no ponto de mira. O garoto havia estudado. Oleg devia estudar também. Era a última coisa que dissera para Raquel. Era a última coisa que dissera a si mesmo, antes de matar Brandhaug.

Raquel não estava em casa no dia que ele passou por Holmenkollveiem para apanhar uns livros, de modo que entrou e, por casualidade, viu o envelope que havia sobre a mesa, com o carimbo da embaixada russa. Leu a carta, deixou-a e ficou olhando, através da janela, o jardim, os montes de neve fruto da última nevasca, o último estertor do inverno. E depois, procurou nas gavetas da mesa e encontrou as outras cartas, as que traziam o carimbo da embaixada norueguesa, e as cartas sem carimbo, escritas em guardanapos e folhas de cadernos, assinadas por Bernt Brandhaug. E pensou em Christopher Brockhard. Nenhum russo de merda ia matar o nosso soldado de guarda esta noite.

O velho levantou a alavanca de segurança. Sentia uma estranha calma. Recordou como fora fácil degolar Brockhard e dar um tiro em Bernt Brandhaug. O casaco do avô, um casaco novo. Esvaziou os pulmões, colocou o dedo no gatilho.

* * *

Harry levava na mão uma chave mestra, que servia para abrir todos os quartos do hotel, e quando as portas do elevador estavam a ponto de fechar conseguiu enfiar o pé para que se abrissem outra vez. Um grupo de rostos boquiabertos olhou-o com assombro.

— Polícia! Gritou Harry. — Todo o mundo para fora!

Foi como se tivesse soado a sirene do recreio do colégio, mas um homem de uns

cinquenta anos num traje riscadinho azul, um enorme laço do Dezesete de Maio no peito e uma fina capa de caspa sobre os ombros, ficou dentro:

— Bom homem, somos cidadãos noruegueses e isso não é um estado policial. Harry passou junto ao homem, entrou no elevador e apertou o número 22. Mas o homem não havia terminado de falar: — Dê-me uma razão para que eu, como contribuinte, saiba por tenho de tolerar... Harry apanhou a cartucheira da arma regulamentar de Weber:

— Aqui tenho seis razões, senhor contribuinte: fora!

* * *

O tempo passa voando, e rapidamente passará também este novo dia. À luz do amanhecer, veremos melhor, veremos se é amigo ou inimigo. Inimigo, inimigo. Tarde ou cedo, ao final o pegarei. Casaco do avô. Feche o bico, não existe um depois! O rosto que está na mira telescópica tem um aspecto grave. Sorria, rapaz. Traição, traição, traição!

Pressione o tanto o gatilho até que este não oponha mais resistência. Uma terra de ninguém onde o momento do disparo se encontra em um lugar indefinido. Não pense em explosões nem em recuar, continua apertando, deixa que passe quando tiver que passar.

O estrondo o deixou surpreso. Durante uma milésima de segundo, ficou tudo em silêncio, em total silêncio. E então se ouviu o eco e as ondas sonoras pousaram sobre a cidade e sobre o súbito silêncio provocado pelos milhares de ruídos que emudeceram no mesmo instante.

* * *

Harry corria pelos corredores do vigésimo segundo andar quando escutou o estrondo.

— Merda! Berrou.

As paredes, que pareciam se precipitar até ele como se corressem a ambos os lados de seu corpo, davam a sensação de estar atravessando um enorme tubo. Portas. Quadros, cubos azuis. Seus passos apenas se ouviam no grosso tapete. Bem. Os bons hotéis pensam em amortecer o ruído. E os bons policiais pensam no que vão fazer. Merda! Uma máquina de gelo. Quarto 2254, quarto 2256, uma nova detonação. A suíte Palace.

O coração batia acelerado. Harry se colocou a um lado da porta e enfiou a chave mestra na fechadura. Ouviu-se um leve zumbido e, depois, um claro clique antes que a luz do indicador ficasse verde. Harry desceu a maçaneta com cuidado. A polícia tinha procedimentos regulamentares para situações como aquela. Harry havia assistido a um curso, e os havia aprendido. Mas não pensava seguir um só deles. Abriu a porta de um puxão, entrou empunhando a pistola com as duas mãos e se colocou de joelhos na porta da sala. A luz inundou o quarto, cegando-o. Uma janela aberta. O sol pendia como um halo por trás do vidro, por cima da cabeça de uma pessoa de cabelos brancos que se virou lentamente.

— Polícia! Solte a arma, gritou Harry.

As pupilas de Harry se abriram e a silhueta do rifle que ele estava apontando ficou visível.

— Solte a arma! Repetiu. — Já fez o que veio fazer, Fauke. Missão cumprida. Acabou.

Era curioso, mas as bandas de música continuavam tocando, como se nada tivesse acontecido. O velho levantou o rifle e colocou a culatra contra a face. Os olhos de Harry haviam se habituado à luz e agora olhava fixamente para a boca de uma arma que, até o momento, somente vira em fotografias. Fauke murmurou umas palavras que ficaram afogadas por causa de um novo estrondo, mais agudo e mais claro.

— Que m...! Sussurrou Harry.

Por trás de Fauke, fora da janela, viu se elevar uma nuvem de fumaça como uma borbulha vinda dos canhões do forte de Akershus. As salvas de Dezesete de Maio. Eram as salvas de Dezesete de Maio! E Harry as ouviu, como ouviu os gritos de júbilo. Inspirou profundamente. O quarto não cheirava a pólvora queimada. Fauke não havia disparado. Ainda não. Apertou a culatra do revólver e observou o rosto enrugado que o olhava inexpressivo por cima da mira. Não se tratava somente de sua vida e a do velho. As instruções eram claras.

— Venho da Rua Vibe, e li o diário, confessou Harry. — Gudbrand Johansen. Ou talvez esteja falando com Daniel? Harry apertou os dentes e dobrou um pouco o dedo no gatilho. O velho voltou a murmurar. — O que disse?

— Senha, disse o velho com uma voz rouca e totalmente diferente à que Harry ouvira antes.

— Não faça isso, disse Harry. — Não me obrigue.

Uma gota de suor rodou pela testa de Harry, correu pelo nariz e ficou pendurada na ponta, como se não terminasse de se decidir a cair. Harry mudou a posição das mãos em torno da culatra de sua pistola.

— Senha, repetiu o velho. Harry via seu dedo se aferrar mais e mais ao gatilho. Sentiu em seu coração a angústia da morte.

— Não, repetiu Harry. — Ainda não é muito tarde. Mas sabia que não era verdade. Era muito tarde. O velho estava longe de toda sensatez, longe deste mundo, desta vida.

— Senha!

Rapidamente tudo teria terminado para os dois, somente restava algo de tempo lento, uma vez mais, o tempo da Noite de Natal, antes...

— Oleg, disse Harry. A arma apontava diretamente para a sua cabeça. Uma buzina soou ao longe. Um estremecimento percorreu o rosto do velho. — A contrassenha é Oleg, repetiu Harry. O dedo deixou de se mover em torno ao gatilho. O velho abriu a boca para dizer algo. Harry continha a respiração.

— Oleg, repetiu o velho.

Soou como uma rajada de vento em seus lábios ressecados. Harry não conseguiu explicar depois como foi, mas viu: o velho desapareceu nesse mesmo segundo e, no instante seguinte, por trás das rugas, um rosto de garoto o olhava. A arma já não lhe apontava e Harry desceu o revólver. Depois, estendeu a mão com cuidado e a pôs sobre o ombro do velho.

— Me promete que não...? Começou o velho com voz apenas perceptível.

— Prometo, afirmou Harry. — Me encarregarei pessoalmente de que não venha à luz nenhum nome. Oleg e Raquel não se verão prejudicados.

O velho olhou para Harry longo tempo. O rifle caiu ao chão de repente e o homem desmoronou. Harry apanhou o carregador do rifle e o deixou no sofá, antes de discar o número da recepção e pedir a Betty que solicitasse uma ambulância. Depois, ligou para o celular de Halvorsen e falou que o perigo já havia passado. Estendeu o velho no sofá e se sentou para esperar em uma cadeira.

— No final, eu o peguei, sussurrou o velho. — Esteve a ponto de fugir, sabia?

— A quem pegou? Perguntou Harry dando uma tragada em seu cigarro.

— A Daniel, claro. No final, o peguei. Helena tinha razão. Eu sempre fui o mais forte. Harry apagou o cigarro e se aproximou da janela. — Estou morrendo, sussurrou o

velho.

— Eu sei, disse Harry.

— Está em meu peito. Está vendo?

— O quê?

— O furão.

Mas Harry não via nenhum furão. Somente via uma nuvem que fluía pelo céu, as bandeiras norueguesas se agitando ao sol em todos os mastros da cidade e um pássaro cinza que passou batendo as asas ante a janela. Mas nenhum furão.

* * *

Parte 10

RESSURREIÇÃO

* * *

Cento e Dezesseis

HOSPITAL DE ULLEVAL

19 de Maio de 2000

BJARNE MØLLER encontrou Harry na sala de espera da seção de oncologia. O chefe se sentou junto dele e piscou o olho para uma criança pequena que se virou com o cenho franzido.

— Me disseram que acabou, disse Møller. Harry concordou.

— Esta noite, às quatro. Raquel esteve aqui o tempo todo. Oleg está lá dentro agora. O que faz aqui?

— Queria falar consigo.

— Preciso de um cigarro, disse Harry. — Vamos lá fora.

Encontraram um banco à sombra de uma árvore. Umas nuvens atravessaram o céu sobre suas cabeças. Parecia que hoje também faria calor.

— Então Raquel não sabe de nada? Perguntou Møller.

— Não, nada.

— Ou seja, que os únicos que conhecem a verdade são Meirik, a delegada-chefe, o ministro da Justiça, o primeiro ministro e eu. E você, claro.

— Você sabe melhor que eu quem sabe o quê, chefe.

— Sim, naturalmente. Só estava pensando em voz alta.

— Bom, o que queria falar comigo?

— Sabe de uma coisa, Harry? Alguns dias eu penso que gostaria de trabalhar em outro lugar. Em um lugar onde tenha menos política e mais trabalho policial. Em Bergen, por exemplo. Mas em seguida, me levanto em um dia como hoje, me coloco junto à janela do quarto, vejo o fiorde e a ilha de Hovedøya e ouço o cantar dos pássaros e... Compreende-me? E, de repente, já não quero mais estar em nenhum outro lugar. Møller observou uma joaninha andando em sua coxa. — O que queria dizer, Harry, é que queremos que as coisas continuem como estão.

— De que coisas nós estamos falando?

— Sabia que nenhum presidente norte-americano dos últimos vinte anos terminou seu mandato sem que se descobrissem dez tentativas de atentado contra ele, no mínimo? E que os autores, sem exceção, foram presos sem que o assunto chegasse aos meios de comunicação? Ninguém sai ganhando quando se sabe que haviam planejado um

atentado contra um chefe de Estado, Harry. Em especial se, na teoria, tinha possibilidades de êxito.

— Na teoria, chefe?

— Não são minhas palavras. Mas a conclusão é, de qualquer maneira, que isso se silenciará. Para não semear a sensação de insegurança. Ou revelar pontos fracos nas medidas de segurança. Tampouco estas são palavras minhas. Os atentados produzem um efeito de contágio, exatamente como...

— Sim, já sei o que quer dizer, cortou Harry deixando escapar pelo nariz a fumaça de seu cigarro. — Mas, antes de mais nada, fazemos isso em consideração a aqueles que são responsáveis, não é verdade? Aqueles que poderiam e deviam ter dado o alarme antes.

— Já disse, interveio Møller. — Existem dias em que Bergen parece uma boa alternativa.

Ficaram em silêncio durante um tempo. Um pássaro avançou dando pulinhos ante eles, moveu a cauda, bicou a grama e olhou ao seu redor.

— A lavadeira branca, disse Harry. — *Motacilla Alba*. Uma ave cautelosa.

— O quê?

— Manual para os amantes das aves. O que faremos com os assassinatos cometidos por Gudbrand Johansen?

— Para esses assassinatos já tínhamos a solução antes, não é certo?

— O que quer dizer? Møller se moveu inquieto.

— A única coisa que conseguiremos se remexermos nesse assunto será abrir as velhas feridas dos afetados e nos arriscar a que alguém comece a investigar toda a história. Esses casos estavam resolvidos.

— Exato. Even Juul. E Sverre Olsen. Mas o que me diz do assassinato de Hallgrin Dale?

— Ninguém tem interesse em investigá-lo. Depois de tudo, Dale era...

— Tão somente um velho bêbado do qual ninguém se preocupava, não?

— Não seja assim, Harry, não faça isso mais difícil do que já é. Você sabe que me é tão desagradável quanto a você. Harry apagou o cigarro contra o braço do banco e guardou a guimba no maço.

— Preciso voltar lá para dentro, chefe.

— Bem, podemos contar com que guardará para você o que sabe? Harry sorriu lacônico.

— É verdade o que ouvi sobre a pessoa que vai ficar com o meu posto no CNI?

— Claro, disse Møller. — Tom Waaler disse que vai solicitá-lo. Meirik pensa incluir toda a seção de atividades neonazistas debaixo desse posto, de modo que servirá de trampolim para os postos de verdadeira envergadura. E penso recomendá-lo, por certo. Suponho que se alegrará que ele desapareça agora que você está de volta ao grupo de

delitos violentos, não é? Agora que o cargo de delegado ficou livre em nosso grupo.

— De modo que essa é a compensação que recebo por manter a boca fechada?

— Mas, homem, quem havia de pensar tal coisa? Esse posto será para você porque você é o melhor. Voltou a demonstrar isso. Tão somente me pergunto se poderemos confiar em você.

— Sabe em que caso quero trabalhar? Møller encolheu os ombros.

— O assassinato de Ellen já está resolvido, Harry.

— Não de todo, objetou. — Existe um par de coisas que ainda não sabemos. Por exemplo, o que se fez das duzentas mil coroas da compra de armas. Talvez existisse mais de um intermediário. Møller concordou.

— Certo. Halvorsen e você dispõem de dois meses. Se não encontrar nada nesse tempo, daremos o caso por fechado.

— Me parece ótimo. Møller se levantou disposto a ir embora.

— Tenho uma coisa a mais sobre a qual gostaria de perguntar, Harry. Como soube que a contrassenha era Oleg?

— Bem, Ellen sempre me dizia que a primeira coisa que se pensava normalmente era a acertada.

— Impressionante, disse Møller concordando para si. — De modo que, a primeira coisa que pensou foi o nome do neto dele, não?

— Não.

— Ah, não?

— Eu não sou Ellen. Eu preciso pensar as coisas duas vezes. Møller o olhou receoso.

— Está brincando comigo, Harry? Harry sorriu. E olhou para a lavadeira branca.

— No manual sobre aves li que ninguém sabe por que as lavadeiras balançam a cauda quando param. É um mistério. A única coisa que se sabe é que não conseguem evitar...

* * *

Cento e Dezessete

DELEGACIA GERAL DE POLÍCIA
19 de Maio de 2000

HARRY acabava de colocar os pés sobre a mesa e de encontrar a posição perfeita quando soou o telefone. Com o fim de evitar ter que encontrar essa posição mais uma vez, se esticou e colocou a trabalhar os músculos dos glúteos, tentando se equilibrar naquela cadeira, cujas traçoeiras rodas sempre estavam bem engraxadas. Alcançou o fone com as pontas dos dedos.

— Hole.

— Harry? Isaias Burne speaking. How are you?

— Isaias! This is a surprise!

— Com certeza que é uma surpresa? Só liguei para agradecer.

— Agradecer, por quê?

— Porque não colocou nada em marcha.

— O que não coloquei em marcha? Do que está falando?

— Já sabe a que me refiro, Harry. Que não colocou em marcha nenhuma iniciativa diplomática sobre o indulto da pena e coisas desse tipo.

Harry não respondeu. De certo modo, sim, esperava aquela ligação. A postura que tinha sobre a cadeira começava a não ser tão cômoda. Recordou de repente os olhos de Andreas Hochner e a voz suplicante de Constance Hochner: “Promete que fará o quanto esteja em sua mão, senhor Hole?”.

— Harry?

— Sim, continuo aqui.

— Deram a sentença ontem.

Harry cravou o olhar na fotografia de Søs, que pendia da parede em frente. Naquele ano haviam tido um verão mais quente que habitual, não? Banharam-se inclusive nos dias de chuva. Sentiu que o invadia uma tristeza indescritível.

— Pena de morte? Ouviu-se perguntar a si mesmo.

— Sem possibilidade de apelação.

Cento e Dezoito

RESTAURANTE SCHRØDER

1 de Junho de 2000

— O que vai fazer neste verão, Harry?

— Não sei. Falamos em alugar uma cabana em algum lugar da Noruega. Ensinar o rapaz a nadar e essas coisas.

— Não sabia que tivesse filhos.

— Não tenho. Bem, é uma longa história.

— Ah, sim? Espero que me conte algum dia.

— Veremos, Maja. Fique com o troco.

Maja fez uma profunda reverência e saiu com um sorriso descarado. O local estava algo vazio por ser sexta-feira. Com certeza, o calor empurrava à maioria da gente a procurar os terraços dos restaurantes de St. Hanshaugen.

— E aí? Perguntou Harry. O velho olhava o fundo de sua caneca de cerveja e não respondeu. — Ele está morto, Asnes. Não está contente? O Moicano levantou a cabeça e olhou para Harry.

— Quem está morto? Perguntou. — Ninguém está morto. Só eu. Eu sou o último dos mortos.

Harry suspirou, guardou o jornal debaixo o braço e saiu ao calor sufocante da tarde.

Fim